BnF Gallica

Historia do imperador Carlos Magno e dos doze paros de França, traduzida do castelhano, por Jeronymo Moreira de [...]

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

BnF Gallica

Gomes Flaviense, Alexandre Gaetano. Historia do imperador Carlos Magno e dos doze paros de França, traduzida do castelhano, por Jeronymo Moreira de Carvalho... e seguida da de Bernardo del Carpio que venceu em batalha aos doze pares de França, escripta por Alexandre Gaetano Gomes Flaviense. Nova edição.... (1892.).

1/ Les contenus accessibles sur le site Gallica sont pour la plupart des reproductions numériques d'oeuvres tombées dans le domaine public provenant des collections de la BnF. Leur réutilisation s'inscrit dans le cadre de la loi n°78-753 du 17 juillet 1978 :
- La réutilisation non commerciale de ces contenus est libre et gratuite dans le respect de la législation en vigueur et notamment du maintien de la mention de source.
- La réutilisation commerciale de ces contenus est payante et fait l'objet d'une licence. Est entendue par réutilisation commerciale la revente de contenus sous forme de produits élaborés ou de fourniture de service.

CLIQUER ICI POUR ACCÉDER AUX TARIFS ET À LA LICENCE

2/ Les contenus de Gallica sont la propriété de la BnF au sens de l'article L.2112-1 du code général de la propriété des personnes publiques.

3/ Quelques contenus sont soumis à un régime de réutilisation particulier. Il s'agit :

- des reproductions de documents protégés par un droit d'auteur appartenant à un tiers. Ces documents ne peuvent être réutilisés, sauf dans le cadre de la copie privée, sans l'autorisation préalable du titulaire des droits.
- des reproductions de documents conservés dans les bibliothèques ou autres institutions partenaires. Ceux-ci sont signalés par la mention Source gallica.BnF.fr / Bibliothèque municipale de ... (ou autre partenaire). L'utilisateur est invité à s'informer auprès de ces bibliothèques de leurs conditions de réutilisation.

4/ Gallica constitue une base de données, dont la BnF est le producteur, protégée au sens des articles L341-1 et suivants du code de la propriété intellectuelle.

5/ Les présentes conditions d'utilisation des contenus de Gallica sont régies par la loi française. En cas de réutilisation prévue dans un autre pays, il appartient à chaque utilisateur de vérifier la conformité de son projet avec le droit de ce pays.

6/ L'utilisateur s'engage à respecter les présentes conditions d'utilisation ainsi que la législation en vigueur, notamment en matière de propriété intellectuelle. En cas de non respect de ces dispositions, il est notamment passible d'une amende prévue par la loi du 17 juillet 1978.

7/ Pour obtenir un document de Gallica en haute définition, contacter
utilisationcommerciale@bnf.fr.

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

HISTORIA

DO IMPERADOR

CARLOS MAGNO

8° Y²
46824

HISTORIA

DO IMPERADOR

CARLOS MAGNO

E DOS DOZE PARES DE FRANÇA

TRADUZIDA DO CASTELHANO

POR

JERONYMO MOREIRA DE CARVALHO

DIVIDA EM DUAS PARTES E NOVE LIVROS

E SEGUIDA DA

DE BERNARDO DEL CARPIO

QUE VENCEU EM BATALHA

AOS DOZE PARES DE FRANÇA

ESCRIPTA POR

ALEXANDRE CAETANO GOMES FLAVIENSE

332

NOVA EDIÇÃO

CUIDADOSAMENTE REVISTA

Illustrada com 3 estampas
e uma bella gravura colorida

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71

Paris, E. Mellier
rue Seguier, 17

Lisboa, Carvalho e Cª
rua Garrett, 75

R.F. BIBLIOTHÈQUE NATIONALE

CARLOS MAGNO

AO LEITOR

Na epocha actual, em que, não ha negar, a litteratura está passando por uma verdadeira revolução, que lhe prepara e vai dar uma nova face, resultado fatal das idéas que se debatem, parecerá arrojado commettimento a empreza de uma nova edição da obra que apresentamos ao publico.

Não é tanto assim.

Quando não fôra a extracção que tem tido em todos os tempos esta obra, o que aliás não é o só motivo desta edição, animar-nos-hia a edital-a novamente a convicção que temos de que, quaesquer que sejam os modernos moldes litterarios, nenhuma das antigas obras perde o seu merito em relação á epocha em que foi elaborada. Quando de outra utilidade ellas não sejam, têm, e esta não é somenos, a de servirem para estudo comparativo das evoluções operadas na litteratura.

E' por esta ultima razão que, introduzindo alguns melhoramentos na presente edição, de accordo com os modernos methodos de impressão typographica, conservámos respeitosamente, e sem alteração alguma, na contextura da obra o fundo e a fórma que lhe deram seus autores.

Como é sabido, foi á vista da grande acceitação que teve a sua primeira *Historia do Imperador Carlos Magno e dos doze Pares de França* que o autor se resolveu a publicar, como segunda parte, a continuação dessa historia, preenchendo então muitas lacunas que se notaram na primeira, com a narração dos altos feitos que tanto illustraram os famosos Pares de França e seu imperador.

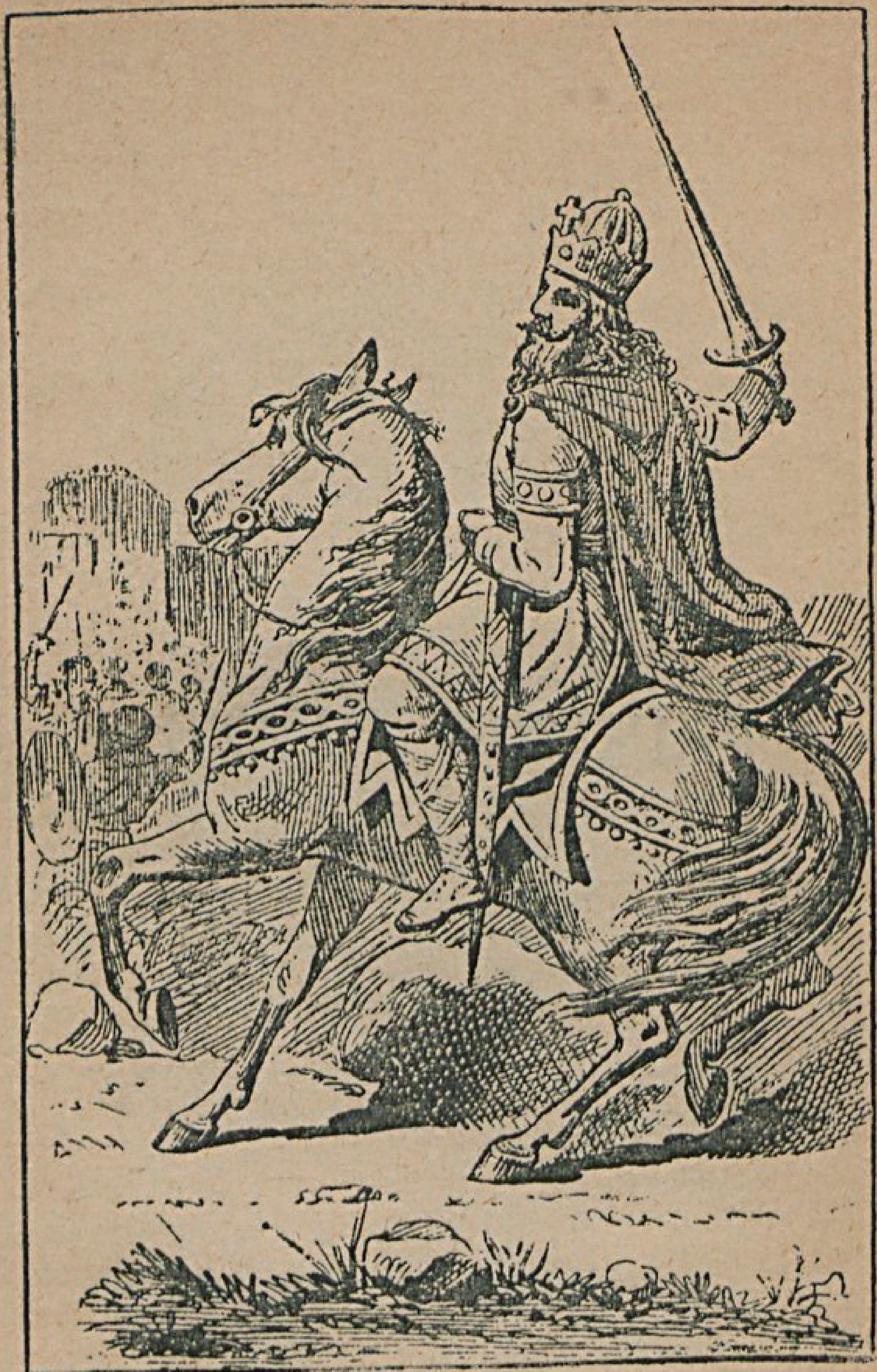
Traduzida do castelhano para o portuguez esta obra, por Jeronymo Moreira de Carvalho, e largamente divulgada e acolhida, foi então que o presbytero Alexandre Caetano Gomes Flaviense, como complemento a esta, escreveu as gloriosas acções e victorias de Bernardo del Carpio, vencedor em batalha dos doze pares de França, juntando-lhe algumas particularidades sobre a fundação da Hespanha, seus povoadores e primeiros reis.

Assim, constituindo as duas obras uma só, reunimo-l'as na presente edição, dividindo-a em tres partes, as duas primeiras das quaes contêm a *Historia de Carlos Magno* propriamente dita, e a ultima a de *Bernardo del Carpio*, que a completa.

1 — 1886.

O EDITOR.

PRIMEIRA PARTE



CARLOS MAGNO
diante de Cordova

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE B.F.

PRIMEIRA PARTE

LIVRO PRIMEIRO

Capitulo I

Como el-rei Clovis sendo pagão e infiel, teve por mulher a Clotildes, christã, neta d'el-rei Guido e sobrinha d'el-rei Agabundo de Borgonha.

No qual tempo, sendo já os borgonhezes christãos, tinham por rei e senhor ao nobre Guido, o qual tinha quatro filhos : ao primeiro chamaram Agabundo, que succedeu no reino e depois fez matar a um seu irmão chamado Hisperico, e fez deitar em um rio a sua mulher e a duas filhas, que eram suas sobrinhas, mandou desterrar uma de todas as suas terras e senhorios, e deixou ficar comsigo a outra, chamada Clotildes, e a teve comsigo pela sua grande virtude e formosura. N'este tempo el-rei de França, chamado Clovis, que era grande pagão e infiel, ordenou a enviar embaixadores a el-rei Agabundo, que era christão, para com elle tratar certos negocios, os quaes foram com effeito com a embaixada e, dilatando-se alguns dias para receberem a resposta, tiveram logar entretanto para observarem os costumes do reino e verem repetidas vezes a grande formosura de Clotildes, sobrinha de el-rei Agabundo.

Recebida a resposta, voltaram os embaixadores para França : e depois de darem a el-rei Clovis a resposta da embaixada, lhe contaram muitas cousas que tinham visto em Borgonha e principalmente no palacio de el-rei Agabundo, que não eram costumadas entre os Francezes; fazendo-lhe o modo de viver dos christãos abominavel e feio.

Mas entre as mais cousas que lhe disseram, foi gabar-lhe muito a grande formosura de Clotildes, affirmando todos não haver visto outra tão perfeita em virtudes e formosura: as quaes cousas geraram e radicaram um muito grande crescido amor no coração de Clovis e uma grande pena de não poder ver essa tão formosa senhora.

Despedidos os embaixadores se poz Clovis a imaginar e discorrer o modo como poderia haver tão formosa donzella por sua esposa; principalmente tendo o feito por impossivel, por ella ser christã e elle pagão e infiel.

Estando alguns dias n'esta contemplação, se resolveu a descobrir o seu segredo a seu confidente Aureliano, que era muito astuto e sagaz cavalheiro, assim para alliviar a sua pena, como para dar remedio e conselho á sua paixão.

Ouvindo Aureliano as dolorosas palavras d'el-rei, ficou muito admirado e o queria reprehender; mas como o vio tão afflicto, receou, que a reprehensão fosse causadora de maior pena e tambem porque em tal caso, poucas ou nenhumas vezes aproveita este remedio.

Querendo pois Aureliano consolar a el-rei, lhe disse : — Que não se entristecesse e que se divertisse; porque lhe promettia de o fazer ver a formosa donzella Clotildes, ou por qualquer modo maneira que fosse, e que se obrigava a perder a vida se não fizesse o que promettia. Tomando então el-rei algum alento, lhe disse : — Que o pozesse logo por obra e que pedisse tudo o

que fosse necessario, que logo lhe daria. Foi Aureliano beijar-lhe a mão e se despediu, dizendo : — Que brevemente o livraria d'aquella grande pena.

Voltando Aureliano para sua casa, se poz a imaginar e discorrer no modo que havia de ter para se effectuar a promessa e contrato que com el-rei tinha feito; e depois de haver cuidado bem em todas as cousas, que mais proveitosas lhe pareciam para o tal fim, lhe veio á memoria como d'ahi a quinze dias celebravam os christãos a paschoa do nascimento de Christo Nosso Salvador e que a formosa donzella Clotildes tinha por devoção ir aquella noite a matinas, que levava grande copia de dinheiro para dispender com os pobres que estavam á porta da igreja, dando com a sua propria mão a cada um certa moeda de esmola por honra da festa.

Tendo Aureliano assentado n'este modo, se foi muito contente a palacio e disse a el-rei : — Senhor, já tenho achado modo com que possa ver e fallar á formosa Clotildes, e é, que me heide vestir em trajo de pobre e ir juntamente com os mais á porta da igreja, a noite que os christãos celebram a festa da Natividade e tomar da mão de Clotildes a esmola, como os mais pobres, e ahi lhe posso fallar.

Quando el-rei ouviu o modo ficou muito contente e satisfeito; e o teve por bom, admiravel e solido; e lhe disse Aureliano que mandasse sua magestade fazer somente um annel de ouro muito rico, em que estivesse esculpido o seu rosto : e logo el-rei o mandou fazer.

Preparado Aureliano, se partiu em trajo de pobre para a côrte de Clotildes, e logo se poz á porta da igreja com os mais pobres, e vindo a formosa Clotildes acompanhada das suas damas começou a dar esmola e Aureliano se chegou a ella para re-

ceber a sua, e como ella estendeu o braço para lhe dar uma moeda, lhe pegou Aureliano na mão e a beijou : e ella olhou para elle muito admirada e conheceu que ainda que os seus vestidos eram pobres, que devía ser homem de autoridade; e tendo vontade de lhe fallar, por ser a gente muita o não pôde fazer.

Acabadas as Matinas, saindo Clotildes da igreja com suas damas, viu sómente a Aureliano á porta, o qual depois de a haver visto lhe fez grande cortezia e reverencia como homem de palacio; e acabou de conhecer Clotildes ser homem bem nascido.

Tanto que Clotildes chegou a palacio, se poz a imaginar n'aquelle caso, admirando-se do seu atrevimento e desejando saber quem era, o mandou logo chamar, por entender que seria algum pobre fidalgo. Aureliano, que não tinha cousa alguma de lerdo (porque era muito entendido), considerando que seria chamado, não se afastou da porta da igreja, até que o chamou o mensageiro; e Aureliano fingindo turbação e medo, se foi com elle ao palacio; e chegando deante de Clotildes lhe fez tres reverencias e sem turbação alguma se poz de joelhos para lhe beijar a mão, porém ella não o quiz consentir; mas mostrando algum enojo, lhe disse : — Porque finges ser pobre ? Aureliano lhe respondeu : — Senhora : é verdade que eu não sou pobre, mas sim mensageiro d'el-rei Clovis de França, o qual te roga que queiras ser sua esposa e serás rainha de França : e te manda este annel em signal de fé e promettimento de matrimonio. Ella lhe tomou o annel e lhe disse : — Que não pertencia a pagão, e infiel casar com mulher christã e que além d'isso não estava este negocio na sua mão, senão na d'el-rei seu tio. E assim se despediu Aureliano e conheceu que não pezaria a Clotildes do tal casamento, e se foi

para França com muita alegria : e assim o disse a el-rei Clovis seu amo.

Parecendo-lhe a Clovis, pelo dito de Aureliano, que Clotildes seria contente do casamento, mandou logo embaixador a el-rei Agabundo pedindo-lhe a sua sobrinha por esposa. Dada a embaixada, respondeu Agabundo, que em tal cousa não consentiria. Porém, visto pelo conselho d'estado o bem que procedia da amisade com el-rei Clovis, aconselharam e rogaram a el-rei Agabundo que fizesse e casamento ; porém Agabundo o recusava muito.

N'este tempo veiu o thesoureiro de Agabundo com o annel, que Clovis tinha mandado a Clotildes, que o tinha achado no thesouro, onde ella o tinha deitado, e disseram todos que era o rosto de el-rei Clovis. Visto isto, consentiu então Agabundo no casamento, e Clotildes foi levada com grande pompa e triumpho para França e se desposou com el-rei Clovis, com a condição de não deixar Clotildes a fé de Christo.

Capitulo II

Como el-rei Clovis foi rogado de Clotildes, que deixasse os seus falsos idolos e abraçasse a fé de Jesu Christo.

Chegada a noite das vodas, encostando-se el-rei e a rainha no seu leito, ella toda inflammada no amor divino, lhe disse : — Amado e querido esposo e senhor meu ; peço-te que me concedas uma mercê antes que te chegues a mim. El-rei lhe respondeu : — Querida esposa, pede o que quizeres, que tudo te será concedido. Disse ella então : — O primeiro que te peço, é que creias em Deus todo poderoso, que fez o Céo e a terra,

e em Jesu Christo um só seu filho, que te remiu com a sua sacrosanta Paixão e precioso Sangue; e no Espirito Santo consolador e illuminador de todas as boas operações e procedente do Pai e do Filho, Santissima Trindade em uma só Essencia. Crê na Santa Igreja Catholica e deixa os teus falsos idolos, feitos por mãos de homens: e te peço, queiras pedir a Agabundo meu tio a parte dos bens que me tocam de pai e mãi; pois os fez matar sem rasão alguma.

El-rei lhe respondeu: —Tu me pedes uma cousa muito difficultosa, que é o deixar os meus Deuses que tantas mercês me tem feito; e assim pede outra cousa que eu de boa vontade te concederei. Respondeu Clotildes: —Eu não tenho outra cousa que te peça, senão que adores a Deus, creador de todas as cousas. El-rei não lhe respondeu, nem ella lhe disse mais cousa alguma, só pelo não desgostar.

Ao quarto dia mandou Clovis um embaixador a Agabundo pedir-lhe as terras que pertenciam a Clotildes sua sobrinha; porém não lh'as quiz dar; mas por conselho dos seus lhe mandou grandes thesouros pelo embaixador, só para evitar discordias.

Passado conveniente tempo pariu Clotildes um filho e o fez baptisar contra vontade d'el-rei seu pai; e passados tres dias morreu o menino; e Clovis disse a Clotildes: —Se tu o não baptisàras e o offereceras aos meus deuses elle não morrera. A rainha lhe respondeu: — Querido esposo, d'isto não tenho pena alguma, mas antes estou muito contente e dou graças ao Omnipotente Deus que quiz receber no seu santo reino o primeiro fruto do meu ventre.

No anno seguinte pariu a rainha outro filho e foi baptisado e esteve muito enfermo, de sorte que imaginavam todos que morria; e assim disse el-

rei á rainha : — Bem te disse eu que o não baptisasses, e logo não morreria; mas já não tem remedio; porque os meus deuses estão por essa causa irados contra mim. — A rainha com temor d'el-rei, rogou a Deus com grande fé pela saude do menino e logo sarou e teve saude perfeita.

Capitulo III

Como el-rei Clovis, não alcançando victoria contra seus inimigos, se fez christão.

N'este tempo fez el-rei Clovis guerra aos christãos visinhos de França; e estando em campo com todo o seu poder, mandou alistar os que eram capazes para pelejar, e se acharam cento e trinta mil homens : e assim procurou saber por alguns christãos cativos quantos seriam os christãos que se achavam alistados no exercito ; e lhe disseram, que seriam até sessenta mil homens.

Sabendo isto teve a victoria por certa, por ter dobrado numero de gente, e assim começou logo a mandar marchar o exercito e ir buscar os inimigos que estavam perto. Como os christãos souberam a vinda dos infieis, se pozeram em boa forma e ordenança e com magnanimo coração, confiados, principalmente na ajuda de Deus, os esperaram.

Chegaram os infieis e sem ordem alguma começaram a batalha, a qual foi demasiadamente cruenta, e quiz Deus Nosso Senhor Jesu Christo que em pouco tempo foram os infieis desbaratados de tal sorte que foi forçoso a el-rei Clovis fugir para um monte que estava perto e d'elle estava vendo como a sua gente sem resistencia morria ás mãos dos catholicos que os seguiram com grande violencia.

Estando Clovis em tão grande aperto começou a amaldiçoar os deuses; e n'este tempo chegaram a elle alguns cavalheiros, que pela industria da rainha eram catholicos e criam na fé de Christo, e lhe disseram: — Senhor, é sem duvida que isto procede do infinito poder dos christãos; e assim convem muito para a tua salvação, crer no verdadeiro Deus, que a rainha continuamente louva e te admoesta. N'este tempo vio Clovis como a sua gente, largando as armas, tratavam sómente de fugir para o monte onde elle estava.

Vendo isto Clovis, banhado em lagrimas se poz de joelhos e em grandes e altas vozes começou a lamentar dizendo: — O' Jesu Christo, filho do verdadeiro Deus, no qual minha mulher crê e confessa ser aquelle que ajudaes nas tribulações e daes remedio aos que em vós esperam. Eu contricto do coração vos peço favor e ajuda para que a minha gente se livre das crueis mãos dos christãos, que com grande crueldade os mata: que eu vos prometto de todo o coração receber com toda a minha gente o santo baptismo; pois confesso e creio, que só vós sois o verdadeiro Deus e Senhor Omnipotente; e os deuses a quem até agora adorava são uns idolos falsos, caducos e impotentes.

Acabado de dizer isto (caso raro!) vio que os christãos se retiraram logo para o seu arraial sem mandado dos capitães e não seguiram mais os infieis. Tanto que Clovis vio este prodigio, mandou logo tanger os anafins para recolher a gente que ficou e com ella foi para França; e contou á rainha tudo o que lhe tinha succedido com os christãos; de que ella teve grande contentamento.

Capitulo IV

Como el-rei Clovis recebeu o santo baptismo pela mão de S. Remigio e como n'elle milagrosamente foi trazida do Ceo uma redoma, da qual até ao dia de hoje são ungidos os reis de França, e está na cidade de Rheims.

Tanto que a rainha ouvio dizer a el-rei Clovis, que tinha promettido baptisar-se, ficou muito contente e mandou logo chamar um homem santo, que se chamava Remigio, para o instruir na santa fé, o santo o fez assim e lhe ensinou tudo o que havia de crer; e foram edificadas em França as igrejas e pias de baptisar.

Estando o santo Remigio baptisando a el-rei e querendo-o ungir com os santos oleos, como manda a santa madre igreja, milagrosamente viram todos os que estavam presentes uma pomba, que descendo do Ceo com uma redoma no bico com o oleo santo, a deixou cair á vista de todos e o santo Remigio a tomou e d'ella foi ungido el-rei Clovis e depois todos os reis de França até ao dia de hoje; a qual redoma está sempre na igreja de Rheims; e depois de baptisado el-rei se baptisaram todos os da sua côrte e reino.

Capitulo V

Trata-se d'el-rei Pepino e do imperador Carlos Magno seu filho

Faz menção este capitulo da geração d'el-rei Clovis, primeiro rei christão da França e durou a sua linha até el-rei Hilderico, o qual foi muito

virtuoso, contemplativo das cousas divinas e deixando as cousas mundanas e governo do reino, se metteu em uma religião, onde viveu santamente. E assim deixamos agora de tratar da sua ascendencia e só trataremos d'el-rei Pepino, vigessimo quarto rei de França e pae do imperador Carlos Magno, de cujas proezas e prodigios toma o nome esta historia e tratado.

Trata-se no espelho historial, que mettido el-rei Hilderico na religião, foi acclamado e levantado por principe Pepino, por ser grande senhor e de alto sangue; o qual foi tão sagaz e admiravel, assim nas cousas da paz, justiça e da guerra, que adquirio os animos de todo o povo e assim o amavam tanto, que intentaram levantal-o por rei, ainda que era vivo Hilderico. E fazendo sobre isto conselho, resolveram mandar um embaixador sobre esta materia ao santo papa Zacharias.

Mandada a embaixada, continha esta a seguinte proposta : — Qual era mais digno da corôa, se o que vigia e trabalha pela tranquillidade do reino ou áquelle que sómente trata da sua alma e retirado na religião faz n'ella vida solitaria? Dada a embaixada, respondeu o pontifice : — Que aquelle, que governava bem o reino, e o conservava em justiça e amava a paz e não aborrecia a guerra justa, que esse era mais digno da corôa. E com esta resposta se retirou o embaixador.

Ouvida pelos grandes do reino a resposta da embaixada e attendendo a um dito de Salomão, que diz : — Que o principe negligente faz o povo preguiçoso; e que é bemaventurada a terra que tem principe nobre e advertido : levantaram logo por rei a Pepino e foi ungido com auctoridade apostolica pela mão de santo Estevão, e ordenou que os reis da França succedessem no reino por geração masculina e que não succedessem mu-

lheres, porque nenhum estrangeiro senhoreásse o reino.

Foi el-rei Pepino casado com a rainha Berta, filha do grande Hachin-Cesar, d'onde descende a linhagem dos gregos, germanos e romanos, pelo qual direito foi eleito imperador Carlos Magno. Reinou Pepino desoito annos e o enterraram na igreja de S. Diniz em Paris e ficou o governo do reino em seu filho Carlos Magno.

Capitulo VI

Como Carlos Magno, feitas muitas constituições com o papa Adriano, foi levantado por imperador dos romanos.

Carlos Magno depois da morte de um seu irmão foi rei e senhor de toda a provincia de França e foi chamado Carlos Magno, assim pelas suas grandes virtudes e prodigios, como pela grandeza do seu corpo. N'aquelle tempo fazia o papa Adriano continuamente guerra aos infieis, augmentando a fé de Christo e destruindo as heresias, constituindo igrejas e mandando fazer imagens á representação dos santos bemaventurados e tudo para corroborar e augmentar a fé de Christo. E tambem não cessava de fazer guerra aos infieis, que com elle confinavam fazendo-lhes muitas destruições e tudo ao mesmo intento de exaltar a fé catholica.

Chegando pois a noticia ao papa Adriano das grandes virtudes e proezas de Carlos Magno, lhe mandou pedir que quizesse chegar a Roma; o que logo Carlos Magno fez e partiu com a gente de guerra, que tinha, e entrou na Italia; chegando a Roma, foi recebido pelo pontifice com grande alegria e com as honras que eram devidas a tão soberano monarcha.

D'ahi a pouco tempo mandou o papa juntar a sua gente de guerra, discorreu com Carlos Magno toda a Lombardia e as mais provincias de Italia, tomando cidades, villas e fortalezas, que estavam em poder dos infieis e tomaram a cidade de Pavia e elegeram para bispo d'ella um varão santo e fizeram cento e cincoenta e tres bispos, arcebispos e abbades e foram repartidos por todas as provincias e instituiram muitos e grandes previlegios, isenções e liberdades a favor da igreja romana.

Teve Carlos Magno dois filhos, um chamado Pepino e outro Luiz, com os quaes e com os doze pares, que estavam juramentados e haviam promettido fidelidade uns aos outros em favor da fé catholica, fez grandes guerras aos outros infieis e depois que destruiram e desarraigaram todas as heresias da Italia, se voltaram para Roma.

N'aquelle tempo tinham os Romanos morto o seu imperador e entre elles havia discordias sobre quem haviam de eleger; porque uns queriam a Constantino, filho do imperador defunto, e outros queriam outros, porém vendo o papa estas discordias fallou com ambas as parcialidades, propondo-lhes os prodigios de Carlos Magno e que só n'elle concorriam todas as virtudes que constituem um perfeito imperador. O que ouvido pelas parcialidades, votaram todos uniformemente n'elle. Passados alguns dias, falleceu o pontifice Adriano e lhe succedeu o papa Leão, homem de mui santa vida, o qual de consentimento de todos os Romanos, coroou a Carlos Magno com a corôa imperial.

Capitulo VII

Da estatura de Carlos Magno e do seu modo de viver.

Sendo já Carlos Magno imperador, fez muitas cousas admiraveis e governou o imperio treze annos, tendo já governado trinta e tres. Nas terras de Roma edificou muitas cidades e restaurou outras, como tambem villas, fortalezas e lugares, que ficaram destruidos pelas grandes guerras e fez outras maravilhas, que deixamos de contar, por não fazer a historia dilatada.

Escreve Turpim, homem santo e arcebispo de Roma, que andou muito tempo em companhia de Carlos Magno, e diz que era homem de grande corpo e bem fornido, forte e proporcionado de membros, muito ligeiro e feroz no olhar e tinha a cara larga e trazia continuamente a barba do comprimento de um palmo; os cabellos negros, o nariz rombo e chato, a presença era muito respectiva, os olhos como de leão e algum tanto vermelhos e reluzentes, as pestanas e sobrancelhas declinantes a roxas; se estava enfadado, só com olhar espantava; o cinto, com que se cingia tinha oito palmos de comprido; era largo das costas, grosso das pernas e grandes pés.

O seu comer era duas vezes no dia e pouco pão; porém comia ao jantar um quarto de carneiro ou duas gallinhas; a cêa era caça assada : bebia tres vezes no dia : porém pouca agua. Tinha muito grandes forças, que muitas vezes lhe viram partir capacetes de ferro e cabeças até aos dentes e isto de um só golpe e estando a cavallo, levantava com um só braço um homem até o igualar com a sua cabeça. Tinha tres condições virtuosas : A primeira

era fazer a todos igual justiça, sem que ninguem se queixasse.

A segunda ouvir e responder a todos com paciencia, e a terceira era ser manso e pacifico no fallar e reprehender.

Capitulo VIII

Como Carlos Magno doutrinava seus filhos.

Mandava Carlos Magno ensinar a seus filhos todas as artes liberaes; e em sendo de idade capazes, os mandava ensinar a andar a cavallo com todos os manejos de cavallaria e os mandava armar de todas as armas, jogar a espada, archas de armas, lanças e justas, para que fossem destros nas armas e guerra, e finalmente os fazia exercitar em todo o genero de armas e peleja, assim a pé como a cavallo; e os mandava caçar porcos javalis, veados, ursos, tigres, leões e outros animaes ferozes, e os retirava sempre de toda a ociosidade. Ás filhas femeas, mandava fiar, tecer, lavrar ouro e seda, e fazer outros exercicios de mulheres, porque o ocio as não fizesse cahir em desordenados pensamentos e torpes vicios.

Quando Carlos Magno estava desoccupado dos seus negocios, se occupava em ler e escrever alguma cousa nova, tomando o exemplo, que nos deixou S. Paulo nas suas epistolas, admoestandonos a fazer sempre alguma obra boa e meritoria, porque o demonio nosso inimigo nos não ache ociosos e nos faça cahir em torpes vicios. Em Aquisgram de Allemanha mandou fazer no seu palacio uma igreja muito sumptuosa e magnifica, á honra da Virgem Nossa Senhora, e a dotou de muitas rendas.

Capitulo IX

Do estudo e obras caritativas de Carlos Magno.

Sendo o imperador Carlos Magno instruido nas artes liberaes e outras sciencias moraes e espirituaes, passava muitas vezes o tempo em ler similhantes livros; visitava a igreja tres vezes cada dia, de manhã, ao meio dia e á noite; nas festas solemnes mandava ornar as igrejas á sua custa, gastando n'isto muita fazenda; e era muito caritativo e esmoler e não sómente com os seus vassallos pobres, senão tambem mandava repartir thesouros cada anno com as pessoas necessitadas da Syria, Egypto e Jerusalem.

Todas as vezes que comia, mandava ler livros espirituaes e tocantes á observancia das cousas de Deus Nosso Senhor, para fartar tambem a sua alma de manjares espirituaes e conservar a saúde do corpo, dando ao mesmo tempo graças ao seu Creador; e entre todos os livros se deleitava muito de um de Santo Agostinho, que trata da cidade de Deus.

Tinha por uso e costume acordar tres vezes na noite e passear pela sala. Mandava occultamente duas vezes cada anno a homens, que eram de boa consciencia e virtuosos, visitar todas as terras do seu reino para saber se eram bem governados os seus vassallos e se se executava rectamente a justiça, porque não fossem os pequenos maltratados dos grandes.

Tendo Auram, rei da Persia, noticia da magnificencia e grandeza de Carlos Magno, lhe mandou um elefante e os corpos de S. Cypriano e S. Esperato, e a cabeça de S. Pantaleão, Martyres.

Capitulo X

Como o patriarcha de Jerusalem mandou embaixada a Carlos Magno, para que lhe désse soccorro.

No tempo que Carlos Magno foi coroado imperador de Roma, foi o patriarcha de Jerusalem mui perseguido e combatido com continuas guerras que os Turcos lhe faziam; e de tal sorte se vio perseguido que, depois de haver perdido a maior parte da sua gente, se viu precisado a chamar a conselho os mais velhos e sabios, e experimentados conselheiros, para lhes propôr e resolver o que se devia fazer em tão grande conflicto; porém alguns d'elles temendo mais a morte do que a honra, aconselharam ao patriarcha que fizesse algum partido com os Turcos, porque não perdessem as vidas: e o partido que os Turcos queriam era que deixassem a cidade com todos os bens e armas que n'ella havia. Outros aconselhavam que se pedisse tregoas aos Turcos por algum tempo: porém elles as não quizeram conceder.

E vendo-se o patriarcha em tanta perplexidade e aperto e sem remedio algum que résultasse do conselho, nem sabendo o modo que havia de ter para se defender do grande furor e poder dos Turcos, inspirado da graça de Deus Nosso Senhor, lhe veio á memoria as grandes virtudes e proezas de Carlos Magno; e determinou valer-se do seu patrocinio.

N'esta consideração se partio o patriarcha para Constantinopla, e levou comsigo João de Napoles e a David, pessoas muito nobres e principaes, e deu parte de tudo ao Imperador Constantino e a seu filho Leão. O que visto pelo imperador, man-

dou ao dito João de Napoles e David, com mais dois hebreus chamados um Isac e outro Samuel, com uma carta feita da sua mão ao imperador Carlos Magno; e o patriarcha lhe mandou as chaves do Santo Sepulcro e as da cidade de Jerusalem, que era a que estava em sitio, e lhe mandou tambem o estandarte e insignia do Nosso Redemptor, como firme pilar de toda a christandade e defensor da fé de Christo.

COPIA DA CARTA

« Pareceu-me uma noite que via diante da minha cama uma mulher admiravelmente formosa a qual me dizia : « Constantino, muitas vezes tens rogado a Deus que te désse ajuda contra os Turcos que possuem a Terra Santa ; pois que tanto o desejas, faze isto que te digo : — Procura ter da tua parte a Carlos Magno. E mostrou-me um cavalheiro armado com uma espada na cinta e uma grossa lança na mão direita, de cujo ferro sahiam muitos raios de fogo, e era o seu rosto muito bello e formoso e bem disposto de corpo; a barba crescida, os olhos reluzentes, e os seus cabellos começavam a embranquecer. O' Augusto, que nunca te apartaste dos mandamentos de Deus! Alegra-te em Jesus Christo, e lhe dá graças de todo o coração; ama tanto a justiça como tens sido nomeado na honra, porque Deus te dê perseverança no bem. »

Quando Carlos Magno leu a carta, chorou amargamente, porque estava o Santo Sepulcro em poder de infieis, e mandou ao arcebispo de Turpim, que prégasse por todo o reino tão lastimosas noticias. E por esta se resolveram muitos christãos a acompanhar a Carlos Magno para a guerra e restauração da cidade Santa.

Capitulo XI

Como Carlos Magno se partio com um grande exercito para Jerusalem.

Mandou Carlos Magno apregoar por todo o seu reino que quem quizesse seguir e ganhar o soldo para terra de Turcos, que viesse a Paris, onde determinava juntar a gente e partir. Tanto que se ouviu o pregão, e se soube que a sua pessoa era o capitão do exercito, muitos principaes cavalheiros e senhores grandes se resolveram a accompanhal-o, deixando as suas casas, mulheres, filhos e familia, e se ajuntaram em pouco tempo mais de trinta mil homens de peleja; e vendo-se Carlos Magno acompanhado de tão luzida gente, zelosa pela fé de Jesus Christo, partiu de Paris para Jerusalem com grande esperança de alcançar victoria e restaurar as cousas santas.

Chegados ao porto embarcaram, e tiveram tão feliz vento que em poucos dias chegaram á Turquia ; e por conselho dos adaizes, ou capitães de guia entraram em um aspero monte, que tinha quinze leguas de comprido, e dez de largo ; e imaginando os capitães que o passariam em um dia, nem em dois o poderam fazer; encontrando n'ella immensidade de leões, tigres, ursos, grifos e outros ferozes animaes que faziam grande ruina no exercito e principalmente de noite; e com fadiga e sobresalto dos ditos animaes perderam os guias o caminho e não sabiam o que haviam de fazer ; e andando d'esta sorte buscando a estrada direita, chegou a noite e se acharam todos cançados, turbados e sem mantimento.

Vendo isto Carlos Magno, mandou que em uma planicie que alli estava, se ajuntasse todo o exer-

cito e poz nas entradas os soldados que lhe pareceu que estavam mais descançados, para se defender dos animaes, que com grande furor os acommettiam para fartar a fome : e retirado Carlos Magno junto a uma arvore, se encommendou a Deus e lhe pediu que tivesse piedade da sua gente : e começando a rezar o psalterio, tanto que chegou ao verso : *Deduc me, Domine, in semitam mandatorum* ; que quer dizer : Senhor, guiai-me pelo caminho dos vossos mandamentos, ouviu todo o exercito uma ave, que a grandes vozes e clarissimas palavras disse : — Carlos Magno, a tua petição é ouvida pelo Omnipotente Deus. Ficaram todos admirados de tão grande prodigio. Sem embargo de tão grande annuncio, nem por isso deixou Carlos Magno de continuar com a sua devoção, e quando chegou ao verso : *Educ de custodia animam meam* ; que quer dizer : Senhor, tirae a minha alma da prisão, disse outra vez a ave : — Carlos Magno, a tua oração é ouvida.

Visto e ouvido este tão admiravel prodigio, mandou Carlos Magno formar o exercito, e posto na vanguarda e dianteira, começou a marchar, seguindo a ave, que o guiou até o metter no caminho direito. E é fama, que ainda agora se conserva a geração d'aquellas aves sómente n'aquelle sitio, em signal de tão soberano caso.

Sahindo o exercito do monte se avistou o exercito dos Turcos, que constava de cem mil homens postos em tres linhas ; e assim mandou Carlos Magno pôr o exercito em boa forma e ordenança para entrarem em batalha, a qual foi tão disputada, cruel e rigorosa, que pondo Deus os olhos da sua divina Misericordia nos catholicos, os alentou de sorte, que fizeram fugir os Turcos até Jerusalem, onde determinavam resistir e fazer-se fortes : porém os christãos os seguiram de sorte e com um valor tão grande que entraram na cidade juntamente

com elles e passaram á espada todos quantos Turcos lá se acharam. E d'esta sorte ganharam os Lugares Santos que estavam perdidos dos catholicos e em poder dos Turcos : e ahi descançou Carlos Magno alguns dias com a sua gente, dando graças ao Omnipotente Deus de o haver ajudado em tão grande conflicto.

Capitulo XII

Das reliquias que o imperador Carlos Magno trouxe da Terra Santa e dos milagres que fez Christo Nosso Senhor.

Querendo Carlos Magno voltar com o seu exercito para França, lhe offereceu Constantino, imperador de Constantinopla, e o patriarcha de Jerusalem grandes riquezas de ouro, prata, pedras preciosas, elefantes, dromedarios, camellos e outros diversos animaes em gratificação de tão grande soccoro ; porém Carlos Magno lhe não quiz aceitar, dizendo : — Que não tinha ido áquella empreza por riquezas senão só por serviço de Deus, exaltação da santa fé catholica e restauração dos Lugares Santos ; porque não era justo que estivessem possuidos pelos Turcos. E assim mandou a toda a sua gente que nada aceitassem, sob pena de morte : o qual mandamento aceitaram todos os seus soldados com muito gosto e contentamento ; pois que tambem o seu zelo não era o adquirir riquezas, senão sómente o serviço de Deus Nosso Senhor.

Vendo o patriarcha que Carlos Magno, nem os seus soldados quizeram acceitar riquezas algumas, disse a Carlos Magno : — Senhor, já que d'estas riquezas não fazeis conta nem estimação, vos mos-

trarei e darei outras que não tem preço. Ao que respondeu Carlos Magno: — Que teria muito gosto e contentamento de as ver e acceitar. E assim lhe disse o patriarcha, que jejuasse sua magestade tres dias; e assim o fez Carlos Magno como todo o seu exercito, e ao quarto dia trouxeram doze homens de boa vida as santas reliquias.

Antes de Carlos Magno ver as santas reliquias, se confessou com o arcebispo Ebrom, e recebeu o Santissimo Sacramento, e logo os doze homens começaram a cantar as ladainhas e alguns psalmos do psalterio, e Daniel, prelado de Napoles, abriu um cofre onde estava a preciosa corôa de Christo Senhor Nosso, da qual sahiu tão admiravel e suavissimo cheiro, que todos que estavam presentes imaginavam que estavam na gloria.

Vendo Carlos Magno a sacrosanta corôa, se encheu tanto de fé que em rios de lagrimas se prostrou em terra e pediu a Deus com grande e efficaz devoção que, pela gloria do seu nome santissimo quizesse renovar alguns milagres da sua santa paixão; e logo em continente virão todos os que estavam presentes sahir da sacrosanta corôa immensidade de flores e com tão suave cheiro que todos ficaram admirados.

Daniel tomou então uma faca muito limpa e cortou pelo meio a santa corôa, e ao mesmo tempo que hia cortando a corôa hiam da cortadura sahindo novas e muito cheirosas flores. E offerecendo-se a Carlos Magno uma parte da corôa com alguns espinhos, a mandou metter em um cofre de marfim: e tomando Carlos Magno o cofre para o offerecer ao arcebispo Ebrom antes que o arcebispo o tomasse, o tinha Carlos Magno posto em um lugar muito decente, e logo a pouco tempo viram todos estar o cofre suspenso no ar, e vendo-se ao depois a santa corôa, acharam as flores convertidas em maná da mesma maneira que Deus o

deu aos israelitas no deserto; e emquanto se tratava com as santas reliquias, fez Deus muitos e grandes milagres, sarando coxos, tolhidos, e mancos e leprosos.

Dizia o exercito todo em altas vozes : — Verdadeiramente que este é o dia da saúde e resurreição ; porque pela suavidade do cheiro das admiraveis flores estava a cidade purificada e cheia de graça ; porque trezentos e quinze enfermos, que havia n'ella se acharam com saude, entre os quaes foi um que havia dezoito annos que estava cego, surdo e mudo, e ao tempo que se abriu o cofre cobrou a vista, e ao tempo que se começou a cortar a santa corôa cobrou o ouvir, e tanto que começou a florecer cobrou o fallar.

Depois tomou Daniel um cravo dos que cravaram a Jesu Christo na cruz, e com muita reverencia o metteu em um relicario, e o offereceu a Carlos Magno ; e logo sarou um mancebo, que desde o seu nascimento tinha toda a parte esquerda secca e impotente, o qual, tanto se viu com saude, veio com muita brevidade á igreja, dando muitas graças a Nosso Senhor Jesus Christo.

Além das sobreditas reliquias, levou mais uma parte da cruz de Christo, e o Santo Sudario, e uma camisa de Nossa Senhora, e um panno em que envolvia o menino Jesus nos braços de S. Simeão.

Depois de receber Carlos Magno as santas reliquias, se despediu do imperador Constantino e do patriarcha e dos mais senhores, e partiu para Allemanha; e passando junto a um castello, viu levar um menino morto a enterrar, e mandou que o tocassem com as reliquias, e logo se levantou vivo; e chegando a Aquisgram em Allemanha, acudiu muita gente a visitar as reliquias santas, e por ellas fez Deus os milagres seguintes :

Cobraram vista os cégos, e saude os enfermos

sem numero, doze endemoninhados, oito leprosos, quinze paraliticos, quatorze coxos, sessenta e cinco de gotta coral, gottosos sem numero; e sararam finalmente todos, assim naturaes da terra como estrangeiros.

Foram postas as santas reliquias em uma prodigiosa igreja, que mandou fazer Carlos Magno na mesma cidade de Aquisgram á honra da Virgem Santa Maria, e ordenou e estabeleceu uma festa cada anno no mez de junho, e nella se mostram as santas reliquias e se ganham muitas indulgencias; foram presentes ao estabelecimento d'esta solemnidade, o papa Leão III, o arcebispo Turpim, Achilles, bispo de Antioquia e outros muitos.

LIVRO SEGUNDO

Capitulo I

Como Ferabraz veio ao exercito de Carlos Magno buscar com quem pelejar.

O almirante Balão, senhor muito poderoso, tinha um filho chamado Ferabraz, homem agigantado, de grandissimas forças e magnanimo coração, e era muito destro em todas as armas, rei de Alexandria e senhor de toda a provincia de Babilonia até ao Mar Vermelho e Jerusalem. Este Ferabraz entrou uma vez em Roma com grande numero de Turcos e levou a corôa do Nosso Redemptor Jesus Christo e os santos cravos com que foi cravado na cruz e outras muitas reliquias, as quaes, como dissemos no livro I, capitulo II, tornou a restaurar Carlos Magno em Jerusalem com grande trabalho.

Chama-se (como temos dito) este gigante Ferabraz da Alexandria, o qual sabendo das suas espias que o imperador Carlos Magno e os doze Pares estavam em Mormionda com um grande exercito, se encheu de soberba e arrogancia, confiado nas suas grandes forças e destreza, cavalgou em um soberbo e arrogante cavallo, e vestindo-se de armas, tomou uma grossa lança e partiu só sem companhia para Mormionda, e não achando pessoa alguma com quem podesse fallar, começou com uma espantavel voz a dizer da maneira seguinte :

— Oh imperador Carlos Magno! homem cobarde e sem valor! manda dois, ou tres, ou quatro dos

mais valentes e melhores dos doze Pares contra mim sómente que espero vencer a batalha; e venham, ainda que sejam Roldão, Oliveiros, Tietri e Urgel de Danôa; que te juro pelos meus deuses, que não lhes heide voltar a cara ainda que sejam seis. E adverte que estou só no campo e muito longe do meu exercito, e se isto não fazes publicarei por todo o mundo a tua grande cobardia e dos teus cavalheiros, e direi que são indignos de se chamarem valerosos. E já que tiveste ousadia, atrevimento e valor para accommetter toda a Mauritania, de ganhar reinos e provincias, tem exforço para dar batalha a um só cavalheiro.

Dito isto, atou o seu cavallo a uma arvore, tirou o elmo ou capacete e se deitou no chão : e levantando d'ahi a pouco a cabeça olhou para todas as partes para ver se vinha algum cavalheiro, e tanto que o não viu, começou a dizer com mais altas vozes : — Oh Carlos, indigno da corôa que possues, com um só cavalheiro turco perdes a honra que em grande multidão d'elles muitas vezes tens ganhado! Oh Roldão, Oliveiros e tu, Urgel de Danôa, e os que vos chamais doze Pares, de quem tantas façanhas e proezas tenho ouvido, como não ousais apparecer diante de um só cavalheiro? Tendes já porventura esquecido pelejar ou vos mette medo a minha forte lança? Vinde, vinde todos os doze Pares juntos; pois que um a um vos não atreveis.

Capitulo II

Como Carlos Magno perguntou a Richarte de Normandia quem era o que tanto o ameaçava.

Ouvindo Carlos Magno as arrogantes palavras de Ferabraz e admirado do seu grande atrevimento, perguntou a Richarte de Normandia quem era o Turco que tão atrevidamente o ameaçava. Respondeu Richarte, e disse : — Senhor, este é filho do almirante Balão, rei de Alexandria, senhor de muitas provincias e riquezas; e é o que foi a Roma, matou o apostolado e outros muitos, e saqueou e roubou as santas reliquias, pelas quaes tens padecido tantos trabalhos; é homen de grandes forças, muito destro em todas as armas. Respondeu então Carlos Magno : — Pois espero em Deus, Richarte, que a sua soberba ha de ser humilhada e abatida.

Vendo Carlos Magno que nenhum dos doze pares se movia para a batalha, teve algum enfado entre si, e sem o dar a conhecer chamou a seu sobrinho Roldão e lhe disse : — Sobrinho, eu vos mando que vos armeis para ir peleijar com Ferabraz : que eu espero em Deus que haveis de sair victorioso.

Capitulo III

Da resposta de Roldão a Carlos Magno

— Senhor, respondeu Roldão, eu não hei de ir á batalha sem que outros vão primeiro : e a razão é porque, na ultima batalha que démos aos infieis, ficamos todos os cavalheiros moços cercados de

cincoenta mil Turcos e pelejámos de tal maneira e com tanto valor que matámos a maior parte d'elles, ainda que com grande trabalho e feridas nos nossos corpos, como se vê em Oliveiros que d'ellas está em perigo de morrer. E quando chegámos á tua presença estando ceando, disseste publicamente, que os cavalheiros velhos haviam obrado muito melhor na batalha do que os cavalheiros moços, e como assim é, manda os teus cavalheiros velhos e verás como se hão com Ferabraz; e em mim não tenhas esperança alguma; nem em algum dos meus companheiros.

Quando Carlos Magno ouviu taes palavras a Roldão, se encheu tanto de colera e ira que lhe atirou com uma manopla de ferro e lhe deu pela cara. Vendo Roldão o seu sangue, lançou mão á espada com grande furor, e provavel era que maltrataria ao imperador se não se mettessem outros cavalheiros de permeio.

Vendo Carlos Magno tão grande desattenção, mandou que o prendessem e sentenciassem á morte, e vendo Roldão tal resolução tirou a espada de todo, e disse : — Nenhum seja tão atrevido que me pegue, porque o que chegar a mim depressa o tirarei d'este mundo. Era Roldão tão amado de todos, que nenhum, por mais que o imperador o mandasse, o quiz prender.

Apartado Roldão da vista do imperador, se chegou a elle Urgel de Danôa e lhe disse : — Senhor Roldão, muito erraste no que fizeste ; porque a ti tocava obedecer ao imperador mais que a outro algum nosso companheiro, assim pelo parentesco como porque sempre te honra mais que aos outros. E como Roldão tivesse já perdido a colera disse : — Dizes bem, senhor Urgel : e é verdade que tive tanta ira que certamente o matára se tu e os outros não estivessem no meio ; mas já estou arrependido e me peza de o ter enfadado.

Capitulo IV

De uma reprehensão do auctor a Carlos Magno e a Roldão, pela questão passada

— Quero primeiro, oh mui alto e poderoso imperador, fallar comtigo sobre as differenças e questões que com teu sobrinho Roldão tiveste; pois assim pela tua idade, como pelas sciencias, de que na tua infancia foste instruido, devias de conhecer a perseverança dos velhos e a subita mudança dos cavalheiros moços; porque louvavas tão publicamente os velhos, mais que os moços, pois sabias que Oliveiros estava morrendo das feridas que n'aquelle dia recebeu? Pois o teu sobrinho Roldão, quem jámais o viu fugir de levar a dianteira nas grandes e perigosas batalhas? Ou quem se achou de mais valeroso coração e ousadia, que nenhuma multidão de inimigos jamais o atemorisou, nem menos lhe fez voltar a cara? Devias lembrar-te das grandes honras que tinhas recebido pelas suas admiraveis cavallerias.

Advertirás, muito honrado e discreto velho, que os primeiros movimentos não estão nas mãos dos homens. Repararás no dito do philosopho que diz: *Vindictam differes, donec pertranseat furor tuus.* Que é: Que não deve nenhuma pessoa vingar-se até que lhe passe a ira e paixão. E senão, olharás o dito do ecclesiastico, cap. 10, que diz : *Nihil agas in operibus injuriæ.* Que é : Que não se deve injuriar a nenhuma pessoa. Considerarás que todos os ouvintes desejam a gloria e louvor das suas boas operações ; e por isso se expõem, assim os reis e grandes senhores, como os menores, a grandes affrontas e perigos. E os cavalheiros

desprezando o viver, por deixar louvavel e eterna fama, expõem as suas vidas pelos seus reis e senhores; o que muitas vezes fez teu leal sobrinho Roldão; e em lugar de um grande louvor e galardão, te ouviu louvar a outros, que como elle o não mereciam.

— E tu, Roldão, que sendo um cavalheiro tão nobre em quem nunca houve temor, nem faltou valentia; de d'onde te procedeu responder com tanta soberba ao imperador, homem de tanta honra e valor, e a quem a maior parte do mundo teme e venera? A teu tio, de quem tantas honras tens recebido, mais razão era que soffrêras, e que com tanta descortezia não fallaras; e se tudo isto não te movia a ter paciencia, olháras que todos os moços são obrigados a tratar com honra e paciencia aos velhos. Repára no exemplo que nos deixou Isaac da obediencia que teve a seu pai, e o apostolo S. Paulo nos diz em uma sua epistola, que devemos honrar muito aos velhos e os devemos soffrer como a pais. E se o imperador louvou aos velhos, nem por isso desdourou as proezas dos moços. — Mas nunca tem o homem nenhuma injuria por pequena; que esta é a fragilidade da natureza humana.

Capitulo V

Como Oliveiros estando com muitas feridas, pediu licença a Carlos Magno para sahir á batalha com Ferabraz.

Estando Carlos Magno muito triste e enfadado assim de Roldão, como porque nenhum dos seus cavalheiros se offerecia para responder á demanda de Ferabraz, se resolveu a querer armar-se

para sahir á batalha; porém os seus cavalheiros o não consentiram. Vindo isto á noticia de Oliveiros, que estava na cama perigosamento ferído, teve d'isso grande sentimento, assim pela discordia de Roldão com Carlos Magno como por se não achar capaz de ir contender com Ferabraz.

Mas quando soube que o imperador se queria armar e que nenhum cavalheiro se offerecia para ir, movido do menospreço a ameaças que o Turco fazia a Carlos Magno e a seus cavalheiros, com muita magnanimidade e desejo de servir a seu senhor e com o coração muito leal e vontade que sempre teve de empregar as suas forças contra os infieis pela fé de Jesus Christo, saltou fóra da cama e estirou os membros para experimentar se poderia soffrer o trabalho das armas, e emquanto se vestiu, mandou ao seu escudeiro Guarim que lhe apparelhasse brevemente as armas. Guarim lhe disse: — Senhor, peço-te pelo amor de Deus que não faças tal excesso em prejuizo da tua saùde e não queiras com tal temeridade que fazes acabar os dias da tua vida, porque não estás capaz d'esta empreza. Oliveiros lhe respondeu: — Faze brevemente, Guarim, o que te mando; pois não se deve estimar a vida quando se espera ganhar grande honra, grande fraqueza seria a minha se o Turco se fosse sem batalha, e não é justo deixar ao imperador em tanto aperto e injuria.

Preparou logo Guarim todas as armas, e depois de armado Oliveiros, saltou vinte e cinco pés de altura, pelo qual excesso se lhe abriram todas as feridas, e d'ellas sahiu sangue em abundancia; mas nem por isso, nem por rogos do escudeiro se quiz desarmar, nem deixar de ir á batalha. E logo cingiu a espada chamada altaclara, e preparado o cavallo se montou de um salto e ficou muito direito na sella, sem que puzesse o pé no estribo; e posto o escudo no braço, lhe deu Guarim uma

grossa lança, e fazendo o signal da cruz, se encommendou a Deus, pedindo-lhe, que pela sua infinita piedade o quizesse favorecer n'aquella tão cruel batalha, que esperava ter com o mais feroz infiel, que n'aquelle tempo havia : e assim partiu para onde estava Carlos Magno acompanhado de muitos cavalheiros, entre os quaes estava Roldão, o qual teve grande sentimento quando viu a Oliveiros armado, pois sabia que estava muito mal ferido; e de boa vontade tomaria a empreza da batalha, se não fôra o juramento que tinha feito.

Chegou Oliveiros á presença do imperador e fazendo as devidas cortezias lhe disse: — Mui nobre e esclarecido senhor, peço-te que queiras ouvir as minhas deprecações. Já sabes, senhor, como ha nove annos que te sirvo como posso e não segundo o teu merecimento; peço-te, que em remuneração d'este serviço me concedas uma só cousa. Carlos Magno lhe respondeu : — Oliveiros, meu amigo e nobre conde, pede o que quizeres que não t'o negarei. — Senhor, disse então Oliveiros, peço-te que me dês licença para responder a Ferabraz que tantas vezes me tem chamado; e só com isto serão os meus serviços bem satisfeitos. Carlos Magno e os mais cavalheiros se admiraram do peditorio de Oliveiros; e lhe respondeu, que tal licença lhe não dava, pois pedia batalha com o mais feroz homem do mundo, estando tão perigosamente enfermo e ferido.

Levantou-se então Galalão e disse : — Senhor, está ordenado na tua côrte que nenhuma cousa que mandasses se revogasse; por onde é justo, que Oliveiros alcance a mercê que lhe mandaste pedir. Carlos Magno lhe disse : — Galalão, tu tens muito más entranhas, como te tenho dito outras vezes; e pelo que me dizes, deixarei ir Oliveiros á batalha: porém se morrer n'ella, tu e toda a tua parentella o hãode pagar com a vida.

Quando Carlos Magno viu que não podia negar a licença a Oliveiros lhe disse : — Oliveiros amigo, roga a Deus que pela sua infinita misericordia te dê graça para sahir com victoria e te deixe voltar com saúde diante de meus olhos. E lhe deu uma luva que Oliveiros recebeu com grande alegria; e se despediu do imperador e dos mais cavalheiros, e se foi para batalha.

Capitulo VI

Como o duque Regner rogou a Carlos Magno que não deixasse sahir seu filho Oliveiros á batalha.

Quando o duque Regner soube que seu filho Oliveiros queria ir á batalha, temendo a sua morte porque estava ferido e doente, se pôz diante do imperador e com abundancia de lagrimas lhe disse : — Senhor, peço-te pelo amor de Deus que tenhas piedade de meu filho e de mim ; pois não tenho outro com quem n'esta minha velhice me console e se morrer na batalha tambem eu não terei mais vida. E se isto, senhor, não te move a piedade, movam-te as muitas feridas que tem pelas quaes está incapaz de peleijar, nem ainda para sustentar as proprias armas. E assim, senhor, nem serás vingado do feroz gigante, nem meu filho evitará a morte, nem eu ficarei com vida.

Carlos Magno lhe respondeu : — Duque amigo, eu já não posso revogar a mercê que teu filho Oliveiros me pedio e eu lhe concedi e lhe dei a minha luva em signal de licença : mas espero no Omnipotente Deus que o veremos voltar victorioso.

Vista a resolução do imperador se voltou Regner para seu filho e misturando algumas titubiantes

palavras com muitas lagrimas lhe deu a sua benção. E assim se partio Oliveiros em busca do gigante Ferabraz; sahindo todos a vel-o admirados, tanto porque estava muito ferido, quanto porque gostavam de o ver armado por ser muito airoso cavalheiro.

Capitulo VII

Como Oliveiros fallou a Ferabraz, e como este o desprezou

Chegando Oliveiros ao logar aonde estava Ferabraz o achou deitado á sombra de uma arvore e dormindo; e depois de o ver muito bem o chamou dizendo-lhe : — Levanta-te, Turco infiel, e toma as tuas armas e monta a cavallo e vem peleijar; e pois que tanto tens fallado e blasphemado quero ver se és tão grande nos teus feitos e valentias como és na fama e corpulencia.

Ferabraz levantou a cabeça e vendo um só cavalheiro não fez caso d'elle e se tornou a deitar. Tornou Oliveiros a chamal-o e Ferabraz lhe perguntou quem era, pois tão simplesmente vinha morrer. Oliveiros lhe disse : — Turco, levanta-te e toma as tuas armas e monta a cavallo e vem peleijar, porque já não é acção de cavalheiro estar estendido no chão vendo diante o seu inimigo. Dizes que venho buscar a morte? O certo é que será a tua como brevemente experimentarás.

Assentou-se então Ferabraz e disse : — Ainda que és muito pequeno de corpo, fallas muito ousado e atrevido. Porém se queres tomar o meu conselho e viver mais dilatada vida vai-te embora. Porém se profias a peleijar commigo é necessario primeiro que digas quem és e o sangue de onde procedes.

Respondeu Oliveiros: — Tu não podes saber meu nome em quanto eu não souber o teu, e não me pareces, nas tuas acções tal qual mostravas ser nos teus ameaços contra o nobre imperador Carlos Magno, o qual me mandou aqui para que desse o fim a teus dias ou deixasse os teus falsos idolos feitos por mãos de homens sem entendimento nem virtude e crêsses na Santissima Trindade, Padre, Filho, e Espirito Santo, Tres Pessoas e um só Deus verdadeiro e poderoso; e que creador do céo e da terra e que seu filho Jesus Christo para salvar e remir o genero humano, nasceu da Virgem Nossa Senhora; e quando isto creias firmemente, mediante o santo baptismo, poderás alcançar a gloria eterna.

Ferabraz lhe disse: — Quem quer que tu sejas, fallas com muita liberdade e presumpção; e porque conheças a tua loucura e atrevimento te quero dizer quem sou. Eu sou Ferabraz, rei de Alexandria, filho do almirante Balão; e sou aquelle que destruí Roma, matei o apostolado e levei todas as reliquias pelas quaes vós outros os christãos tendes recebido grandes trabalhos: e possúo a Jerusalem e o sepulchro onde foi posto vosso Deus.

Oliveiros lhe respondeu: — Ferabraz, tenho tido grande contentamento de saber quem és e assim te digo que agora tenho maior desejo da batalha; porque tenho já por certo ganhar a victoria. Levanta-te e vem depressa para a peleija que pelas armas se ha de acabar o nosso pleito e não por palavras.

Disse então Ferabraz: — Christão, rogo-te que me digas que homens são Carlos Magno, Roldão, e Oliveiros, porque os tenho ouvido nomear muitas vezes nas partes da Turquia. Respondeu Oliveiros: — Turco, sabe que Carlos Magno é poderoso senhor e muito valente pela sua pessoa e homem de grande conselho, sagacidade e prudencia,

assim nos regimentos do governo do reino como das facturas da guerra. E levanta-te se não queres que te offenda assim deitado como estás, e arrepender-te-has quando já não tiveres remedio. Ferabraz lhe disse : — Dize-me, cavalheiro, como não mandou Carlos Magno a esta batalha a Roldão ou Oliveiros, de quem tantas proezas tenho ouvido? Ou porque não manda tres ou quatro dos doze pares, senão a ti só ? Oliveiros lhe respondeu :— Roldão nunca fez conta de um só Turco, por mais nomeado que fosse, e sómente por te desprezar não quiz vir á batalha : porém se tu vieras acompanhado, ainda que fôra com todo o teu exercito, elle só te viera receber e então verias quem era.

Disse Ferabraz : — E tu em que offendeste a Carlos Magno ? Pois assim te enviou aqui como quem manda um cordeiro ao carniceiro. Eu te juro pelos deuses em que creio, que pelo teu bom modo tenho lastima da tua mocidade. E assim toma o meu conselho; vai-te outra vez para Carlos Magno, e dize-lhe que me mande seis dos doze Pares, que juro pelo poder dos meus deuses de os esperar e dar a batalha. Oliveiros lhe disse : — Turco, não te cances nem gastes o tempo com tanta pratica; porque, se não te levantas para peleijar, faço juramento á ordem de cavalheiro, que ainda que seja feio, que te hei de ferir e fazer levantar por força ainda que não queiras.

Disse o Turco : — Dize-me o teu nome antes que me levante. Respondeu Oliveiros : — Eu me chamo Guarim, nobre fidalgo e novamente armado cavalheiro : esta é a primeira vez, que sirvo a meu senhor Carlos Magno. E pondo a lança no recto e direita ferio o cavallo com as esporas e fingindo querer ferir o gigante, do salto do cavallo se lhe abrio uma ferida que tinha na perna e sahio tanta cópia de sangue que o vio Ferabraz rebentar entre as armas ; e lhe perguntou :—D'on

de estava ferido, pois lançava tanto sangue? Oliveiros lhe disse : — Que não estava ferido e que o sangue procedia do cavallo que era duro de esporas. E vendo Ferabraz que o sangue corria pelas juntas das armas, lhe disse : — Guarim, tu não me dizes a verdade ; e não podes negar que o teu corpo está ferido ; chega-te ao meu cavallo e acharás no arção da sella dous vasos atados que estão com balsamo, que por força das armas ganhei em Jerusalem,e d'este balsamo foi o teu Deus ungido e embalsamado quando o desceram da cruz e foi posto no sepulchro ; bebe d'elle, que logo sararás de todas as feridas e ficarás com as tuas forças dobradas.

Oliveiros lhe disse : — Turco, mais abundante de palavras que de obras, não me importa a tua bebida, nem me é necessaria ; e se não te levantas logo, como a vilão estendido no chão te tirarei tanto fallar com dar-te a morte. Ferabraz respondeu : — Isso, Guarim, não é cordura nem valentia : mas eu creio que te arrependerás co'migo em batalha.

Capitulo VIII

Como Oliveiros ajudou a armar a Ferabraz, e das nove espadas maravilhosas, e como Oliveiros disse quem era.

Como Ferabraz tinha rogado a Oliveiros que deixasse a sua profia e não quizesse entrar com elle em batalha ; e vendo que Oliveiros porfiava, lhe disse : — Guarim, tu não queres senão continuar na tua porfia ; mas creio que quando me vires levantado que só da minha vista ficarás temeroso.

Oliveiros já enfadado das suas razões abaixou a lança e fez ameaço para lhe dar, dizendo : — Levanta-te, villão. Então se levantou Ferabraz com grande furor e disse : — Por tua vida, Guarim, te peço que me digas, que homens são Roldão e Oliveiros e a estatura de seus corpos? Oliveiros lhe respondeu : — Oliveiros é da minha grandeza, nem mais nem menos, Roldão quanto ao corpo é algum tanto menor, mas em coração e valor da sua pessoa não tem igual em todo o mundo.

Disse então Ferabraz : — Pela fé que devo a Apollim e Tavalgante, meus muito amados e veneraveis Deuses, que me admiro do que dizes; porque se tivera diante de mim dez mil cavalheiros como tu, não tinha por grande façanha passal-os ao fio da minha espada. — Muito fallas, disse Oliveiros; porém creio que só de mim tens medo, e por isso dilatas a batalha. Arma-te e sae logo ao campo, que nem a tua grandeza me espanta nem os teus louvores te acreditam, antes com elles ficas mais desprezado.

Então disse Ferabraz : — Guarim, eu te rogo que te queiras apear e ajudar-me a armar. Oliveiros lhe disse : — Não creias que tal faça, pois não me heide confiar de ti. Ferabraz respondeu : — Com muita segurança te pódes confiar de mim, que nunca jámais coube no meu coração vileza nem traição alguma. Saltou então Oliveiros fóra do cavallo para ajudar a armar a seu inimigo. Então lhe disse Ferabraz : — Guarim, eu te peço que sejas fidalgo no teu pelejar. N'esta acção se póde considerar estar já tocado Ferabraz do divino auxilio e que Deus o queria para seu servo. E Oliveiros lhe disse : — Eu te prometto que o serei sem duvida alguma. E assim o ajudou a armar,

Primeiramente vestio um couro cozido, por

cima uma muito formosa e boa saia de malha e logo um peito de aço; e em cima de tudo isto um arnêz muito resplandecente guarnecido de muitas pedras preciosas de grande valor. Visto a cortezia de Oliveiros, lhe rogou novamente Ferabraz que deixasse a batalha e que elle lhe offerecia toda a honra d'ella. Porém Oliveiros lhe disse : — Turco, não me tornes a fallar mais n'isso, porque te hei de levar morto ou vivo a Carlos Magno.

Então Ferabraz cingio a espada chamada plotança e tinha outras duas no arção da sella, uma chamada baptizo e outra chamada braba; as quaes eram tão bem temperadas que nenhum arnêz, por mais fino que fosse, lhe fez móssa. Estas tres espadas fizeram tres irmãos e cada um fez tres. Chamava-se um dos ditos tres irmãos Gallus, outro Munificas e outro Aufiax. Este fez as espadas chamadas baptizo, plotança e braba; e todas estas tres tinha Ferabraz. Munificas fez a espada chamada durindana que tinha Roldão, e outra chamada salvagina e outra chamada corante ; as quaes duas tinha Urgel de Danôa. Gallus fez as espadas chamadas flambergue e altaclara, as quaes tinha Oliveiros; e a outra se chamava joioza e a tinha Carlos Magno. Estes tres irmãos parece que milagrosamente fizeram estas nove espadas; pois nem antes nem depois fizeram outras tão boas e perfeitas.

E cingindo a espada, disse Oliveiros a Ferabraz que montasse a cavallo; porém elle o não quiz fazer até que não viu a Oliveiros montado; e então Ferabraz sem pôr pé no estribo, assim armado como estava, saltou ligeiramente no cavallo, e era cousa espantavel de ver a grandeza d'aquelle gigante, que posto a cavallo e armado parecia um grande monte, pois tinha quinze pés de comprido e bem fornido e forte segundo a sua grandeza; e pôz um escudo de aço pendurado ao pescoço, onde tinha esculpida a imagem do seu idolo Apollo :

e encommendando-se a elle, tomou uma grossa lança que tinha arrimada a uma arvore; e voltando para Oliveiros com um terrivel semblante e meneando a lança, como se fôra uma palha, lhe rogou novamente que se fosse embora e deixasse a batalha, dizendo que era impossivel escapar com vida.

Oliveiros então disse:— Turco, cuida este dia em ser bom cavalleiro; porque tenho esperança n'aquelle que pelo genero humano padeceu paixão e morte, de te levar morto ou vivo a Carlos Magno. E dito isto voltou Oliveiros o seu cavallo e tomou á sua vontade campo, e posta a lança no recto lhe disse que se defendesse. E vendo Ferabraz que não se escusava á batalha, fincou a lança no chão, foi para Oliveiros, e lhe pedio que lhe quizesse ouvir duas palavras, e lhe disse: — Tu és christão e tens grande confiança na ajuda de teu Deus, pelo qual te peço e pelo baptismo que recebeste, pela reverencia que deves á cruz, onde o teu Deus foi encravado; e assim tambem pela fidelidade que deves a Carlo Magno teu senhor, que me digas se és Roldão ou Oliveiros ou algum dos doze Pares? Porque a tua grande ousadia e valor me faz crer que és algum ou o mais principal d'elles : e que me digas na verdade o teu nome e linhagem d'onde procedes.

Oliveiros lhe disse :— Não sei, Turco, quem te ensinou a conjurar um christão; pois mais fortemente me não podias obrigar a dizer-te a verdade. E assim sabe que eu sou Oliveiros, filho do duque Regner e um dos doze Pares de França. Disse então Ferabraz; — Por certo que bem conheci do teu modo e bizarria, que eras outro e não o que me dizias. E pois assim é, senhor Oliveiros, sejas muito bem vindo, que se antes te conhecêra logo fizera o teu mandado; e porque vejo as tuas armas tingidas em sangue que do teu corpo sae,

has de fazer uma das duas cousas, ou retirar-te a curar das tuas feridas ou beber do balsamo que commigo trago e já te tenho offerecido, porque se beberes d'elle logo sararás ; e assim poderás pelejar e defender a tua vida e eu terei por cobardia o matar-te estando tu ferido de outros cavalleiros.

— Senhor Ferabraz de Alexandria, disse Oliveiros, agradeço-te a mercê que me fazes; mas tem por certo que não tenho necessidade, nem de me curar nem de beber o teu balsamo, e deixemos as práticas e vamos á batalha; porque essa não se escusa, salvo com condicção que deixes os teus Deuses e te baptises e creias na lei de Christo. E se isto fizeres alcançarás a vida eterna e terás por bom amigo ao imperador Carlos Magno; e eu te prometto de nunca deixar a tua companhia. Ferabraz respondeu a Oliveiros : — Não te canses; porque de nenhum modo hei de fazer o que dizes.

Capitulo IX

Como Oliveiros e Ferabraz começaram a batalha e Carlos Magno rogou a Deus por Oliveiros.

Apercebidos e postos em ordem os dous cavalleiros, rogou outra vez Ferabraz a Oliveiros que bebesse do balsamo : porém Oliveiros disse : — Ferabraz, não te quero vencer por virtude do balsamo senão com a espada e armas como cavalleiro. Dito isto, tomaram ambos campo á sua vontade e com tanta força se combateram um com o outro, que do primeiro encontro ficaram as lanças em pedaços e logo puxaram as espadas e peleijaram de tal sorte que entre elles se não conhecia vantagem, do que Ferabraz ficou muito ad-

mirado : ainda que estavam apartados a grande distancia do exercito, com tudo Carlos Magno e os mais cavalleiros os viam peleijar.

Vendo o imperador o perigo em que estava Oliveiros, entrou no seu oratorio, onde tinha um devoto Christo crucificado, e posto de joelhos com muita devoção, lhe disse : — Meu Deus e meu Senhor, cuja imagem tenho diante dos meus olhos : Eu te rogo humildemente, ainda que indigno, que queiras ajudar Oliveiros, que por augmentar a tua santissima fé está em grande perigo. N'esse tempo estavam os dois cavalleiros muito ferozes na batalha, de tal sorte que sahiam das armas centelhas de fogo : e estando já cançados se retiraram para descansar um pouco.

E tornando outra vez á sua batalha, deu Oliveiros tal golpe em Ferabraz que toda a pedraria preciosa lhe fez cahir por terra e ficou tão aturdido da pancada que perdeu as estribeiras e redea do cavallo e quasi esteve a cahir por terra. Vendo Carlos Magno e os seus cavalleiros este golpe, tiveram grande contentamento; e então lhe disse Roldão : — Oh Oliveiros, meu especial amigo e companheiro ! prouvera a Deus que estivesse eu agora em teu logar para dar brevemente fim á batalha, não porque tu não sejas sufficiente para maiores emprezas, se estivessem saradas essas graves feridas, mas receio que a falta de forças te abrevie mais depressa a morte, pois o Gigante é muito valente. Estas palavras ouvia Carlos Magno, e lhe disse : — Roldão, melhor fôra que tu fosses á batalha porque estavas com saude perfeita e não Oliveiros pois está tão perigosamente ferido : e se elle morrer na batalha nunca jamais me ha de esquecer a tua inobediencia; pois que mandando-te ir, não quizeste.

A isto não respondeu Roldão cousa alguma. Ferabraz tornando em si e cobrando os estribos e

redéas do cavallo deitando escuma pela boca e sangue pelos olhos, tirada a viseira e chamando pelos seus deuses que o ajudassem se foi para Oliveiros com a espada chamada baptizo e lhe deu tal golpe que cortando-lhe os laços ao elmo lh'o fez cahir em terra e com o mesmo golpe lhe ferio o cavallo perigosamente e resvalando a espada ferio em uma perna a Oliveiros o qual ficou d'este golpe tão atordeado que certamente cahira do cavallo se não se abraçara com o arção da sella; e então disse : — Oh meu Deus, que cruel golpe este! O' Virgem Santissima, a ti me encommendo; roga, Senhora, a teu amado filho Jesu Christo que não permitta que morra este seu cavallerio ás mãos d'este Turco.

E para descançar algum pouco tirou a viseira e quando Ferabraz o vio tão demudado, lhe disse : — Oliveiros, nobre cavalleiro, já sabes como corta a minha espada e assim toma o meu conselho, vai-te para a tua casa e cura-te das tuas feridas ; porque se porfias n'esta batalha não viverás uma hora, pois te vejo já desmaiado pelo muito sangue que tens perdido e derramado; e assim manda-me a Roldão ou a outro qualquer dos doze Pares, que eu aqui esperarei a pé firme; e isto has de fazer antes que mais experimentes as minhas forças.

Quando Oliveiros ouvio isto, todo cheio de cólera e apertada a espada na mão, lhe disse : — O' Turco, todavia tu me ameaças de dar-me a morte? Eu espero n'aquelle justo Deus que t'a darei a ti. E dizendo isto, foram logo avançando um para o outro ; e peleijaram tão fortissimamente, que subiam pelo ar as faiscas de fogo, que sahiam das suas fortes armas; sem descançar um minuto, não se distinguiam uns golpes dos outros e faziam tal estrondo que pareciam ferreiros malhando ferro.

Estava o imperador Carlos Magno, e os seus cavalleiros espantados de tão cruelissima penden-

cia : e entrando Carlos Magno no seu oratorio com perfeita fé, começou a dizer : — O' poderoso Deus, que por nós outros padeceste paixão e morte, serve-te pela tua divina mizericordia de ajudar a Oliveiros, para que não acabe a vida nas mãos de teu e seu inimigo. N'este tempo não cessavam de peleijar continuamente, de tal maneira, que Ferabraz cortou um arco de aço dourado, que tinha Oliveiros ao redor do elmo, e lhe cahiu sobre os olhos, e o golpe lhe abriu as armas e o ferio no peito.

Capitulo X

Como Oliveiros fez oração a Deus, que o guardasse e favorecesse contra o Turco.

Estando Oliveiros mal ferido e só com a esperança no soccorro de Deus, começou a exclamar d'esta maneira : — O' meu Deus e Senhor, principio, meio e fim de todas as cousas que estão sobre o firmamento ; e que com a tua propria mão formaste nosso primeiro pai Adão; e por companheira lhe deste a Eva, formada da sua casta e os collocaste no Paraiso Terreal e um só fructo lhes prohibiste e d'elle, enganados do demonio, comeram e por elle perderam o Paraiso...

E tu, Senhor, doendo-te da perdição do genero humano, baixaste ao mundo e tomaste humana carne no ventre virginal da Santissima Virgem Maria Senhora Nossa; e os tres reis vieram de longas terras a adorar-te e te offereceram as suas dadivas de ouro, incenso e myrrha, e logo el-rei Herodes imaginando matar-te, fez morrer muitos meninos innocentes e depois prégaste n'este mundo a tua santa doutrina : e os judeus invejosos te cravaram na cruz e estando n'ella te abriu Lon-

guinho com uma lança o santo peito e d'elle sahiu sangue e agua (que é figura do sacramento), e cahindo nos olhos do cego Longuinho recuperou a vista que tinha perdido, e crendo em ti se salvou e o teu santo corpo foi sepultado em um monumento de pedra, e ao terceiro dia resuscitaste, tiraste as almas dos santos padres que estavam no Limbo e no dia da tua Ascensão, á vista dos teus discipulos, subiste ao céo. Assim, Senhor, como firmemente creio isto, sem duvida nem contradicção alguma de incredulidade, te peço queiras ser em minha ajuda contra este Turco porque vencido se converta e creia em ti e entre no verdadeiro caminho da sua salvação.

Dito isto, com firme esperança em Deos, beijou a cruz da espada e se moveu para Ferabraz, o qual tinha ouvido com muita attenção tudo o que Oliveiros tinha dito ; e rindo-se, disse : — Por tua vida, Oliveiros, te peço que me declares a oração que agora disseste com tanta devoção. Oliveiros lhe disse : — Prouvera a Deos, Ferabraz, que crêsses tu no que eu disse como eu creio, e que deixasses os abusos dos teus falsos idolos, conhecesses o teu verdadeiro Creador e Redemptor, e recebesses o santo baptismo e guardasses os seus santos mandamentos.

— N'isso não falles, disse o Turco, porque os meus deuses são piedosos para quem os chama e vejo que o teu Deos não te quer ajudar em tão grande necessidade, por onde te dou de conselho, que deixes o teu Deus e te faças mouro. Oliveiros lhe disse : — Turco, simplesmente fallas em dizer-me que deixe o Creador do ceo e da terra, para adorar um falso idolo de ouro ou prata feito por mãos de homens. Isso só fazem os cegos de entendimento, aos quaes traz o demonio enganados como te traz a ti e aos teus ; e deixemos rasões, vamos á batalha.

Ferabraz lhe disse : — Todavia, tu porfias em querer morrer ás minhas mãos : pois procura defender-te, porque não terei de ti nenhuma piedade. Oliveiros lhe respondeu : — Nem eu a terei de ti, nem descansarei até dar-te a morte ou levar-te preso a Carlos Magno. E logo arremetteram um com o outro com tanta ferocidade que pareciam dois bravissimos leões, e Ferabraz deu a Oliveiros um tão grande e cruel golpe, que não podendo suspender a espada lhe feriu o cavallo na cabeça, o qual espantado da pancada largou a correr com tal furia pelo campo, que fez as redeas em pedaços, sem que Oliveiros o pudesse fazer parar. E vendo Ferabraz que Oliveiros não podia suspender o cavallo, deu de esporas ao seu e pondo-se diante o fez socegar.

Quando Oliveiros viu a Ferabraz junto a si, entendeu que o queria segurar para o ferir e saltando mui ligeiramente em terra, lhe disse : — Turco, faze o que poderes que nenhuma vantagem te conheço, ainda que estás a cavallo e eu a pé, porque sempre te hei de matar ou ferir e render. Ferabraz lhe disse : — Não creias, Oliveiros, que levante a minha espada para ferir-te emquanto estiveres a pé, porque tu não tens culpa da falta do teu cavallo e assim concerta as redeas e monta n'elle e tornaremos á batalha se quizeres, e se a queres deixar para outro dia, n'este campo te esperarei sem duvida. Oliveiros lhe respondeu : — Ferabraz, nobre cavalleiro, não ha de cessar a batalha sem a morte ou vencimento de um ou de outro.

Concertadas e dado nós nas redeas do cavallo, montou Oliveiros de salto n'elle com tanta ligeiresa que parecia que voava e voltou para a batalha: e depois que jogaram muita pancada começaram uma escaramuça rodeando-se um ao outro para melhor se ferirem. Tropeçou n'esta escaramuça o

cavallo de Ferabraz e cahiu n'uma cova, ficando Ferabraz debaixo, de tal sorte, que não podia sahir para fóra de nenhuma maneira; o que vendo Oliveiros, saltou muito ligeiramente em terra e tomando o cavallo de Ferabraz pelas redeas lh'o desviou para o não molestar, e vendo que Ferabraz se não podia levantar, o tomou pelos braços e o ajudou a erguer, e lhe disse que cavalgasse e tornasse para a batalha.

Então cavalgou Ferabraz muito ligeiramente no seu cavallo e disse a Oliveiros : — A tua bizarria e nobreza me faz, Oliveiros, perder o desejo d'esta batalha, e assim te peço por mercê que a deixes e leves a honra d'ella. Oliveiros respondeu : — De nenhuma maneira a deixarei, salvo se quizeres ir prisioneiro a Carlos Magno. E como Ferabraz não quiz tornaram outra vez a continuar na peleija e deu Ferabraz tão grande pancada em Oliveiros que lhe fez rebentar o sangue pelos narizes.

Capitulo XI

Como Oliveiros à força de armas ganhou o balsamo a Ferabraz.

Quando Ferabraz vio voltar Oliveiros com tão magnanimo coração para a batalha, lhe disse : — Oliveiros, por certo que estou admirado do teu grande valor e esforço do teu coração. Com o teu sangue tenho regado todo o campo e vejo o teu elmo e arnez despedaçados e desguarnecidos e a minha cortante espada toda tinta e o teu cavallo muito cançado pelos grandes golpes e pancadas que hoje tem recebido e eu enfadado já de te ferir e o teu forte coração nunca enfadado nem perturbado, antes está muito mais feroz e atrevido que

no principio da batalha. Muito quizera que gozasse a tua nobre mocidade; e por isso te tenho pedido muitas vezes que deixasses a batalha e de novo te rogaria, só por não encurtar os teus dias, se te visse com proposito de tomar o meu conselho; mas como vejo as tuas forças muito diminutas e os teus braços e membros muito cançados, e por outra parte vejo o teu enganado coração arder no desejo de peleijar, desprezando os golpes da minha forte espada e aborrecendo as minhas razões e praticas, attribuindo a cobardia o que é generosidade de minha pessoa, ou nobreza do meu real sangue, que me obriga a dizer-te a verdade. E assim já que tanto foges do que todos os viventes desejam, que é o viver, encommenda a tua alma ao teu Deus; porque o teu cançado corpo já não terá esforço para livrar-se do furor do meu forte braço.

Ainda não eram bem acabadas estas tão soberbas e arrogantes palavras, quando Oliveiros apertando a espada na mão e coberto com o seu escudo se foi para Ferabraz; e levantados ambos os dous valorosos cavalleiros sobre os estribos e desprezando o morrer, se deram tão terriveis golpes, que nem a fineza dos escudos nem a força de tão valentes braços poderam fazer as suas cortantes espadas não chegassem aos elmos ou capacetes de ambos, e foram tão duros os golpes e com tanta força que ambos cahiram, perdido o sentido, sobre os arções das sellas e da grande força fincaram os cavallos os joelhos no chão e duas partes dos escudos cahiram em terra; foi o golpe que deu Ferabraz de tal sorte, que resvalando a espada do elmo de Oliveiros lhe desceu aos peitos e lhe partio o arnez e todas as mais armas e ferio Oliveiros na teta esquerda.

Vendo Oliveiros sahir do seu peito tanta abundancia de sangue, disse da maneira seguinte: —

O' verdadeiro Deus todo poderoso, ouve esta tua alma já que o corpo não mereceu ser ouvido : vejam os teus clementissimos olhos este indigno servo teu que te chama na sua ultima hora. Não peço, Senhor, o vencimento da batalha, sómente te peço que esta peccadora alma, resgatada com o teu precioso sangue não perca a gloria que promettеste ás tuas fieis creaturas. O' Virgem bemdita, mãi de mizericordia, roga pelo teu cavalleiro que te chama em tão grande necessidade e ancia.

Disse isto e se cubriu com a parte do escudo que lhe tinha ficado e se foi para Ferabraz, dizendo : — Eia, cavalleiro, dêmos já fim a esta dilatada batalha e procura defender-te, que se fico no campo morto farei que te não vás gabar a povoado. Quando Ferabraz o vio tão demudado, assim na falla como na côr do rosto, lhe disse : — Oliveiros, nobre cavalleiro, muito me peza do teu mal ; chega-te depressa para mim, beberás do meu balsamo ; e cobrarás saúde e toda a força que tens perdido. Oliveiros lhe disse : — O' generoso Turco, quão grande é a tua cortezia e nobreza! Bem parecem as tuas acções com o nobilissimo sangue d'onde descendes ; mas adverte que não hei de beber do teu balsamo se com a minha espada o não ganhar.

Logo como leões ferozes se foi um para o outro, e os golpes foram taes que lançaram as armas taes faiscas, que do exercito de Carlos Magno se vio o fogo que sahia d'ellas : e Oliveiros acertou em uma perna de Ferabraz, da qual ferida lhe sahio immensidade de sangue. Vendo-se o Turco com tão grande ferida se desviou de Oliveiros um pedaço e bebeu muito depressa do balsamo e ficou sanissimo ; de que Oliveiros ficou muito triste e desconsolado ; e com grande furia deu um grande golpe em Ferabraz e cobrindo-se este com o escudo, resvalou a espada e desceu o golpe até o arção

da sella e cortou as cadêas em que estavam presos os barris do balsamo e cahiram ambos no chão; e da grandeza do golpe se espantou o cavallo de Ferabraz, e fugindo se desviou um grande pedaço de Oliveiros, tanto, que teve lugar de apear-se e beber do balsamo á sua vontade e logo se achou com saúde como se nunca houvesse estado ferido nem doente. D'isto deu Oliveiros infinitas graças a Deus, e disse entre si: — Nenhum bom cavalleiro deve peleijar com esperanças de taes bebidas. E tomou os barris e os lançou em um caudaloso rio que estava perto. (E lê-se em um livro da lingua toscana, que falla d'este Ferabraz, que nos dias de S. João apparecem os barris em cima da agua.)

Quando Ferabraz viu os seus barris perdidos, com grande raiva disse a Oliveiros: — Oh homem simples e sem juizo! Porque deitaste a perder o que com todos os thesouros do mundo se não póde comprar? Apparelha-te pois, que entendo que bem os haverás mister antes que de mim te apartes. E dizendo isto se foi para elle com grande ferocidade: mas Oliveiros, que estava já bem disposto, o esperou com o seu magnanimo coração e se deram mui grandes golpes; e um que deu Ferabraz, foi com tanto impeto, que resvalando a espada do escudo de Oliveiros lhe acertou no pescoço do cavallo e lh'o cortou cérceo, e ficou Oliveiros apeado; Ferabraz admirado de que o seu cavallo não arremettesse a Oliveiros, porque tinha este costume, e a muitos tinha d'esta maneira dado a morte.

Capitulo XII

Como os dois cavalleiros deram a batalha a pé e Carlos Magno rogou a Deus por Oliveiros.

Como Oliveiros se viu sem cavallo ficou muito triste, e disse a Ferabraz : — O' rei de Alexandria e valente cavalleiro, valerosamente te has havido hoje contra mim. Tu te gabaste que a cinco cavalleiros juntos, taes como eu, darias batalha, e me mataste o cavallo, sabendo que na ordem da cavallaria está instituido, que o cavalleiro, que em desafio mata o cavallo ao outro, deve perder o seu. — Dizes verdade, porém bem viste que eu não atirava ao teu cavallo ; mas não ficarás queixoso de mim, espera, que eu te dou o meu ; e sabe que é o melhor que ha no mundo ; e estou admirado como te não despedaçou, tanto que te viu a pé, que assim o tem feito a outros muitos cavalleiros. E logo se apeou para lh'o dar, porém Oliveiros lhe disse : — Não crêas, Ferabraz, que hei de receber de ti cousa alguma, salvo o ganhar por força de armas.

E apeados os dois cavalleiros, começaram uma mui cruel batalha : e parecia Ferabraz uma torre junto a Oliveiros, que era muito menor de corpo, ainda que não era nos golpes nem na destreza do peleijar ; e continuando na batalha, tirou Ferabraz com toda a sua força um golpe, imaginando acertar na cabeça de Oliveiros : porém elle se desviou para um lado e não se apartando do seu inimigo deu este o golpe no chão ; e antes que Ferabraz levantasse o braço lhe deu Oliveiros um grande golpe, de que ficou atordoado e sem sentidos, e com a grande força que Oliveiros poz em ferir a Ferabraz, se lhe adormeceu o braço e mão e lhe saltou

a espada fóra; e coberto bem com a parte do escudo que lhe tinha ficado se abaixou para a tomar: porém o Turco que estava perto e já alliviado, lhe deu a seu salvo tal golpe, que a pequena parte do escudo que tinha lh'o fez em pedaços, e ficou Oliveiros sem escudo, sem espada e o braço atormentado do golpe.

Tudo isto viu Guarim seu escudeiro que estava em uma alta torre vendo a batalha, e tanto que viu seu senhor sem armas, com muito grande choro e lagrimas entrou aonde estava Carlos Magno, e com grandes vozes disse: — Que via a Oliveiros, seu amo, sem armas e o Turco bem armado procurando dar-lhe a morte. E, ouvindo isto Carlos Magno e Regner, pai de Oliveiros, e os mais cavalleiros que estavam todos juntos, ficaram com muito sentimento, e logo Roldão tomando o seu escudo e espada, e posto de joelhos diante de Carlos Magno lhe pediu licença para ir soccorrer a Oliveiros: porém o imperador o não quiz consentir, dizendo: — Que seria estranho entre os cavalleiros; porque só por um fôra desafiado.

Entrou logo o imperador no seu oratorio, e posto de joelhos diante de Jesu Christo crucificado e derramando infinitas lagrimas rogou a Deus pelo seu cavalleiro, dizendo: — Senhor, pela tua infinita misericordia te peço que ajudes e favoreças a Oliveiros que pela tua santa fé está em grande perigo. E fez grandes votos e promessas a Deus. Acabada a oração ouviu uma suavissima voz que disse: — Carlos Magno, não te afflijas pelo teu cavalleiro que ainda que seja tarde ha de ganhar a victoria. Ouvindo o imperador tão soberano annuncio, deu a Deus louvores infinitos e com grande alegria sahiu para fóra e contou tudo a Regner, pai de Oliveiros, que estava com grande tristeza e sentimento por seu filho.

Quando Ferabraz viu a Oliveiros sem espada e sem escudo e que não ousava baixar-se a tomar a sua espada, lhe disse: — O' nobre Oliveiros, cavalleiro de grande honra, por certo que tenho alcançado alguma cousa do que desejava sobre ti e tu não imaginavas; e assim bem te podes já dar por vencido, porque estás sem espada e não te atreves a tomal-a. E pela tua grande nobreza e bizarria, quero fazer um partido comtigo para que te possas lograr-te da tua mocidade. E é, que promettas deixar a tua lei e adores os meus Deuses e lhes peças perdão dos muito damnos que tens feito aos Turcos; e d'esta maneira poderás evitar a morte e casar-te-hei com minha irmã Floripes, que é a mais formosa dama que ha em toda a Turquia; se isto fizeres, antes de um anno voltaremos com um grande exercito e ganharemos todo o reino de França, e te farei coroar rei d'ella; e depois entraremos por toda a Allemanha e tudo o que ganharmos será teu; e das terras que eu possúo te darei uma grande parte.

Oliveiros respondeu: — Turco, debalde fallas, pois, ainda que me desses todos os reinos, e thesouros do mundo, não faria cousa alguma do que me dizes; antes consentira que me despedaçassem todo o corpo, membro por membro, pedaço por pedaço, do que discrepar nem fugir um só ponto da lei do meu Deus e meu Senhor Jesu Christo. Ferabraz lhe disse: — Juro pelo poder dos meus Deuses, que és o mais obstinado homem do mundo, pois que nenhum perigo nem trabalho te hão feito mudar o proposito, nem afrouxar o coração, e assim te podes gabar que nunca homem algum durou tanto tempo diante de mim, nem em alguma batalha fui tão combatido e cansado como n'esta tenho sido; e pelo teu grande valor quero usar d'esta cortezia comtigo. E é, que tomes a tua espada e com ella tornes a batalha que eu deixarei o es-

cudo para que fiquemos ambos iguaes nas armas.

Oliveiros respondeu : — Nobre Turco, não posso negar a tua cortezia e grande nobreza, mas por tudo quanto ha no mundo nunca tal farei, porque o meu proposito é acabar a batalha e esta não terá fim sem a morte de um de nós ou de ambos juntos; se por cortezia eu tomasse a minha espada e com ella alcançasse victoria ou poder sobre ti; como te poderia negar a paz ou tregoa se m'a pedisses ? E assim faze tudo o que poderes contra mim, porque a minha vida ou morte deixo nas mãos de meu Redemptor e Deus omnipotente, por cuja graça espero resgatar a minha espada.

— Por certo, Oliveiros, disse Ferabraz, que és demasiadamente teimoso; porém depressa verás a tua destruição, e que o teu Deus te não poderá livrar das minhas mãos e assim verás frustado o teu pensamento.

Capitulo XIII

Como Oliveiros ganhou uma das espadas de Ferabraz e com ella o venceu.

Quando Ferabraz viu que Oliveiros não quiz tomar a sua espada, o teve por grande loucura e coberto do seu escudo se foi para elle com grande furor : tinha Oliveiros sómente para se defender um pedaço do escudo na mão sem outra arma alguma, e como viu que Ferabraz levantou o braço para o ferir, atirou-lhe com o pedaço do escudo á cara, quebrando-lhe a viseira, de cuja pancada deu Ferabraz um grande grito, do qual se espantou o seu cavallo e deu um salto para junto de Oliveiros, e voltando este para o cavallo viu que tinha duas espadas penduradas do arção da sella

e lançou a mão a uma que se chamava baptizo, e voltando para o turco, lhe disse : — Ferabraz de Alexandria, guarda-te agora de mim que estou provido de boa espada.

Quando Ferabraz lhe viu a sua espada na mão, lhe disse : — O' minha boa e admiravel espada, muito tempo ha que te possúo e estimo ; e agora me peza muito de te perder! E disse a Oliveiros: — Cavalleiro, toma a tua espada e deixa-me a minha e prosigamos a nossa batalha. Oliveiros lhe respondeu : — Por certo, cavalleiro, que não deixarei a tua espada até que veja se é tão boa como tu dizes, e por isso te apparelha e vem para a batalha, porque já desejo ver a bondade d'ella.

Dizendo isto, se foram um para o outro com coração intrepido, e Oliveiros deu tal golpe a Ferabraz que lhe fez fincar os joelhos no chão e conheceu Oliveiros que aquella espada era muito melhor que a sua; e abençoou o mestre que a tinha feito.

Levantando-se Ferabraz e tornando para Oliveiros foram os seus golpes taes que em pouco tempo se acharam quasi desarmados.

Tiradas as viseiras para descansar, teve Oliveiros logar de ver a cara a Ferabraz, e vendo-o algum tanto demudado, disse: — Oh todo poderoso Deus! que grande bem lograria a christandade se este infiel se fizesse christão; porque elle, Roldão e eu fariamos tremer toda a Turquia! O' Virgem mãe de Deus, pede a teu bento filho que inspire no coração d'este Turco, que deixados os seus idolos venha a conhecer o seu creador e siga o verdadeiro caminho da sua salvação. Ferabraz lhe disse : — Oliveiros, deixa já estas razões, vê se queres dar fim a esta batalha ou se a queres deixar. Oliveiros lhe respondeu : — Agora o verás. E como ferozes leões se começaram de novo a combater e Oliveiros deu tal golpe a Fera-

braz que lhe desarmou todo o hombro esquerdo até o cotovelo : e Ferabraz lhe metteu a espada d'elle no elmo até á carne e lhes foi forçoso desviar-se um do outro.

Conhecendo Oliveiros que Ferabraz estava já temeroso e receava entrar á batalha, por ter as armas destruidas do grande golpe, com dobrado coração se chegou a elle e levantando o braço e espada lhe disse: — Nobre Turco, chega para mim e daremos fim á nossa contenda e verás que já não terão os teus Deuses poder para se livrar dos meus golpes. Ferabraz lhe respondeu : — Agora verás se o teu Deus tem poder. E deram-se mui grandes golpes ; e andando-se peleijando, viu Oliveiros que Ferabraz sempre levantava o braço esquerdo porque não o ferisse no hombro desarmado; e viu que junto da ilharga lhe faltava uma peça do arnez, e levantando a espada fez apparencia de lhe tirar um talho ao hombro, e como o Turco levantou o braço lhe tirou Oliveiros um revez e voltando o corpo o feriu na ilharga desar mada.

Capitulo XIV

Como Ferabraz foi vencido e se converteu e como Oliveiros teve uma grande batalha com os turcos.

Ferabraz como se viu com tão cruel e quasi mortal ferida e que não podia resistir contra Oliveiros, illuminado da graça do Espirito Sancto, conheceu o erro dos Turcos ; e posta a mão esquerda sobre a ferida, disse a Oliveiros : — O' nobre cavalheiro e de mui grande valor, por honra do teu Deus, o qual confesso ser verdadeiro e omnipotente, te rogo que não me deixes morrer sem que

primeiro receba o santo baptismo e depois faze de mim quanto quizeres, pois me venceste em muito leal batalha; e se pela tua falta ou negligencia morrer pagão, ser-te-ha pedida estreita conta diante de Deus : e pois que tanto mostravas o grande desejo de ver-me christão, cuida muito na minha vida e cura-me esta ferida que bem vês que me estou esgotando em sangue; e se não, morrerei diante de teus olhos e será minha alma perdida.

Teve Oliveiros tanto pezar, como contentamento de ver a Ferabraz convertido, que com o grande gosto lhe rebentaram as lagrimas pelos olhos e com grande amor lhe curou a ferida o melhor que pôde. Então disse Ferabraz : — Oliveiros, convém muito para que a minha alma se salve que montes no meu cavallo e me ajudes para subir ás ancas ou atravessado sobre o pescoço, e me leves para terra de christãos para que receba o santo baptismo : e assim é necessario que seja logo e com brevidade, porque se te detiveres algum tempo temo que não tenhas poder para valer-te a ti nem menos, para levar aonde tanto desejo ir; porque esta manhã deixei dez mil turcos emboscados detraz d'esse monte e vendo-me vencido sahirão todos contra ti para eu ser resgatado; o que já não quero senão viver na fé de Jesu Christo.

Quando Oliveiros ouvio isto teve grande pena, tanto pelo desejo de ver christão a Ferabraz quanto pelo perigo da sua vida. E logo saltou mui depressa no cavallo e poz a Ferabraz no pescoço do mesmo junto do arção da sella. Ferabraz lhe disse : — Oliveiros, agora tens quatro espadas que valem quatro cidades. E assim se pozeram a caminho.

Olhando Oliveiros para o monte onde Ferabraz tinha deixado a sua gente, viu um espia que ia

á redea solta avisar a gente que estava emboscada. E logo sahiu um cavalleiro armado com todas as armas e uma grossa lança na mão direita, e o vinham seguindo os soldados, dando grandes vozes e alaridos. Vendo Oliveiros tão grande tumulto teve grande sentimento por não ter tempo para poder pôr a Ferabraz, porque queria ser catholico; e n'esta confusão e labyrinto disse Oliveiros : — Senhor Ferabraz, perdoa-me : mas bem vês que é preciso que te apeies do cavallo; porque se escusa haver batalha com os Turcos que ahi vem á redea solta contra mim, talvez imaginando que te levo por força violentado.

Respondeu Ferabraz : — Oh nobre Oliveiros e mais valente cavalleiro, que jámais vestiu armas! Tu me ganhastes em justa batalha com a força do teu animoso coração e agora me queres deixar? Adverte que a honra se ganha em acabar bem as cousas; e se me deixas agora, nenhum louvor mereces do teu passado trabalho. Respondeu Oliveiros : — Ferabraz, dizes bem e fallaste como grande cavalleiro : por isso te prometto de te não deixar em quanto puder menear a espada.

Ferabraz lhe disse : — Senhor Oliveiros, as tuas armas estão muito despedaçadas e por isso apartemo-nos do caminho um pedaço e tomarás d'estas minhas o que faltar para ficares bem armado. E desviando-se da estrada, poz Oliveiros a Ferabraz junto a uma arvore, e tomou o seu elmo e outras armas que o acabaram de armar e se despedio d'elle com muitas lagrimas.

Voltando para o caminho por onde os Turcos vinham, viu vir um muito dianteiro, que foi o primeiro que tinha saido do monte, estando Oliveiros sem lança esperou o seu inimigo que com uma grande lança vinha para elle; e chegando um para o outro imaginou o Turco feril-o a seu salvo; porém Oliveiros desviando-o corpo se chegou a elle

e lhe deu tal golpe que ficou o Turco sem sentidos e quasi cahindo do cavallo abaixo; e pegando-lhe Oliveiros por um braço lhe tirou o elmo ou capacete da cabeça e lhe deu tal pancada com a maçã da espada que lhe fez saltar os miolos fóra, e lhe tomou a lança e se foi para os mais Turcos, e n'elles fez tal estrago que parecia um raio do céo; e os Turcos perderam de tal sorte o animo que fugiram para o almirante Balão e lhe contaram não só o succedido a elles mas tambem como seu filho Ferabraz estava captivo em poder dos Christãos.

Ouvindo o almirante Balão tão triste nova, logo em continente mandou cincoenta mil Turcos de cavallo contra Oliveiros, os quaes em breve tempo o cercaram, porém foi tanta a mortandade que n'elles fez que se não lhe matassem o cavallo e despedaçassem as armas é certo que nenhum ficava vivo, salvo os que fugissem; que tanto ajuda Deus a quem do coração peleja pela sua Santa Fé.

Capitulo X

Como Oliveiros foi preso, e tapados os olhos foi levado á presença do almirante Balão.

Achando-se só Oliveiros e a pé entre tanta quantidade de Turcos e sem esperança de viver nem de soccorro de Carlos Magno, por não ser sabedor de tal successo, andava entre elles como lobo raivoso, matando, derrubando, cortando pernas e braços, abrindo cabeças, despedaçando elmos e desguarnecendo arnezes, de sorte que todos os Turcos estavam admirados dos seus fortes golpes; porém acudio tanta quantidade de Turcos, que estando já cansado e a maior parte do seu

corpo ferido o derrubaram no chão e lhe ataram as mãos atraz, e tapando-lhe os olhos o montaram em uma azemola e o levaram ao almirante com toda a pressa.

Vendo-se Oliveiros tão mal tratado e sem esperança alguma de soccorro, disse : — O' Carlos Magno muito nobre imperador, onde estás agora? O certo é que não sabes a grande necessidade e aperto em que está o teu leal cavalleiro Oliveiros. O' nobre Roldão, desperta se acaso dormes, cheguem aos teus ouvidos os meus infortunios e se acaso tem já chegado a ti a noticia, porque tardas tanto com o soccorro ? Adverte que me levam aonde sem temor do teu auxilio me podem dar vituperiosa morte.

O' Pares de França, porque vos esqueceis do vosso leal companheiro? Não sejaes preguiçosos em ajudar a quem nas mais crueis guerras e maiores affrontas nunca foi preguiçoso em ajudar-vos. O' christãos, os que nas perigosas e tyrannas batalhas muitas vezes tivestes o soccorro de Oliveiros, apressae os vossos pés e vinde soccorrer-me se já não é que a ingratidão vos detém. O' muito amado e estimado páe, quanto melhor fôra não me ter gerado pois em galardão do ser e criação que te devo te darei com o pezar e sentimento do meu miseravel e funesto fim mais apressada morte. O' lastimosa velhice! bem creio que não terás mais vida que em quanto chega a teus ouvidos a noticia da minha desastrada morte, e só, meu páe, te fica uma consolação, e é que com a minha morte te livrarás de muitos sobresaltos que te podia dar com a minha vida.

Sempre amado e querido páe dos meus olhos, allivio da minha vida e objecto unico do meu coração, cada vez que me vias armado te tremiam as carnes com o temor da minha morte; e principalmente, quando sahi á batalha com o nobre Fera-

braz, pelo muito amor que me tinhas. Mais consolação terias se eu acabasse a vida na batalha de tão nobilissimo cavalleiro do que nas mãos de tão vil canalha; porque atados os pés e as mãos e tapados os olhos me levam ao degolladouro.

O' muito justo e misericordioso Deos: serve-te de consolar o meu velho páe, que hoje perde um só filho que tinha, e de guardar a teu servo e convertido Ferabraz; e assim dar-me paciencia n'esta tão affrontosa morte, porque a minha alma vá lograr da eterna gloria que para os teus fieis tens apparelhado.

Era o ruido da gente tão grande e estrondoso, que o sentiam os christãos; e Carlos Magno receiando o perigo de Oliveiros sahio com mui pouca gente e não muito bem armada, e chegando ao campo onde se ouviu o ruido começaram a peleijar e deram tão cruel batalha, que em breve tempo morreram tres mil Turcos; porém accudio tão grande numero d'elles que chegando a noite se acharam os christãos cercados e muitos mortos e foram presos e maltratados quatro dos Doze Pares.

Quando Roldão vio que sua pouca gente estava sem fórma nem ordem alguma e mettida entre tão grande numero de infieis, começou a juntal-a, não sabendo da prisão dos quatro cavalleiros; mas quando vio que lhe fallavam, poz em boa ordem os christãos e elle diante e foram em seguimento dos Turcos, que já hiam fugindo á redea solta com a preza de cinco cavalleiros dos Doze Pares que levavam; e foi tal a matança que fizeram nos Turcos que corriam regatos de sangue pelo campo e os christãos que seguiam a Roldão não podiam passar adiante por lh'o impedir a grande quantidade de corpos mortos e de tal sorte que lhes impedio o poder alcançar os cavalleiros prisioneiros que levavam os Turcos diante com toda a pressa e á

redea estendida. Recolhida a gente por Roldão, se tornaram para o campo onde tinham começado a batalha; e assim não menos cansados do que tristes pela falta dos seus cavalleiros estiveram até amanhecer.

Capitulo XVI

Como Ferabraz foi achado no campo, e como o imperador Carlos Magno o fez baptizar e curar as suas feridas.

Chegada a manhã, mandou Carlos Magno que fossem buscar todos os christãos que se achassem mortos no campo e que fossem enterrados com toda a honra devida aos que créem na Fé de Christo; e quando viu o numero dos mortos chorou amargosamente, como tambem pelos seus cavalleiros que estavam presos em poder do almirante, e mandou que todos os feridos fossem curados. Feito isto, mandou a Roldão que passasse mostra a toda a gente e mandasse armar a todos de tudo o necessario e que o seguissem; e assim andavam os christãos pelo campo desarmando os mortos para amar vivos e tomando os cavallos que andavam soltos.

Andando n'essa diligencia acharam a Ferabraz junto de uma arvore, onde o tinha deixado Oliveiros, o qual pelo muito sangue que tinha derramado estava quasi morto; e alentando-se quanto pôde, dizia: — O' Jesus e consolação dos afflictos, não permittas que assim acabe este convertido Turco. — E os christãos com muito grande piedade o levaram aonde estava Carlos Magno, o qual logo mandou que lhe curassem as feridas, e depois que tomou algum alento, lhe disse Carlos Magno:

— O' nobre Ferabraz, quanto me tem custado a tua vinda! Por ti tenho perdido cinco nobres cavalleiros, que cada um d'elles é melhor que tu. — Ferabraz lhe respondeu : — Senhor, em quanto são christãos conheço que são melhores que eu; porém no mais não e em nenhuma cousa lhes devo a primazia, senão ao nobre Oliveiros de quem sou prisioneiro. Eu sou filho do almirante Balão e sou coroado rei de Alexandria e de outras muitas provincias; tudo hei por bem deixar só para ser christão e servir o verdadeiro Deus. —

D'isto tiveram todos grande contentamento, e Carlos Magno lhe disse : — Ferabraz amigo, eu tenho muita alegria com essa tua resolução de quereres com tanto affecto e de todo o coração, como mostras, abraçar a lei de Nosso Senhor Jesus Christo; e assim eu e meu sobrinho Roldão e Regner pai de Oliveiros seremos teus padrinhos: e pois que já estás livre e sem perigo das tuas feridas, vai para Mormionda, onde nos esperarás, que eu quero ir seguindo a batalha e buscar os meus cavalleiros. — Ferabraz então pondo-se de joelhos lhe quiz beijar a mão, e Carlos Magno o não consentio, antes o abraçou e levantou nos seus braços; e estiveram um grande espaço de tempo fallando do que havia passado com Oliveiros e louvando-lhe o seu valor e nobreza.

Querendo pois Carlos Magno proseguir a batalha, lhe disse Ferabraz : — Senhor agora não é tempo para esta empreza, pois tens pouca gente e esta muito cansada; e meu pai tem a esta hora avisado toda a Turquia para vir á campanha e por isso melhor te seria tornar para terra de christãos e fazer provimento de gente e então poderás fazer o que intentas. — A todos os cavalleiros pareceu bem este conselho e tambem a Carlos Magno; e assim se voltaram para Mormionda, onde foi baptisado Ferabraz pelo arcebispo Turpim, e foram

padrinhos Carlos Magno, D. Roldão e o duque Regner.

Capitulo XVII

Como Oliveiros com os seus companheiros foram levados á presença do almirante Balão.

Foram levados os cinco cavalleiros com as mãos atadas e Oliveiros tambem com os olhos tapados, diante do almirante Balão, o qual perguntou a Burlantes, seu capitão, que os trazia presos, qual d'aquelles era o que tinha vencido a seu filho Ferabraz? Burlantes lhe respondeu : — Senhor, é este que traz os olhos tapados e é entre os cavalleiros christãos muito estimado ; e sabe que elle só, antes que o prendessem, matou mais de tres mil Turcos. As suas forças e animo não as ha em todo o mundo ; e se acaso se soltasse era capaz de destruir metade do teu exercito. —

Perguntou o almirante a Oliveiros quem era e como se chamava? Respondeu Oliveiros : — Senhor, eu me chamo Egino, pobre cavalleiro aventureiro, e somos todos cinco da provincia de Lorena, e viemos servir o imperador Carlos Magno só pelo soldo : e é a primeira vez, que entramos em batalha. — Oh Mafoma! (disse o almirante) que cuidei que tinha cinco cavalleiros dos principaes de França e que teria por elles uma chave do reino! — E logo chamou a seu camarista Barbaças e lhe disse : — Faze com que estes presos sejam levados ao campo despidos e nús em carne e seja atado cada um a seu páo e se lhes dê cruel morte. — Disse então o seu capitão Burlantes : — Senhor, já é tarde para fazer esta justiça, e os teus varões e cavalleiros não estão na côrte ; ámanhã

estarão todos presentes que gostarão de ver a sua vil morte : e além d'isto senhor, devemos tomar primeiro conselho, se será melhor enviar embaixada ao imperador Carlos Magno para ver se quer dar teu filho Ferabraz em troco d'estes cinco ca valleiros. — Teve o conselho por bom e mandou chamar a Brutamonte, seu carcereiro e lhe entregou os cavalleiros para que os tivesse presos a bom recato, sob pena de morte.

Capitulo XVIII

Como os cinco cavalheiros foram presos em um carcere, e como foram visitados por Floripes, filha do almirante Balão, e de sua grande formosura.

Tanto que o carcereiro teve os presos na sua mão, temendo que lhe fugissem, os não quiz metter onde tinha os outros presos e assim os metteu em uma horrenda e escura torre, onde havia immensidade de bichos peçonhentos, e os deitou abaixo por uma escada de mão, e depois tirada a escada os fechou com um alçapão de ferro com tres cadeados mui grossos. Estava a torre junto a um braço do mar e quando enchia a maré lhe entrava a agua dentro pelos canos desaguadouros; e esta mesma noite ficaram cheios de agua até os peitos e assim padeceram grande prejuizo nas suas pessoas, e Oliveiros muito mais que os outros, porque tinha muitas feridas no seu corpo e com a agua salgada padecia gravissimas dôres, e vendo-se em tão grande afflicção, começou a dizer : — O' homem mal afortunado, sujeito a contrarias fortunas, mais te valêra não ter nascido que ver-te agora miseravelmente acabar a vida n'esta mas-

morra com tantos tormentos e sem remedio. — Isto dizia e outras palavras de grande sentimento.

Disse então Geraldo de Mondifes: — Senhor Oliveiros, não te afflijas nem entristeças, consola-te com Deos que nunca desamparou aos seus fieis, tenho n'elle confiança que ainda me hei de vingar d'esta vil canalha. — Oliveiros lhe disse: — Se eu pudera d'aqui sahir com armas, assim ferido como estou, eu poria ao almirante e á sua gente em tal aperto que lhe havia de pezar de me ter no seu reino. —

Estando os cavalheiros n'estas razões, os estava escutando Floripes, filha do almirante Balão e irmã de Ferabraz, a qual era a mais formosa dama que n'aquella terra se achava, de idade de dezoito annos muito perspicaz, advertida e sabia; branca como a neve, as faces côr de rosa fina, as sobrancelhas e pestanas negras, os olhos grandes, o nariz afilado, a boca pequena, os beiços delgados e de côr de rubim, os dentes brancos, e miudos, a barba quasi redonda com uma cova no meio, o rosto moderadamente largo, os cabellos como madeixas de ouro fino, os hombros direitos e muito eguaes, os peitos sem senão, cintura estreita e larga de cadeiras, segundo a boa proporção do seu corpo.

Trazia vestido um brial de purpura bordado com letras mouriscas de ouro, o qual lhe tinha feito uma fada ou feiticeira; e tinha tal virtude, que na casa onde estava não podia haver peçonha de qualidade alguma, e se a havia perdia logo a sua virtude venenosa; e trazia um habito á turquesca, aberto pelos lados, todo bordado de riquissimo ouro e coberto de riquissima pedraria, feito na ilha de Colcos, e tinha tão suavissimo cheiro, que só com elle podia quem o cheirasse estar dias sem comer nem beber.

Tendo esta nobilissima senhora ouvido as lastimosas queixas dos cavalleiros presos, movida de

compaixão e não menos ferida do amor do nobre Guido de Borgonha (como adiante diremos), determinou fallar com elles, para o que mandou chamar o carcereiro, e lhe disse : — Dize, Brutamonte, que homens são aquelles que em tão estreitas prisões encerraste? — Respondeu Brutamonte : — Senhora, são cavalleiros de Carlos Magno, os quaes nunca cessam de destruir a nossa lei e gente e desprezar os nossos Deuses, e entre elles está um que venceu a teu irmão Ferabraz.

Disse então a formosa Floripes : — Brutamonte, abre a porta que quero fallar com elles. — Respondeu Brutamonte : — Senhora, não é conveniente por duas cousas, que lá vás fallar-lhes : a primeira, porque o logar é muito mal cheiroso e abominavel : a segunda porque teu pai me tem mandado, pena de morte, que não deixe fallar alguem com elles. — Disse ella : — Não me repliques, abre logo a porta, que quero em todas as maneiras fallar com elles. — Brutamonte disse : — Perdôa-me, senhora, que não hei de consentir que lhes falles, salvo, fôr diante de mim, porque muita gente boa se destruiu e ainda morreu por se confiar de mulheres. —

Incendida Floripes em grande ira, disse : — Villão atrevido, abre logo a porta e ouvirás se quizeres o que eu lhes disser. — Foi-se o carcereiro todo temeroso abrir a porta, e Floripes tomou um bom bastão e o metteu debaixo do habito e chamou um escudeiro de quem se confiava muito e com elle se foi para a torre : e estando Brutamonte esperando-a, tanto que chegou, foi para abrir os cadeados do alçapão, e n'este tempo lhe deu Floripes com o bastão na cabeça tal pancada que deu com elle morto em terra; e tomando-lhe as chaves abrio o alçapão e mandou ao escudeiro que lançasse o morto d'alli abaixo, o que elle logo fez, do que ficaram os cavalleiros admirados.

Morto o carcereiro e aberto o alçapão da torre, mandou Floripes ao seu escudeiro que trouxesse uma tocha accesa; e tanto que os vio muito bem os saudou e lhes disse: — Cavalleiros, eu vos rogo pelo amor que tendes a vosso Deus que me digais a verdade do que vos quero perguntar: — Oliveiros lhe respondeu: — Senhora, pelos favores que só da tua vista temos recebido, te promettemos dizer a verdade do que nos perguntares e soubermos, ainda que nos custe o perder as vidas. — Disse Floripes: — Que favor é o que de minha vista tendes recebido, não sabendo se venho para remediar a vossa prisão ou para sentenciar-vos á morte? Respondeu Oliveiros; — Senhora, grande consolação recebe um preso sómente em ser visitado e muito mais de uma pessoa tão soberana que póde dar bastante allivio á sua pena como tu pódes: e como na presença se mostra o que está encerrado nas entranhas, esperamos que terás piedade da nossa miseria. —

— Muitas vezes se enganam os que nas apparencias se confiam (disse Floripes), porque a rosa, por formosa que seja, sempre nasce cercada de espinhos; pois se a minha vinda se soubesse é certo que vos causaria maior castigo do que tendes e assim não me quero dilatar mais n'estas práticas. Mas tu que tão ousadamente tens fallado, dize-me quem és e a linhagem d'onde procedes e tambem dos outros que comtigo estão, sem que faltes a verdade. —

Oliveiros respondeu: — Senhora, eu me chamo Oliveiros, filho do duque Regner, vassallo do imperador Carlos Magno. — Ella disse: — Tu venceste a meu irmão Ferabraz? — E elle lhe respondeu: — Sim, senhora, porém foi em muito leal batalha, e e fiz d'elle o que elle queria fazer de mim, e de sua propria vontade se fez christão; e estes cavalleiros são todos de mui nobre sangue e nos cha-

mam os Doze Pares de França. — Ella perguntou se estava alli Gui de Borgonha? — Elle disse : — Senhora, não está aqui : ficou com o imperador Carlos Magno. —

Então disse a formosa Floripes : — Cavalleiros, dais-me todos cinco a fé de fazer o que vos disser e ajudar-me para uma empreza que me é necessaria? — Respondeu Oliveiros : — Senhora, por mim e por todos estes cavalleiros que comigo estão, te dou a fé como cavalleiros de te favorecer em quanto a nós fôr possivel em tudo quanto nos mandares, com tanto, que não seja contra a nossa lei; e se fôr cousa em que seja necessario ir com as nossas pessoas, manda-nos prover de armas, que para levantar-te com o reino e lançar fóra d'elles os teus parentes não has mister mais gente que nós outros. —

Floripes lhe disse : — Como fallas assim, cavalleiro, ameaçando os que estão soltos, estando tu e os teus companheiros presos que não sabeis quando sereis soltos? Assim que, mais vale calar do que loucamente fallar. — Geraldo de Mondifer lhedisse : — Senhora, é tanto e tão grande o desejo que Oliveiros tem de servir-te que não o deixa calar.— Floripes lhe respondeu : —Muito bem sabes desculpar o teu companheiro; ficai-vos, senhores, em boa hora e não vos entristeçais que esta noite vos tirarei d'esta masmorra. — E se despediu.

Capitulo XIX

Como os cinco cavalleiros christãos foram tirados da torre por mandado de Floripes, e levados á sua camara.

Chegando a noite, se foi Floripes só com o seu escudeiro para a torre e levaram uma corda grossa

e um páu mui bem atado n'ella, e aberto o alçapão lançaram a corda abaixo, ficando o páu atravessado na bocca do alçapão para sustentar a corda, e logo a rogo de todos, subiu Oliveiros primeiro, e depois de estar em cima se pôz de joelhos diante de Floripes e lhe beijou a mão e ella o abraçou e levantou do chão com muita cordura e lhe disse : — E's tu o que estando preso em poder dos teus inimigos os ameaças? — Respondeu Oliveiros : — Senhora, eu sou o que com esperança de servir-te, tenho por grande fortuna o ter vindo a ser teu prisioneiro. — Ella então lhe deu a corda e lhe disse : — Que subisse a seus companheiros, e subidos os abraçou um e um com tanto amor, como se houvesse muito tempo que os conhecia; e tomou a Oliveiros pela mão e o escudeiro diante e se foram para a sua camara, cuja entrada era mui rica maravilha, e tinha tres escadas de ouro fino e as portas eram de marfim com prégos de finissimo ouro e lavradas á mourisca, engastadas com pedras preciosas e todas em admiravel correspondencia : o tecto da camara tinha pintado o céo com todos os planetas e no meio d'elle estava pendurada a figura de Mafoma da grandeza de um homem e toda de massiço ouro e debaixo dos pés tinha o sol e a lua e na mão direita dois dardos fazendo figura de atirar com estes aos christãos. As paredes eram todas lavradas de fino ouro e azul, e n'ellas estavam pintados todos os reis e rainhas dos mouros e turcos passados, e tudo feito com o melhor primor da arte d'aquelle tempo por ser pelos mais insignes mestres que então havia.

Tanto que os cavalleiros entraram na camara, ficaram todos admirados de tanta variedade de pinturas, riquezas e cousas preciosas e assim não se saciavam e fartavam de empregar-lhe a vista, excepto Oliveiros, que só a empregava na formosura e gostosa alegria de Floripes, e ella lhe pergun-

tou: — O que lhe parecia da camara? Oliveiros lhe respondeu: — Que a não havia visto, dando-lhe a entender que só olhava para ella e não para o lavor da camara: porém ella disfarçou e mostrou que o não entendia.

E logo foi posta uma muito rica e ostentosa mesa, e trazidas as iguarias, comeram os cavalleiros e foram servidos á mesa de cinco formosas damas ricamente vestidas e admiravelmente adornadas; e Floripes esteve ceando com elles e repartindo dos seus pratos, sentada na cabeceira da mesa em uma rica cadeira de marfim toda marchetada de ouro fino e engastada de muitas e finissimas pedras preciosas.

Depois de cearem, deram os cavalleiros infinitas graças a Deos; e Floripes lhe perguntou, que era o que diziam? Oliveiros lhe declarou a benção, dizendo que davam graças a Deos pelos bens e mercês que cada dia lhes fazia. Ella respondeu, que era bem feito. Levantada a mesa, mandou Floripes trazer um cofresinho de unicornio de grande valor, e de dentro tirou uma caixinha de oiro fino, maravilhosamente lavrada, cheia de manná que Deus mandou aos israelitas no deserto, e tirou um pouco com uma colher de oiro e o deu a Oliveiros, que estava ferido da batalha, dizendo: — Oliveiros, come isto, que não te é necessario mais medicinas para sarar das feridas e tomar forças. — Oliveiros tomou o manná com muito grande reverencia: e desde que o comeu, não só ficou sanissimo das feridas, mas sentiu tão grandes forças como se nunca estivesse enfermo e d'isto deu infinitas graças a Deus.

Logo vieram as cinco damas com cinco tochas accezas e levaram os cavalleiros para a camara a onde haviam de dormir e descançar; e Floripes se despediu d'elles, dizendo-lhes: — Senhores, perdoae que por agora não tenho outros criados,

que vos sirvam. — E Oliveiros lhe disse: — Senhora, Deos te ha de pagar este beneficio que de ti recebemos. —

Chegada a manhã, levaram as cinco damas cinco vestidos muito ricos para os cavalleiros, feitos á mourisca, e Floripes mandou a Oliveiros uma roupa de ouro e seda forrada de purpura, e tinha toda a roda e boca das mangas e pescoço bordadas com umas letras mouriscas tiradas do Alcorão, em que se encerrava toda a seita de Mafoma. Vestidos todos os cavalleiros entraram no aposento de Floripes, que estava esperando para os ver vestidos á mourisca, e a saudaram com grande reverencia, e ella os recebeu com grande alegria e lhes disse: — Vós outros, senhores cavalleiros, pareceis mui bem vestidos á mourisca. — Oliveiros respondeu: — Senhora, melhor te pareceriamos armados. — Ella lhe disse: — Cada cousa, Oliveiros, e para seu tempo, de modo que se vós outros estivesseis com inimigos, então parecerieis melhor com armas; porém agora não, porque estaes com amigos e entre damas que nunca vestiram armas nem cingiram espada. — Respondeu Oliveiros; — Senhora, pela tua grande virtude temos paz comtigo e com as tuas damas; mas não a temos com teu pae, nem com a sua gente, nem tu a tiveras se chegasse á sua noticia o que por nós outros tens obrado; pela qual razão te peço que nos mandes prover de boas armas assim como nos provestes de bons vestidos. — Floripes respondeu: — Senhor Oliveiros, descansa, porque já tenho apparelhadas as armas que são necessarias. —

E logo com uma risonha alegria lhe perguntou Floripes se sabia ler aquellas letras mouriscas que estavam na roupa. Oliveiros lhe disse que não; e Floripes lhe disse: — N'estas letras está encerrada toda a seita e lei de Mafoma; por isso não sei se te chame christão ou mouro. — Oliveiros

respondeu : — Senhora, o hahito não faz o monge, Deus sómente olha a vontade com que se fazem as cousas. — Floripes se agradou muito da resposta de Oliveiros, e depois de fallarem em varias materias, tomou Floripes a Oliveiros pela mão e as damas aos outros cavalleiros e entraram em uma formosa sala que era de Ferabraz, e de uma parte estavam com arnezes muito luzidos e riquissimamente feitos e adornados, e da outra parte estavam outros cem arnezes preparados para gigantes, e havia tambem duzentas espadas e mais duzentos punhaes muito ricos e de grande valor.

Disse-lhes então Floripes : — Eia cavalleiros, escolha cada um as armas que melhor o armarem e as tenham no seu aposento para quando lhes forem necessarias. — Deixaram então os vestidos mouriscos e com muita diligencia se armou um ao outro; e depois de armados foram todos beijar a mão a Floripes, e ella os abraçou um por um com muito amor.

Viu Oliveiros um altar, n'aquella sala, tão alto, que mal o podia alcançar um homem com a mão, o qual tinha um idolo, ou para melhor dizer, diabo, a quem todos se encommendavam quando se armavam cavalleiros : e tomando uma lança na mão, saltou assim armado muito ligeiramente de um salto sobre o altar; e depois descendo deu uma pequena carreira para uma parte da sala e n'ella fincou a lança com tal força que a quebrou em muitos pedaços. Vendo Floripes esta ligeireza e força, voltou para as damas e lhes disse : — Por certo que estes cavalleiros são capazes para mui grandes proezas, e já me não admiro do muito medo que meu pae tem d'elles. —

Dando Floripes parte do seu grande contentamento de ter tão valerosos cavalleiros christãos á sua ordem, a uma aia sua já velha e que tinha estado já presa em terra de christãos, e por isto

conhecia muito bem aos cavalleiros e os nomeava pelos seus nomes; depois que a velha ouviu o que Floripes lhe disse, lhe respondeu: — Senhora, trata de ordenar algum modo com que os tornes a metter na prisão e se não adverte que não hei de calar tão grande traição; porque estes são muito inimigos de teu pae e dos nossos Deoses e perseguidores da nossa lei.

Teve Floripes tão grande pezar do maldito conselho da velha que logo desejou despedaçal-a, porém para o fazer mais a seu salvo e sem estrondo dissimulou a sua cólera com muita prudencia, e chamando-a como quem queria em segredo tomar conselho com ella, se foram para uma torre mui alta, e estando ambas sós fez chegar a velha junto a uma janella, e tanto que a viu descuidada a deitou d'ella abaixo, e disse: — Vae-te, maldita velha. — E logo desceu para baixo e veiu para onde estavam os cavalleiros e as damas, as quaes lhes disseram que a sua aia tinha caido na rua e ficára morta. E Floripes por dissimular chorou muito e juntamente as damas, mandando que a enterrassem com grande pompa.

Chegada a hora de comer, foi posta a mesa, e n'ella manjares em grande abundancia, e assentada Floripes na sua cadeira e os cavalleiros nos seus logares, comeram e conversaram em varias materias, assim tocantes aos mouros como aos christãos; e levantada a mesa e dadas as graças a Deos pelos cavalleiros, começou a dizer-lhes Floripes d'esta maneira:

— Mui nobres cavalleiros, bem lembrados estareis que me prometteste na torre onde estaveis presos que me havieis de ajudar em tudo em que vos houvesse mister; e para isso me déste vossa fé. Sabei pois, senhores, que haverá dez annos, que estando o almirante meu pai e Ferabraz meu irmão em Roma, tive a fortuna de ver o grande

Gui de Borgonha em umas justas, e foram taes as suas proezas, que semearam e radicaram em mim um tão firme amor, que nem o tempo nem as affrontas, nem os damnos que d'elle tem recebido meu pai, tiveram jámais poder para m'o desarraigar do coração nem fazer-m'o esquecer. E pela dita causa tenho despresado muitos reis da Turquia, que me pediam para mulher e rainha. E é tanto assim, que quando meu pai ou irmão vinham das batalhas dos christãos e contavam o que com elles tinham passado, se acaso nomeavam os Doze Pares, me alegrava, e se ouvia nomear a meu senhor Gui de Borgonha me turbava e mudava a côr do rosto de tal sorte, que temia que pelo semblante me reconhecessem o meu secreto e occulto amor. E quando meu pai e a sua gente choravam a grande perda que lhes tinham feito os christãos, então me alegrava e folgava o meu captivo coração, o qual preso de amor de um só christão, desejava a victoria de toda a christandade, depresando o amor de pai, dos naturaes e da patria.

— E porque sei, senhores, que meu senhor Gui de Borgonha o ha de estimar muito, por isso tenho feito por vós outros o que tendes visto e experimentado, e d'aqui em diante farei muito mais e darei modo com que volteis para a vossa terra a vosso salvo, porque leveis minhas recommendações ao cavalleiro que está bem innocente da minha pena, e lhe direis que estou apparelhada para me fazer christã, e que lhe darei muitas reliquias que os christãos perderam, e lhe darei mais thesouros que nenhum christão lhe poderá dar. E tudo isto haveis de fazer por mim, certificando-lhe que mais sou sua do que minha; assim lhe rogae da vossa parte que me queira receber por esposa. —

Tiveram os cavalleiros muito grande contentamento do que lhes disse Floripes, e Oliveiros lhe respondeu : — Na verdade, senhora, que não po-

dias achar melhores mensageiros do que nós outros; e assim descança e dá allivio ao teu coração, pois achaste um admiravel modo para alliviar a tua pena; porque Gui de Borgonha ha de fazer tudo o que lhe pedirmos, quanto mais isto, de onde tanta honra lhe resulta. — Deixemos agora de fallar dos cinco cavalleiros e Floripes e fallemos do imperador Carlos Magno.

Capitulo XX

Como Carlos Magno mandou ao almirante Balão os outros sete Pares por embaixadores.

Estando Carlos Magno muito triste pelos seus cavalleiros e tambem Regner por seu filho Oliveiros, e temendo que o almirante os mandasse matar, não ousava fazer-lhe guerra. E assim determinou mandar-lhe uma embaixada; e para isso chamou logo a Roldão e lhe disse: — Roldão, eu quero que vás a Aguas Mortas e digas ao almirante Balão que me mande os meus cavalleiros e as santas reliquias que lá tem, se não, que não descansarei nem cessarei até deital-o fóra do reino e dar-lhe vituperiosa morte. — Roldão lhe disse: — Senhor, o teu conselho não é bom, pois sem duvida alguma procura dar-me a morte. — Carlos Magno lhe disse: — Não trates de te desculpar e escusar: porque não has de deixar de ir levar a embaixada. — Então disse Gui de Borgonha: — Senhor, adverte bem no que fazer, porque não me parece acertado que Roldão vá d'essa maneira ao almirante. — E o imperador lhe disse: — Tu tambem has de ir com elle. — Gui de Borgonha lhe respondeu: — Senhor, sim, irei, ainda que o perigo seja maior. — Disse então Ricarte: — Bom será, senhor, que

mandes a embaixada, mas manda outra gente e não os cavalleiros dos Doze Pares que queres mandar, porque se acaso te succeder algum infortunio não falte quem te sirva e te possa defender com respeito.

Disse então Carlos Magno muito agastado : — Todos fugis de ir, pois agora faço juramento a Deus de mandar todos os sete Pares que cá ficaram — Disse então o duque de Nemé : — Não creias, senhor, que algum de nós outros se negue nem fuja de levar a embaixada : porém dizemos o nosso parecer; e assim vê, não te arrependas quando já não tiveres remedio. — Carlos Magno lhe disse : — Duque de Nemé, apparelha-te que tambem has de ir com elles. — Urgel de Danôa lhe disse : — Senhor, fazes as tuas cousas com maduro conselho e não serás arrependido. — Carlos Magno lhe disse : — Apparelhai-vos todos os sete Pares porque todos haveis de ir. — E como todos o viram tão enjoado e teimoso nenhum se atreveu a dizer-lhe mais cousa alguma.

Chegada a manhã, perguntou Roldão ao imperador de que modo os mandava ir, se havia de ser armados ou não? Respondeu o imperador, que pois hiam como embaixadores, que fossem sem armas. Roldão lhe disse : — Senhor, adverte que bom é que levemos as nossas armas para o que puder acontecer, porque me parece que as haveremos mister. — Carlos Magno lhe respondeu : — Ide todos e ide como quizerdes com tanto que deixeis a embaixada como vos mando. —

Voltando os cavalleiros para os seus aposentos, se armaram de todas as armas e montados a cavallo tornaram a vir á presença de Carlos Magno e lhe disse o duque de Nemé : — Muito poderoso imperador, aqui estão todos os teus sete cavalleiros para dar cumprimento ao que nos mandas. E te pedimos que nos digas o que havemos de dizer

ao almirante n'esta embaixada, que sem discrepar um ponto o faremos. —

Respondeu Carlos Magno : — Meus muitos amados e estimados cavalleiros : a Deus encommendo muito e lhe peço de todo o coração, que pelos merecimentos de sua Sacratissima Paixão vos livre de todos os perigos e tormentos assim como livrou o profeta Jonas no ventre da Balêa. Direis, meus cavalleiros, ao almirante Balão, que logo me mande os meus cavalleiros e as Santas Reliquias que tem em seu poder e tomou aos christãos e que se baptize ; e que se isto fizer, que lhe prometto que possúa e logre todos os seus reinos em boa paz e quietação e me terá por amigo e sempre prompto para defender e ajudar contra todos seus inimigos ; e que não querendo fazer o que digo, que tenho feito juramento de o lançar fóra dos seus reinos e dar-lhe virtuperiosa morte. — Disse Gui de Borgonha : — Poderoso imperador, nós outros levaremos a embaixada ao almirante e lhe diremos tudo quanto nos manda dizer, ainda que por essa causa soubessemos que haviamos de perder as nossas vidas. — E pondo-se todos de joelhos lhe beijaram a mão e se despediram.

Despedidos todos, voltaram para o exercito que estava no campo e se despediram de todos os cavalleiros que os estavam vendo : e fallando por todos o duque de Nemé, lhe disse : — Muito nobillissimos cavalleiros, já sabeis que o imperador Carlos Magno nos manda ir com embaixada ao almirente Balão, e como temos a nossa vida por duvidosa e não sabemos o que será de nós outros, vos pedimos geralmente perdão de alguns aggravos que vos tenhamos feito ; e assim tambem vos perdoamos os que nos tiverdes feito, e tudo para que Deos nos perdôe a todos pela sua infinita misericordia. — E assim se despediram uns dos outros encommendando-se a Nosso Senhor Jesus Christo.

Capitulo XXI

De como o almirante Balão mandou quinze reis a Carlos Magno por embaixadores, para que lhe désse a seu filho Ferabraz, e como os sete cavalleiros os encontraram no caminho e mataram quatorze.

Grande sentimento tinha o almirante Balão pelo captiveiro de seu filho Ferabraz, e entendendo que Carlos Magno lh'o mandaria em troco dos cinco cavalleiros que tinha presos, com tudo não se determinava mandar-lh'o pedir; porém como viu a dilação considerou que o imperador tal não faria, tanto pelo seu capricho como porque Ferabraz era um rei, e os cavalleiros não seriam dos Dozes Pares, se resolveu mandar-lhe embaixada. Para isso mandou vir quinze reis turcos seus feudatarios e lhes disse : — Que fossem a Mormionda, onde estava o imperador Carlos Magno, e que dissessem da sua parte, que sem dilação alguma lhe mandasse seu filho Ferabraz e que em troca lhe mandaria os cinco cavalleiros que látinha captivos e presos: e que entre elles estava o que vencera a seu filho Ferebraz : e que não lh'o mandando que muito brevemente o iria buscar com duzentos mil homens de guerra : e que não descansaria até o não deitar fóra do seu reino vergonhosamente e dar-lhe cruel e vergonhosa morte. —

Muradas, um dos quinze reis, lhe disse : — Mui poderoso senhor, a nós não nos convém ameaçar a Carlos Magno diante dos seus cavalleiros, porque são homens muito valentes e não hão de soffrer os nossos ameaços ; mas sómente lhe dire-

mos que te envie a teu filho Ferabraz que tu lhe darás os cinco cavalleiros. — O almirante disse: — O' cobarde, porque não has de dizer o que te mando? — Respondeu outro rei: — Senhor, não só o que mandas senão ainda muito mais diremos e se acaso acharmos alguns christãos pelo caminho nós lhes faremos tal serviço que os outros nos tenham medo.

Armados os quinze reis com muitas e riquissimas armas todas cobertas de fino oiro e ricas pedras preciosas e montados em poderosos e soberbos cavallos se partiram para onde estava o imperador Carlos Magno. Passada a ponte de Montible, espaço de uma legua, vinham tratando entre si o modo como haviam de dar a embaixada; e chegando a um alto viram vir os sete cavalleiros christãos, embaixadores de Carlos Magno: e disseram entre si: — Estes christãos buscam sem duvida alguns Turcos para captivos.— Disse um dos reis turcos: — Veremos se são christãos e se o forem os havemos de levar presos ao nosso almirante. —

Os sete cavalleiros christãos, tanto que viram os quinze reis turcos, ficaram muito receiosos de que atraz d'elles viria algum poderoso exercito e os houvesse alguma grande emboscada: e assim disse Roldão: — Senhores, esperae aqui um pouco que quero ver que gente é esta, porque me parecem homens muito principaes e se pudermos passar sem peleijar será melhor, para assim fazermos com mais brevidade a nossa embaixada. —

Ficaram os seis cavalleiros quietos n'aquelle logar, e Roldão se adiantou, e como o rei Muradas o vio só pôz a lança no recto e se foi para Roldão fazendo signaes de querer peleijar. Roldão como o viu fazer semelhante acção levantou a mão como que queria fallar com elles; e deixando-o chegar lhe perguntaram os quinze reis: — Quem eram os sete e que buscavam em terra de

Turquia? — Roldão lhes respondeu: — Somos embaixadores de Carlos Magno e levamos embaixada ao almirante Balão. — Disse então Muradas: — Vós outros sois ladrões e vindes espiando os caminhos e roubando, e agora dizeis que sois embaixadores de Carlos Magno e que levaes embaixada ao almirante Balão; e assim é necessario que logo deixeis as armas e atadas as mãos nas sellas dos vossos cavallos vos levemos ao almirante; e se acaso trazeis embaixada elle vos ouvirá. —

Disse Roldão: — Senhor, eu vos daria as minhas armas de boa vontade, mas os outros senhores meus companheiros não quererão dar as suas porque são homens muito caprichosos e de muito valor e estimação. — Muradas disse: — Ainda que vós outros fosseis os Doze Pares havieis de largar as armas ou morrer de má morte. — Roldão lhe respondeu: — Se vos damos as armas não podereis segurar as nossas vidas. — E um dos reis turcos disse. — As vidas vos asseguramos nós por agora, mas sempre haveis de ir da maneira que vos dissemos, presos, á presença do almirante Balão, o qual vos mandará metter em uma escura torre onde tem outros cinco cavalleiros de Carlos Magno, e depois fará de vós outros o que lhe parecer.

Roldão lhe disse: — Quem sois vós outros que tão ricas e lucidas armas trazeis? — Responderam elles: — Somos vassallos do poderoso almirante Balão e somos reis coroados. — Disse então Roldão: — Se vós outros tivesseis juizo irieis pedir perdão ao grande e poderoso imperador Carlos Magno e prestar-lhe homenagem, porque elle vos faria grandes mercês, pois é mais nobre e mais poderoso que o vosso Balão, e deixae os vossos idolos que vos trazem enganados: e se não quizerdes ir por vontade eu vos levarei por

força; e preparae-vos logo para peleijar porque não vos hão de aproveitar as vossas luzidas armas nem dourados elmos.

Dito isto, logo Roldão se cobriu com o seu escudo, e pôz a lança no recto e investiu com Muradas, que era o mais soberbo, e encontrando-se ambos, com a furia da batalha, quebrou Muradas a sua lança no escudo de Roldão e este lhe metteu a lança pela viseira e deu com elle morto em terra, e ficando-lhe a lança inteira se foi para outro e lh'a metteu pelos peitos e o matou; e mettendo a mão á espada peleijou com tanto valor que antes de chegarem os seus companheiros a soccorrel-o, matou seis reis turcos.

Chegados que foram os seis companheiros de Roldão começaram uma tão cruel batalha que parecia que se acabava o mundo; e Gui de Borgonha disse: — Senhor Roldão, não passes adiante que eu quero rodear e cercar estes Turcos de sorte que nenhum d'elles nos escape. — Ouvindo isto um dos reis turcos, deixou logo os mais reis seus companheiros na peleija e começou a fugir á redea solta pelo caminho por onde tinha vindo; vendo-o fugir Ricarte de Normandia foi em seu seguimento, e vendo o Turco que o seguiam se desviou do caminho por onde tinha vindo, e se metteu por umas montanhas, e perdendo-o Ricarte de vista se voltou para os seus companheiros, os quaes já tinham matado os quatorze reis, e disse Roldão: — Estes já nos não hão de fazer mal; mas só me receio d'aquelle que fugiu que poderá ser causa de que nós outros não tornemos a ver Carlos Magno nem a nossos amigos e parentes; pois que não podemos deixar de ir dar a embaixada que Carlos Magno nos manda. — Disse então Gui de Borgonha: — Senhores, retiremo-nos do caminho e descansaremos e tambem os nossos cavallos: lá determinaremos o que havemos de fazer.

Apartados do caminho foram repousar em um verde e ameno prado onde deitaram os cavallos a pastar, e assentados para descansar, disse o duque de Nemé, que era o mais velho : — Senhores, a mim me parece que voltemos para a nossa patria e presença do imperador ; porque elle não nos ha de culpar, contando-lhe nós o que tem succedido : e para maior certeza levaremos todas as cabeças dos mortos. Disse Roldão : — Senhor duque, se não queremos perder a honra, que com tantos trabalhos temos ganhado, convém muito que levemos a embaixada ; porque ainda que Carlos Magno com a nossa retirada tenha grande contentamento do que temos feito, com tudo não ficará satisfeito da sua embaixada, e ainda que o ficasse e nós outros para com elle sem culpa, poderemos ser culpados dos outros, que dirão que nos mandaram fazer uma cousa e nós fizemos outra : e quem póde evitar que digam que nos mettemos em um perigo pequeno por evitarmos e fugirmos de outro maior, dizendo que não sabem se os mortos são muitos ou poucos e se o matámos nós outros ou os achámos mortos. E deixando estes inconvenientes e reparando em sermos quem somos, me parece que vámos dar a embaixada. —

A todos pareceram bem estas rasões e lhe disseram : — Que se fizesse tudo na forma que dizia. —E Roldão respondeu : — Para que os nossos feitos sejam heroicos e mereçam ser louvados, é necessario fazer o que nos mandam ; e assim queria que levassemos todas as quatorze cabeças d'estes Turcos ao almirante e lhe diremos que eram salteadores e ladrões que nos queriam roubar. — E todos uniformemente disseram : — Que assim se fizesse. — E d'esta sorte continuaram o seu caminho para dar a embaixada ao almirante.

Capitulo XXII

Da ponte de Mantible e tributo que n'ella se pagava, e como os cavalleiros christãos passaram sem pagar e do que n'ella aconteceu.

Tendo já os sete cavalleiros chegado á ponte de Mantible, disse Urgel de Danôa: — Senhores, este é o peior passo que ha em toda esta terra, porque o rio é muito caudaloso e não póde vadear; e por força se ha de passar pela ponte e esta é muito forte e grande, pois tem trinta arcos de pedra marmore e duas torres da mesma pedra muito bem lavradas, e cada uma tem sua ponte levadiça com quatro cadêas de ferro muito grossas: é governador d'ella um espantavel gigante, que continuamente está armado de todas as armas e tem tres mil Turcos de guarnição. Porém do que toca ao tributo não fallo, pois não tenho tenção de lh'o pagar. Mas digo isto para que nos resolvamos ao modo que havemos de ter para sairmos bem d'esta empreza e continuarmos a nossa jornada. —

Disse Roldão: — Senhores, parece-me que ganharemos a ponte d'esta sorte: e é, que eu irei diante e direi que somos embaixadores e levamos embaixada ao almirante Balão. E se o gigante disser que não podemos passar, ou pelo tributo ou por outra qualquer cousa, então lhe direi que abra a porta para que eu lhe diga a embaixada e elle a mande ao almirante seu senhor. E se abrir a porta e eu puzer só um pé dentro eu vos prometto, senhores, que abro caminho por onde entremos. —

Respondeu o duque de Nemé: — Senhor Roldão, não é conveniente dar um golpe para receber

outro, porque as cousas para serem perfeitas não hão de ser perigosas : e assim eu tomarei por minha conta esta empreza e farei que todos passemos sem batalha. — Roldão lhe disse : que fizesse o que entendesse. Então rogou o duque a todos que estivessem socegados e não se movessem; e assim lhe prometteram todos fazer.

Chegou logo o duque á porta da ponte e batendo chamou pelo gigante; e acudindo-lhe abriu a porta e lhe perguntou quem era e que buscava n'aquelle paiz? Respondeu o duque : — Somos mensageiros do imperador Carlos Magno e levamos presentes, que ahi vem atraz, ao almirante Balão. — Respondeu o gigante : — Vós outros haveis de pagar o tributo que se costuma n'esta ponte ou haveis de perder as vidas. — Disse o duque : — Pois dize o que te havemos de dar, porque não temos duvida dar-t'o logo. — Respondeu o gigante : — Pelo poder dos meus deoses que não é pouco o que has de pagar; porque has de dar trinta pares de cães de caça, cem falcões e cem cavallos ajaezados, e por cada pé de cavallo um marco de ouro fino; este é o tributo que ha de pagar cada um christão que quizer passar por esta ponte. E quando não tenha com que pagar, lhe ha de ser cortada a cabeça e ficar pendurada nas suas amêas. — O duque lhe disse : — Tudo isso trazemos sem faltar cousa alguma, e trazemos mais os presentes que levamos ao almirante, que tudo ahi vem atraz e brevemente chegará : porque nós vimos diante, para fazermos promptas pousadas. — O gigante, cuidando que assim era, lhes abriu todas as portas da ponte e os deixou passar livremente.

Roldão, que tinha ouvido a astucia do duque, não podia suster riso : e indo passando a ponte, estava um Turco todo admirado de vêr os cavalleiros, e Roldão se apeou, chegou a elle e lhe pegou pela

cintura e o lançou da ponte abaixo. Então lhe disse o duque : — Senhor Roldão, Deos nos quer fazer mercê de passarmos esta ponte sem batalha, e tu, senhor, a não queres acceitar, antes nos queres pôr em precipicio de nos perdermos. — Roldão lhe disse : — Senhor duque, entende que se eu imaginára que o gigante me havia de abrir a porta como a abriu a ti, nunca eu havia de buscar modo para passar, antes havia de peleijar com elle e ver se era feroz nos feitos como na grandeza do corpo; porque então, ganhando nós a ponte, tiveramos a retirada mais segura; mas se Deos fôr servido que voltêmos para a nossa patria, prometto que com Durindana lhe hei de pagar o tributo que nos pede ou a cabeça para pendurar nas amêas, com lhe cortar a sua.

Capitulo XXIII

Como os sete cavalleiros chegaram diante do almirante Balão e como lhe deram a embaixada.

Chegados os sete cavalleiros a Aguas-Mortas, onde estava o almirante Balão, se puzeram em boa ordem e assim formados chegaram ao palacio e disseram ao almirante que lhe queriam fallar da parte do muito soberano imperador Carlos Magno. Tanto que o almirante soube que Carlos Magno lhe mandava embaixada ficou muito alegre, entendendo que lhe mandaria pedir os cinco cavalleiros em troco de seu filho Ferabraz. E porque era já tarde, mandou ao seu mestre-sala que lhes désse boa pousada e os provesse de todo o necessario e pela manhã os trouxesse a palacio para darem a sua embaixada ; o mestre-sala assim o fez; e de-

pois de cearem, deu a cada um sua camara com uma cama ricamente adornada.

Sendo pela meia noite chegou o rei que tinha escapado e fugido das mãos dos cavalleiros, e entrando no palacio não parou senão na camara do almirante, o qual estava deitado, e quando viu que dos quinze reis que tinha mandado, não voltou mais que só um ficou admirado e confuso e lhe perguntou pelos quatorze companheiros. E o rei lhe disse :

— Muito poderoso senhor, tu mandaste quinze reis por embaixadores a Carlos Magno, e no caminho encontrámos sete cavalleiros e nos disseram que traziam embaixada da parte do imperador seu amo. E parecendo-nos que seriam salteadores que roubavam nas estradas a teus vassallos os quizemos trazer presos á tua presença; mas elles foram tão valorosos que mataram em bem pouco tempo os quatorze reis teus vassallos, sem que nenhum dos christãos morresse nem fosse ferido, nem ainda caisse do cavallo. E eu com a ligeireza do meu, escapei, tomando differentes veredas e caminhos, porque me seguiram, porém não me alcançaram; e assim livre de me fazerem o mesmo que fizeram aos meus companheiros : os quaes cavalleiros são os que esta noite chegaram á tua côrte; e assim se te quizeres vingar d'elles, tens agora boa occasião e muito legitima causa para os fazeres morrer morte affrontosa. —

Quando o almirante ouviu tão tristes e lamantaveis novas ficou com a pena tão enojado e melancolico, que lhe rebentava o coração no corpo; e d'esta sorte começou a almadiçoar-se e aos seus deoses com grandes alaridos e vozes. Ouvindo o estrondo que o almirante fazia entrou acudindo o mestre-sala e lhe disse: — Senhor, não te afflijas nem te queixes tão demasiadamente dos teus deoses; porque ainda que permittissem que pelos

teus grandes peccados morressem os teus reis cavalleiros, com tudo são tão favoraveis e amigos teus que trouxeram a teu poder os matadores para te vingares d'elles, e assim deves dar-lhe repetidas graças por tão grande beneficio e alegra-te e descansa, que amanhã os trarei a todos presos e seguros para d'elles fazeres o que quizeres. —

Então disse o rei que tinha escapado : — Senhor, já que estão em teu poder, faze que não sejam senhores das suas armas; porque se o forem e virem que os querem prender não poderá com elles todo o teu exercito. E quizera que não te pezára a ti tanto da sua vinda como a mim de os ter encontrado na jornada. — Disse então o mestre-sala : — Senhores, não vos dê isso cuidado, deixai-me essa diligencia e cargo, que eu os trarei amanhã seguros; ainda que fossem um cento. —

Despedidos o rei e o metre-sala do almirante se foram ambos para a casa do fidalgo onde estavam os sete cavalleiros christãos aposentados, e lhe contaram tudo quanto tinha acontecido ; e assim determinaram e resolveram tomar-lhes as armas, como fizeram, porque como estavam dormindo e apartados uns dos outros, por estar cada um em seu aposento, lhes ficou facil a empreza e os fecharam á chave.

Chegada a manhã foi o mestre-sala e o rei com tres mil Turcos armados de todas as armas e prenderam a um por um e lhes ataram as mãos atraz muito fortemente e os levaram ao almirante Balão, o qual depois de lhes dizer muitas palavras injuriosas com varios ameaços, lhes perguntou : — Porque tinham matado aos reis seus embaixadores ? — Roldão lhes respondeu : — Os que matamos não eram reis nos seus feitos, por quanto dizendo-lhes nós que vinhamos trazer-te a embaixada, não obstante isto, determinaram matar-

nos ou prender-nos. E por isso fizemos o mesmo que elles nos queriam fazer. E assim ficaram quatorze mortos no campo e te trazemos as cabeças para que certificando-te de tudo o que se passou segures o caminho aos embaixadores. —

Disse o almirante : — Que demonio vos trouxe ou mandou entrar nos meus reinos ? — E Roldão lhe disse : — Aquelle mesmo que te ha de lançar fóra d'elles é o que nos mandou; e principalmente se não fizeres o que te manda dizer : e este é o muito poderoso imperador Carlos Magno : e te manda que te baptizes e que lhe mandes os seus cavalleiros e as Santas Reliquias que estão em teu poder. E que se isto fizeres sempre o terás por amigo e te ajudará contra todos os que te quizerem offender, e se o não fizeres, jura expulsar-te fóra dos teus reinos e dominios e fazer-te morrer vituperiosamente : e esta é a embaixada que te trazemos; agora dá-nos a resposta. —

Respondeu o almirante : — Atrevidamente tens feito a tua embaixada, mas te prometto que não has de voltar com a resposta : porque, antes que hoje jante vos hei de ver a todos feitos em quartos e tambem os outros cinco que cá tenho até agora guardados por me parecer que por meu filho Ferabraz faria algum troco. — Ricarte de Normandia lhe disse : — Teu filho tem mais entendimento do que tu, pois se baptisou, do que está muito contente e satisfeito : e crê em Deos Todo Poderoso e nas tres Pessoas da Santissima Trindade e deixou de todo o coração os abusos e parvoices dos teus idolos : e por todas as riquezas do mundo não ha de para cá tornar nem deixar ao grande Carlos Magno, seu senhor. —

O almirante conhecendo a Ricarte, lhe disse : — Muito folgo e estimo, que estejas aqui para que pagues a morte que déste ao nobre cavalleiro Corsubel, meu irmão. — E Gui de Borgonha lhe

disse : — Muitos cavalleiros teus temos morto nós outros os que aqui estamos, ainda que poucos; mas não estavam presos nem desarmados, nem com as mãos atadas, como nós aqui estamos, senão em muito leal batalha, porque estares tu ameaçando-nos da sorte que aqui estamos, mais é fraqueza e vileza do teu animo do que valor. E se o queres experimentar, manda-nos soltar e dar as nossas armas e cavallos e verás que depressa destruimos todo o teu exercito, ainda que seja muito poderoso : e então tomarás de nós a vingança que desejas.

O almirante lhe perguntou como se chamava? Elle disse : — Eu sou Gui de Borgonha. Respondeu o almirante : — Tambem tu pagarás o que contra mim fizeste em Roma, e será a tua morte escarmento para que outros não sejam tão atrevidos como tu foste. E logo mandou chamar dois conselheiros, um chamado Brulante e outro Sortibão e lhes perguntou o que havia de fazer d'aquelles christãos.

Responderam os conselheiros : — Que fossem arrastados por cavallos e depois feitos em quartos e postos pelos caminhos e as cabeças nas portas da cidade ; e depois ir cercar a Carlos Magno, porque sem muito trabalho o havia de prender : por quanto aquelles cavalleiros eram os Doze Pares e os que o defendiam e atemorisavam toda a Turquia; e assim ganharemos, senhor, todo o reino de França. Este é o nosso parecer. — Respondeu então o almirante : — Que lhe parecia bem o seu conselho e assim se puzesse em execução. Mandou logo o almirante buscar os cinco cavalleiros que tinha na torre, para em todos juntos se fazer justiça na fórma que tinham votado os conselheiros.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE R.F.

Capitulo XXIV

Como por conselho de Floripes foram os sete cavalleiros postos com os cinco e como lhes mostrou as Santas Reliquias.

Estava Floripes escutando toda a contenda que seu pai tinha com os sete cavalleiros christãos; e quando ouviu que mandava vir os cinco, foi com toda a pressa á sua camara e mandou que se armassem com todas as armas e deu a cada um uma archa, dizendo que com ellas poderiam fazer maior damno no placio do que com as lanças, e lhes disse d'esta maneira:

— Muito nobres cavalleiros, agora se offerece o tempo em que pagueis os beneficios que de mim tendes recebido; e fazendo o que vos digo guardareis as vossas vidas e de vossos sete companheiros, Pares de França, os quaes estão com as mãos atadas e os pés presos com grandes cadêas, no palacio de meu pai, sentenciados á morte e vós outros com elles, para o que vos quer mandar buscar; porém eu vou agora estar com o almimirante meu pai e fazer diligencia para vêr se os posso trazer para a vossa companhia, e quando não possa e ouvirdes as minhas vozes não sejais preguiçosos em acudir e não useis piedade e misericordia com algum Turco.

Feita a dita pratica se foi logo Floripes para onde estava seu pai com dissimulada alegria, fingindo que tinha grande desejo de vêr a morte dos cavalleiros christãos; e posta diante d'elle, lhe perguntou: — Senhor, dizei-me, que homens são estes que aqui estão atados e presos com cadêas? O pai lhe respondeu: — Amada e que-

rida filha, estes são vassallos do imperador Carlos Magno e são aquelles de quem tanto damno temos recebido e a muitos parentes e amigos nossos e cavalleiros de grande valor tem dado a morte ; e assim mando que assim estes como os cinco que estão na torre sejam arrastados e feitos em quartos. — Floripes lhe disse : — Senhor, não só isso merecem senão ainda muito mais, e assim bom é que lhes mandes dar outra mais penosa morte, para que seja escarmento para outros. E isto, senhor, melhor é que se faça depois que tiveres comido, porque se se fizer antes não poderás comer á tua hora costumada, e assim te póde fazer muito damno, porque isto é já tarde ; assim rogo-te que m'os entregues para eu os guardar, que eu te darei conta d'elles e t'os entregarei quando os mandares buscar para o supplicio ; porque assim em todos elles quero vingar as injurias de meu irmão Ferabraz.

O almirante lhe disse : — Minha filha, muito bem me parece o vosso conselho e ahi vol-os entrego. — Logo Floripes disse ao seu escudeiro que os levasse aonde estavam os outros cinco : elle assim o fez. Sortibão, que estava presente, não lhe pareceu bem o conselho de Floripes e assim disse ao almirante : — Senhor, adverte e traze á memoria as grandes desgraças que tens ouvido e visto que tem succedido a homens muito especiaes por ter confiança em mulheres e os grandes damnos que pela sua pouca firmeza se hão causado. Vê e adverte, que o seu maior saber quando é necessario sempre lhes falta ; e de sua natureza são mudaveis e faceis em crer e ligeiras em se vingar. E assim não te cegue o amor de filha, não seja causa de alguma grande desgraça, que quando a quizeres remediar não possas. —

Quando a formosa e constante Floripes ouviu as razões de Sortibão, toda abrazada em colera e ti-

tubante a lingua, que mal lhe deixava formar as palavras por causa da crescida ira, lhe disse: — Sortibão, tu és muito atrevido e fallas como desleal e traidor e intrinsecamente maligno e por tal te julgo e assim cuidas que são os outros e bem o mostras pelas indignas e infames palavras, porque nenhum traidor imagina que ha leal em todo o mundo, e pelas tuas damnadas julgas as alhêas, como agora fazes. Porém te prometto que esse teu atrevimento não fique sem castigo. —

Dito isto, se foi atraz do escudeiro e dos presos que já estavam junto da torre: porque o escudeiro não ousou leval-os á camara onde os outros estavam por causa da muita gente que o estava vendo. Floripes chamou o escudeiro e lhe disse que trouxesse os presos para a sua camara, que ella queria ser a carcereira. E ainda que muitos a viram e ouviram não suspeitaram mal, entendendo que era pela má vontade que tinha a Sortibão.

Tanto que entraram os cavalleiros na camara de Floripes e acharam os cinco cavalleiros seus amigos bem armados de todas as armas, ficaram admirados; e Oliveiros teve grande lástima de Roldão quando o viu com uma grossa cadêa atada nos pés e outra na cintura e as mãos fortemente prezas: e assim tambem dos mais companheiros; e logo foram todos brevemente soltos e se abraçaram com grande amor uns aos outros. E Floripes os andava vendo a um e um com muito sentido para ver se conhecia a Gui de Borgonha a quem ella muito amava.

Reconhecendo Oliveiros a causa da diligencia de Floripes, desejando dar-lhe a conhecer a quem ella buscava, disse: — Senhor Gui de Borgonha, que te parece do nosso carcere e do nosso carcereiro? — Gui de Borgonha lhe respondeu: — Senhor Oliveiros, digo-te que ainda que o carcere fôra o peior de todo o mundo, não tivera pena alguma de

estar n'elle toda a minha vida preso, só por lograr a graça e perfeição de tão soberano carcereiro; porque então só me julgaria ditoso.— Então lhe disse Oliveiros : — Pois a ti e á senhora Floripes damos as graças, porque conhecendo que n'isto te agradava nos tirou a todos do mais terrivel carcere do mundo e nos pôz n'este logar onde temos recebido immensos beneficios. —

Floripes toda abrazada em incendios de um heroico e licito amor, todo dirigido para fazer a Deos um grande serviço, e coberta de doces lagrimas, nascidas do grande prazer que no seu coração sentia, toda amante e vergonhosa, propriedade de honestas donzellas, fluctuando em uma e outra cousa, venceu o amor a vergonha ; e com uma soberana modestia abraçou a Gui de Borgonha, e lhe deu um doce beijo no hombro, como era costume entre os Turcos. Gui de Borgonha reconhecendo a soberania de Floripes, se pôz de joelhos com muita reverencia para lhe beijar a mão, o que ella não quiz consentir, antes lançando-lhe uma mão ao pescoço e outra á barba, o fez levantar da terra : E assim ficou Gui de Borgonha admirado do tanto amor, quanto experimentou na formosa donzella.

Roldão, que tambem estava suspenso, lhe disse : — Bem creio, senhor Gui de Borgonha, que não receberias castigo algum se n'este carcere toda a vida estivesses preso, antes n'elle lograrias toda a liberdade e descanso. — Gui de Borgonha lhe respondeu : — Senhor Roldão, mais receio eu a sahida d'este carcere do que temi a entrada se me houver de apartar do carcereiro. Floripes que estava com muita attenção ouvindo os amorosos colloquios de seu querido amante Gui de Borgonha, lhe disse com um riso muito alegre : — Senhores, deixemos essa prática para quando tivermos melhor e mais opportuna occasião : e agora tratemos

do que a todos nós outros muito nos convém. —

Tomou logo Floripes a Gui de Borgonha pela mão e disse aos mais cavalleiros, que estavam desarmados, que a seguissem, e que os cinco que estavam armados se ficassem. E assim levou a todos sete á camara das armas e lhes disse que se armassem com brevidade e ella armou a Gui de Borgonha ; e depois de muito bem armados os tornou a trazer para onde estavam os cinco cavalleiros e os mandou sentar a todos e ella tambem se sentou chegada a Gui de Borgonha, e lhes disse da maneira seguinte :

— Muito nobres e esclarecidos cavalleiros ; já que a vossa fortuna e a minha dita vos trouxe a tempo que tivesseis necessidade das minhas pequenas e mulherís forças, e porque tenho feito proposito firme, esquecendo-me dos meus Deoses e do amor de meu pai, de salvar vossas vidas, ainda que por essa causa eu perdesse a minha, me atrevo pedir-vos a todos uma mercê e ao senhor Roldão primeiramente : E é pedir-vos a fé de me ajudar e favorecer em que vos houver mister. — Roldão lhe disse : — Muito virtuosa e nobre senhora, nunca fui ingrato a nenhuma pessoa do mundo e menos o serei a ti de quem temos recebido todos nós outros tão grandes mercês e beneficios. E assim manda-nos o quo quizeres no teu serviço, com tanto, que não seja cousa em que vamos contra a nossa Santa Fé e Lei de Christo; e então experimentarás o grande affecto com que te servimos e o grande amor com que te tratamos. —

Floripes se levantou em pé e lhe rendeu as graças e voltando para Gui de Borgonha, lhe disse : — E tu que dizes, senhor Gui de Borgonha? — E elle lhe respondeu : — Senhora, eu com todos estes senhores dizemos o mesmo que o senhor D. Roldão diz. — Ella lhe disse : — Pois, senhor,

o que o meu coração mais deseja, sobre todas as cousas do mundo, é servir como legitima mulher ao senhor Gui de Borgonha; e estas são as mercês que a elle e a vós senhores, peço; e de muito boa vontade me farei christã e vos darei as Santas Reliquias que com tanto trabalho tendes buscado e vos darei todo o thesouro do almirante meu pae e outras joias de grande valor. —

Respondeu Gui de Borgonha:—Por certo, minha senhora, que não tinha tenção de casar senão pela mão de meu tio o imperador Carlos Magno, como têm feito todos os outros Pares de França; mas, porque tal senhora em todo o mundo se não acha e tambem pelas grandes mercês que da tua grandeza tenho recebido, como principalmente me dizes que serás christã, eu de boa vontade te acceito por minha legitima mulher e esposa, na forma que manda a Santa Igreja Catholica. —

D. Roldão se levantou e lhes fez dar as mãos e abraçar e lhes disse que a consummação do matrimonio seria quando ella se fizesse christã. E logo mandou Floripes ás suas damas que puzessem a mesa e trouxessem de comer e disse para os cavalleiros: — Senhores, sabei que o almirante meu pai e Sortibão tem ordenado dar-vos a morte depois que tiver comido; e porque não se effectuem os seus máos pensamentos, vos sentai a comer, assim armados para estardes promptos para o que succeder. — Elles assim o fizeram e a formosa Floripes se sentou juntou a seu esposo Gui de Borgonha.

Capitulo XXV

Como Lucafré, sobrinho do almirante, entrou na camara de Floripes e o duque de Nemé o matou.

Foram os cavalleiros muito bem servidos á mesa pelas damas, e depois de comer deram graças a Deos e se levantou a mesa e logo disse Floripes : — Senhores, meu pai ha de querer o comer e espera por mim para que eu o vá acompanhar ; e assim porque não venha alguem chamar-me e vos ache aqui, quero ir já e direi que estou indisposta e que não quero comer ; e d'esta sorte tomarei melhor as medidas para o que devemos fazer : mas antes que vá quero primeiro mostrar-vos as Santas Reliquias, porque vendo-as tenhais os corações mais contrictos e com maior devoção possais pedir soccorro ao vosso Deos, por quanto hoje o havereis bem mister. — Dito isto tirou um cofre dourado e lavrado maravilhosamente, no qual estava uma parte da corôa do nosso Salvador, um dos cravos com que foi encravado na Cruz, um panno em que foi envolto o Menino Jesus, um sapato de Nossa Senhora e uns poucos dos seus cabellos.

Tanto que os cavalleiros viram as Sagradas Reliquias se puzeram logo com muita veneração de joelhos e com muitas lagrimas pediram perdão a Deos e de todo o coroção lhe rogaram fosse servido deixal-os voltar outra vez á presença de Carlos Magno e que pudessem levar a Floripes, para que doutrinada na Santa Fé Catholica, mediante o Sacramento do Santo Baptismo entrasse no numero dos escolhidos e que tambem pudessem levar

as Santas Reliquias para terra de christãos. E se admirou muito Floripes das devotas lagrimas que os cavalleiros derramavam.

Feita a oração, disse Floripes a Gui de Borgonha que mettesse as Santas Reliquias no cofre ; porque lhe era mais licito do que a ella, por quanto não era christã. E Gui de Borgonha pediu a Roldão que as mettesse. E Roldão o pediu ao duque de Nemé, porque era mais velho e de muita ajustada vida. E depois de mettidas as Reliquias no cofre se tornou Floripes para o seu logar.

Estando os cavalleiros e a formosa Floripes n'esta occupação, chegou ao palacio do almirante um cavalleiro seu sobrinho, chamado Lucafré, o qual veiu por ver morrer os cavalleiros christãos e perguntando por elles disse o almirante : — Que sua filha os tinha em guarda até que elle jantasse. Lucafré lhe disse, que os queria ver por conhecer o cavalleiro que venceu a Ferrabraz. O almirante lhe disse que fosse e que trouxesse comsigo a Floripes para comer e depois mandaria vir os cavalleiros para os mandar justiçar.

Chegado Lucafré á porta da camara de Floripes e achando-a fechada, deu um empuxão com toda a força e lhe quebrou a fechadura ; e abriu a porta de par em par ; porém tanto que viu os cavalleiros christãos armados, teve grande pezar de ter aberto a porta e de ter entrado na camara, e da sua entrada pezou muito a Floripes : e reconhecendo isto o duque de Nemé entrou com o Turco em razões ; e lhe perguntou muitas cousas, ao que elle respondia com muito medo e querendo-se retirar, levantou o duque a mão e com o punho fechado lhe deu tão grande pancada na cabeça que deu com elle morto em terra, do que Floripes gostou muito, e lhe disse : — Por certo, senhor duque, que essa pancada não é de homem velho. — O duque lhe respondeu : — Senhora, outras

maiores verás se nos deixares sahir d'aqui. — Ella lhe disse : — Brevemente o veremos, pois assim é necessario : porém quero ir primeiro fallar a meu pai que ha de estar esperando este cavalleiro, porque lhe quer muito e tinha ordenado casal-o comigo. E vós outros, senhores, gardai a camara. —

Chegada Floripes diante de seu pae, lhe disse : — Que commesse, que ella se achava molestada por causa do atrevimento de Sortibão. E o almirante lhe perguntou por Lucafré. Ella lhe disse : — Que ficava fallando com os presos e que não esperasse por elle para comer, porque assim lh'o dissera. Disse então o almirante que lhe trouxessem o comer para fazer logo a justiça, porque já tinha a gente junta e apparelhada. E Floripes chegou a uma janella e viu grande numero de Turcos armados, assim de cavallo como de pé, do que lhe pezou muito, por lhe parecer que os cavalleiros lhes não poderiam resistir e que finalmente viriam a morrer e ella ficaria só e castigada com aspereza.

Despedida a constante Floripes de seu páe e chegada á sua camara, disse aos cavalleiros : — Senhores, vêde se vos falta alguma cousa porque logo vol-a darei. — E Gui de Borgonha respondeu : que não. Ella disse : — Pois agora é tempo opportuno para sair a peleijar.

Ouvido isto sairam logo em continente os cavalleiros da camara, e Roldão diante e entrando no palacio do almirante encontrou um rei que se chamada Corsubel e lhe abriu a cabeça até o pescoço e Oliveiros matou a Sortibão; e Gui de Borgonha matou sete cavalleiros que estavam nos corredores e outros fez saltar dos corredores abaixo e das quedas morreram : finalmente foi a batalha de tal sorte, que não ficou homem algum com vida de quantos estavam no palacio senão o

almirante, que saltou por uma janella e certamente arrebentára se não o tomassem os Turcos nos braços. E querendo os cavalleiros sair do palacio para peleijar com todo o exercito, que estava junto, Floripes o não quiz consentir porque era grande a multidão dos Turcos. E assim levaram todo o provimento que havia em palacio para a torre e n'ella se fizeram fortes.

Vendo o almirante tão impensado e repentino progresso, mandou logo cercar a torre e fez juramento aos seus Deoses de não se apartar d'ali sem primeiro fazer queimar aos cavalleiros e a Floripes. E dizia a seus cavalleiros e amigos : — Deixal-os, que ainda que o seu Deus não queira elles virão a acabar nas minhas mãos porque não têm mantimento mais que para tres dias; e além d'isto, Carlos Magno não sabe o estado em que estão para os soccorrer; e dado caso que o soubesse não poderá passar a minha forte ponte de Mantible e não tem outro caminho; e assim durarão na torre bem pouco tempo. — Foram alistados os soldados que cercavam a torre e se acharam cento e cincoenta mil e lhe deram fortissimos combates, mas não a poderam render.

Passados os tres dias e vendo o almirante que se não rendiam lhe lembrou que Floripes tinha um cinto : e logo mandou chamar um nigromantico chamado Morpim, e lhe disse : — Morpim, agora convém que mostres o teu saber, e se fizeres o que te direi serás bem premiado. — E Morpim disse : — Senhor, se isso é cousa possivel a um homem do mundo não duvides que eu o faça. — O almirante lhe disse : — Sabe que minha filha Floripes tem um cinto de grandissima virtude ; que em quanto o tiver, nem ella nem pessoa alguma que estiver na sua companhia ha de ter fome : e queria que lh'o furtasses; e se o fizeres, eu te pagarei muito bem. — Morpim lhe disse :

— Senhor, isso não é cousa de grande difficuldade, descansa, e não te afflijas que amanhã te trarei o cinto. —

Chegada a noite, chamou Morpim um demonio e lhe disse que o levasse acima da torre; o demonio assim o fez : depois de lá estar fez certos encantamentos, todos ornados para que Floripes e todos os que estavam em sua companhia dormissem; e aquella noite vigiavam a torre Gui de Borgonha, Ricarte de Normandia et Urgel de Danôa; porém sobre elles não teve poder o encantamento: mas os mais dormiam fortemente.

Entrando Morpim na camara viu a uma parte a Floripes e as suas damas e a outra parte os cavalleiros dormindo; e buscando o cinto ao redor da sua cintura chegou a Floripes que estava núa na sua cama e a descobriu, e vendo-a tão formosa, não pôde estar sem beijal-a muitas vezes; e estando n'esta contenda sonhava a honesta Floripes que um atrevido Turco a queria descompôr e deshonestar, pelo que dava grandes vozes, chamando a Gui de Borgonha que lhe acudisse ; e estava em tão grande aperto que dormindo dava com os braços para uma e outra parte, como quem se defendia : e por isso não ousou Morpim chegar mais a ella temendo que despertasse.

Sahiu Morpim da camara, acordou Floripes dando vozes e a ellas accudiram os que vigiavam, e encontraram a Morpim que hia fugindo para o telhado da torre e Gui de Borgonha lhe cortou a cabeça e tomou o corpo, lançando por uma janella na cova da torre, que estava chêa de agua : e assim se perdeu o cinto, o que Floripes sentiu muito e tambem os cavalleiros, depois que souberam a sua virtude.

Capitulo XXVI

Como os cavalleiros, Floripes e as suas damas padeceram grandes fomes e como os idolos do almirante foram derrubados e feitos pedaços.

Vendo o almirante que Morpim não vinha, ficou muito triste e sentido, tanto por causa do cinto como pelo seu mimoso feiticeiro. E logo chamou aos seus conselheiros e lhes perguntou o que devia fazer n'este caso? E elles lhe responderam : — Senhor, Morpim certamente é morto e por isso não vem; e assim convem que mandes ajuntar toda a tua gente e daremos um forte combate á torre e brevemente serás senhor de teus inimigos e lhes darás o castigo que merecem. — Mandou logo o almirante juntar duzentos mil homens de guerra e que combatessem a torre com toda a violencia, com trabucos e os mais instrumentos de guerra : o que elles logo fizeram, e durou o combate o dia inteiro, sem cessar nem um só instante, que parecia que se acabava o mundo : porém não a puderam ganhar, porque os cavalleiros christãos que a guarneciam da parte de dentro derrubaram uma parede do palacio do almirante e com as pedras se defenderam, de maneira que não se atreviam os Turcos chegar a ella; e chegando a noite mandou o almirante que não cessasse o combate; e animados os Turcos pelos seus officiaes e cabos, intentaram subir, e assim experimentaram se o podiam fazer arrimando-se á parêde; porém os Doze Pares continuaram valorosamente na defensa com lhes atirar com pedras, e assim os não deixaram chegar : e pela manhã se acharam mais de dois mil Turcos mor-

tos e muitos mais feridos e com pernas e braços quebrados.

Quando o almirante soube de tão grande mortandade e destruição dos seus soldados e viu a fortaleza com que os christãos se defendiam, começou a raivar-se e embravecer-se de sorte que lançando escuma pela boca e faiscas de fogo pelos olhos, com exorbitantes susurros e vozes, começou a amaldiçoar os seus Deoses. E um dos seus conselheiros lhe disse : — Senhor, não te apaixones tanto nem enojes aos teus Deoses que nenhuma culpa têm e poderão castigar-te gravemente : e assim manda fazer escadas que cheguem ás janellas da torre e manda apparelhar a gente com armas que os cubra : e assim subiremos sem que nos offendam as pedras; entraremos pelas janellas, os prenderemos a todos e os traremos á tua presença atados. —

Pareceu ao almirante bom conselho e logo mandou fazer cincoenta escadas e coberturas para os que subissem não serem offendidos das pedras : e arrimados á torre começaram uma cruelissima batalha, subindo os Turcos pelas escadas : e vendo Floripes que seis cavalleiros subiam por uma só escada os deixou subir até chegar á janella e com uma archa de armas deu tal pancada na cabeça de um que hia dianteiro que logo cahiu morto e juntamente cahiram os outros cinco todos no chão, de que alguns ficaram mortos e outros quasi para morrer. E vendo isto o amirante seu pai começou a arrancar as barbas e a maldiçoar a hora em que a tinha gerado : e por outra escada subiam a outra janella outros seis cavalleiro turcos, e Ricarte de Normandia tomou um cunhal de pedra mui grande e o deitou pela escada abaixo e derrubou todos os que subiam e matou muitos que estavam debaixo; e vendo os outros isto tomaram tal medo que nenhum se atreveu a subir ; e n'isto

passaram alguns dias, de maneira que faltou o provimento e dois dias estiveram os cavalleiros christãos, Floripes e suas damas sem comer.

Vendo isto Roldão, disse aos outros cavalleiros: — Senhores, parece-me, que a necessidade nos ha de agora obrigar a fazer o que antes haviamos de ter feito, por quanto nenhuma gloria ganhamos em morrer á fome encerrados n'esta torre: e assim me parece que nos preparemos para ir buscal-a, porque maior louvor teremos em morrer peleijando no campo com os nossos inimigos do que morrer de fome n'esta torre encerrados. — Pareceu a todos bem este conselho e resolveram de o fazer.

Vista esta resolução, começou a formosa Floripes e suas damas a derramar torrentes de lagrimas; temendo a morte dos cavalleiros, por ser grande a multidão dos Turcos, e assim chorando, lhes disse: — Por certo, senhores, que mui pouco faz o vosso Deos por vos outros, tendo-vos em tão grande necessidade. E assim se vós outros crêsseis nos meus Deoses, sem duvida já teriam usado de misericordia e vos dariam provimento de todo o necessario. — E Roldão lhe disse: — Senhora mostra-nos os teus Deoses que quero ver se nos provém de mantimentos ou nos trazem soccorro de França. — Ella respondeu: sim. E muito alegre, imaginando que haviam de crer n'elles, os levou por uma cova abaixo da terra e no fim d'ella acharam uma sala maravilhosamente lavrada, e no meio d'ella estava um grande theatro mui rico, no qual estavam quatro idolos da grandeza de um homem feitos de ouro fino e macisso; um se chamava Apolim, outro Tavalgante, outro Magor e outro Jupini: a sala cheirava tão suavemente que ficaram os cavalleiros admirados.

Vendo isto Gui de Borgonha, perguntou a Floripes quem tinha feito aquelles deoses. Respon-

deu Floripes, que dois ourives que eram os melhores mestres que se puderam achar. E Gui de Borgonha lhe disse : — Senhora, dize-me, quem deu a este ouro o poder que tu dizes que tem ? — Ella esteve duvidando sem responder. E Gui de Borgonha lhe disse : — Os homens, que os fizeram não eram, senhora, mortaes como nós ? — Ella respondeu que sim. E Gui de Borgonha lhe disse : — E se nós, senhora, quizessemos agora fazer outra cousa d'este ouro não poderiamos ? — Disse Floripes, que sim, poderiam. E elle lhe disse : — Logo, mais poder tem os homens que os teus Deoses. E queres ver como não tem poder algum — Tirou pela espada e deu com ella a um d'elles pela cabeça e o derrubou no chão e Roldão com uma archa de armas deu com os outros em terra e disse a Floripes : — Olha, senhora, o poder dos teus Deoses. —

O que visto por Floripes, conheceu a verdade, pois viu que os seus Deoses nada faziam, e disse : — Agora confesso que não ha outro Deos senão o dos christãos. Ao qual peço humildemente que me queira dar logar para receber o Santo Baptismo, para que a minha alma vá gosar da eterna gloria ; e lhe rogo humildemente e de todo o meu coração que queira tirar a vós outros de tão grande affronta. — Do qual arrependimento tiveram muita consolação os cavalleiros.

Capitulo XXVII

Como os cavalleiros christãos sahiram da torre e deram batalha aos Turcos que os tinham cercado e lhes tomaram a bagagem e provimento que hia para o seu exercito.

Estando os cavalleiros e Floripes n'estas razões cahiu uma dama desmaiada com fome ; e não se

achou na torre nem no palacio cousa alguma que comer para lh'o poderem dar, do que tiveram grande lástima Floripes e os cavalleiros: e assim determinaram sahir logo a dar batalha ao exercito do almirante Balão ; e Oliveiros pediu ao duque de Nemé que ficasse na torre em guarda e companhia de Floripes e das damas, e para lhes abrir a porta quando voltassem. E o duque lhe disse:— Senhor Oliveiros, ainda que sou mais velho que nenhum de vós outros, com tudo não deixarei de fazer o que devo contra os nossos inimigos : e as-assim quero tambem ir comvosco e vol-o peço por mercê — O que visto pediram ao duque de Tietri que quizesse ficar, o que elle aceitou ; e assim ficou em guarda e companhia de Floripes e das damas.

Foram logo á camara de Ferabraz e tomou cada um sua lança e se montaram nos cavallos que tinham ficado do almirante ; e quando entenderam que elle e a sua gente estavam mais descuidados sahiram de repente da torre e accommetteram com tanto impeto aos inimigos que foram parar em bem pouco tempo á tenda do almirante, matando, ferindo e derrubando cavalleiros de cavallo e de pé que não se poderam contar. E quando o almirante viu tal destroço, logo se armou com muita brevidade e tambem seu sobrinho el-rei Clarim que era muito valeroso e os mais cavalleiros com quinze mil homens de peleija. Quando Roldão os viu voltou para os seus companheiros e lhes disse: — Senhores e amigos, agora se nos offerece boa occasião de alcançarmos honra. E assim vos encommendo a boa fortuna e que não nos demandemos e observemos a ordem que até agora temos tido, para que um possa soccorrer o outro e não fique atraz algum senão assim juntos como estamos, sigamos a nossa batalha ; e Oliveiros e eu levaremos a dianteira e não se espante nenhum da

grande multidão dos Turcos, porque nos grandes apertos é que se conhecem os valerosos e bons soldados; e se vencermos estes dianteiros logo seremos senhores de todos os outros; pois estes são os mais valerosos de todos os que tem o almirante, e d'esta sorte levaremos mantimentos para Floripes, damas e os mais que estamos na torre. —

Estando n'esta pratica, chegaram os Turcos com grandes alaridos e vozes, e levava a dianteira um rei mouro muito valeroso que tinha vindo de distante terra em soccorro do almirante, e se chamamava Rapim; e vendo-o Oliveiros vir, lhe sahiu ao encontro e deu com o rei morto em terra e sahindo alguns cavalleiros seus a vingar a sua morte quebrou Oliveiros a lança no escudo de um e logo puxou a espada, e foram taes os golpes que logo matou um e os outros não se atreveram a esperar a Oliveiros e assim fugiram todos : e Roldão derrubou em breve tempo dezoito cavalleiros á vista do almirante, de que elle cobrou tanto medo que logo fugiu.

Vendo isto Gui de Borgonha, deu de esporas ao cavallo e derrubando a uma e outra parte muitos Turcos os seguiu até á tenda do almirante e peleijou com um grande numero d'elles que lhe defendiam a entrada, e os outros cavalleiros christãos fizeram grande destruição e mortandade na gente d'el-rei Clarião. Vendo Urgel de Danôa que vinham por um caminho vinte azemalas carregadas de mantimentos o disse a Roldão, o qual chamou a Oliveiros e sem advertir na falta de Gui de Borgonha se foram aonde vinham as azemalas, as quaes traziam duzentos homens de pé e trinta de cavallo na sua guarda; e querendo defendel-as em pouco tempo foi a maior parte d'elles desbaratados e mortos e ficaram os cavalleiros christãos senhores das azemalas e as levaram para a torre pelo meio do exercito do almirante.

Capitulo XXVIII

Como Gui de Borgonha foi preso.

Ficando Gui de Borgonha só no campo, e rodeado da gente d'el-rei Clarião, peleijou a maior parte da noite e derrubou a tenda do almirante em terra; e depois que lhe mataram o cavallo se achou entre tantos corpos mortos que não podia, em tropeçar, dar um só passo e estando com bastantes feridas chegou a cahir quando queria amanhecer, e como o viram cahido o prenderam e atadas as mãos o levaram á presença do almirante.

Vendo-se em poder de seus inimigos e entendendo que seria já a ultima hora da sua vida começou com esta exclamação : — Jesu Christo, verdadeiro Deos e homen, não desampares a tua convertida Floripes ; porque consolada de ti não se desvie do seu bom proposito. O' nobres cavalleiros christãos. Deus por sua infinita piedade vos livre da desgraça que a mim hoje ha succedido. — El-rei Clarião lhe disse : — Não trates christão de te queixar, vamos ao almirante e elle te mandará logo enforcar. — Gui de Borgonha lhe perguntou quem era, pois que tanto o ameaçava ? E elle lhe respondeu que era el-rei Clarião. Gui de Borgonha lhe disse : — Clarião, muito me ameaças agora que não tenho mãos porque quando as tinha nem me fallavas nem me querias ouvir : o certo é que só para os presos tens valor. —

Chegou Gui de Borgonha á presença do almirante, indo descorado, tanto por haver dois dias que não tinha comido como pelo grande trabalho da batalha ; logo mandou o almirante que lhe tirassem as armas : e como para o desarmar era

necessario desatar-lhe as mãos, foi primeiro desamarrado das pernas e lhe puzeram em cada uma grossas cadêas e o ataram a uma columna de pedra com as mesmas cadêas e depois lhe desataram as mãos e o despiram de todas as armas, e estava tal que o almirante o não conhecia, ainda que o tinha já visto muitas vezes e lhe perguntou quem era. Elle respondeu : — Não te pareça que hei de negar a verdade : eu sou Gui de Borgonha, sobrinho do imperador Carlos Magno e primo do nobre cavalleiro Roldão. —

O almirante lhe disse : — Muito tempo ha que te conheço e grandes males me tens feito e por teus amores entregou minha filha Floripes a minha torre a meus inimigos : e a mim me entregaria em teu poder se os meus Deoses me não guardassem, os quaes te trouxeram ás minhas mãos para que me vingue de ti. E dize-me quem são os companheiros que ficam na torre, que tão grande guerra me tem feito? — Gui de Borgonha lhe respondeu : — Os que estão na torre são homens muito principaes e nobilissimos cavalleiros e muito amados e estimados vassallos do imperador Carlos Magno : pelo que não duvides que has de pagar os aggravos que lhes fazes.

Ouvindo isto um Turco e vendo que o almirante se enojava levantou a mão e quiz dar uma punhalada na cara de Gui de Borgonha e reparando-a com o braço esquerdo lhe pegou com a mão direita nos cabellos e o deitou no chão e lhe pôz um pé no pescoço, e antes que lhe accudissem o afogou. Vendo o almirante esta acção, disse : — Eu creio que toda esta gente de Carlos Magno é endiabrada. Vêde todos o que fez estando preso na minha presença. —

Gui de Borgonha lhe respondeu : — Se aqui ha havido alguma desattenção e erro o teu vasallo o causou ; pois não é licito dar-me sem teu mando,

na tua presença : porém parece-me que já não ha de fazer outra descortezia e que bastantemente ficou castigado. — E assim atado a columna o tiveram sem comer até ao outro dia.

Agora fallemos de Roldão e seus companheiros, os quaes estavam na torre muito tristes e não menos a formosa Floripes e suas damas, pela falta de Gui de Borgonha. Não conheceram Roldão e seus companheiros a sua falta até que entraram com o mantimento na torre e quando o não viram esquecendo-se da fome, sahiram todos outra vez uns atraz dos outros como desesperados e entraram pelo exercito dos Turcos e em breve tempo mataram mais de tres mil : e ali morreu Bosim de Genova, especial cavalleiro, e da sua morte pezou a todos.

E vendo que pela grande obscuridade da noite se poderiam perder, lhes foi preciso voltar para a torre onde com lastimosos choros e enternecidas lagrimas e gritos, que subiam aos céos, da triste Floripes foram recebidos ; a qual puxando cruelmente pelos seus dourados cabellos e rasgando a formosura do seu rosto, prostrada aos pés de Roldão beijando-lh'os muitas vezes, dizia : — O' nobre cavalleiro, dóe-te do teu leal companheiro e parente Gui de Borgonha, meu amado e querido esposo. — E Roldão, com um nó na garganta e muda a lingua pelo sentimento da formosa e lastimosa donzella, não póde articular palavra e só lhe pegou pelos braços e a levantou da terra.

E voltando-se Floripes para Oliveiros, lhe disse : — Quanto melhor fôra, senhor Oliveiros, quando matei o carcereiro para te tirar da prisão e aos teus companheiros, que então meu pai me matasse por não me ver agora tão afflicta ! Porém só uma pena tivéra e levára a minha alma ao apartar-se do corpo, e era não ter conhecido a Gui de Bor-

gonha. Agora estou de mil penas cercada e de mil pensamentos combatida, vendo que, por dar-me a vida foi o meu esposo buscar a morte : morréra eu antes de fome diante dos seus olhos e não me vira sem elle.

— O' meu pai, se sabes que cousa é amor, não me culpes do que fiz contra ti. Adverte que este coração que geraste é do cavalleiro que tens preso desde o dia que o vi em Roma, e pois que era seu não lh'o podia negar : nem imagines que me arrependo de o ter amado, antes teria em pouco perder a vida e de boa vontade a dera só pelo livrar de toda a pena : e se algum paternal amor te ficou, tem compaixão d'esta triste e amante filha. E se por ventura te queres vingar da injuria recebida vinga-te justamente e não queiras que pague Gui de Borgonha o que eu fiz ; porque não é razão que pague o innocente pelo peccador ; porque eu fui a que matei o carcereiro só por livrar os cavalleiros ; e eu matei a aia velha só por não o dizer. Eu fui a que os armei, para que se podessem livrar do teu furor. Eu finalmente lhes dei a torre e os teus thesouros : logo conhecido está que elles não tem culpa nem erraram em acceitar os favores que eu lhes fiz. E o mesmo fizeras tu se te viras no seu logar e te acontecêra o mesmo. Logo, meu pai, se em mim só se acham excessos, é certo que elles estão innocentes e não culpados: e assim te rogo que o não pague o innocente cavalleiro.

— O' soberana Senhora e Bemdita Mãi de Deos, em quem meu senhor e esposo Gui de Borgonha tem grande devoção : Peço-te que ponhas no coração do almirante meu pai a crença que no meu coração e entranhas tenho já introduzida ; porque convertido a teu Bemditissimo Filho Jesu Christo Deos e Homem verdadeiro, não maltrate ao teu cavalleiro. —

Feita esta exclamação com muitas lagrimas, soluços e suspiros que se lhe arrancava com a dôr e sentimento o coração do peito, cahiu quasi morta em terra e privada dos sentidos, a que logo acudiram os cavalleiros, e Roldão com mui sentidas lagrimas a tomou nos braços, e depois de varios remedios voltou a si, e com mais lagrimas e palavras a começou Roldão a animar, dizendolhe : — Senhora, pelo amor de Deos te peço que tenhas paciencia, porque o teu esposo não é fallecido ; e está certa que antes que amanhã anoiteça t'o havemos de trazer á tua vista ou havemos de perder a vida. —

E logo mandou trazer o mantimento que tinham tomado aos Turcos e acharam muitas viandas cosidas e assadas e outros guisados ao uso da Turquia; pedindo com grande amor a Floripes que comesse, e ella o fez pelos agradar, e assim comeram todos, ainda que com pouco gosto, por causa do succedido.

Capitulo XXIX

Como os Turcos quizeram enforcar a Gui de Borgonha e como os cavalleiros christãos o restauraram.

Chegada a manhã mandou o almirante Balão chamar a todos os seus conselheiros e lhes perguntou o que havia de fazer de Gui de Borgonha? E elles responderam : — Senhor, para que os outros escarmentem e lhes sirva de temor para se emendarem, convém que mandes fazer uma forca alta em logar que os da torre possam vêr, e n'ella mandal-o enforcar, e ficarás vingado das injurias que d'elle tens recebido ; e mandarás emboscar dez

mil homens de guerra, porque é de crer que seus companheiros o hão de querer restaurar ; assim os cercaremos a todos e lhes daremos a morte ou ficarão prisioneiros para tu d'elles fazer o que quizeres. —

Approvado o conselho pelo almirante, mandou logo levantar uma forca em um alto outeiro que estava perto da sua tenda e mandou emboscar dez mil Turcos, que el-rei Clarião os governasse e estivesse prompto para sahir quando fosse necessario ; mandando atar as mãos a Gui de Borgonha e tapar-lhe os olhos para não ver para onde o levavam, e mandou que o accompanhassem tres mil homens de peleja e o enforcassem. Quando o tiveram os soldados em seu poder lhe deram muitas pancadas com páos e punhadas, imaginando que em lhe fazer estes desprezos ficavam bem vingados.

Vendo-se o nobre cavalleiro tão cruelmente tratado, esperando já a ultima hora da sua vida, começou a exclamar d'esta maneira : — Meu Deos e meu Senhor, por cujo nome vou receber uma deshonrada morte : Peço-te pelos merecimentos de tua Paixõo e Morte que recebas a minha alma na tua Gloria; pois o corpo brevemente acabo e me dá paciencia, como sabes que hei mister, para que esta morte seja em remissão dos meus peccados.

— O' nobres cavalleiros de França, nunca jámais me vereis, ainda que bem sei que se isto vier á vossa noticia que me haveis de soccorer sem demora e com toda deligencia. O' nobre primo Roldão, que más novas levarás a nosso tio Carlos Magno ! O' nobres companheiros, encommendo-vos a triste e desconsolada Floripes, minha esposa, que não terá já desejo de viver, sabendo as tristes novas da minha desgraçada tragedia, nem haverá quem a console se vós a desemparais. —

N'este tempo estava a formosa e desconsolada Floripes com os cavalleiros nas janellas da torre quando viram levantar uma forca, e não sabendo para quem era, viram vir os tres mil Turcos que traziam a Gui de Borgonha; e supposto que os cavalleiros o não conheceram o conheceu muito bem Florides; e voltando para os cavalleiros se poz de joelhos e com enternecidas lagrimas lhes disse: — O' nobres cavalleiros, não sejam os vossos corações tão duros e tyrannos que consintaes que á vista dos vossos olhos seja enforcado vosso leal companheiro. Acudi, acudi, senhores. Apressai, apressai o soccorro. O' nobre Roldão, cujas grandes façanhas por todo o mundo são conhecidas, e cuja lança e espada é horror de toda a Turquia; por aquelle Deos em que crês e adoras, te peço que não desampares esta triste donzella que a ti de todo o coração se encommenda: não te esqueças de teu primo Gui de Borgonha e meu esposo, que em tanta affronta está mettido. —

Roldão lhe respondeu: — Senhora tem esperança n'aquella Bemdita Virgem Mãi de Deos e Senhora nossa, e lhe roga de todo teu coração que queira ser em nossa ajuda e favor, para que o tragamos com saude á tua vista e mediante a sua graça possamos voltar a terra de christãos; e em quanto ao sahirmos em seu favor não duvides, senhora, que empreguemos todas as nossas forças e façamos todas as diligencias para o tirar do perigo, ainda que seja contra nós todo o mundo. — Floripes abraçou a todos um por um e lhes disse: que em quanto se punham as sellas nos cavallos que fossem a camara de Ferabraz e se armassem das armas que lhes fossem necessarias.

Depois de armados e cada um com sua grossa lança, montaram nos seus bizarros cavallos e antes que sahissem da torre, fallou Roldão d'esta maneira: — Senhores e amigos, este é o dia em

que convém muito ganharmos honra e credito: que se conheça em todo o mundo o nosso valor e capricho em restaurar a Gui de Borgonha, nosso parente, amigo e companheiro, de tão ignominiosa morte qual os Turcos nossos inimigos lhe querem dar em uma forca por instantes, como se fosse ladrão e malfeitor; e assim convém muito que vamos todos bem ordenados e unidos, porque se nos desmandarmos, é difficultoso sahirmos bem de tão grande multidão de Turcos. Por tanto vos rogo que não vos enganem os vossos valentes corações que por cubiça de matar vinte ou trinta se tire algum da ordem da união que muito nos convém: pois bem sabeis que por se desunir se perdeu o nosso companheiro Gui de Borgonha, a quem agora vamos com muito perigo restaurar: e com a união, ainda que sejamos poucos no numero, seremos muitos no esforço. —

Antes que sahissem da torre, trouxe Floripes o cofre onde estavam as sagradas Reliquias e se humilharam todos com grande devoção e puzeram o cofre em cima de suas cabeças, e encommendando-se á Santissima Trindade sahiram da torre e logo viram os soldados que traziam a Gui de Borgonha para a forca, e logo disse Oliveiros: — Senhores, vêde que é muito necessario que vámos tomar a dianteira e peleijar com todos: porque em quanto peleijamos não o hão de enforcar: e n'este conflicto faremos toda a diligencia porque Gui de Borgonha seja por qualquer de nós, que primeiro chegar, restaurado e solto. — Approvaram todos o conselho e se partiram a toda a pressa a peleijar com o inimigo.

Quando os Turcos viram vir os cavalleiros contra elles com tanta furia que pareciam raios despedidos das nuvens ao som dos trovões mais estrondosos, começaram com grandes alaridos a desinquietar-se: e logo o seu general Cornifer poz o

exercito em boa ordem, e mandou destacar dez mil homens para se ajuntarem com os tres mil que acompanhavam a Gui de Borgonha, para os ajudar a defender dos cavalleiros, e logo se poz diante do exercito, e foi como bom capitão e soldado receber os cavalleiros christãos, não só para peleijar mas tambem para os deter a que não tivessem tempo de chegar antes que Gui de Borgonha chegasse a morrer.

Quando Oliveiros viu Cornifer, disse : — Senhor Roldão, perdôa-me, que eu quero ir receber aquelle Turco, pois que vem tão soberbo. — E assim se foi para elle, e o recebeu de sorte, que lhe metteu a lança e deu com elle do cavallo em terra, remettendo como lobo carniceiro entre o gado : e assim se travou uma tão cruel batalha que não poderam os cavalleiros por um bom espaço de tempo passar adiante para ir restaurar o padecente.

Vendo Roldão esta demora, se levantou sobre os estribos e viu que já subiam a Gui de Borgonha pela escada que estava arrimada á forca, e disse: — Senhores, não nos detenhamos muito e cada um de vós outros procure seguir-me, porque já Gui de Borgonha está na escada da forca. — Então todos os cavalleiros, desprezando o temor de morrer e postos em boa ordem entraram pelo meio dos inimigos, e Roldão diante, o qual era já tão conhecido e temido dos Turcos, que nenhum se atrevia pôr-se-lhe diante a embaraçar-lhe o passo, e a seu lado levava Ricarte de Normandia, derrubando immensidade de cavalleiros e peões ; e ao outro lado hia Oliveiros desguarnecendo arnezes e cortando braços e cabeças, sem dar golpe que não aproveitasse; e Urgel de Danôa trazia as armas ensopadas em sangue dos Turcos que tinha morto : e o mesmo traziam os mais cavalleiros.

Chegaram em fim ainda a tempo que Gui de Borgonha estava vivo, de que tiveram tanto prazer como pezar, pois estava com uma corda ao pescoço ; e em quanto os outros peleijaram, se apeou Ricarte de Normandia e lhe tirou a corda, soltou as mãos e o abraçou.

N'este tempo sahiram os dez mil Turcos que estavam na emboscada, e tanto que Oliveiros os viu tomou pela redea um poderoso cavallo que andava pela campanha solto e o levou com toda a pressa a Ricarte de Normandia, e lhe disse : — Trata senhor Ricarte, de armar logo a Gui de Borgonha com as armas que ahi tens dos Turcos mortos, e cavalgue depressa n'este cavallo e venha sem demora para a batalha ; porque vêm dez mil Turcos de refresco que de reserva estavam em uma emboscada. —

Dito isto voltou para os seus companheiros, e viu a Gerardo de Mondifer a pé cercado de mais de duzentos Turcos que trabalhavam quanto podiam para o matar; e arremetteu com elles com tanto esforço, dando-lhes taes golpes que brevemente se pôz diante de Gerardo e ambos peleijaram com grande valor; n'este tempo viu Gerardo fugir um cavalleiro turco, o qual se retirava de Oliveiros quanto podia, e ficando-lhe a geito, deu um salto e se pôz nas ancas do cavallo e deitou o Turco em terra ; e assim foram ambos peleijando até que se ajuntaram com os mais companheiros, e disse Oliveiros : — Senhores, detenhamo-nos aqui um pouco ; esperemos a Ricarte e Gui de Borgonha ; para que estejamos todos juntos para peleijarmos com os Turcos que vêm de refresco. — Porém não poderam esperar tanto que não chegassem os dez mil Turcos que estavam emboscados ; e como os cavalleiros christãos estavam sem lanças, recearam muito os primeiros encontros. Roldão e Oliveiros hiam diante como

amparo dos outros, com os escudos nos braços e as espadas nas mãos, e nos primeiros encontros mataram o cavallo a Roldão e um Turco lhe deu um grande golpe no elmo ou capacete, porém vendo que Roldão levantava a espada para o ferir, quiz fugir o Turco, mas Roldão não lhe deu logar: porque alcançando-o pelo hombro esquerdo o partiu até aos peitos ; e d'este golpe ficaram os Turcos muito atemorisados e cobraram grande medo. E assim a pé derrubou Roldão em pouco tempo quinze Turcos. E vendo um Turco a grande destruição que Roldão fazia, quiz tomar d'elle vingança e querendo-o ferir a seu salvo lhe atirou de longe com a lança, e Roldão desviando o corpo se foi para elle com muita ligeireza, e pegando-lhe por um braço o deitou em terra, e logo saltou sobre o cavallo do Turco, — e tomando-lhe a lança começou a discorrer pelo campo, peleijando com tanta furia que desbaratava tudo quanto lhe sahia ao encontro, sem ter nem guardar ordem alguma; porém encommendou a seus companheiros que não sahissem d'ella e que esperassem a Gui de Borgonha e a Ricarte de Normandia, em quanto elle andava pelo campo vendo onde estavam os capitães e os mais principaes do exercito do almirante; e foram os seus golpes tão fortissimos que todos lhe fugiram do mesmo modo que foge o gado do voraz e carniceiro lobo.

Tanto que Gui de Borgonha foi armado, cavalgou em um poderoso e soberbo cavallo, e disse a Ricarte de Normandia : — Olha, senhor Ricarte, o estrago que faz Roldão. E o que elle só faz é mais do que fazem cem cavalleiros. Não vês como fogem d'elle os Turcos? Vamos nós outros por aqui sahir ao encontro aos que vão fugindo e vingar-me-hei d'elles. — E tomando-lhe a dianteira fez Gui de Borgonha tão grande matança que Roldão estava admirado e muitas vezes se esquecia de

peleijar só por ver quem bem jogava as armas, de maneira que os Turcos que fugiam de Roldão vinham acabar a vida nas mãos de Gui de Borgonha e Ricarte de Normandia ; e os que d'estes se escapavam vinham morrer nas mãos de Roldão.

Chegando Roldão aonde estava Gui de Borgonha o abraçou e lhe disse : — Muito estimo, meu primo, que te vingasses dos teus inimigos. — Melhor vingança fizeste tu, disse Gui de Borgonha. — E estando n'esta pratica chegaram os mais cavalleiros de fazer uma innumeravel destruição nos inimigos e Gui de Borgonha os abraçou a todos, dando-lhes muitos agradecimentos do muito que por elle tinham obrado e trabalho que tinham padecido.

Vendo-se os cavalleiros christãos livres dos seus inimigos deram infinitas graças a Deos, e olhando para o campo ficaram muito admirados da grande mortandade que nos Turcos tinham feito, e disse Roldão : — Louvado seja o Omnipotente Deos, que teve piedade de nós outros. — E disse Oliveiros : — Senhores, vamos consolar a formosa Floripes e suas damas, que estão com grande sentimento d'este successo. — E Gui de Borgonha lhe disse : — Senhor, que havemos de fazer na torre sem mantimento? Melhor é morrer no campo peleijando : e assim sigamos a nossos inimigos e lhes tomaremos o mantimento que têm. — E todos foram d'este parecer.

Vendo a formosa Floripes de uma janella da torre, que os cavalleiros iam continuando em seguir o inimigo, começou com grandes vozes a chamar a Gui de Borgonha; e o nobre cavalleiro com os seus companheiros se chegou á torre e fallou a Floripes, que estava muito alegre, e lhe disse que era forçoso seguir o inimigo para lhe tomar o mantimento, e assim se despediram.

Capitulo XXX

Como os cavalleiros christãos tomaram o mantimento que acharam no exercito do almirante e como a torre foi com grande industria combatida.

Pozeram-se os cavalleiros em ordem e foram buscar a seus inimigos, os quaes entendendo que haviam de descançar tinham deixado as armas. E vendo o almirante os cavalleiros christãos, chamou com grandes vozes os seus soldados e lhes disse que se armassem com brevidade e defendessem o mantimento. E se chegaram todos os Turcos armados ás tendas onde estava o provimento real.

Conhecendo isto os cavalleiros, lhes deram uma tremenda e cruel batalha, matando e ferindo Turcos, que durou até á noite : e quando os Turcos cuidaram que se retirariam os christãos, então começaram estes de novo ; e como os Turcos não ousavam fugir por mêdo do almirante que os estava vendo de longe, morreram tantos que os christãos andavam já cansados e cobertos de sangue : E assim entraram nas tendas do exercito e acharam doze azemalas carregadas de mantimento e voltando com ellas para a torre acharam o corpo de Dosim de Genova, seu companheiro e o levaram comsigo.

Chegados que foram á torre, foram n'ella recebidos com grande alegria e principalmente Gui de Borgonha de sua amada esposa Floripes, a qual tendo-o nos seus braços lhe não dava credito, tendo tanto prazer de o ver que não se saciava de olhar : e deixando-o se prostrou aos pés do no-

bre Roldão querendo-lh'os beijar, o que elle não quiz consentir e lhe pegou nos braços para a levantar : e aos mais cavalleiros abraçou um por um, dando-lhes repetidos agradecimentos pelo que haviam obrado por seu amado e querido esposo. E posta a mesa, cearam com grande contentamento, e deram graças a Deos por serem tão felizmente succedidos.

Não convém deixar de dizer a pena e sentimento que o almirante recebeu quando soube que os christãos estavam providos de mantimentos ; porque sempre entendeu rendel-os por fome ; e arrenegando dos seus Deoses e amaldiçoando a hora do seu nascimento e a sua má fortuna, dizia : — O' desgraçado e malaventurado velho, esquecido dos seus Deoses e de toda a sua gente ! Não posso crêr que os meus soldados não ousem nem se atrevam a peleijar com os christãos. Ou os christãos estão encantados, ou os meus soldados estão dos meus Deoses desfavorecidos : pois tanto destroço tem deixado fazer ao meu exercito, sendo este tão poderoso, que passa de duzentos mil homens bem armados e os christãos tão poucos que não são mais que dez em numero. O' ingrato Carlos Magno, como te esqueces de soccorrer estes nobres e valerosos cavalleiros! Por certo que nenhuma razão tens em não te lembrar d'elles. Adverte que o teu reino é pelas suas grandes proezas respeitado e temido: e só com estes podes fazer guerra a todo o mundo. E eu com mais de duzentos mil não ouso sahir com elles a campo ; porque sempre fico destroçado e vencido. O' quanta mercê me fariam os meus Deoses se estes cavalleiros quizessem viver commigo! Eu lhes perdoaria o mal que me têm feito e lhes fazia muito maiores honras e mercês do que Carlos Magno lhes tem feito. — E estava tão enojado que nenhum dos seus se atrevia apparecer-lhe diante :

e esteve toda a noite n'estas e outras queixas passeando pela sua tenda.

Chegada a manhã, mandou chamar os seus conselheiros e lhes perguntou que se devia fazer. E elles lhe disseram que fizesse aperceber toda a sua gente e se desse um combate á torre; porque não era possivel que os christãos tivessem com que se defender. E logo se fez assim; porém os christãos se defenderam valorosamente atirando-lhes com pedras, tijolos e telhas: Floripes e suas damas estavam das janellas atirando valorosamente a seus inimigos com pedras, e d'isto tinha grande raiva o almirante.

Tanto que o almirante viu que o combate lhe não aproveitava, antes havia perdido muita gente e estavam a maior parte dos vivos perigosamente escalavrados e feridos, tornou de novo a amaldiçoar os seus Deoses e a sua fortuna; e um cavalleiro lhe disse: — Senhor, creio que quando os christãos entraram na tua torre, perderam os teus Deoses todo o seu poder; pois em nenhuma cousa te ajudam, antes vás para peior. — O almirante lhe disse: — Calla-te e não digas taes palavras, que eu creio que os meus Deoses ainda hão de trazer os christãos e Floripes a meu poder. —

Capitulo XXXI

Como a torre foi minada pelos Turcos e cahiu uma parte d'ella, e os cavalleiros quizeram sahir da batalha.

Estava o almirante tão raivoso contra os christãos e sua filha, que buscava todos os modos que podia para vingar-se: e assim mandou chamar um nigromatico e feiticeiro e lhe disse: se sabia

algum modo para ganhar a torre? Elle respondeu que sim : e que ao outro dia pela manhã mandasse preparar a gente para peleijar com os cavalleiros que forçosamente haviam de sahir da torre, por quanto elle a havia de fazer arder.

Chegada a manhã, fez o encantador, o qual se chamava Mabrão, subitamente arder os quatro cantos da torre, e quando os christãos a viram arder se armaram muito depressa para sahir : porém Floripes lhe disse que socegassem, que ella bem sabia como aquelle fogo se apagava. E dizendo certas palavras logo o fogo se extinguio.

Vendo o almirante o fogo apagado bem conheceu que era por industria de Floripes, e jurou aos seus Deoses de a fazer queimar : e mandou ao seu encantador e outros homens engenhosos que buscassem outros modos para combater a torre. E logo se fizeram bons e grandes reparos com rodas e assim foram rodando debaixo d'elles e se arrimaram á torre e lhe deram d'esta sorte os Turcos um grande combate.

Como os cavalleiros não tinham pedras com que lhes atirar, determinaram sahir a campo, e Floripes lhes disse que esperassem, e foi aonde estava o thesouro de seu pai e lhes trouxe muito grandes peças de ouro e prata, e disse aos cavalleiros que atirassem com ellas que tambem matariam em quem dessem como fariam as pedras. E depois lhes trouxe todos os idolos e Deoses e outros instrumentos de guerra, que tudo era de ouro fino, e os cavalleiros fizeram tudo em pedaços e com elles atiravam aos Turcos.

Vendo os inimigos tantas riquezas de ouro e prata deixaram o combate, só por apanhar os pedaços : e d'esta sorte se matavam uns aos outros. Vendo o almirante tão grande estrago assim de gente como dos seus thesouros, mandou recolher a gente, curar os feridos e descansar o exercito

aquella noite, e que pela manhã tornariam com os mesmos engenhos ao combate para que a torre fosse minada.

Chegada a manhã, se pôz logo o combate por obra e abriram os Turcos na torre uma grande brecha, de sorte que cahiu uma esquina d'ella. Vendo isto Floripes, tomou outros muitos thesouros e os trouxe, e com elles atiravam das janellas aos Turcos, e sobre o apanhal-os houve entre elles uma grande batalha e muitos mortos. A este tumulto acudiu o almirante em um poderoso cavallo e os aplacou a todos, e mandou apregoar com pena de morte, que nenhum Turco se abaixasse a tomar do ouro ou prata com que lhe atiravam, e lhes mandou secretamente que descançassem todo o dia e que de noite minassem a outra esquina da torre.

Chegada a noite, estando Floripes á janella, viu trazer certos manjares ao mestre-sala, e considerou que o almirante seu pai estava ceando, e o disse a Gui de Borgonha e elle disse a Roldão : — Senhor Roldão, toda a gente está socegada e o almirante está ceando, a bom tempo chegaremos a dar-lhe uma cêa em satisfação de mandar derrubar a torre. — Resolveram todos sahir contra seus inimigos : e como foram armados entraram por entre elles que estavam descuidados do tal assalto, e depois de matarem e ferirem muitos se puzeram os outros em fugida cada um para sua parte sem acertar caminho, e os mais d'elles foram para onde estava o almirante ceando com seu sobrinho el-rei Espolante que tinha vindo em seu soccorro com muita gente.

Querendo el-rei Espolante mostrar o seu valor se armou com toda a brevidade com um rico e dourado arnez, e montou em um poderoso cavallo, tomando uma grossa lança, e com muito orgulho sahiu diante da sua gente á batalha, e topan-

do-se primeiro com Roldão, e quebrando este a lança no seu escudo, metteu mão á espada e lhe deu tal golpe na cabeça que lhe partiu o elmo até á carne e o derrubou do cavallo : e um dos Turcos começou com grandes vozes e alaridos a gritar, dizendo : — Acudi, acudi, cavalleiros, que el-rei Espolante foi derrubado do cavallo. — Ouvindo isto Roldão lhe pegou por um braço e o levou arrastado até á torre.

Capitulo XXXII

Como os cavalleiros christãos determinaram mandar um d'elles a Carlos Magno a fazer-lhe saber o perigo em que estavam.

Havendo estado os cavalleiros tanto tempo na torre sem soccorro e desconfiados da tardança de Carlos Magno, estavam muitos tristes, e assim disse o duque de Nemé : — Senhores, o imperador Carlos Magno deve saber onde estamos : e não duvido que tenha tanta pena por nós outros, quanto nós temos n'esta torre : e creio que se de um de nós não fôr informado, nunca jámais saberá de nós ; pois estamos muito longe e em logar onde nunca houve christãos que o informem : e de mais d'isto, terá o almirante mandado guardar todos os passos porque ninguem leve a noticia aos christãos. Pelo que me parecia que um de nós partisse secretamente para Carlos Magno; porque em sabendo onde estamos logo virá soccorrer-nos. —

Gui de Borgonha lhe respondeu : — Senhor duque, bem escusado é fallar n'isso : por onde ha de passar um só homem, salvo se fôr voando ? Bem vês todo a terra coberta de Turcos : e de mais que

ninguem póde passar senão pela ponte de Mantible, e sabes as fortes guarnições que n'ella ha: vê pois como passará um homem só, nem ainda muitos, sem grande perigo. —

Vendo Floripes que os cavalleiros estavam n'esta pratica e muito tristes, lhes disse: — Senhores, estae certos que Carlos Magno bem sabe onde estais, ainda que não saiba da necessidade que tendes, pois bem soube que os cinco cavalleiros foram presos, quando o senhor Oliveiros venceu a meu irmão Ferabraz; e que os mais vieram por seu mandado com embaixada ao almirante meu pai, e por falta de gente não terá podido vir soccorrer-vos; mas não é de crêr que vos tem esquecidos. E assim não vos entristeçais e esperae mais alguns dias, e se não vier soccorro, eu sei que qualquer partido fará comvosco meu pai por resgatar este rei que temos preso; porque é seu sobrinho, filho de sua irmã e senhor de muitas rendas.—

Pareceu muito bem a todos o que Floripes disse e esperaram alguns dias; e vendo que não chegava o soccorro e que o mantimento se hia acabando, disse Roldão que queria ir a Carlos Magno, e com ajuda de Deos lhes traria brevemente o soccorro. Disse então o duque de Nemé: — Senhor Roldão, mais conveniente é que um de nós vá, que não tu que és nosso guia e capitão; porque se os Turcos souberem que não estás em nossa companhia nos farão muito maior guerra do que nos tem feito; e assim fica tu que eu irei de boa vontade. — Ouvindo os outros isso se offereceu cada um com grande animo, sem reparar no perigo, só por trazer a seus companheiros o soccorro; dizendo todos que de nenhuma maneira fosse Roldão. E não sabendo determinadamente a quem haviam de mandar, disse Ricarte de Normandia: — Senhores, bem sabeis que tenho um filho, e como parece, segundo os seus principios, será

grande cavalleiro, e se acaso eu morrer ou fôr preso no caminho tenho quem me vingue : pela qual razão é mais conveniente que eu vá do que algum de vós outros : e se vos parecer logo me porei a caminho, para que antes que se acabe o mantimento possa vir soccorro. —

O que ouvido e ponderado concluiram todos de commum consentimento que fosse Ricarte : ainda que a todos causava um grande sentimento pelo evidente perigo a que se expunha; e assim disse Ricarte : — Senhores, parece-me que para poder passar sem sentido e evitar d'esta sorte algum perigo, que marche eu esta noite : porque está tudo socegado. — Roldão lhe disse : — Senhor Ricarte, não te pareça que os Turcos estão descuidados e sem vigias : pelo que antes de amanhecer sahiremos todos á campanha e os accommetteremos, e depois que vires a batalha embaraçada desvia-te e toma o caminho que has de seguir, que ainda que te vejam não terão lugar de te seguir. —

O que supposto, levantaram-se duas horas antes de amanhecer e depois de bem armados abraçaram todos a Ricarte, e com grande amor o encommendaram a Deos que o guardasse de todos os perigos e indo-se despedir de Floripes, ella o abraçou muitas vezes com abundacia de lagrimas, e trouxe o cofre das Santas Reliquias e lh' as mostrou, e elle as venerou com muita reverencia prostrando-se de joelhos em terra, humilhando-se muito devotamente; e derramando infinitas lagrimas se encommendou ao seu Creador e se despediu de Floripes e das damas.

Chegando Ricarte onde estavam esperando os outros cavalleiros, se montaram todos nos seus cavallos e sahiram da torre bem unidos e formados; e acharam toda a gente d'el-rei Espolante guarnecendo e guardando a sahida da torre, e logo se começou uma muito cruel batalha; e os

christãos peleijaram com tanto valor que fizeram fugir os Turcos até ás tendas do almirante; e Ricarte de Normandia se metteu de tal sorte na batalha que quando quiz sahir d'ella para se metter no caminho para onde hia não pôde, e não cessando de matar e ferir Turcos, deu um grande grito porque soubessem os seus companheiros onde estava; e ouvindo-o Oliveiros se metteu como leão bravo e feroz entre os Turcos, e em breve tempo lhe fez caminho por onde passasse, e vendo Ricarte que já queria amanhecer e achando tempo e logar opportuno se poz no caminho para ir a Carlos Magno.

Capitulo XXXIII

Como el-rei Clarião seguio a Ricarte de Normandia e como Ricarte o matou e lhe tomou o cavallo.

Posto Ricarte de Normandia no caminho, se metteu por um monte, desviando-se das estradas e veredas por não se encontrar com a grande multidão dos Turcos que de todas as partes vinham soccorrer o almirante; e indo sahindo para um alto monte, sendo já dia claro, foi visto dos Turcos; e sabendo-o el-rei Clarião, mandou aperceber toda a sua gente para o seguir: e estando Ricarte já em cima do monte se apeou para descansar e não sabendo que iam em seu seguimento, tirou o freio ao cavallo para pastar e se arrimou a uma arvore onde estava muito triste, assim pelo perigo de passar a ponte de Mantible, como pelo cuidado que tinha de seus campanheiros estarem na torre cercados.

Estando o nobre cavalleiro d'esta sorte, viu vir el-rei Clarião em um poderoso e soberbo cavallo,

e sentindo o cavallo de Ricarte, que andava pastando, as pizadas do cavallo do Turco, deixou o comer e largou a fugir para junto de seu senhor para que se montasse, e Ricarte lhe poz o freio e se montou. Quando Clarião viu a Ricarte lhe disse : — Christão, juro aos meus Deoses de te levar preso ao almirante, e não terão os teus companheiros poder para defender-te como fizeram ao outro que levaramos a enforcar. — Ricarte lhe disse: — Tu com toda a tua gente não me podeste prender ; e agora tu só me queres levar preso?— Clarião lhe disse : — Junto áquelle porto deixo quatro mil homens de peleja, que depressa chegarão aqui : e assim trata de largar as armas e render-te, que algum partido te fará o almirante, pois é impossivel que escapes das nossas mãos.—

Ricarte lhe disse: Pois em quanto não chegam os teus soldados trata de ser bom cavalleiro. — E apontadas as lanças se foi um para o outro e se encontraram com tanta força que a dois arremessos cahiu o cavallo de Ricarte: — e levantando-se este com muita ligeireza puxou da espada e deu tal golpe no escudo de Clarião que o partiu em dois pedaços, e sentindo as pizadas dos soldados, antes que chegassem, lhe deu segundo golpe no braço direito, e foi tão forte que fez saltar a espada fóra da mão de Clarião, e pegando-lhe logo pelo braço o deitou em terra e lhe cortou a cabeça, e logo montou no cavallo do Turco que estava mais descansado do que o seu.

Era o cavallo de Clarião admiravelmente bom, e desde a cabeca atéo meio do corpo era mui branco com umas pintas vermelhas, e desde o meio para traz era baio com umas pintas negras, tinha o cabello de um dedo, a cabeça pequena, os olhos grandes, as orelhas mui pequenas e redondas, os narizes rombos, as ventas mui abertas, e da parte de dentro muito córadas;

o pescoço curto e largo, a cóla comprida e as sedas grossas, a cauda grande e bem coberta, que quando corria fazia uma grande ala : era muito ligeiro e forte de tal maneira que correndo dez legoas á redea solta nunca jamais o viram suado nem cansado.

Quando Ricarte se viu montado em tão formoso e galante cavallo, determinou matar o seu porque não ficasse em poder dos Turcos : porém arrependido, disse : — Bem me tens servido e não é razão dar-te má paga; Deos te leve a poder de christãos, e muito me pezará se cavalgar emti algum Turco ; porque poucos cavallos ha no mundo melhores do que tu.

E sentindo o ruido que faziam os soldados de Clarião que já vinham chegando, sem embargo de não lhes ter medo, com tudo por não dilatar a jornada se poz a caminho direito á ponte de Mantible: e o cavallo que tinha deixado, voltou pelo mesmo caminho por onde tinha vindo : e quando os soldados de Clarião o viram, imaginaram que Ricarte era morto, e querendo apanhal-o, não puderam, e passou pelo exercito do almirante sem que o podessem tomar nem ousavam chegar a elle.

Quando o almirante viu o cavallo, disse : — O' muito nobre e valente rei Clarião, meu amado sobrinho, muito te agradeço o que hoje tens obrado por meu serviço ; pois mataste o mensageiro dos christãos do qual nos podia vir grande prejuizo se chegasse ao imperador Carlos Magno e lhe dissesse o miseravel estado em que estavam os seus cavalleiros. — Não parou o cavallo senão á porta da torre e quando os christãos o viram lhe abriram a porta com muitas e sentidas lagrimas, e disse o duque de Nemé com grande sentimento :— O' nobre Ricarte, muito leal amigo, muito me peza da tua partida e muito mais das más novas que o teu cavallo nos traz ! Deos pela sua piedade infi-

nita queira receber a tua alma na sua santa gloria. — E Roldão disse: — O' mui leal amigo, muita culpa tenho eu da tua infeliz morte por consentir na tua partida havendo tanto perigo na jornada! Muito melhor nos fôra esperar soccorro de Deos, pois não chegava o de Carlos Magno: mas eu te asseguro que a tua morte será bem vingada e não tornarei jámais a entrar na torre nem a espada metterei na bainha em quanto ao almirante não cortar a cabeça. —

Capitulo XXXIV

Como os soldados d'el-rei Clarião acharam a seu soberano morto e o levaram ao almirante.

Seguindo a gente de Clarião a Ricarte, acharam a Clarião morto no campo, e deixando o seguimento de Ricarte, levaram o defunto com grande choro ao almirante; e accudindo este, lhes perguntou por seu sobrinho el-rei Clarião. Respondeu um cavalleiro: — Senhor, em má hora viemos em teu soccorro. Tu perdeste a teu capitão e nós perdemos o nosso rei. —Antes que o Turco acabasse de fallar, cahiu o almirante com um grande accidente e esteve bastante tempo mais morto do que vivo, pela qual causa se fez um doloroso e sentido pranto por todo o exercito.

Ouvindo os cavalleiros christãos tão grande alarido e tumulto no exercito dos Turcos, chegaram ás janellas da torre para saberem o que era, e Floripes entendeu logo que el-rei Clarião era morto, e com muita alegria o contou a Gui de Borgonha e aos outros companheiros, de que todos deram graças a Deos e ficaram muito alegres e com esperanças de serem soccorridos.

Tornando o almirante em si e livre do acciden-

te, começou com muita braveza a puxar das barbas, arrancando algumas d'ellas, como tambem puxando e arrancando os cabellos da cabeça, amaldiçoando os seus Deoses e ameaçando os christãos. E logo mandou chamar um Turco caminheiro, chamado Orangel, e lhe disse: — Já sabes como o que matou el-rei Clarião foi por mensageiro ao imperador Carlos Magno para o informar da necessidade em que estão os cavalleiros: e segundo o poder de Carlos Magno nos póde vir um grande prejuizo; e para evitar este convém que com toda a pressa e brevidade leves esta carta a Galafre, governador da ponte de Mantible, e dizer-lhe que estou muito mal com elle porque deixou passar os sete cavalleiros que nos tem destruido; e assim que tenha cuidado não passe o mensageiro, sob pena de o mandar enforcar na janella da torre. —

Orangel lhe respondeu: — Senhor, descança que eu ainda que vou a pé chegarei mais depressa que o mensageiro, ainda que vae a cavallo. — Partiu logo Orangel e chegando á porta da ponte disse a Galafre: — Eu sou mensageiro do mui poderoso almirante Balão e te trago esta carta; e tambem por mim te manda dizer que sob pena de morte não deixes passar a um christão, que hoje partio e ha de vir por aqui, que leva cartas ao imperador Carlos Magno de uns cavalleiros que na torre estão cercados: e além d'isto está mal contente de ti, porque deixaste passar a uns christãos que tem destruido toda a Turquia. —

Quando Galafre ouviu o mensageiro e leu a carta do almirante, subio logo em continente em cima da torre e tocou uma busina para ajuntar a soldadesca; e logo em um instante se ajuntaram tres mil de cavallo e infantes, muito bem armados, e sahiu o governador Galafre com elles a correr todo o campo para ver se achava o mensageiro de Carlos Magno.

Capitulo XXXV

Como Ricarte de Normandia passou o rio Fragor milagrosamente, mediante um veado branco que o guiou.

Muito desejoso estava Ricarte de Normandia de levar soccorro a seus companheiros que ficaram na torre cercados; porém temia muito a passagem da ponte. E assim estando combatido de muitos e diversos pensamentos, andando sempre para diante e ouvindo um grande tumulto, alarido, pisadas de cavallos e de gente, olhou para uma e outra parte e viu a Galafre com grande numero de gente, e com grande tristeza se desviou d'elles, dizendo : — O' Jesus, rei da gloria, rogo-te que sejas em minha guarda e ajuda, para que mediante a tua divina graça possa trazer soccorro aos teus cavalleiros que de tantas angustias ficam cercados. O rio, meu Deos, é muito dilatado e fundo e as guardas da ponte muitas. Por onde conheço, Senhor, que sem a tua ajuda nem aos meus companheiros levarei soccorro, nem poderei evitar o ultimo fim da minha vida. —

Dizendo isto viu diante de si dez cavalleiros turcos que com grandes vozes o ameaçavam para dar-lhe a morte, dizendo que não lhe aproveitaria o ligeiro cavallo de Clarião. E querendo Ricarte escusar a batalha intentou fugir confiado na ligeiresa do cavallo; mas considerando que pela ponte não podia passar e menos pelo rio, se resolveu com magnanimo coração a accommettel-os; e coberto do seu escudo e a espada na mão arremetteu com todos os dez, e lhe sahiu ao encontro um Turco soberbo com uma grossa lança a qual logo quebrou no seu escudo, sem que Ricarte fizesse na

sella a minima mudança : e hiam os cavallos com tal velocidade, que se ajuntou um com outro, e o Turco com o seu cavallo cahiram em terra. E voltando Ricarte para os outros, deu a um tal cutilada na cabeça que lh'a abriu até aos dentes : e d'este golpe ficaram todos os outros muito admirados e medrosos, e não ousavam accommettel-o; o que vendo Ricarte, guiou para a ponte, e vendo de longe que a entrada estava muito guarnecida se retirou sem ser visto, e se metteu em uma ilha que estava junto do rio, e alli esteve imaginando o que faria para passar.

Mas Deos nosso Senhor, que de todos é o verdadeiro remedio, nunca se esquece dos seus servos: e assim lhe mandou um cervo branco, que diante de Ricarte se metteu no rio e passou para a outra parte, e depois de passar olhou para Ricarte, e vendo que ainda se não atrevia a passar, voltou o cervo e atravessou o rio e chegou junto a Ricarte, e tornou a voltar passo a passo e lentamente, e olhando para Ricarte; o qual vendo este prodigio se encommendou de todo o coração a Deos e metteu o cavallo ao rio e foi seguindo o cervo, e a pouco espaço se viu da outra parte sem perigo desapparecendo o cervo, de que deu infinitas graças a Deos, ficando d'aquelle prodigio todo admirado.

Quando os Turcos que estavam na torre da ponte o viram passar á outra parte, chamaram com grandes vozes a Galafre; e quando este o viu da outra parte do rio ficou muito triste e arrenegado, e logo mandou abrir as portas e mandou que os soldados de cavallo o seguissem e prendessem ou matassem; porque não o fazendo assim, se chegasse a Carlos Magno, que nunca jamais appareceria diante de seu senhor o almirante : e assim o fizeram mas não o conseguiram.

Tanto que Ricarte se viu da outra parte do rio, além de dar infinitas graças a Deos, caminhou

para Carlos Magno e terra de christãos, sem temor algum dos Turcos. Agora deixemos de fallar em Ricarte e seus companheiros e fallemos de Carlos Magno.

Capitulo XXXVI

Como Carlos Magno quiz voltar para França por conselho de Galalão e seus parentes

Estando o imperador em Mormionda com grande tristeza, porque dos seus cavalleiros não tinha noticias, mandou chamar a Galalão, Geofre de Altoja, Alberto de Macaire e outros muitos, e entre elles veiu tambem o duque Regner, pai de Oliveiros, aos quaes disse: — Amigos, eu estou com uma grande tristeza e a causa é porque não sei dos meus cavalleiros; e assim determino deixar a corôa e todo o governo, por quanto quem tão desgraçadamente perdeu taes cavalleiros não merece reinar. E assim vos rogo que cada um de vós me dê o seu parecer e a forma com que saberemos dos nossos cavalleiros. —

D'isto teve grande contentamento Galalão, por ser grande traidor; e ainda que na apparencia mostrava ter sentimento, com tudo gostava muito da perda dos cavalleiros e desgosto de Carlos Magno; e assim lhe disse: — Senhor, se me dás licença direi o meu parecer.— Carlos Magno lhe disse que sim. Galalão então disse: — Senhor, o meu parecer é que não passes mais adiante, antes mandes levar todas as tendas e nós iremos pouco a pouco para França e lá mandarás dizer missas e suffragios pelas almas de teus cavalleiros; porque não crêas que estejam vivos: e tornando para as nossas terras, ajuntarás mais gente e depois viremos vingar a sua morte: e has de crêr que o almirante

ha de ter junta a maior parte da Turquia para se vingar de ti, pelo vencimento de Ferabraz, seu filho. Esta é a minha opinião e creio que te dou bom conselho. —

Quando o imperador ouviu o que dizia Galalão poz a mão na face e se arrimou ao braço da cadeira onde estava assentado, e assim esteve um grande espaço de tempo sem dizer palavra, e entre si disse : — O' desgraçado rei, que ha de ser de ti se voltas sem vingar as mortes de teus cavalleiros ! Serás para sempre deshonrado e dirá a gente que melhor soubeste mandal-os aonde perdessem as vidas que vingar as suas mortes. Se volto para terra de christãos sem me vingar do almirante, qual ha de ser o cavalleiro que queira servir-me ? Quem quererá metter-se em perigo algum por amor de mim ; pois os que tiveram em nada perder a vida no meu serviço, foram de mim esquecidos e tão mal galardoados ? Nem eu terei razão para lhes mandar fazer alguma empreza perigosa ; nem se a não fizerem os poderei culpar. Com que cara hei de fallar com os parentes dos mortos ?

Oh velho sem ventura ! Como não quiz a fortuna que acabasses a vida por não viver com tal deshonra ! Oh meus leaes cavalleiros, quanta razão tenho de chorar-vos ; pois além do muito que perco em perder-vos, cada um de vós outros era mais digno da corôa do que eu ! Por vós outros tinha honra e corôa e era muito temido de christãos, judeos, turcos e de todas as nações do mundo. Vós outros ereis os firmes pilares e columnas em que se sustentava todo o meu imperio e monarchia ; as vossas espadas e valerosos braços eram os que sustentavam todas as minhas fortalezas : em perder-vos, perdi todo o meu conselho e allivio. Não sei com quem communique tanta pena e tanta magôa. Já não tenho quem me dê ale-

gria e só me ficou tristeza, a quem peço que brevemente córte os dias da minha triste vida.

Ah Turcos, se acaso soubereis o quanto ganhastes na morte dos meus amados e nunca esquecidos cavalleiros! No dia da sua morte se acabaram todos os vossos temores e medos. Aquelles, cujos nomes vos faziam voltar as caras e fugir á redea solta no maior conflicto da batalha, já vos não lançarão fóra das vossas fortalezas. Da parte dos meus cavalleiros já resultaram a toda a Turquia os maiores descanços. Já os infieis estarão livres dos sobresaltos; pois só de estarem os meus cavalleiros vivos e na minha companhia, soavam os golpes das suas cortantes espadas no coração da Turquia. —

Depois que Carlos Magno esteve entre si razoando estas e outras semelhantes cousas, esforçando-se quanto pôde, levantou a cabeça e disse aos circumstantes que presentes estavam: — Já vós outros que presentes estão, tendes ouvido o conselho que me deu Galalão e não me parece digno de o receber: por quanto além de ser contra a vossa, é tambem contra a minha honra, e assim quero que vós outros digais o vosso parecer para vermos qual havemos de seguir. — Então responderam uns cavalleiros da linhagem de Galalão, chamados um Macaire, outro Auberim, e outros mais: — Senhor, adverte que Galalão ha fallado admiravelmente e te dá muito bom conselho. E não faças conta de passar a diante; pois na tua companhia estão mais de dez mil homens, que depois que souberam da morte de Roldão, que era seu capitão e guia nas grandes emprezas, têm feito juramento de não passar d'aqui ainda que tu os mandes. —

Ouvindo isto Carlos Magno, deu um grande suspiro, e disse: — O' verdadeiro Deos, não desampares a este triste velho de tantas angustias cercado. E como, meu Senhor, sempre achei em ti nas mi-

nhas tribulações o allivio, te rogo me alumies em tanta confusão para que saiba escolher o que hei de seguir para melhor acertar: o conselho d'estes cavalleiros não me parece bom. —

O duque Regner, pai do grande Oliveiros, vassallo muito leal, lhe disse: — Senhor os que te deram esse conselho não te querem bem, nem estimam a tua honra: e se alguns te não quizerem seguir, serão aquelles que são da sua linhagem e parcialidade: porém os que desejam o augmento da tua imperial corôa, nem te darão tal conselho nem deixarão de seguir-te. —

Auberim, parente mui chegado de Galalão, disse: — Regner, se não estivessemos diante do imperador, eu fizera que te custasse caro o que dizes, porque mentes. — E Regner lhe deu uma grande punhada, de sorte que o derrubou em terra; e havia de haver entre elles uma grande ruina se o imperador os não aplacára: e a este motim se acharam da parte de Galalão mais de mil e seiscentos homens armados contra Regner; e Ferabraz que se achava presente puxou a espada e disse: — Juramento faço ao Santo Baptismo que tenho recebido que se algum se mover para molestar o duque Regner, que lhe hei de mostrar como sabe cortar a minha espada. — O imperador mandou que se aquietassem, pena de morte, e lhes disse: — Já sinto a falta dos meus cavalleiros, que como vós outros me vedes sem elles me estimais em pouco, nem me guardais respeito e vos atreveis a fazer demasias diante de minha presença. —

Ferabraz lhe disse: — Senhor, peço-te que isto que até agora tem passado o perdoes: porém d'aqui por diante castiga tua gente com justiça e ao que errar e se atrever não lhe perdoes. E a mim me terás, em quanto viver, por firme columna do teu reino e honra. — Carlos Magno lhe pergun-

tou : — Qual lhe parecia melhor, se ir para diante ou voltar para traz? — Ferabraz lhe respondeu : — Senhor, o voltar para traz é bom para o descanço da tua pessoa, mas não para accrescentar a tua honra. — Então deu Carlos Magno um grande suspiro e disse : — Ao Todo-Poderoso e Alto Deos encommendo os meus feitos : ao qual prometto de não tornar para terra de christãos até que saiba noticias certas dos meus nobres e amados cavalleiros. — E logo ordenou ao duque Regner que escolhesse algumas pessoas que fossem com elle ao reino de França reconduzir mais gente para accrescentar o exercito, o que logo o duque pôz em execução para partir.

Capitulo XXXVII

Como Ricarte de Normandia chegou ao exercito do imperador Carlos Magno.

Querendo o imperador Carlos Magno mandar a França buscar mais gente, e estando já Regner para partir, chegou um cavalleiro e lhe disse : — Senhor, ahi vem um cavalleiro apressadamente de terra de Turcos; e pelo modo me parece que traz embaixada do almirante. — Carlos Magno saiu logo da tenda e tambem o duque Regner, que ali se achava, e viram vir ainda de longe a Ricarte, e Regner disse : — Aquelle que para cá vem, parece que é christão; porque os Turcos não cavalgam d'aquella maneira. — E chegando-se o cavalleiro mais para perto, disse Carlos Magno : — Este parece no seu modo a Ricarte.

Chegando Ricarte ao imperador, saltou mui depressa fóra do cavallo e pondo-se de joelhos lhe fez uma grande reverencia, e Carlos Magno lhe disse : — Meu amado e querido cavalleiro, sejas

bem vindo : que noticias me dás de Roldão, Oliveiros e dos mais companheiros? Como vens só? Dize-me: são mortos ou vivos? — Respondeu Ricarte : — Senhor, dá graças ao Omnipotente Deos que os ha livrado de muitos e innumeraveis perigos. E assim, senhor, todos estão vivos e com saúde. E não estão longe de Aguas-Mortas, e estão cercados em uma torre com mais cem mil Turcos, e com elles está a virtuosa Floripes, filha do almirante e irmã de Ferabraz, mediante a qual conservamos todos a vida, e é necessario muito tempo para te contar os prodigios que por nós outros tem feito : e te dá as Santas Reliquias que ha tanto tempo buscas. E assim te manda pedir e tambem os teus cavalleiros, que te dignes de lhes dar soccorro. E a formosa Floripes está com grande desejo de ser christã. Se tu, senhor, ganhares a Aguas-Mortas e aquella torre, eu te affirmo que em breve tempo serás senhor da maior parte da Turquia.

Com estas noticias recebeu Carlos Magno uma grande alegria, e disse que Galalão e seus parentes eram traidores : pois, para que os seus cavalleiros morressem sem soccorro, o queriam fazer voltar para traz. E disse : — Dize-me Ricarte, tem os meus cavalleiros algum mantimento na torre? Poderão passar cinco ou seis dias? — Respondeu Ricarte : — Senhor, poderão ter mantimento para seis dias e não mais; e este tomámos por força, com grande perigo, junto ás tendas do almirante a pesar de todo o seu exercito.— Carlos Magno lhe perguntou : —Dize-me, que homem é o almirante? Elle respondeu : — Senhor, o almirante é muito feroz nos feitos e no gesto, e muito valente pela sua pessoa, mas muito inimigo dos christãos. E' muito temido dos seus vassallos, tem muita gente mas pouco destra nas armas. —

Porém, senhor, para passar a Aguas-Mortas ha

um passo muito perigoso que é a ponte de Mantible, e não ha outro, por ser todo o rio de Fragor muito fundo, arrebatado e caudaloso, e a ponte é muito forte com duas torres de marmore com pontes levadiças, e a guarda é um gigante muito forte, e espantavel, e tem em sua companhia tres mil soldados para a guardar; de sorte, que por força a não passará nem renderá todo o poder do mundo. Porém usaremos de industria e subtileza.— Carlos Magno lhe perguntou que industria poderia haver para a passar.

Respondeu Ricarte: —Senhor, iremos cincoenta de nós outros bem armados, e cada um com sua capa bem grande que cubra bem as armas, de modo que pareça que são mercadores, e levaremos quatro azemalas carregadas de fardos que pareçam mercadorias; e tu estarás com o exercito detraz de um outeirinho, que está perto da ponte; e imaginando os guardas que levamos mercadorias hão de abrir a porta e pedir os seus direitos. E então deixaremos cahir as capas e lhes daremos batalha, e com um signal que faremos acudirás com o exercito, e com ajuda de Deos ganharemos a ponte e daremos soccorro aos teus cavalleiros que o estão esperando. —

Este conselho pareceu bem a Carlos Magno e a todos os seus confidentes, e o duque Regner deu um grande abraço a Ricarte; este com muito amor o recebeu e lhe contou tudo o que seu filho Oliveiros tinha passado na torre, e os muitos e grandes beneficios que tinha recebido da formosa Floripes.

Tratou logo o imperador Carlos Magno de mandar aos seus soldados que apparelhassem as armas, e os cavalleiros as déssem a quem as não tinha, e mandou preparar todo o exercito para a partida; e Ricarte que preparasse todo o necessario para a industria. Logo Ricarte mandou fazer muitos far-

dos de cousas do exercito em fórma que parecessem mercadorias, e carregou quarenta azemalas, pedindo ao duque Regner e a Hoel, conde de Nantes, que escolhessem cincoenta cavalleiros dos melhores e os guiassem, de que o duque e o conde ficaram muito contentes; e armados os cincoenta cavalleiros, lhes mandou dar o imperador cincoenta capas grandes e cada um se cobriu com a sua e se puzeram a caminho. Adiante iam Ricarte, o duque de Nantes, e com as azemalas iam alguns homens de pé, e depois iá todo o exercito com as bandeiras levantadas e os soldados formados; e assim continuaram a sua marcha para a ponte de Mantible.

Capitulo XXXVIII

Como por industria de Ricarte de Normandia foi a ponte de Mantible ganha ao gigante Galafre, que a guardava.

Teve o imperador Carlos Magno modo com que chegou de noite a acampar-se detraz do outeirinho que estava perto da ponte, sem ser sentido das guardas d'ella; e Ricarte, Regner e Nantes foram caminhando para a ponte com as azemalas carregadas e com cincoenta cavalleiros, e quando estes viram a fortaleza da ponte e a grandeza do rio ficaram admirados e conheceram ser certo o que Ricarte tinha dito a Carlos Magno, que a não poderia render todo o poder do mundo; e Ricarte disse: — Deos nos queira ajudar; porque hoje havemos de ter batalha com o mais feroz gigante do mundo e com tres mil Turcos que não se apartam do seu lado. — Regner lhe perguntou: — Senhor Ricarte, como passaste quando vinhas com teus companheiros trazer a embaixada? — Ricarte contou toda a industria

e manha que o duque de Nemé tinha ordido.

Chegados já á ponte, disse Ricarte: — Senhores, com vossa licença eu quero ir diante e ser o primeiro; e em abrindo o guarda a porta entreis vós outros, e quando me virdes lançar fóra a capa lançae vós tambem as vossas e procurae todos de ser bons cavalleiros, porque assim nos é muito necessario, pois n'isto está o nosso bom successo: e assim não convém perder esta occasião. — Elles lhe responderam: — Senhor Ricarte, não tenhas receio de que faltemos, nem tão pouco de que se puzermos os pés dentro na ponte que não sejamos senhores d'ella. —

Batendo Ricarte á porta da ponte, chegou o gigante Galafre e abriu um postigo mui pequeno e tinha na mão direita uma archa de armas muito grossa e aguda; o corpo era demasiadamente alto; os olhos grandes sahidos para fóra e ensanguentados; os narizes largos e rombos; a bocca muito grande; os beiços grossos; e era muito negro, e mais parecia fantasma que creatura humana; tinha as pernas demasiadamente grossas, os pés tortos e grandes: era muito valente e forçoso e continuamente estava armado para se fazer mais temido. Era muito estimado do almirante, e d'elle se confiava muito; era condestavel de toda aquella terra, e era muito cruel, principalmente com os christãos.

Aberto o postigo, disse o gigante a Ricarte: — Dize-me, homem, que buscas por esta terra e que mercadorias são as que ahi trazes? — Ricarte mudando a lingua, porque não soubessem que era francez, lhe disse: — Senhor, somos mercadores que vimos de Tarrascona e trazemos muitos pannos de todas as sortes e queremos ir vendel-os em Aguas-Mortas; trazendo muitas joias para offerecer ao almirante. E se tu nos deixares passar e ensinares o caminho te daremos das nossas mercadorias; porque não sabemos por onde nos havemos de guiar,

nem tão pouco os passos d'esta terra, e nenhum de nós outros tem ainda passado por aqui. — Galafre respondeu : — Sabei que eu tenho a cargo de guardar esta ponte e toda esta terra ,e não ha muito tempo que sete traidores, vassallos do imperador Carlos Magno, me enganaram falsamente, dizendo que levavam embaixada ao almirante Balão; e me disseram que traziam o tributo que se havia de pagar; os deixei passar e têm feito grande damno e prejuizo ao almirante.

Porém elles estão em parte onde pagarão o que têm feito; porque estão cercados em uma torre de mais de cem mil Turcos. E antes de hontem se escapou um, que creio que tinha o demonio no corpo, o qual matou el-rei Clarião, meu sobrinho que o seguia com tres mil Turcos, e lhe tomou o seu cavallo que é o melhor do mundo. E como viu as guardas d'esta ponte se metteu ao rio e passou a nado, que nunca o fez outro homem do mundo; e foi levar as novas a Carlos Magno dos christãos que na torre estão sitiados, para que lhes désse soccorro; e por esta causa me ha mandado o almirante, com pena de morte, não deixe passar pessoa alguma sem primeiro saber quem é e para onde vai, e assim quero ver as mercadorias e saber se sois mercadores.

Ricarte lhe disse : — Bem me parece que vejas as nossas mercadorias e saibas que somos mercadores.— E dizendo isto, entrou logo Ricarte pela porta e logo atraz d'elle Regner e Nantes, e quando Galafre viu tantos dentro não ficou muito contente e logo fechou o postigo para não entrarem mais, e lhes disse que tirassem as capas porque queria ver o que levavam. Ricarte se desviou um pouco e deixando cahir a capa metteu mão á espada, e o mesmo fizeram os outro, e Ricarte lhe deu um grande golpe na cabeça, mas como n'ella tinha uma caveira de serpente resvalou a espada e lhe cortou

uma orelha; e os outros tambem procuravam de o ferir fortemente, mas não aproveitavam, pois o dar n'elle era o mesmo que dar em uma penha dura, porque sobre as armas trazia uma pelle de serpente que era mais dura que um diamante.

Galafre levantou a archa de armas para ferir a Ricarte, mas vendo este vir o golpe, desviou o corpo e deu a pancada em uma pedra marmore que entrou por ella mais de um palmo; e dando o golpe em vão deu grito tão grande quo o ouviram os Turcos que estavam da outra parte; e os christãos fizeram o signal ao imperador Carlos Magno, o qual com toda a sua gente chegou com muita brevidade á porta, abrindo-a Ricarte, e tambem chegaram os Turcos, havendo entre elles uma grande mortantade; e Galalão fez n'aquelle dia cousas muito assignaladas, querendo-se, sendo traidor, congraçar com Carlos Magno, porém a sua lealdade durou pouco tempo.

Capitulo XXXIX

Como Carlos Magno ganhou a ponte de Mantible com a morte do gigante Galafre; e como Alorino, parente de Galalão, lhe quiz fazer traição.

A multidão dos Turcos que vinha em favor de Galafre para soccorrer a ponte, era tanta que cobria dus leguas de terra; e vendo Carlos Magno que os christãos se retiravam, se cobriu com o seu escudo e se poz diante, começando a derrubar Turcos para uma e outra parte, e Galalão a seu lado peleijando valerosamente; e seguindo a batalha viu Carlos Magno a Galafre com uma archa de arma na mão fazendo grande damno nos christãos; e vendo que não aproveitava nada o feril-o com a espada, pela grande fortaleza das

armas que trazia, pediu uma lança e com ella lhe deu tantos encontros que o derrubou em terra, e Ricarte lhe cortou a cabeça, e quando se viu no chão deu um grande e formidavel grito que foi ouvido na distancia de tres legoas, accudindo muito gente para defender a ponte.

Entre a gente que accudiu veiu um gigante chamado Amphiam, e o seguia sua mulher, tambem giganta, chamada Amiota, com dois meninos seus filhos nos braços, de idade de quatro mezes, e eram de cinco pés de largo e bem fornidos, segundo a grandeza dos seus corpos. E este gigante se poz á porta da ponte por onde haviam de sahir os christãos, com uma grande barra de ferro nas mãos, a dizer com horriveis vozes : — Onde está o velho louco Carlos Magno ? Se quer levar as Santas Reliquias ou passar a soccorrer os seus cavalleiros, venha porque a porta está aberta. — Ouvindo isto Carlos Magno, se cobriu com o seu escudo e foi para accommettel-o, porém Ferabraz lhe rogou que o deixasse a elle com a batalha, que conhecia aquella gente e o seu modo de peleijar, porque eram de grandissimas forças, porém que não tinham manha nem destreza nas armas. E Carlos Magno assim lhe concedeu.

Cobriu-se Ferabraz com o seu escudo, e chegou-se ao gigante o espaço que lhe pareceu que o podia alcançar com a barra, e o gigante a levantou com ambas as mãos, e fingindo Ferabraz que esperava a pancada, desviou o corpo quando viu vir a barra, e assim descarregou o golpe na terra, e foi tão forte que fez estremecer toda a ponte ; e antes que levantasse a barra outra vez lhe cortou Ferabraz ambos os braços de um golpe e lhe deu outro na cabeça, que lhe cortou o elmo e a abriu até os dentes ; então ganharam os christãos a ponte ; porém era tanta a multidão dos Turcos que os não deixavam sahir e os fizeram retroceder

até o meio da ponte, morrendo muitos homens de uma e outra parte. E estavam sempre ao lado de Carlos Magno, Ferabraz, Regner, Ricarte e Nantes, guardando mais a sua pessoa do que as suas mesmas vidas.

Vendo Carlos Magno que não podiam passar adiante, antes lhe era forçoso retirar-se com perda de muita gente, começou a suspirar dizendo que já perdia a esperança de ver os seus cavalleiros, pois que não podiam ganhar aquelle passo ; Ferabraz lhe disse : — Senhor, não nos convém agora chorar os que estão ausentes, senão a nós mesmos ; porque se não ganharmos esta ponte, será impossivel escarpamos das mãos dos nossos inimigos, pela grande multidão que continuamente vem vindo. —

Esforçando-se então Carlos Magno, disse com grandes vozes : — Segui-me, cavalleiros, que agora é tempo de empenhar as vossas forças. — E logo se poz na dianteira e começou a fazer taes proezas, que todos estavam espantados, assim os seus cavalleiros como inimigos ; e postos a seu lado Ferabraz, Ricarte, Regner e Nantes, deram tanta pancada nos Turcos e fizeram n'elles tal matança, que se viram obrigados a fugir para a villa; e querendo levantar uma ponte levadiça, para os christãos não passarem á outra banda, teve Ferabraz mão n'ella de tal sorte que lhes não foi possivel levantal-a; e disse aos outros cavalleiros que passassem com todo o exercito, e que fossem armados e em boa ordem tomar a villa, e que não perdoassem a nenhum dos seus inimigos.

Mettidos os Turcos na villa, se quizeram fazer fortes n'ella, mas Carlos Magno como hia no seu seguimento, entrou e alguns soldados juntamente com elle; porém na entrada houve muito grande mortandade nos christãos, que com pedras lhes faziam os Turcos das janellas e torres da praça: e

vendo-se Carlos Magno em tão grande aperto, deu uma voz dizendo : « Soccorro, Cavalleiros. » Então chegou Galalão, e seus parentes com mil e seiscentos homens mui bem armados, e fez alli grandes proezas. (Ainda que ao depois foi traidor.) Durou o combate da entrada da praça quatro horas, até que a renderam, e entrou Carlos Magno na praça com mui pouca gente, e Galalão se retirou com a sua comitiva para o campo. Porém os Turcos se tornaram a rebellar contra Carlos Magno. —

Depois de estar Carlos Magno dentro da villa com tão pouca gente, e retirado o partido de Galalão, chegou Alorino, seu parente, e lhe disse : — Senhor Galalão, Carlos Magno está na villa com muito pouca gente e será maravilha se jámais sahir d'ella; porque os Turcos que lá estão são muitos e bem armados. Eu sou do parecer que nenhum do nosso partido o soccorra. E agora temos boa occasião para nos vingarmos d'elle e dos outros nossos inimigos. E se tu queres que nós voltemos para França, levantar-nos-hemos com as fortalezas e pouco a pouco seremos senhores de todo o reino; pois que lá não ha pessoa alguma que nos possa contradizer. —

Galalão lhe respondeu : — Senhor Alorino, parente e amigo ; é verdade que eu tenho má vontade ao duque Regner pela injuria que ha pouco nos fez a todos os parentes na presença do imperador ; e não menos a este por se lhe mostrar muito agradavel : porém não me parece que nos podemos vingar da maneira que dizes, sem detrimento das nossas honras, deixando-o em tão grande necessidade em poder dos Turcos. E além d'isso, póde ser que não nos succeda conforme a nossa intenção ; porque bem poderão os parentes que lá estão, dos que cá ficaram, fazer-nos grande damno, porque podem conhecer brevemente a

traição. — Alorino lhe respondeu: — Senhor Galalão, não sejas cobarde em cousas que tanto te convém; porque se agora não tomas vingança de nossos inimigos, pois para isto tens tempo, quando o quizeres fazer não terá logar e te arrependerás de o não ter feito quando já não tiveres remedio. —

Estando n'esta contenda chegou Ferabraz, e perguntando por Carlos Magno, lhe respondeu Alorino: — Creio que já o não verás vivo porque está na villa com pouca gente, entre grande numero de Turcos. — E Ferabraz lhe disse: — E vós outros que fazeis aqui que não lhe dais soccorro? Certo, que bem podeis ser accusados de traidores, pois que em tão grande affronta vos esqueçeis do vosso soberano. — E dizendo isto, tomou uma grande archa de armas, e se foi para a villa dando grandes vozes, dizendo: — Cavalleiros, soccorrei ao vosso rei. — E chegando á porta da villa achou Galalão a seu lado com alguma gente.

Vendo qu Carlos Magno, com a pouca gente que tinha, se vinha retirando para a porta peleijando quanto podia, se metteu Ferabraz por entre os christãos e pouco a pouco foi passando até tomar a dianteira e juntamente com elle hia Galalão, e fizeram os dois tão grande matança nos Turcos que corriam pelas ruas rios de sangue, e não tiveram os Turcos outro remedio senão fugir com grandes alaridos, e sahiram alguns por uma porta falsa e foram contar a sua desgraça e tomada da ponte ao almirante, e os christãos ficaram senhores da ponte e da villa, onde acharam muitas riquezas.

Capitulo XL

Como Amiota, a giganta de quem acima fallamos, matou muitos christãos e como o almirante soube da tomada da ponte.

Com muito grande trabalho e perdição de gente ganhou Carlos Magno a ponte de Mantible; e chegada a noite tomaram os christãos as suas pousadas e se aquartelaram pacificamente e se desarmaram para descansar da grande fadiga da batalha. E uma giganta, chamada Amiota, que era mulher do gigante Amphiam que Ferabraz matou, sentindo que os christãos estavam descuidados, toda raivosa pela morte do marido tomou uma bisarma a modo de roçadoura e sahindo da cova onde habitava, deixando n'ella os filhos, entrou na villa com tão grande furia que matava a todos christãos que pelas ruas encontrava e quando por ella não achava gente entrava nas casas e como os achava desarmados matou muitos sem grande trabalho; e foi a mortandade de tal sorte que se amotinou toda a gente e se armaram contra ella.

Quando Carlos Magno sentiu o alboroto da gente, entendeu que seriam Turcos que vinham em soccorro da ponte, e se armou com toda a brevidade; e Ferabraz e os outros cavalleiros fizeram o mesmo, e sahiram todos armados: e perguntando o imperador que era o que tão grande ruina e motim causava; lhe disseram que era Amiota, e que só uma mulher fazia tal alboroto e estrago, e que tinha dado morte a muitos. Carlos Magno disse que a queria ver; e assim caminhou com os mais cavalleiros para onde ella estava, e ficou admirado de ver mulher de tal grandeza, pois chegava com a cabeça até os telhados e reluziam os seus

olhos como fachos accezos; e a escuma que lhe sahia pela bocca lhe corria pelos peitos até os pés: dava de quando em quando um gemido que se ouvia a distancia de meia legoa: só o pezo da bisarma, ou roçadoura, que trazia era bastante para derrubar uma forte torre, e a sua horrenda vista bastava para atemorisar a todos os homens.

Vendo Carlos Magno tão terrivel e abominavel monstro, se cobriu com o seu escudo e com a espada na mão quiz ir accommettel-a, e Ferabraz lhe disse: — Senhor, não é honra que sujes a tua espada em uma mulher, nem será cordura que esperes os seus golpes. Porém eu te direi o modo que com ella havemos de ter. — E chamando a uns homens que traziam fundas feitas ao modo da Turquia mandou que lhe atirassem as pedradas, e dando-lhe muitas nunca a feriram nem derrubaram e era o mesmo que dar em um duro penhasco.

Vendo Ferabraz que as pedras não faziam effeito tomou uma funda com uma pedra e disse: — Feio me parece matar uma mulher mas não possover diante de mim este demonio — e lhe atirou com a pedra com tanta força que dando-lhe no pulso ou munheca da mão direita lhe lançou a mão fóra do braço e lhe cahiu com a bisarma em terra: e deu tal grito que estremeceu todo o povo, e logo os soldados a acabaram de matar com muitas pedradas e pancadas. E logo mandou Ferabraz que se puzessem vigias e sentinellas na ponte e na villa e os mais se recolheram a seus quarteis.

Chegada a manhã, mandou o imperador Carlos Magno repartir pelos soldados o saque, que era muito rico, por constar da maior parte dos thesouros do almirante, que os tinha ali seguros por ser a praça muito forte; e assim ficaram todos muito contentes e satisfeitos, suavisando com este premio o seu grande trabalho, e o imperador não

tomou para si cousa alguma; e indo ver as fortalezas e muralhas da praça da parte de fôra, viu estar uma grande cova e n'ella estavam chorando dois meninos filhos da giganta Amiota, que os tinha parido de um parto, e sendo de quatro mezes eram tão grandes como um homem ordinario, bem fornidos e fortes, e logo os fez baptizar e foi o seu padrinho; e a um mandou que se chamasse Roldão e a outro Oliveiros; mas não viveram mais de tres dias, de que Carlos Magno teve grande sentimento.

Querendo pois o imperador passar adiante, por não retardar e soccorro, mandou enterrar todos os mortos e curar os feridos, e chamando a Ricarte e a Regner lhes perguntou que gente poderia deixar ali de guarnição? E lhe disseram que a gente que havia de ficar era necessario que fosse leal : porque era muito preciso ter aquelle passo seguro para o que podesse succeder; porque nem todos os que vinham no exercito eram capazes, por serem traidores. E assim determinaram que ficassem os dois nobres cavalleiros Hoel de Nantes e Riol de Nantes com dez mil christãos.

Posta a guarnição, sahiu da praça o imperador com a mais gente em quatro batalhões repartida; um governava Ferabraz, outro Regner, outro Ricarte, e outro tomou Carlos Magno para sua guarda e deu a Ferabraz a dianteira, porque sabia melhor os passos da terra; e a retaguarda deu a Ricarte de Normandia. Postos assim em boa ordenança se puzeram em caminho; e depois de terem subido um grande alto de outeiro parou Carlos Magno para ver o seu exercito, e vendo-o tão luzido e tão bem preparado teve um grande gosto e contentamento : e tambem porque conheceu que todos vinham muito desejosos e com grande vontade de peleijar; e d'isto deu infinitas graças a Deos.

N'este tempo teve noticias o almirante da tomada da ponte e da praça, da morte de seus gigantes, e da perda de seus thesouros : e logo cahiu no chão amortecido, e quando tornou a si do desmaio, disse d'este modo : — O' Mafoma, como teu têm já faltado as tuas forças ! Agora conheço o teu pouco poder. Já tenho por louco o que em ti confia. Nunca homem algum te honrou tanto como eu : nem em parte alguma do mundo são as tuas Mesquitas tão ricas nem tão servidas como as que estão nas minhas terras ; e muito grande parte dos meus thesouros tenho gasto em fazer muitas imagens de ouro e de prata a tua semelhança, para que fosses adorado do povo como Deos : e tu és tão ingrato e desconhecido que em tanta necessidade e aperto te esqueces dos meus beneficios e serviços. A ti só tinha encommendado a minha torre e thesouros que nella estavam. A ti só tinha encommendado que guardasses a minha ponte de Mantible ; e descansado na tua guarda, não puz tanto recato n'ella quanto era necessario, pois me confiava em ti. Nas cousas de pouca importancia me mostraste os teus afagos, para que nas mais precisas e necessarias me podesses facilmente derrubar ; e assim sempre me enganaste. — Dito isto, tomou uma archa de armas e com ella despedaçou todos os seus Deoses e idolos.

Sortibão de Coimbres, que viu o almirante tão desesperado, tratou quanto pôde do socegar, reprehendendo-o da injuria que tinha feito ao seu Deos Mafoma, dizendo-lhe que lhe pedisse perdão porque o não castigasse com rigor. O almirante lhe respondeu : — Não o quero nem lhe quero obedecer ; porque tem sido muito ingrato e desconhecido aos meus favores, pois tem deixado tomar as minhas fortalezas pelos christãos. Sortibão lhe disse : — Não digas, senhor, taes palavras : pede perdão ao teu Deos

Mafoma, pois agora n'esta occasião o has mister mais que nunca. Trata de mandar espias para saber se é certa a vinda de Carlos Magno e que gente traz, e assim lhe daremos batálha campal : e se cahir nas nossas mãos o faremos queimar e a teu filho Ferabraz que vem em seu favor. — Disse o almirante : — Já que tanto me rogas, farei o que me dizes ; mas bem vejo que Máfoma é meu inimigo sem razão alguma ; porém eu nada confio já do seu poder.

Capitulo XLI

Como os cavalleiros que estavam na torre com Floripes foram grandemente combatidos pelos Turcos e a torre foi quasi derrubada.

Rogou Sortibão tão fortemente ao almirante que se congraçasse e pedisse perdão a Máfoma, que movido dos seus teimosos rogos o fez adiante de alguns dos seus cavalleiros ; e por melhor satisfação lhe prometteu mandar de novo fazer a sua imagem, accrescentando-lhe cem arrateis de ouro fino e adornal-a com muitas pedras preciosas para que lhe désse victoria contra Carlos Magno; e enviou secretamente espias para saber do seu exercito, e brevemente voltaram e disseram que Carlos Magno tinha partido de Mantible e que vinha apressadamente para dar soccorro aos seus cavalleiros que estavam na torre ; que trazia pouca gente mas bem armada.

Sabida a noticia, mandou logo o almirante preparar a sua gente e combater fortemente a torre, antes que o soccorro chegasse. Emquanto se ordenava o combate, mandou por todos os seus dominios buscar gente ; e começando o combate lhe deram tal pressa que derrubaram brevemente a

outra esquina da torre, e ainda que morriam muitos não ousavam apartar-se do conflicto com medo do almirante, que lhes dava grandes vozes, que trabalhassem e pelejassem. Tinham os Turcos feito, um bastante buraco para entrarem dentro, mas não se atreviam com medo, ainda que o almirante bem instava e mandava que entrassem.

Quando os cavalleiros viram a esquina derrubada e o buraco aberto, tiveram algum temor dos seus inimigos, mais por causa de Floripes e das damas, do que por elles; pois por amor d'ellas não ousavam sahir á batalha nem apartar-se da torre, dizendo ellas que emquanto elles peleijavam no campo poderia a torre ser arruinada e perdida.

Roldão vendo o caso mal parado, disse aos mais companheiros : Senhores convém muito que vamos peleijar com os nossos inimigos porque não acabem de derrubar a torre : porém não nos havemos de apartar d'ella senão sómente tanto que tenhamos logar de reparar o buraco. E agora convém sermos bons cavalleiros, porque a gente é muita e o furor do almirante excessivo. E assim vos rogo que tenhamos boa ordem no peleijar, que não nos apartemos uns dos outros: porque se algum cahir tenha prompto quem o ajude a levantar. E estae certos que em mim tereis grande favor, que se a minha espada durindana me não faltar eu farei que ao almirante e á sua gente lhes peze gravemente do combate que hoje nos deram.

A todos pareceu bem o conselho do Roldão e assim determinaram ir á batalha, e Floripes teve d'isto grande sentimento ; porém vendo que o sahir era preciso e não se podia escusar, chorando lhes disse : — Senhores, antes que vades, vos quero mostrar as Santas Reliquias ; para que com mais contricto coração rogueis a nosso Deos Jesus Christo que por sua piedade infinita nos livre de tanta affronta.— E prostrados todos de joelhos em

terra e com innumeraveis lagrimas rogaram de todo o seu coração que pela sua bondade infinita os livrasse dos seus inimigos.

Estando n'este colloquio, disseram as damas de Floripes com grandes vozes que os Turcos subiam pela torre até ás janellas: e como Floripes tinha o cofre nas mãos chegou a uma janella e o mostrou aos Turcos, e foi Deos servido fazer ali um grande milagre; pois tanto que o viram, cahiram todos subitamente e de repente em terra e os que estavam ainda no chão para subir se desviaram da torre para uma bem distante parte. E vendo os cavalleiros este prodigio deram infinitas graças a Nosso Senhor Jesus Christo, e Floripes lhe deu muitos louvores; e tornou a levar o cofre para o seu logar, e voltou para as janellas onde estavam os cavalleiros.

Vendo o almirante a Floripes junta com os cavalleiros, lhe disse: — Oh Floripes, grande foi a tua ousadia e luxuria; pois por ella deixaste os teus Deoses e vendeste a teu pai e a todos os meus vassallos e parentes! Mas estou certo que brevemente te farei deixar o amor dos christãos que tão fortemente amas e queres: porque a elles e a ti farei que n'este dia sejam queimados. — Ella lhe disse: — Por certo, meu pai, não dizes a verdade; porque nunca fui luxuriosa nem tenho conhecido varão: mas sim encaminhou-me o verdadeiro Deos Nosso Senhor Jesus Christo para o caminho da verdade, como tambem a meu amado e querido irmão Ferabraz. Este caminho queria eu que tu tambem seguisses para que a tua alma se não perdesse. E sabe que por esta causa tenho rogado aos cavalleiros christãos que não te matem: porém se os perseguires mais, não terás, nem toda a tua gente, poder para lhes resistires e livrar das suas mãos; porque Deos Omnipotente está com elles, como o podes ver na

destruição que na tua gente tem feito, não sendo mais que dez cavalleiros. —

Teve o almirante tanta raiva do que Floripes lhe disse, que cahiu com um accidente, e Sortibão e outros cavalleiros turcos trabalharam muito pelo consolar, e tornando a si disse: — Oh maldito e traidor Máfoma, que pouco é o teu podere o meu; pois só a dez cavalleiros não podemos com tão grande numero de gente resistir! O certo é que não sabes governar, nem o que has de fazer. Maldito seja aquelle que em ti confia e crê. — Sortibão lhe disse: — Senhor, mui simplesmente tens fallado contra o teu Deos Máfoma. Tu não vês com quanta abundancia nos dá dos bens temporaes? Porém isto que agora padeces, o permitte pelos teus grandes peccados. Mas pede-lhe perdão para que te favoreça contra Carlos Magno.

Logo lhe trouxeram uma imagem de ouro fino á semelhança do maldito Máfoma, a qualem sua cabeça tinha um demonio mettido que fallava e respondia a tudo o que se lhe perguntava tres dias na semana, e lhe disseram: Senhor, pede perdão a Máfoma, teu Deos, que tens diante, e elle te ajudará nas grandes adversidades. — E pôste ó almirante de joelhos a rogo dos seus cavalleiros, lhe disse: —O' Mafoma, peço-te, quanto a mim é possivel o pedir-te, que não faças caso das torpes e deshonestas palavras que este atribulado velho disse contra ti. E adverte que estou com firme preposito de me emendar dos meus passados erros e peccados que contra a tua grandeza tenho commettido. E assim te prometto em satisfação das minhas graves culpas, mandar-te fundir pelo melhor mestre dos meus reinos e tornar-te a fazer de novo accrescentando para a tua grandeza, para seres maior duzentas libras de ouro fino, para que assim sejas mais rico e respeitado. E mandarei reparar todas as tuas Mesquitas e te darei muitos e gran-

des privilegios. Pelo que te peço me dês favor e ajuda contra os christãos meus inimigos e que d'elles tome rigorosa vingança : e assim dá-me a tua palavra de fazer o que te peço que eu tambem t'a dou de não faltar ao que te prometto. —

O diabo que estava mettido no idolo ou figura lhe respondeu : — Almirante, teus erros são perdoados pelo grandissimo arrependimento que d'elles tens e não menos porque sei que obraste com demasiada angustia do teu coração. E assim não faltes no que promettes que eu não te faltarei no que me pedes. E manda logo apparelhar a tua gente e dar outra vez combate á torre que sem duvida serás senhor dos inimigos. E eu empenharei todo o meu poder para destruir a todos os christãos que te perseguem : pois te estou muito obrigado pelo grande dispendio que commigo tens feito e porque me queres fazer mais rico, formoso, temido e respeitado. —

Ouvindo o almirante o favoravel promettimento do grande Máfoma, mandou fazer grandes festas por todo o seu exercito, tangendo flautas, buzinas e outros instrumentos turcos, em signal da victoria futura que esperava por lhe estar pelo seu Deos Máfoma promettida; e apparelhada a gente deram combate á torre com tanto vigor que deram com uma parte da principal parede d'ella no chão. O que vendo Urgel de Danôa disse : — Senhores, é necessario que busquemos outra morada : e vamos logo buscal-a, já que Deos é servido que deixemos esta. E vámos já, senhores ; porque melhor resistiremos aos golpes dos nossos inimigos que á caida da torre. E se Deos fôr servido que percamos as vidas no poder d'estes Turcos, tenha cada um de nós outro modo de vingar a sua morte antes que lh'a dêm. Saiamos já a campo, senhores, a peleijar com elles, já que Deos assim o quer, e não queiramos fazer cousa alguma contra

a sua Divina vontade. E com a fidelidade que sempre a outro tivemos, accommettamos a nossos inimigos.

Estando já os cavalleiros apparelhados para sahirem á campanha, se poz a formosa Floripes de joelhos diante de Gui de Borgonha, e com muitas lagrimas e soluços lhe disse: — Senhor, por aquelle Deos em que crês e confessas ser Uno e Trino, te rogo que sejam os teus feitos como é a generosidade do teu sangue; e assim não me desampares. Adverte que a torre está por muitas partes aberta; as minhas forças são mui pequenas e a crueldade de meu pai grande. E não creias que tomará menor vingança de mim do que de ti, se te acolhesse outra vez a seu poder; e com muita razão; pois por amor de ti lhe tenho feito tanto mal. —

Ouvindo Gui de Borgonha as tristes lementações da honesta e formosa donzella, lhe disse: — Senhora, não imagines que é tão pouco o amor que te tenho, que não tenha maior sentimento da tua pena que da minha mágoa: porém, senhora, sabe que o sahir á batalha não se escusa, mas será de maneira que nem tu nem as tuas damas fiquem desamparadas, em quanto nós outros tivermos vida; nem nos apartaremos da torre mais que quanto façamos desviar o inimigo, porque não acabem de derrubal-a. E se nos deres licença para que com esta condição vámos, aqui ficarão em tua companhia dois de nós outros, supposto que eu de nenhuma maneira posso ficar. —

Vendo Floripes o grande amor de Gui de Borgonha e a sua fidelidade, lhe disse: — Senhor, tu me offereces deixar dois dos teus companheiros em minha companhia e guarda; e d'isto me fica grande sentimento por imaginar que com tão pouca gente heis de sahir á batalha com tanta multidão de Turcos. Pelo que te rogo que me ar-

mes e ás minhas damas, e com tantas archas de armas iremos debaixo do amparo de vós outros guardando a tua pessoa. —

Ouvindo Roldão os amorosos colloquios de Floripes se poz a rir, e disse a Gui de Borgonha: — Amigo e companheiro, grande é o amor que te tem esta senhora; porém não é honra nossa que ella vá á campanha. Assim, senhora, te peço que não te afflijas tanto. Cessa e acaba já de chorar; e tem esperança n'aquelle verdadeiro Deos e Homem: porque assim como nos tem livrado de outros maiores perigos, tambem nos livrará d'este. — E assim se despediram d'ella e das damas.

Sahindo pois os cavalleiros da torre começaram uma cruelissima batalha com os Turcos, e fizeram n'elles tão grandes estragos, que em pouco tempo os lançaram n'um dilatado espaço da torre e tornaram a recolher-se a seu salvo e sem perigo. E acharam a Floripes e as damas armadas de todas as armas, cada uma com sua archa de armas na mão, postas onde estava a torre derrubada; de que fizeram um grande festejo.

Capitulo XLII

Como os cavalleiros souberam da vinda de Carlos Magno e tambem o almirante; e como Galalão foi enviado com embaixada ao almirante.

Passaram os cavalleiros aquella noite com grande contentamento e festejo, fallando nas varonís acções de Floripes e das suas damas, pois que com tanto valor e resolução se armaram para defender a torre, e Gui de Borgonha disse: — Senhores, d'aqui por diante bem podemos sahir sem receio a peleijar com os inimigos: pois que temos tão grandes vigias para guardar a torre. — E Oliveiros

disse : — Senhora, amanhã havemos de sahir á batalha e se te parecer sahirás com nós outros e as tuas damas, para que mais depressa demos fim aos nossos inimigos. E não duvido que o senhor Gui de Borgonha obre maiores prodigios do que costuma por te levar em sua companhia. — Ella disse : — Senhor Oliveiros, faze tu com meu senhor Gui de Borgonha que me deixe sahir com vós outros á batalha que prometto que onde eu estiver não farei menos do que fizera meu irmão Ferabraz. — E d'este dito fizeram todos grande applauso.

Chegada a manhã, subiu Urgel de Danôa acima da torre para vigiar o exercito dos Turcos, e olhando mais ao longe viu muitas bandeiras tremulando nos ares e acompanhadas de muita gente armada; e conhecendo que eram christãos, desceu muito depressa e foi onde estavam os companheiros e lhes disse : — Senhores e amigos, peço-vos que todos deis muitas graças a Nosso Senhor que tão piedosamente se tem havido comnosco, porque um grande exercito de christãos vem em nosso soccorro. —

Ouvindo os cavalleiros tal noticia vieram todos a abraçal-o e com grande contentamento subiram á torre e os acompanhou Floripes e as damas, e se lhes dobrou o prazer quando conheceram o estandarte e armas do imperador Carlos Magno : e postos de joelhos e os olhos no Céo, deram infinitas graças ao Omnipotente Deos.

O almirante Balão, que estava junto ao seu exercito com el-rei Corsul, vendo vir o exercito dos christãos, lhe pediu conselho ; e Corsul lhe disse : — Senhor, convém que logo faças apparecer a tua gente e lhes vamos dar batalha antes que entrem n'aquelle valle. — O almirante approvou o conselho e mandou logo alistar a gente e se achou com cento e oitenta mil homens de peleija e encom-

mendados a seus capitães se puzeram promptos para marchar.

Entrou porém n'aquelle dia o imperador Carlos Magno no valle e ali descançou a noite sem barracas porque as tinha deixado em Mantible; e chegada a manhã mandou alistar a sua gente e se acharam cincoenta mil soldados e os mandou preparar para a batalha. Vendo Ferabraz toda a genta prompta para peleijar com o exercito do almirante que já tamben estava no mesmo valle, disse a Carlos Magno: — Muito alto e poderoso Senhor, pelos serviços que te hei de fazer te peço me concedas uma mercê. — Carlos Magno lhe disse, que pedisse o que quizesse que tudo lhe concederia. Disse então Ferabraz: — Já sabes, magnifico Senhor, as obrigações que os filhos devem a seus pais. E ainda que meu pai o almirante é turco e eu christão, nem por isso lhe tenho perdido o amor que lhe devo. E assim queria fazer com elle que deixasse os seus Deoses e falsos idolos e mettel-o no verdadeiro caminho da salvação. Pelo que peço, Senhor, que antes que entres em batalha lhe mandes da tua parte e da minha, um embaixador e lhe digas, que se se fizer christão lhe farás toda a honra e cortezia. E quando não queira, que o tratarás como a capitão inimigo, sem d'elle nem dos seus vassallos ter piedade alguma. —

Carlos Magno lhe disse: — Eu folgo muito com isto, senhor Ferabraz, e pelo grande amor que te tenho farei mais este partido. Que de toda a sua terra e fazenda lhe não tomarei cousa alguma, mas só ficará pagando um pequeno tributo. — Ferabraz lhe beijou a mão pela mercê. Perguntou logo Carlos Magno aos seus conselheiros quem lhes parecia que levasse a embaixada ao almirante. Todos uniformemente votaram em Galalão, porque era muito sagaz e eloquente.

Mandou logo Carlos Magno chamar a Galalão e lhe disse : — Galalão amigo, nós vos temos escolhido para levar embaixada ao almirante Balão. — Galalão respondeu : — Senhor irei de muito boa vontade. — Disse-lhe então o imperador : — Dize ao almirante, que eu e Ferabraz, seu filho, lhe pedimos que se faça christão e me mande os meus cavalleiros e as Santas Reliquias; e se isto fizer, não passaremos adiante, e lhe deixarei todos os seus reinos e riquezas e ficará sómente pagando um pequeno tributo. E que se isto não fizer, sem alguma piedade o perseguirei até lançal-o fóra dos seus reinos e dar-lhe vituperiosa morte. —

Galalão armado de todas as armas, montado em um soberbo e poderoso cavallo e uma grossa lança na mão, se foi com a embaixada para o exercito do almirante, que estava em campo preparado para dar batalha a Carlos Magno; e chegando ás primeiras guardas o quizeram prender, porém como souberam que era embaixada o deixaram passar.

Chegado que foi á tenda do almirante, disse que era embaixador do imperador Carlos Magno e trazia embaixada ao almirante Balão. E dando-se-lhe parte, sahiu o almirante armado de todas as armas e com uma archa de armas na mão, e lhe perguntou o que hia buscar ao seu exercito? e Galalão encostado á sua lança sem lhe fazer muita revecencia, lhe disse : — O muito alto e poderoso senhor, o imperador Carlos Magno e o muito valeroso cavalleiro Ferabraz, teu filho, doendo-se da perdição da tua alma, me mandaram para que te diga que deixes os teus Deoses Máfoma e Talvagante e os outros idolos e demonios que te trazem enganado, e que recebas o Santo Baptismo, como o recebeu teu filho; e crêas em Nosso Senhor Jesus Christo, Deos e Homem verdadeiro, Creador

do Céo e da terra; e que lhe mandes os seis cavalleiros que tens cercados e as Santas Reliquias que tens em teu poder. E se fizeres isto, te promette a rogos de teu filho Ferabraz, que te deixará os teus reinos e riquezas e só lhe pagarás um pequeno tributo. E se o não fizeres te lançará vergonhosamente fóra de todos os teus dominios e te dará infame morte. —

Teve o almirante tanta ira d'esta embaixada que por pouco não perdeu o juizo, e com muita ira disse a Galalão, ameaçando-o com a archa de armas que na mão tinha : — Atrevidamente fizeste a tua embaixada e me ameaçaste no meu exercito. E porque ós mandado, não te mando dar o castigo que mereces. E bem podes conhecer o pouco amor que te tem o imperador, teu senhor, em te mandar aonde licitamente se te póde dar a morte : mas vê não tornes outra vez com embaixada semelhante porque te ha de custar a vida. E assim váe-te embora, que semelhante embaixada não tem resposta ; porque é mais louca que entendida. —

Galalão lhe replicou, dizendo : — Não crêas, almirante Balão, que tão pouco amor tenhámos ao imperador Carlos Magno, que por algum perigo d'este mundo deixemos de fazer o que elle nos mandar : e adverte que o que te disse te importa muito : e assim dá-me a resposta que te parecer para que se detenha a gente que já está posta em ordem para peleijar, e todos estão muito desejosos de entrar já na batalha; e assim não venha mais brevemente dar-te fim e a toda a tua gente. —

Vendo um cavalleiro turco a muita colera e raiva do almirante, disse a Galalão : — Para que outro não se atreva a fallar demasiado, é razão que sejas castigado. — E dizendo isto levantou uma massa de ferro com ambas as mãos para lhe dar com ella; quando Galalão o viu, tomou a lança e lh'a metteu

pelo peito, passando-lh'a até ás costas, caindo elle morto aos pés do almirante, o qual com grandes vozes mandou que prendessem a Galalão: porém esse te poz em fugida pelo caminho por onde tinha vindo, e o seguiram mais de vinte mil Turcos; porém como hia bem montado em um ligeiro e poderoso cavallo o não poderam alcançar.

Roldão e os outros companheiros que estavam na torre o viram sahir do exercito do almirante á rédea solta, e disse o duque de Nemé: — Aquelle tanto pelas feições das armas como pelo modo das suas acções, parece que é Galalão, que terá vindo com embaixada ao almirante. Deos permitta livral-o de tão grande perigo. — Galalão correu sem parar até subir a um alto que estava desviado do exercito, e quando se viu em cima parou e olhou para traz para ver os que o seguiam e viu um Turco muito grande de corpo e armado de mui luzidas armas, e com elle vinha Tenebro, irmão d'el-rei Sortibão e vinham um bom espaço diante de todos os outros; e com magnanimo coração os esperou e encontrou a um com a lança de maneira que deu com elle e com o cavallo em terra, e voltando para o outro lhe deu tão forte golpe na cabeça com a espada, que lhe cortou o elmo ou capacete e a cabeça até aos olhos; e vendo a grande multidão dos Turcos que o seguiam, voltou as redeas ao cavallo e veiu para onde estavam os mais christãos esperando por elle. Tudo isto viram os cavalleiros da torre e ficaram mui admirados de ver fazer taes proezas a Galalão. E os Turcos o seguiram até que viram o exercito de Carlos Magno: e assim voltaram logo com muita pressa a contarem ao almirante e a el-rei Sortibão o que tinha acontecido. Quando Sortibão soube que seu irmão era morto, chorou muito, e fez juramento de matar a Carlos Magno e a toda a sua gente. E o almirante teve d'isto algum contentamento, para

que com maior esforço sahisse Sortibão e os seus soldados á batalha.

Capitulo XLIII

Como Carlos Magno fez tres batalhões de toda a sua gente. Como accommetteram ao exercito do almirante e das valentias que Carlos Magno fez.

Chegado que foi o conde Galalão ao exercito e á presença de Carlos Magno, lhe disse : — Muito poderoso imperador, o almirante não quer ser christão, nem em tal cousa quer ouvir fallar, nem se lhe dá do teu poder : e já tem apparelhado a sua gente com grande desejo de dar-te batalha, e teve grande raiva da embaixada. E um cavalleiro dos seus levantou uma massa de ferro para me dar com ella, e diante do almirante lhe metti a lança pelo peito e dei com elle morto a seus pés, e me mandou prender, para o que me seguiram mais de vinte mil Turcos, e a dois mais luzidos que vinham diante dei a morte ; e vim fugindo por me escapar dos outros que eram muitos. —

Ouvida a resposta, mandou logo o imperador a Ferabraz, ao duque Regner e a Ricarte, que fizessem de todo o exercito tres batalhões: O primeiro deu a Ricarte, o segundo ao duque e o terceiro guiaram elle e Ferabraz. E postos todos em boa ordem mandou tocar as trombetas, timbales e caixas, e os cavalleiros que estavam na torre tiveram d'isto grande contentamento : e assim marchou o exercito dos christãos para o exercito dos Turcos.

Quando el-rei Burlante, Sortibão e Tenebro,que tinham a cargo o exercito do almirante, souberam que vinha o imperador Carlos Magno, orde-

naram tambem tres batalhões e puzeram a sua gente em boa ordem; e el-rei Burlante pediu ao almirante Balão que lhe désse o primeiro batalhão, e elle lh'o deu, e disse : — Se te encontrares com Carlos Magno ou Ferabraz, não os mates, porque os quero fazer queimar com Floripes e com os que estão na torre.—

Estando n'estas razões, viram que o exercito de Carlos Magno se ia chegando para elles; logo Burlante saiu a recebel-os com cento e oitenta mil homens, e adiantando-se do exercito, começou com altas vozes a dizer : — O' Carlos Magno onde estás? Aparta-te da tua gente como eu estou da minha, e comecemos os dois velhos esta batalha. Bem pódes vir seguramente contra mim ; porque a minha gente não se ha de mover até que não veja o fim da nossa contenda. Não serás digno de louvor se não fizeres caso d'esta affronta. Adverte que a tua gente te ha de ter em pouco se não acceitares de um só rei o desafio. Vê que ambos somos velhos e não que só peleijem os moços.—

Ouvindo Carlos Magno as vozes do Turco, tomou logo uma grossa lança para sair com elle á batalha; e vendo isso Ferabraz saltou do cavallo em terra e se poz de joelhos diante do imperador, pedindo-lhe que não fosse á batalha e que elle iria por elle, dizendo-lhe que em sua vida se encerrava a honra de toda a sua gente; e que o Turco era valente e muito destro nas armas. E o mesmo lhe pediram Ricarte, Regner e outros mais cavalleiros.

Carlos Magno disse : — Amigos, muito vos agradeço essa boa vontade, mas não acho razão alguma para deixar essa batalha; pois ainda que um de vós outros possa supprir pela min a pessoa, o não póde fazer pela minha honra. E como terão os meus soldados vontade de peleijar se virem que eu fujo da peleija? Não sómente

hão de ser os que governam e mandam, sollicitos e cuidadosos no mandar, mas tambem hão de ser valorosos para levar a dianteira nos maiores perigos. E assim proponho de entrar n'esta batalha para que vós outros com maior animo entreis n'ella: e já me parece que sou digno de reprehensão; porque me tenho detido muito.— E mandou dizer á sua gente que nenhum se movesse até ver o fim em que parava.

Saiu Carlos Magno a campo com o rei Burlante, o qual lhe perguntou se era Carlos Magno? Elle lhe respondeu que sim. Sendo o Turco certificado que elle era e não outro, tomou campo á sua vontade, e encontrando-se com Carlos Magno com toda a força, que os cavallos poderam levar, cairam, ambos igualmente dos cavallos e ficaram prostrados em terra, sem que em algum d'elles se conhecesse vantagem: e levantados que foram, metteram mão ás espadas e deram taes golpes, sendo ambos velhos, que os moços que os viam lhes tinham inveja.

Vendo Carlos Magno que por força de armas não podia ferir o Turco, confiado na sua destreza que tinha no jogo da luta, querendo-lhe atirar o Turco um talho, se metteu Carlos Magno com elle e deixando cahir a espada se abraçou com o Turco pela cintura e lançou com elle em terra, e com um punhal lhe cortou os laços do elmo ou capacete e a cabeça, e se voltou victorioso para o exercito onde foi recebido com muita alegria e se fizeram grandes festejos pela victoria. E logo se montou a cavallo e tomando uma lança, mandou que marchassem todos para diante com boa ordem, e o mesmo fizeram os Turcos.

Chegados uns aos outros começaram a peleijar com tal vehemencia, e foi tal a matança, que os mortos impediam o passo aos vivos, e fez Carlos Magno taes proezas e feitos que ficaram todos os

christãos admirados e os Turcos atemorisados e medrosos. Havia porém entre os Turcos um rei chamado Tenebro, o qual fazia um grande prejuizo entre os christãos e entre elles muitos mortos: e vendo-o um cavalleiro christão, chamado João de Pantoila, foi-se para elle com a sua lança e o Turco o esperou atrevidamente; e do encontro caiu João de Pantoila morto e metteu o Turco a mão á espada e matou outro cavalleiro velho que chamavam Hugo Guarim, e chamava o turco a grandes vozes a Carlos Magno e a Ferabraz, ameaçando-os com a morte.

Ouvindo isto Ricarte de Normandia, se foi para elle e lhe deu tão grande golpe com a espada, que lhe cortou o escudo em dois pedaços e o Turco lhe deu tão grande pancada sobre o elmo ou capecete, que o fez cahir com os peitos sobre o arção da sella e querendo-lhe dar outros, lhe atirou Ricarte um revez que lhe cortou a mão direita pela munheca: e querendo o Turco voltar o cavallo para fugir, lhe deu Ricarte um golpe na cabeça, e resvalando a espada do elmo, lhe cortou a cabeça do cavallo, e um soldado de pé acabou de matar o Turco.

Da outra parte estava Carlos Magno e Ferabraz fazendo grande matança nos inimigos, que já pelo campo corria o sangue em regatos, e traziam as armas todas ensanguentadas; e assim foi forçoso aos Turcos fugir até onde estava o almirante, acompanhado de seis reis e cem mil homens de peleja, que ainda não tinham vindo á batalha. Mas quando soube que Tenebro era morto, chorando e arrepelando as barbas e cabellos, chamou o seu sobrinho Tempesta e a Sortibão de Coimbres, seu secretario, e lhes disse: — Senhores, bem vêdes o quanto os meus Deoses me são contrarios em tudo. Não sei se lhes falta o poder, ou se tem feito pazes com os christãos. Eu vejo a minha morte

já mui perto e chegada. E se me podesse sómente ver vingado no imperador Carlos Magno, alegremente acabaria a vida. Pelo que vos rogo e encommendo, que vejaes com diligencia pelo campo se o podeis ver e dizer-m'o, para que eu me possa vingar na sua pessoa. — Elles chorando amargamente de lastima, que do almirante tinham, lhe prometteram de assim o fazer.

Capitulo XLIV.

Como Sortibão de Coimbres foi morto ás mãos do duque Regner e dos progressos que fez o almirante.

Mandou o almirante Balão que a gente que tinha ficado em uma guarda, que eram cem mil homens, fosse repartida em dois batalhões e que el-rei Tempesta junto com elle governasse o primeiro e Sortibão de Coimbres governasse o segundo. E posto em boa ordem foram tocando flautas e businas, e chegando ao exercito dos christãos começaram uma muito cruel batalha: e Sortibão accommetteu com grande esforço a gente do duque Regner e matou muitos christãos: e vendo o duque que Sortibão andava muito feroz, tomou uma grossa lança e se foi para elle; e tanto que Sortibão o viu tomou outra lança e lhe sahiu ao encontro, e fizeram as lanças em muitas migalhas, e metttendo as mãos ás espadas se deram igualmente tão fortes golpes que em pouco tempo lhes cahiram os escudos no chão feitos em pedaços; e peleijando descobertos só com as espadas, o duque Regner lhe cortou os cópos, a guarda da espada e os dedos da mão, e lhe segundou com outro golpe na cabeça que o deitou atordoado do cavallo abaixo e os soldados infantes o mataram.

E o duque passou adiante matando, ferindo e derrubando muitos inimigos.

Quando o almirante soube que Sortibão era morto, como desesperado e sem sentidos, lançando escuma pela bocca e pelos olhos abundancia de lagrimas, dizia d'esta maneira : — Oh Sortibão meu especial amigo e leal secretario! Porque me deixaste em tempo de tão grande necessidade? Mas já me não admiro de que me deixasses e fugisses da minha companhia; pois viste que meu filho fugiu d'ella e em companhia dos meus inimigos me faz cruel guerra : e minha filha Floripes não sómente aborreceu a minha conversação e companhia, mas, como mortal inimiga, em satisfação dos meus beneficios, entregou a minha fortaleza e a minha pessoa a meus inimigos. E o que mais me afflige é que os meus Deoses a quem tantos beneficios tenho feito e com quem tenho gasto tantos e tão grandes thesouros, só pelos honrar, me não têm feito um só gosto, antes me são contrarios e favoraveis a meus inimigos. Como são ingratos e inconstantes nunca dão bom pago a quem lhes faz grande serviço. Porém eu me esquecerei tambem d'elles e os tratarei de tal modo que nunca jámais tenham respeito.

Pois como podias tu, meu Sortibão, ter firmeza comigo se o meu proprio sangue me não teve lealdade! Mas não ; estou certo que se tu puderas, não me faltarias e me fôras mais leal que os meus proprios filhos. E por isso te seguirei logo, só por estar na tua companhia. E se algum tanto me detenho não me culpes, que não será mais a minha tardança que em quanto vingo a tua morte. E não creias que para isto me faltam as forças, que, ainda que a idade m'as tenha enfraquecido, m'as tem accrescentado a dôr da tua morte e a ingratidão dos meus filhos. —

Dizendo isto, pediu uma grossa lança, e como

leão embravecido entrou pelos christãos, e encontrou com um cavalleiro com tanta força, que deu com elle e o cavallo em terra, e logo encontrou com outro e deu com elle fóra da sella; e começou com grandes vozes a dizer d'esta maneira: — O' Carlos Magno, onde estás? Já que na Turquia entraste a buscar-me para que agora foges? Só por me encontrar comtigo entrei n'esta batalha. Grande honra seria para a tua imperial corôa, se com as tuas proprias mãos me desses a morte. E grande consolação terá a minha alma se antes que eu morra puder banhar em teu sangue a minha espada. Vem pois para este velho que tantas vezes tens ameaçado. Não tenhas piedade de quem da tua gente a não tem, nem menos a terá de ti. —

Dizendo isto e outras muitas cousas, se cobriu com o escudo, e apertada a espada na mão como desesperado, se metteu pelo exercito e em pouco tempo derrubou trinta cavalleiros e atropellou mais de cem infantes; e olhando para a espada e vendo-a toda cheia de sangue, tornou de novo a chamar a Carlos Magno; e como o não achou, se metteu pelos christãos e fez n'elles uma grande destruição e mortandade.

Tudo isto esteve vendo Ferabraz, e admirado das grandes façanhas de seu pai, ficou mettido em uma forte confusão. Pezava-lhe muito da morte dos christãos e tremiam-lhe as carnes em imaginar que havia de pôr as mãos em seu pai. Tinha vergonha porque não servia lealmente a Carlos Magno. E querendo evitar o damno que o almirante fazia, o amor do pai o fazia voltar para atraz. E quando via a morte dos christãos ficava combatido da sua propria lealdade.

Não descançava o almirante de derrubar cavalleiros e infantes: e vendo um cavalleiro que se chamava o conde Misson, armado de luzidas armas, e conhecendo o almirante que era pessoa princi-

pal se foi para elle, e o conde o esperou valorosamente, e deram-se tão grandes golpes que o conde quebrou a sua espada junto das guarnições, e o almirante lhe deu tão grande pancada que lhe fez dobrar o corpo para traz e juntar a cabeça com as ancas do cavallo, levando-o prisioneiro, entendendo que com elle faria algum bom partido com Carlos Magno.

Vendo isto Ferabraz, obrigado já da grande lealdade e amor que aos christãos tinha, remetteu á redea solta para o resgatar; mas querendo-lhe estorvar el-rei Tempesta, Rubião e outros cavalleiros turcos, puxou Ferabraz a espada e logo matou a el-rei Tempesta e seis cavalleiros que acompanhavam o almirante, e logo chegou e tomou o conde prisionneiro sem fazer mal a seu pai.

O almirante desejando conhecel-o, tanto pela sua cortezia como pela grandeza de seu corpo, lhe disse: — Por ventura és tu meu filho Ferabraz? — Elle disse que sim. Então o almirante desejando vingar a morte de el-rei Tempesta feita diante dos seus olhos, como não pôde fazer por ser seu filho, nem teve esforço para o ferir, nem alento para lhe fallar, cahiu amortecido sobre o arção da sella, e Ferabraz se abraçou com elle para não cair do cavallo; e n'este tempo o quiz ferir um cavalleiro christão, mas Ferabraz o não consentiu, e não se apartou d'elle até que se restituiu do accidente. Então lhe disse Ferabraz: — Oh quanto bem me faria Deos, meu pai, se deixasses os falsos idolos e conhecesses o verdadeiro Deos, que te creou! — O almirante lhe disse: — Melhor mercê me fariam os meus Deoses, se tu não nasceras. — E vendo Ferabraz uma grande multidão de Turcos junto ao estandarte de Carlos Magno, deixou o pai, e se foi para elles com tal esforço que em pouco tempo desbaratou todos.

Capitulo XLV

Como os cavalleiros sahiram da torre e entraram na batalha e como o almirante Balão foi preso.

Era tanta a multidão dos Turcos que não se podia dar fim a batalha pela grande quantidade que de novo vinha de varias partes, e vendo isto os cavalleiros que estavam na torre, e que os Turcos que a guarneciam eram idos para a batalha, montaram muito bem armados nos seus cavallos e com as espadas nas mãos se metteram na batalha: e sabendo isto o almirante, recolheu grande parte da gente para lhes estorvar o caminho porque não se ajuntassem com os outros; e ali houve uma cruelissima batalha e foi tanta a mortandade dos Turcos que todo o campo estava coberto de sangue e dos corpos, e se vieram todos encorporar com o exercito de Carlos Magno.

Sabendo o almirante que estavam já encorporados com o exercito de Carlos Magno, disse: — Agora é certa a minha perdição. — E apartado algum tanto dos seus, disse: — O' Máfoma, falso enganador e embusteiro! Em que te desmereci, pois tanta inimizade tens comigo? Dize-me, porque me disseste que havia de ganhar a torre e me promettesté o vencimento da batalha? E bastava, trapasseiro, que me enganasses uma só vez e não tantas, quantas me tens enganado. E se de mim tens algum aggravo porque consentiste que o pagassem os meus cavalleiros? Volta pois a tua ira só contra mim, se acaso tens algum poder, o que duvido, e não queiras que pague tanta gente o erro que eu commetti. —

Dizendo o almirante estas e outras razões de

grande sentimento, foram os Turcos desbaratados de sorte que o que mais fugia imaginava que melhor obrava; mas nem por isso quiz o almirante voltar as costas aos christãos, antes os esperou com magnanimo coração, e imaginando dar em um cavalleiro com a espada na cabeça, lhe cortou o pescoço ao cavallo, e vendo-se o cavalleiro a pé, matou logo ali mesmo o cavallo do almirante: e logo foi o almirante de todos conhecido, e a rogos de Ferabraz o não mataram: porém foi prisioneiro diante de Carlos Magno, o qual estava muito contente com os seus cavalleiros e elles lhe estavam contando tudo quanto lhes tinha acontecido, o que passaram na torre e os muitos beneficios que da formosa Floripes tinham recebido.

Capitulo XLVI

Como o almirante Balão, nem por rogos, nem por ameaças do imperador Carlos Magno, quiz ser christão: e como Floripes foi baptizada e casou com Gui de Borgonha.

Levado o almirante Balão prisioneiro a Carlos Magno, foi d'elle muito bem recebido, e lhe mostrou muito amor e agrado, entendendo que se tornaria christão, e foi com os seus cavalleiros a torre aonde estavam Floripes e as damas: e como Floripes soube da sua vinda, se vestiu com os melhores vestidos que tinha, e se adornou com muitas joias de grandissimo valor, e o mesmo fizeram as suas damas, e sahiram a recebel-o á porta da torre e lhe beijaram a mão, e Carlos Magno beijou a Floripes na face e ficou grandemente admirado, assim da sua grande formosura, como da grande riqueza e ornato dos ves-

tidos, e estiveram ali com grande contentamento até o outro dia.

Chegada a manhã mandou Carlos Magno chamar a Ferabraz, e lhe disse : — Queria, senhor Ferabraz, que fallemos com o almirante teu pai, para que querendo ser christão se lhe fizesse por amor de ti toda a honra. — E Ferabraz lhe pediu que o fizesse elle mesmo. Mandou logo Carlos Magno vir á sua presença o almirante e lhe disse d'esta maneira : — Senhor almirante, todas as creaturas racionaes devem dar singular honra e louvor áquelle que lhes deu o ser, conhecimento e vida : e é justa coisa que se dê toda a honra e reverencia ao que fez o ceu e terra e todas as creaturas que n'elles existem ; pois que é superior a todas as cousas creadas ; e cahem em grande simplicidade os que põem as suas esperanças nas coisas que elles fazem de materia insensivel com suas proprias mãos : assim te rogo que, para a salvação da tua alma, queiras deixar os teus enganosos Deoses e idolos e creias na Santissima Trindade, Deos Padre, Deos Filho e Deos Espirito Santo, tres pessoas e um só Deus verdadeiro : e que recebas o santo baptismo, como tem feito teu filho Ferabraz : e se isto fizeres, além de salvar a tua alma livrarás tambem o teu corpo da morte e não perderás as tuas terras nem fazendas que por amor de teu filho Ferabraz te faço mercê de todas ellas.

Respondeu o almirante que de nenhuma maneira tal coisa faria. Ouvindo isto Carlos Magno, tirou a espada e lhe disse : — Se não fôra por amor de teu filho Ferabraz, brevemento se acabava a tua resposta e os teus dias : mas se não te baptizas, eu te mandarei matar. — O almirante disse : — Carlos Magno, não manda isso a lei de Jesu Christo ; pois a verdadeira crença não ha de ser por força, senão do coração ; e assim não teimes

em que eu creia o que não quero. — O que vendo Ferabraz, se pôz de joelhos com as mãos levantadas e lhe pediu que fizesse o que lhe dizia o imperador Carlos Magno, e o almirante, com medo da morte, disse que se queria baptizar.

Com esta resolução do almirante em querer receber o santo baptismo, teve Carlos Magno e todos os mais, grande contentamento; e logo mandou preparar todas as coisas necessarias com toda a magnificencia : e estando já o almirante junto da pia para se baptizar lhe disse o arcebispo Turpim: — Senhor almirante, negas com puro coração todos os teus idolos que tantos tempos te tem trazido enganado? Crês em Nosso Senhor Jesu Christo, o qual nasceu da Virgem Maria Nossa Senhora, sendo Virgem antes do parto, no parto e depois do parto? Crês na Santissima Trindade, Deos Padre, Deos Filho e Deos Espirito Santo, tres pessoas e um só Deos verdadeiro?

Então o almirante, tremendo como azougado, e incendido em chammas vivas o seu rosto, com grande ira e desesperado, disse que não; e cuspiu na pia por desprezo do santo baptismo, e levantando a mão deu uma tão grande bofetada no arcebispo, que lhe fez saltar sangue pela bocca e narizes, e lhe pegou pelos cabellos, e o havia de afogar na pia, se não lh'o tirassem das mãos, e d'isto ficaram todos admirados, e se não fôra por respeito de Ferabraz, o haviam de deixar ali morto.

Vendo isto Carlos Magno, mandou chamar Ferabraz, e lhe disse : — Senhor Ferabraz, bem vês o que fez o almirante, teu pai : não foi tão pequeno o seu erro, que por elle não merecesse a morte por castigo, mas pelo teu amor se lhe tem perdoado. E assim dize o que queres que se faça d'elle, porque não hei de consentir tal homem entre nós outros. — Ferabraz lhe disse : — Senhor, peço-te que tenhas paciencia até amanhã, e se en-

tão não se quizer baptizar, faze d'elle o que melhor te parecer. — E Carlos Magno assim lh'o concedeu : e esteve Ferabraz, todo aquelle dia e noite rogando a seu pai que se baptizasse ; porém elle nunca quiz consentir.

Chegada a manhã, tornou Carlos Magno a pedir ao almirante que quizesse ser christão : mas nenhuma coisa lhe aproveitou. Vendo Floripes a grande contumacia de seu pai, disse a Carlos Magno : — Senhor, para que gastas tanto tempo com o almirante; porque nunca jámais ha de ser bom christão , manda matal-o ; porque assim o livrarás da pena que padece, e a ti te livrarás do sentimento. —

Ferabraz lhe respondeu : — No que dizes vejo, minha irmã, a pouca virtude das mulheres, que, por fazer o que desejam, em nada reparam. E tu por amor de Gui de Borgonha vendeste a teu pai e a toda a tua linhagem e descendencia, e foste causa da morte de mais de cem mil homens : e não contente com isto, depois de vencido o corpo de nosso pai queres que se lhe perca a alma dizendo que o matem sem receber o santo baptismo. —

Respondeu Floripes : — Amado irmão, não crêas que não me peza grandemente da morte de nosso pai, e da perdição da sua alma; mas sei certamente que ainda que por nossos rogos receba o santo baptismo, nunca jámais será bom christão. — E voltando Ferabraz para seu pai, lhe disse : — Rogo-te, pai do meu coração, que creias em Deos Todo-Poderoso, que fez o céo e a terra, e te fez á sua semelhança. E tambem creias em Jesus Christo, seu Filho, que morreu em uma cruz por salvar as nossas almas, que pelo peccado de Adão estavam captivas do demonio. —

O almirante lhe disse que de nenhuma sorte o faria, e que não lhe fallassem mais n'isso e que queria antes morrer, do que baptizar-se. Vendo

Ferabraz a grande resistencia de seu pai em não querer receber o santo baptismo, disse ao imperador Carlos Magno que fizesse d'elle o que lhe parecesse. E logo o imperador mandou que o tirassem de diante d'elle; e os soldads infantes o levaram para o campo e o mataram.

Morto o almirante, mandou logo Floripes chamar os cavalleiros que tinham estado com ella na torre, e lhes disse: — Senhores, já é chegado o tempo de cumprir a vossa palavra e dar satisfação de que prometteste. — Roldão lhe disse: — Senhora, todos nós outros estamos promptos para cumprir o que te promettemos. — E disse a Gui de Borgonha: — Senhor Gui de Borgonha, é necessario que a senhora Floripes receba primeiro o santo baptismo, e logo trates de teu desposorio. — Gui de Borgonha lhe disse: — Senhor Roldão, eu esto muito contente com essa resolução. — E assim fallaram a Carlos Magno, e elle mandou ao arcebispo que fizesse preparar as coisas necessarias para o baptismo da formosa Floripes, o qual ella recebeu de todo o coração, sem mudar o nome; foram padrinhos Carlos Magno, o duque Regner e Tietri, duque de Dardania, e logo o arcebispo os recebeu na forma da Igreja Romana.

Recebida a formosa e virtuosa Floripes, mandou logo o imperador Carlos Magno a todas as provincias do almirante decretos para que todos deixassem os idolos e cressem na lei de Jesus Christo e se baptizassem, promettendo-lhes fazer muitas honras e mercês: quando não quizessem que os faria matar. Ouvido o decreto, todos com boa vontade se baptizaram em pouco tempo.

Depois d'isto repartiu Carlos Magno as terras do almirante, e deu metade a Ferabraz e outra a Gui de Borgonha, e os corôou reis das ditas terras: e esteve Carlos Magno n'ellas até que tudo

ficou em socego e pacificado: e estavam todos com grande contentamento, dando graças a Deos Nosso Senhor por chegarem a ver toda a Turquia catholica, o que se fez em menos de dois mezes.

Capitulo XLVII

Como Floripes deu as Santas Reliquias a Carlos Magno, e como por meio d'ellas fez Deos um grande milagre diante de todo o povo.

Tendo já Carlos Magno toda a terra pacifica, determinou voltar para França, e chamando a Floripes lhe disse: — Filha, eu me resolvo ir para França, e tenho desejo de ver as Santas Reliquias que tens e as quero levar para terra de christãos, para estarem mais bem guardadas e reverenciadas; e tu ficarás n'esta terra com teu esposo Gui de Borgonha e teu irmão Ferabraz. — Floripes lhe pediu perdão porque não lh'as tinha já mostrado; e logo foi buscar o cofre para lh'o entregar: e querendo-lh'o dar, ficou o cofre suspenso no ar entre as mãos do imperador e as de Floripes; e isto foi causa de se desarreigar alguma incredulidade que ella tinha no coração: e d'ahi por diante ficou mais firme na fé de Christo; e o imperador e os mais que presentes estavam se pozeram de joelhos, e chorando com muita contricção os seus peccados, deram infinitas graças a Deos pelas mercês que lhes fazia.

Tomou o arcebispo o cofre e disse: — Na verdade, senhor, que estas são as Santas Reliquias, que ha tanto tempo andamos buscando. — E as tirou todas uma a uma e as mostrou aos que estavam presentes, e d'ellas sahiu um suavissimo e admiravel cheiro, do que ficou muito admirada Floripes, porque nunca o sentiu de tantas vezes

que as tinha tirado, e isto causou grande virtude do baptismo, e ficou d'ahi em diante mais firme na fé, e tambem seu irmão Ferabraz.

Estando Carlos Magno de joelhos diante das Santas Reliquias, disse: — Deos Todo-Poderoso, que me déste victoria contra os teus e meus inimigos, e me déste graça para que achasse as tuas Santas Reliquias e as tirasse do poder dos infieis: a ti, Senhor, dou infinitos louvores, e te peço, que pela tua santissima piedade me ajudes para que as possa levar para França, e me queiras ensinar o logar onde és servido que estejam. — O arcebispo benzeu a todos com ellas, e querendo-as metter no cofre viu Carlos Magno que estavam cobertas com uma cobertura velha, e mandou envolvel-as em um rico brocado, e tomou a velha cobertura que era de seda vermelha e a metteu no seu peito.

Postas as Sagradas Reliquias no cofre disse o imperador Carlos Magno a Gui de Borgonha e a Ferabraz : — Meus filhos e muitos nobres cavalleiros, peço-vos que tenhaes os vossos reinos em muita paz e serviço de Deos Nosso Senhor, e que sempre façaes justiça a todos os que a merecem, assim grandes como pequenos ; e useis de piedade com os innocentes, e tenhaes sempre as vossas fortalezas bem guarnecidas e estimeis muito os soldados, e lhes façaes muitas honras e tambem aos homens lettrados : porque estes são as columnas da fé, e aquelles dos vossos reinos. Não atropelleis os vossos vassallos, antes sempre fazei por serdes bemquistos d'elles. Mandae fazer egrejas onde se celebrem os divinos officios e se louve aquelle Deos e Senhor verdadeiro, creador do Céo e da terra, que tão grandes mercês nos tem feito. E mandae guardar as vossas fronteiras, porque se os vossos visinhos vos quizerem desinquietar vos achem apercebidos para guardar as vossas terras.

Mandae ensinar aos vossos vassallos todas as sciencias e a doutrina christã, para o que tereis bons e virtuosos mestres, pregadores, confessores e homens de boa vida para que os ensinem. Fazei extinguir toda a heresia e castigae com justiça aos que errarem. E para que os vossos vassallos vos temam, vos quero deixar quinze mil soldados, e recommendo muito que sejam bem tratados. —

Feita esta admoestação e pratica, se despediu d'elles e lhe beijaram a mão, e o mesmo fez Floripes com as suas damas; e Floripes chorou tão grandemente quando se despediu de Roldão, Oliveiros e dos mais que tinham estado na torre, que não podia Carlos Magno nem seu esposo Gui de Borgonha consolal-a, e banhada em lagrimas e soluços disse ao imperador, que não tinha sentido tanta pena quando estava na torre cercada, quanta sentia n'aquella despedida. Porém vendo que não se podia escusar a partida, os abraçou um a um com infinitos suspiros e lagrimas.

Querendo-se despedir Roldão de seu primo Gui de Borgonha, se lhe poz um nó na garganta e não pôde articular palavra; Gui de Borgonha, com mais lagrimas que palavras, lhe disse: — Meu primo, e senhor Roldão, eu teria grande fortuna que as honras que me faz Carlos Magno as fizesse a outro cavalleiro, só porque eu me não apartasse da tua companhia. — E Roldão, esforçando-se quanto pôde, lhe disse: — Senhor e primo meu muito amado, d'esta ausencia tenho grande sentimento; porém não se póde escusar porque o manda assim o imperador. —

Da despedida de Oliveiros e Ferabraz não fallo, por não causar mais pena a quem ler e ouvir; porém teve Ferabraz tanto sentimento, que posto de joelhos diante do imperador lhe pediu que não o apartasse da sua companhia, porque a estimava mais do que ser senhor de toda a Turquia. Porém

Carlos Magno o não consentiu; e logo se ausentou mandando tanger os timbales, flautas, caixas e trombetas, para se pôr em ordem a gente para a partida.

Indo já Carlos Magno em marcha lhe cahiu do peito a cobertura velha com que tinham estado cobertas as Sagradas Reliquias, e os seus vassallos a viram estar suspensa no ar e o disseram a Carlos Magno, que logo foi ter com o arcebispo Turpim, e este a tomou e tornou a mettel-a no cofre com muita reverencia, que parece que não quiz Deos Nosso Senhor que d'aquelle logar se tirasse nem que pessoa alguma a trouxesse.

LIVRO TERCEIRO

Capitulo I

Como o apostolo Sant'Iago appareceu a Carlos Magno e foi guiado de certas estrellas até Galliza.

Depois de Carlos Magno passar tantos e tão grandes trabalhos por augmentar a fé de Christo, determinou deixar as guerras e recolher-se para fazer uma vida contemplativa no serviço de Deos. Estando uma noite olhando para o céo que estava muito estrellado, viu umas nove estrellas tão bem concertadas que de si mostravam fazer algum caminho e mysterio ; começaram estas desde o logar de Frisa e passaram por Allemanha e Italia e entre França e Aquitania, e iam por Gascunha e Navarra e acabavam em Galliza ; as quaes provincias e outras muitas tinha já Carlos Magno reduzido á fé de Jesus Christo com grande trabalho, e todas as noites via aquellas estrellas e ficava admirado por não saber o que significavam : porém bem lhe parecia que incluiam em si algum mysterio.

Depois de ter visto muitas vezes aquelle concerto de estrellas e desejoso de saber para que eram, se poz em oração e pediu a Deos que pela sua santa piedade lh'o fizesse saber. Estando uma noite n'este pensamento, viu fóra de horas junto da sua cama a um homem muito gentil e de formosa presença, e querendo Carlos Magno levantar-se para lhe fazer cortezia, lhe disse : — Carlos Magno, socega, não te levantes.

Dize-me, que é o que desejas saber? — Carlos Magno lhe respondeu: — Que desejava saber o que significava aquelle concerto de novas estrellas que appareciam no céo. — Elle lhe disse: — Sabe que sou Sant'Iago, Apostolo de Christo Nosso Senhor, filho de Zebedeo e irmão de S. João Evangelista: e me manda Deos para te dizer que aquellas estrellas concertadas novamente no céo apparecidas, te servirão de guia para ires a Galliza, onde está o meu corpo em poder de Turcos, e é vontade do mesmo Senhor que ganhes aquella terra e a convertas á sua santa fé: e depois de ganha, mandarás fazer um templo em meu nome, aonde irão muitas pessoas de todas as partes da christandade ganhar indulgencias e remissão de todos os seus peccados, indo com devoção e bem confessados e commungados: e isto durará até o fim do mundo. — E d'esta manaira appareceu Sant'Iago tres vezes a Carlos Magno.

Vendo o imperador tal mensageiro mandado pelo imperador dos imperadores, começou com muitas e infinitas lagrimas nascidas do seu coração, a louvar a Deos por tão grandes beneficios, dizendo: — Senhor, a uma vil creatura como eu sou, fazes tantas honras e encommendas taes emprezas quando, Senhor, pódes vencer tudo com uma só palavra tua! Guiae-me, Senhor dos exercitos, que eu mando logo pôr prompto este teu exercito para partir. — E logo em continente mandou preparar cincoenta mil homens de peleja e se poz em marcha pela estrada que lhe guiavam as estrellas que de dia e de noite o acompanhavam, e passou toda a França e Gascunha.

O primeiro logar que se lhe revellou e resistiu com toda a fortaleza, foi a cidade de Pamplona, que era muito forte e bem abastecida de todos os petrechos de guerra e bocca e estava n'ella um grande numero de Turcos, que sahiam muitas ve-

zes a escaramuçar com os soldados de Carlos Magno e lhe faziam grande desinquietação e assim durou o sitio tres mezes.

Vendo Carlos Magno a grande fortaleza da cidade que estava bem murada e a não podia render senão por um dilatado curso de tempo, se poz em oração, e disse: — Senhor Deos meu, creador do céo e da terra e redemptor do genero humano; pois que por teu mandado vim a'esta terra para que a tua santa fé fosse exaltada: e tu, Senhor Sant-Iago, que foste medianeiro para que me fosse dado este cargo, te rogo humildemente que me seja dada graça e poder para sujeitar esta cidade; e que possa trazer este povo ao verdadeiro caminho da salvação e livral-o dos seus grandes erros. — E dizendo isto Carlos Magno diante de um crucifixo que continuamente comsigo trazia, antes que se levantasse da oração (caso raro!), lhe vieram dizer que tinha cahido parte da muralha da cidade em terra sem violencia de pessoa alguma. E conhecendo Carlos Magno que isto tinha sido por alta providencia de Deos, lhe deu infinitas graças, mandou marchar o exercito e entrou na cidade.

Vendo os Turcos que a muralha tinha cahido, ficaram muito espantados e muitos d'elles sahiram por uma porta falsa e assim desampararam a cidade: e entrando Carlos Magno n'ella mandou que aos que quizessem ser christãos não lhes fizessem mal algum, e que aos que não quizessem os passassem á espada. E vendo os Turcos o grande milagre que Deos fez na cahida da muralha, a maior parte d'elles se converteu a Deos e pediu o santo baptismo; e o mesmo fizeram os moradores das terras circumvisinhas e sujeitas á dita cidade. E Carlos Magno mandou edificar igrejas e mosteiros, e lhes consignou grandes e sobradas rendas para se sustentarem e para que Deos fosse louvado, adorado e servido.

Depois continuou Carlos Magno o seu caminho até que entrou em Galliza e em muito pouco tempo a senhoreou toda, honrando sempre muito aos que se faziam christãos e matando aos que o repugnavam ser. Levava sempre em sua companhia o arcebispo Turpim e era o que baptizava e doutrinava a todos os que pediam o santo baptismo. Chegou Carlos Magno até o fim da terra, e posto de joelhos deu infinitas graças a Deos Nosso Senhor e ao bemaventurado Sant-Iago por tão grandes mercês, como tinha recebido em lhe dar poder para sujeitar tão fortes povos em tão pouco tempo.

Conquistou Carlos Magno em Galliza e em todas as suas comarcas dezeseis cidades e villas todas fortissimas, entre ellas a cidade de Accitania onde se achou o corpo de S. Torquato que foi discipulo de Sant-Iago, em cuja sepultura estava uma formosa oliveira, que todos os annos em um dia do mez de maio produzia flores e fructo em grande abundancia.

Reduziu tambem muitos povos de Portugal á fé de Christo, uns por força de armas, e outros pelo grande amor que tinham a Carlos Magno, nascido de ouvirem fallar nas suas grandes virtudes, voluntariamente se lhe entregavam. Poz o seu exercito sobre uma cidade que se chamava Lucena, a qual estava em um mui fructifero valle que se chamava Valverde e esteve sobre ella quatro mezes, e vendo que a não podia ganhar, antes sempre ir perdendo muita da sua gente e que em toda aquella provincia não havia outra cidade nem fortaleza que lhe podesse resistir, se poz em oração rogando a Deos e a sua bemdita mãi que lhe désse graça para a ganhar e reduzir á sua santissima lei, porque não maltratassem os povos christãos que com ella confinavam.

Deos nosso Senhor pela sua divina misericordia e piedade, foi servido ouvir a sua oração : e logo

em continente lhe cahiu uma grande parte da muralha, e investindo Carlos Magno a cidade pela brecha que o mesmo Deos lhe tinha feito, houve muitas mortes assim de uma parte como da outra; porém Carlos Magno ficou senhor d'ella, e não achou em toda a cidade uma só pessoa que quizesse ser christã. E vendo a sua contumacia e tenacidade os mandou passar todos á espada, excepto aos meninos innocentes, os quaes mandou logo tirar da cidade e leval-os para terra de christãos, para que fossem baptizados e ensinados na lei de Christo.

Sahindo Carlos Magno com toda a sua gente da cidade, a amaldiçoou, e logo á vista de todos se fundiu e ficou feito em seu logar um grande lago onde se achavam peixes negros como carvão; e amaldiçoou outros quatro logares, onde ao depois não habitou pessoa alguma.

Capitulo II

Trata-se de um grande idolo que foi achado em uma cidade.

Trabalhando Carlos Magno continuamente na destruição das heresias e em encaminhar a gente pelo verdadeiro caminho da salvação das almas, e querendo se occupar em fazer edificar um templo á honra e nome do glorioso e bemaventurado apostolo Sant-Iago, lhe disseram que nas partes de Andaluzia em uma cidade chamada Salcadis ou Salança em arabico, que na nossa lingua quer dizer o logar do grande Deos, havia um idolo por arte subtil e magica fabricado, e se dizia que Máfoma o tinha por suas proprias mãos feito, e tinha mettido n'elle para o guardar uma legião de demonios.

E para que a gente desse mais credito a seus enganos o guardavam os diabos com tanta diligencia, que não consentiam que christão algum entrasse n'aquella terra para o ver, espaço de meia legoa, e se acaso alguma ave pousava sobre elle logo cahia morta; e quando os Turcos o iam adorar, lhes fallava e respondia a tudo quanto lhe perguntavam, e assim nenhum ousava furtar nem fazer outros males por temor de que o idolo o descobrisse, e por isso o tinha aquelle povo por verdadeiro Deos e sabedor de todas as cousas.

Era este idolo de crystal fino e tão grande como um homem, e estava posto sobre uma columna de pedra jaspe maravilhosamente lavrada e tão alta que mal se podia divisar o idolo com a vista, e era de oito quinas e feita por grandes mestres e muito grossa pelo pé e delgada por cima, e estava o idolo com a cara para o Meio-dia e tinha na sua mão direita uma chave e na esquerda um dardo.

E sabendo os Turcos, já por tradição antiga, que quando o idolo deixasse cahir a chave haviam de ser destruidos e lançados fóra de suas terras, andavam sempre muito medrosos e fazendo todos os gostos ao idolo para que não deixasse cahir a chave. E assim que souberam que o imperador Carlos Magno lhes vinha dar batalha, ajuntaram grande multidão de gente e bem apparelhados e postos em ordem lhe foram sahir ao encontro e esperal-o valorosamente no campo. E n'esta occasião deixou o idolo cahir a chave; e quando elles o viram, ficaram muito atemorisados, tendo já a sua perdição por certa. E assim enterraram todos os seus thesouros e riquezas, e foram fugindo desamparando a cidade e deixando o idolo. E assim entrou o imperador n'ella sem resistencia alguma e mandou derrubar o idolo e columna, fazer tudo em pedaços e povoar a terra de catholicos.

Capitulo III

Como Carlos Magno mandou edificar a igreja de Sant-Iago de Galliza.

Depois que o imperador Carlos Magno teve ganho aquella cidade e destruido toda a heresia e derrubado o idolo que a tantos povos trazia enganados; se voltou para Galliza, e ali fez fundar um formosissimo templo em honra e louvor do bemaventurado apostolo Sant-Iago e distribuiu grande parte das suas riquezas com os pobres, fazendo tambem grandes mercês aos novamente convertidos á fé de Christo, e esteve n'aquelle reino tres annos : e vendo que a terra estava pacifica e as heresias de todo destruidas, se voltou para França.

Chegando a Toloza mandou edificar outra igreja tambem em louvor do apostolo Sant-Iago, e lhe mandou fazer uns grandes sinos e calices de ouro e prata, e riquissimas vestimentas e ornamentos, e lhe deu grandes rendimentos para sustentação de todo o necessario. Fez tambem um grande hospital e outros muitos conventos, que tudo fundou das suas proprias rendas. Fundou tambem as igrejas seguintes:

Primeiramente em Aquisgrão de Allemanha mandou fazer uma admiravel igreja de Nossa Senhora. Em Viterbo, terra de Roma, mandou fundar uma prodigiosa igreja em nome de Sant-Iago. Em Gascunha mandou fazer outra igreja ao Senhor Sant-Iago; em Paris mandou fazer outra igreja a Sant-Iago, e a todas as sobreditas igrejas enriqueceu com grandes rendas. Não fallamos aqui das muitas igrejas pobres que reparou, nem

dos muitos mosteiros e hospitaes que a tudo das suas proprias rendas enriqueceu para sempre.

Capitulo IV

Como um rei da Turquia passou o mar com grande poder e tomou certos logares dos christãos e Carlos Magno os tornou a ganhar.

Tornando Carlos Magno para França, esteve alguns annos sem guerra, mas nem por isso estav ocioso nem uma hora; antes mandava visitar mui a miudo as cidades e terras dos seus reinos para saber se eram governadas com justiça, e se os grandes aggravaram os pequenos; e assim tambem mandava visitar todas as igrejas, conventos e hospitaes e lhes mandava dar todo o necessario, trazendo sempre tudo muito bem reparado.

Estando n'este exercicio, um rei turco chamado Aygolante veiu com cem mil homens, entrou nas terras dos christãos e matando a muitos, tomou algumas terras e logares. Vindo isto á noticia de Carlos Magno teve grande sentimento, e assim mandou logo preparar cincoenta mil homens de peleija, e depois de bem armados e preparados, se poz a caminho e marchou com o seu exercito em busca de Aygolante, e chegando a duas legoas de distancia, onde elle estava, e certificado Aygolante da sua vinda lhe mandou por um embaixador dizer que elle tinha cuidado muito no modo que havia para que não morresse muita gente na batalha : e era que mandasse sua magestade certo numero de soldados e que elle mandaria outros tantos, e que não se movesse algum dos dois exercitos até que d'aquelle numero sómente, ou uns ou outros fossem vencidos.

Carlos Magno de nenhum modo queira acceitar

o partido e só queria que peleijassem todos juntos, mas os seus conselheiros lhe pediram com grande instancia que o acceitasse, e Carlos Magno por lhes fazer o gosto mandou cem cavalleiros e se formou o campo entre o seu exercito e o dos Turcos.

Chegados os cem christãos vieram tambem cem Turcos e começaram a peleija pela manhã e durou a batalha até á tarde, e dos Turcos ficou só um vivo sem algum dos christãos ter perigo. No outro dia pela manhã mandou Aygolante duzentos cavalleiros mnito bem preparados e Carlos Magno mandou outros duzentos, e foi Deos servido que a maior parte dos Turcos morressem e os outros fugissem, e os christãos ficaram illesos e sem perigo. No outro dia mandou Aygolante mil soldados e Carlos Magno outros mil e morreram a maior parte dos Turcos e os outros fugiram para o seu exercito, e os christãos os seguiram até entrar no exercito dos Turcos, e logo o exercito de Aygolante se moveu contra os mil christãos : porém Aygolante os mandou logo suspender e assim se retiraram os christãos para o seu exercito sem algum ter perigo, e estiveram tres dias sem peleijar.

N'estes tres dias que não peleijaram, consultou Aygolante seus magicos e feiticeiros e lhes disseram que se peleijassem os exercitos com toda a gente, que certamente ficaria Carlos Magno vencido. Ouvindo Aygolante o prognostico e vaticinio dos magicos, ficou muito contente e ufáno pelo grande desejo que tinha de vencer a Carlos Magno e mostrar ao mundo o poder dos seus Deoses falsos. Mandou logo em continente desafiar a Carlos Magno para entrar em batalha com todo o exercito, o que Carlos Magno festejou muito, e logo mandou preparar a sua gente : e um dia antes da batalha, estando os christãos em um campo plano

fincaram as suas lanças no chão,e chegada a noite se deixaram assim ficar até o outro dia.

Chegada a manhã mostrou Deos Nosso Senhor um grande milagre; e foi que as lanças de todos aquelles que haviam de morrer na batalha se achavam verdes e floridas e com a casca e raizes na terra. E n'aquelle mesmo logar estão os corpos dos bemaventurados martyres S. Facundo e S. Primitivo, em uma cidade que o imperador mandou edificar e povoar de christãos, em honra d'aquelles corpos e em memoria de tão grande milagre. E cada um tomou a sua lança para sahir á batalha, e os que as acharam verdes as cortaram junto da terra ficando n'ella a raiz ; e assim ficaram admirados sem poder conhecer certamente o mysterio ainda que bem viam que era milagroso, e só o soube Carlos Magno por Deos ordenar que lhe fosse revelado.

Postos os exercitos em boa ordenança, começaram uma mui cruel batalha onde morreram trezentos cavalleiros christãos, e entre elles o duque Milão, pai de Roldão; e tambem morreram muitos soldados infantes e mataram o cavallo a Carlos Magno, o qual peleijou a pé a maior parte do dia e todos ficaram admirados das suas grandes proezas. E levando já os Turcos o melhor da batalha (caso estupendo !) entraram n'ella os cavallos dos christãos mortos e fizeram tão grande matança e destruição nos Turcos, que supposto que eram brutos pareciam que obravam com entendimento. Chegada a noite deixaram a batalha.

No outro dia de manhã foi Deos servido que apparelhando-se uns e outros para tornar á batalha, chegassem ao exercito de Carlos Magno quatro marquezes das partes da Italia, cada um com quatro mil homens bem preparados; e sabendo isto Aygolante, começou a fugir secretamente até o mar e os christãos o seguiram e lhe tomaram

todas as bagagens do exercito e as riquezas que trazia: e Carlos Magno mandou dar tudo aos quatro marquezes que o vieram ajudar, e no outro dia se despediram d'elle e o imperador voltou para França e esteve sete annos sem guerra alguma, vivendo em vida santa e contemplativa, dando continuamente graças a Deos pelos bons successos que lhe tinha dado para augmento da sua santa fé, que era todo o seu cuidado e designio.

Capitulo V

Como Aygolante tornou a ir com o exercito contra os christãos e mandou embaixada a Carlos Magno, dizendo que lhe queria fallar, e como Carlos Magno lhe foi fallar em trajo de mensageiro.

Visto por Aygolante o soccorro que da Italia tinha vindo a Carlos Magno, se tornou para a sua terra; e quando soube que Carlos Magno se tinha retirado da guerra para fazer vida contemplativa, imaginou que tinha boa occasião para fazer guerra aos christãos e tomar-lhes as suas terras: e assim convocou nove reis turcos para esta empresa, e cada um o veiu soccorrer com toda aquella gente que pôde ajuntar, e se acharam em seu serviço duzentos mil homens de peleija, ainda que havia muitos que não eram destros nas armas.

Passou Aygolante com esta gente a Gascunha, e logo tomou a cidade de Ogenes e ali fez o seu assento, e desejava muito conhecer de vista a Carlos Magno para ver a sua physionomia, porque pelo valor da sua pessoa já o conhecia, e o seu designio era para tomar na batalha vingança d'elle, se podesse.

Sabendo Carlos Magno que Aygolante tinha voltado sobre a christandade com tão grande numero de gente, não tratando do descanço nem fugindo do trabalho, ainda que a sua idade já o não permittia, preparou logo a sua gente e caminhou para Gascunha a dar batalha a Aygolante.

Chegado que foi a Gascunha e sabendo Aygolante que vinha com mui luzida gente, lhe mandou logo um embaixador e um refresco de tres dromedarios carregados de ouro, prata e pedras preciosas de grandissimo valor. E lhe mandou pedir que quizesse ir a certo logar com pouca gente, que tambem elle iria da mesma sorte, pois desejava fallar-lhe sobre as coisas de guerra ou paz, para que assim désse descanço á sua velhice e podesse com socego continuar na vida contemplativa.

Recebeu o imperador muito bem ao embaixador e sua comitiva, e lhe disse : — Que dissesse a Aygolante que não tinha duvida em ir ao logar assignalado fallar-lhe. — Despedido o embaixador mandou logo Carlos Magno apparelhar dois mil cavalleiros, e com elles se foi ao monte, que não estava muito longe da cidade, onde estava Aygolante ; e deixando as armas e cavallo deixou ali ficar a sua gente e marchou em habito de correio ou mensageiro, sómente com um cavalleiro vestido do mesmo modo, para onde estava Aygolante, e chegando á porta da cidade foram conduzidos a Aygolante como presos.

Estando Carlos Magno na presença de Aygolante, lhe disse : — Ó muito alto imperador, meu senhor me manda para que te diga, que no logar onde tu lhe mandaste dizer, te está esperando com cincoenta homens sómente, e que quando quizeres podes ir fallar com elle. — Aygolante lhe disse : — Que voltasse e dissesse ao imperador que brevemente iria fallar com elle. — E despe-

dido Carlos Magno de Aygolante, se foi pela cidade vendo muito bem a fortaleza e fraqueza d'ella e por onde podia ser accommettida, e tambem a qualidade e modo da gente de que não fez muita conta, ainda que era em grande quantidade. E depois que viu tudo muito bem, voltou para a sua gente que estava no monte. El-rei Aygolante partiu da cidade com dez mil homens bem armados para ir fallar a Carlos Magno; e sabendo o imperador que vinha com tanta gente, se foi com os dois mil cavalleiros para o seu exercito.

Capitulo VI

Como Carlos Magno tomou a cidade onde estava Aygolante.

Depois que Carlos Magno tinha visto bem as forças da cidade e o exercito dos inimigos, não duvidando já da victoria, mandou preparar muito bem a sua gente; e postos em marcha caminhou para a cidade onde estava Aygolante, e no monte onde haviam de fallar ambos, achou muito grande multidão de Turcos postos em duas batalhas; houve ali uma cruel guerra, em que foram os Turcos destroçados e mortos a maior parte d'elles, e os outros fugiram, entendendo que se metteriam na cidade, mas os que estavam de dentro não lhes quizeram abrir as portas com medo dos christãos; e tamben estava dentro el-rei Aygolante com alguns principes e cavalleiros, e logo mandou Carlos Magno ficar alguma gente sitiando a cidade, e foi com o resto em seguimento dos Turcos que iam fugindo, o que fizeram matando a todos sem resistencia.

Depois de destruido todo o exercito dos Turcos que iam fugindo, voltou Carlos Magno sobre a

cidade e assim esteve tres mezes cercada. E vendo Aygolante que já não podiam sustentar a cidade por falta de mantimento, mandou fazer uma cova que sahisse ao longe por baixo da terra para fugirem, e em pouco tempo cavaram tanto que póde fugir toda a gente; e assim sahiram sem serem sentidos e se metteram em outra cidade.

Vendo os christãos que não havia gente pelas muralhas e não sentiam reboliço dentro da cidade, derrubaram uma porta, entraram dentro e se admiraram quando viram a cidade só, e achando a cova por onde tinham fugido se foram logo em seu seguimento e cercaram a cidade onde estava Aygolante, durando o cerco sessenta dias.

Vendo Aygolante o perigo em que estava e com tão pouca gente que não tinha mais que a guarnição, porque o exercito já estava morto : querendo fazer a contenda summaria e breve, mandou dizer a Carlos Magno se queria que ambos só por si fossem peleijar a campo; com condição que se Carlos Magno ficasse vencido, voltaria para França e não lhe tornaria mais a fazer guerra, e se elle ficasse vencido, que iria para o seu reino com aquella pouca gente que tinha e não tornaria mais a fazer guerra aos christãos.

Carlos Magno ficou muito contente e acceitou o partido; porém os seus cavalleiros de nenhum modo o quizeram consentir. Então disse Aygolante que fosse a batalha entre duzentos cavalleiros christãos e duzentos Turcos. Escolhido o campo e o dia da batalha, logo no principo d'ella fugiu el-rei Aygolante encobertamente e não parou até ás fronteiras de Aragão, e os duzentos cavalleiros turcos todos foram mortos ficando os christãos salvos.

Capitulo VII

Como Carlos Magno foi para França e como voltou outra vez a dar batalha a Aygolante

Vendo Carlos Magno que em toda a Gascunha não ficava Turco algum nem havia quem n'aquellas partes fizesse guerra aos christãos, tornou para França e d'ahi a poucos dias despediu toda a gente de guerra para seus quarteis. Não passou muito tempo que Aygolante não juntasse grande numero de gente, viesse outra vez a Gascunha e mandasse desafiar a Carlos Magno, o qual logo mandou chamar a todos os grandes do seu reino e lhes disse que era necessario ir contender com Aygolante; e que para isso preparassem a sua gente. Os quaes logo com boa vontade vieram cada um com seu partido.

Primeiramente veiu o arcebispo Turpim com dois mil homens; Roldão e o duque de Milão com quatro mil homens: Oliveiros com tres mil homens; Arrastrago, rei de Borgonha, com cinco mil homens; Eugelio, duque de Almirante, com sete mil homens; Gaferio, rei de Berdoloé, com sete mil homens; Guadeboa, rei de Frisa, com sete mil homens; Valdevinos, irmão de Roldão, com dois mil homens: Nemé, duque de Baviera, com dez mil homens; Goarim, duque de Lorena, com seis mil homens. Além dos sobreditos tinha Carlos Magno junto trinta mil homens, que por todos faziam o numero de oitenta mil homens; e com esta gente partiu contra Aygolante.

Capitulo VIII

Das tregoas de Carlos Magno e Aygolante.

Chegando Carlos Magno com a sua gente ás fronteiras de Aragão, lhe mandou Aygolante dizer que mandasse vinte christãos contra vinte Turcos. E o imperador os mandou para o logar designado para a peleija no dia assignalado, e os Turcos foram todos mortos. Depois foram mandados quarenta de cada parte, e da mesma sorte ficaram todos os Turcos mortos no campo sem que os christãos tivessem perigo. Vendo Aygolante o destroço dos seus soldados e que todos os christãos ficavam vivos, mandou dizer a Carlos Magno que mandasse mil cavalleiros que elle mandaria outros mil; com condição que se os Turcos fossem vencidos, promettia fazer-se christão e deixar os seus idolos. Do qual partido ficou muito contente o imperador Carlos Magno.

Chegados os mil cavalleiros ao campo, começaram a batalha e fizeram os christãos uma grande mortandade nos Turcos; e é certo que todos haviam de morrer se não deitassem a fugir e dos christãos morreram só tres e ficaram seis feridos e todos os mais salvos. Quando Aygolante viu isto, disse que a lei dos christãos era melhor que a dos Turcos. E fez proposito de receber o santo baptismo e pediu tregoas a Carlos Magno para entrar só e seguro no seu exercito, e Carlos Magno lh'as concedeu.

No dia seguinte antes do meiodia entrou Aygolante no exercito de Carlos Magno, e sabendo que estava jantando, o quiz ver comer para saber o modo como se servia : e vinha principalmente para receber o santo baptismo. Estando Carlos Magno comendo, viu que o serviam muito honradamente

e com muita abundancia de manjares, e viu os seus varões e cavalleiros sentados com elle á mesa ricamente vestidos e maravilhosamente adornados e muito bem servidos. E viu á outra parte desviados da mesa, treze pobres assentados no chão, e lhes davam de comer o que sobrava da mesa. E isto mandava o imperador fazer todos os dias em louvor de Nosso Senhor Jesu Christo e dos doze Apostolos.

Vendo isto Aygolante, perguntou a Carlos Magno depois de ter comido, que gente era aquella que estava na sua barraca e presença, comendo no chão e tão miseravelmente vestida? Carlos Magno lhe respondeu: — Estes são pobres de Christo e lhes mando dar de comer por serviço de Deos e memoria do Nosso Redemptor e dos seus Apostolos. —

Aygolante lhe disse: — Como, Carlos Magno, tratas a gente do teu Deos d'essa maneira, que os deixas morrer de frio por falta de vestidos e lhes dás de comer no chão como a cães e o que te sobra da tua mesa; e a tua gente a tens sentada comtigo e mui bem tratada e servida? Grande injuria fazes ao teu Deos quando tratas mal a sua gente. Dizes que a tua lei é boa, pelas tuas obras mostra ser má. — E assim ficou Aygolante tão escandalisado que não quiz receber o santo baptismo; e se foi para o seu exercito e mandou desafiar a Carlos Magno.

Capitulo IX

Da morte d'el-rei Aygolante e da sua gente: como morreram muitos christãos por cobiça de levar as riquezas dos Turcos, e de um grande milagre que Deos mostrou nos christãos.

Quando Carlos Magno viu no seu exercito a Aygolante, entendendo que seria christão ficou muito

contente: e vendo que se tornou a ir escandalisado do que tinha visto, lhe pezou muito e mandou logo buscar todos os pobres do seu exercito, e os vestiu e ordenou que d'ali em diante fossem os treze pobres servidos como sua propria pessoa, e assim se fez em quanto durou Carlos Magno.

No dia seguinte mandou Aygolante preparar a sua gente e mandou desafiar a Carlos Magno; e postos os christãos em campo, começaram uma tão cruelissima batalha que outra similhante se não viu nem tinha visto; pois eram os mortos tantos e os regatos de sangue que pelo caminho corriam, que impediam os passos aos vivos. E vendo Aygolante a grande mortandade da sua gente, desejoso já de morrer, se metteu tanto pelos christãos que ficou morto no campo, e os Turcos que ficaram vivos, que foram poucos, deitaram a fugir com tres reis turcos que escaparam.

Quando os christãos se viram senhores do campo, entraram na cidade e mataram quantos n'ella acharam e ali estiveram todo o dia e noite, porém ao outro dia mandou Carlos Magno pôr em ordem toda a sua gente, e se poz em marcha levando comsigo todos os cavalleiros diante e deixou ficar atraz a infanteria que foi marchando mais devagar carregada com muitas riquezas que acharam na cidade. E sabendo os tres reis que tinham fugido, que Carlos Magno se tinha retirado com toda a cavallaria, deixando atraz só a infanteria, se prepararam e investiram com ella de sorte, que mataram sem muita resistencia quatro mil infantes.

Porém como as novas da morte de Aygolante chegassem a Furre, principe de Navarra, grande senhor e valente pela sua pessoa, mandou dizer a Carlos Magno que o esperasse no campo. E Carlos Magno tinha tanta fé no favor de Deos e tanto desejo de peleijar pela sua santissima lei, que teve grande contentamento do desafio e o acceitou com

valorose animo. Assignado o campo e dia da batalha, se poz o imperador em oração e rogou a Deos de todo o seu coração que lhe quizesse dar a conhecer os cavalleiros que n'aquella batalha haviam de morrer.

No dia seguinte, que era o da batalha, estando toda a gente preparada e junta, viu que todos os que haviam de morrer tinham uma cruz vermelha no hombro esquerdo ; e tendo Carlos Magno piedade d'elles, os chamou a todos e os metteu em certo logar, e lhes ordenou que não saissem a peleijar.

Saiu logo Carlos Magno á campanha com a outra gente, e deu tal guerra a Furre que em breve tempo o desbaratou e o matou e a maior parte da sua gente, ficando senhor do campo e livre dos inimigos.

Voltou logo a buscar os seus cavalleiros que tinha deixado encerrados e os achou a todos mortos, e conheceu que a vontade de Deos era dar-lhes naquelle dia, sua gloria e a corôa do martyrio, e que tinha feito uma grande simplicidade em lhes querer prolongar a vida, pois contra a vontade divina não valem as vontades das pessoas humanas, ainda que sejam testas coroadas.

Capitulo X

Trata-se de Ferragús, maravilhoso gigante que levava os cavalleiros debaixo do braço, e como Roldão teve batalha com elle e o matou.

Depois que el-rei Aygolante e o principe Furre foram mortos e outros muitos reis e senhores da Turquia, e foram as noticias ao almirante de Babylonia, o qual tinha na sua terra um gigante que se chamava Ferragús ; mandou logo preparar trinta

mil homens de guerra, e em companhia do gigante os mandou dar batalha a Carlos Magno, e chegando a uma cidade chamada Vagafre ou Vagiere, a combateram e tomaram e mais alguns logares dos christãos, e logo mandou o gigante dizer a Carlos Magno se queria peleijar um a um.

Carlos Magno que nunca fugiu de alguma perigosa batalha pela santa fé de Jesus Christo, acceitou o desafio e determinou de ir peleijar com o gigante, para o que se preparou e armou de todas as armas; porém os seus cavalleiros lhe pediram que de nenhuma maneira tal fizesse, offerecendo-se todos a ir pelejar por elle, dizendo que na sua vida se encerrava a honra de todo o exercito; e a rogos de todos deixou de ir á batalha, e mandou a Urgel de Danôa que se preparasse de boas armas e cavallo e que ao outro dia de manhã sahisse com o gigante á batalha, de que elle ficou muito contente.

Chegada a manhã, Urgel de Danôa armado de todas as armas e montado em um formoso cavallo, sahiu ao campo onde estava assignalada a batalha e logo sahiu Ferragús olhando para todas as partes para ver se vinha mais algum cavalleiro, e como viu que Urgel de Danôa estava só, se foi chegando a elle sem fazer semblante de batalha e o tomou debaixo do braço, e se foi com elle para a cidade sem lhe fazer mal algum e o mandou metter em uma torre.

Era este gigante tão alto como dois mui grandes homens; a cara era redonda e tinha tres palmos de comprido e outros tantos de largo; os braços e as pernas pareciam umas grandes vigas de lagar, tinha a força de quarenta homens, e trazia dois arnezes ou peitos espaldares vestidos um sobre outro; o elmo ou capacete tinha tres dedos de grosso; os dedos das mãos tinham um grande palmo de comprido. Deixando a Urgel preso tor-

nou para o campo. E sabendo-o Carlos Magno lhe mandou Reynara de Abeiam, e Ferragús o tomou da mesma fórma e o levou para a torre. E tornando para o campo, lhe mandou o imperadór a Constantino de Poma, e o gigante o levou como aos outros. E tornando para o campo lhe mandou Carlos Magno dois cavalleiros, e o gigante tomou um debaixo de um braço e outro debaixo do outro braço e os levou ambos e os metteu na torre, voltando para o campo.

Vendo isto Carlos Magno, ficou admirado e não sabia que fizesse, não ousava mandar-lhe outro cavalleiro só e como dois não bastavam, pareceu-lhe feio mandar mais e n'isto estava muito pensativo. Roldão, vendo a força do gigante, estava tambem pouco contente; porque os que tinha levado eram todos bons cavalleiros; mas sem temer as forças do gigante, foi pedir licença a Carlos Magno para sahir á batalha; porém não lh'a quiz conceder. E havendo estado o gigante bastante tempo no campo só e clamando contra o imperador que lhe mandasse com quem pelejar, ouvindo Roldão as soberbas exclamações do gigante, tornou a pedir a Carlos Magno que lhe désse licença para sahir á batalha, porque mais honra lhe era morrer n'ella que soffrer as importunas exclamações do Turco.

Vendo Carlos Magno que Roldão insistia e teimava em querer ir á contenda, e ouvindo os ameaços de Ferragús, lhe deu licença com condição que havia de levar outro companheiro; porém Roldão lhe replicou dizendo : — Senhor, se á batalha de um só fossem dois, a honra era do que estava só ainda que morresse no campo. E os teus cavalleiros nem por fazenda, nem riqueza, nem vangloria, se expõem a grandes affrontas : senão só pela honra e pelo serviço de Deus e da tua imperial corôa. E assim não me mandes ir

acompanhado para um só cavalleiro. — Carlos Magno lhe disse que bem conhecia o seu bom zelo, e assim fosse só e que Deos quizesse ir em sua companhia : pois assim o esperava na sua divina misericordia e omnipotencia.

Concedida a licença, se despediu o famoso e valoroso Roldão, e armado de todas as armas e montado em um prodigioso cavallo e com uma grossa lança, sahiu ao campo onde estava Ferragús esperando, e estava sem lança e tinha no braço esquerdo um grande escudo de aço e na mão direita uma espada de demasiada grandeza, conforme á corpulencia e forças de tão monstruoso gigante.

Chegado Roldão ao gigante, lhe disse que tomasse a sua lança; Ferragús não lhe respondeu coisa alguma e se foi para elle. Roldão não quiz ter vantagem alguma nas armas; e assim largou a lança e metteu mão á espada e o esperou com grande valor. Quiz chegar a elle o gigante para o levar debaixo do braço como aos outros; porém Roldão não o deixou chegar, e lhe deu um grande golpe no elmo ou capacete; mas nem por isso deixou Farragús de se ajuntar com elle, e o tomou pelo braço direito e o tirou da sella, e voltou com elle para o metter na torre onde estavam os outros.

Vendo-se Roldão levar de tal maneira, fincou os pés nas ancas do cavallo e com as mãos pegou no capacete do gigante, e se deitou com elle do cavallo abaixo cahindo ambos juntos. O que vendo Ferragús, disse a Roldão se queria que montassem a cavallo para pelejar : Roldão lhe disse que sim.

Montados ambos tornaram á batalha, e Roldão lhe deu tres golpes successivos uns atraz dos outros no elmo, e do ultimo resvalou a espada e lhe matou o cavallo : vendo-se o gigante a pé se encheu de raiva, e coberto do escudo levantou a

espada quanto pôde para descarregar o golpe; temendo Roldão a força do gigante se desviou d'elle e lhe tirou um revez e lhe deu na mão direita, e lhe fez cahir a espada : como o gigante se viu desarmado, fincou uma punhada na testa do cavallo de Roldão e o mantou; e vendo-se ambos a pé, continuaram a batalha que durou até á noite sem que se reconhecesse vantagem; e assim ajustaram que no dia seguinte se daria fim á batalha, a pé, sem lança, e n'esta forma se retiraram.

Capitulo XI

Como Roldão e Feragús batalharam a pé e como disputaram da Santa Fé e de que modo foi Ferragús morto.

Chegada a manhã, sahiram Roldão e Ferragús a campo, e deram a pé a batalha até o meio-dia sem que fosse algum ferido; e estando ambos cançados pediu Ferragús tregoas a Roldão para dormir um pouco, e Roldão lhas concedeu e logo Ferragús se estendeu no chão, e quando Roldão o viu deitado tomou uma grande pedra e lha poz por cabeceira para que dormisse mais descançado, e depois se assentou junto d'elle e lhe esteve vendo as mãos muito a seu gosto, e ficou admirado da sua grandeza como tambem da demasiada estatura do seu corpo; porém Roldão não dormiu.

Tanto que Ferragús despertou se sentou junto a Roldão, e este lhe disse : — Muito admirado estou, Ferragús, das tuas grandes forças, como podes sustentar e soffrer o peso das tuas armas. — Ferragús lhe disse : — Sabe, Roldão, que tenho a força de quarenta homens, e além d'isso não posso morrer de ferida senão pelo embigo. — E Roldão dissimulando, mostrou que o não entendia. E Fer-

ragús lhe perguntou como se chamava e de que familia procedia. Roldão lhe disse : — A mim me chamam Roldão e sou sobrinho do imperador Carlos Magno. — E lhe perguntou Ferragús que fé tinha e que lei guardava. E Roldão lhe respondeu : — Eu sou christão e professo a lei de Christo, e em defesa d'elle desejo morrer. — E Ferragús lhe disse : — E essa lei quem a deu? —

Respondeu Roldão : — Depois que o Todo Poderoso Deos fez o céo e a terra, fez o nosso primeiro pai Adão, o qual foi desobediente a seus santos mandamentos : e por essa causa foi todo o genero humano privado da Gloria. E doendo-se o Filho do Deos verdadeiro da perdição das almas, desceu do céo e tomou carne humana e soffreu paixão e morte por nos livrar do captiveiro do peccado : e conversando entre nós, nos deu doutrina e lei mediante a qual nos podessemos livrar das penas eternas.

Depois que Ferragús lhe perguntou mais algumas coisas tocantes á fé catholica, lhe disse : — Tu, Roldão, és christão, e segundo vejo tens a tua lei muito arraigada no teu coração, e por ella dizes que vieste á batalha e desejas morrer, porém eu sou Turco e sigo a lei de Máfoma, e venho da Turquia vingar a morte dos nobres reis e cavalleiros, que Carlos Magno ha feito fazer n'esta terra. Por tanto, quero que na nossa batalha haja esta condição, e é : que a lei do vencedor seja havida por boa, e a do vencido seja falsa. E ainda que Roldão conhecia que errava em fazer aquelle contrato, comtudo, confiado em Deos, disse que estava pelo ajuste.

Levantaram-se logo ambos e começaram a sua batalha; e vendo Ferragús que não podia alcançar a Roldão para o ferir, sentindo-se cançado, já intentou usar de industria e manha ; e vendo que Roldão lhe queria descarregar um golpe em cima

da cabeça, o esperou confiado no elmo atrevidamente; e quando lhe viu levantar a espada, antes que désse o golpe, deixou cahir a sua no chão e abraçando-se com elle o derrubou e queria degolar com os dentes; mas Roldão tirou um punhal que trazia e lh'o metteu pelo embigo.

Quando Ferragús se sentiu ferido mortalmente, deu um grandissimo grito, e conhecendo os Turcos que tinha necessidade de soccorro, vieram logo em seu favor. E vendo Roldão que vinham, tocou a sua corneta e acudiram logo os christãos em seu favor; e entrando no campo começaram uma muito cruel batalha; e logo Roldão foi servido de cavallo e lança. E vendo que uns cavalleiros turcos levavam o gigante para a cidade, foi atraz d'elles e em pouco tempo matou a maior parte d'elles, e os outros fugiram e deixaram a Ferragús e se metteram na cidade. E Roldão disse a Ferragús se queria ser christão, pois na fórma do contrato o devia ser. Porém como o gigante não quiz, lhe mandou cortar a cabeça por uns soldados de pé.

Durou a baltalhas seis horas e morreu muita gente de uma e outra parte: e não podendo os Turcos soffrer os fortes golpes dos christãos, quizeram acolher-se na cidade: mas não o poderam fazer, que não entrassem os christãos juntamente com elles, e os mataram a todos e se fizeram senhores da cidade, e restauraram os seus cavalleiros que estavam presos na torre. E assim deu o imperador infinitas graças a Deos por alcançar tão grande victoria em augmento da santa fé catholica, e o mesmo fizeram os cavalleiros e todos os mais catholicos.

Capitulo XII

Como Carlos Magno teve batalha com os reis de Cordova e Sevilha.

Quando el-rei de Cordova e el-rei de Sevilha souberam da morte de Ferragús e dos outros cavalleiros, tiveram grande sentimento e por esta causa mandaram seus embaixadores ao imperador Carlos Magno, dizendo-lhe que el-rei de Cordova e o de Sevilha tinham grande desejo de sahir á batalha com elle; e que se queria ir a campo que os acharia promptos com sessenta mil homens. Carlos Magno lhes respondeu: — Dizei aos reis, que ainda que não tenho tanta gente como elles, nem por isso deixarei de ir ao campo no dia que fôr assignalado. — E assim se despediram os embaixadores com esta resposta.

Feita a eleição do campo e do dia, mandou o imperador preparar toda a sua gente e o mesmo fizeram os reis turcos, e mandaram estes fazer dez mil carantonhas ou carantulas muito feias, umas negras e outras vermelhas com grandes orelhas e olhos; e mandaram aos soldados de pé que cada um levasse uma no rosto e se pozessem diante do exercito e cada soldado com uma ronca, (instrumento medonho não só aos brutos mas tambem aos racionaes) e tanto que chegasse a gente de Carlos Magno para os accommetter, tocassem todos juntos as roncas. Tanto que chegou a gente de Carlos Magno, indo os cavalleiros diante e querendo entrar a pelejar, começaram os cavallos a espantar-se e ter medo das horrendas caraças: porém tanto que ouviram as roncas, voltaram a fugir sem haver quem os fizesse parar: e vendo os Turcos este desconcerto, os carregaram com a

cavallaria de tal sorte, que fizeram nos christãos muita matança.

Vendo isto Carlos Magno, mandou recolher toda a gente ; e ordenou aos cavalleiros que cada um cobrisse os olhos do seu cavallo com um lenço e que lhe mettesse muito algodão pelos ouvidos, e que de manhã accommettessem aos inimigos com boa ordem : assim o fizeram e durou o combate até o meio-dia, ficando todos os Turcos desbaratados, e só ficaram dez mil homens vivos que estavam de guarda a dez carros e em um d'estes estava um estandarte, e estavam todos juramentados para por nenhum perigo nem affronta voltarem as caras aos seus inimigos em quanto o estandarte estivesse levantado.

Sabendo isto Carlos Magno, se metteu com grande furia e esforço por entre elles, e lhes tomou a bandeira e a deitou em terra : e vendo isto os dez mil Turcos começaram a fugir e se metteram em uma boa cidade que era d'el-rei de Cordova, e juntamente entraram com elles os christãos : e vendo muitos Turcos o grande poder de Carlos Magno, se baptizaram por sua livre vontade, principalmente um cavalleiro e nobre velho que governava a cidade ; e o baptizou o arcebispo Turpim, e os mais Turcos que não quizeram ser catholicos foram todos mortos. E Carlos Magno e todos os mais christãos ficaram dando infinitas graças a Deos Nosso Senhor por tantos beneficios em favor do augmento da sua santa lei.

LIVRO QUARTO

Capitulo I

Como o arcebispo Turpim consagrou a igreja de Sant-Iago de Galliza.

Depois das guerras e batalhas sobreditas, vendo Carlos Magno que todo o seu reino estava socegado e pacifico, determinou ir para a Allemanha, e antes que fosse quiz passar a Sant-Iago de Galliza, e se poz a caminho com pouca comitiva e gente, e foi muito bem recebido de todos e andou toda a provincia visitando os mosteiros e igrejas, e os mandou reparar e prover de todas as coisas necessarias, e mandou fazer algumas devotas imagens á honra e memoria de todos os santos e santas, e fez constituições e sujeitou todas as igrejas d'aquella provincia á igreja de Sant-Iago de Galliza, e ordenou que todas as casas de Galliza pagassem quatro dinheiros da moeda que então corria de tributo : e que todos os bispos da dita provincia fossem sujeitos ao bispo de Sant-Iago.

O arcebispo de Turpim, acompanhado de nove bispos por mandado de Carlos Magno, consagrou e benzeu a dita igreja no mez de julho, e foi chamada igreja de Sant-Iago apostolo : por quanto é a segunda igreja da christandade onde vão todos os christãos ganhar grandes indulgencias e remissão dos seus peccados. Porque a primeira é de S. Pedro de Roma : por quanto S. Pedro Apostolo foi muito amigo de Nosso Senhor Jesus Christo, e pregou a sua santa fé em Roma e n'ella foi martyrisado ; e depois o Senhor Sant-Iago teve grande

trabalho por exaltar a fé de Christo na Hespanha, principalmente na provincia de Galliza; e por isso dignamente se faz memoria dos seus milagres e martyrio em toda o mundo.

Capitulo II

Como Galalão foi mandado com embaixada aos reis turcos Marsirio e Belando que estavam na cidade de Saragoça, e como na embaixada foi traidor e propoz vender a seus companheiros.

N'este tempo estavam na cidade de Saragoça dois reis irmãos, um se chamava Marsirio, outro se chamava Belando, os quaes havia mandado o almirante de Babylonia a Hespanha, e estes reis em signal de amor tinham enviado grandes dadivas em outro tempo ao imperador Carlos Magnos: e desejando este que fossem christãos, determinou mandar-lhes embaixada e fez eleição de Galalão por ser muito eloquente, e que lhes dissesse que se tornassem christãos.

Partiu Galalão com a embaixada, armado de mui luzidas armas, para Saragoça, onde foi bem recebido dos reis turcos: e depois que fez a sua embaixada, lhe perguntaram por Carlos Magnos e pelos seus cavalleiros, os Doze Pares e das suas condições e modo de viver; e nas suas respostas conheceram que era traidor e não lhes queria bem, e que por qualquer dadiva era capaz de fazer qualquer vileza: e como tambem conheceram isto pela physionomia do seu rosto, se atreveram a fallar-lhe em materia de traição, o que elle logo facilmente acceitou e consentiu, pelo que lhe deram vinte cavallos carregados de ouro e prata e outras joias de grande valor.

Vendo-se Galalão tão grandemente premiado e favorecido, prometteu entregar-lhes os Doze Pares e tambem a Carlos Magno se podesse : e lhes disse que mandassem o seu exercito ao porto de Roncesvalhes, e que ali faria entregar-lhes os Doze Pares. E assim determinaram entre todos que Galalão levasse ao imperador trinta cavallos carregados, de ouro e prata, seda e brocados e quatrocentas bestas carregadas de bom vinho e duas mil mouras formosas em signal de amor e obediencia.

Oh maldito Galalão, malaventurado homem e em má constellação gerado! Nasceste de sangue nobre e por avarento foste traidor! Sendo rico te moveste por dinheiro! Sendo grande e nobre, te fizeste pequeno, baixo e vil! Foste escolhido entre tantos e tão grandes cavalleiros para ir com a embaixada, confiando-se o imperador de ti para que a fizesses como te mandava e com a fidelidade que qualquer embaixador teria: e a fizeste atraiçoadamente, e d'esta sorte vendeste a teu senhor! Se do imperador tinhas alguma queixa, porque vendeste aos innocentes cavalleiros? E se dos cavalleiros te queixavas, porque vendeste a teu natural senhor? Eram os cavalleiros de toda a christandade tão estimados, e só de ti foram vendidos! Repararias que commettias contra Deos uma grande maldade em vender a sua gente! E finalmente, a todos os christãos offendeste, pois n'elles tinham umas fortissimas columnas para a sua defensa e segurança contra a Turquia e os inimigos da fé catholica; e os vendeste sendo teus amigos e companheiros! O certo é que sempre foste traidor e ambicioso, pois por um quasi nada vendeste o que valia mais que todo o mundo.

Oh perversa avareza, inimiga de toda a caridade e inconstante de toda a boa virtude, e de quantos males és causadora! Por avareza vendeu Judas á

Jesus Christo ; por avareza foi Adão desobediente ao seu creador ; por avareza foi a cidade de Troia destruida; e por avareza vendeu Galalão aos seus nobres e virtuosos companheiros.

Levou Galalão os presentes já ditos a Carlos Magno, o qual deu credito ás suas enganosas razões e sem suspeitar mal algum os recebeu e repartiu por toda a sua gente. Depois d'isto por conselho de Galalão, partiu com todo o exercito para Roncesvalhes, por lhe dar a entender Galalão que os dois reis se queriam fazer christãos : e deu a primeira guarda a Roldão e Oliveiros e aos mais dos Doze Pares, e levaram só cinco mil homens, e Carlos Magno ficou atraz com o exercito.

Estavam os dois reis turcos em Roncesvalhes com noventa mil homens repartidos em dois troços : no primeiro que estava diante, havia vinte mil homens, e no segundo que ficava atraz escondido, estavam setenta mil homens, e chegados os christãos ao primeiro troço, os deixaram os Turcos passar, e depois que os colheram no meio começaram uma cruel e horrenda batalha, e os christãos estavam já tão cançados que se viram obrigados a retirar.

Capitulo III

Da morte dos Doze Pares e d'el-rei Marsinio e como Roldão foi ferido com quatro lançadas.

Estando os christãos retirados dos seus inimigos, viram outro exercito de Turcos e logo Roldão tocou a sua corneta; mas parece que foi Deos servido que a não ouvisse Carlos Magno, pois que lhes quiz Deos dar a corôa e gloria do martyrio, que havia muito tempo lhes tinha guardado para lhes satisfazer os seus grandes serviços, e os quiz comsigo na bemaventurança.

Poz logo Roldão a sua gente em bôa ordem para esperar a seus inimigos, e lhes disse que sem receio de morrer entrassem na batalha, pois n'isso faziam um grande serviço a Deos e para isso tinham vindo das suas terras. E que maior era a gloria que no morrer pela santa fé esperavam, do que a pena que recebiam.

Vindo os Turcos accommetter os christãos, tocou segunda vez Roldão a sua corneta : encommendando-se a Deos entrou na batalha com tanto valor, que em pouco tempo fez n'elles uma grande matança e elle ficou ferido de quatro feridas mortaes; e então chegaram cem cavalleiros christãos que seguiram aos outros, e vinham d'onde estava Carlos Magno sem saberem da batalha, e quando Roldão os viu entendeu que vinha Carlos Magno com o exercito, e com este pensamento se metteu outra vez na batalha sem forma alguma, e o seguiram os cem cavalleiros, e todos foram mortos, ficando só dois vivos, que um era Valdevinos irmão de Roldão e outro Tietri.

Vendo Roldão a todos os seus companheiros mortos e elle tão gravemente ferido e que Carlos Magno não vinha, conheceu que haviam sido vencidos e perdia a esperança de sahir vivo d'aquella batalha, e desejando vingar-se dos seus inimigos tomou um Turco e lhe poz a espada na garganta, dizendo que o matava se não lhe mostrasse el-rei Marsirio. E o Turco com medo da morte lhe disse:
— Vês aquelle cavalleiro que traz a divisa verde sobre as armas e o cavallo baio: pois esse é el-rei Marsirio ; e é o que deu grandes riquezas a Galalão teu embaixador, porque vos trouxesse ao que todos estaes vendo e tendes experimentado ; promettendo-lhe entregar os Doze Pares e a Carlos Magno.

Então Roldão beijando a cruz da espada e cobrindo-se do seu escudo, começou a derrubar

cavalleiros *turcos* e infantes até que chegou a el-rei Masirio, e lhe deu tal golpe no hombro direito que o abriu até á cintura e ficou morto. Valdevinos e Tietri com medo da morte se metteram por um monte: e os Turcos tomaram tanto medo a Roldão pelo golpe que lhe viram dar no seu rei, que não ousavam apparecer-lhe diante. E assim teve Roldão logar de sahir da batalha, e se deitou no chão ao pé de uma penha, ferido com quatro mortaes lançadas. E isto não o soube Carlos Magno até o fim; porque Galalão por dar logar aos Turcos o tinha divertido com o jogo das tabolas e outras coisas de prazer assim como o arcebispo Turpim. El-rei Belando vendo aos christãos mortos e temendo que viesse Carlos Magno com o exercito vingal-os, tomou outro differente caminho e se foi para Saragoça.

Capitulo IV

Da morte de Roldão.

Estando Roldão ao pé de uma penha e gravemente ferido de quatro mortaes lançadas, excepto as mais feridas que eram muitas, tinha grande lastima e sentimento da morte dos outros cavalleiros e de todos os christãos, mais que da sua mesma que já tinha por certa e brevemente esperava: consolava-se porém por morrerem em defensa da fé de Christo: e tinha notavel pena de se vêr na sua ultima hora só em um monte e desamparado de todo o mundo, porém dava infinitas graças a Deos, porque o dia antes se tinha confessado e recebido o Santissimo Sacramento, que o tinham por costume os soldados de Carlos Magno quando haviam de entrar nas batalhas. Louvava muito ao seu Creador porque lhe dava tempo e

logar para lhe pedir perdão dos seus peccados. E esperando a morte com muita paciencia, começou a dizer da fórma seguinte :

— Senhor Deos meu, creador e redemptor, filho da gloriosa mãe da consolação : tu sabes, Senhor, muito bem o que eu tenho feito e passado. E assim te rogo que os meus erros e peccados sejam perdoados pelos merecimentos da tua sagrada paixão. E não repares, Senhor, nos meus peccados senão no grande arrependimento que d'elles tenho. E te peço, meu Deos, que me dês paciencia na minha morte e a recebas em desconto dos meus peccados. Tu, Senhor, és piedoso e misericordioso. Por tanto te rogo que me olhes com olhos de piedade como olhaste ao bom ladrão; e me perdoes como perdoaste á Magdalena. —

Depois se poz a ver a sua espada e disse : — O' espada de grande valor e a melhor que nunca foi forjada ! Grande esforço me dava sempre que te via. Muitos arnezes tens despedaçado e cortado muitos elmos ; comtigo tenho morto grande numero de Turcos e infieis. Nunca jámais me faltaste. Nenhum arnez por fino que fosse resistiu á tua violencia. Oh quanto temor e medo tinham de ti os Turcos ! Muito tremiam os infieis de vêr-te sómente nas minhas mãos ! Com razão me peza deixar-te ; pois comtigo tenho derramado muito sangue de Turcos. Comtigo tenho defendido a fé de meu Creador Jesus Christo, ao qual peço humildemente que mediante a sua divina graça aches algum bom cavalleiro christão, que te logre, conheça, estime e use da tua bondade contra os inimigos da sua santa lei. —

E tornando a fallar com a espada, disse : — Grande dôr e sentimento tenho de deixar-te aqui inteira depois da minha morte, que espero brevemente ; só porque te não logre algum Turco ou judeu ; e por tirar a minha imaginação d'este cui-

dado, te quero fazer em pedaços. — Então se levantou com grande trabalho e a tomou com ambas as mãos, e deu com ella na penha tantos golpes, que fazendo n'ella grande destroço nunca a espada teve o mais minimo perigo : e vendo que a não podia quebrar, tomou a sua corneta para fazer signal a algum christão, se acaso estivesse escondido no monte, e a tangeu duas vezes, e na segunda se lhe abriram as feridas com a força e ficou tão prostrado que já não podia usar de movimento algum : e chegando, a ultima vez que tocou, a voz da corneta aos ouvidos de Carlos Magno, que estava d'ahi duas legoas jogando as taboas com Galalão, conheceu que era Roldão o que tangia e querendo ir accudir-lhe, lhe disse Galalão : — Senhor, Roldão sem duvida anda caçando e terá morto algum urso, veado ou javali, e de contentamento tocou a sua corneta que sempre assim o costuma fazer. — E Carlos Magno lhe deu credito e tornou a continuar o jogo.

Estando já Roldão no fim da sua vida, chegou a elle seu irmão Valdevinos, e com muitas lagrimas, sem lhe poder fallar, o abraçou, e Roldão lhe disse : — Irmão, primeiro me matará a sede do que as feridas, e assim busca-me um pouco de agua. — E logo Valdevinos foi correr todo o monte e não achou agua alguma ; e quando voltou achou Roldão mais morto que vivo, e montando em um cavallo que pelo monte achou solto, se foi para Carlos Magno e logo chegou Tietri, duque de Dardania, e teve de Roldão grande lastima e querendo-lhe dizer alguma coisa nunca pôde articular palavra em fórma que se podesse entender, que a tanto o obrigou o sentimento pelo ver n'aquelle estado.

Quando Roldão o viu junto de si, recebeu alguma consolação e lhe disse : — A quem olhas Tietri ? Não é este Roldão teu companheiro ? Não

é este o capitão dos christãos? Não é este o que vencia os ferozes gigantes? Não é este o que nas crueis batalhas defendia e livrava os christãos? Não é este o inimigo dos infieis? Não é este o que por defender e augmentar a fé de Jesu Christo Nosso Senhor, nenhum perigo temia d'este mundo? Não é este o que a Carlos Magno e a seus amigos livrava das affrontas e perigos? Este é. Porém é um homem sem ventura, pois foi tanta a sua desgraça, que não sómente o privou da companhia dos seus amigos e parentes, mas na sua ultima hora o desterrou para estas asperas penhas, para acabar os seus dias entre as feras. Não são estes os braços que quebravam as grossas lanças? Não são estas as mãos que davam os fortes golpes, despedaçavam os finos arnezes e duros elmos? — E tomando a espada na mão disse: — O' minha boa companheira e firme espada Durindana, não nego que és de grande esforço. — E abraçando-se com ella, juntou a bocca com a cruz e ficou amortecido.

O duque Tietri que presenceava este lastimoso espectaculo e ouvia esta lamentação tão cheia de sentimento, não podia suster as lagrimas que de seus olhos sahiam como dois caudalosos rios: começou a desarmar a Roldão para ver se lhe dava algum allivio; porém, como viu que entre o corpo e as armas tudo era sangue coalhado, o tornou a apertar temendo abreviar-lhe a vida.

Tornando em si Roldão, juntou as mãos e olhando para o céo, pediu perdão a Deos do que tinha dito, e disse a Tietri que o ouvisse de confissão e a fez muito contricto, e depois poz as mãos na cruz da espada e os olhos no céo, dizendo como outro Job: «*Et in carne mea videbo Deum Salvatorem meum.*» Que quer dizer: E na minha propria carne verei a Deos meu Salvador. E

pondo as mãos sobre os olhos disse : « *Et oculi mei conspecturi sunt.* » Que quer dizer : E os meus olhos o hão de ver. Abraçando-se com a espada disse : « *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum.* » Que quer dizer : E nas tuas mãos, Senhor, encommendo a minha alma. E assim a entregou ao seu creador aos dezeseis do mez de julho do anno do Senhor de oitocentos e dez.

Capitulo V

De uma visão que viu o arcebispo Turpim na morte de Roldão, e do sentimento de Carlos Magno.

Era o arcebispo Turpim homem de santa vida, e estando dizendo missa e chegando ao « Memento », ouviu uma grande e suave musica e melodia de anjos : e pedindo no mesmo « Memento » a Deos fosse servido revelar-lhe porque estavam aquelles anjos tão alegres, e porque tinham baixado ao mundo ? Ouviu uma voz que lhe disse : — Nós outros levamos a alma de Roldão, varão de Deos para o ceo. — Acabada a missa, foi contar o arcebispo a Carlos Magno o que lhe tinha acontecido e o que tinha ouvido ; e estando n'esta pratica, entrou Valdevinos puxando os cabellos sem piedade alguma, todo banhado em lagrimas acompanhadas de continuos soluços e suspiros, e com grandes vozes dizendo que Roldão estava mortalmente ferido junto a uma penha, e que os christãos que com elle tinham ido nenhum escapára, ficando todos mortos na campanha e tendo todos sido vencidos.

Quando os do exercito ouviram tão triste e lamentavel noticia, começaram todos a chorar de puro sentimento e se pozeram todos a caminho : e Carlos

Magno foi o primeiro que chegou aonde estava Roldão, e como o viu morto, cahiu sobre elle amortecido. E entrando em si, começou a chorar e dizer : — O' Roldão, consolação da minha velhice : O' honra dos Francezes. O' espada que não se dobrava, semelhante a Judas Machabeu em proezas, e Sansão em forças : O' meu amado sobrinho, principe das batalhas, destruidor dos Turcos, assombro do mundo, defensor dos christãos, amparo das orphãs e viuvas, columna da igreja, lingua verdadeira, bocca sem mentira, guia dos amigos de Nosso Senhor Jesus Christo, augmentador da fé catholica e amador de todos os bons.

Ai desgraçado de mim, que te trouxe a morrer em estranhas terras e que não morri comtigo! O' Roldão, meu especial cavalleiro, porque me deixaste só? Ai triste que farei! Ai desconsolado velho! A Deos peço com toda a reverencia que te queira receber na sua santa gloria : aos anjos rogo que te tenham na sua companhia. Aos martyres invoco e chamo devotamente, para que te queiram contar no numero. Os dias que viver n'esta miseravel vida, gastarei em continuo chorar e sentir a tua ausencia, quanto sentiu David a ausencia de Nabão e Absalão.

O' nobre Roldão meu amigo, tu estás na santa gloria perduravel e eterna; e me deixas em continuo sentimento cá no mundo defectivel e caduco. Tu estás no céo com grande consolação; e eu fico cá na terra, que é valle de tribulação e lagrimas. Todos os christãos estão tristes pela tua morte e os anjos muito gostosos com a tua alma. — E assim esteve dizendo estas e outras razões de grande sentimento até á noite, e mandou levantar as suas tendas e as mais barracas do exercito e fazer grandes fogos para vigiar aquella noite o corpo de Roldão; e pela manhã foi o seu corpo embalsamado e guardado com muita honra.

Capitulo VI

Como Oliveiros foi achado esfolado, e da morte dos Turcos e de Galalão.

Chegada a manhã, foi Carlos Magno com o exercito ao campo da batalha, e todos tiveram muita lastima da grande multidão de christãos que estavam mortos, ainda que havia muito maior numero dos Turcos; e acharam ao nobre Oliveiros aspado em dois paus a modo da cruz de Santo André; e dos dedos das mãos até aos dos pés estava esfolado e tinha doze lanças mettidas no corpo, que passavam de uma a outra parte.

Então se renovou o choro e sentimento em todo o exercito, e Carlos Magno teve tanta lastima de Oliveiros, que fez juramento de nunca cessar, ainda que soubesse havia de perder a vida, até achar os Turcos de Saragoça para os destruir; e logo soube que estavam junto do rio Ebro em uns verdes prados descançando e curando os feridos. E assim em continente pôz o imperador Carlos Magno a sua gente em boa ordem, e os accommetteu com tal impeto e esforço, que em pouco tempo morreram mais de seis mil, e muitos se afogaram no rio Ebro por fugirem aos duros golpes dos christãos.

Vendo Carlos Magno que tinha mui pouca gente para os seguir, se voltou para Roncesvalhes e fez embalsamar o corpo de Oliveiros. E logo examinou toda a sua gente para saber de certo a traição, ainda que tinha ouvido a muitos que Galalão os tinha vendido; e especialmente se soube do duque Tietri que o ouvira ao Turco, que o disse a Roldão quando lhe mostrou el-rei Martirio, e accusou a Galalão publicamente de traidor e o desafiou sobre isto.

Sabida a verdade, mandou Carlos Magno que Galalão fosse atado a quatro ferozes cavallos, a cada braço um e a cada pé outro; e depois de bem atado, cavalgaram quatro homens nos quatro cavallos, e cada um partiu para sua parte e todos a um mesmo tempo, e cada cavallo sahiu com seu quarto.

Capitulo VII

Como Carlos Magno voltou para França, e das grandes esmolas que fez pelas almas dos christãos que morreram pela fé de Jesu Christo.

Depois que Carlos Magno castigou com tanta justiça a Galalão, foram os christãos ao campo da batalha buscar os christãos mortos para os sepultar e embalsamar a alguns, e tinha Carlos Magno dois cemiterios expressamente assignalados para os que andavam em sua companhia e morriam pela santa fé de Jesu Christo; um estava na cidade de Arles e outro na cidade de Bordéos, e estes dois cemiterios foram benzidos e sagrados pelos bemaventurados homens e santos, S. Maximo de Aquisgram, S. Turpim de Arles, S. Paulo de Narbona, S. Saturnino de Tolosa, S. Faustino de Potier, S. Marçal de Limogis e Santo Eutropio de Xantes: n'estes cemiterios foram enterrados os mais dos christãos que morreram em Roncesvalhes.

O imperador fez levar o corpo de Roldão com muita honra em umas andilhas cobertas de terciopelo negro até Bes ou Blaves, a igreja de S. Romão a qual elle mandou edificar; e mandou pôr em cima da sepultura a sua espada, e a seus pés a sua corneta que era de marfim; e depois foi trasladado seu corpo a Roncesvalhes, para uma

devota igreja que ali fundou Carlos Magno em serviço de Nosso Senhor Jesu Christo e memoria d'aquella cruel batalha; e junto á igreja se fez um rico hospital, onde continuamente se fazem grandes esmolas por todas as almas dos christãos que na tal batalha morreram.

Em Bordêos foram enterrados o nobre Oliveiros, Gui de Boa, rei de Frisa; Urgel de Danôa; Christão, rei de Borgonha; Guarim, duque de Lorena; Godofredo, rei de Bordêos; Eugerio, rei de Aquitania; Damberto, rei de Borges; Colocio e Reinaldo com mais cinco mil homens.

Distribuiu o imperador grandes riquezas e thesouros pelas almas dos seus cavalleiros, e mandou que toda a terra, que era termo d'aquella povoação e cemiterios, fosse sujeita sómente áquella igreja; e ordenou que para sempre na Paschoa de Flores, fossem vestidos duzentos pobres e que se dissessem trezentas missas pelas almas dos que ali morreram em defensa da fé de Christo.

Em Arles foram enterrados o conde de Langre; Samsam, duque de Borgonha; Naymes, duque de Baviera; Alberto de Borbom com outros cinco cavalleiros e dez mil homens de pé; Constantino de Roma foi pelo mar para Roma com outros Romanos. E Carlos Magno deixou grandes rendimentos perpetuos á igreja e cemiterio de Arles pelas almas dos seus cavalleiros e soldados.

Capitulo VIII

Como Carlos Magno foi de França para Allemanha.

Depois que Carlos Magno teve feito e ordenado o sobredito, se partiu de França para Allemanha

indo tambem com elle o arcebispo Turpim, que quando chegou á cidade de Vienna, porque já estava muito velho, se ficou ali com licença do imperador. Carlos Magno se foi adiante, e chegando a Paris fez chamar todos os nobres do seu imperio e todos os arcebispos, bispos e prelados, e fez fazer grandes procissões em louvor do seu Creador e do bemaventurado S. Diniz, e que não podessem ser coroados sem o dito pastor ou o seu conselho : e que o bispo de Paris fosse recebido em Roma honradissimamente : ordenou que todas as casas dos seus reinos fossem tributarias á dita igreja, e constituiu para sempre que qualquer christão escravo que pagasse quatro dinheiros á igreja de S. Diniz ficasse forro em todos os seus reinos.

Depois de tudo isto fez novenas na dita igreja, e posto de joelhos todo um dia e noite diante do corpo do bemaventurado S. Diniz, lhe pediu com grande instancia por todos os que morreram pela fé de Jesu Christo, e lhe foi revelado que todos os que morreram na batalha de Roncesvalhes estavam na santa gloria gosando da visão beatifica.

Capitulo VIII

Como Carlos Magno chegou a Aquisgram de Allemanha e n'ella morreu.

Depois que o imperador Carlos Magno entrou em Allemanha, foi n'ella muito bem recebido de toda a gente e communidades, e chegando á cidade de Aquisgram, foi visitar todas as igrejas e mosteiros d'ella e as mandou reparar, e especialmente uma igreja de Nossa Senhora que elle tinha mandado fundar, á qual deu grandes thesouros e dotou de muitas rendas; e aos setenta annos da

sua idade, querendo Deos Nosso Senhor dar descanço aos seus velhos e cançados membros, o chamou para a sua santa gloria no mez de fevereiro do anno de oitecentos e doze.

Da sua salvação escreveu o arcebispo Turpim, homem de santa vida, estas mesmas palavras : — Eu Turpim arcebispo de Rens, estando na cidade de Vienna no meu aposento e rezando nas minhas horas, vi de uma janella uma legião de diabos pelo ar que faziam grande ruido entre elles; e conjurei um que me dissesse d'onde vinham e porque traziam tão grande arruido? E elle me respondeu que vinham da cidade de Aquisgram onde havia fallecido um grande senhor, e porque não poderam levar a sua alma vinham muito raivosos. E lhe perguntei quem era aquelle grande senhor, e porque não levaram a sua alma ? Elle respondeu : Que era Carlos Magno et que Sant'Iago lhes havia sido muito contrario. E eu lhe perguntei de que maneira lhes havia sido contrario Sant'Iago? e elle me respondeu : Nós outros estavamos pesando os bens e os males que n'este mundo havia feito, e Sant-Iago trouxe tanta madeira e tantas pedras das igrejas que elle havia fundado em seu nome, que pesaram muito mais que os males. E assim ficámos sem ter poder algum na sua alma. E o diabo subitamente desappareceu.

Ha de se entender por esta visão do arcebispo Turpim, que os que edificam ou reparam igrejas n'este mundo, apparelham estancias e pousadas para a bemaventurança. Foram feitas suas exequias e honras, segundo a tão grande senhor eram devidas.

LIVRO QUINTO

Capitulo I

Trata do nascimento de Roldão.

Tendo sido Roldão capitão dos Doze Pares, e tão assignalado não só nas suas heroicas proezas, senão tambem na magnificencia de seu real nome, é justo que tratemos o modo do seu prodigioso nascimento, jé que tratámos o da sua prodigiosa morte : e é o caso :

Que tendo Carlos Magno uma irmã chamada Berta, senhora dotada de todas as reaes perfeições assim corporaes, como espirituaes, fundamentos porque não só era estimada de todas as pessoas do seu reino de França, senão tambem dos mais reinos invejada, por cujo motivo se fazia de seu irmão Carlos Magno mais querida e zelada, tendo-a sempremuito recatada (pensão fatal da formosura), tendo-lhe guardas decentes a uma tão soberana donzella que assistia em um dos melhores e mais occulto quarto do seu palacio.

Amava summamente a Berta o duque Milão, não menos nobre no seu real sangue (supposto que vassallo) como gentil no talho do seu corpo, e cheio das virtudes moraes constitutivas de um perfeito principe, ao qual não menos amava Berta : assim viviam estes dois amantes em uma heroica e reciproca correspondencia, sem que podesse communicar um ao outro a sua pena, pelo recato com que Berta estava.

Porém como o amor sempre arde, e não deixa criar fumo na sua lavareda, nem se lhe oppõe som-

bra alguma, tudo o que é occulto se lhe faz manifesto: pois ainda que é cego, sempre acerta nas suas industriosas manhas para vencer as coisas mais difficultosas; e tem por brio sahir sempre victorioso ainda que seja á custa de grande trabalho sem reparar no perigo, pois está cego para o discurso, e claro para o gosto; e assim vibra o arco, arma a frecha e faz o tiro tão certo, que logo derruba. Nem mais, nem menos succedeu a Milão e a Berta, como logo diremos.

Capitulo II

Como Milão se vestiu em trajo de mulher para ir fallar a Berta.

Na soledade fabricou Cupido o amor mais constante, n'ella é que se curam os loucos d'este achaque, por ser o melhor logar para o seu curativo. Considera um amante ausente da coisa amada; e tanto mais considera, quanto mais o amor se accrescenta, e tanto mais se accrescenta, quanto mais se apura: que como a sua fragoa nunca cessa, quanto mais arde, tanto mais lhe consome a liga e lhe augmenta os quilates da sua heroica natureza.

Cuidava muito Berta, na occulta camara, do amor que tinha a seu querido Milão; cuidava muito Milão, na sua occulta ausencia, do amor que tinha á sua querida Berta; e como nos verdadeiros amantes causa dobradas pensões a ausencia, determinou Milão alliviar-se d'ellas desta maneira.

Resolveu-se, com muito segredo a vestir-se um dia em trajo de viuva, e o podia fazer por não ter ainda barba, e tomando o officio de adela foi com umas guarnições de ouro ao palacio, e caminhando

para o quarto e camara de Berta, o deixaram entrar as guardas por ser mulher e ir vender; pois só tinham prohibição de entrarem homens (como se as mulheres não fossem as mais damninhas).

Chegado Milão á presença de Berta, e feitas as cortezias necessarias mostrou a sua mercadoria, e estando as damas descuidadas, lhe declarou quem era, e que o amor lhe ensinára aquella traça, do que ficou Berta tão admirada, como satisfeita de ver em sua presença o que mais desejava: e mandando retirar as damas depois de varios colloquios, ajustaram-se de casar-se de sorte que Carlos Magno o não soubesse, e assim o fizeram.

Capitulo III

Da concepção de Roldão, e como Berta foi presa.

Casados os dois amantes, e facilitada a entrada de Milão no trajo de viuva, começaram a viver como casados, e passados alguns tempos se sentiu Berta pejada: porém sem embargo da sua grande cautela, não pôde deixar de ser a sua prenhez conhecida: e foi de tal sorte murmurada, que chegou aos ouvidos de Carlos Magno, que como era de compleição colérica e muito amigo da honra, se indignou de tal maneira, que a mandou sentenciar pela justiça conforme as suas rigorosas leis, que a condemnavam a morrer: para cujo effeito lhe dobrou as guardas para que nenhuma creatura entrasse a fallar com ella.

Vendo Berta já tão publico e descoberto o seu maleficio, e que Milão já não entrava em palacio, determinou fallar a seu irmão Carlos Magno; e assim se foi ao seu quarto, e prostrada de joelhos a seus pés, lhe disse da maneira seguinte:

— Senhor, a principal coisa que te peço, suprema magestade, é que ouças as minhas sentidas palavras sem que t'o impeça a tua paixão colérica. Bem sei que sou indigna de apparecer d'este modo na tua presença, pois hei offendido a tua honra, mas confiada na tua clemencia, venho pedir-te que te mova o meu arrependimento a ter comigo piedade e misericordia, moderando o castigo que a lei dispõe, pois se modera a culpa por não haver feito coisa com Milão que não fosse consummação de matrimonio, pois elle é meu esposo. E bem sabes, Senhor, que procede de real sangue, e supposto que vassallo, é dos principaes do teu reino. E assim digna-te, Senhor, de nos receber na tua graça; pois se Deos perdoa aos contrictos e arrependidos, tu, que fazes a sua figura, deves fazer o mesmo, pois não é cordura o não usar de clemencia. Eu bem sei que mereço castigo, porém peço-te que seja moderado: repara que sou tua irmã e sou casada, e que o fructo que tenho no meu ventre é teu sangue e innocente.

Carlos Magno com voz grave e irado aspecto, lhe respondeu: — Grande atrevimento é o teu, Berta, em vires d'essa sorte á minha presença, fazendo mais descoberta a tua culpa, como no teu ventre se manifesta; e sem embargo de que dizes que és casada, isso mesmo faz mais intensa a minha ira. E assim vai-te da minha vista que comtigo não hei de usar senão do rigor da justiça, e o mesmo hei de fazer a Milão. — E logo mandou que a levassem para o mais alto da torre do palacio, dobrando-lhe as guardas para n'ella ao outro dia se executar a cruel sentença. E assim se foi afflicta Berta, e muito desconsolada para o mais alto da torre, para onde foi conduzida pelos crueis ministros da justiça. E logo mandou Carlos Magno fazer diligencia para prender a Milão; porém não foi achado.

Capitulo IV

Como Milão tirou Berta da torre e fugiu com ella.

Posta na prisão no mais alto da torre, só e sem companhia, a triste Berta esperando por instantes a execução da rigosa sentença de morte: e vendo-se n'aquelle desamparo sem ter soccorro de alguma creatura do mundo, accrescentando-lhe mais a pena o ver que tambem havia de padecer a mesma crueldade a innocente creatura que tinha no ventre, e não menos sentida de que Milão chegasse a experimentar semelhante sentença; recorreu a Deos com actos de verdadeira contricção, e a Virgem Senhora nossa, dizendo d'esta maneira:

— Meu Deos e meu Senhor Jesu Christo, summamente me peza no meu coração de ter offendido a tua Divina Magestade e Clemencia, só por seres quem és. Peço-te, Senhor, que não desampares de tua Divina Graça esta afflicta creatura. Dá-me, Senhor, valor para soffrer o cruel golpe da morte só pelo teu amor, para o que me offereço de boa vontade, e tomára ter mil vidas para empregar no teu santo serviço, e para as dar por amor de ti sómente.

Porém, Senhor, que crime commetteu esta innocente creatura que tenho reclusa no meu ventre, para que padeça esta fatalidade e fique a sua alma no Limbo de perpetuo esquecimento para toda a eternidade. Lembra-te, Senhor, d'ella, não queiras que pague o justo pelo peccador, pois és justo juiz e mais justo que meu irmão.

Virgem Sacratissima, mãe dos peccadores, não me desampares, Senhora, nesta grande afflicção:

Roga a teu filho Jesu Christo que não se execute em mim tal sentença; não por amor de mim, porque muitas mais mortes e castigos mereço pelas graves offensas que contra a sua Divina Magestade tenho commettido; mas por amor desta innocente creatura que tenho nas minhas entranhas, para que não perca a sua visão beatifica: pois bem sabes, Senhora, que teu Filho Unigenito bem sabe que não foi gerado senão por meio do Sacramento do matrimonio santo e justo. E já que a magestade humana quer que fique esta alma no Limbo pasmada, não queira a Magestade Divina senão que receba o santo baptismo, para ir lograr eternamente da sua vista lá na gloria.

Com estas e outras semelhantes lamentações, ficando vencida de chorar, cahiu em um soporoso lethargo, e entre acordada e dormida sonhava que seu esposo Milão a libertava: e assim com voz somnolenta e lethargica dizia d'esta maneira: — Ah meu querido esposo, quanta gloria dás á minha alma em te ver na minha presença! Cuida muito em me livrar d'esta masmorra para que assim seja salva esta innocente creatura que Deos nos deu, mediante a sua Divina Graça.

Milão que sabia da cruel sentença que estava para se executar na sua querida esposa, convocou aquella noite a seus parentes e amigos para resgatar a Berta; e subindo á torre com toda a felicidade ajudados da Divina Graça (que nunca falta nas operações caritativas) acharam Berta na sua madorna sonhando o que temos dito e despertando ao mesmo tempo do lethargo, viu aquella multidão de gente; e entendendo que eram os ministros da execução, disse d'esta maneira:

— O' meu Senhor Jesu Christo, ó Virgem Santissima minha Senhora, bem sei que sou indigna da tua misericordia por ser uma grande peccadora; mas parece, Senhor, impiedade da tua Divina Cle-

mencia, que padeça uma innocente creatura como é a que no meu ventre está encerrada : mas faça-se em tudo a Divina vontade, pois tu sabes o que é mais conveniente. —

Milão que ouviu as enternecidas deprecações de Berta, todo cheio de lastima lhe disse : — Berta, esposa minha, socega, descança, que não é o que cuidas. Eu sou teu esposo Milão, que com os meus parentes e amigos ajudados da Divina Omnipotencia, venho livrar-te de tão lastimosa tragedia. Não temas, esposa minha, não temas; porque o poder da Magestade Divina é muito maior que o da magestade humana.

Quando Berta conheceu a seu querido esposo, foram tantos os alentos que recobrou e jubilos com que louvou á Divina Magestade e a sua Mãe Santissima, que é impossivel o podel-os referir. E logo Milão com os mais trataram de livrar a Berta, e desceram da torre com tal fortuna que não foi sentida de alguma das vigias.

Tinha Milão preparado dois formosos cavallos, e despedido dos parentes e amigos se foi com Berta, e caminhando toda a noite por logares incognitos vieram amanhecer em um grande bosque, e tão intrincado pelo grave labirintho do seu arvoredo, que, negando o passo ao sol, formava uma escura e tenebrosa noite ainda no mesmo tempo que o luminoso do seu zenith faz o mais rutilante resplendor, onde estiveram todo o dia chorando a sua miseria consolando-se um ao outro quanto podiam.

Chegada a noite trataram de caminhar, e assim foram sempre continuando a sua fugida por escabrosos e asperos caminhos, até que chegaram a sahir dos dominios de França, padecendo sempre muitas fatalidades e inclemencias, dormindo sobre a terra e duros penhascos, e comendo dos fructos e ervas cruas que achavam pelos matos.

Ao outro dia que se havia de executar a cruel sentença na innocente Berta, como não foi achada na prisão, mandou Carlos Magno ordens muito rigorosas para Berta e Milão serem presos, despedindo varios soldados por todos os caminhos com promessa de avantajados premios; porém por mais diligencia que fizeram nunca foram achados; pois não quiz Deos que a innocencia padecesse martyrio tão rigoroso e injusto, porque só Deos é o que bem regula a justiça e a misericordia.

Capitulo V

Do nascimento de Roldão e da derivação do seu nome.

Sahidos dos estados da França os dois esposos, já apeados por terem vendido os cavallos para seu sustento, para o que tambem andaram mendigando, chegaram á Italia, e desviando-se sempre dos logares publicos para não serem conhecidos, chegaram a um deserto pertencente e junto á cidade de Sena, e achando entre os mais asperos penhascos uma profunda cova, se accomodaram n'ella, valendo-se para seu sustento das silvestres fructas e rusticas ervas; lamentado continuamente a sua pouca fortuna; e sempre temerosos do grande poder de Carlos Magno.

Passados poucos dias n'aquella rustica habitação, começou Berta a sentir as dores do parto, que se fazia mais penoso por não terem nem para o sustento, nem para enfaixar o fructo nascido. E assim todo cheio de lagrimas e suspiros sahiu Milão da cova, e deixando a Berta com as mesmas lagrimas acompanhadas das dores do parto repetidas, se foi por aquelles campos pedir esmolas, tanto para o sustento d'elle e da sua querida esposa,

como para trazer alguns coeirinhos para envolver a creatura nascida,

Ausente Milão, começaram a crescer as dores em Berta, de sorte que a fizeram andar aos tombos pela cova; e como estava só se viu tão afflicta que chegou ao ultimo instante da sua vida sem poder articular palavra, tanto pela demasiada fraqueza, como pela falta de descanço; porque o seu leito e cama era sobre um pouco de mato estendido sobre a terra. Considere agora quem fôr racional o aperto e a miseria em que se achou esta princeza. Em fim chegou a parir um menino junto da bocca da cova, o qual cahindo sobre a terra veiu rodando por ella um grande espaço até um plano que estava defronte da cova, por fazer ali uma ladeira.

Parida Berta, ficou do parto tão prostrada que ficou sem sentidos e amortecida : e assim esteve até que chegando Milão e vendo aquelles dois espectaculos, a sua esposa como morta e a seu filho rodando pela terra todo cheio de sangue e lama que era uma lastima; e não sabendo a qual primeiro accudiria, suspendeu as lagrimas e accendeu com o seu fuzil fogo, e emquanto aquentou agua deitou pela bocca de Berta algum mantimento do rustico que das esmolas trazia; e logo tomou o menino e o lavou, e, aquentando uns toscos coeirinhos que pelo amor de Deos lhe tinham dado, o envolveu n'elles; e lavando tambem Berta, a apertou e logo concertou a cama com o novo mato e deitou a ambos n'ella.

Depois de deitados, começou Milão a confortar a sua esposa, já com mantimento, já com amorosas palavras, animando-a quanto podia até que entrou em si, e olhando para o filho lhe disse d'esta maneira : — Filho das minhas entranhas, nascido entre as féras, Deos e sua Mãi Santissima queiram tomar-te á sua conta e dar-me valor

para te poder criar para o servir; já que foi servido livrar-te da tyranna morte que havias de padecer no meu ventre, não queira que morras por falta de sustento dos meus peitos : chega, filho, a elles, que supposto que estão seccos, a Omnipotencia Divina os fará cheios; que como sustenta os bichinhos da terra, tambem te ha de sustentar a ti, que és racional creatura remida com o preciosissimo Sangue da sua Paixão Santissima. — E olhando para Milão lhe disse : — Querido esposo, é necessario que leves este nosso filho a receber o Santo Baptismo. — E chegando o menino ao peito, foi tanta abundancia de leite que ficou satisfeito de tal modo que dormiu nos braços de sua mãi um largo somno, do que ficaram Milão e Berta muito admirados de ver tão grande prodigio, dando infinitas graças ao Creador de todo o Universo.

Emquanto o menino dormiu, esteve Milão contando a Berta da fórma que o tinha achado rodando sobre a terra todo ensanguentado, porque Berta o não tinha visto, pois quando o pariu estava sem sentidos, por cujo respeito se póde dizer que parece que foi este parto milagroso, e que quiz Deos a Roldão cá no mundo para ser tão grande defensor da sua lei, e obrar por ella as grandes maravilhas que temos mostrado por todo o decurso da sua vida, até morrer e ir coroar-se na gloria acompanhado dos anjos, como afirma o arcebispo Turpim, como já referimos no livro 4º, cap 4º.

Como Berta tal ouviu, começou de novo a dar graças a Deos e a sua mãi Santissima de ter livrado aquelle innocente de morrer pagão, e o mesmo fazia Milão, e assim ajustaram de o baptizar e pôr-lhe o nome de Rodando (pois que rodando nasceu) e hoje se chama Roldão por corrupção de vocabulo. E logo ao outro dia o tomou

o pai nos braços e o levou a uma freguezia do campo, e disse ao cura que lhe baptizasse aquelle menino que era seu filho, e lhe nascera no campo andando mendigando, e que a mãi estava mal do parto. Do que compadecido o cura, não só o baptizou, pondo-lhe o nome de Rodando, como seu pai havia dito; mas tambem, vendo tão grande miseria, lhe deu uma esmola e lhe tirou outra pelos freguezes, e o mandou ir na paz de Christo.

Favorecido Milão de tão grande esmola, comprou mantimento mais delicado para sustentar a sua companheira e esposa (porque para elle não queria senão comer coisas rusticas) e chegando á sua cova e silvestre pousada, o saudou Berta com muita reverencia e alegria; dando-lhe os parabens de lhe trazer já seu filho christão. Ao que lhe respondeu Milão com a mesma veneração, e lhe pediu com toda a instancia quizesse comer do mantimento delicado que lhe trazia, contando-lhe o bom successo que tinha tido com o cura e a boa esmola que lhe dera e pelos freguezes tirára, attribuindo-o a bom presagio do menino Roldão, de que deram infinitas graças a Deos pelo ver baptizado e livre do grande perigo em que o tinha posto a cruel sentença de Carlos Magno, privando-o da vista beatifica por todos os seculos.

Capitulo VI

Como Milão foi arrebatado da corrente de um rio levando ás costas Berta, e esta ficou parada no meio do dito rio, e seu filho Rodando ficou desamparado e só na margem.

Sendo já Rodando de quatro annos, se resolveram Milão e Berta ir com o menino pedindo esmola pelo mundo, e deixar a habitação da cova;

e tomando esta resolução trataram de caminhar, e chegando a um rio, tomou Milão o menino e o passou á outra banda e o assentou na margem : e voltando a buscar sua querida esposa, a tomou aos hombros e indo com ella já no meio do rio errou o vau e caminho, e deu comsigo dentro em um pégo, e largando a Berta ficou esta no meio d'agoa, e Milão foi levado da furiosa corrente de tal modo, que a pouco espaço o perdeu Berta da sua vista, ficando solitaria e desamparada, e Rodando desfazendo-se em choro da outra banda.

Vendo-se a miseravel Berta em tão lastimoso estado, sem poder acudir a seu marido nem a seu filho, nem se poder mover dentro do rio por não saber para onde havia de passar, porque, para onde corria seu esposo já o não via ; para onde estava o filho ignorava o caminho; e para a sua cova a embargava o deixar o filho n'aquelle desamparo e miseria. Em fim tudo n'ella eram ancias, tudo suspiros, tudo lagrimas, que eram tantas, que já ficavam a perder de vista as amorosas lagrimas de Dido pela ausencia do seu amado Eneas : às de Cleopatra pela morte do seu querido Marco Antonio, e as de Leda pelo seu doce Armindo, porque todas estas foram nada para as de Berta. E assim começou a clamar lastimosamente na fórma seguinte :

— Ah meu Deos ! Ah meu Senhor ! Accuda-me a tua Divina Misericordia em tão grande desamparo, como padece esta indigna serva. Bem sei, Senhor, que a grandeza das minhas culpas só merece o rigor da tua grande justiça; porém lembra-te d'aquella innocente creatura que fica n'este deserto desamparada ; pois que já perdeu seu pai, não queiras que tambem perca sua mãi n'estas ondas submergida.

Virgem Santissima, Mãi e consoladora dos affli-

ctos, accode-me n'esta afflicção e não me desampares.

Ah querido e amado esposo, que tantos trabahos tens passado n'este miseravel mundo, e com tanta paciencia os soffreste sempre, sem que algum dos elementos te perdoasse, que assim vieste a perder a vida a impulsos do mais frio e humido d'elles! Quem podéra livrar-te de tantos infortunios! Mas Deos te receba a tua alma lá n'essa gloria para que eternamente descances n'ella, e não importa que eu no mundo padeça a inconstante roda da fortuna, para o que peço a Deos não me desampare e me dê paciencia.

Ah, filho d'esta alma, vivo retrato do meu bem perdido! Não chores, meu amor. Não atormentes mais a esta tua afflicta mãi. Tem paciencia até que estas furiosas e inclementes agoas suspendam o seu arrebatado e furioso curso, e dêm logar para que eu possa vadear este rio e tomar-te nos meus braços.

Ouvida por Rodando a lastimosa lamentação de sua mãi (caso raro!) suspendeu de tal modo as suas lagrimas, que o que n'elle até ali era saudoso choro d'ahi por diante foi suspensivo remedio e deleitavel conselho para dulcificar as lagrimas que a mãi amargamente chorava; dizendo-lhe d'esta maneira: — Mãi minha, não chore; encommende a Deos a alma de meu pai, e tenha paciencia e confiança n'este Senhor, que elle abrandará as arrebatadas furias das agoas para que possa vir tomar-me nos seus doces braços e livrar-me d'este grande perigo. — Com estas e outras razões, tão vivas e efficazes, consolava Rodando a sua mãi; e logo n'este tempo (caso estupendo!) cessaram as agoas as suas furias de tal modo que pôde Berta passar o rio sem embaraço.

Estando já Berta da outra parte e com Rodando já nos seus braços, começou de novo a lamentar

o seu sentimento na perda de seu esposo, buscando-o pelas margens do rio, regando as suas ervas com correntes de lagrimas, e como o não achou, tornou com seu filho para a sua cova, para ali acabar o restante da sua vida em companhia d'elle.

Capitulo VII

Como Rodando foi á cidade de Sena pedir esmola para seu sustendo e de sua mãi Berta.

Estando já a triste Berta na sua cova, lhe disse Rodando : — Mãi e senhora minha, nem chore nem se afflija, que eu tomo por minha conta ir pedir esmolas para nos sustentarmos. — Ao que respondeu Berta : — Meu filho, ¿como assim tão pequenino e de tão tenra idade, has de ir pedir esmolas sem saber caminho nem carreira, para te desembaraçares d'estas montanhas?—Respondeu Rodando : — Minha mãi, grande é a misericordia Divina que ensina aos pequenos o que esconde aos grandes. E assim, ainda que sou pequeno, Deos me ha de ensinar o caminho, pois não creou coisa alguma que desamparasse. E assim lance-me v. m. a sua benção e deixe-me ir que já são horas e não temos que comer. — Como Berta ouviu as justas razões de seu filho, tão pequeno, o teve por grande mysterio e afflato divino, e assim dando muitas graças a Deos, lhe deitou a benção e o mandou na paz de Christo.

Tanto que Rodando se viu abençoado e com a licença de sua mãi, começou a saltar com muita alegria, e tomou um bordão na mão e se despediu : e indo por entre os matos, aquelle solitario innocente chegou a uma estrada larga que hia para a cidade de Sena, que distava da cova uma

milha, que é a terça parte de uma legoa, e caminhando por ella encontrou algumas pessoas a quem pediu esmola com muita cortezia, e todos rendidos e admirados da innocencia e formosura da criança, o queriam levar comsigo movidos de compaixão; porém elle repudiou com tão notavel prudencia que a todos suspendia e assim lhe deram suas esmolas com uma vontade muito ampla.

Chegando Rodando a Sena já com o seu saquinho muito bem provido, e entrando por uma das portas da cidade,encontrou logo uma grande chusma de rapazes,e tanto que o viram logo lhe perguntaram quem era e como se chamava,e d'onde e para que vinha? Ao que respondeu com muita deliberação: Que se chamava Rodando e vinha pedir esmola para seu sustento; porém que não sabia quem era, nem d'onde vinha. Querendo porém alguns zombar d'elle, os reprehendeu com tal modo, que logo lhe obedeceram e o levaram pela cidade ajudando-lhe a pedir esmolas, e lhe deram do que elles tinham; e tanto que encheu o sacco, se despediu já quasi noite, e se foi só sem errar o caminho para a sua cova, onde o estava esperando sua afflicta mãi com muitas lagrimas, acompanhadas de infinitas saudades; mas tanto que o viu, ficou com tal contentamento, que se lhe renovou o espirito que já tinha quasi acabado e extincto.

Assim continuou Rodando no decurso de tres annos, e com tanta felicidade que não havia menino de Sena que não fosse seu amigo e o quizesse ter da parte do seu bando: pois já reconheciam n'elle, pelas varias occasiões que houve de luctas e pedradas no decurso do dito tempo, o seu grande valor e forças que excediam as de um perfeito homem; e assim andavam furtando a seus pais para lhe dar, só para o ter cada qual da sua parte quando viam que necessitavam d'elle.

Porém como os rapazes de Sena andavam abandonados no jogo das pedradas, como sempre foi costume em todos os povos, tinham ordinariamente uns com outros varias controversias sobre qual havia de ter da sua parte a Rodando, porque tinham a certeza que o bando que o tivesse, sempre havia de sahir da batalha victorioso. E como nunca falta quem idolatre a inveja, se oppoz á valentia de Rodando um menino dos mais principaes de Sena, chamado Oldrado, cabeça de um dos bandos, dizendo que Rodando era á sua vista muito fraco, e assim estimaria entrar com elle em batalha para o render á sua obediencia.

Muitos e a maior parte dos que estavam presentes, entendendo que seria verdade o que dizia Oldrado, abraçaram logo o seu partido; ficando a menor parte sem capitão, esperando que viesse Rodando para lhe contar o succedido e pedir-lhe que quizesse ser capitão do seu bando.

N'este mesmo tempo viram a Rodando, e logo o vieram buscar ao caminho e lhe contaram o que se tinha passado com Oldrado, e lhe pediram quizesse ser seu capitão, o que elle de boa vontade acceitou: e logo mandou por um rapaz, como embaixador, desafiar a Oldrado para no dia seguinte entrarem em batalha; o que Oldrado acceitou de boa vontade, porque se achava com maior numero de rapazes: e assim se despediu Rodando com a esmola costumada para a sua cova.

Capitulo VIII

Da cruel batalha que Rodando ou Roldão deu a Oldrado nos campos de Sena.

Toda a noite não pôde Rodando dormir com o sentido na batalha (presagio verdadeiro para que

a natureza o destinava). E antes de amanhecer se levantou e disse a sua mãi que hia tão cedo porque havia de assistir a umas festas que faziam os meninos de Sena, e tomando a benção e o seu bordão, sahiu da cova e foi para a cidade.

Chegando a Sena antes de amanhecer, andou passeando pelas ruas esperando que se levantassem os rapazes; e tanto que os colheu juntos, mandou aos do seu bando que cada um trouxesse uma funda para atirar pedradas, um pau da grandeza do seu e mantimento para comer antes de entrar a pelejar; o que todos logo fizeram.

Juntos todos em um campo que ficava fóra da cidade, onde havia uma admiravel fonte, assentaram o arraial, comeram o que levaram e beberam da fonte a seu gosto : logo começaram por mandado de Rodando a jogar as luctas; e todo o que lhe parecia mais valente apartava para uma parte e os mais fracos para outra.

Feita a dita diligencia, mandou fazer um alvo e depois mandou que cada um de per si lhe atirasse com a funda uma pedrada, e todos os que lhe acertaram apartou para outra parte. E ultimamente os mandou pelejar com os paus a um por um, e todo o que se mostrou mais valoroso e destro tambem apartou.

Feito o dito exame, e tendo já Rodando ou Roldão reconhecido as forças dos seus soldados, tratou de formar companhias, cada uma sujeita ao seu capitão, que para este effeito elegeu os de maior valor e capacidade, nomeando tambem os mais officiaes a quem os soldados obedecessem, e todos a elle como general, o que não recusaram, antes o acceitaram de boa vontade.

Acabado o sobredito, entraram os capitães e mais officiaes em conselho juntamente com o seu general, e resolveram uniformemente todos, que se mandasse desafiar a Oldrado para a batalha, e

assim se mandou a um dos mais valerosos capitães chamado Arnaldo, o qual foi armado com o seu bordão e funda levar a embaixada da seguinte maneira :

— O muito alto e valoroso Rodando me manda que te diga da sua parte, que te está esperando no campo da fonte de Sena para te dar batalha; e que se a recusares, te terá pelo mais fraco rapaz d'esta cidade, e que as armas que tem são estas que trago, nem mais nem menos.

Partindo Arnaldo com a embaixada para Sena e achando logo a Oldrado na praça com alguns rapazes, se chegeu a elle e lhe deu a embaixada na fórma sobredita; de que Oldrado ficou algum tanto suspenso e temeroso; porém como era nobre e de coração magnanimo, acceitou o desafio e respondeu do seguinte modo :

— Arnaldo, dize ao nobre Rodando que de boa vontade acceito o desafio, e que me preparo logo com eguaes armas e o vou buscar ao campo destinado.

E logo disse aos rapazes : — E vós outros ide logo chamar todos os rapazes do vosso rancho, e que venham com todo o cuidado para que não nos tenham os rapazes do rancho de Rodando por fracos. — E voltando-se para Arnaldo, lhe disse : — E tu vae logo com a resposta e dize a Rodando tudo o mais que ouviste.

Partiu logo Arnaldo com a resposta, e no emtanto começou Oldrado a ajuntar o seu partido: e estando já todos com eguaes armas, lhes fez Oldrado uma pratica de valor, promettendo-lhes vencimento na batalha, e que assim ficaria desvanecido o conceito do grande valor que diziam que tinha Rodando, e o seu rancho ficaria rendido e medroso.

Animados os rapazes de Oldrado com a confiança da promessa que este lhe fazia, sahiram todos

em chusma da cidade com muita alegria, e caminharam para o campo da fonte onde Rodando os estava esperando, e assim que viram o exercito fizeram alto e ficaram parados.

Tanto que se avistaram os dois exercitos, começou logo Rodando a alistar a sua gente e não achou mais que sessenta soldados; e logo os formou em tres linhas, a primeira dos rapazes mais valentes das luctas, a segunda dos mais fracos e a terceira que era a rectaguarda tambem dos valorosos, e os capitães na frente da vanguarda, e Rodando na frente de todos.

Tanto que Oldrado viu aquella formatura, tambem fez o mesmo, e alistando os soldados se achou com trezentos, e assim ficava o exercito de Oldrado parecendo um gigante á vista de um pigmeu, que assim parecia o exercito de Rodando.

Formados os dois exercitos, mandou logo Rodando desafiar a Oldrado, e que mandasse vinte rapazes para jogaram as luctas que elle mandaria outros vinte, e que todo o que ficasse rendido ficaria prisioneiro e não tornaria a peleijar mais aquelle dia.

Levou a embaixada Arnaldo, e logo Oldrado acceitou o partido e mandou os vinte rapazes que lhe pareceram mais valorosos; ao que correspondeu Rodando com outros vinte tirados da primeira linha.

Chegados os rapazes uns aos outros, começaram a luctar com tanto valor, que por mais de uma hora não se conheceu vantagem entre elles, porém esforçando-se de novo, ficaram todos os vinte repazes de Oldrado vencidos e prostrados por terra, e assim ficaram todos prisioneiros de guerra.

Vendo Oldrado tal destruição, mandou outros vinte rapazes, e sem embargo de estarem já os de Rodando cançados, com tudo não se quizeram retirar; e assim peleijaram com tão notavel brio, que

depois de batalharem grandemente ficaram tambem rendidos e prisioneiros os de Oldrado, do que ficou este muito sentido e Rodando muito vanglorioso.

Vendo Oldrado tal destroço e parecendo-lhe que já não podia vencer a Rodando pela lucta, mandou dizer-lhe que queria pelejar com as fundas e pedradas, e que para isso mandasse trinta rapazes e que elle mandaria outros trinta. Para o que mandou por embaixador a Jacintho, que era muito cortez e galhardo.

Ouvindo Rodando a embaixada, consentiu logo n'ella, e assim mandou trinta rapazes escolhidos e destros no jogo das pedradas; e mandando Oldrado outros tantos, começaram o jogo com tanta furia que era uma tempestade desfeita e cada pedrada parecia um corisco; porem todos os rapazes de Oldrado ficaram cahidos e feridos em terra, e assim foram prisioneiros, ficando os de Rodando victoriosos.

Oldrado que já tinha no seu coração mais medo que valor, não deixou de entender que já não podia vencer a batalha; porem por não mostrar a sua fraqueza, começou a animar os seus rapazes dizendo que só vencia a batalha, quem ficava senhor da campanha e que Rodando havia por fim ficar vencido por ter poucos soldados e elles muitos. E assim entrou em conselho que pelejassem todos juntos com a lucta dos paus e que na confusão da peleja tomariam melhor vingança e venceriam a batalha.

Feito o dito conselho, todos o approvaram, e assim, sem mandar embaixada a Rodando d'este designio, sahiram todos sem fórma a avançar ao exercito de Rodando, o qual vendo este insulto, mandou a todos os seus soldados que não se desunissem nem perdessem a fórma, a qual fez em um instante, de porco espim, pondo-os costas com cos-

tas com os prisioneiros ; e elle no meio para dar as ordens, e aos soldados mais valorosos n'aquelle jogo, mandou que ficassem de fora cercando o exercito.

Chegando os soldados de Oldrado armados com os seus paus, cercaram logo o exercito de Rodando, e foi tão tempestuosa a pancada que jogaram, que em breve tempo se pozeram os rapazes de Oldrado em fugida por verem o grande estrago que tinham feito os de Rodando ; pois estava já o campo cheio de feridos e atordoados, sem que os de Rodando tivessem perigo.

Vendo Rodando a precipitada fugida de Oldrado e desejoso de lhe dar completa batalha e alcançar total victoria, disse aos seus soldados : — Agora, amigos, agora é tempo opportuno ; sigamos todos aos nossos inimigos que já fogem como fracos e medrosos do nosso valor, e não lhes demos quartel, salvo ao que se mostrar rendido. Porém, amigos, vamos sempre com boa ordem e não percamos a boa fórma, pois é dos bons soldados o peleijar com bom fundamento; porque este faz invencivel ainda ao menor numero : pois não ha maior ruina para um exercito, ainda que grande em numero, do que peleijar sem forma ; porque este é o melhor fundamento da guerra. E eu irei diante, e fazei como eu fizer.

Feita esta pratica, logo Rodando se poz na dianteira e todos os mais com boa ordem, e foram seguindo o exercito de Oldrado e dando-lhe de tal modo na garupa, que em pouco tempo lhe derrubaram e captivaram todo o exercito, ficando todos no campo, uns feridos e outros atordoados, porém nenhum morto, e só escaparam vinte que foram fugindo com Oldrado para a cidade sem que algum dos soldados de Rodando tivesse o mais minimo perigo.

Vendo-se os soldados de Oldrado vencidos, e

que o seu general os desamparou e enganou, começaram todos a render obediencia aos soldados de Rodando e fazer-se amigos, acclamando a Rodando por valoroso e a Oldrado por fraco: e d'ahi por diante todos seguiram o partido de Rodando e lhe faziam grandes esmolas do que furtavam a seus pais. E assim se despediu Rodando já quasi noite para a cova muito bem carregado de mantimento.

Capitulo IX

Como Carlos Magno vindo coroado por imperador de Roma se aposentou na cidade de Sena, e do que aconteceu com Rodando e Berta.

Vindo Carlos Magno de Roma coroado imperador entrou na cidade de Sena, onde foi recebido com toda a magnificencia e alegria; e logo os cidadãos lhe prepararam umas sumptuosas festas como era devido a tão grande senhor.

E' costume entre os principes mandar que todoa os dias se dê esmola aos pobres; e assim se fazis no palacio de Carlos Magno em Sena, aonde tambem concorria o menino Rodando para levar a sua esmola. E acontecendo ir um dia mais tarde, e tendo já sido dadas as esmolas, estavam sómente dois pobres á porta do palacio, e começando a zombar d'elle por ir tarde, se enfureceu de tal maneira e deu tanta pancada em ambos que os deixou destroncados, e lhes tirou as esmolas que tinham, e se foi para a sua cova.

Ao outro dia tornou para Sena, e chegando a palacio a tempo que o imperador estava jantando, foi com todo atrevimento, e chegando-se á mesa com uma notavel desenvoltura, pegou em um prato de certa iguaria e se veiu retirando com tal modo, que ficou o imperador muito gostoso e

todos os cavalleiros admirados. Porém Carlos Magno lhes disse que gostára muito de ver a desenvoltura e graça com que aquelle menino tomára aquelle prato, e que o deixassem ir em paz. E assim se foi Rodando com o prato para a sua cova; o que ouvindo sua mãi, ficou muito sentida e temerosa de ser por aquelle meio descoberta por seu irmão Carlos Magno; e lhe pediu que não tornasse mais a palacio sem lhe dizer a causa, e elle assim o prometteu fazer.

Logo ao seguinte dia tornou Rodando a Sena, e não lhe soffreu o coração deixar de tornar a palacio. E estando Carlos Magno jantando, se chegou á méza muito de espaço, e pegou em uma fonte de ouro que n'ella estava para recreação do imperador, e se retirou muito airoso; e o imperador lhe deu um grande grito para ver se largava a fonte com medo, porém Rodando lhe respondeu: — Os gritos dos reis não me atormentam nem mettem medo. E assim se veiu com a preza sem que alguem o estorvasse, por saberem que Carlos Magno gostava d'aquillo.

Vendo Carlos Magno acção tão heroica, logo prognosticou que incluia algum grande mysterio: e assim disse a quatro cavalleiros dos que lhe assistiam á meza, que seguissem aquelle menino e soubessem quem era, porém que o não molestassem e assim o foram seguindo de longe sem serem vistos de Rodando, até que o viram entrar na cova.

Estando já Rodando mettido no seu aposento e contando a sua mãi o successo, e estando ella reprehendendo-o, chegaram á bocca da cova os quatro cavalleiros, e entendendo que era covil de ladrões quizeram entrar com violencia para os prender; porém Rodando defendeu a entrada com um pau com tanto animo e esforço, que ficaram os cavalleiros admirados e temerosos de tal modo,

que se retiraram um grande espaço, attribuindo que o menino era alguma especie de bruto em fórma humana transformado, pela braveza com que peleijava.

Vendo Berta tal successo, e temendo que lhe matassem o filho, sahiu fóra da cova, e vendo os cavalleiros conheceu que tres eram primos do seu esposo Milão : e assim não podendo deixar de dizer quem era, se poz de joelhos prostrada e coberta de lagrimas, e lhes deu noticia dos seus desgraçados successos, rogando-lhes com grande extremo que não dissessem coisa alguma a seu irmão Carlos Magno.

Tanto que os cavalleiros viram a formosa Berta tão desconhecida e descomposta de vestiduras, que mais se póde dizer que estava núa, por ter só uns pobres trapinhos vestidos, ficaram tão cheios de lastima e sentimento, que não puderam suster as lagrimas nos olhos, e depois de varias perguntas e respostas, lhe prometteram ser o seu patrocinio; e assim partiram tres a dar noticia a Carlos Magno do successo, ficando um em companhia de Berta e Rodando.

Chegados os tres cavalleiros a palacio, logo o mais velho se poz de joelhos diante de Carlos Magno, e lhe disse d'este modo :

— Não me póde negar vossa magestade que a paz é a mais excellente virtude de todas, e assim que todos os bons a desejam, e Christo nosso Salvador a encommendou muito : e sendo isto verdade tão solida, Cesarea Magestade, humildemente te peço me dês palavra de perdoar um antigo aggravo, e receber na tua graça pacificamente a quem por este Senhor humildemente a pede.

Ouvida pelo imperador aquella compendiosa oração, lhe disse que se levantasse e que lhe outorgava tudo quanto pedia. E logo o cavalleiro

lhe disse o que tinha succedido, e sem embargo que Carlos Magno ficou, depois de saber o que era, com pezar de ter concedido o favor, comtudo não pôde faltar ao que tinha promettido, e assim mandou que tanto sua irmã Berta como seu sobrinho Rodando, viessem logo á sua presença, e fossem tratados como quem eram.

Tanto que Carlos Magno deu o perdão a sua irmã Berta, foi tão grande o gosto e contentamento que tiveram, que logo o communicaram a toda a gente da cidade, e todos ficaram tão alegres que é impossivel o explicar-se : porém foram tantos os festejos, que não se viam por toda a cidade mais que danças e saraus ; pois todos amavam com extremo a Berta pela sua virtude e prudencia, e tinham sentido muito a sua ausencia, e muito mais não a terem conhecido na cova para tratarem d'ella como merecia.

Mandou logo o imperador fazer vestidos para sua irmã e sobrinho, e todas as damas do palacio que acompanhavam a imperatriz, se vestiram de custosas galas e o mesmo fez a imperatriz, que mais que todos estimou esta fortuna, e toda a nobreza da cidade fez o mesmo, e o mais plebeu se vestiu com o melhor adorno que tinha : e assim foi a imperatriz e damas e toda a côrte acompanhada de toda a gente da cidade buscar a Berta e a Rodando.

Chegando á cova, entraram os cavalleiros primos de Milão, e disseram a Berta que o imperador lhe perdoára e que vinha a imperatriz com toda a côrte e cidade a conduzil-a para palacio, de que Berta ficou muito contente e lhes deu os agradecimentos pelo beneficio do seu patrocinio : e logo entraram tres damas com os vestidos para comporem a Berta e Rodando, e depois de compostos sahiram da sua cova, que havia sete annos que servia de sepultara á sua soberania.

Chegou em fim aos braços da imperatriz, aonde foi recebida com as maiores demonstrações de amor que nunca jámais se viu, e mettendo-a na sua carroça e seu filho Rodando, partiram para Sena; e entrando em palacio, a estava esperando Carlos Magno com agradavel gesto, e ella se poz de joelhos pedindo-lhe perdão, e lhe tomou a benção: e logo mandou Carlos Magno fazer publicas festas em seu obsequio, e o mesmo fez a cidade com grande custo, durando bastante tempo; e passadas as festas se partiram para França com grande gosto.

Capitulo X

Como Roldão foi armado cavalleiro por seu tio Carlos Magno.

Depois que Carlos Magno chegou a França, e estando já descançado da jornada, começou a examinar em varias materias, e tambem nas de guerra a seu sobrinho Roldão, e em tudo o achou tão perito que parecia ser soldado velho e experimentado, e não faltaram occasiões que não só ao imperador, mas a todos os mais da côrte admirava. Pois dando-lhe Carlos Magno mestres para lhe ensinarem todas as armas, elle as sabia melhor do que elles, porque em todas era insigne, principalmente na arte de cavallaria, justas e torneios; e era tão valente que não havia quem com elle quizesse jogar as lutas, ainda que fosse o mais valente homem. E por esta causa era tão amado de Carlos Magno e de todo o povo, que era incrivel o muito que lhe queriam.

Vendo Carlos Magno tantos prodigios em seu sobrinho, logo tratou (ainda que não tinha a idade completa) de o armar cavalleiro; para o que con-

vocou toda a côrte, que todos uniformemente o consentiram, e foi o dia que em França se conheceu de maior applauso e festejo, que nunca jámais houve n'aquelle tempo.

Armado cavalleiro Roldão, sendo de nove annos, na fórma costumada se mandaram apregoar as festas, justas e torneios feitas em seu applauso, para o que concorreram os melhores cavalleiros, não só do mesmo reino mas tambem dos estrangeiros, que todos vieram com o grande gosto que tinham de ver o menino tão famigerado.

Chegado o dia da festa, sahiu Roldão acompanhado dos melhores e mais luzidos cavalleiros da côrte, e veiu ao logar destinado para o festejo das justas e torneios, que era uma praça muito formosa, a qual estava adornada com a melhor arte que podia formar a architectura humana, e toda cheia da melhor fidalguia e nobreza.

E ahi estavam já os cavalleiros estrangeiros esperando aquella boa hora, para mostrarem os progressos da sua fortuna; e tanto que Roldão chegou com a sua comitiva, todos se puzeram em boa ordem, como pedia o estylo da cavallaria; feitas as mais ceremonias necessarias, que foram as cortezias que fizeram ao imperador Carlos Magno, á imperatriz, á Berta e ás damas, começaram a jogar as justas d'esta maneira :

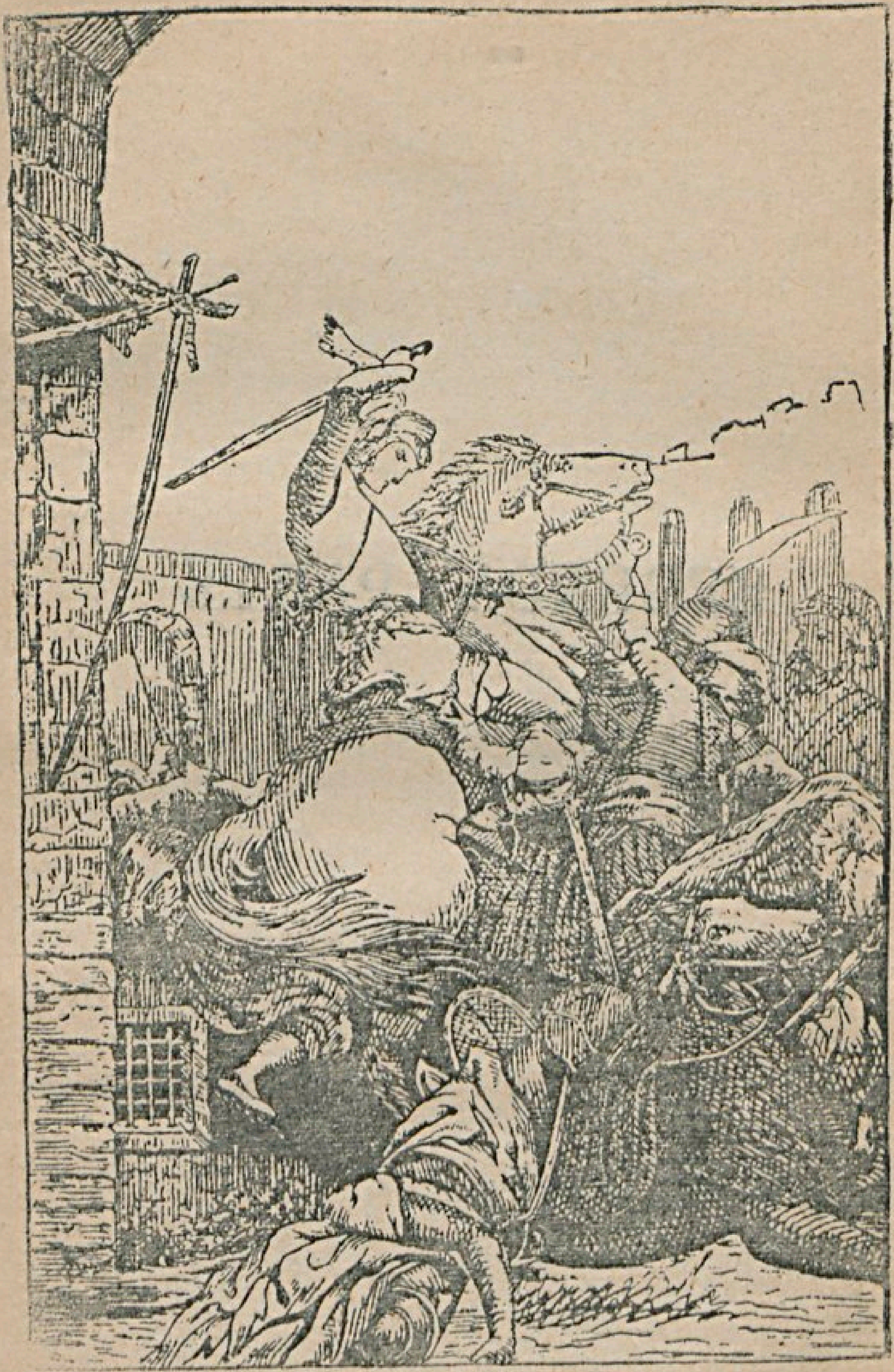
Sahiu logo Roldão ao campo em um formoso e soberbo cavallo, vestido de luzidas e resplandecentes armas, ao qual sahiu logo um cavalleiro genovez muito valente e brioso, e ajustando-se ambos, foram taes os golpes que Roldão lhe deu que a breve espaço o desmontou : e logo sahiu outro cavalleiro italiano, que da mesma fórma foi por Roldão vencido. Sahiu logo um cavalleiro saboyano, que logo por Roldão foi desmontado : finalmente foram sahindo todos os mais cavalleiros que estavam na praça, cada um por sua ordem,

como é estylo na cavallaria, e todos ficaram por Roldão vencidos; e assim foi aquelle dia o de maior gosto que teve Carlos Magno, e d'esta sorte lhe cresceu tanto o amor do sobrinho, que chegou ao maior augmento da sua estimação.

Acabadas as justas e torneios, deu Carlos Magno quinze dias de banquete aos cavalleiros, e todos publicaram com publica voz que aquelle menino havia de ser o assombro de todo o mundo, e que n'elle tinha Carlos Magno uma firme columna do seu imperio e que por elle havia de ser de todos venerado e temido: o que não foi sem fundamento pois o tinham experimentado: e depois se fez certo com as grandes proezas que obrou no decurso da sua vida como atraz nos mais livros temos dito. E este foi o nascimento d'aquelle grande heroe afamado.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE



ROLDÃO
so contra os Turcos

SEGUNDA PARTE

LIVRO PRIMEIRO

Capitulo I

Como o imperador Carlos Magno, vencidos os reis de Cordova e Sevilha e consagrada a igreja de Sant'Iago, veiu para Paris.

Depois que o imperador Carlos Magno venceu aos reis de Cordova e Sevilha, e por este modo deixou debaixo da religião catholica toda a Hespanha, como dissemos no fim do terceiro livro da parte primeira, determinou passar a Allemanha a cuidar nos negocios do imperio : mas antes que partisse, foi com o arcebispo Turpim visitar a igreja de Sant'Iago de Galliza, e visitou muitos mosteiros, fez muitas constituições e outras coisas tocantes ao bem da religião : e depois que o arcebispo Turpim acompanhado de nove bispos (como dissemos no principio do quarto livro) consagrou a igreja de Sant'Iago, vendo o imperador que já tudo estava feito, poz em execução a sua jornada.

Chegado a Allemanha, andou por ella dois annos dando leis por todas as terras do imperio pertencentes ao bom governo ; e no fim, tendo já muitos desejos de ir ver a sua patria, França, de que havia tantos tempos andava ausente, se despediu

dos senhores de Allemanha, e partiu para Paris acompanhado dos seus Pares de França, com os quaes sempre caminhava; e os que então o acompanharam eram os seguintes:

Roldão, conde de Cenobia, filho de Berta, irmã de Carlos Magno e do duque Milão, como consta do quinto livro da parte primeira; Oliveiros, filho do duque Regner de Hens; Guarim, duque de Lorena; Gui de Borgonha; Ricarte, duque de Normandia; Tietri, duque de Dardania; Lamberto, principe de Bruxellas; Urgel de Danôa, rei de Daria; Guadeboa, rei de Frisia; Hoel, conde de Nantes; Nemé, duque de Baviera; Jofre, senhor de Bordeos; Bosim de Genova; e Galalão, que no fim foi o traidor.

Acompanhados de tão excellentes principes e valorosos cavalleiros, entrou o nobre Carlos Magno triumphante na côrte de Paris, aonde foi recebido de todos os cavalleiros, cortezãos e de todo o povo, com aquelle amor e gosto que seu bom governo e assignaladas victorias tinham bem merecido. Assim passou muitos annos em Paris com todos os seus cavalleiros, excepto Gui de Borgonha, o qual se tornou para o seu reino com a sua esposa Floripes, ainda que passados alguns annos tornou para Paris com toda a sua casa, dizendo que mais queria ser vasallo de Carlos Magno, em Paris, do que ser rei nas terras que tinha: e era tal a bondade do imperador, que todos diziam o mesmo, deixando os seus reinos e vindo servil-o.

Capitulo II

Das festas que fizeram os pares em Paris por obsequio á chegada de Floripes.

Chegado Gui de Borgonha á côrte de Paris com sua esposa a formosissima Floripes, foi grande o gosto que Carlos Magno e os cavalleiros tiveram d'isso, e assim mesmo quiz o imperador fazer-lhe um obsequio grande e mostrar-lhe a magnificencia da sua côrte, para o que mandou publicar por todo o reino umas justas que queria se fizessem na sua côrte.

Correu a noticia por toda a Europa, e como a côrte de Paris era a melhor do mundo, todos os cavalleiros de fóra vieram ao chamado das festas; tanto por ver as bizarrias d'ellas, como por conhecer os pares de quem tão grandes façanhas tinham ouvido; outros, confiados mais nas suas obras vinham tambem provar com elles as suas valentias; e a côrte de Paris começou a encher-se de principes e de excellentes luzimentos: porque todos os estrangeiros, á porfia, vinham riquissimos de joias, bordados e pedrarias, como quem vinha apparecer na maior funcção que então havia no mundo.

Não era menos o lustre dos cavalleiros francezes, ainda que com differença, porque os pares todo o seu cuidado era em procurar fortes escudos e finas armas, e os cavalleiros cortezãos, tudo era empenhar-se em magnificas librés e soberbas plumas; de sorte que uns escarneciam dos outros: os Pares dos cortezãos dizendo, que como damas só cuidavam nos enfeitos: os cortezãos dos pares dizendo que só cuidavam em armas como se fossem feras, ou estivessem para brigar com inimigos

na campanha e não com amigos em uma praça ; e d'aqui começou a haver entre elles muita emulação e desconfiança, que ao depois fez o mais que diremos adiante.

Entre todos os cavalleiros, só Roldão não cuidava em preparos, e quando lhe diziam os outros o fizesse, respondia que estava muito doente e debilitado de forças, e que por essa causa não podia entrar nas festas ; um dia que Ricarte de Normandia, estando só com elle, o apertou muito para que entrasse, Roldão dando um profundo suspiro do intimo do seu peito, lhe disse :

— Senhor Ricarte, em fé de grande amizade que entre todos os paladinos tenho comtigo, me resolveu a declarra-te um segredo que conservo no meu coração, e que é a causa de eu não entrar nas festas que se fazem a Floripes : e vem a ser, que haverá um mez entrou no meu palacio um turco com varias preciosidades a vender, e entre ellas vinha o retrato de uma dama tão formosa, quanto só á vista podereis bem conhecer. Perguntei-lhe de quem era e me respondeu que era de Angelica, filha de Abderraman de Cordova, e neta d'aquelle velho rei a quem vencemos ha tantos annos.

Comprei-lhe o retrato, e pondo-o na minha camara onde todos os instantes o via se me foi accendendo um tal amor á princeza que representa, que passando a loucura esta vontade, estou dias e noites pasmado a olhar para a pintura ; e desesperado de que seja filha de um infiel uma belleza tão rara, e por esta causa esteja impossibilitada para ser minha, me vejo como doido, sem gosto, sem descanço e sem alegria : e ao menos que não faça por ella alguma grande fineza que possa chegar sómente á sua noticia, não serei alliviado d'esta pena.

Respondeu-lhe Ricarte : — Senhor Roldão,

muito te agradeço a confiança que de mim fazes para me declarares o teu peito: mas a minha amizade tomando por motivo d'essa mesma confiança, te adverte que não queiras deslustrar os triumphos do teu braço com um affecto tão afeminado, que mais é para os cortezãos que para os soldados: e assim diverte essa paixão tão indigna do teu esforço, e não negues a estas festas o credito de as ajudares com os teus valorosos feitos.

Roldão ficou muito corrido d'esta resposta de Ricarte, mas respondeu-lhe: — Eu, senhor Ricarte, quando te dei conta do meu amor, foi para que m'o ajudasses a sentir como amigo, e não para que me dissuadisses d'elle como conselheiro; que eu sei muito bem em que consiste o verdadeiro esforço; mas eu terei accordo de callar as minhas paixões comigo, para me não ver censurado. Ricarte o satisfez muito, e promettendo-lhe o segredo se despediram.

Entretanto se faziam todos os preparos para as festas, e chegando o dia, se deu principio logo pela manhã com muitos ternos de timbales e clarins, que depois de correrem as ruas da côrte, se foram para o terreiro onde haviam ser as justas, o qual estava rodeado de camarotes, tendo na fronteira o palacio real, em cuja janella toda entalhada de ouro, estava Carlos Magno com Floripes á sua mão direita, tão bizarra e formosa que bem tinham os olhos de todos que se divertir em vel-a. Por todas as mais janellas e camarotes era tanta a bizarria de damas e cavalleiros que ainda então se não tinha visto coisa tão nobre no mundo.

Capitulo III

Como se fizeram as justas e de dois cavalleiros que entraram na praça desconhecidos, e do que disseram.

Começaram a entrar os cavalleiros na praça, vestidos de preciosissimos vestidos, montados em soberbissimos cavallos e rodeados de innumeraveis criados riquissimamente fardados. Tomaram os seus postos, e fazendo por ordem dos padrinhos signal para investirem os instrumentos, se accommetteram uns a outros tão airosos, fazendo sortes tão bizarras que os que viam se davam bem por contentes do que elles obravam.

Ricarte de Normandia investiu tão furioso, que mettendo a ponta da lança pela testa do cavallo contrario, lh'a passou até tocar a ponta no peito do cavalleiro. Urgel de Danôa poz a ponta da lança nos peitos do seu competidor com tão violenta carreira, que não lhe passando as armas por serem finissimas, o fez recuar com o mesmo impeto que levava até marrar cavallo e cavalleiro com as ancas e costas na trincheira contraria. Lamberto de Bruxellas, quebrando-se-lhe a lança no escudo do seu competidor, lhe deu com a haste que lhe ficára na mão tal pancada no hombro direito, que as armas de toda aquella parte e mais seu dono vieram á terra.

Gui de Borgonha luzia como quem estava á vista de sua esposa; Oliveiros, Guarim e todos os mais se haviam como costumavam; e sendo muito grande o valor e desembaraço dos cortezãos e estrangeiros, os pares levavam vantagem a todos com tanta admiração dos estrangeiros como inveja dos cortezãos, os quaes não só os

combatiam, mas todos os outros se hiam ajuntando em corrilho, e já causava reparo este ajuntamento.

N'este tempo entrou pela porta esquerda da praça um cavalleiro de uma estatura quasi de gigante, vestido de armas pretas e no escudo pintado um comprido cypreste com a raiz para baixo do mesmo comprimento que a arvore tinha para cima, e esta letra :

Se o corpo cresceu agigantado,
As raizes do affecto que se occulta
São do mesmo tamanho da estatura.

Vinha montado em um cavallo baio, com cabos pretos, formoso no feitio, grande no corpo, e tão feroz no aspecto que verdadeiramente deitava fogo pelos olhos, e fumegava pelas ventas que parecia uma bravissima serpente. Chegou ao meio da praça e firmando-se com bizarro continente sobre a sella, disse estas palavras em voz que todos poderam bem ouvir :

— O' vós outros, que divertidos e alegres estaes festejando os vossos triumphos, sem terdes a quem dedicar os vossos festejos, ou pondo todos vossos festejos, ou sentido nas bizarrias das armas, ou não tendo formosuras a quem dedicar as vossas bizarrias : sabei que como amigo venho assistir aos vossos festejos ; mas com condicção, que pois nenhum de vós tem deidade que defenda, haveis de confessar todos que só merece tudo Galiana ; e quem assim o não fizer, prepare a sua vida para ser sacrificio á formosura de Galiana.

Ao tempo que hia acabando a pratica, entrou pela porta direita da praça outro cavalleiro armado de armas amarellas, de estatura proporcionada e talhe tão airoso que a todos levava os olhos : vinha montado em um cavallo mursello com arreios de ouro e pedraria, e o cavalleiro trazia no

escudo um girasol inclinado para uma Angelica com esta letra:

Nem por olhar para ti
Deixo de ser girasol.

Parou defronte do outro ao tempo que elle acabava a pratica, e firmando-se na sella, lhe respondeu assim :

— Se cuidas, barbaro gigante, que com o exercicio da guerra temos esquecido as galanterias de amor, enganas-te, porque te saberei mostrar que tambem entre os fortes ha amantes : e para que o vejas como talvez não quizeras, saberás que a dama a quem se devem os tropheus d'estas justas, e a quem a tua Galiana ha de ceder a victoria, é a sem par Angelica : e assim confessa logo esta por mais digna, se não queres perder a vida nos fios da minha ardente espada.

Capitulo IV

Como os dois cavalleiros se investiram e batalharam, e da discordia que entre os pares e os principes cortezãos houve por este motivo.

Apenas acabou de fallar o cavalleiro, quando o da agigantada estatura metteu as esporas ao cavallo, embraçou o escudo, calou a viseira, e enristada a lança partiu a investil-o ; poz elle tambem a lança em riste, e accommettendo-se ambos a todo o galope dos cavallos, pareciam dois raios, ou ao menos duas settas que furiosamente se disputavam ; quebraram-se as lanças nos fortissimos escudos, e os pedaços voaram até se perderem de vista, e foram cahir onde se não acharam.

Metteu mão o cavalleiro de Angelica a uma rica

espada, o de Galiana a um cortador alfange, e se começaram a dar desapiedados golpes: o da espada descarregou sobre o contrario uma cutilada, e lhe lançou em terra todo o escudo; acudiu com outra sobre o hombro esquerdo, levou-lhe todas as armas d'aquella parte: deu-lhe terceira sobre o elmo, e fez-lhe marrar com a testa no pescoço do cavallo. Vendo-se o cavalleiro de Galiana tratado d'esta maneira, estando já sem escudo, pegou com ambas as mãos no alfange e descarregou ao través do elmo tão desmedido golpe no contrario, que o deixou atordoado e abraçado com o pescoço do cavallo para não cahir: deu-lhe segundo sobre as costas, e fez pôr ao cavallo os joelhos em terra. Tornou a si o cavalleiro de Angelica, e d'aqui começaram de novo a ferir-se por espaço de duas horas sem se conhecer vantagem de nenhuma das partes, com pasmo de todos os que viam tão desusada batalha.

Vendo o cavalleiro gigante que não podia á força de armas levar a melhor do seu inimigo, fiando-se nas suas desmedidas forças e corpulencia, largou o alfange, e assim mesmo a cavallo se abraçou com elle: fez o da espada o mesmo, e começaram a empurrar-se assim um a outro de tal sorte, que os cavallos se attenuavam com a força que os cavalleiros faziam, e depois de luctar assim muito tempo o cavalleiro de Angelica, pondo todo o ultimo de suas forças, fez bater o outro no chão com cavallo e tudo: mas como estava abraçado com elle, veiu tambem a terra.

Com a violencia das quedas se desapertaram a ambos as viseiras: e conhecendo-se que o de cima era Roldão, o de baixo começou a gritar que lhe acudissem, porque era um embaixador que trazia para Carlos Magno uma embaixada da ultima importancia; Roldão, por querer occulto defender a sua Angelica, se tinha fingido doente,

e vendo aquelle cavalleiro na praça por acaso, batalhou com elle.

Estando d'esta sorte os dois cavalleiros, entraram os Pares por parte de Roldão a castigar o atrevimento do outro; os cavalleiros da côrte achando aqui tão boa accasião para satisfazerem a sua inveja, começaram a defender o estrangeiro, dizendo que como a embaixador se lhe devia guardar a immunidade; diziam os Pares que elle fóra o primeiro que a si mesmo a tinha quebrantado; mas os principes da côrte, sem esperar mais tempo, metteram mão ás espadas e começaram a batalhar com os paladinos: estes, que dos seus golpes faziam bem pouco caso, se defendiam e os offendiam por modo, que em menos de meia hora não havia no campo quem lhes resistisse, ficando mortos oitenta, e fugindo os outros sem embargo dos Pares serem só quatorze e os principes mais de trezentos.

Desceu o imperador da sua janella, e o seu respeito impediu que os Pares seguissem os outros, e ainda que conheceu que estes foram os que tinham provocado, quiz para exemplo castigar os Pares, e os mandou presos para uma torre. Tinha ficado no campo o cavalleiro de Galiana, o qual ainda que mal ferido deitando-se aos pés do imperador, lhe pediu licença para lhe fallar, e o imperador lh'a deu.

Capitulo V

Como o cavalleiro de Galiana deu a sua embaixada e entregou ao imperador uma carta do seu rei de Toledo; e do que o imperador lhe disse.

Fallou o cavalleiro de Galiana d'esta maneira:
— Senhor: eu sou Bradamante, vassallo de Ga-

lafre, rei de Toledo : depois que tu te ausentaste de Hespanha, deixando vencido el-rei de Cordova, este morreu de paixão, e um filho seu muito valente, chamado Abderraman, entrou a governar e fazendo muitas guerras, tem conquistado muitas provincias e fazendo-se senhor contra o meu rei Galafre, o qual confiando só na tua protecção a sua defesa, te pede que o ajudes contra o filho d'aquelle, a quem já venceste; e isto o verás melhor n'esta carta. Recebeu o imperador a carta, a qual dizia assim :

Carta de Galafre para Carlos Magno.

« Altissimo senhor imperador. Eu Galafre, rei de Toledo, vos enviu muito saudar, como aquelle a quem muito estimo. Senhor : faço-vos saber, como meu primo el-rei de Cordova quer vingar em mim as injurias que vós fizestes a seu pai : elle tem-se feito em armas o mais poderoso de quantos seguem a Mafoma, porque sempre tem tido em seu favor a fortuna ; eu só no vosso favor fio o meu amparo ; espero não negueis o patrocinio a quem vos busca necessitado : Bradamante, meu embaixador, vos informará de tudo, e eu espero que na brevidade tenha de vossa mão o que pretendo. »

Tanto que o imperador leu a carta, disse para Bradamante : — Pois como, sendo tu embaixador, vieste d'este modo ás justas? Bradamante lhe respondeu : — Senhor, eu tive no caminho noticia de que fazias estas festas, e como na minha terra é estylo n'estas occasiões defender cada um a dama que serve, quiz eu encoberto defender a minha ; e assim, senhor, se isto me serve de desculpa, dá-me o perdão, e se quizeres castigar-me aqui estou, faze de mim o que quizeres.

Respondeu-lhe o imperador : — Muita clemen-

cia é necessaria para perdoar um insulto tão grande, mas valha-te a lei de embaixador para que n'esta occasião não vingue em ti as mortes de todos os principes, de que tens sido causa. Mas para que tenhas sempre algum castigo, vae-te logo embora da minha côrte, e dize ao teu rei que eu irei ajudal-o. Beijou Bradamante a mão ao imperador, e lhe disse: — Senhor, a todas as mercês que me tens feito, peço da parte do meu rei, que ajuntes a de perdoares aos Pares; porque bem sabes, que na guerra são os principaes e a quem se devem todas as victorias. O imperador lhe respondeu: — Eu lhes perdoarei, não porque m'o pedes tu, mas porque as suas pessoas são necessarias a toda a christandade.

Foi-se Bradamante: e o imperador informando-se de toda a causa da discordia que houve, achou que os Pares não tinham culpa e lhes perdoou: e querendo castigar os cavalleiros da côrte, achou que, nas mortes de seus parentes que os pares tinham feito, ficavam bem castigados; e como o negocio era de uma parte com os paladinos, e da outro com toda a côrte, achou por melhor o imperador não fazer demonstração nenhuma, principalmente agora que necessitava de soccorro para a nova guerra que intentava.

E para dar a saber aos Pares o que tinha promettido ao embaixador de Galafre, lhes disse a todos juntos: — Sabereis que é vontade de Deos que tornemos ás armas pela sua fé; e bem mostrou a sua Divina Magestade o muito que se escandalisa de que na paz percamos o tempo, que na guerra podiamos aproveitar em seu serviço, pois tão desgostoso fim teve o festejo que fizemos. Eu prometti a Galafre de Toledo ajudal-o contra Abderraman de Cordova, e assim com toda a força se trate logo de fazer gente, para que sem demora executemos a empresa. — Acceitaram todos com

grande vontade o que o imperador lhes ordenava, como homens que de peleijar faziam a sua vida. Mas Oliveiros disse: — Senhor, parece-me que para o rei de Cordova não é necessario tanto esforço pois vês a facilidade com que nas guerras passadas lhe tirámos a corôa.

Carlos Magno lhe respondeu: — O rei que vencemos era pai d'este, e morreu de paixão: ficou governando seu filho, que com o animo guerreiro que tem, não se conhece hoje homem mais valente em toda a Turquia, e assim muito mais nos é necessario para vencel-o, do que tu imaginas. — Callou-se Oliveiros e logo se começou a levantar gente em toda a França e Allemanha, e em breve tempo ajuntou um exercito de trinta mil homens de boas tropas, resolutos e valentes.

Capitulo VI

Como os cavalleiros da côrte puzeram fogo ao quarto dos Pares, e estes quasi milagrosamente se livraram do incendio.

Estavam os cavalleiros da côrte tão irados contra os paladinos, tanto pela sua inveja antiga, como pelas mortes que tinham feito nos seus parentes e affronta em que a todos elles tinham posto, que nenhuma coisa mais podiam desejar que ver-se vingados d'elles: e como para o fazerem corpo a corpo tinham respeito ás suas espadas, tudo era buscar modos com que á traição e em segredo os matassem; e depois de muito tempo andarem com este designio, vieram a ter a occasião melhor que podiam desejar.

Foi o caso, que o imperador tanto que teve junta a gente para a guerra, chamou os Pares á sua camara e lhes disse o dia da partida; e tanto

que chegou a vespera d'este, os convidou a cear no seu palacio e lhes deu n'elle um quarto onde dormissem todos juntos, o que fizeram.

Os cavalleiros da côrte que sempre andavam com o olho na sua vingança, como viram que esta noite era a ultima que para ella lhes restava, porque no dia seguinte hiam os Pares para a guerra, fizeram o seu conselho, e assentaram lançar o fogo ao quarto aonde os Pares dormiam, visto que por estarem todos juntos era occasião tão boa : e pondo por obra o que tinham imaginado, ajuntaram bastante pez, alcatrão e enxofre, e tanto que foi uma hora depois da meia noite, foram por quatro partes differentes e sem reparar no damno que podia vir ao paço todo, pozeram o fogo ao quatro, e para disfarçar e conseguir o seu intento, foram fazer o mesmo em outras partes da cidade.

Começou o fogo a subir pelas janellas dos Pares, e pegando-se no tecto, em muito breve tempo estava o quarto todo que parecia uma fogueira : os Pares que dormiam bem descuidados de semelhante accidente, acordaram suffocados do calor e fumo, e se viam em ancias de morte sem poderem respirar. Metteram-se na ultima casa, a que não tinha chegado o fogo, mas pouco lhes durou este allivio, por que logo as chammas foram entrando, e os Pares encommendando-se a Deos, vendo-se sem remedio humano esperavam a morte por momentos.

O incendio, como era tão arrebatado, foi logo sentido, e sabendo-se que era no paço acudiram todos : e o mesmo imperador, tanto que soube ser o quarto dos Pares o que ardia veiu assistir logo: subiram varios homens aos telhados a todo o risco, e foram derrubando o tecto das casas onde os Pares estavam, e cahindo-lhes em cima telhas, traves e caliça, os maltrataram muito mas este accidente que parecia contrario, foi todo o seu remedio.

Porque os homens que tinham subido foram-se desanimados, e Roldão levado de um espirito, pegou em uma trave das que tinham cahido, e disse para Urgel de Danôa: — Isto não tem remedio. Se nós havemos morrer como ratos na ratoeira, mais virtude é morrermos na diligencia de salvar a vida, ainda que o não consigamos. Atemos estas traves de ponta a ponta como melhor podermos e subindo todos por ellas acima até os telhados, de lá as tomaremos em hombros, e lançando uma ponta á rua nos guindaremos por ella abaixo.

Respondeu Urgel: — Senhor Roldão, o feito é muito arriscado, porque nos é preciso caminhar por entre chammas; mas se não ha outro remedio, melhor é morrer de atrevidos que de cobardes e temerosos. Os mais cavalleiros se resolveram ao mesmo, e ataram sete traves de ponta a ponta, que ficou em um comprimento que bastava, e encostando-a ao telhado subiram por ella acima; de lá a puxaram para cima, e a levaram em hombros pelo telhado adiante até uma parte d'onde a pozeram do telhado á rua: tudo isto com indizivel trabalho, porque o fogo, o fumo e os telhados que hiam cahindo, os faziam estar no ultimo perigo.

Faltava o mais, que era guindarem-se pela trave abaixo, porque a parede estava cheia de fogo, e a mesma trave além de estar cheia de pregos quebrados, estava já tão quente que, apenas se lhe punham as mãos, mal se podia supportar. Os homens que debaixo estavam vendo o fogo, pasmavam-se de que aquelles cavalleiros andassem tão intrepidos por cima do mesmo fogo, e o imperador conhecendo que eram os seus Pares, e vendo o perigo de que os não podia livrar, começou a fazer muitos sentimentos e disse para o ceo: — Todo Poderoso Deos, já que estes vossos cavalleiros estão para ir brigar com vossos inimigos, não

permittaes que aqui morram em vosso serviço.

A este tempo já Roldão se ia guindando pela trave abaixo por entre as lavaredas, e logo atraz d'elle outros pares; e pegando-se á trave se lhe queimavam as mãos, outras vezes escorregando se lhe rasgavam nos muitos pregos que as traves tinham; mas em fim chegaram abaixo mais mortos que vivos, com tanto gosto como admiração de todos: o imperador dando graças a Deos pelos ver livres, os mandou curar: apagou-se o fogo sem fazer muito mais damno, e os outros fogos das mais partes tambem se tinham apagado, e ainda que se murmurava serem os principes a causa de tudo, ninguem se atreveu a publical-o.

Capitulo VII

Como Carlos Magno partiu com os Pares para Hespanha.

Estiveram os cavalleiros curando-se e convalescendo, e quando estavam bem sãos, deu o imperador principio a sua jornada, e pondo o exercito em marcha, o dividiu em tres corpos, cada um de dez mil homens, e em uma segunda feira depois de ter ouvido missa e todos os cavalleiros, deixando o governo da côrte á formosa Floripes, marchou com os seus cavalleiros para Hespanha.

Iam todos tão bizarros e contentes, que bem se lhes conhecia o gosto com que iam para a guerra, e entre todos era Roldão o mais contente, porque chegava o tempo de estar mais perto de sua Angelica, a quem tanto queria: e disse-lhe Ricarte de Normandia: — Senhor Roldão, dá-me licença para te dar os parabens de ires para a terra da

tua dama, que ainda que seja como inimigo seu, sempre é melhor estar como inimigo de perto, que de longe como desconhecido. Disse-lhe Roldão : — Senhor Ricarte, agradeço-te os parabens, ainda que quem me aconselhou largasse o meu amor, não se póde alegrar muito com as fortunas que eu tenho n'elle.

Respondeu-lhe então Ricarte : — Sinto muito que tomes a mal o conselho que dei, senhor Roldão, porque o fiz por ser amigo teu : e para que vejas não havia em mim segunda intenção, eu te dou fé e palavra de te acompanhar em todos os casos do teu amor, até perder por ti a mesma vida se fôr necessario ; e isto te juro á fé de cavalleiro. Roldão lhe respondeu : — Já conheço, amigo Ricarte, o erro em que cahi, julgando-te pouco leal ; e para que vejas a minha emenda, eu te acceito a palavra e te dou a minha, de que a ninguem mais que a ti hei de querer por companheiro nos casos do meu amor. E foram conversando n'isto todo o caminho.

N'este tempo disse Lamberto de Bruxellas para o imperador, de quem era muito estimado : — Senhor, com licença tua, parecia-me a mim que já que vamos batalhar com infieis, fossemos em proveito e beneficio teu, e não em ajuda de outro mouro que é tão mouro como aquelle contra quem vamos; porque me parece é faltar á lei ir brigar com mouros, por amor de mouros, podendo ir por amor da lei de Christo : e se o rei de Cordova contra quem vamos é infiel, tambem é infiel o rei de Toledo a quem vamos ajudar.

Respondeu-lhe o imperador : — Lamberto, tu discorres muito imprudente, ainda que imaginas que discorres catholico. Nós sim vamos ajudar um mouro contra outro, mas vamos ajudar um mouro necessitado contra um barbaro orgulhoso ; e maior razão é, que se deixamos que Abderraman

vença a Galafre, em breve se fará senhor de toda a Hespanha, e com o muito poder que tem lhe será facil conquistar França, invadir Italia e ainda entrar por Allemanha, e assim é necessario que ajudemos o mais fraco, para que nos não vença o mais poderoso: demais que Galafre é muito inclinado á nossa lei, e póde ser que vendo-se obrigado de mim, venha a fazer-se christão. Calou-se Lamberto, conhecendo a santa intenção do imperador; e assim foram caminhando e todo o exercito tres dias, sem lhe succeder coisa digna de contar-se.

Capitulo VIII

Como os cavalleiros se adiantàram ao exercito e foram ter com a barca de Pontable.

Iam todos os Pares muito desejosos de encontrarem os inimigos, para exercitarem as suas forças que tinham folgadas ha tantos annos, e Roldão ia de mais a mais muito desejoso de chegar á vista de Timorante, aonde elle sabia que estava a cova Tristefea, que era a prisão da sua Angelica: e como o exercito em razão da muita gente caminhava vagaroso, todos desejavam adiantar-se: Roldão fallou ao imperador e lhe disse: — Senhor, bem vês como este exercito marcha de vagar, e nós estamos já muito desejosos de chegar ás mãos com os turcos, e assim te pedimos licença para nos adiantarmos ao exercito, e ir reconhecendo as estradas a ver se encontramos inimigos.

Carlos Magno, estimando o valor e resolução dos Pares, lhes concedeu a licença que pediam, e elles foram-se adiantando; e o exercito continuou com as suas vagarosas marchas a jornada.

Apartados assim os paladinos do exercito, anda-

ram uns poucos de dias sem encontrarem coisa alguma que se possa contar, até que em uma manhã pelas nove horas, entraram em um valle não muito grande, rodeado por todas as partes de altissimos montes, povoados de cyprestes, cedros e loureiros, que faziam aquella terra a mais triste e temerosa do mundo. Cantavam por todos os ramos muitas aves tristes, e o valle era cortado por meio de um rio com as aguas verdes, feias e tão arrebatadas, que se iam despenhando de cancho em cancho a fugir dos olhos.

Ficaram os cavalleiros confusos de ver tão horrendo e temeroso sitio, que parecia na verdade toda aquella campina uma antesala do inferno; e o que mais os pasmava era ver pelos troncos das arvores gravados em letras turcas muitos nomes de homens christãos, e alguns que conheceram: foram caminhando e a poucos passos lh'os impediu o rio, que de parte a parte atravessava o campo, sahindo por entre os outeiros de uma parte, e recolhendo-se por uma quebra dos da outra.

Pararam confusos de ver que nem o rio tinha barca, nem havia ponte, nem deixava vadear-se pelo arrebatado da corrente. N'esta suspensão determinaram retroceder o caminho, e querendo antes descançar se apearam dos cavallos que deitaram ao pasto, e elles debaixo das muitas arvores que havia se entregaram ao somno.

Não teriam dormido meia hora, quando despertaram ao som de uma buzina horrenda e de som tão forte, que fazia echo por todos aquelles montes. Levantaram-se tomando as armas, e pondo os freios nos cavallos, sahiram dos arvoredos á margem do rio a ver quem era que tocava com tanta força em sitio tão deserto. Depressa se desenganaram do que era, porque pelo rio abaixo vinha com a buzina na mão um desforme gigante, que

montado em um medonho cavallo marinho de formidavel aspecto, trazia presa de uma cadeia de ferro uma barca mui grande e de um extraordinario feitio.

O gigante era da especie de uns que ha na Perintenia e se chamam troaclezes, os quaes tem um corno na testa e orelhas logo por cima das pestanas, e são tão velozes, que parece que voam quando correm. Vinha armado de ferro, e trazia cingido um cortador alfange, e na outra mão tinha uma archa de armas. Tinha sete covados de altura e a sua proporção era muito bem formada: o cavallo marinho em que montava era de tomanho capaz para sustentar semelhante corpulencia, todo de côr negra; e tanto que vivia e caminhava pela terra, como se alimentava e andava pela agua.

Tanto que os cavalleiros tiveram bem percebido as circumstancias de tudo, assentaram logo que tinha chegado a occasião de combater, o que tanto desejavam, e pozeram-se em ala na margem do rio a ver o que determinava o gigante.

Capitulo IX

Da barca de Pontable e do que passaram os cavalleiros com o seu gigante.

Vinha o gigante da fórma que dissemos pelo rio abaixo, montado no cavallo marinho tocando a buzina e com a barca arrastando, e tanto que chegou a ver os cavalleiros parou em distancia que elles podessem bem ouvir e lhes disse: — Quem sois vós, ó pequenos cavalleiros, que, ou muito ignorantes, ou demasiadamente atrevidos, ousastes chegar a estes paizes? Logo me direis quem sois, porque vos tenho de fazer alimento d'este cavallo e quero saber dos vossos nomes

para os escrever n'essas arvores como ahi estão muitos que tereis visto, e que, como vós haveis de ser, foram tambem sustento d'este monstro.

Ouviram os Pares a soberba falla do gigante e por todos lhe respondeu Roldão: — Não te pareça, barbaro, que tememos os teus ameaços; e para que melhor o entendas, saberás que somos os Pares de França tão costumados a vencer arrogancias, como te terá dito a fama das acções que temos feito: Agora dize-nos tu que paiz é este que pizamos. Respondeu o gigante: — Estas terras chamam-se os Paizes de Corbéle; este rio é o Lentéo famoso, e esta barca se chama a barca de Pontable, da qual eu sou arraes e ao mesmo tempo alcaide do castello que fica da outra parte do rio; e estou aqui com ordem de Abderraman para defender este passo a todos os christãos que aqui vierem, os quaes tanto que chegam os come o meu cavallo, e os seus nomes se escrevem n'aquellas arvores.

Estava Roldão já impaciente de tanta soberba e disse para o gigante: — Chega-nos essa barca para passarmos; porque senão saberemos tirar-te a vida, porque os Pares de França não são como os mais que aqui dizes que tens morto. Respondeu o gigante acceso em ira: — Se sois os Pares de França que vencestes na batalha das carantonhas o pai de Abderraman, dizei-me qual de vós matou a meu primo Ferragús; que n'elle quero começar a resposta que vos devo. E dizendo isto levantou a archa de armas e dirigiu-se para a praia.

Roldão lhe respondeu: — Eu sou o que matei a Ferragús e que hei de fazer o mesmo a ti. E cego de toda a sua colera puxou pela sua espada durindana, e a cavallo como estava se metteu ao rio a investir o gigante. Levantou este a archa de armas e a descarregou sobre Roldão com potente força; mas falseando o golpe, o descarregou na

agua e levantou tal espadana que cobriu Roldão e o seu cavallo que não appareceu mais. Os Pares quizeram acudir-lhe, mas os cavallos espantados do gigante e cavallo marinho fugiram desenfreados pelo campo; julgou o gigante que os Pares fugiam de medo, e apeando-se do cavallo marinho atou a cadeia da barca a uma arvore e correu atraz dos cavalleiros com tanta ligeireza que os ia alcançando.

Encontrou primeiro a Urgel de Danôa, mas o cavallo em que ia, sentindo atraz de si o gigante, lhe deu dois couces no meio dos peitos que o deitou no chão, mas levantendo-se encarou com o duque de Nemé e o deitou por um braço do cavallo abaixo; Lambert de Bruxellas e Hoel de Nantes vendo o perigo do duque quizeram acudir-lhe, mas os cavallos tinham cobrado tal medo que não era possivel domal-os: apearam-se e se foram contra o gigante e mais Gui de Borgonha e Tietri de Cardania, e todos cinco entraram com elle em uma cruelissima batalha.

Era o gigante além de forçoso tão ligeiro que nenhum golpe dos Pares se podia empregar n'elle; andava por entre todos desembaraçado, e a serem os Pares outros, ha muito os tivera vencido; mas tambem elle não podia empregar golpe; porque o tempo lhe era pouco para se livrar dos que lhe davam, mas levantando a archa de armas contra Tietri, lhe acertou bem em cima do elmo e o deixou por morto; deu outra nos peitos ao duque e lhe fez o mesmo. Vendo isto Lamberto, Hoel e Gui, empenharam-se com o ultimo das suas forças; mas nada valia contra a ligeireza do gigante.

A este tempo tinham acudido á praia Oliveiros, Urgel, Ricarte e Guarim a ver se apparecia Roldão: e depois de um espaço grande veiu acima da agua um vulto, que com ancias de morte nadava, e pegando-se á cadeia da barca cahiu na praia; e

Roldão e os companheiros virando-lhe as pernas para cima, vomitou toda a agua e tornou a si: e vendo o perigo de todos e que o seu cavallo era morto, tomou o freio do cavallo marinho e montando n'elle correu contra o gigante, que andava na batalha como acima dissemos.

Já a este tempo estava tambem no chão Gui de Borgonha e Hoel de Nantes; só Lamberto se defendia, mas tão cansado, que a não accudirem os outros, em breve lhe succederia o mesmo. Chegou Roldão no cavallo marinho e começou a batalhar com o gigante; deu-lhe uma cutilada na mão da archa e lh'a decepou quasi toda: passou a archa á mão direita, e com ella descarregou o gigante tal pancada, que a acertar em Roldão seria a ultima da sua vida; mas elle montado no cavallo marinho se livrou d'ella com ligeireza, e tornou a ferir o gigante, sobre o hombro esquerdo, que lhe decepou quasi todo o braço.

Ferido assim o gigante, deu tão forte grito que os cavallos de todos os cavalleiros começaram de novo a espantarem-se e a fugirem desenfreados; e Roldão que já estava assistido de outros, ficou só no cavallo marinho contra o gigante; o qual com a grande dôr do braço feriu a Roldão ao travez do escudo e lh'o deitou em terra, mas Roldão pondo o ultimo das suas forças descarregou com a durindana tal cutilada sobre o elmo do gigante que sahiram faiscas e veiu o gigante a terra com tanta violencia, que parecia uma montanha que cahia. Quiz Roldão acabal-o de matar, mas o gigante lhe disse: — Cavalleiro, se queres a saude de todos os teus companheiros que ahi vês estirados, dá-me a vida que eu os curarei.

Respondeu-lhe Roldão: — Como te atreves tu a dar-lhes a vida? Disse-lhe o gigante: — Tenho um pouco de balsamo de Ferabraz que elle me mandou ha annos; e com elle os hei de curar.

Disse-lhe Roldão : — Eu te dou a vida para que os cures, mas se isso é pretesto para te escapares, olha que o não has de conseguir, porque ás minhas mãos has de morrer. Tornou o gigante : — Para que vejas que o meu trato é verdadeiro vamos na barca para o meu castello, que eu n'elle não só os curarei, mas vos contarei coisas que haveis de mister saber; e adverti que sois os primeiros christãos que passaes a barca de Pontable.

Capitulo X

Como os cavalleiros passaram a barca de Pontable, e curados os feridos combateram o castello.

Levantou-se o gigante como pôde, e os Pares que estavam sãos, tomando em braços os feridos, oram para a barca aonde se metteram todos ; e o gigante ainda que tão mal ferido, montou no cavallo marinho, e mettendo-se tambem na barca os cavallos dos Pares a foi o gigante guiando pelo Lentéo abaixo. Chegaram á praia do outro lado e desembarcados viram o soberbo castello de Pontable, de que era alcaide o gigante.

Quiz este que elles entrassem no castello para curar-se, mas os cavalleiros receando alguma traição, o não quizeram fazer e lhe disseram que trouxesse fóra o balsamo. Disse o gigante que melhor era irem para dentro ; mas Roldão desconfiando d'este mesmo empenho do gigante, lhe poz a espada nos peitos e lhe disse : — Barbaro, tu queres ser traidor, manda logo buscar aqui o teu balsamo senão ás minhas mãos has de acabar.

Ficou o gigante atemorisado e tocando a sua

buzina, chegaram ás amêas do castello dois mil homens de peleja e o gigante lhes disse trouxessem a redoma do balsamo que estava com guardas em uma torre do castello. Trouxeram-na logo: mas o gigante como fazia tudo isto para enganar os Pares, disse a um soldado que passasse palavra á guarnição para que em elle tocando outra vez a buzina, sahisse do castello a dar batalha áquelles cavalleiros.

E d'ahi pondo a botija á bocca, quiz ser o primeiro que bebesse : mas Oliveiros e Roldão vendo esta descortezia do gigante e conhecendo que elle queria beber primeiro para ficar são e vencer ao mesmo tempo : Roldão e Oliveiros lhe metteram as espadas pelos peitos e deram com elle em terra : elle com ancia da morte pegou na buzina e a tocou para que os seus lhe acudissem, mas recebendo outras feridas ficou morto.

Logo em continente sahiu do castello toda a soldadesca e começou com os cavalleiros uma muito cruel batalha. Os Pares que estavam feridos beberam do balsamo em quanto os outros pelejavam, e em breve foram todos sãos e começaram todos a batalhar. Eram muito esforçados os soldados do castello, mas os Pares os derrubavam para uma e outra parte muito a seu sabor: e por entre elles andavam muito desembaraçados dando feridas mortaes.

De cima das muralhas estavam muitas turcas, mulheres dos soldados, as quaes lançavam breu e pez ardente sobre os cavalleiros ; mas como os soldados eram mais, sobre elles cahia tudo. Entre todos os Pares só Roldão estava a pé, porque quando cahiu no rio se lhe tinha afogado o seu cavallo : agora para de uma vez acabar com tudo, chegou muito depressa á margem do rio e montando de um salto muito ligeiramente sobre o cavallo marinho, entrou n'elle por meio dos turcos

fazendo a matança mais cruel do mundo todo. A uns decepava os braços, a outros cortava a cabeça; e ainda a outros, e estes eram os mais, atropellava com o mesmo cavallo, de sorte que em muito breve tempo não houve quem lhe resistisse. Vencida a batalha entraram no castello, o qual era muito espaçoso e bem obrado; ali estiveram os Pares uns poucos de dias descansando, e se divertiam em andar pelo rio na barca, e os turcos e turcas prisioneiros, pasmavam de que chegasse tempo em que christãos andassem tanto á sua vontade por aquelles paizes: e diziam que o imperio de Máfoma se queria arruinar.

Os Pares, tanto que passaram estes dias, tiraram cada um da cavallariça do gigante seu cavallo, que os tinha dos melhores do mundo com jaezes riquissimos; e montados n'elles deram ao andar por aquelles campos fóra a encontrar mais inimigos: Roldão ia muito desejoso de chegar a Timorante para ver se podia fallar á sua Angelica.

Capitulo XI

Do que aconteceu aos cavalleiros quando sahiram do castello de Pontable.

Sahiram os Pares do castello de Pontable e tudo era fallarem nas forças, destreza e valentia do gigante, o qual era o mais forte que até ali tinham visto. Andaram dois dias por aquellas terras sem encontrarem coisa digna de contar-se, até que ao terceiro viram ao longe uma grande poeira; e chegando mais perto era um rebanho de mais de duas mil cabras, conduzidas por um cabreiro com varios criados e alguns cincoenta cães de guarda: encaminharam-se os Pares para o cabreiro, mas elle assim que tal viu deitou a fugir e os criados a toda a pressa.

Seguiram-n'os os cavalleiros para se informarem d'elles, mas immediatamente se viram assaltados pelos mastins que guardavam o gado, os quaes se lançaram contra os cavalleiros com a maior furia do mundo : o primeiro a quem chegaram foi a Gui de Borgonha, e ferrando-lhe na cauda, nas clinas, nos beiços e nas orelhas do cavallo, o fizeram correr desesperado pelo campo até dar em terra comsigo e com seu dono.

Succedia o mesmo aos mais cavalleiros; e ainda que todos empregavam os seus golpes, eram os cães tantos que não faziam falta os mortos para deixarem de os enfadar os vivos. Achavam-se a pé todos os cavalleiros, e quando os cães começaram a ir sendo menos, pôde montar a cavallo Guarim de Lorena e alcançando o cabreiro, souberam d'elle como aquelle gado ia para a barca e castello de Pontable, e que ia sem guarda de soldados por não ter sido jámais aquelle paiz pizado de inimigos em razão da defesa do castello.

A este tempo estavam ainda a pé todos os Pares e tinham acabado de matar os cães todos, os quaes pelas armas de ferro lhes não tinham feito muito damno; quando de improviso se viram assaltados por um pé de exercito de mais de vinte mil turcos, governados por um arabio muito valente, chamado Almendrol, e estes todos vinham para defesa das margens do rio Lentéo e da barca de Pontable, que por occasião da guerra a queria Abderraman bem defendida.

Foi repentino o assalto, que não tiveram os Pares tempo de buscar os cavallos que tinham espalhados pelo campo; e a pé mesmo como estavam se foram defendendo. Investiam-n'os os turcos com barbara furia : mas os fortissimos paladinos a pé se defendiam das lançadas e se sustentavam firmes contra os encontros dos cavallos, que muitas vezes marravam com elles peitos a peitos :

era todo o seu ponto matar alguns cavalleiros e aproveitar-se dos seus cavallos; mas ainda que matavam muitos soldados para montar nos cavallos, lhes não dava logar a multidão dos inimigos.

Pasmava-se Almendrol de ver tão grande resistencia em uns homens que estavam a pé; e virando-se para Oliveiros lhe disse: — Homem, dize-me quem és tu e estes companheiros que com tanto estrago dos meus soldados te defendes? Eu quero fazer tregoas comvosco e vos prometto a vida, se vos entregardes prisioneiros. — Respondeu-lhe Oliveiros: — Nós somos os Pares de França, e não só nos não havemos entregàr prisioneiros, mas havemos de vencer-te e a toda a tua gente a pé, assim mesmo como estamos: e dizendo isto deu em Almendrol uma tão grande cutilada que lhe fez dar com o rosto no espilho da sella, e deitou muita quantidade de sangue pelos narizes e pelos olhos.

Vendo-se Almendrol tratar assim, enfureceu-se grandemente e começou a cavallo a ferir a Oliveiros; mas este muito ligeiramente se defendia, e dando uma cutilada no pescoço do cavallo lh'o cortou cérceo e veiu Almendrol a terra: acudiram-lhe muitos dos seus e se continuou a batalha tão desigual como violenta por mais de seis horas, sem conhecer vantagem de alguma das partes, porque ainda que os Pares matavam muitos, eram os inimigos tantos que sempre tinham gente de refresco.

Corriam regatos de sangue por todos aquelles campos, e os Pares traziam as armas tão tintas com o sangue dos inimigos, que pareciam armas vermelhas; mas não havia esperança de vencimento; até que pelo meio da tarde conhecendo os turcos que aquelles homens, além de serem tão valentes, brigavam como desesperados; entendendo de mais a mais que estavam ajudados de

alguma feitiçaria, e que d'aquella batalha não podiam esperar algum fructo, deixaram a peleja fugindo á redea solta, e ficando doze mil mortos no campo, que tantos acabaram n'aquelle dia ás mãos dos cavalleiros.

Com a fugida dos Turcos poderam estes montar a cavallo, e seguindo-os mataram muitos no alcance e prenderam outros, e entre elles seu general Almendrol que ia mui ferido, e os cavalleiros o não estavam menos; e todos como poderam se curáram com as ervas do campo. Depois d'isto disseram os Pares a Almendrol que os informasse de todo o estado das coisas de Abderraman, e elle temendo a morte prometteu fazel-o com toda a verdade.

Capitulo XII

Como Almendrol dá conta das coisas de Abderraman e da cova Tristefea aonde estava Angelica.

Disse Almendrol aos cavalleiros : — Senhores, já sabeis como Abderraman é filho d'aquelle velho rei de Cordova que vós vencestes, o qual morreu de paixão de se ver vencido ; e entrando Abderraman a reinar em breve se fez senhor de muitos reinos e de grandes riquezas, que hoje é o pagão mais poderoso que se conhece ; e agora para mais poderoso ser, declarou guerra a seu primo Galafre, rei de Toledo, a quem vindes ajudar.

Disse Oliveiros para Almendrol : — Isto já nós sabemos, queremos que nos informes do estado dos seus exercitos, e onde os tem agora. — Continuou Almendrol : — De tudo vos informarei, e quanto aos seus exercitos, elle tem mais de um milhão de soldados por todos os seus reinos, com

muitos reis seus vassallos ; mas o que agora marcha contra Carlos Magno e Galafre, terá trezentos mil homens, e além d'isso tem muitos tigres, camellos e mastins de que se serve na frente dos seus exercitos, mas não vos saberei dizer aonde irá elle agora com a sua gente, porque ha oito dias que sahiu de Timorante sem dizer para onde marchava, e a mim me mandou com estes soldados que destruistes, a guarnecer as terras de Corbele e barca de Pontable.

Quando Roldão ouviu fallar em Timorante ficou muito alvoraçado e perguntou a Almendrol : — Dize-me quanto é d'aqui ao castello de Timorante e se sabes da cova Tristefea que está n'elle? Respondeu Almendrol : — O castello de Timorante é d'aqui quarenta legoas. E' muito forte, e n'elle mandou Abderraman que fosse a principal praça de armas do seu reino, e ahi tem todas as suas riquezas, armas e thesouros : tem uma legoa de muralha em redondo e por ella cincoenta torres. No meio da praça ha um terreiro e n'elle outra torre, a par da qual é a bocca da cova Tristefea.

Esta cova mandou Abderraman fazer por conselho de Fredegundes, que é uma sobrinha sua ; a qual por odio mortal que tinha a uma filha unica de Abderraman, chamada Angelica, fez abrir aquella cova e metter dentro d'ella a princeza: dizendo ao pae, que um principe estrangeiro se havia de namorar d'ella e a havia de tirar do reino ; e n'ella habita Angelica ha tres annos.

A cova dentro é muito espaçosa, com quartos, camaras e galerias, todas adornadas de riquissimas alfaias : está Angelica servida só de damas, e tem pena de morte todo o homem que se achar dentro : Brutamonte, que é o governador de Timorante e o soldado mais valente de Abderraman, é o que tem a chave do alçapão da cova, e de dentro a tem uma velha chamada Zalabarda ; e só estes

tem ordem e poder de chegar á porta, ella de dentro e elle de fóra.

Ouviram os Pares com muita attenção tudo o que disse Almendrol, e assentaram comsigo de se irem encorporar com o exercito de Carlos Magno, antes que Abderraman com todo o seu poder se encontrasse com elle : mas Roldão não estava para outra coisa mais, que para livrar da cova a sua Angelica, disse aos cavalleiros que fossem como diziam para Carlos Magno, mas que elle os não podia acompanhar, porque tinha de livrar Angelica da cova, ainda que lhe custasse a vida.

Disseram todos os Pares que estranhavam muito houvesse n'elle mais cuidado para seu gosto, que para o bem de todos ; elle respondeu : — Senhores, a minha presença não faz falta aonde estão as vossas : ide, que eu não posso acompanhar-vos, e parece-me que farei maior serviço a Carlos Magno em ir para onde quero do que ir comvosco. Como Roldão teimou tanto calaram-se os Pares e só Ricarte de Normandia lhe disse : — Senhor Roldão, se esse é o teu intento, eu hei de acompanhar-te, por que bem te lembrarás da palavra que te dei de não te deixar em successo algum do teu amor.

Tudo isto se fallou as escondidas de Almendrol, a quem se deu a liberdade, e Roldão se conformou com o que disse Ricarte ; e ainda que muitos Pares se offereceram para irem com Roldão elle não quiz acceitar, e indo os cavalleiros todos para a parte de Toledo, Roldão e Ricardo de Normandia foram para a banda de Timorante : aquelles a juntarem-se ao exercito de Carlos Magno para destruir Abderraman ; e estes para entrarem na cova e libertarem a filha d'elle : ambas emprezas bem difficultosas.

Capitulo XIII

Como Roldão e Riçarte se apartaram dos mais companheiros e do que succedeu até entrarem em Timorante.

Apartados assim Ricarte e Roldão dos mais cavalleiros, foram tomando para a parte esquerda para onde era o castello de Timorante: era o caminho todo de campina, mas mui esteril e solitario e quando se viu n'aquelle deserto, disse Roldão para Ricarte: — Parece-me, senhor Ricarte, que vais agora no teu coração dizendo muitos males d'esta minha resolução. Respondeu-lhe Ricarte: — Enganas-te, senhor Roldão, que antes te louvo o desejo de libertar uma princeza tão afflicta; o que só reparo é que parece temerario o nosso intento, pois vamos sós por uma terra de inimigos, sem sabermos o caminho, e ao depois sem sabermos o modo de fazermos o que queremos.

Respondeu Roldão: — Nos perigos, senhor Ricarte, é que se conhecem os animos, e os que nós passámos nas terras do almirante Balão tambem foram muitos e mais quiz Deus que sahissemos livres de todos, e assim agora espero o mesmo. Respondeu Ricarte: — Eu em qualquer fortuna hei de ajudar-te, não só com os braços mas tambem com a industria, porque bem sabes que na ponte de Mantible fui eu quem deu entrada a todo o nosso exercito.

N'estas e semelhantes praticas ia Roldão com o seu fiel amigo Ricarte, quando ao quarto dia de jornada avistaram ao longe uma grande fortaleza, e ao pé dos muros da banda de fóra havia muito grande poeira e fumaça: logo entenderam que ali

devia ser o castello de Timorante, e caminhando mais apressadamente encontraram uns soldados turcos muito bem montados, os quaes conhecendo ser os Pares christãos os investiram; mas os Pares mataram logo quatro, e fugindo os outros correram atraz d'elles e os apanharam vivos, e Roldão lhes perguntou que castello era aquelle, e os ameaçou com a morte se não fallassem verdade.

Os turcos puzeram-se a não querer fallar, e Roldão matou um; e os outros que ficaram que eram dois, confessaram logo que aquelle era o castello de Timorante, e que ali estavam fóra dos muros ensinando-se a investir muitos animaes ferozes e a picar cavallos, tudo para as tropas de Abderraman. Perguntou-lhes Roldão: — Se elles disseram que tinham trinta mil homens de guarnição, fóra doze mil de cavallo que serviam de correr o campo; e que o seu governador Brutamonte andava fóra dos muros, e tinha mandado fazer jantar para toda a soldadesca, e eram seiscentos e cincoenta caldeirões que estavam em cima do lume, os que faziam a fumaça toda.

Disse Roldão para Ricarte: — Que te parece façamos d'estes homens? Porque matal-os parece tyrannia, e se os deixamos vivos podem descobrir-nos. Disse Ricarte: — Pelo pouco não se ha de perder o muito: estes são infieis e muito certo é que nos façam traição, e assim parece-me que os matemos porque se nos descobrem é muito o que se perde. Fizeram-no assim, e Ricarte disse para Roldão: — Senhor Roldão, estamos chegados ao logar que queremos, e onde necessitamos toda a cautela e industria: e assim mudemos os trajos com estes Turcos e os jaezes dos nossos com os dos seus cavallos, para entrarmos sem que nos conheçam.

Fizeram-no assim, e como ambos sabiam fallar a lingua turca, foi facil introduzirem-se pelas por-

tas da praça, onde estiveram observando muito bem tudo, e viram que a cova era fechada com dois alçapões de bronze, cada um com tres chaves que tinha Brutamonte; e que quando da cova queriam alguma coisa, puxava Zalabarda por uma corda que ia prender em um sino que estava em uma ameia da torre que guardava a porta da cova: então accudia Brutamonte a ver o que se lhe ordenava.

Capitulo XIV

Como Ricarte de Normandia deu traças para Roldão entrar na cova Tristefea.

Tendo os pares observado muito bem tudo, disse Roldão para Ricarte: — Por certo, senhor Ricarte, que entrar eu n'esta cova é coisa impossivel; a mim abraza-se-me o coração de ver que ha de ficar Angelica n'ella présa sem eu poder libertal-a. Respondeu Ricarte: — As difficuldades, senhor Roldão, não se chamam impossiveis: é verdade que estando esta cova no meio de um castello bem guarnecido de inimigos, tendo tantas vigias e tantas portas, mui difficultoso é entrar n'ella; mas tudo vence a diligencia; deixa o negocio á minha conta, e tu te verás mui cedo com a tua dama.

Dito isto, começou Ricarte dissimuladamente a tomar amisade com um turco, ourives de muitos cabedaes e capacidade; e depois que com muita industria ganhou a sua vontade, lhe disse que queria lhe fizesse um leão de ouro do tamanho de um homem, occo por dentro, e que todas as juntas de mãos, braços, pernas e pescoço haviam ter molas com que se podesse bem dobrar e mecher, e que fosse em tudo o mais, feito com a maior

perfeição; disse-lhe mais que dentro lhe queria metter azougue e fazer varias invenções, com que vender aquella peça por muito dinheiro a Abderraman.

Para se fazer o leão de ouro lhe deu muitas joias de estimavel preço, que tinha trazido do castello de Pontable, com que o ourives se deu por satisfeito, e Ricarte lhe disse que era mercador do Egypto, e lhe tomou juramento pelos seus deoses de que não havia revelar coisa alguma d'aquelle segredo; e o ourives depois de dar este juramento, se poz a fazer o leão e sahiu a obra mais primorosa do mundo.

Tudo isto mandou fazer Ricarte ás escondidas de Roldão; o qual se via cada vez mais afflicto pelas difficuldades que encontrava para entrar na cova; dizendo muitas vezes a Ricarte, que se fossem para o exercito porque ali não eram para coisa alguma de proveito, visto as impossibilidades que havia para livrar aquella dama. Mas Ricarte, que sabia muito bem o modo porque elle havia entrar dentro, tudo era dizer-lhe que esperassem mais, para ver se o tempo descobria algum caminho, e não lhe declarava o que tinha feito para lhe dar maior gosto, dizendo-lh'o depois de tudo acabado.

Em fim, feito o leão como Ricarte queria, e preparado tudo, chamou Roldão e lhe disse: — Senhor Roldão, que deras tu a um amigo a quem devesses descobrir-te modo para entrar na cova Tristefea? Respondeu Roldão: — Se m'a pedisse, dera-lhe a propria vida. Tornou Ricarte: — Pois aqui tendes quem sem esse preço vos hade cumprir o vosso gosto. E contando-lhe tudo o que tinha mandado fazer do leão, lhe disse: — Dentro d'este leão te has de metter, e eu fingindo-me mercador hei de ir com elle a Brutamonte, o qual hade querer compral-o para

Angelica, e entrarás na cova dentro d'elle.

Ficon Roldão suspenso, e depois disse : — A industria é do teu juizo, senhor Ricarte, e o empenho é da tua amisade ; mas temo que seja mal succedido, porque quem nos dá a nós o seguro de que Brutamonte compre para Angelica o leão e tudo o mais succeda a nosso gosto ? Respondeu-lhe Ricarte : — Senhor Roldão, tudo tenho bem cuidado ; Brutamonte tem ordem de Abderraman para buscar para Angelica todos os divertimentos que puder ter dentro da cova ; e uma coisa tão rara como um leão de ouro que anda por arte magica (como lhe hei de metter na cabeça) não é para deixar de querer-se.

Disse Roldão : — Pois, senhor, ainda que eu entre com todo o bom successo, como poderei sahir ? Respondeu Ricarte : — Tendo tu segura a vontade de Angelica, podem fingir que vem o leão a concertar ou de outra qualquer sorte ; e eu então cá de fóra estou para tudo, sempre á vigia todos os instantes para acudir ao que fôr necessario. Deitou então Roldão os braços ao pescoço de Ricarte, e lhe disse : — Só tu no mundo foste verdadeiro amigo, aqui estou para seguir o que mandares.

Capitulo XV

Como Roldão mettido no leão de ouro entrou na cova Tristefea por arte de Ricarte de Normandia.

Tinha o leão uma porta na barriga que se abria por dentro e fóra, e tão subtil que só quem soubesse o segredo a percebia : por ella metteu Ricarte a Roldão dentro do leão, e a cabeca e mais partes da mesma sorte, fechou a porta e ficou

Roldão dentro muito á sua vontade, porque para ver tinha o leão furados os olhos e para respirar os narizes e a bocca; estava de bruços, mas sobre os do leão descançava os peitos, cabia-lhe dentro a sua espada; d'esta sorte com as molas que o leão tinha nos braços e pernas, movendo Roldão os seus, parecia ser o mesmo leão que se movia por si.

Prendeu-lhe Ricarte ao pescoço uma cadeia de ouro, e vestido em traje de mercador sahiu com elle pelas ruas de Timorante: foi logo infinito o numero de gente que pelas ruas foi acompanhando uma coisa tão nova, e chegando defronte do palacio de Brutamonte, este que de uma janella via toda aquella gente junta, informando-se do que era, mandou que o mercador subisse acima.

Subiu Ricarte e o seu leão a pé mesmo pela escada; e chegando á presança de Brutamonte, este lhe perguntou como era aquillo e elle quem era? Ricarte lhe respondeu, que aquelle leão era obra de um famoso magico chamado Sortibão, o qual fôra em serviço do almirante Balão; e que o tinha comprado no Egypto onde era mercador, para o ir vender a Abderraman.

Disse-lhe Brutamonte: — Pois eu quero-te comprar este leão para fazer d'elle presente a sua filha, e sei que Abderraman mais hade estimar que ella o tenha, e assim dize-me por quanto o queres vender porque da minha mão não hade sahir. Disse-lhe Ricarte: — Senhor, eu como o que quero é o interesse de vendel-o, tanto se me dá que o tomes tu, como que o compre Abderraman, o preço d'elle são dois milhões. Brutamonte lh'os mandou logo dar, e mandou que conduzissem o leão para a cova Tristefea, e chegando elle á porta tocou uma buzina com um som mui forte, e accudindo de dentro a porteira áquelle signal, lhe disse Brutamonte: — Zalabarda, leva por essa

cadeia esse leão á senhora Angelica para que se divirta, que sem duvida não ha no mundo coisa de maior valia.

Fechou a porta e ficou o leão dentro, e d'esta sorte fez Ricarte que o mesmo guarda da cova fosse quem mettesse a Roldão dentro n'ella : do que lá passou e successos que teve, fallaremos no segundo livro, que agora deixando Roldão dentro a conquistar Angelica e Ricarte fóra á espreita do que succedia, havemos ver o que obraram os mais cavalleiros até se ajuntarem com Carlos Magno.

Capitulo XVI

Como os cavalleiros apartados de Roldão, tiveram batalha com o exercito de Abderraman.

Dissemos que tomando Roldão para a parte esquerda caminho de Timorante, os mais cavalleiros tomaram pela parte direita caminho de Toledo, para se ajuntarem com Carlos Magno o mais breve que podessem, e caminharam n'aquelle dia com tanta deligencia, que fizeram vinte e duas legoas de caminho. Iam todos mui tristes pela falta de Roldão, cujo consideravam e sentiam muito.

Andaram d'esta sorte muitos dias, e alguns d'elles pelas nove horas da manhã avistaram ao longe muito luzir de armas e ouviram muito soar de trombetas, timbales e tambores ; foram-se chegando mais ao pé e pelos turbantes conheceram ser turcos ; pelo grande numero entenderam ser o exercito de Abderraman ; e bem depressa se desenganaram d'esta verdade, porque era o mesmo Abderraman em pessoa com todo o seu poder, que marchava contra Galafre e Carlos Magno.

Quando os cavalleiros estiveram bem certos, tiveram grande prazer de ser chegado o tempo que medissem as suas espadas com todo o exercito : e ainda que era este muito grande, e os Pares em outras occasiões tinham evitado batalhar com outros mais pequenos, n'esta se houveram com tão grande constancia, que firmando-se nas sellas com gentis continentes, se pozeram em ordem a esperar os inimigos, os quaes eram tantos que tomavam todos aquelles montes e campinas.

Vinha adiante Abderraman montado em um formoso e valente cavallo, todo ajaezado de perolas e ouro : e elle vestia armas douradas guarnecidas de diamantes, que aos raios do sol brilhavam como estrellas; trazia sobre o turbante um cucar altissimo de plumas, e elle todo como era de uma presença feroz, ao mesmo tempo que airosa, mettia verdadeiramente respeito com a sua vista. Fredegundes montava em um branco palafrem ao seu lado direito, bizarramente vestida; e o exercito todo que se compunha de trezentos mil homens, se dividia em seis corpos, cada um governava Abderraman.

Levava na vanguarda vinte mil animaes ferozes, como camellos, tigres, elephantes e mastins, os quaes todos serviam de os lançar adiante dos inimigos e para os destruir sem perigo dos soldados, ou ao menos para os embaraçar muito; iam ajoujados a quatro e cinco, conduzidos por negros da Ethiopia. Na retaguarda marchava a bagagem, que era a mais numerosa, rica e abundante que em Hespanha se havia visto.

Chegou Abderraman defronte dos cavalleiros, e mandou vinte homens a informar-se de quem eram, mas os paladinos não deixaram vivo quem lhe levasse a resposta. Picou-se disto Abderraman, e mandou um corpo de cem homens que prendessem os Pares; porém estes com pouco mais

trabalho fizeram dos cem o que tinham feito dos vinte. Quando isto viu Abderraman, ficou como tonto de que tão poucos homens vencessem com tanta facilidade a tantos, e disse para Fredegundes : — Estes são os Pares de Carlos Magno, que valor semelhante só n'elles cabe, mas eu lhes darei fim.

E dizendo isto, mandou soltar-lhes quarenta mastins e trinta tigres; mas os paladinos, que já da outra vez tinham brigado com esta casta de inimigos, como acima dissemos, os desbarataram logo e o mesmo fizeram a mais de mil animaes que lhes mandou deitar, até que se resolveu Abderraman a investil-os em pessoa com todo o seu exercito, não querendo já aventurar mais feras nem mais homens divididos : mandou com os lados do exercito fazer uma meia lua com que apanhasse os Pares no meio, e d'esta sorte os colhesse ás mãos, que já não se contentava com matal-os, senão com o lhes dar tormento e martyrio, tal era a raiva que lhes tinha concebido este rei barbaro.

Capitulo XVII

Como Abderraman cercando os Pares com o seu exercito os não pôde vencer e por fim se retirou.

Feito o cerco de todo o exercito e mettidos os cavalleiros no meio, mandou-os Abderraman ao mesmo tempo investir por todos, e tocando-se os timbales, clarins, tambores e trombetas, foi tal a nuvem de lanças, settas e armas de arremeço, que junto ao luzir das espadas, archas de armas e alfanges, fazia aquelle accommettimento o retrato do mesmo inferno : esperaram-n'o os Pares com constante animo, e revestindo-se logo de toda a cora-

gem de seus peitos, antes de chegarem de todo os inimigos, se lançaram pelo meio d'elles com tal furia, que tendo as lanças em riste, cada um abriu uma estrada por onde ia, sem lhe poderem fazer os Turcos alguma resistencia.

Reformaram-se os turcos sobre elles e logo começou uma batalha tão cruel, com tanta ferida e tão desapiedados golpes, que por todos aquelles campos retubavam os seus écos. Fazia aos turcos mal a sua mesma multidão, porque uns aos outros se embaraçavam e feriam; e os Pares como só doze e estavam espalhados, para toda a parte iam seguros : era incrivel o numero dos turcos que matavam : não davam golpe que não custasse uma vida, e eram já tantos os mortos e o sangue, que toda a campina parecia um charco d'elle : mas como os turcos eram tantos, por muitos que matassem os cavalleiros, muitos mais acudiam de refresco e os Pares cada vez se viam em maior perigo.

Bramava Abderraman de braveza, e era tanta a sua colera que deitava escuma pela viseira; e vendo que os seus soldados iam tanto de vencida, se resolveu elle e os seus reis a entrar tambem na batalha; e quando iam para o fazer, os deteve Fredegundes e lhes disse : — Senhores, parece-me que não fazeis bem entrardes n'esta batalha em pessoa, antes me parecia outra coisa bem diversa; estes homens ou estão encantados, ou tem no corpo os demonios, não se lhes dá das vidas e brigam como desesperados : esta batalha dura ha seis horas e ainda nenhum é morto, e dos nossos tantos; pois então como esperas vencimento?

Disse-lhe Abderraman : — Pois então que nos aconselhas? Respondeu Fredegundes : — Senhor, a noite é chegada; parecia-me, que ajudados d'ella fizessemos uma contramarcha e buscassemos com toda a deligencia o exercito de Galafre, antes que

se ajuntasse com o de Carlos Magno e antes que estes homens nos destruam de todo: porque de outra sorte se aqui lhes não resistimos, como o faremos contra todo o poder junto? Desesperou-se Abderraman com este conselho; mas vendo que era o mais acertado, se resolveu tanto que foi noite, a fazer a contramarcha com seu exercito e marchou contra Galafre, que pelas suas espias sabia que estava perto.

Boa vontade tiveram os Pares de seguil-o, mas estavam mui cansados, e se contentaram com ter morto n'aquelle dia quarenta e cinco mil homens; e deram graças a Deos por tão bom successo, mas eram obrigados a ficar no campo com as armas vestidas e as feridas abertas: porque nem para se curarem, nem para se vestirem lhes deu logar o receio de que tornassem os inimigos; e ficando todos á vigia, então é que conheceram o muito que lhes tinha custado aquelle victoria.

Capitulo XVIII

Como Abderraman com todo o seu exercito encontrou o de Galafre e o destroçou.

Galafre, rei de Toledo, contra o qual era a guerra toda, tendo mandado fazer a Carlos Magno a petição que dissemos no capitulo quinto, e sabendo em resposta que elle se determinava ajudal-o, sahiu de Toledo com todo o seu exercito a esperar o de Carlos Magno, e se entrincheirou muito bem em um dilatado campo chamado Floresta escura, e ficavam-lhe nas costas uns altissimos montes: e por diante fez uns muros de terra com que se deu por bem defendido em quanto não chegava Carlos Magno: o exercito tinha setenta mil ho-

mens, e de todos era general Bradamante, aquelle que nas justas batalhou com Roldao como vimos no capitulo quarto.

Esteve n'aquelle sitio muito tempo e d'elle fazia avisos repetidos a Carlos Magno para que apressasse a marcha no exercito. Abderraman, tendo-se retirado dos cavalleiros, engrossou o seu com tropas suas que se lhe foram ajuntando no caminho, e tornou a fazer o numero de trezentos mil homens, com os quaes avistou em uma madrugada as trincheiras de Galafre, e ambos mandaram partidas fóra a reconhecer-se : e sabendo Galafre que era Abderraman, poz o seu exercito em batalha dentro das trincheiras; porque Abderraman sabendo que era Galafre, marchou a destruil-as.

Tanto que chegou a distancia proporcionada, mandou a Galafre um trombeta que lhe deu este recado : — Rei Galafre, o muito alto e muito poderoso Abderraman, rei e senhor de Cordova, de Sevilha e de Alcantara, senhor de toda a Mauritania, Padoje, Prepontida, Mildafar de Reslandria e Sortibram de Mingrella, te avisa que logo entregues as tuas armas, os teus soldados e os teus reinos para fazer d'elles muito a seu sabor; porque assim haverá comtigo misericordia : e quando não, que traz trezentos mil homens e dezoito mil feras de peleijá com que pôr a ferro e sangue a tua gente e monarchia toda.

Muito foi o temor que Galafre teve d'este recado : porque bem viu que com setenta mil mouros não podia resistir a trezentos mil turcos : mas pelo não dar a conhecer, respondeu ao trombeta : — Tu, se não fôras embaixador, aqui havias pagar o atrevimento d'este recado; mas dize ao teu rei que Galafre de Toledo brevemente se verá com elle na campanha e lhe mostrará qual ha de largar as armas, os soldados e o reino. Foi o trombeta com a resposta e Abderraman mandou

logo a um rei, chamado Rabecão, que com os seus cincoenta mil homens investisse as trincheiras, e a outro chamado Telabrel, que com os seus cincoenta mil subisse aos montes e pelas costas investisse o exercito de Galafre, e elle se ficou com duzentos mil homens governados por outros quatro reis, como dissemos no capitulo dezaseis, e os animaes por causa das trinchenas não poderam investir.

Começou d'esta sorte a batalha, e Rabecão logo rompeu as trincheiras e se batalhou com os inimigos : Telabrel gastou mais tempo em subir os montes, mas por fim ás oito horas da manhã ambos estavam já em batalha ; Rabecão contra quarenta mil homens, que tomou a si Galafre, e Telabrel contra trinta mil com que ficou Bradamante. Era cruel a peleja, porque de ambas as partes se procurava com muita ancia a victoria ; e o exercito de Toledo ainda que tinha trinta mil homens menos, fazia tal resistencia que Abderraman mandou terceiro rei, chamado Cavernol, com outros cincoenta mil homens, os quaes entrando pelas trincheiras já rotas, pozeram em confusão todo o exercito de Galafre,

Fazia este pela sua pessoa admiraveis progressos, e animando os seus soldados com a voz e com o exemplo, parecia um raio entre os inimigos. Bradamante, seu general, fazia o mesmo, mas como os contrarios eram tantos e tão bem governados por reis muito valorosos, foi esfriando o exercito de Galafre, e por fim de contas viraram de todo as costas os soldados, e o deixaram e a Bradamante sós no campo. Os inimigos, parte rodearam estes dois, parte seguiram os soldados, os quaes foram fazendo por toda aquella campina inexplicavel destroço. Bradamante e Galafre, rodeados de turcos, procuravam vender caras as vidas ; mas ja havia muito pouca esperança ; em

fim Abderraman por toda a parte solemnisava já esta victoria.

Capitulo XIX

Como chegou Carlos Magno com o seu exercito, e fazendo restaurar o de Galafre, batalhou com Abderraman.

Assim se achava Galafre na ultima desgraça, perdida a victoria e em vesperas de perder a vida, quando começou a apparecer o exercito de Carlos Magno descendo pelos montes, e tanto que chegou ao raso, se formou em batalha e a apresentou a Abderraman e aos tres reis que ainda estavam com cento e cincoenta mil homens, e um se chamava Garre, outro Chrysta e outro Talardo. O exercito de Carlos Magno era de trinta mil homens, e como os Pares estavam ausentes, a todos governava o imperador em pessoa.

Investiu a Adberraman, tanto que se formou sem embargo de ser o poder tão desegual, e logo começou a mostrar aos inimigos a differença que ia de mouros a francezes. Misturaram-se os dois exercitos e se fez tão cruel e sanguinolenta batalha, qual nunca se tinha visto em Hespanha. Retumbavam os écos dos golpes nas concavidades dos montes, e as espadas feriam fogo nos elmos e era tal a grita, confusão e alarido que era aquelle campo o theatro mais horrendo. Encontrou-se Carlos Magno com Abderraman corpo a corpo e começaram a batalhar sem se conhecerem, e o imperador dava bem que entender a Abderraman : de um golpe lhe fez em quatro partes o escudo; segundou com outro e cortou-lhe o soberbo martinete do cavallo ; deu-lhe terceiro por um hombro e lh'o desarmou todo.

Vendo-se Abderraman tratar assim por aquelle cavalleiro, logo conheceu que era Carlos Magno, e começou com furor a feril-o : acudiram ao imperador dois cavalleiros francezes chamados Mulliner e Britenon ; mas chegando por parte de Abderraman, Chrysta e Talardo, ficaram os dois cavalleiros mortos e os tres potentissimos turcos continuaram a apertar o imperador que ainda assim galhardamente se ia defendendo : mas vendo-se n'este aperto, então se lembrou dos seus Pares e disse em voz alta : — Oh nobres cavalleiros! Não me vira eu n'este aperto se vos tivera aqui comigo : muito mal fiz em vos deixar apartar do meu exercito.

Abderraman para influir no imperador o ultimo desalento, lhe disse : — Nobre Carlos Magno, o teu mal é sem remedio, já os teus Pares te não podem dar ajuda, porque eu os matei nos campos de Rostile, estando com elles embatalha; e assim se queres a vida entrega-te prisioneiro de guerra. Quando Carlos Magno tal ouviu, ficou tão suspenso que por pouco não cahiu do cavallo abaixo ; mas cobrando-se de todo, rasgou os vestidos, arrancou as barbas e cabellos, e começou a dar em si tão cruelmente que fazia espanto, e pondo os olhos no céo rompeu n'estas palavras : — Valha-me, Deos Omnipotente, a vossa misericordia : é possivel, imperador desgraçado, que chegasse a tanta desventura! Quem antes não nascera! Que ha de ser de mim em tão infeliz miseria? Pobre, mal afortunado velho, que ha de ser de ti sem os teus cavalleiros e em poder dos teus inimigos? Ah! nobres paladinos! Não mereciam esse fim as muitas virtudes vossas.

Estas razões disse o imperador e não pôde dizer mais, porque duas fontes de lagrimas que lhe corriam dos olhos misturadas com afflictissimos soluços, lhe impediram a voz. Moveu-se Abderraman

e os outros reis a tanta compaixão pue estiveram todos por muito tempo parados. Espalhou-se logo por todo o exercito a voz de serem os paladinos mortos, e esta noticia poz tal desmaio em todos os francezes, que começaram a fugir sem accordo nem ordem alguma; porque ainda que não tinham os cavalleiros em sua companhia, a esperança de que chegariam era quem os alentava.

Seguiram os barbaros o alcance dos catholicos, e Abderraman vendo em um dia na sua mão duas victorias, disse a Carlos Magno: — Imperador christão, bem vês como te desampara o teu Deos, mortos os teus cavalleiros, destruidos os teus amigos e perdido o teu exercito; nas minhas mãos estás para fazer de ti o que quizer: mas para que vejas que tenho sangue tão real como tu, dá-me as armas que eu te darei a vida.

Considere-se agora como ficaria o pobre imperador só entre seus inimigos, mortos (ao que entendia) os seus cavalleiros; e o seu exercito desbaratado todo, perdida e offuscada já aquella gloria com que tinha feito tão respeitado o seu nome! Na verdade era o maior motivo para a maior compaixão: mas levado de um espirito heroico, fervendo nas suas veias o valoroso sangue, disse contra Abderraman:

— Barbaro rei, os revezes da fortuna não diminuem os quilates da valentia: eu sou Carlo Magno, aquelle que ainda não foi vencido, e assim com ajuda do meu Deos, ainda que me vejo só, espero vencer-te a ti, que para isso brigo pela sua fé. E dizendo estas palavras investiu com Abderraman, Chrysta, Talardo e a todos de tal sorte, que nenhum lhe parou diante. Galafre e Bradamante que inda se sustentavam no conflicto, acudiram áquella parte e unidos com Carlos Magno buscavam todos tres a morte ou liberdade.

Faziam valentias incriveis; mas como eram tão

poucos contra tantos, aproveitaram pouco, ainda que mataram muitos : os seus dois exercitos iam desbaratados, elles cheios de feridas se viam quasi despenhados das sellas; em fim de toda a parte estavam cortadas as esperanças : mas a misericordia Divina que ao melhor tempo dá aos seus ajuda, não faltou ao seu imperador n'esta tão grande miseria em que se viu, para maior gosto e gloria sua.

Capitulo XX

Como os cavalleiros chegaram á Floresta escura, e batalhando com todo o exercito, o venceram.

Deixámos os cavalleiros nos campos de Rostile cheios de feridas, os quaes tanto que se sentiram melhores montaram a cavallo e foram a toda pressa seguindo os passos do exercito de Abderraman; e ao tempo que o imperador se achava entre elle acompanhado só de Galafre e Bradamante, mas dando por instantes a vida, appareceram os paladinos na Floresta escura. Viram de longe aquelle estrondo de armas, e tanto que se certificaram da perda dos christãos, se metteram tão furiosos por entre os turcos que pareciam mais feras que homens.

Dos primeiros encontros deitaram em terra mais de cincoenta turcos, e estes como andavam todos espalhados, uns seguindo os que fugiam, outros recolhendo os despojos que ficavam, fizeram os Pares n'elles tal mantança, que os reis, seus generaes mandaram fazer alto a todos e os foram formando como melhor poderam. Os cavalleiros sabendo que o desalento dos seus nascera de os imaginarem mortos, começaram a bradar por elles para que os ouvissem, e succedeu-lhes tanto á

medida do seu gosto, que cobrando todos com a sua vinda novos brios, foram fazendo indisivel estrago nos contrarios.

Accendeu-se a batalha como de novo, mas com mais estrago que no principio, porque havia de mais os cavalleiros no campo : Urgel de Danôa emparelhou-se contra el-rei Telabrel e lhe metteu a lança por um olho que lhe sahiu o ferro pelo toutiço e deu com elle morto do cavallo abaixo : acudiram infinitos turcos, e Urgel se desembaraçou de todos, ferindo e matando como desesperado, mas rodeando-o outros sobre outros se viu peado e foi preso sem darem tino de tal os seus companheiros : Hoel de Nantes matou a el-rei Guarre com uma cutilada com que o abriu até os peitos : Gui de Borgonha investiu com os soldados d'el-rei Cavernol, que todos brigavam com lanças e eram tantas que lhe atiravam que todo o escudo trazia cravado d'ellas.

Os soldados não faziam menos ; porque animados dos cavalleiros e envergonhados da sua fugida ainda que com tanta desculpa queriam restaurar a sua opinião perdida e se mettiam pelos inimigos como loucos : cada um com a ancia de matar desprezava o perigo de morrer ; e assim eram tantas as mortes, tal o labyrintho, tal o estrago, que por todo o campo corriam ribeiros de sangue em que nadavam corpos mortos.

Carlos Magno que rodeado de inimigos estava nos ultimos alentos, não sabia que tinham chegado os cavalleiros ; quando de repente viu ao seu lado Guarim de Lorena e Tietri de Dardania, cobrou novos brios, e com o alvoroço de tão feliz successo parece se lhes augmentaram as forças ; em fim os catholicos se houveram de feição, tanto que chegaram os cavalleiros, que os turcos descorçoados de todo perderam o animo e fugiram ; levando porém comsigo presos a Urgel de Danôa

e Guarim de Lorena, do que não deram fé os seus companheiros.

Seguiram os catholicos e mouros de Galafre a victoria por grande espaço, e no alcance mataram mais soldados que em todo o dia haviam morto. Oliveiros matou a el-rei Chrysta e Rabecão; com que, dos seis reis que trazia Abderraman, ficou só vivo Talardo, com o qual e Fredegundes fugiu a todo o correr dos cavallos; e ia Abderraman tão triste e desesperado de perder a victoria, que por duas vezes tinha vencido, que se não fôra Fredegundes se matára por muitas vezes a si mesmo. Maldizia aos deoses, e em tudo parecia um arrenegado.

Os cavalleiros vendo que estavam no campo ajoujados os muitos animaes que Abderraman tinha trazido, e se não pôde nunca servir d'elles porque os exercitos sempre estiveram baralhados, os foram matar: e como estavam presos, o conseguiram ainda que eram tantos: e d'esta sorte se segurou de todo a maior victoria que até este tempo viu Hespanha; devida toda ao valor dos nobres Pares de França.

Carlos Magno vendo se passar em um instante da maior desgraça á maior ventura, se poz de joelhos e todo o exercito a louvar a Deos por tão assignalada victoria, e d'ahi abraçou os paladinos com tanto gosto que o não podia então ter maior no mundo. Mas vendo que lhe faltava Roldão, Ricarte, Urgel e Guarim, dos primeiros lhe deram conta os Pares, mas os segundos logo entenderam serem mortos ou captivos; e este pezar lhes diminuiu toda a alegria do vencimento. Galafre tambem deu graças a Deos ao seu modo, mas por chegar a noite se recolheram nas tendas os soldados, ficando vigias por causa dos inimigos, os quaes caminharam toda a noite em direitura a Timorante a refazer-se de mais gente.

Esta foi a grande victoria da Floresta escura que durou desde as sete horas da manhã até ás sete horas da tarde, e todas as sustentou com Galafre e Bradamante : duas vezes se viu perdido, mas por fim com o favor de Deos se viu pelos paladinos restaurado. Morreram de Abderraman cento e oitenta mil homens, e de Carlos Magno e Galafre trinta e seis mil : os dezoito mil animaes todos ficaram no campo : o despojo era grandissimo, mas estava alagado em sangue tudo, e este era tanto que correndo em regatos faziam em muitas partes atoleiros.

Capitulo XXI

Como Carlos Magno, deixando para outro tempo o soccorro de Roldão, entrou triumphante em Toledo.

Amanheceu e Carlos Magno disse aos cavalleiros : — Amigos, bem sabeis do meu affecto, que se fôra senhor de mil mundos todos repartira comvosco : muito vos agradeço esta victoria que me tendes dado ; mas como Roldão se acha em tão grande perigo, quizera que n'este particular me desseis tambem o vosso conselho. — Responderam todos excepto o duque de Nemé : — Senhor, já que nos fazes a honra de te aconselhares comnosco, parece-me que em todo o caso se acuda a Roldão e Ricarte que estarão no ultimo aperto. Mas o duque de Nemé, que era o mais velho e muito prudente e experimentado, disse :

— Senhor, attende ao meu conselho se queres não perder o teu exercito : Abderraman ainda que foi vencido, salvou umaparte da gente e com esta foi direito a Timorante, que é a sua praça mais forte. Nós para livrar a Roldão que está den-

tro n'esta praça, é necessario um exercito com que possamos sitial-a, e para isto não basta o nosso que ainda que victorioso, está muito diminuto : de mais, que ou os dois cavalleiros estão occultos, ou descobertos ; se descobertos, já estão mortos, e se occultos, não tarda o nosso soccorro ; e assim vamos a Toledo, reforcemos o exercito e viremos então com maior seguro conseguir o nosso intento.

Approvou Carlos Magno este conselho ainda que contra vontade dos outros, e formando em marcha os seus exercitos, marcharam elle e Galafre em direitura a Toledo, sahiram a esperal-os todos os grandes da côrte e entraram pela cidade triumphantes com geral contentamento de todos : foram-se direitos ao paço e na primeira sala d'elle estava a filha de Galafre, chamada Galiana, em nome da qual batalhou Bradamante nas justas de Paris.

Era formosissima esta princeza, e como tal pertendida de muitos reis e principes de Hespanha e Africa; mas entre os principaes era Bradamante o que mais a pretendia, ainda que era o que menos alcançava, porque jamais se lhe inclinou a fera condição de Galiana : estava pois esta senhora vestida de brocado branco e ouro á moda turca, e rodeada de cincoenta damas suas, todas de inexplicavel belleza.

Tanto que avistou Carlos Magno poz-se de joelhos e as damas todas para beijar-lhe a mão, e foi esta acção muito vistosa. Levantou-a Carlos Magno nos braços e Galiana o saudou com palavras tão discretas e cortezes, que Carlos Magno se admirou de que em uma alma infiel, barbara e na idade tão tenra coubesse tanta descripção e galanteria, o que tudo junto á sua muita formosura foi causa de que logo o imperador se agradasse d'ella.

Galafre não cabia em si de contente por ter a Carlos Magno na sua côrte, preparou-lhe mil divertimentos e para os Pares, e ao mesmo tempo nenhum se descuidou de refazer o seu exercito, mandando a França e a toda a parte fazer levas de gente com toda a força para continuar a guerra. Tudo eram alegrias e esperanças, só Bradamante vivia triste; porque vendo que Galiana era favorecida de Carlos Magno, raivava de ciumes, e estes foram causa de não pequenos males, o que veremos e todos os mais successos nos seguintes livros.

LIVRO SEGUNDO

Capitulo I

Do que se passou em Toledo; e como Oliveiros sahiu sem licença do imperador a soccorrer os cavalleiros de Timorante.

Por todo o modo se divertia o imperador em Toledo, já com a conversa de Galiana, já com as muitas festas que a côrte lhe fazia : mas entre tanto não se descuidava da guerra, porque tinha mandado a França fazer soldados e Galafre pelos seus reinos fazia o mesmo, para sahirem o mais depressa que podessem contra os inimigos. Na sahida de Toledo ao pé do Tejo, tinha mandado Galafre fazer para Galiana um delicioso jardim e soberbo palacio de que fallaremos em outra occasião; e n'este é que muitas vezes lhe fallava Carlos Magno, e a moura estava tão captiva d'elle que mas não podia ser.

Os Pares viviam na côrte com indisiveis applausos como aquelles que no mundo melhor que ninguem os mereciam; mas sempre cuidadosos da ausencia de Roldão e Ricarte, e não menos da perda de Guarim e Urgel de quem não sabiam se eram mortos ou prisioneiros. Entre todos os Pares era Oliveiros quem menos soffria esta demora; e vendo que as levas de gente não chegavam ainda, e que o imperador sem chegarem não podia sahir a campanha, nem para elles irem sós queria dar licença, se resolveu a sahir ás escondidas sem ella, a acudir ou ao menos acompanhar aos seus amigos que estavam em Timorante.

Bem via Oliveiros que não fazia bem em sahir sem licença do imperador, e o perigo a que se expunha em ir tão só; mas vencendo o valor ao perigo e á obediencia a amizade, preparou ás escondidas o seu cavallo com jaezes turcos nada ricos, e preveniu-se de vestidos tambem turcos e de pouco preço, com o seu turbante que parecia propriamente um turco, e cingindo a sua espada altaclara, foi uma noite á sua cavallariça sem dizer a ninguem coisa alguma, e montando a cavallo sahiu de madrugada quando já as portas da praça estavam abertas, e foi direito a Timorante.

Tanto que esteve fóra, olhando para a cidade disse : — O' muito nobre cidade de Toledo, fujo de ti para ir libertar os meus companheiros, não me estranhes esta fugida, que sendo para uma tal acção não póde ser vergonhosa; e tu, nobre Carlos Magno, quando o souberes não te offendas que o ser amigo para com Roldão, não é ser traidor para comtigo, e eu sei que se tu fôras eu, havias fazer o mesmo. D'ahi olhando para o ceo disse : — Deos e Senhor meu, eu vou só pelo meio de meus inimigos, já que o meu intento é tão bom, fazei que elles me não conheçam. E dizendo isto virou o cavallo e foi-se caminhando.

Chegou á Floresta escura onde tinha sido a grande batalha, e viu ainda depois de tanto tempo a terra humida e vermelha do sangue; mas com a multidão de corpos mortos e curruptos que havia por todos aquelles campos, foi tal o fedor que deu em Oliveiros, que o não póde soffrer a cahiu desmaiado do cavallo abaixo : (e é a unica vez que se conta de Oliveiros, que do cavallo cahisse) ficou com o pé esquerdo pegado ao estribo e a cabeça no chão, de sorte que se o cavallo andasse qualquer coisa lh'a partia com as ferraduras; mas o muito leal cavallo esteve tão parado tanto que

sentiu a seu senhor cahido que não deu nem mais um passo.

Tres dias durou o accidente de Oliveiros, sem que passasse pessoa alguma que lhe acudisse por causa do fedor dos corpos mortos, até que ao terceiro dia já perto da noite, tornou a si, e vendo a fidelidade do cavallo, lhe deu muitos louvores e ficou muito admirado. Tinha muita fome e desfallecimento, e logo viu o tempo que estivera desmaiado; porque estava com aquelle mesmo quebrantamento que tinha quando não comia tres dias; e então se pasmou mais de que o cavallo soffresse tanto tempo o somno e fome sem deitar-se, nem comer das ervas que ali havia ainda que ensanguentadas.

Oliveiros então lhe tirou o freio e logo o cavallo comeu e se deitou : mas como o fedor era cada vez maior, tirou Oliveiros algodão bastante da sella do cavallo, e o metteu pelos narizes para não ter outro desmaio : depois para matar a fome feriu lume com a espada, e accendendo umas arvores em que poz a assar uma pouca de carne de tigre dos que Abderraman trouxera, e que ainda não estava muito corrupta; e sendo tão má a ceia, ainda foi peior a cama; porque ficou deitado entre os mesmos corpos mortos no meio da campanha.

Capitulo II

Do que mais aconteceu a Oliveiros no caminho.

Tanto que amanheceu, se levantou Oliveiros e enfreando o cavallo, atravessou a Floresta. Passou uns montes altissimos que havia, e caminhando da outra parte achou diante de si um forte feito de terra e bem guarnecido de soldadesca : este e outros mais d'ali até Timorante, tinha mandado pôr

Abderraman para impedir, ou ao menos retardar o exercito inimigo; e eram tantas d'ali por diante as sentinellas e emboscadas, cortaduras, valles e fortalezas, que todo o caminho se podia chamar um castello continuado.

Oliveiros ia bem disfarçado em trajes de turco; pediu licença ao governador do forte e lh'a deu, e assim mesmo os outros, até que em uma valla mui funda, guarnecida de uma forte trincheira estava um capitão que suspeitando mal de Oliveiros o não quiz deixar passar. Disse-lhe Oliveiros em lingua turca : — Senhor capitão, eu sou um turco vassallo de Abderraman, levo-lhe a Timorante um importante recado, e assim te rogo me deixes passar.

Teimou o capitão e mandou que prendessem Oliveiros. Disse-lhe este : — O' capitão, a mim ninguem me prende, porque quando a tua cortezia se não vença com as minhas razões, eu estou tão costumado a castigar atrevimentos que este não me terá muita difficuldade. Mais se irritou o capitão de tão soberba resposta, e mandou a todos os soldados que prendessem a Oliveiros. Bem seguro estava este de que lhe pozessem mão, mas como por todos aquelles campos haviam soldados, não quiz fazer resistencia com que amotinasse todos, e não podesse depois entrar em Timorante; e assim escolheu antes fugir que brigar, principalmente sendo a fugida de maior perigo que a batalha.

A trincheira tinha um covado de altura e outro de largura; e logo se seguia a valla com tres varas de fundo e seis de largo; recuou pois Oliveiros o cavallo quatro passos, e mettendo-lhe as esporas deu um salto com que venceu a trincheira e cahiu dentro da valla, e d'esta sem perder tempo deu outro pulo com que saltou acima da outra parte; e mettendo de galope desapparceu em um ins-

tante. Ficaram os turcos attonitos de uma acção que tinham por impossivel ; e o capitão mandou aviso a outros fortes para que não deixassem passar aquelle homem, mas todos chegavam a tempo que já tinha Oliveiros passado.

Foi este torcendo o caminho, e encontrando um cavalleiro turco batalhou com elle e o matou, e vestindo os seus vestidos deixou o seu cavallo montando no d'elle, e isto lhe serviu muito, porque os soldados dos fortes que iam em seu alcance vendo um homem morto n'aquelle seu traje e o seu cavallo, entendendo que aquelle era o que havia fugido, deixaram de seguil-o; e Oliveiros avistando a fortaleza de Timorante a rodeou toda por fóra, e para maior disfarce entrou pela porta contraria ao caminho d'onde vinha.

Tanto que se viu em parte onde podia ajudar ou morrer com os companheiros, ficou o homem mais contente do mundo; informou-se logo secreta e disfarçadamente de como estavam os companheiros, e antes que sigamos o que fez é necessario dizer o que Roldão passou, desde que no capitulo quinze do livro passado nos apartámos d'elle, para então se entender melhor como Oliveiros se houve.

Capitulo III

Como Roldão passou em Tristefea os primeiros dias, e das praticas que teve com Angelica.

No livro passado, capitulo quinze, ficou Roldão dentro do leão de ouro mettido já dentro da cova, levando-o Zalabarda pela cadeia a apresentar a Angelica : recebeu esta com muito contentamento um mimo tão extraordinario ; e ainda que ao principio teve medo o perdeu logo, e mandou metter

o leão no seu quarto, para quando estivesse só se divertir em vel-o passear.

Tanto que foi noite, e Angelica recolhida na sua camara ficou livre das suas damas, abriu Roldão a porta do leão, e sahindo por ella se pôz em pé no meio da casa. Tanto que Angelica tal viu, foi tal o susto que cahiu desmaiada nos braços de Roldão; ficou este posto na maior consternação do mundo porque, ou Angelica morria do desmaio, ou se vivesse, era possivel que gritasse e o descobrissem; n'este susto se encommendou a Deos muito do seu coração, e estando ainda Angelica desmaiada, a assentou n'uma cadeira e se pôz de joelhos ao pé d'ella a contemplar a sua formosura, e tirando o retrato que tinha d'ella da algibeira, achou que era Angelica muito mais formosa vista que retratada.

Tornou a si a desmaiada princeza, e antes que podesse gritar lhe fallou Roldão assim :— Senhora, não te cause susto ver-me aqui por um modo tão estranho, porque em pró da tua pessoa é que venho d'esta sorte : vi em um retrato teu (que é este que aqui tens) formósura, e logo me captivou tanto o coração, que determinei livrar-te d'este captiveiro á custa da minha mesma vida. Eu soú Roldão, sobrinho de Carlos Magno e um dos Pares de França; e assim bem te podes fiar da minha nobreza e da minha affeição, que não faça coisa alguma em offensa da tua pessoa.

Estava Angelica com os olhos pregados em Roldão, e como elle era de tão boa graça e presença, de muito boa vontade ella ouviu tantas expressões pois que não sei que tem isto da natureza feminina, que por mais nobreza que a anime, nunca desgota de se ver querida e adorada. Acabou de fallar Roldão, e Angelica lhe respondeu : — Pois senhor cavalleiro, como te atreveste a uma coisa tão arriscada pelo meu amor? Antes a mim me

parece que, tendo o teu rei guerra declarada com meu pai, virás tu aqui para me fazer algum mal.

Roldão então lhe disse: — Senhora, eu sou cavalleiro e n'estes não cabe de algum modo fazer coisa em que se offenda dama alguma, porque o nosso intuito é defendel-as, e para que vejas a minha verdade, eu te juro pelo meu Deos, pela ordem da minha cavallaria e pela cruz d'esta minha espada, que não tenho outro intento mais, que livrar-te d'este captiveiro, só para ter a gloria de que não viva em desgosto uma senhora a quem eu tanto estimo, e se d'isto te não fias e suspeitas de mim alguma coisa, ou contra a tua vida, aqui te entrego a minha espada, mata-me com ella, ou eu me metto no leão e manda-me embora.

Então Angelica, saltando-lhe pelos olhos uma lagrima de alegria, ainda nem bem certa nem já bem duvidosa, deitou os braços ao pescoço de Roldão e lhe disse: — Pois, senhor cavalleiro, se o vosso amor é d'essa qualidade o admitto para que procureis tirar-me da prisão; mas tende entendido que no mesmo instante que intentardes alguma coisa contra o meu credito, vos descubro; mettei-vos no vosso leão de ouro e eu vos porei em uma casa fechada, onde estejais sem que alguem vos veja, e ahi praticaremos o que fôr preciso para sahirmos ambos d'aqui.

Ao outro dia mandou guiar o leão para uma casa aonde tinha o seu thesouro, e guardou a chave d'ella; e aqui todas as vezes que havia logar, fallava Angelica a Roldão, e gastavam-se muitas horas em finezas e requebros, accendendo-se no peito de Angelica um casto amor a Roldão, e augmentando-se em Roldão cada vez mais o amor da sua Angelica: esta umas vezes confiada nas promessas de Roldão, dava parabens á sua fortuna de ter um tão grande cavalleiro para sua defesa; outras vezes desconfiada se banhava em lagrimas toda, e

fazia apurar em Roldão o affecto e a fineza. Gostava muito de ouvir as proezas dos Pares, principalmente as que fizeram na terras do almirante Balão, e desejava muito ver a formosa Floripes que servira aos cavalleiros de tanto bem.

Vivia Roldão tão embellesado d'estas coisas, que por lograr a companhia de Angelica se ia esquecendo de libertal-a : com Angelica tinha muitas vezes logar de passar pelos jardins e salas da cova, que todas eram de singular architectura : até que vendo ser já tempo de sahir de uma vida tão ociosa e impropria ao estado que tinha, e juntamente ser preciso conseguir o intento para que ali tinha entrado, que era livrar Angelica d'aquella cova, trataram o modo de sahirem, que era fallar Angelica á porteira Zalabarda a qual tinha muita industria, e fiando-se d'ella podia-se conseguir a empresa.

Capitulo IV

Como por industria de Zalabarda sahiu Angelica de Tristefea.

A esta velha pois se chegou um dia Angelica, e deitada aos seus pés banhando-lh'os em rios de lagrimas, lhe disse que d'ali se não havia levantar sem que lhe concedesse um dom que lhe queria pedir : duvidou Zalabarda conceder sem saber o que era : mas Angelica chorou, pediu e rogou tanto, que Zalabarda vendo aos seus pés d'aquella fórma uma princeza a quem queria muito, lhe disse que ella lhe concedia o que quizesse : prometteu-lhe Angelica todas as suas riquezas, e Zalabarda lhe disse : — Senhora, já está concedido o que queres, falta agora que m'o digas.

Contou-lhe então Angelica tudo, e Zalabarda fi-

cou tonta da tramoia do leão, e esteve para tornar atraz com a sua palavra e descobrir tudo; mas Angelica entendendo isto cahiu com um desmaio, e Zalabarda então de puro dó de uma tão afflicta princeza, se resolveu de todo a fazer-lhe o que pedia, e entre ellas e Roldão se tratou a sahida d'esta fórma.

Dentro do leão de ouro se havia metter Angelica, e Zalabarda o havia de levar pela cadeia á porta da cova, de onde o tirasse Brutamonte : e da mão d'elle o comprasse Ricarte de Normandia, em cuja casa estaria Angelica escondida e se devia fiar da industria de Ricarte, que tanto que visse o leão fóra o comprasse a todo o custo, entendendo que dentro d'ella havia de vir Angelica ou Roldão.

Depois de Angelica estar fóra, havia então Zalabarda em uma noite assignalada, pelas duas horas, tocar com muita pressa o sino, e acudindo Brutamonte, ao abrir da cova sahiria Roldão fiado no escuro, porque Brutamonte pela pressa não levaria archote, e quando o levasse ou ainda sem elle quizesse a desgraça que encontrasse a Roldão, fiar então á sua espada e á de Ricarte de Normandia, a quem Angelica havia de avisar da noite em que se determinava isto.

Tudo isto tinha infinitas contrariedades: mas como não havia outro remedio, foi preciso deixar muita coisa nas mãos da fortuna; e o amor em Angelica e o dinheiro em Zalabarda foram tão poderosos, que se arriscaram a uma empreza, em que qualquer infelicidade se havia pagar não menos que com a vida.

Sahiu pois, como se tinha determinado, Angelica dentro do leão de ouro, e zalabarda o entregou a Brutamonte com um recado fingido da parte de Angelica, em que lhe dizia que vendesse aquelle leão logo; porque tinha tido muitas noites sonhos, em que se lhe prognosticavam infelicidades

por amor d'elle, e que advertisse era seu gosto que o vendesse. Brutamonte lhe respondeu que assim o faria, pois era gosto de sua alteza.

Ricarte que andava á espreita, tanto que viu sahir o leão, julgando logo como esperto que dentro d'elle só podia vir Angelica ou Roldão, se foi ter com Brutamonte para lh'o comprar dizendo que o queria levar ao rei da Laponedia, d'onde havia tirar os maiores interesses: combinaram em dois milhões que Ricarte deu logo a Brutamonte, e levou o leão para a sua pousada,

Angelica que estava dentro d'elle, via tudo isto, e além da oppressão com que já estava, era indizivel o susto que tinha de que, se seria aquelle homem o mesmo Ricarte de Normandia, ou por desgraça outro, em cujo poder, ou seria obrigada a morrer dentro do leão ou descobrir o segredo a homem desconhecido, que lhe podia ser de qualquer sorte traidor : mas Ricarte a livrou de todos estes sustos : porque tanto que a teve fechada no seu quarto, abriu a porta do leão e a tirou para fóra; e admirando-se muito da sua rara formosura, lhe disse :

— Senhora já sei que tu és Angelica; agora é preciso que saibas que eu sou Ricarte de Normandia, para que vejas estás comigo segura. Tanto que Angelica tal ouviu, banhada em um doce pranto, nascido do seu contentamento, e não podendo conter a alegria no seu peito, lhe lançou os braços ao pescoço, e lhe deu os agradecimentos do muito que se tinha arriscado a seu respeito; e isto com tanto affecto, com tanto gosto, com tanta graça e com tanto juizo, que Ricarte ficou admirado de ver ao mesmo tempo em annos tenros umas coisas tão raras. Perguntou-lhe por seu amigo Roldão, e ella então lhe deu conta do que estava tratado, e quando era a noite que havia á porta da cova ser necessaria a sua assistencia : emfim

Ricarte lhe deu o melhor commodo que podia e se pôz a esperar a tal noite, que era a que havia dar fim a uma empresa tão grande.

Capitulo V

Do que aconteceu a Ricarte e Roldão, querendo este sahir da cova.

Chegou a tal noite, e tanto que deu uma hora foi Ricarte para a praça aonde estava a porta Tristefea, e pontualmente ás duas se tocou o sino com muita força : foi logo a sentinella avisar a Brutamonte de que chamavam com muita pressa na cova : e elle assim mesmo como estava, só com um manto á turca e com o seu alfange foi ver o que era, abriram-se os dois alçapões da cova, e ao tempo que Zalabarda começou a dar um recado fingido de Angelica, ia sahindo Roldão pelo lado da cova, mas com tão pouca fortuna que o advertiu Brutamonte, e pondo-lhe o alfange nos peitos, lhe perguntou quem era.

Respondeu Roldão em lingua turca que muito bem sabia, que elle era um soldado d'aquella fortaleza, e vendo a pressa com que fôra chamado, viera acudir-lhe por que necessitasse de alguma coisa. Disse-lhe Brutamonte : — E a ti quem te metteu com os meus perigos? Melhor soldado fôras se observasses a lei de não chegar aqui, porque te livraras agora de morrer. Respondeu Roldão : — Senhor, eu sou soldado novo, e não sabia essa lei, e assim não é razão que morra, vindo ignorante d'ella, só por te ajudar.

Tornou-lhe Brutamonte : — Isso em ti é fingimento, e ainda que o não fôra, as leis todos são obrigados a sabel-as, e assim nunca a ignorancia te desculpa. E dizendo isto, gritou ás sentinellas

que viessem prender aquelle soldado. Quando Roldão viu isto em taes termos, deu tudo por perdido e assim como Ricarte que estava ouvindo tudo, alguma coisa afastado : e logo se resolveram fiar o seu livramento nas suas espadas, visto querer a fortuna reduzil-os a uma necessidade tão extrema.

Chegaram os soldados para prender a Roldão, mas elle levando da cinta a durindana, se pôz em resistencia, e das duas primeiras cutiladas deixou dois soldados sem vida. Puxou do seu alfange Brutamonte, e acudindo por parte de Roldão Ricarte e se começou á porta da cova uma cruel batalha. Acudiram mais soldados da fortaleza, mas n'elles matavam os dois cavalleiros muito á sua vontade ; até que foram vindo tantos que já pela multidão se fazia impossivel o seu vencimento.

Brutamonte brigava bravamente e Roldão investiu com elle para o matar e vieram a braços, mas com tanta infelicidade de ambos, que escapando-lhes os pés foram rodando pela escada da cova abaixo, que tinha cento e quarenta degráos, todos de marmore finissimo, e Roldão como ia armado fazia por elles tal estrondo, que parecia se abria a terra com elle, e retumbando o écco pelas abobadas da escada se ouviam os baques na fortaleza toda : ficaram em baixo ambos amortecidos, e á porta da cova ficou Ricarte só sustentando toda a força da peleija.

Zalabarda querendo acudir ao perigo de ambos foi-se a uma parte aonde tinha guardado um espirito, e querendo chegal-o ao nariz de Roldão para que tornasse a si, e matando Brutamonte viesse dar ajuda a Ricarte, como era escuro se equivocou e deu a cheirar o espirito a Brutamonte : tornou este logo a si, e sem advertir em Roldão se foi pela escada acima a ver o que devia obrar, e achando que Roldão tinha ficado embaixo, se tor-

nou lá e mettendo-lhe o alfange pelo corpo quatro vezes o deixou por morto, e veiu fazer o mesmo a Ricarte.

Andava este na bocca da cova ainda brigando, tinha ao redor de si tantos corpos mortos que não podia mecher-se, e pelos degráos da escada corria uma levada de sangue coisa portentosa. Era já manhã e Ricarte estava desfallecidissimo; e não podendo já soffrer a multidão que carregava sobre elle, se deixou cahir pela escada abaixo e Zalabarda fechou muito depressa a porta e o deitou dentro: quiz Brutamonte arrombar a porta para logo matal-o: mas lh'o impediu outro novo successo.

Capitulo VI

Como se descobriu todo o segredo, e Angelica foi presa na torre da Lua.

Aquelle ourives de quem Ricarte se tinha fiado para fazer-lhe o leão, vendo o negocio em tão máos termos e temendo que lhe viesse algum damno, tanto que soube que o que brigára não era mercador, mas sim Ricarte de Normandia, um dos Dozes Pares de França, se foi ter com Brutamonte e lhe disse todo o segredo do leão de ouro; e como aquelle homem lh'o tinha mandado fazer occo por dentro, o que tudo era signal de alguma traição.

Quando Brutamonte tal ouviu, foi-se com toda a soldadesca á casa onde morava Ricarte; e Angelica que estava á vigia e já pelas vozes entendia tinha succedido alguma desgraça, se metteu no leão muito depressa; mas chegando todos, o ourives traidor abriu a porta e sahiu para fóra a triste Angelica, tão envergonhada e tão temerosa,

que sem atinar no que dizia, só em chorar atinava : mas revestindo-se de uma natural soberania que sabia usar quando queria, comendo comsigo as lagrimas disse para Brutamonte :

— Que é isto, injusto Brutamonte? Como sabendo tu que eu estava n'esta casa, te atreveste a profanal-a com tanta soldadesca? Assim se perde o respeito a uma filha de Abderraman? E' esta a tua lealdade? Dize-me, descortez, fraco, traidor : não tiveste attenção para me vir prender como a pessoa real? Não tiveste valor para me vir prender só? E não tiveste fidelidade para me encobrir? E' brio descobrir assim a falta de uma princeza como eu? Ora aqui me tens á tua obediencia, manda-me atar as mãos por estes guardas, manda-me para uma cadeia publica, e depois manda-me pendurar em uma forca, que se chego a isto, não é muito chegue a tua grosseria a tanto.

Brutamonte lhe respondeu : — Senhora, eu vim a esta casa examinar as traições que n'este leão se encobriam, mas nunca entendi fosse d'este tamanho a traição que achasse : que a prevenir tal, fie-se sua alteza de mim, que saberia vir só; mas já que não tem remedio, deixe-se sua alteza prender e deixe á minha conta o modo e decencia da sua prisão. Angelica não fallou mais palavra e Brutamonte a conduziu para uma das torres d'aquella fortaleza, chamada a torre da Lua, onde ficou com todo o respeito e attenção presa, e Brutamonte expediu logo proprios a dar conta a Abderraman e ao exercito.

Ao tempo que isto succedia fóra da cova, estavam n'ella Roldão e Ricarte cheios de feridas, e Roldão tornou a si e vendo-se com aquellas estocadas, perguntou quem lh'as tinha dado, e Zalabarda lhe respondeu que Brutamonte, porque ella tivera a equivocação do espirito que dissemos; e tirou então Roldão o balsamo de Fer-

rabraz que lhe tinha dado o gigante de Pontable, e com elle se pôz são e mais Ricarte.

Mas que importava esta melhora, se elles viam o perigo em que estaria Angelica? Roldão levado do seu amor e vendo que elle fôra causa de se ver em tal perigo a sua Angelica pegou na sua durindana e acompanhado de Ricarte subiu a escada da cova para morrer ao menos na defesa da princeza; mas achando a porta tambem por fóra fechada, ficou Roldão para se tirar a vida; maldisse a sua fortuna e fez coisas dignas de tanta pena, que Zalabarda de pura compaixão que d'elle tinha, chorava como uma creança : mas estando assim parados á porta da cova ouviram umas vozes fóra que diziam : — Vai Angelica para a torre da Lua presa.

Quando Zalabarda entendeu que a torre da Lua era a prisão de Angelica, pegou em Roldão e lhe disse : — Alviçaras, senhor Roldão, que nos depára a fortuna um modo de livrares a princeza. Roldão, não crendo o que ouvia, lhe perguntou se o enganava; e ella lhe disse : — Senhor Roldão, não te engano, e para te dar depressa o maior gosto que possas ter no mundo, saberás que para a torre da Lua, para onde ouviste que vae presa a tua Angelica, ha uma mina dentro d'esta cova, a qual em outro tempo mandou fazer um rei de Cordova para certo fim que pretendia. Esta mina não está acabada; mas como tu e Ricarte tendes tão grandes forças, ajudadas do vosso empenho podereis romper o que falta e fallar a Angelica por ella.

Capitulo VII

Como se fez a mina para a torre da Lua, e da batalha que deu Brutamonte aos dois cavalleiros.

Quando Roldão ouviu isto abraçou a Zalabarda, e logo com Ricarte foi ao logar que Zalabarda lhe ensinou, e estava feito um boqueirão mui grande que seguia por baixo mesmo da terra e todo de abobadas fortissimas, como era o resto da cova; começaram os dois Pares com as suas potentes forças a trabalhar na mina, e estimulado um da amizade e outro do amor, elles sós trabalhavam mais que quarenta homens, e diz a historia que arrancavam penhascos de cincoenta arrobas de peso.

A este tempo Brutamonte, tanto que teve Angelica presa, foi com a soldadesca á porta da cova e a arrombou para acabar de matar a Ricarte e ver o que havia dentro; correu os quartos todos e não achando algum des paladinos, pôz um alfange ao pescoço de Zalabarda para que lhe dissesse onde elles estavam, e a maldita velha com medo da morte apontou para a mina, ainda que encobriu ia dar ao quarto de Angelica, e só disse a faziam os Pares para fugirem por ella, o que serviu de muito como se verá adiante.

Mandou logo Brutamonte a doze soldados que investissem a mina, e os Pares que estavam dentro occupados na fadiga que dissemos, vendo aquillo se armaram contra elles e os mataram logo; mandou Brutamonte mais soldados, mas como pelo meio da mina adiante só cabiam dois emparelhados, os matavam os Pares logo com as espadas, com os penedos e com instrumentos de ferro

que tinham achado na mesma mina do tempo em que se começára; e em fim em duas horas mataram mais de mil turcos.

Mandava Brutamonte mais soldados, mas não queriam já obedecer-lhe, nem os mortos que havia davam logar a que passassem os vivos : mas Brutamonte vendo isto, mandou fazer um entulho de pedra e caliça á porta da mina muito forte, para que os Pares de dentro impedidos dos mesmos turcos que tinham morto, depois do entulho que havia feito, ficassem enterrados em vida na mesma cova que buscaram para sua defesa : e deixando n'este miseravel estado os pobres cavalleiros, se sahiu a cuidar no governo da fortaleza.

Quando os dois cavalleiros se viram reduzidos a tão extrema miseria, foi-lhes necessario toda a sua constancia para não acabarem nas mãos da desesperação a sua vida. Viam de todo perdido o negocio a que vinham. Angelica em poder de Abderraman, elles enterrados em vida sem esperança alguma de remedio; porque acabar a mina, ou romper pelos corpos mortos e entulho, era impossivel por se acharem summamente cançados, e ainda que o fizessem, por qualquer parte iam dar ao poder de seus inimigos ; mas comtudo, consolando-se um ao outro, se pozeram a esperar a morte com a maior constancia, que esta é a maior prova dos corações animosos mostrarem-se tão intrepidos nos ultimos trabalhos.

Capitulo VIII

Como Urgel e Guarim entraram em Timorante presos, e Abderraman vencido.

A este tempo chegaram a Timorante Urgel de Danôa e Guarim de Lorena que, como dissemos,

tinham sido presos na Floresta Escura : e ainda que esta chegada deu aos de Timorante esperança de ter vencido Abderraman a batalha, assim mandou Brutamonte os Pares para uma torre carregados de ferros; ao outro dia pelas tres horas da tarde chegou Abderraman em pessoa a desenganal-os d'esta má suspeita.

Entrou pois o desventurado Abderraman em um cavallo manco, rotos os vestidos, arrepelladas as barbas, o rosto ensanguentado e elle todo tão fatigado e tão afflicto, que a sua vista era o maior annuncio da sua desgraça. Entrou no seu palacio, e depois de se ter esbofeteado muito a seu sabor e dado mais de quatro cabeçadas nos postigos das janellas, sentando-se em uma cadeira, rompeu n'estas palavras :

— Oh se quizesse a fortuna que eu visse arder nos infernos a Mafoma, ainda que fosse á custa da minha mesma alma! Como eu teria por mimo qualquer chamma de fogo, só por me ter vingado d'este bruto! Dize-me, Mafoma barbaro : em que te offendeu Abderraman para o castigares assim? Não era eu o defensor da tua lei, não era o baluarte da tua crença? Pois então como permittiste que fosse vencido eu e teus inimigos vencedores ? E como esperas que mais alguem te sirva, se assim pagas ?

Mas ai ! que os meus grandes peccados é que tem a culpa; eu sou máu, que tu Mafoma sempre és bom; eu fui o que escureci toda a gloria da seita mahometana ; eu offusquei os timbres dos teus fieis sequazes : lá vão os louros dos Balões, dos Ferraguzes, dos Clairões, dos Corsubeles e dos Sortibões de Coimbres : todos escureceu, não ha fraqueza, mas os peccados de Abderraman.

Ah pobre Abderraman ! (e dizendo isto arrancou um famoso mólho da barba esquerda) aqui será o fim dos teus dias, aqui morrerás á mão do teu

desgosto e aqui vestirás um saio leigo, já que pelo estrago que fizeste em ti, não pódes ser barbaro. E acabou esta pratica dando em si tantas bofetadas que atroava a sala toda, e depois começou a chorar ternissimamente, e todos os circumstantes cheios de dó faziam o mesmo ; e era tal a lamuria com que suspirava, que dizem graves auctores tomára d'aqui principio a moda das carpideiras, que ainda hoje se usa em Malta, em Creta, em Natalia, etc.

Para alliviar de alguma sorte o seu sentimento, perguntou por Angelica ; mas dando-lhe Brutamonte as noticias que estão ditas, então é que o triste rei assentou comsigo fazer algum desproposito : e vendo-se de todas as partes combatido da desgraça, se levantou da cadeira para se ir lançar por uma janella fóra.

Mas ao tempo que ia na maior furia : passando por um espelho para onde olhou por acaso, começou diante d'elle a dar tão grandes risadas, que se até ali eram grandes os seus prantos, maiores eram agora os seus risos : ficaram pasmados todos de ver uma mudança de affectos tão estranha e tão repentina : e indo todos a olhar para o espelho, a todos succedeu o mesmo e começou a sala toda a retumbar com gargalhadas nunca vistas.

Entre toda esta risonha sociedade, só Fredegundes estava muito sisuda, e depois que o riso deu logar a que fallassem todos, que foi passada meia hora, lhe perguntaram porque só ella não ria ; e ella respondeu : — Senhores, as minhas magicas me serviram agora mais que nunca : eu vi a desesperação em que Abderraman estava, e que a sua morte era a nossa ruina ; e assim fingi n'aquelle espelho a graciosa figura que n'elle vistes, e por cuja vista vos ristes d'esta sorte : para que perdida com este intervallo de alegria a força do desgosto que em Abderraman reinava podesse depois

estar mais livre de paixão para acudir á monarchia e não perecer nas mãos da sua desventura.

Disse então Abderraman: —Só tu poderás fazer coisa tão proveitosa; porque eu me vejo mais desafogado, e agora conheço que é melhor cuidar no remedio de tudo, que entregar ao sentimento de todo. Disse-lhe então Salgueirão de Lisboes, que era um capitão muito valoroso e advertido e era primo de Sortibão, de quem se falla na parte primeira: — Senhor, o primeiro que has de fazer é applacares a ira de Mafoma, a quem disseste tantas injurias. E Abderraman assim o fez andando descalço pelas ruas em procissão, e mandou dar aos pobres doze milhões de ouro e fez outras obras de caridade, e d'ahi mandou ordens a todos os seus reinos para que logo lhe mandassem todas as tropas e fizessem soldados todos os homens que houvesse; e os mesmos reis viessem todos em pessoa com a sua gente: e, por não perder tempo na expedição d'estes negocios, guardou para outro dia o castigar Angelica.

Capitulo IX

Como Oliveiros soltou a Guarim de Lorena e Urgel de Danôa.

N'estes termos estavam as coisas de Timorante: Roldão e Ricarte sepultados em vida: Urgel e Guarim presos em uma torre: Angelica da mesma sorte; e Abderraman cheio de colera mandando fazer gente por toda a parte para acabar de uma vez com toda a christandade; quando Oliveiros entrou na praça do modo que dissemos no capitulo segundo d'este livro.

Informou-se logo de tudo o que se passava, e se resolveu primeiro a libertar Urgel e Guarim para

com elles ser mais facil livrar Ricarte e Roldão, no caso que ainda estivessem vivos : e a causa que teve para primeiro ir acudir aos primeiros, foi porque só não podia elle livrar os segundos. Chegou-se a noite e foi Oliveiros para a muralha da torre aonde estavam os dois amigos, a qual era altissima, e pondo a espada na bocca e o escudo nas costas, foi trepando por ella acima, de pedra em pedra, coisa que só o seu valor e destreza podia conseguir.

Chegou a uma sentinella, e cortando-lhe a cabeça vestiu a sua farda e se foi para a porta da prisão, e com os guardas que ali estavam armou em lingua turca uma notavel conversa; pelo discurso d'ella fingiu ser homem de muito pouco somno; e os guardas que estavam perdidos d'elle, lhe recommendaram que tomasse sentido nos presos, e se deitaram a dormir mui descansados.

Muito estranhou Oliveiros esta confiança que fizeram d'elle os guardas, mas aproveitando-se d'ella como da maior fortuna os matou a todos; e abrindo as portas da prisão achou os dois cavalleiros cada um preso a seu cepo com fortissimas cadêas, carregados de ferros, e tão desfigurados que apenas pôde conhecel-os, Guarim principalmente estava desfallecidissimo, pallido e melancolico, e elle todo era o retrato vivo de um defunto.

Quando os presos conheceram a Oliveiros não cabiam em si de gosto : levantaram-se para abraçal-o, mas com o peso das cadeias e ferros cahiram em terra, fazendo tal estrondo, que se os guardas não estivessem mortos sem duvida os despertariam. Quebrou então Oliveiros as cadêas, e soltando-os d'ellas os abraçou com todo o gosto que se póde imaginar de taes amigos ; mas a sahida para fóra é que lhe dava cuidado, porque os dois não estavam capazes de descer pelo muro ; mas Oliveiros nunca desmaiando, atou umas ás outras as

cadêas das prisões e as lançou a prumo do mouro abaixo, prendendo a uma ameia a ponta de cima, e d'ahi pôz Guarim ás suas costas e descendo com elle o pôz em baixo, tornou acima por Urgel e fez o mesmo, tudo com indisivel trabalho.

E d'ahi foram direitos a Tristefea, ajudados da noite, que ainda durava, e como as portas da cova estavam escaladas, entraram dentro, e correndo tudo foram dar com o entulho que mandára fazer Brutamonte, e começaram logo a tirar as pedras; e Urgel e Guarim refazendo-se de comer, que acharam em um quarto da cova, poderam bem ajudar a Oliveiros.

Capitulo X

Como Roldão e Ricarle sahiram da mina e continuaram até o quarto de Angelica na Torre da Lua.

Necessitava muita pressa a deligencia de desentulhar a mina, porque chegada a manhã haviam apparecer as guardas mortas, e Guarim e Urgel não haviam apparecer, pelo que era mui certo se buscasse tudo, principalmente a cova; e se a obra não estivesse acabada era certa a sua ruina: assim sem se darem a descanço trabalharam de tal sorte, que antes de romper a manhã chegaram a desentulhar tudo, e aonde estavam os dois companheiros mais mortos que vivos.

Não se póde encarecer a alegria que receberam os de fóra ao verem vivos ainda os dois amigos; trouxeram-lhes logo do comer que havia, e refazendo-se de forças assim como fizeram os dois presos, deram reciprocos abraços e parabens uns aos outros, chorando muitas lagrimas de gosto

por se verem por tão estranhos caminhos ali juntos.

Mas Roldão que só cuidava no perigo de Angelica disse: — Senhores, antes que resolvamos coisa alguma, é bem que cuidemos em libertar Angelica, porque é uma princeza, e por amor de mim está em perigo a sua vida, agora que somos cinco, acabemos a mina mais depressa, ficando tres á bocca d'ella para resistir a quem vier, e os dois que restam, trabalhando até acabar.

A todos pareceu bem o que dizia Roldão, e trabalhando na mina Ricarte e Guarim, se pozeram a defender a entrada Oliveiros, Urgel e Roldão, e não contentes com defender a bocca da mina, achando que era mais acertado defender a porta da cova para que esta ficasse toda por sua, se pozeram a ella armados das suas armas. Urgel que não tinha, tomou uma maça que achou na cova, e de uma pedra de moinho que havia no entulho fez rodella, que tal era a valentia que tinham os Pares n'aquelle tempo.

Chegou emfim a manhã, e tanto que acharam de menos na torre os dois cavalleiros, entrou a buscar-se tudo, e o mesmo Abderraman em pessoa acompanhado de Brutamonte, de Salgueirão de Lisboes e de muitos soldados veiu revistrar a cova: mas achando á porta da banda de dentro os tres paladinos que elle conheceu, excepto a Roldão, começou a batalhar: mas como elles estavam no estreito da entrada, dava-se-lhes pouco de toda a sua soldadesca.

Durou toda a manhã a peleija, sem Abderraman ganhar um palmo da entrada, e já tinha muitos soldados seus mortos á porta: a este tempo acabaram os outros dois a mina, e sahindo por baixo do pavimento ao quarto de Angelica que n'elle estava só fechada, lhe fallou Ricarte a quem ella conhecia, e lhe disse: — Como seu senhor Roldão

lhe pedia viesse com elle por aquella mina abaixo para que assim estando na cova com elle e mais quatro Pares que tinham chegado vivesse defendida da furia de seu pai.

Obedeceu ella sem responder palavra, e Ricarte para desvellar Abderraman da certeza de estar Angelica com elles dentro na cova, feriu com a sua espada lume, e muito do seu vagar pôz fogo a toda a casa, para que queimando-se, entendessem ser Angelica morta nas chammas, e cahindo as cinzas, caliça e telhas na bocca da mina, ficasse occulta a fugida de Angelica para a cova, e esta assim muito melhor segura.

Quando se soube do incendio, acudiram todos a elle : e Abderraman sabendo que era no quarto de sua filha, largou a batalha da cova e todos se foram a acudir-lhe : tomaram d'aqui logar os Pares para sahir, e entre a confusão que havia, furtaram muitos mantimentos do publico mercado; e chegando ao mesmo tempo Angelica pela parte de dentro, louvaram todos a idéa de Ricarte em pôr fogo ao quarto para maior segurança, e todos se pozeram a defender a porta.

Capitulo XI

Como os cinco Pares viveram com Angelica na cova e furtavam os mantimentos da praça.

D'esta sorte começaram os cinco cavalleiros, a saber : Roldão, Oliveiros, Ricarte, Urgel e Guarim a viver na cova com Angelica, até que Carlos Magno chegasse com o seu exercito : continuamente estavam dois á porta armados, e entre tanto descançavam os tres em companhia de Angelica, e assim se iam revezando de noite e de dia.

Abderraman vendo que não apparecera Angeli-

ca, entendeu que estava morta, e fez notaveis sentimentos : chamava-se o mais desgraçado rei do mundo, e ordenou que se désse uma investida á porta para que ou morressem todos os seus soldados ou os cavalleiros; mas Salgueirão lhe disse : — Senhor, vê que assim é perderes muitos soldados, melhor é que a estes homens aqui encerrados se lhes faça um cerco, para que sem perda da tua gente os vença a sua fome.

Fêl-o assim Abderraman, mas os Pares passados quinze dias vendo que se lhes acabavam os mantimentos, ficando dois á porta, sahiram Roldão, Oliveiros e Guarim, e degolando os soldados do cerco, se foram a um armazem de mantimentos e o arrombaram, tirando d'elle quanto poderam levar; acudiram todos os soldados, mas os paladinos por entre os alfanges se recolheram com o que apanharam.

D'ahi a oito dias fizeram o proprio, e tantas vezes o faziam, que Abderraman, se dava aos demonios, e dizia que aquelles homens estavam enfeitiçados; e nem ainda na sua cama, nem no palacio cheio de guardas se dava d'elles por seguro e dizia que eram capazes de o ir matar á sua camara : e tudo era reiterar as ordens para que chegassem depressa os soccorros que já vinham pelo caminho, porque só com todo o seu poder junto fiava vencer os cavalleiros na cova e a Carlos Magno na campanha.

Capitulo XII

Como chegando de Abderraman os soccorros, deu forte batalha aos cavalleiros da Tristefea.

Assim passavam os cavalleiros os seus dias nada seguros, porque a tardança de Carlos Magno os punha no ultimo risco ; nem elles tinham modo

de avisal-o. Roldão como estava na companhia de Angelica, ia passando gostoso; até que foram chegando a Abderraman os reis que tinha mandado vir com os soccorros, e eram vinte e dois, com oitocentos mil homens de guerra e sete mil elephantes de Africa, porque dos outros animaes se não quiz Abderraman servir, pelo pouco que lhes prestaram nas batalhas passadas.

Os principaes reis eram Talamante, rei de Ethiopia; Clorimel, rei de Mesopotamia; Francião de Natalia; e Artaxus de Nomedia, todos poderosissimos. Chamou-os a todos Abderraman a conselho sobre o que haviam de fazer com os cavalleiros da cova, e todos assentaram que por credito se devia acabar com elles a todo o custo; porque era injuria a Abderraman ter dentro d'uma sua fortaleza os seus mesmos inimigos fortificados, e que vencidos elles, sahiria então com todo o seu poder sobre Carlos Magno.

Pareceu bem a Abderraman o conselho, e logo começou a investir pela bocca da cova com muita gente de guerra. Pozeram-se os cinco cavalleiros á porta, e por mais de tres horas não ganharam os inimigos nem um palmo de entrada : mandou Abderraman que lhes deitassem penedos pela escada da cova abaixo para os fazerem rodar por ella ; mas os Pares com muita difficuldade se livravam d'este genero de batalha, saltando muito ligeiramente deixavam passar os penedos por baixo dos pés, e iam fazendo pela escada abaixo tal estrondo que atroavam os ouvidos.

Todo aquelle dia passaram os cavalleiros n'aquella casta de batalha, e Abderraman se dava aos demonios por tão grande resistencia; e os reis que tinham vindo, todos se pasmavam de similhante valor, e diziam que aquelles homens tinham o demonio no corpo ou estavam enfeitiçados. Ao outro dia, enfurecido Abderraman continuou a

peleija, e mandou vir muitas massas de pez, breo, enxofre e alcatrão, e pondo-lhe fogo, fez correr uma quantidade muito grande d'esta materia ardente pelas escadas abaixo para abrazar assim os Pares; mas elles quando vinha a enxurrada de fogo afastavam-se, e n'este tempo por amor d'ella, nem os inimigos podiam entrar, e quando acabava, que elles queriam, se lhe offereciam como de novo ao encontro e batalhavam como d'antes.

Já não achava Abderraman modo algum para os vencer, até que mandou por muitas partes fazer covas no chão que fossem dar ás abobadas da cova e arrombar esta, para que entrando para dentro apanhassem os Pares no meio e os vencessem. Começou-se a fazer assim, e d'isto não sabiam os Pares, porque era a peior coisa que lhes podia succeder; pois entrando os turcos na cova haviam encontrar Angelica que tinham por queimada, e havia morrer ás mãos de Abderraman, e até os Pares por fim haviam tomar ás mãos, mas Deos que nunca desampára os seus, o dispoz melhor, como se verá no capitulo seguinte.

Capitulo XIII

Como chegou Carlos Magno com o seu exercito e deu batalha a Abderraman.

Ao tempo que já as abobadas se iam abrindo para entrarem os soldados, começaram os tambores da praça a tocar a rebate com muita pressa, e Salgueirão de Lisboes se chegou a Abderraman, e lhe disse: — Senhor, em que te divertes, que vem sobre nós Carlos Magno com um grande poder. Abderraman, enfadado de que em tão má occasião chegasse o imperador que não o deixasse romper as abobadas e vencer os paladinos, se chegou

para Salgueirão e lhe deu muito grandes pescoções, e lhe disse : — Só tu me podias ser correio de tão más novas; e sahindo da praça com todos os reis e toda a sua soldadesca, formou fóra dos muros os seus oitocentos mil homens em muito boa ordenança, com os sete mil elephantes adiante.

Na praça ficaram vinte mil homens, e dez mil guardando a bocca de Tristefea, para que não sahissem os cinco paladinos; Brutamonte ficou governando a praça, Talamarte era general de toda a cavallaria, e a infanteria se dividiu por Artaxus, Franciāo e Clorimel, cada um com duzentos mil homens, e Talamarte outros duzentos mil : e a todos era superior Abderraman, assistido de Fredegundes e Salgueirão de Lisboes.

Chegou Carlos Magno com o seu exercito composto de cem mil homens; quarenta mil mouros de que eram generaes Galafre e Bradamante; e sessenta mil francezes governados pelos Pares, e a todo o exercito governava Carlos Magno. Tanto que avistou os inimigos mandou a Gui de Borgonha que fosse avisar a Abderraman, e dizer-lhe que se rendesse, e lhe entregasse os cinco cavalleiros que tinha n'aquella fortaleza.

Abderraman tanto que ouviu o recado, disse a Gui de Borgonha : — Dize ao teu rei que a sua desgraça o trouxe aqui ; porque tenho oitocentos mil homens para o vencer, e sete mil elephantes; e para que veja o pouco caso que faço d'elle, ahi lhe mando mil elephantes para que com elles me dê batalha. Não acceitou Carlos Magno os elephantes e lh'os tornou a mandar, e lhe mandou mil espadas que trazia na bagagem, e Abderraman as acceitou e mandou dar aos que as trouxeram, a cada um duas libras de ouro.

Mas sem embargo d'estes cumprimentos se formaram em batalha os dois exercitos, e se investi-

ram um ao outro com tanta furia, que em poucas batalhas no mundo se viu principio tão violento: sahiu da parte de Carlos Magno Gui de Borgonha e Hoel de Nantes, cada um com dez mil homens: e da de Abderraman sahiram dois mil elephantes e atráz d'elles logo Talamarte com toda a cavallaria; e pareceu-lhe a Abderraman que isto bastava para vencer o imperador.

Investiram os elephantes com muito estrago dos catholicos; mas acudindo Galafre com os seus mouros, recobrou e se travou assim a batalha com muitas mortes de ambas as partes: os turcos para, que os elephantes fizessem somente mal aos seus contrarios, os não investiam em quanto os elephantes batalhavam; mas depois de quatro horas de combate ficaram mortos os dois mil elephantes, e então os esquadrões que trabalhavam com elles se fôra munir com os outros que já andavam misturados com a cavallaria dos turcos.

Parecia Gui de Borgonha um raio entre os inimigos: não dava ferida que não fosse mortal: emparelhou-se com elle um rei chamado Turcaz, que era o mais gentil homem turco que então havia, e Gui de Borgonha de um golpe lhe deitou a cabeça fóra, e foi cahir duas varas longe do logar aonde estava. Sahiu Clorimel com a sua infanteria, mas Tietri de Dardania com seis mil de cavallo se lhe poz diante; e sem embargo de ser o poder tão desegual, fez cara aos turcos, e encontrando-se com Clorimel batalhou com elle e de uma estocada o varou de parte a parte e deu com elle morto em terra.

Vendo Abderraman que não bastava a gente que tinha mettido na batalha, quiz introduzir n'ella toda a sua gente, mas por ser quasi noite se passou o resto do dia em escaramuças, e se assentaram os dois exercitos a esperar pela manhã para continuarem a batalha.

Capitulo XIV

Como no segundo dia se continuou a batalhar com toda a gente e nenhuma das partes teve victoria.

Pelo meio da noite mandou Abderraman soltar os cinco mil elephantes que tinham ficado e os fez lançar contra Carlos Magno. Foi incrivel o horror que causou no arraial tão inesperado acontecimento: a noite era escurrissima, e ainda que havia fogueiras, não era a luz que bastava para ver o que convinha; muitos catholicos morreram sem defesa; e Carlos Magno vendo o perigo do seu exercito, se pôz de joelhos e pediu a Deos désse esforço aos seus soldados para vencerem aquelles brutos; e sahindo com a espada na mão foi animando a todos e ao mesmo tempo matando elephantes, de sorte que os soldados dobraram o animo e antes da manhã não havia elephante vivo, ainda que dos soldados ficaram mais de quinhentos mortos.

Mal luziu a aurora, logo Abderraman com todo o seu exercito foi cercando o de Carlos Magno, que estava mui cançado pela batalha da noite e o imperador tinha muito pouca esperança de victoria e no seu coração se encommendava muito a Deos; mas todos pelos animar, dizia que a victoria era sua, os Pares faziam o mesmo.

Formou-se pois o exercito christão em uma fórma que chamam praça vazia, fazendo cara a todos os quatro lados; porque vindo os inimigos em redondo, só deste modo lhes podiam fazer resistencia. Rompeu Abderraman uns batalhões de mouros que governava Galafre, e com este veiu a encontrar-se corpo a corpo: eram ambos dos mais

valentes, mas Galafre esteve perto de perder a vida de uma cutilada, se Tietri de Dardania a não recebera no seu escudo e entrára tambem a combater com Abderraman.

Pela sua parte assombrava Carlos Magno; e era tal a bravosidade com que se mettia pelos turcos, que todos temiam chegar-se ao pé d'elle a accommettel-o : fazia um claro por onde ia, que muito á sua vontade se revolvia por entre os esquadrões inimigos dando, matando e ferindo com o maior valor que se viu no mundo.

Pelas partes que lhe competiam, faziam os paladinos o proprio, e por todos os lados faziam indiziveis damnos. Não havia golpe que não custasse uma vida : toda a campanha se via alagada em sangue : os montes retumbavam com os éccos dos golpes, e era tal a confusão, a grita e alarido, que faria horror a todos se não andassem com a ancia de matar, tão esquecidos do seu perigo.

Mas que importava fosse esta a valentia dos christãos se era tanto o numero dos infieis? Por muitos que matasse Carlos Magno, muitos mais tinha ainda Abderraman; chegava-se a noite do segundo dia e ainda estava indecisa a victoria; e ambos os reis se impacientavam d'esta duvida : Carlos Magno irado de que o seu valor não bastasse a vencer Abderraman; e este desesperado de que a multidão dos seus não bastasse a destruir a Carlos Magno. Assentaram segunda vez com a noite os seus arraiaes, e ficou para o terceiro dia o resto da batalha e o tudo da victoria.

Capitulo XV

Como sahiram os cavalleiros de Tristefea; e se declarou por Carlos Magno a victoria ao terceiro dia.

Tanto que anoiteceu, fez Abderraman conselho com os seus e votaram que se chamasse Brutamonte da fortaleza com toda a guarnição que n'ella era escusada, e no campo tinha muita serventia; e assim se fez, deixando só dois mil homens de guarnição aos paladinos; e mesmo de noite se tirou logo a gente da praça.

Os cavalleiros que de noite e de dia estavam vigiando á porta da cova, tanto que presentiram isto pozeram Angelica em um camarim occulto e fechado; e por entre os dois mil homens de guarda sahiram matando sem resistencia as sentinellas e d'ahi aos mais que, não esperando semelhante acontecimento, estavam descuidados : chegaram a uma porta da fortaleza e a escalaram, e sahiram ao campo quando já a manhã ia rompendo,

Tocou-se a rebate em ambos os exercitos, e elles buscando por entre os inimigos os seus companheiros, atravessaram o exercito de Abderraman com as espadas na mão e chegaram á tenda de Carlos Magno, que assistido dos outros Pares estava montado a cavallo para dar principio á batalha. Não se póde dizer o gosto que causou no arraial tão repentino successo : espalhou-se a noticia por todo o exercito, e a chegada dos Pares infundiu em todos tal brio e tal alento que as vozes começaram a dizer : victoria ! victoria ! viva Carlos Magno, viva Roldão, vivam os Pares de França.

E todos levados de um furor guerreiro, sem or-

dem alguma, correram contra os inimigos tão furiosos, que os primeiros esquadrões ficaram em terra; passaram aos segundos e fizeram-lhe o mesmo; e indo contra os terceiros, voltaram as costas os turcos tão desanimados, que nem todo o poder de Abderraman e dos mais reis bastou a detel-os. Os Pares e cavalleiros christãos apertaram de fórma a estes mesmos reis, que até elles perderam o valor e todos foram cahindo mortos ás mãos dos cavalleiros, de sorte que só Talamarte, Abderraman, Salgueirão e Brutamonte ficaram com vida, porque escaparam fugindo á redea solta.

Seguiram os christãos aos inimigos por mais de duas legoas, matando quantidade d'elles : tanto que o bem fizeram, voltaram contra Timorante que estava sem defesa, e Carlos Magno entrou triumphante por elle. Os mortos da parte dos turcos foram quatrocentos e setenta mil; os despojos ficaram todos de todos os reis que eram riquissimos, e coube a cada soldado de Carlos Magno o valor de quinze mil patacas, fóra o que coube aos de Galafre e aos paladinos. Emfim esta victoria foi das maiores que teve o imperador na sua vida.

Capitulo XVI

Como o imperador fallou a Angelica e Abderraman fugiu para Ethiopia.

Contaram os Pares ao imperador o que tinham passado em Tristefea, e como n'esta cova estava Angelica escondida : o imperador a fez conduzir á sua presença, e a estimou como a sua constancia merecia. Tomou posse dos thesouros que tinha Abderraman, que eram todos dos seus dilatadissimos reinos ; e com Galafre se hospedou no

palacio de Brutamonte; e Carlos Magno estimou muito ouvir o que tinha succedido aos cavalleiros na cova, e ficou muito admirado do seu esforço.

Logo mandou ordem a todas as cidades de Abderraman que o reconhecessem por seu rei, umas o fizeram logo, outras não, o que se verá adiante. Angelica quiz logo baptizar-se e o arcebispo Turpim o fez com todas as cerimonias e foi seu padrinho Carlos Magno: quiz logo receber-se com Roldão, mas este achou bom fazel-o acabada de todo a guerra.

Abderraman vendo seu exercito perdido, e em um ponto desbaratado o seu reino, as suas riquezas e tudo; cuidou em salvar a sua vida fugindo, ainda que bem vingado, porque pela sua mão tinha morto nos tres dias da batalha oitocentos catholicos; ajuntou-se com Talamarte da Ethiopia, o qual tinha vindo em uma poderosa armada: e chegando ao porto se embarcaram n'ella acompanhados ainda de oitenta mil homens de infanteria. Brutamonte com Salgueirão de Lisboes se refugiaram no castello de Pontable.

Fredegundes ia seguindo Abderraman, mas perdeu-se d'elle; e vendo-se no campo fez notaveis sentimentos, e foi perigrinando por todas aquellas campinas, desviando-se sempre do caminho para não ser conhecida de catholicos, e do successo que teve se dará noticia no terceiro livro.

LIVRO TERCEIRO

Capitulo I

Como Carlos Magno partiu para Cordova e a tomou.

Tanto que o imperador Carlos Magno se viu senhor da principal fortaleza de Abderraman e de todos os seus thesouros, destruida toda a sua soldadesca, e elle mesmo fugido do seu reino para Ethiopia, entendendo que tinha conseguido o fim para que viera de França, mandou a todas as cidades de Abderraman que lhe jurassem obediencia e recebessem juntamente a religião catholica; e poucas foram as que logo lhe não obedeceram. Mas Cordova, que era a côrte de todo o reino, não consentiu n'este decreto e o seu governador Croscor Alpujurre, cuja descendencia ainda hoje se conserva em Marrocos, respondeu soberbamente a Carlos Magno e mandou dar garrote a um dos portadores que lhe havia mandado com a dita ordem.

Sentiu-se muito o imperador d'esta insolencia, e formando um exercito de quarenta mil homens partiu contra Cordova e deixou a Galafre com Bradamante o governo de Timorante. Pôz logo sitio á praça em um quarto de legoa de distancia, e em oito dias se poz em estado de dar um assalto geral á fortaleza: mas antes que o fizesse mandou dizer a Croscor que se rendesse antes do assalto, porque se esperava por elle havia pôr tudo a sangue e fogo.

Respondeu Croscor ao mensageiro : — Dize ao

imperador que como elle tem no seu exercito os seus paladinos, de cujo valor é tanta a fama que ha pelo mundo, que mando um d'elles a singular batalha comigo; e o que vencer dará victoria ao seu partido sem se derramar mais sangue. Acceitou Carlos Magno o partido, e tirando por sortes qual dos cavalleiros iria á batalha para que não houvesse contendas, sahiu Lamberto de Bruxellas, o qual preparado de tudo ao outro dia pelas sete horas foi para o sitio, e mandou recado a Croscor que ali o esperava para batalhar.

Sahiu Croscor muito bem montado e ajustou com Lamberto batalharem com lanças, espadas e escudos; e virando ao mesmo tempo os cavallos, se investiram como dois furiosos touros, e nó primeiro encontro fizeram as lanças em muitos pedaços: tiraram ao mesmo tempo ambas as espadas da cinta e começaram a ferir-se desapiedadamente: Lamberto de uma cutilada partiu pelo meio o escudo de Croscor: deu-lhe este uma com as mãos ambas sobre o elmo, que lhe fez dar com a cabeça na do cavallo,

Despicou-se Lamberto com outra que cortou cerceo o pescoço ao cavallo de Croscor, e cahindo no chão se apeou tambem Lamberto: começaram de pé nova batalha; Croscor de uma cutilada quebrou a folha da sua espada, e dando-lhe ao mesmo tempo outra Lamberto, a falseou e deu em uma pedra com tal força que lhe saltou a folha das guarnições. Vieram a braços e o mouro começou a apertar pela cintura fortissimamente a Lamberto, mas este pegando-lhe com as duas mãos nos dois queixos, lh'os escachou de sorte que, ficando-lhe a cara dividida, cahiu o mouro sem vida.

Não bastou isto para se renderem os da cidade, faltando ao que tinham justo; Carlos Magno mandou então dar assalto geral, e em tres horas foi a praça rendida e toda a guarnição se levou á espa-

da: e entregando-se o riquissimo despojo aos soldados, partiu Carlos Magno com os seus cavalleiros para Timorante.

Capitulo II

Como foi achada Fredegundes e da sua morte.

Iam os Pares adiante de todo o exercito como era seu costume; e a poucas horas de caminho viram ao longe um vulto que se escondeu em uma cova: tiveram curiosidade de saber o que era, e entrando dentro Roldão e Guarim tiraram para fóra uma mulher vestida de pelles, com os cabellos muito crescidos, os quaes lhe cobriam a cara, e destapando-lh'a Guarim, conheceu que era Fredegundes e dizendo-o aos companheiros ficaram todos admirados.

Roldão enraivecido do que ella lhe tinha feito padecer e a sua Angelica, quiz logo ali com a sua morte tomar d'ella vingança; mas reparando em que era mulher, ainda que traidora, suspendeu a sua colera; e chegando a este tempo Carlos Magno lh'a apresentaram diante. Não quiz Fredegundes ajoelhar ao imperador, e disse que ella só conhecia por senhor a Abderraman.

Perguntou-lhe o imperador por que causa viera áquelle estado, e ella respondeu que fugindo na batalha de Timorante, se perdera de Abderraman; e vendo-se só em um paiz cheio de christãos, buscára aquella cova em que esconder-se, aonde fazia vida bruta. Disse Carlos Magno: — Tu merecias que aqui já te mandasse dar a morte, mas como a quem mais offendeste foi á princeza Angelica, a ella te levaremos para que te dê o castigo que quizer.

Respondeu Fredegundes: — Antes acabarei

aqui a vida, que me deixe ver em poder de Angelica. E dizendo isto lhe saltaram pelos olhos as lagrimas de quatro em quatro; e ella ainda que tyranna, era formosa, e já a todos mettia compaixão a sua vista, ainda que mais raiva mettia a sua sôberba. Chegaram guardas para leval-a, mas ella com um pequeno bastão que na mão tinha, se defendeu de sorte que nenhum lhe podia chegar; mas em fim depois de ter morto dois, a tomaram ás mãos e a prenderam.

Vendo-se ella assim, poz-se então de joelhos, e pediu humildemente ao imperador que antes a matassem logo ali, que leval-a ao poder da mulher a quem só aborrecia: e Carlos Magno não lhe deferiu, e lhe respondeu: — As tuas traições te fazem indigna d'essa piedade; mas vae que eu te asseguro a vida.

Fredegundes entrou a tomar tal pena de ver a desgraça que lhe succedia, de ir estar á obediencia de Angelica, que chegando-lhe a paixão bem ao interior da alma, foi entrando em taes ancias, taes desesperos e agonias, que de braveza, de raiva e ao mesmo tempo de pena arrebentou, e cahiu no campo morta, dizendo estas palavras: — Ah infiel Carlos Magno, injustamente me tiraste a vida. Ficaram todos pasmados de tão lastimoso successo, e julgando que quem morrera desesperada não merecia sepultura, a deixaram sobre a terra em que cahira, e assim acabou a soberba de Fredegundes, que é em que commumente ella pára.

Capitulo III

Trata-se dos gigantes Barrocás e Parrafús que escachavam pelo meio os soldados de Carlos Magno.

Deixada pois no campo a desgraçada Fredegundes foi caminhando Carlos Magno com todo o seu exercito ; e quando já se julgava senhor da campanha, e se ia dispondo para voltar de Timorante para França, avistou uma tropa muito grande de cavallaria seguida ao largo de mais quatro, que por todas faziam o numero de cincoenta mil homens; mas o traje era desconhecido, porque não era de turcos nem de catholicos. Adiante vinham dois gigantes a pé, mas tão corpulentos, que excediam a altura dos cavallos e caminhavam tanto como elles.

Estes gigantes eram dois irmãos, reis poderosissimos na Africa, os quaes partiram com aquelle exercito para Hespanha em soccorro de Abderraman : e achando-o já vencido, queriam por si sós ganhar victoria de Carlos Magno; as suas forças eram tão desmedidas, que bem podiam fiar-se n'ellas, com cada mão sustentavam pela cauda um cavallo na carreira, e eram tão ligeiros que a pé acompanhavam sem cansar ao mais ligeiro cavallo: chamava-se um Barrocás, outro Parrafús.

Chegando á falla com o exercito de Carlos Magno, disseram em vozes altas : — O' vos pequenas creaturas, entregae logo as armas, se não quereis perdel-as e as vossas vidas. O imperador mandou cem homens contra elles; mas os gigantes depois de fazerem morrer ás cutiladas mais de quarenta, correram atraz dos outros que fugiram, e pegando-lhes pelas pernas os escachavam até o

pescoço com tanta facilidade, como se fossem uns pequenos pintos; d'esta sorte deixaram partidos ao comprido dezoito soldados.

Mandou Carlos Magno duzentos homens, mas succedeu-lhes o mesmo; mandou quatrocentos, e lhes fizeram o proprio; e vendo Carlos Magno isto, não mandou mais homens, e ficou muito pensativo, temeroso de que os gigantes lhe fizessem no exercito algum desaguisado. Começaram elles com muita soberba a escarnecer de Carlos Magno, e disseram : — Que é isto, imperador christão, aonde está o teu valor? Estes são os teus esforçados cavalleiros? Onde está o atrevimento dos teus Pares, que só agora não veem brigar comnosco? Parece que teem medo de se verem escachados. Ora dize-lhes que venham ou apartados ou juntos, como são tão valentes não lhes succederá o mesmo.

Vendo estas liberdades Roldão e Oliveiros, pediram licença a Carlos Magno para ir castigar aquelles atrevimentos; mas o imperador temendo o muito esforço dos gigantes não lh'a queria dar, antes determinava com todo o exercito investil-os. Disse-lhe então Oliveiros : — Senhor, manda todo o exercito contra o exercito d'estes gigantes, e a mim e a Roldão contra elles, que assim haveremos victoria.

Assim o determinou Carlos Magno; e os dois cavalleiros montados em dois formosissimos cavallos e armados de lanças e escudos, se adiantaram a todo o exercito e chegados a boa distancia disseram aos gigantes que elles vinham acceitar o seu desafio. Quando os gigantes viram os dois homens riram-se muito escarnecendo d'elles, e lhes disseram que pareciam homens doidos em tão temerario intento; mas os Pares sem esperarem mais razões, entraram com elles em batalha.

Capitulo IV

Como Barrocás foi morto por Roldão e Parrafús por Oliveiros, depois de cruelissima batalha.

Chegou Oliveiros contra Parafús e o investiu com a lança a todo o galope do cavallo, mas resistindo o gigante com as finissimas armas que trazia, se fez a lança em pedaços. Puxou Oliveiros pela espada, e o gigante desembainhando o seu alfange deu tão desmedido golpe em Oliveiros, que todo o escudo aonde o recebeu, veiu em migalhas a terra; segundou-lhe com outro no alto da cabeça e lhe fez pôr os joelhos do cavallo em terra: levantou-se com muita ligeireza, ao tempo que ia recebendo terceiro golpe, mas livrou-se d'elle com presteza e começou com desusada furia a ferir o gigante.

Deu-lhe uma cutilada em um hombro e lh'o deixou desarmado, deu-lhe segunda ao través do elmo e o fez ajoelhar, e se segurou com as mãos para não cahir. Acudiu o gigante com uma estocada e empregando-a toda no cavallo de Oliveiros, o fez cahir com seu dono no meio do campo.

Vendo-se Oliveiros a pé, se encommendou muito a Deos porque era assim muito mais perigosa a sua batalha, mas teve tanta destreza, que indo o gigante feril-o, elle se curvou de joelhos e mettendo-lhe a ponta da espada por entre as pernas aonde eram as armas muito fracas, lh'a ensopou até os copos e deu com o gigante em terra; mas este ainda que tão mal ferido, brigava mesmo no chão e dava não pouco que entender a Oliveiros.

Oliveiros vendo isto, disse: — Parrafús soberbo, bem vês que te defendes debalde: toma o meu conselho, deixa a ira com que estás, e estas poucas horas que terás de vida, passa-as em te fazer

christão para que possas alcançar o céo. Mas o gigante respondeu-lhe : — Antes quero morrer ás tuas mãos que receber a tua fé. Oliveiros vendo esta pertinacia lhe cortou a cabeça.

Entretanto tinha tambem Roldão já dado fim de Barrocás. Investiu-o primeiro com a lança e logo teve a fortuna de lhe acertar n'um olho, por onde lhe metteu o ferro até lhe sahir pelo toutiço. O gigante, desesperado da dôr, se abaixou para tomar Roldão pelos pés e lhe fazer o que tinha feito aos mais, que era escachal-o; mas o destro cavalleiro dando um salto, muito ligeiramente lhe saltou em cima das costas para lhe metter a espada pelo pescoço.

Sacudiu-o o gigante para fóra, e ainda não bem o tinha lançado quando já estava a feril-o, e de tres cutiladas que lhe deu, o deixou escorrendo em sangue. Despicou-se Roldão com uma cutilada, que aparando-a o gigante nos copos da espada lh'os quebrou; pegou elle n'ella com ambas as mãos, e ferrando os dentes levantou contra Roldão tão desmedida pancada, que se o cavalleiro se não desviára, não fôra muito que de alto a baixo o partira, mas livrou-se, e a espada dando em terra se metteu por ella mais de dois palmos : ficaram os braços do gigante tão atormentados, que por muito tempo não pôde levantal-os : aproveitou-se Roldão d'esta occasião, e lhe descarregou tão desmedido golpe sobre os pulsos, e com tal fortuna que lh'os decepou cerceos fóra, cahindo-lhe as mãos ambas assim fechadas no alfange no meio do campo.

Com a dôr de tão bem empregado golpe foi tal o grito que deu o gigante, que atroou todos os campos : e com a desesperação de tal ferida se abraçou assim mesmo com Roldão, mas tambem com tal desgraça sua, que endireitando-lhe Roldão a espada, se enfiou por ella e cahiu em terra

dando espantosos bramidos e fazendo gestos desesperados.

Vencidos assim os gigantes, foi tal o medo que entrou em todo o exercito, que logo declaradamente se poz em fugida, e os christãos o perseguiram de sorte que poucos soldados ficaram vivos : e recolhendo os despojos, entrou o imperador em Timorante com mais esta victoria, mas não pôde gozar-se muito d'ella, pelo successo que no seguinte capitulo apresentamos.

Capitulo V

Como Bradamante fez traição, e junto com Salgueirão e Brutamonte partiu contra Toledo.

Já se sabe que Bradamante estava muito namorado da princeza Galiana, e por amor d'ella fez em Paris as justas que dissemos no capitulo quarto do primeiro livro; mas nunca ella lhe quiz corresponder porque o aborrecia muito : e depois que Carlos Magno entrou em Toledo, e se namorou tambem d'ella, ficou a princeza tão agradada do imperador, que d'ali por diante ainda mais aborrecia a Bradamante.

Muito sentia este tal successo, e por elle foi cobrando tamanha raiva ao imperador que logo teve no seu pensamento fazer-lhe traição, ainda que juntamente a fizesse ao seu rei ; e achando boa occasião para o que intentava na jornada que o imperador fez contra Cordova, em quanto durava a ausencia, pediu licença a Galafre para sahir com alguns mil homens á campanha a fazer alguma presa em mouros que ainda houvessem espalhados n'ella. Galafre não cuidando mal de Bradamante, lh'a concedeu : e elle com quatro mil homens sahiu de Timorante, e em vez de ir fazer alguma presa,

partiu para Pontable aonde estava Brutamonte.

Quando este viu tropas christãs cuidou que vinham por mal e se poz em termos de se defender, mas Bradamante com uma bandeira branca fez signal de paz, e lhe mandou um trombeta a Brutamonte a dizer-lhe que vinha ali á sua ordem, porque os muitos escandalos que tinha de Carlos Magno o obrigavam a esta resolução. Brutamonte entendendo que aquillo era fingimento em Bradamante, respondeu ao trombeta: — Dize a Bradamante que me entregue os homens desarmados. Bradamante o fez assim, e logo Brutamonte ficou seguro: e entrando com elle no castello e chamando Salgueirão de Lisboes, reuniram conselho.

E depois de varias razões que trataram, disse Bradamante: — Senhor, Carlos Magno está em Timorante com Galafre bem descuidado, e a côrte de Toledo, na fé do seu seguro, está desprevenida: eu sou de parecer que vamos conquistal-a, porque n'ella temos uma praça mui forte para a nossa defesa, e um despojo muito grande para a nossa cubiça, e eu sobretudo posso assim conseguir a Galiana. Pareceu a todos bom o conselho de Bradamante, e logo formaram um exercito de cincoenta mil homens que se tinham retirado da batalha, e por varios modos se tinham ajuntado com Brutamonte, e foram contra Toledo.

Pozeram sitio á cidade, e Bradamante mandou dizer a Galiana que elle vinha ali para a tomar por esposa, que se o havia por bem, retiraria as tropas e teria paz; mas que se o recusava fazer, que a praça havia ser levada á escala, a cidade abrazada com o fogo, a gente passada á espada e ella gozada por força. Ouviu Galiana este soberbo recado, e disse ao mensageiro: — Dize a Bradamante que estimo tão pouco as suas ameaças, como sempre estimei as suas finezas: que elle, o que não venceu por amante, não o ha de vencer por atrevido,

antes por traidor o perderá de todo; e que no assalto que der, ha de ficar vencido e castigado.

Com esta resposta ficou ainda Bradamante mais furioso, e deu um assalto á cidade muito grande, mas os de Toledo se defenderam bem, e Galiana era a primeira que assistia na muralha com lanças atirando aos inimigos, os quaes se retiraram do assalto, ficando mortos d'elles mais de novecentos. Depois d'este deu Brutamonte mais dois, e em todos ficou vencido, até que se revolveu a buscar outra traição, com que se fazer senhor da cidade e de Galiana.

Capitulo VI

Como Salgueirão de Lisboes entrou disfarçado em Toledo, e introduziu Bradamante no quarto de Galiana.

N'esta resolução chamou Bradamante a Salgueirão de Lisboes, e lhe disse: — Meu grande amigo Salgueirão de Lisboes, eu em ti espero remedio: tu tens muitas artes para conseguires o que queres, e agora é occasião para que com ellas me ajudes, eu quero entrar em Toledo e roubar Galiana, tu has de me buscar modo para que o consiga, que se o fizeres assim, eu te prometto tudo quanto quizeres.

Respondeu-lhe Salgueirão: — Senhor Bradamante, ainda que a nossa amisade não seja das mais antigas, eu me resolvo a servir-te, e para isto te faço saber o modo que tenho. Eu irei fingido-me fugido do teu exercito, e mettido dentro da cidade, em uma noite, que te avisarei com tres foguetes que hei de deitar, irei á muralha da parte de que é mais baixa, e matando a sentinella, deitarei uma

corda por onde subirás acima, e de dentro combinaremos o que podermos e tu avisarás a Brutamonte de tudo.

Fizeram-n'o assim, fugiu Salgueirão para a praça e d'ahi a quatro dias deitou os foguetes, subiu Bradamante pela corda acima e lá vestiu a farda da sentinella, e n'essa mesma noite se foram ao palacio aonde estava Galiana, que ainda hoje conserva em Toledo o nome d'esta princeza : e escalando o postigo de um jardim, se encaminhou á sua camara : mas aquella noite não teve boa occasião, e d'ahi a duas noites tornaram pela mesma parte, e com effeito entraram na camara de Galiana, a qual estava ainda levantada e tinha na mão um retrato de Carlos Magno, sobre o qual derramava copiosas lagrimas das muitas saudades que d'elle tinha.

Estava Galiana tão formosa, que ainda mais accendeu o amor de Bradamante, o qual ao mesmo tempo estimulado dos ciumes se lhe lançou aos pés para fallar-lhe. Quando a princeza vio diante de si ao seu maior inimigo, entendeu que a cidade era tomada por traição, e ficou mortal, mas valendo-se do seu animoso coração, disse a Bradamante : — Bradamante, que pretendes de mim, que assim me persegues e me ultrajas? E'esta a fé que deves ao teu rei? E' este o amor que me mostravas ter? Vae-te já embora senão gritarei á minha guarda que te prenda.

Respondeu Bradamante : — Senhora, sua alteza não se aggrave, e entenda que os ciumes me fazem grosseiro, e que por força ou por vontade ha de ser minha; pois se gritar pela sua guarda, antes que abra a bocca, com este alfange lhe hei de cortar a cabeça. Tornou Galiana : — Para que vejas o pouco que valem as tuas atrevidas ameaças, eu te juro que se deres mais um passo para mim, eu hei de atravessar no peito este pu-

nhal, para que saiba o imperador meu esposo, que antes me quero morta do que tua.

E dizendo isto, pegou em um punhal que tinha no cinto e o apontou ao peito com tal resolução e desembaraço, que firmemente entendeu Bradamante se matava se a offendia; e pasmado de resolução tamanha em uma princeza tão fragil, ficou parado muito tempo, até que succedeu o que se verá, porque agora vamos contar o que passaram os cavalleiros que deixámos no fim do quarto capitulo novamente victoriosos em Timorante.

Capitulo VII

Como os cavalleiros partiram contra Bradamante e batalharam com as serpentes de Fredegundes.

Succedeu que dos quatro mil homens que Bradamante tinha trazido, uns poucos vendo a traição que elle fazia, tanto que chegaram a Toledo desertaram e vieram avisar Galafre a Timorante. Ficou este muito afflicto d'aquella traição, porque via a sua Galiana em termos de ser mulher de Bradamante contra o gosto de Carlos Magno que a amava. Como o imperador estava ainda na guerra de Cordova, não tinha Galafre logar para sahir de Timorante e soccorrer a filha, e a este tempo é que chegou o imperador, com os Pares triumphantes, como dissemos no capitulo quarto,

Disse logo Galafre a Carlos Magno o successo; e não ha duvida que esta nova lhe tirou todo o contentamento, no receio de estar Toledo rendido e Galiana (que este era o negocio) em poder de Bradamante. Chamou logo os paladinos e lhes disse que a toda a pressa caminhassem para Toledo, porque indo sós andariam o caminho em

muito menos tempo, e atraz dos paladinos partiu logo Carlos Magno com o mesmo exercito com que tinha vencido Cordova e destruido o poder dos gigantes; e logo immediatamente começou a ajuntar outro exercito Galafre com toda a pressa; e deixando em Timorante a defesa que bastava, partiu com Angelica em seguimento do imperador; e d'esta sorte com todas as forças, e com maior pressa se soccorreu a Galiana e se teve cuidado de Angelica, que só em Timorante ficava mui desacompanhada.

Caminhavam adiantados os Pares com toda a pressa, e em duas horas avançaram cinco legoas; e chegando áquelle sitio aonde tinha cahido morta Fredegundes, como dissemos no capitulo segundo, viram os ossos do seu corpo muito escarnados, e que da caveira sahia uma sevandija que logo foi crescendo, e se fez do tamanho de um coelho e fugiu a esconder-se em um bosque muito espesso que ficava vizinho.

Ficaram pasmados os cavalleiros, mas o seu pasmamento se converteu quasi em susto, quando viram que do bosque sahiam serpentes do mesmo feitio da sevandija, mas cada uma do tamanho de um touro. Do corpo de Fredegundes se tinham gerado; porque morrendo com a desesperação e ficando no campo ao sol, aquelle sangue infeccionado do seu mau animo e corrupto ao depois pelo tempo, foi criando aquelles monstros.

Tinham azas de bazilisco, garras de dragão e feitio de tigre : enristaram os cavalleiros as lanças e a todo o galope investiram as feras, mas ellas sacudindo com uma rebanada das azas as lanças das mãos dos cavalleiros fóra, os investiram com as garras de tal feição, que ali se deram por perdidos : metteram mãos ás espadas e os que estavam livres outra vez com as lanças; mas as ser pentes tinham a pelle impenetravel. Roldão agar-

rado pela cinta devia a sua vida á resistencia das armas : dava golpes desmedidos na fera, mas dados em uma pedra achariam menos resistencia.

Lamberto de Bruxellas batalhava com a sua, mas a serpente lançando-lhe uma garra ao cavallo, lhe tirou as entranhas e deu com seu dono em terra : saltou-lhe a serpente em cima, mas acudiu-lhe Guarim que estava de fóra ; e ás cutiladas procurava a morte d'aquelle monstro, mas debalde porque não entravam os golpes : Gui de Borgonha, morto tambem o seu cavallo, estava a pé no maior perigo ; e d'esta sorte se viam os cavalleiros todos summamente afflictos ; e o que mais cuidado lhes dava era não se rompessem as armas, porque então com as unhas lhe tirariam as serpentes as tripas.

Haviam outras mais pequenas que faziam menos damno ; mas emfim Oliveiros que ainda se conservava a cavallo e tinha grande batalha com a sua, se deitou do cavallo abaixo e se poz de costas no chão : saltou-lhe a serpente em cima e elle endireitando-lhe a espada, lh'a ensopou toda pela garganta que era a unica parte que tinham molle, e com tal fortuna, que deixando espadanadas de sangue monstruosas, e dando bramidos horrendos cahiu a serpente morta.

Conhecida a parte fraca das feras, todos começaram a fazer diligencias para as ferir por ellas, e com effeito conseguiram matar d'esta sorte todas, mas vendo os cavallos uns mortos, outros summamente cançados, e elles tambem assaz debilitados e moidos, se pozeram a esperar pelo exercito, o qual chegou ao outro dia, e tomando d'elle bons cavallos, contaram brevissimamente ao imperador o caso e partiram de galope para Toledo.

Capitulo VIII

Como os cavalleiros descercaram Toledo e como Brutamonte morreu ás mãos de Oliveiros.

Chegaram emfim os cavalleiros a avistar o exercito de Brutamonte, o qual emquanto Bradamante estava dentro, ia apertando fortemente o sitio e tinha a cidade no ultimo aperto, mas os cavalleiros animados com o gosto da cidade não estar ainda rendida, ainda que n'estes termos podessem esperar pelos dois exercitos, quizeram dever a si sós o vencimento, e com as espadas nas mãos e a todo o galope se metteram por entre os inimigos, mais furioso cada um que o agarrochado touro no meio do campo.

Sentiram logo os turcos o mal que lhes vinha de tão valorosos braços; porque cada cavalleiro abrindo caminho com a espada, por onde ia não deixava turco vivo : mais de duzentos ficaram mortos n'este primeiro arremesso. Alteraram-se todos e mais que todos se alterou Brutamonte, que conhecendo que eram aquelles os paladinos, montou a cavallo e se empenhou com todo o exercito contra elles, desejoso de ser quem houvesse victoria dos cavalleiros que nunca foram vencidos.

Travou-se com inexplicavel furia a desegual batalha : feriam fogo as armas feridas das espadas, retumbavam nos montes os éccos dos golpes : e era tal a confusão como se fossem dois exercitos eguaes os que contendessem, que tamanho era o respeito com que os cavalleiros eram estimados entre os turcos. Incrivel era o destroço que faziam aquelles no exercito : não havia quem os supportasse, porque não davam uma pancada que não custasse uma vida.

Brutamonte se encontrou com Oliveiros, e fiado nas suas valentias, que na verdade eram muitas, entrou com elle em batalha, investiram-se ambos com bizarro continente, e dos primeiros golpes perdeu Brutamonte o elmo e Oliveiros o escudo : segundaram as cutiladas e deram as espadas uma na outra com tamanha violencia, que saltaram faiscas e ficaram ambos os cavalleiros com os braços atormentados de tal sorte, que por muito tempo estiveram olhando um para o outro; e n'esta suspensão disse Brutamonte a Oliveiros :

— Senhor cavalleiro, que fiado nas tuas obras queres destruir tão poderoso exercito : olha para ti, vê que te enganas : e se queres a vida, entrega-te meu prisioneiro de guerra que te prometto usar comtigo e com os teus toda a cortezia, porque ainda que turco, bem sabes que sou principe e cavalleiro. Oliveiros lhe respondeu : — Bem sei que és Brutamonte, mas não me movo das tuas razões nem tão pouco me atemorisam os teus soldados; antes te digo, se queres viver em paz que te faças catholico ; porque se não aqui te hei deixar morto e a teu exercito vencido.

Tanto que Brutamonte ouviu fallar em ser christão, cheio todo de ira arremessou a Oliveiros com uma cutilada, que se a lograsse o deixaria sem vida, mas elle se desviou d'ella; e como Brutamonte vinha mui cego e estava sem elmo, teve logar de lhe descarregar tamanho golpe sobre os cascos, que lhe dividiu a cabeça em duas metades até o pescoço, e cahiu morto Brutamonte do cavallo abaixo.

Este successo desanimou de todo o exercito, e os cavalleiros empenhando então o resto das suas valentias, infundiram tamanho horror nos turcos (que por se verem sem general já estavam descorçoados) que se pozeram em declarada e vergonhosa fugida, deixando no campo mais de dezenove

mil mortos, fóra os que no alcance mataram os cavalleiros no caminho.

Capitulo IX

Como os Pares entraram no quarto de Galiana e foi morto Salgueirão e Bradamante.

Descercada d'esta sorte a cidade de Toledo, abriram logo os cidadãos as portas aos cavalleiros; e estes se encaminharam ao paço a fallar a Galiana. Estava ainda a princeza do modo que a deixámos no capitulo sexto, porque na noite d'este dia é que Bradamante tinha com Salgueirão entrado na sua camara; e como a princeza de tempo muito antigo tinha dado ordem que ninguem entrasse no seu quarto sem sua licença ou chamada, teve logar Bradamante de estar ali diante d'ella, e como lhe viu o punhal na mão para se matar, tudo era persuadil-a com razões, que cada vez aproveitavam menos com a constancia de tão heroica princeza.

Mas os Pares que em toda a batalha não tinham encontrado a Bradamante, logo suspeitaram alguma traição, e se foram como está dito ao quarto da princeza. Arrombaram a porta, e quando viram similhante espectaculo ficaram um pouco suspensos; mas Roldão irado contra Bradamante se arremeçou a elle: levou Bradamante da cinta o seu alfange, mas Roldão não lhe deu tempo para que o esgrimisse, porque lançando-lhe as mãos ao pescoço o afogou logo.

O pobre Salgueirão de Lisboes estava tremendo; quiz valer-se da mesma princeza para que lhe procurasse a vida, mas ao tempo que se lhe lançava aos seus pés, lhe deu Oliveiros tamanho bofetão que o estirou: feito isto assim, se pros-

traram os cavalleiros aos pés de Galiana, e com cortezes razões lhe offereceram as suas pessoas e deram os parabens de se ver livre de tamanha desgraça.

A formosa Galiana lhes respondeu : — Nobres cavalleiros, afortunada é quem tem os vossos braços em defesa sua : e assim a mim me dou os parabens e a vós os agradecimentos d'esta acção que só vós poderieis executar : e tomára que não tivesseis já comvosco o premio dos vossos feitos, para poder de alguma sorte premial-os. E dizendo isto, perguntou pelo imperador, e os Pares lhe deram noticia de como elle vinha e mais Galafre cada um na frente do seu exercito.

Galiana se alvoraçou muito e mandou preparar festejos por toda a cidade, e armar varios quartos do seu soberbo palacio para os hospedes que esperava : e o que mais gosto lhe fazia era vir tambem Angelica, de quem estava muito affeiçoada. Os Pares com todos os senhores de Toledo sahiram a encontrar no caminho os exercitos e lhes deram a noticia do vencimento, pelo que esperou Carlos Magno pelo exercito de Galafre para entrar com elle e com Angelica em Toledo.

Capitulo X

Como Carlos Magno e Galafre entraram em Toledo, e do mais que passaram n'esta côrte.

Esperando assim Carlos Magno com todo o seu exercito pelo de Galafre, chegou este tambem com o seu ; e unidos ambos em um corpo, posto na frente d'elle o imperador e Galafre, rodeado dos paladinos, levando Angelica no meio ricamente vestida, entraram pelas duas horas na cidade que

toda se desfazia em vivas, regosijos e festas para applauso dos principes e do imperador.

Foram direitos ao paço, aonde Galiana rodeada das suas damas os esperava na primeira sala, e ali foram tantos os parabens, tantas as lagrimas de gosto choradas de parte a parte, que verdadeiramente só com esta alegria ficavam compensados os sustos, trabalhos e perigos em que todos se tinham visto.

A discreta Galiana, depois de comprimentar o imperador, beijou a mão a seu pai, e d'ahi tomando nos braços a Angelica estiveram mais de um quarto de hora estas duas formosissimas princezas abraçadas, como se de muito tempo se hovessem conhecido; tanto foi o amor que na outra infundiu a formosura e boa graça de cada uma.

Foram-se d'ali todos a uma esplendida mesa, cheia de mil especies e diversas iguarias, aonde comeram e beberam todos muito a seu prazer; e se mandou dar um refresco a todo o exercito, com que se deu bem por satisfeito; d'ahi foram passar o resto da tarde passeando pelo amenissimo jardim que para Galiana tinha Galafre mandado fabricar : e quando Angelica o viu, disse a Galiana :

— Vê tu, senhora Galiana, as diversas obrigações que cada uma de nós deve a seu pai : o teu fez-te um jardim para te divertir, o meu fez-me uma cova para me enterrar.

Respondeu-lhe Galiana : — O certo é, senhora Angelica, que cada uma de nós teve o que não merecia. Disse então o imperador : — Pois por isso Galafre que fez o jardim se vê agora gostoso, alegre e triumphante : e Abderraman que tyrannamente fez a cova, se vê vencido, desterrado e talvez morto. N'estas e outras praticas se divertiram aquella tarde e todas as outras, havendo tambem muitas festas : e de todos o modos procurava Galafre divertir e regalar ao imperador.

Entretanto ia este continuando o galanteio de Galiana, e Roldão o de Angelica, e quando já queriam effectuar os casamentos, que seria para todos o ultimo gozo, não o quiz ainda a fortuna, determinando que o pontifice se visse perseguido em Italia pelo sultão do Egypto, por nome Aliadús, o qual com uma poderosa armada queria destruir as terras da egreja; e assim foi preciso ao imperador ajudar ao pontifice, que lhe escreveu para isso uma carta, e entrar com Aliadús em nova guerra, a qual se conta no quarto livro d'esta historia.

LIVRO QUARTO

Capitulo I

Como Carlos Magno partiu para Italia a ajudar o pontifice contra Aliadús.

Ao tempo que o imperador Carlos Magno estava em Toledo descançando e esperava occasião para fazer os seus desposorios com Galiana, lhe chegou aviso que o sultão do Egypto, por nome Aliadús, com uma poderosa armada investia as costas de Italia; e o mesmo summo pontifice escreveu ao imperador dizendo-lhe o muito que necessitava do seu soccorro, porque se não, infieis se fariam senhores de todos os estados da egreja romana.

O nobre imperador que fôra dado ao mundo para defesa da fé, se não recusou, antes lendo a carta a cavallo, estando para ir á caça, assim mesmo virou a redea e mandando-se despedir por Ricarte de Galafre e Galiana sem se apear, sahiu ao campo, e na frente do seu exercito partiu com toda a pressa em ajuda de pontifice. Acompanharam-o os cavalleiros, e entre todos ia Roldão de má vontade porque deixava a sua Angelica, e já se impacientava de tanta detença, quanta havia para a receber por esposa; mas sempre no seu catholico peito estava primeiro a causa da fé, que a esperança do amor.

Marchou o exercito a toda a pressa, e atravessando Hespanha e França, se lhe foi ajuntando pelo caminho muita soldadesca, de sorte que chegou a Italia em numero de sessenta mil homens, com os quaes se poz o imperador ao pé dos muros de

Pavia, e d'ali mandou Guarim de Lorena por embaixador ao pontifice, dando-lhe parte como tinha chegado com o seu exercito para defendel-o, o que o papa lhe mandou agradecer muito e deitou a sua benção a todo elle.

Pelo contrario Aliadús, quando soube a chegada do imperador, lhe mandou dois reis por embaixadores, sobrinhos seus; um chamado Farisca, rei de Arabia, outro rei de Tartaria, e se chamava Lucrião, os quaes da parte de Aliadús deram ao imperador este recado : — Senhor, o muito poderoso Aliadús, sultão do Egypto, principe do Cairo e imperador do mundo, te avisa que elle se acha pondo cerco á cidade de Gaeta com oitenta navios por mar e duzentos mil homens por terra, cujo poder é bastante a destruir-te; e assim que se não queres a tua perdição, que te retires para o teu reino, quando não que terá a guerra comtigo e te levará ao Egypto por escravo.

Respondeu o imperador : — Dizei a Aliadús que eu sou por officio defensor da minha fé, e assim que se quer que eu me retire, que deixe de a perseguir, e antes a abrace : mas se o contrario fizer, que o hei de castigar; e para uma, ou outra coisa marcho com o meu exercito para o seu campo. Foram-se os embaixadores com a resposta : e diz a historia que Aliadús riu muito com ella, tendo por homem fatuo ao imperador, que com tão pouca gente queria destruir-lhe o seu exercito.

Capitulo II

Como Carlos Magno deu batalha a Aliadús, e fugindo-lhe os soldados, ficaram sós os cavalleiros.

Marchou pois o imperador de Pavia para Gaeta e formando o seu exercito á vista do inimigo, lhe

mandou um recado dizendo, que se queria evitar a batalha, se fizesse christão; e Aliadús respondeu que se queria evitar a batalha, se fizesse turco. Com esta resposta investiu Carlos Magno aos inimigos com todo o seu exercito repartido em quatro corpos, um governado por elle, outro por Roldão, outro por Oliveiros e outro por Gui de Borgonha.

Recebeu Aliadús a batalha; e deixando ficar contra Gaeta a seu sobrinho Lucrião com quarenta mil homens, elle com o resto do exercito se apresentou no campo, governando a vanguarda Roxel, que era rei da Persia, a retaguarda Farisca de Arabia, e elle governava tudo pelo meio da campanha.

Travaram-se as primeiras escaramuças sem vantagem de alguma das partes; e pouco a pouco se foi enfurecendo a batalha de sorte que passada meia hora já não havia distinguir os infieis dos christãos, porque todos misturados uns com outros se confundiam a si mesmos : por toda a parte o que só apparecia era sangue, o que só se ouvia eram vozes; e tanto assim, que Carlos Magno confessou que fôra esta uma das batalhas mais crueis em que se tinha achado.

Os reis infieis eram valentissimos, os Pares já se sabe o que eram : Aliadús como não reservou para si que governar, andava solto pelo campo e se mettia por entre os christãos tão resoluto, que não dava golpe que não fosse mortal : os persas de Roxel brigavam com flechas : os arabios de Farisca batalhavam com fundas; e com umas e outras armas faziam grande damno : Aliadús, levado de um espirito ardente, se chegou aonde estava o estandarte real de Carlos Magno, e matando o alferes o ganhou pelas suas mesmas mãos e o levou de rastos pelo meio do campo.

Muito se desanimaram os christãos com este

successo ; e Aliadús que, além de valoroso, era mui destro, conhecendo o seu desmaio, procurou augmentar-lh'o, trocando-lh'o em declarado medo, e fez gritar aos seus soldados : — Victoria pelo Egypto, vencido é Carlos Magno. De todo perderam com esta voz o animo os christãos, e sem reparar nas suas obrigações deitaram a fugir, deixando só no campo os Pares e o imperador.

Mas estes que até ali, com o cuidado de mandar estavam embaraçados para combater, vendo-se agora sós, entraram a brigar braço a braço e corpo a corpo de tal feição, que bem conheceram os inimigos que elles sós bastavam a vencel-os. Mas como sempre eram tantos e tão valentes se viam os Pares a cada instante embaraçadissimos, cercados e abafados de inimigos, que vinham sobre elles como sobre um javali costumam vir em uma montaria os caçadores.

Capitulo III

Como Lucrião deu assalto a Gaeta, e os soldados christãos a livraram e venceram a batalha.

Vendo Lucrião que (como dissemos) tinha ficado contra Gaeta com quarenta mil homens, a fugida dos catholicos, mandou dizer ao governador da fortaleza, que era um cavalleiro romano chamado Marco Curioni, que se rendesse porque os catholicos tinham fugido. Respondeu o governador que não queria render-se, porque sabia que se tinham fugido os soldados, não o haviam de fazer os cavalleiros ; e emquanto elles estivessem vivos não haviam triumphar os turcos.

Irritou-se Lucrião d'esta resposta, e mandou dar assalto á cidade ; pozeram-se os soldados no muro a defenderem-se ; mas os infieis iam levando

a melhor, porque os de dentro sempre estavam desanimados com a fugida dos outros ; mas estes, que tinham fugido envergonhados de o haverem feito, e sentidos de perderem em Italia a gloria que adquiriram em Hespanha e França, se resolveram a sahir dos bosques aonde estavam mettidos e a recuperar a oppinião que perderam com a fugida ; e sem general que os incitassem, todos ao mesmo tempo se uniram, e formando por si mesmos os seus corpos, vieram como uns raios contra os inimigos.

Viram que o maior perigo era o da praça, porque os infieis no assalto já iam por muitas partes entrando ; e mettendo-se nas trincheiras dos turcos passaram adiante d'ellas, e investiram aos infieis pelas costas com tal brio e tal esforço, que a vantagem que em quatro horas tinham ganho contra a praça, a perderam em uma : deitaram das escadas de mão abaixo todos os que subiam, e subindo então por ellas lançavam fóra os infieis que já estavam dentro : mais de tres mil morreram precipitados do muro abaixo.

Outros batalhando com os que não tinham subido, os degolavam cortando n'elles de tal sorte, que não podendo soffrer os turcos os seus golpes, começaram a fugir desatinados : Lucrião, que estava ferido por tres partes, queria detel-os, mas os seus mesmos soldados rebellados contra elle, o alançavam e fugiam : seguiram-nos os catholicos, e mais de trinta mil degolaram.

Livre d'esta sorte a cidade, não parou ainda aqui a resolução dos soldados ; viram que os cavalleiros se livravam já mui cansados de todo o exercito, e se foram com a mesma furia ajudal-os ; e mettendo-se outra vez com os turcos, mas com mais resolução, em meia hora que restava de dia os pozeram em fugida declarada ; e os turcos valendo-se da noite se embarcaram nos seus oitenta

navios, e sem embargo do escuro, ainda no embarque foram bem perseguidos; e perdendo muita gente que se afogou no embarque, deram á vela para o Egypto.

Capitulo IV

Como os christãos embarcaram e tiveram batalha com a armada de Aliadús.

Bem podera Carlos Magno dar-se por satisfeito com fazer retirar Aliadús, porque isso é o que lhe tinha o pontifice pedido; mas passando a mais o seu catholico zelo, mandou aprestar todas as náos de guerra que havia nos portos da Italia, e tanto que teve junta uma boa armada de cincoenta náos grandes e quasi sessenta barcas, caravelas e fustas, se embarcou n'ella com os seus cavalleiros e soldados e navegou em busca de Aliadús.

Depois que correu varios portos, o foi encontrar em Chypre aonde se tinha recolhido a fazer aguada, e já a tinha feito e queria dar á vela. Tanto que o imperador o conheceu, formou a sua armada em batalha, e lhe mandou uma fusta em que ia embarcado o duque Nemé, o qual chegando á capitania de Aliadús lhe disse que entregasse a sua armada; e o sultão respondeu que se retirasse depressa, por que elle iria dar a Carlos Magno a resposta.

Veiu com ella o duque Nemé, e Aliadús dividiu a sua armada em tres esquadras : uma da capitania, que governava elle; outra da almiranta, que tinha Farisco; e a terceira da fiscal, que governava Roxael. Feito isto assim, começaram em ambas as armadas os clarins, timbales e trombetas a dar signal da batalha e logo se investiram

uma á outra com resolução tão desesperada e com tamanha furia, que ferrando-se umas náos ás outras com ganchos de ferro, se abordaram logo e começaram os soldados a batalhar corpo a corpo com a maior furia que se viu no mundo.

A náo fiscal em que ia Roxael, abordou a capitania em que ia o imperador : e Roxael saltando na pôpa da náo investiu a Carlos Magno com a espada na mão, desejoso de adquirir no mar a gloria que perdera na terra; sahiu-lhe ao encontro o imperador com a sua espada joiosa feita pelo celebre Gallus, e na pôpa do navio travaram singular batalha.

Mais de uma hora combateram sem vantagem, até que Roxael usou de um estratagema para apresionar o imperador, fingiu que fraqueava na batalha, e pouco a pouco se foi retirando até que saltou outra vez no seu navio : seguiu-o logo o valeroso Carlos Magno; e Roxael tanto que o viu dentro, que era o que queria, mandou soltar os ganchos da capitania contraria, e deu á vela com animo de levar prisioneiro o imperador,

Quando este viu o perigo em que estava, levantou o pensamento ao ceo e disse no seu coração : — Deos e Senhor meu, não permittaes que por tão estranho modo seja prisioneiro este vosso servo; vede que periga a vossa christandade se se perde a minha vida, ainda que conheço a podeis defender sem ella. Ouviu Deos a petição de Carlos Magno, porque no meio d'este grande perigo, uma das náos christãs abordou a náo de Roxael; e conhecendo tres cavalleiros ao imperador, saltaram dentro e o começaram a ajudar com tal fortuna, que mataram a guarnição toda, e Roxael que de joelhos pedia a vida, por piedade do imperador ficou prisioneiro de guerra.

Capitulo V

Como se continuou a batalha, e sendo prisioneiros Farisca e Roxael, fugiu Aliadús.

Tanto que o imperador se viu senhor da náo, fez abater a bandeira infiel e arvorar a christã : e deu por isso logo ali graças a Deos. Entretanto a náo em que ia Farisca tinha abordado a de Roldão; e saltando este dentro, tanto que Farisca o soube, se escondeu de puro medo que tinha d'elle. Roldão que o não viu, ameaçou os soldados de queimar a náo se lh'o não descobrissem : e não querendo elles fazel-o os foi passando á espada, até que lh'o trouxeram acima e ficou prisioneiro de guerra.

Nas outras náos havia cruelissima peleija; a de Urgel de Danôa nadava em sangue; e a de Hoel de Nantes da mesma sorte; e era tanta a multidão de cabeças, braços e pernas cortadas que havia dentro que não se podiam segurar os soldados. O mesmo mar estava vermelho, e todo este estrago acompanhado dos instrumentos bellicos, fazia o mais triste espectaculo do mundo.

As náos de Lamberto de Bruxellas, Tietri de Dardania e Gui de Borgonha tinham atacado a capitania de Aliadús e aqui é que foi toda a força da peleija, porque este barbaro era em verdade valentissimo e dos infieis só Abderraman lhe podia competir. Estava ao pé do mastro grande da sua náo, e d'ali batalhava de sorte, que nenhum christão lhe chegava ao pé, porque a todos fazia afastar; mas os catholicos combatendo com os soldados lh'os mataram quasi todos e Aliadús se viu ao pé do mastro totalmente só.

N'isto olhou para a sua armada e viu todos os seus navios, uns com bandeira christã, outros fu-

gindo a todo o panno; e entrou o seu coração em tal agonia de desesperado, que de novo se metteu por entre os francezes e fez n'elles um cruel destroço, e entre tantos mortos de que se via cercado, e ora escorregando no sangue, ora tropeçando nos corpos, se dava já por vencido.

Quiz matar-se ali a si mesmo : mas parecendolhe desproposito, mandou pôr fogo á capitania em que estava; para que os christãos se não aproveitassem d'ella, que era uma náo coisa estupenda : e elle como nadava bem se deitou ao mar, e nadou para outra tambem sua que o recebeu; e mettendo todo o panno para o seu reino do Egypto, tão triste e tão pensativo, como quem deixava perdidos seus sobrinhos, a sua armada e o seu exercito.

A náo queimada pegou o fogo ás tres que estavam com ella, e esteve em termos de arder a armada christã toda : Lamberto, Tietri e Gui de Borgonha se lançaram a nado e se recolheram á náo de Carlos Magno : quizeram os christãos seguir os mais navios, mas sobreveiu a noite e como a batalha tinha durado dez horas, estavam todos cançados, e julgavam melhor contentar-se com o muito que tinham feito, pois dos oitenta navios de Aliadús só escaparam quinze, e ficaram prisioneiros Farisca e Roxael.

Capitulo VI

Trata-se da ilha Cofornia e de outros pasmosos successos.

Vencida assim tão assignalada victoria deram todos graças a Deos por ella, e Carlos Magno entrou no porto de Chypre com toda a armada, e ahi esteve tratando do que era preciso para ella, e passados oito dias deu á vela para Italia. Tinham

navegado dois dias quando se lhes cerrou o ar com uma tão espessa nevoa, que em oito dias que durou, não souberam os pilotos o que haviam de fazer; e perdendo o norte não sabiam para onde haviam navegar.

No fim dos oito dias descobriram terra, mas desconhecida : desembarcaram n'ella todos, e era cheia de bosques e arvoredos : mas todas as prais estavam desertas, ainda que havia muitos signaes de ser povoada; porque tinha arvores cortadas, casas de palha e pégadas de gente. Metteram-se os cavalleiros pela ilha dentro a descobrir o que era e a vêr se encontravam quem lhes désse alguma noticia: e andando coisa de uma legoa pela terra dentro, viram ás portas de um grande templo um concurso de gente tambem grande.

Chegaram-se de perto e viram que o templo era de madeira, mas tão bem entalhado por fóra, que era uma maravilha : a gente toda estava sem alguma cobertura, tanto homens como mulheres, e todos eram de côr parda a modo de mulatos : quizeram os cavalleiros perguntar-lhes o que eram, mas todos a um ponto deitaram a fugir tão ligeiros, que os Pares que iam a pé e armados não podiam alcançal-os.

Entraram no templo, e era todo coberto de ouro fino pelas paredes, e tinha vinte lampadas do mesmo metal, coisa mui rica : no meio do templo estava um altar todo de pedras finissimas, a saber : diamantes, saphiras, emeraldas, etc. em cima d'elle sentado em uma cadeira estava um homem com o corpo tambem nú, e só na cabeça tinha um cucar de plumas de varias aves tão levantado, que chegava quasi ao tecto da egreja.

Ao redor do altar assistiam quarenta homens com cucares tambem, mui pequenos : os cabellos eram tão compridos que lhes cobriam o corpo; as barbas rapadas, todos com os olhos no chão e tão

socegados de animo, que os não levantaram nem para vêr o reboliço que com a fugida fez o povo : tinha cada um na mão uma campainha de diverso tom, que continuamente tocava : e as quarenta campainhas tocando sempre, faziam um alarido que não havia quem podesse soffrel-o ; diante do altar havia setenta aguias degoladas em grandissimas bandejas todas de ouro.

Ficaram admirados os cavalleiros de tudo o que viram ; e perguntando a um dos quarenta algumas coisas, nenhum respondia palavra e continuavam com o som das campainhas, até que Oliveiros desesperado já de semelhante harmonia saltou ás bofetadas nos taes homens, e fez fugir pelo templo fóra com os outros e muitos d'elles bem maltratados : e d'ahi disse ao idolo do altar que descesse para baixo, senão que lhe faria o mesmo.

Desceu pontualmente o idolo, e não só o fez, mas pondo-se de joelhos aos pés dos paladinos, lhes disse em lingua franceza que se queriam a vida se retirassem da egreja, porque em fazerem o que fizeram tinham irritado aquelles quarenta homens, os quaes convocando os da terra haviam vir contra elles e tirar-lhes as vidas. Disse-lhe Oliveiros : — Homem, quem és tu que fallas tão bem francez, e que terra é esta tão barbara e tão bruta ? Elle lhe respondeu : — Senhores, agora é tempo de cuidardes só em defender-vos como poderdes, porque estes homens vêm contra vós e hão de matar-vos.

Respondeu Oliveiros : — Homem, tu sabes o que dizes ? Nós somos os Pares de França, e como é possivel que nos vença uma gente tão bruta ? Respondeu-lhe o idolo : — Senhor, d'aqui a um quarto de legoa é a provoação d'estes homens tão grande, que tem mais de dois milhões de pessoas capazes de pegar em armas, porque tanto as esgrimem homens como mulheres ; as que usam são

archas e pelotas que jogam com tal destreza, que não ha quem lhes resista. Estando n'esta pratica viram vir ao longe um grande tropel de gente, e como conheceram que eram os que vinham para a batalha, fizeram os cavalleiros conduzir da armada grande numero de soldados para se lhes oppôr, o que se verá no capitulo seguinte.

Capitulo VII

Como os christãos tiveram batalha com os da ilha Cofornia e os venceram.

O tempo que gastaram os barbaros em chegar ao campo, gastaram os catholicos em sahir da armada; e de uma e outra parte se começou uma terrivel batalha. Dispararam os da ilha as suas pelotas com pontaria tão certa, que logo ali ficaram mortos sessenta francezes; chegaram mais de perto, e armando segundos tiros mataram cento e quarenta; chegaram-se mais e cahiram quatrocentos; largaram os primeiros as pelotas e começaram com as archas a dar tão fortes feridas, que apenas descarregavam golpe que não valesse uma vida; e entretanto os que ficaram atraz continuavam com as pelotas, e como não erravam tiro, era incrivel a mortandade que nos catholicos faziam.

Estes da sua parte tambem não faziam pouco, porque além de brigarem com a sua costumada valentia, como os da ilha estavam nús, cortavam n'elles as espadas sem resistencia alguma; Roldão já não dava golpe que não partisse pelo meio de alto a baixo ao triste que o levava: outros os dividia pela cintura, cahindo no campo cada meio corpo para a sua parte: e a este respeito obravam os mais cavalleiros: mas que importava isto, se os da ilha eram tantos e estavam tão obstinados, que

sem cuidar nos que dos seus morriam, só tomavam sentido nos que dos christãos matavam.

Tão sanguinolenta batalha se não viu jámais no mundo, e o mesmo Carlos Magno chegou a desconfiar do vencimento, porque contra dois milhões de homens destros nas suas armas, ainda que despidos, quem lhes faria resistencia? O seu deos que estava no altar tudo era persuadil-os a que se accommodassem, mas elles cada vez mais obstinados, já n'este caso nem do seu deos o faziam.

N'estes termos disse o duque Nemé para Carlos Magno: — Senhor, nós perdemo-nos aqui todos sem remedio; parecia-me a mim que nos fossemos retirando para a armada e déssemos á vela: e então de noite tornassemos á praia e montados nos cavallos, o que agora não fizemos, viessemos contra elles; porque como são tão barbaros, vendo-nos a cavallo (o que nunca viram) cuidarão que somos coisa do outro mundo; e quando não, sempre montados lhes resistiremos mais seguros.

Pareceu bem a Carlos Magno este conselho, e mandando tocar a recolher se foram todos para os navios, perseguidos dos barbaros, que tanto que os viram embarcados ficaram mui contentes, sem repararem em que lhes tinham feito em postas mais de cento e cincoenta mil dos seus. A armada se fez á vela; mas tanto que anoiteceu tornou na volta da praia, e desembarcando de noite montaram todos os regimentos a cavallo e vieram marchando para o templo.

Amanheceu, e vindo os da ilha todos á oração como era seu costume, e sem armas por lhes ter prohibido o seu deos chegar ao templo com ellas (e assim estavam no dia antecedente, pelo que correram a buscal-as): tanto que viram aquelles homens a cavallo ficaram espantados, e querendo correr aos seus armazens, metteram os francezes de galope atraz d'elles, e muito mais pasmados fi-

caram quando viram que tanto corriam, e os francezes atropellando-os com os cavallos chegaram á cidade, e pondo fogo aos armazens deixaram aos pobres da terra sem algum recurso.

Correram todos a refugiarem-se no templo : e pegando no seu idolo ao collo gritavam em altas vozes : « Zambalá garatu poar », que na sua lingua quer dizer : Deos pede por nós. O idolo então se pôz de joelhos diante de Carlos Magno, e lhe pediu mandasse aos seus soldados não fizessem mais matança n'aquelles miseraveis brutos, e o imperador o fez assim : e depois disse a Diomar, que assim se chamava o idolo, lhe contasse tudo como era, sob pena de lhe custar a vida.

Capitulo VIII

Em que Diomar dá conta do successo e da ilha Cofornia.

Disse então o idolo Diomar : — Senhor, eu sou de nação franceza e teu vassallo, filho da provencia de Bretanha, aonde tive pais de claro nascimento, más mui pobres : queriam elles que servisse a um dos principes, mas o meu genio altivo o não consentia, e assentei praça de soldado. Achei-me em muitas guerras na Allemanha, até que pretendendo uma companhia, porque o meu general m'a não quiz dar, eu o matei ; e fugindo pelo meio do exercito, andei quatro annos por Allemanha foragido e feito capitão de uma tropa de bandidos, e vivi do que roubei estes quatro annos.

Perseguido da justiça me embarquei em Marselha, e arribando a náo ao Egypto, fui escravo do sultão Aliadús quasi tres annos e servi nas galés; mas achando modo de fugir em uma embarcação

com que me levantei, me fiz pirata no mar; e quasi sete annos infestei as costas da Europa e Africa com extraordinarios successos, que por não enfadar vos não repito.

Em fim navegando uma vez das costas de Natolia para as da Grecia, me encontrei com uma armada do imperador de Constantinopla, a qual perseguindo-me muito, eu fiz pôr fogo ao meu navio, e me salvei na lancha com só outro companheiro : mas como no cabo de tres dias me visse morrer á fome, o matei para comer; e acabando-se este sustento, fui comendo das taboas da lancha pouco a pouco até que me vi só com uma taboa em que pude segurar-me; e andando mais de um mez d'esta sorte perdido me dava já por morto, quando uma madrugada pegado á dita taboa vim encalhar nas praias d'esta ilha,

Estavam n'ellas estes homens, que mais parecem brutos, e tanto que me viram chegar, me tomaram ao collo, levaram-me ao templo e me começaram a render culto, e tanto que pelo uso lhe entendi a lingua soube que elles adoravam o mar; e vendo que eu vinha sustentado (ao que cuidaram) sobre elle, metteu-se-lhes em cabeça que eu era seu filho e me fizeram seu deos sem algum remedio : aqui vivo ha sete annos.

Os homens e mulheres andam nús como vêdes; têm n'esta ilha minas de ouro e prata; e aqui vivo sem conhecer gente, porque alguma embarcação que derrotada chega a estas praias a destroem e lhe matam a gente ; e te confesso, senhor, que ainda que adorado, vivo tão enfastiado de uma vida tão fóra da lei de Deos, que não te peço misericordia para ter a vida, mas sim para ter tempo de ir a Roma deitar-me aos pés do pontifice e salvar-me, se acaso depois de uma tão estragada vida o conseguir a minha fortuna.

Capitulo IX

Do que mais passou o imperador na ilha até embarcar para Italia.

Acabou Diomar a sua pratica com tantas lagrimas, que todos os circumstantes o acompanharam n'ella; e o mesmo Carlos Magno que nunca chorou em sua vida, dizem os auctores que n'esta occasião chorára. Perdoou a Diomar e lhe disse fallasse pela lingua ao seu povo, para que quizesse receber a religião christã, e elle esteve tres dias com elles a argumentar, até que no fim d'elles consentiram em a seguir; Carlos Magno ficou de lhe mandar de Roma padres para lh'a ensinar.

Os barbaros obrigados da clemencia de Carlos Magno, e preoccupados já (bem que justamente) do Deos dos christãos, tiraram as riquezas todas do seu templo e as offereceram ao imperador para que as levasse ao summo pontifice; e importavam em mais de oitenta milhões de ouro; depois d'isso muitos d'elles quizeram ir na armada, e Carlos Magno o consentiu.

Mandou enfim o imperador fazer uma grande fortaleza de terra e barro, porque pedra não a havia; e n'ella poz de guarnição seis mil soldados. No templo mandou pôr a Santa Cruz de Christo, e logo ali instruiram nos principaes mysterios aquelles povos : e embarcando-se com Diomar na armada deram á vela para Roma, carregados de ouro e de riquezas; e o imperador com o gosto não só de ter vencido Aliadús e livrado as terras da egreja, mas de reduir ao seu gremio a gente d'aquella ilha.

Iam prisioneiros na armada Roxael e Farisca: e aquelle pediu ao imperador o quizesse fazer Par, para brigar tambem pela fé: e o imperador lhe disse que era necessario primeiro baptizar-se para ser christão, e que sem isso não podia ser Par, mas que em se baptizando promettia de o fazer; Roxael ficou mui contente e o disse ao seu amigo Farisca, mas este tomou isso muito a mal, e disse que era um infiel porque queria renegar da sua lei: enfadou-se Roxael de que Farisca o tratasse assim, e lhe deu um murro nos queixos que lh'os deitou fóra.

Saltou Farisca n'elle com as mãos ambas e lhe tirou enteiramente todos os cabellos das barbas: acudiu o imperador, e informando-se da causa d'esta bulha, mandou apartar um do outro para lhes evitar a occasião de terem outra pendencia: e foi a armada continuando a sua navegação para a Italia,

Capitulo X

Como a armada do imperador padeceu uma grande tempestade e aportaram todas as nàos a Sicilia.

Começou a este tempo a embravecer-se o mar alguma coisa, e levantando-se no céo um nevoeiro muito espesso, se foi escurecendo o ar e ficou como se fôra noite. Veiu crescendo o vento e encapellando-se as ondas com desesperada furia, e se declarou uma tempestada medonha. Começou a trovejar e os relampagos eram tantos que suppriam a luz que faltava, porque successivamente um depois de outro faziam que sempre o mar se visse claro.

Começaram os pilotos e marinheiros a usar dos remedios que ensina a arte de navegar n'estes conflictos, mas vendo que eram todos em vão, porque a todos vencia a tempestade, deixaram de todo o governo dos navios; e entregando-se á discrição das ondas começaram a pedir a Deos misericordia.

Carlos Magno como tão catholico que era se poz de joelhos, mas nem assim podia estar, porque a náo com os salavancos que dava, o lançava de uma parte a outra, como se fora uma levissima péla : encommendou-se a Deos de todo o seu coração, e lhe encommendou tambem as vidas de seus soldados, especialmente as dos cavalleiros, os quaes cada um no seu navio faziam o mesmo, e já esperavam a morte como fim de tudo.

Durava a tempestade e cada vez crescia com mais força; e Diomar chorava muita lagrima pedindo a Deos se lembrasse de sua alma e o deixasse chegar a tempo de fazer uma verdadeira penitencia. Roldão entre tanto perigo se lembrava tambem da sua Angelica, e era inconsolavel a pena que tinha de a não chegar a ver esposa sua. Todos os mais pelos seus motivos, principalmente pelo da morte, se viam nas ultimas angustias; só Farisca o que fazia era blasfemar da sua vida e pedir a Mafoma que mettesse a fundo toda a armada.

Mandou-lhe Carlos Magno dizer que tapasse a bocca, e elle respondeu que não queria; e o imperador quiz tomar d'elle vingança, mas para que Deos tivesse com a armada misericordia, quiz tambem ter clemencia com Farisca: e parece que Deos se agradou tanto d'esta piedade, que de repente havendo doze dias que durava a tempestade, começaram a sentar-se as ondas, a descobrir-se os ares e a diminuir os ventos, com que em todos entrou a alegria maior que se póde imaginar.

Quasi todas as náos tinham quebrados os mastros, safadas as cordas e rotas as velas de tal sorte, que ainda que estavam livres da tempestade não podiam navegar para diante sem as concertar: estavam á vista da ilha Sicilia, e ali tomaram porto para refazer-se de todo o necessario: desembarcaram em terra os destroçados navegantes; mas apenas o tinham feito, quando com novo successo se viram em novo e maior perigo.

Capitulo XI

Como o monte Ethna deitou chammas, e Farisca, que as foi reconhecer, acabou n'ellas.

Ha em Sicilia um monte altissimo e bem conhecido, que se chama o monte Ethna; este continuamente deita do seu cume lavaredas que se divisam de muito longe, e diziam os gentios que ali era a forja de Vulcano, que tinham por deos do ferro e fogo. Tanto que os cavalleiros aportaram na ilha, começou o monte a deitar maiores e taes, que subiam ás nuvens, e parecia que se abrazava não só o monte, mas a ilha.

A todos causou notavel horror esta novidade; e ainda se augmentou o susto quando o monte atraz das lavaredas começou a deitar uma grande enxurrada de betumes ardentes, que despenhandose por todas as partes do monte vinham abrazando tudo o que encontravam. Perdidos eram todos se a enxurrada vinha pelo sitio onde estavam, porque então forçosamente eram levados das chammas sem algum remedio.

Poz-se Carlos Magno de joelhos e todo o seu exercito, e disse: — Senhor Deos, a quem amo sobre todas as coisas, contra esta casta de inimi-

go só vós podeister armas. Não permittais, Senhor, que um exercito tão catholico e que tanto vos tem servido, pereça d'esta sorte tão sem proveito já que quizestes livrar-nos das mãos dos infieis, que por tantas vezes nos podiam vencer, se vós não fosseis, livrae-nos tambem agora d'este perigo, de que só vós nos podeis livrar.

Dito isto para o céo, virou-se para os cavalleiros e soldados, e lhes disse em alta vozes : — Filhos, bem vêdes o castigo que vem sobre nós por vontade de Deos; o que podemos fazer é conformarnos com ella, e postos aqui todos de joelhos com os rostos em terra pedir-lhe se compadeça das nossas almas, se fôr servido que estas chammas nos tirem as vidas.

Responderam todos : — Estamos promptos para abraçar com gosto o que Deos fôr servido. Ora este espectaculo por certo que havia ser a coisa mais devota do muudo, vêr uns principes tão grandes, uns homens tão valentes prostrados por terra, tão resignados na divina vontade que nem os olhos levantavam para ver se as chammas vinham : mas entre todos os que estavam assim, só Farisca tinha ficado em pé, e como homem doido o desesperado, começou a dizer que todos eram uns fracos por que se não atreviam a fazer caminho áquellas lavaredas para outra parte ; e dizendo isto, subiu pelo monte acima a encontrar-se com ellas.

Quizeram detel-o os soldados mas elle correu muito, e elles não querendo ser queimados no fogo que já vinha muito perto e por não desobedecer ao imperador, se tornaram a pôr de joelhos como estavam. Subiu Farisca ao monte, e tanto que a enxurrada lhe ia chegando, lhe disse : — O' fogo, por Mafoma, a quem adoro, torna para traz, que em seu nome t'o mando. Mas o fogo não fazendo caso algum do preceito, continuou o seu caminho

e apanhando Farisca o deixou abrazado e d'ali correu ao mar, mas por outro caminho longe do sitio aonde estava o exercito.

Deram todos graças a Deos por os ter livrado de tão evidente perigo: Carlos Magno, em agradecimento de tão grande beneficio, mandou edificar n'aquelle sitio um grandissimo templo, e lhe deixou rendas para o culto divino se fazer com toda a grandeza.

Capitulo XII

Como Carlos Magno navegou para Roma, e ahi se confessou Diomar e baptizou Roxael.

Esteve o imperador em Sicilia todo o tempo preciso para reformar a sua armada, e tanto que esteve prompta se embarcou n'ella com todo o seu exercito e chegou á costa de Italia. Tando que o pontifice o soube, mandou fazer arcos triumphaes por todo o caminho que ia até Roma, e por elles passou o imperador em triumpho com os Pares e todo o seu exercito, e chegando ao palacio do Vaticano beijou o pé ao pontifice e o mesmo fizeram todos os cavalleiros.

Feito isto, apresentou o imperador ao papa todas as riquezas que trouxera do templo de Cofornia, e lhe contou os successos da sua navegação, e lhe pediu mandasse áquella ilha padres que instruissem os naturaes nos mysterios da nossa santa fé; e o pontifice assim lh'o prometteu. Depois lhe apresentou Roxael e Diomar, o primeiro para se converter, o segundo para se confessar; e o papa os recebeu mui benignamente, e pela sua mesma pessoa confessou Diomar e baptizou Roxael.

Diomar tanto que se viu confessado e absolvido,

pediu licença a Carlos Magno para ir para a ilha Cofornia com os padres que mandava a ella, tanto para lhes ensinar a lingua, como para fazer n'ella penitencia : porque queria que na terra aonde foi mais escandalosa a sua vida, fosse maior a sua penitencia; o imperador lh'o concedeu, e elle se embarcou com os padres, chorando mil lagrimas aos pés do imperador e dos cavalleiros quando se despediu.

Roxael foi armado cavalleiro pelo imperador e Roldão foi seu padrinho; e foi admittido no numero dos Pares, fazendo primeiro juramento de defender a fé catholica até ao ultimo instante da vida, como é costume : e era tal o gosto que tinha de se ver feito Par, que não cabia em si de contente. O imperador se preparou para ir a Toledo buscar Galiana para sua mulher, se despediu do pontifice, que lhe deu muitas e grandes reliquias e dos cavalleiros, de que ficaram muito satisfeitos : e o imperador antes de se ausentar sahiu em publico da cidade de Roma e todo o povo concorreu a vel-o, e dizia em altas vozes : — Viva o nosso imperador Carlos Magno e os seus honrados cavalleiros.

O imperador ia deitando ao povo muito dinheiro de ouro e prata; e muitos pobres ficaram ricos, e rogavam a Deos mandasse muitos bens ao imperador e lhe chamavam seu pai, o que o imperador estimava muito, que tanta era a sua piedade. O papa quiz fazer cardeal o arcebispo Turpim, mas elle lhe pediu por humildade que o não fizesse, pois queria antes ser só arcebispo e acompanhar o imperador.

Capitulo XIII

Como Carlos Magno voltou a Hespanha e em Gascunha destruiu uma tropa de ladrões que o queriam roubar.

Despedido assim Carlos Magno do pontifice, partiu para França, fazendo por ella caminho para Hespanha: ao passar os montes Alpes teve o exercito grandissimo trabalho por causa das neves que continuamente cahem n'aquelles montes: e muitos soldados ficaram inteiriçados e mortos do regelo, outros perdiam a falla porque se lhes apertavam os dentes de sorte que não os podiam abrir nem para comer, e assim morriam de fome: em passar estes montes Alpes gastou o exercito quatro mezes, e morreram mais de seiscentos soldados, do que o imperador teve grande sentimento, mas não lhes podia dar remedio.

E o arcebispo Turpim, tanto que chegaram á primeira terra de França, fez um muito altissimo sermão a todos os soldados, dizendo-lhes que vissem o lucro que se tirava das coisas do mundo, que de todo o modo eram contrarias aos homens; e trouxe á memoria o fogo do Ethna e frio dos Alpes, as tormentas do mar e as batalhas da terra; para que vissem que os mesmos elementos que os sustentavam, eram os maiores inimigos que tinham.

Depois d'este sermão despediu o imperador os soldados para os seus quarteis e lhes deu muitos thesouros e mandou que fossem para as suas terras, e n'ellas vivessem santamente, já que Deos fôra servido dar-lhes depois de tantas victorias este tempo de descanço, e os soldados um por

um abraçaram o imperador e choraram muitas lagrimas por haver de apartar-se d'elle, e muitos desejavam que houvesse mais guerras só por andarem na sua companhia e diziam que mais queriam os trabalhos á sua vista, que o descanço nas suas terras : Carlos Magno se pasmava muito d'este amor, e chorava tambem com elles, que sempre foi muito amante dos seus soldados.

Os Pares não se quizeram ir, e disseram que queriam assistir ao seu casamento e ao de Roldão, e o imperador o estimou; e deixando só quatro mil homens para guarda da sua pessoa, foi caminhando com os seus cavalleiros para Hespanha. Chegou a Gascunha e anoitecendo-lhe em um campo, ali mandou armar suas barracas : e como não se receava já de guerra se deitou a dormir e todos muito a seu salvo.

Pela meia noite chegou áquelle sitio um famoso ladrão, que era cabeça de uma quadrilha de dois mil os quaes eram homens malfeitores que tinham fugido das cadeias e andavam foragidos por aquelles montes : quando viram tão boa occasião de se aproveitar dos thesouros que trazia o imperador, pozeram-se todos a pé e se foram mettendo pelas barracas; e cada dois se punham com os punhaes nús ao pé dos que dormiam, em quanto os outros esquadrinhavam os cofres e as malas para levar o que achassem.

Entraram na tenda imperial, e pozeram-se seis com os punhaes á cama do imperador e os mais começaram a revolver a bagagem.

A este tempo começaram fóra a espantar-se os cavallos que tinham deixado presos : e de sorte se espantaram, que entre si começaram a morder-se de modo, que quebrando as redeas entraram á desfilada pelo campo.

Os ladrões que sempre vivem com medo por conta do seu delicto, vendo aquelle tropel enten-

deram que era cavallaria armada que os vinha matar, largaram tudo o que faziam, e correram a tomar os seus cavallos, ou para se pôrem em resistencia, ou para buscarem fugida: a noite era escurissima e não achando os cavallos no sitio andaram-os buscando mas como estavam espalhados, impossivel era conhecel-os a todos.

A este rumor despertaram os da companhia de Carlos Magno, e vestindo-se e armando-se a toda a pressa, sahiram fóra das tendas e acharam os miseraveis ladrões que a pé, unidos em um corpo, queriam fazer resistencia, mas saltaram n'elles e matando metade, prenderam os outros, que por ordem do imperador foram todos enforcados em numero de mil e quinhentos,

Capitulo XIV

Como Carlos Magno foi ajudar Astolfo de Inglaterra contra Olão de Dinamarca e este o desafiou, e Carlos Magno não acceitou o desafio.

Feito tão justo castigo, deu o imperador graças a Deos por o livrar de perigo tamanho, e foi continuando a jornada para Toledo, e d'ali por diante sempre que dormia tinha sentinellas por todo o campo como se fosse em tempo de inimigos. Chegaram a Aragão, e em Saragoça lhes fizeram grandes festas: e Roxael entrou nas justas, e fez bizarras proezas com que procurava merecer o nome de cavalleiro que tinha: e com estas festas se detinha o imperador contra sua vontade, porque o que só queria era já ver Galiana: mas por não desgostar os da terra assistiu o tudo que lhe queriam fazer, com muita alegria.

Mas ainda se lhe prolongou mais o seu gosto com uma carta de Astolfo de Inglaterra, pedindo-lhe ajuda contra Oláo de Dinamarca, que com uma poderosa armada em que ia embarcado um formidavel exercito invadia o seu reino. Era Astolfo um dos cavalleiros de Carlos Magno e o tinha ajudado em muitas guerras, pelo que o imperador lhe respondeu que faria o que lhe pedia, e com os quatro mil homens que tinha e os cavalleiros marchou na volta de França para d'ahi passando o mar com mais soldadesca, chegar a Inglaterra.

Assim o fez e ajuntou muito brevemente trinta mil homens, e embarcando-se em muitos navios que tinha nos seus portos, chegou a Londres aonde estava Astolfo, o qual tinha já perdido muitas cidades que Oláo lhe havia conquistado. Tanto que o dinamarquez soube a vinda do imperador, não lhe pesou com isso porque se tinha em conta de muito valoroso, e queria provar as forças com Carlos Magno.

Mandou desafial-o para singular batalha e o imperador acceitou o desafio, mas nenhum dos Pares o quiz consentir, e postos de joelhos diante do imperador, lhe pediram por premio dos seus serviços que não sahisse ao desafio : por que ainda que seu valor era muito, os casos da fortuna eram incertos e na sua pessoa se perdia tudo.

Roldão disse mais : — Senhor, o teu valor é bem conhecido; e em não sahires a este desafio nada perdes do teu credito; antes diminues a tua auctoridade em sahir a contender com quem não é imperador. Não tem sido tão poucas as occasiões em que tens mostrado o teu esforço, que entenda agora este soberbo que deixas de batalhar cam elle por temor. De nenhuma sorte queria Carlos Magno consentir, mas tanto pediu Roldão o téque venceu, e o imperador lhe disse : — So-

brinho, por amor de ti falto ao que quero, mas que resposta havemos de dar a Oláo? Respondeu Roldão: — Deixa isso á minha conta que verás a que lhe dou, em que por força elle ha de ficar mal. E dizendo isto chamou o trombeta que tinha trazido o recado de Oláo, e lhe disse: — Dize a teu senhor Oláo de Dinamarca, que o imperador meu tio e meu senhor não acceita o seu desafio; mas que eu o acceito e sahirei com elle ao campo. Foi o trombeta e trouxe por resposta: — Que Oláo não brigava com Roldão, porque Roldão não era rei. Então Roldão cheio de gosto de lhe vir tanto a ponto o que queria, disse ao trombeta: — Pois dize a teu rei que Carlos Magno não briga com Oláo porque Oláo não é imperador; e todos gabaram a subtileza de Roldão.

Capitulo XV

Como se deu batalha entre Carlos Magno e Oláo de Dinamarca, e este fugiu.

Muito se enfadou Oláo d'esta resposta, e logo formou o seu exercito em batalha e mandou dizer ao imperador que mandasse os seus Pares todos a contender com outros tantos dinamarquezes, e o imperador o fez assim; mas os dinamarquezes ficaram todos mortos, sem algum dos Pares ter o minimo perigo. Picou-se muito Oláo e mandou outros tantos dos seus, mas succedeu-lhes o mesmo; mandou terceiros e aconteceu-lhes o proprio; até que desesperado moveu contra os Pares todo o seu exercito que era de sessenta mil homens.

Esperaram os cavalleiros a pé firme o exercito todo, como se viessem contra elles só outros tantos cavalleires; quando Oláo viu esta constancia

rasgou os vestidos, e disse em altas vozes : — Oh afortunado Carlos Magno, que tens para vassallos uns homens tão valorosos ! Só tu és rei no mundo porque quem é senhor de taes homens só é rei. Mas eu quero ver se venço com o meu exercito estes monstros de valor. Dizendo isto mandou tocar a investir.

Acommetteu-os o exercito todo, e os cavalleiros esperaram o seu encontro no meio do campo, que por credito seu, nem um passo só deram atraz a encorporar-se com o de Astolfo e Carlos Magno, e assim sustentaram firmes o primeiro acommettimento, e passaram-lhe os batalhões por uma e outra parte sem elles recuarem nem um passo, antes deixaram muitos inimigos mortos.

Moveu-se então contra Oláo o exercito de Carlos Magno e Astolfo e se travou uma cruel batalha que durou todo aquelle dia, e nem com a noite se apartou a peleija ; porque estavam tão misturados, tão enfurecidos uns contra os outros, que pelo mesmo escuro se foram degolando : e foi esta uma das coisas maiores que succederam no mundo : porque muitas vezes os mesmos amigos se matavam sem querer uns aos outros : e era tal a grita, a confusão e o alarido, que o mesmo inferno não podia ser mais medonho.

Os golpes das espadas, o bater das ferraduras, gritos dos que morriam, as raivas dos que matavam faziam parecer que se tornava o mundo um abysmo ; e o que mais horror mettia era a certeza de que muitos naturaes haviam matar-se uns aos outros, e talvez que uns com outros batalhassem os mesmos cavalleiros ; porque como se não via, dava-se por onde se achava.

Em fim chegou a desejada manhã, e appareceram todos aquelles campos feitos um poço de sangue o corpos mortos. Tristissimo espectaculo, e na verdade theatro mais que horrendo ! Conhece-

ram-se já uns aos outros : e os soldados de Oláo eram já poucos, por que quasi todos tinham ficado mortos : o que visto por Oláo deu a victoria por perdida e salvou a vida na fuga ; e os poucos soldados seus que ainda duravam, pozeram as armas em terra e lhes perdoaram as vidas. Com que de sessenta mil homens que Oláo trouxe de Dinamarca, nem um, excepto elle, tornou á sua terra.

A perda de Carlos Magno e Astolfo foi de tres mil homens : e logo foram ambos reconquistar as terras que Oláo tinha tomado, todas se renderam logo; e querendo fazer armada para ir em seguimento de Oláo, acharam que era melhor não a fazer, porque d'ella se havia tirar pouco fructo e muito gasto, e Oláo ia tão derrotado que em toda a sua vida não ficaria capaz de emprehender outra guerra : e depois se viu que, cuidando só no governo dos seus estados, se deixou de batalhas e passou os seus dias em vida contemplativa.

Carlos Magno esteve muito dias em Londres, assistido de Astolfo com toda a grandeza e magestade, como tão grande senhor que era : foram ver as principaes cidades do reino, e quando mais embebidos andavam n'estes divertimentos, chegou um mensageiro de Toledo com uma carta de Galiana para o imperador, que dizia só estas palavras :

« Senhor, aonde quer que estás ouve-me e soccorre-me. Abderraman voltou de Ethiopa com Talamarte; fique o mais ao teu discurso, ao teu amor e a tua abnegação. »

Galiana.

Tanto que o imperador viu esta carta, sem mais demora montou a cavallo, e chamando o seu exercito veiu embarcar-se, para de França voltar a Toledo.

Capitulo XVI

Como Carlos Magno jurou não entrar em Toledo antes de castigar Abderraman; e dos estragos que este tinha feito em Hespanha.

Ajuntou Carlos Magno um poderoso exercito, e em menos de vinte dias chegou á vista de Toledo: sahiu a recebel-o Galafre, e lhe deu parte como Abderraman tinha chegado a Hespanha com novo exercito, que lhe tinha dado Talamarte da Ethiopia, com quem havia fugido; e que tinha conquistado Cordova, Sevilha, Timorante e Valença.

Ficou Carlos Magno acceso em ira, e jurou pela vida de Galiana de não chegar a vel-a, até não ter morto Abderraman; e logo sem entrar em Toledo, marchou com todo o exercito para Rostile, aonde os Pares tinham em outro tempo batalhado com o mesmo Abderraman.

Este barbaro que como dissemos no capitulo dezesseis do livro segundo, partiu de Timorante derrotado para Ethiopia em companhia de Talamarte, tanto que aportou áquella terra, entrou em tal desesperação de haver perdido os seus reinos de Hespanha, que eram a melhor pedra da sua corôa, que entrou a ajuntar novo exercito com toda a pressa, para outra vez tentar fortuna.

Achou Talamarte com o mesmo desejo, e ajuntando um exercito de quatrocentos mil homens, o embarcaram em uma poderosissima armada, e chegando a Cadiz desembarcaram nas costas de Hespanha. Como Carlos Magno tinha ido a ajudar o pontice contra Aliadús, ficou Abderraman com pouca opposição, e começau a conquistar em Hespanha muitas terras; e tanto que as tomava dego-

lava todos os christãos que dentro havia, e ás terras mandava pôr fogo, excepto a Cordova, Timorante, Sevilha e Valença, que escolheu para praça de armas.

Todos os bosques entregava ao fogo, o mesmo fazia ás sementeiras : e era tal a raiva com que vinha tomar a sua vingança, que por onde passava não ficava pedra sobre pedra, nem deixava christão com vida. O seu gosto era por suas mãos tirar as entranhas aos christãos que apanhava, e as dava a comer aos seus cães de fila : a outros mandava queimar vivos : emfim as tyrannias eram tantas, que Galafre temendo que chegasse a Toledo aquelle raio, mandou a Galiana que escrevesse a Carlos Magno aquella carta, com que o obrigasse a vir á sua defesa.

Já Abderraman com effeito ia marchando contra Toledo, quando Carlos Magno fazendo o juramento dito, marchou só com os catholicos para Rostile a sahir-lhe ao encontro. Soube Abderraman por suas espias que o imperador era chegado, mandou fazer alto a seu exercito ; e houve com Talamarte conselho sobre qual seria melhor fazer : se sahir logo a encontrar Carlos Magno no caminho e dar-lhe batalha, ou esperar que elle viesse investil-os e fortificarem-se n'aquelle sitio ?

Seguiu Talamarte este segundo conselho, como o mais seguro, e tornaram um pouco atraz a pôr-se com as costas nos muros de Sevilha : levantaram por diante e pelos lados altissimas trincheiras de terra muito fortes e se pozeram a esperar Carlos Magno; e antes que elle chegasse lhe mandou Abderraman por um trombeta dizer que não fosse tão louco que quizesse brigar com elle; que se fosse para a sua França, antes que por temerario perdesse a vida.

Carlos Magno disse ao mensageiro : — Dize a Abderraman que não necessito dos seus conselhos;

e que elle é que podia estar escarmentado para não tornar a Hespanha; mas que me espere nas suas trincheiras que muito brevemente irei tiral-o d'ellas e castigar por uma vez tantas insolencias e tyrannias, como tem feito em toda a Hespanha. Foi-se o mensageiro com o recado e Abderraman se preparou para a batalha muito certo de conseguir d'esta vez uma afortunada victoria.

Capitulo XVIII

Como o imperador chegou á vista de Abderraman; e como Roxael o desafiou e sahiu Talamarte ao desafio.

Foi o imperador marchando com o seu exercito, e em uma madrugada avistou as trincheiras de Abderraman, e eram tão altas e fortes que pareciam muralhas de uma grande fortaleza : Roxael da Persia, armado cavalleiro em Roma, como dissemos, querendo mostrar o seu valor contra os inimigos da fé, já que tanto o tinha exercitado contra os seus amigos, se poz de joelhos diante do imperador e lhe disse :

— Senhor, peço-te me concedas licença para ir desafiar Abderraman ao seu campo, e entrar com elle em singular batalha. O imperador lh'a não queria conceder; mas Roxael tanto apertou que o imperador lhe disse que sim : e Roxael beijando-lhe a mão pela mercê, montou em um bizarro cavallo e se armou muito bem, e fazendo o signal da cruz com muita reverencia, partiu para o campo contrario deixando os outros cavalleiros com bastante inveja do seu esforço.

Chegou defronte das trincheiras : e disse em voz alta que se ouvisse dentro d'ellas : — O' rei

Abderraman, que cheio de medo estás encurralado dentro d'esses fortes muros, já que não tens animo para brigar com Carlos Magno peito a peito, vem batalhar comigo corpo a corpo, que para isso te repto e desafio. Mandou Abderraman uns soldados á trincheira a ver quem era o que dasafiava e elle lhes respondeu: — Dizei a Abderraman que sou Roxael da Persia, mais nobre e mais valente do que elle; porque ainda que fui vencido por Carlos Magno, soube aproveitar-me d'essa desgraça e abraçar a religião catholica com tal fortuna minha, que hoje me vejo Par de França.

Tanto que Talamarte soube quem era, pediu a Abderraman o deixasse ir áquella batalha, o que lhe concedeu; e sahindo Talamarte ao campo, disse a Roxael: — Ainda que não vem o que desafiaste, vem Talamarte de Ethiopia, que bem capaz é de contender com Roxael da Persia. — Disse-lhe Roxael que não tinha n'isso duvida, e virando as redeas aos cavallos se investiram com desusado brio e desembaraço, quebraram as lanças nos primeiros encontros e ambos saltaram com a força fóra da sella ás ancas dos cavallos.

Cobraram outra vez o posto e levaram, um da espada, outro do alfange, com que começaram a dar desapiedados golpes; logo os escudos de ambos se fizeram em pedaços, e agarraram-se ás armas com as mãos ambas, e, sem cuidar em defender-se, só attendiam a ferir-se; deu Roxael em Talamarte um tal golpe que lhe quebrou em duas partes o elmo e o feriu na cabeça, que começou a deitar sangue ás golfadas. Desesperou-se Talamarte de tão violenta ferida e deu em Roxael tal que lhe desarmou o hombro direito, e descendo abaixo lhe cortou o pescoço do cavallo que cahiu em terra morto.

Apeou-se Talamarte antes que se levantasse Roxael, e sem perder tempo lhe deu outro golpe no

costado, com que o fez pôr em terra debruços muito mal ferido; e sem esperar mais lhe deu outro na cabeça e logo dois nos braços, com que o deixou atordoado, e d'ahi pegando n'elle o atou á cauda do seu cavallo, e montando n'elle o andou arrastando pelo campo. Mandou Carlos Magno quarenta homens a soccorrel-o, mas já Talamarte estava dentro das trincheiras do seu exercito com elle pela cauda do cavallo, com tão grande pena do imperador, que sem reparar no que fazia correu de galope a investir a porta da trincheira.

Detiveram-o os seus Pares; mas Carlos Magno não se dava a conselho com o que via, e quiz mandar logo começar a batalha em vingança da morte de Roxael a quem estimava muito, e como homem fóra de si disse: — Oh nobre Roxael, quem antes morrera do que tu! Oh infiel Talamarte, por certo que não eras mais valente, e que foste barbaro, infiel e traidor! Oh Abderraman, eu te repto e desafio para que batalhes comigo: eu te desafio, Talamarte; vem, não te escuses, que eu vingarei Roxael com tua morte.

Capitulo XVIII

Da morte de Roxael.

Emquanto o imparador fazia estas e semelhantes exclamações, chegou Talamarte com Roxael arrastando-o á tenda de Abderraman; o qual o mandou desatar da cauda do cavallo, e viram que ainda estava vivo, do que Abderaman folgou muito; porque queria fazer n'elle um castigo com que se vingasse e fizesse horror a Carlos Magno.

O constante Roxael todo esvaido em sangue, com o corpo retalhado das feridas e moido das pe-

dras estava já nos ultimos da vida, mas cheio de uma sobrenatural constancia, tanto que se viu diante de Abderraman, lhe disse: — Cuidarás que Talamarte me traz aqui porque me vencesse mui justamente; pois sabe que contra as leis da cavallaria me feriu sem eu me levantar, e contra as leis da fé me trouxe assim: mas deixa-me, ainda como estou, provar com elle as forças, que eu te prometto vejas que é fraca a sua valentia.

Abderraman ouvindo fallar assim a Roxael, lhe deu um pontapé e lhe disse: — Ainda tens bocca para fallar? Ora espera que eu t'a tirarei. E mandou que um soldado lhe cortasse ambos os beiços, o que foi feito logo; e Roxael ainda assim escorrendo-lhe o sangue pela bocca disse: — Oh cruel Abderraman! Tu não pódes ter sangue real; porque os reis não se vingam assim; mas fazes o que deves á tua lei, que outra coisa seria se tu fosses christão, pois é certo que só estes tem fé.

Disse-lhe Abderraman: — Oh atrevido! Fallas aqui na lei dos christãos? Respondeu Roxael: — Fallo, porque só essa é a verdadeira lei; e eu me dou por afortunado em a seguir, e por ella não sinto a morte que me pretendes dar. Quando Abderraman tal ouviu, cheio de ira lhe deu com um bastão que tinha muitas pancadas nas costas, e mandou que lhe cortassem as mãos, o que se fez logo; e o constante Roxael soffrendo tudo com muita paciencia, disse para o céo:

— Oh Deos e Senhor meu! tende compaixão de mim, perdoae-me, Senhor, os peccados que tenho feito, e acceitae em satisfação d'elles estes tormentos que por vós padeço mui gostoso: e vós, Virgem Maria, advogada dos peccadores, não me desampareis agora, que me vejo tão só entre os meus e vossos inimigos. E virando-se para Abderraman lhe disse: — Rei, eu te perdôo de

muito boa vontade estes tormentos; mas peço-te que te faças christão e creias na lei de Jesu-Christo. Respondeu-lhe Abderraman : — Vivas muitos annos pelo conselho, e espera que eu quero pagar-t'o; e pegando em uma lança lh'a metteu pelos olhos que lh'os vasou fóra e ficou cego.

Nem um suspiro deu o constante Roxael : e Abderraman o mandou pôr n'aquelle miseravel estado fóra das trincheiras para que os christãos o vissem; e o triste cavalleiro cheio de dôres insupportaveis, sem mãos, sem olhos, sem sangue, deitado em um campo, fóra do reino aonde era tão temido e tão amado, em fim desamparado de todo o mundo, disse para Deos : — Senhor, seja pela vossa bondade tão affrontosa e terrivel a morte, por vós a padeço mais alegre que se estivera agora no throno do meu reino, cheio das delicias que logrei nos meus estados : tudo se trocou n'este infortunio; mas afortunado eu, se com a morte vos fôr gozar na bemaventurança. Oh meu reino da Persia! Quem te tirará da cegueira em que vives e te poderá reduzir á religião catholica! Senhor, queira-o assim a vossa bondade, e agora valha-me a vossa misericordia. E dizendo isto expirou.

Capitulo XIX

Como oitenta christãos sahiram a brigar com oitenta turcos e Abderraman lhes fez traição.

Tudo o que disse Roxael ouviu Carlos Magno, que estava ao pé da trincheira para começar a batalha, mandou, cheio, de pena, recolher o corpo de Roxael para lhe dar sepultura, e de novo veiu formar o seu exercito para tomar vingança do

cruel turco, que tão barbaramente tinha tratado um seu cavalleiro.

Succedeu que a este tempo uns soldados nobres tiveram entre si desavenças e vieram a desafio : deram logo conta ao imperador, e elle informando-se da razão, soube que o caso era de credito; porque um tinha dito ao outro que mentia: e este lhe havia dado uma bofetada; para os concertar usou o imperador da sua prudencia, e disse : — Bem sabeis que os reis podem dar e tirar honra nos seus estados : vós é certo que estaes offendidos; mas para que tireis o vosso despique, eu vos digo que saia a desafiar cada um de vós um turco, e aquelle que primeiro matar o seu, ficará mais airoso.

Pareceu a todos bem, e os dois montando a cavallo sahiram logo ; um chamava-se Montesinhos e outro Beltenebros, e em companhia de cada um foram os seus parentes e amigos, que para isso pediram licença ao imperador, e por todos eram oitenta : chegaram á trincheira e desafiaram outros tantos turcos, os quaes logo sahiram e começaram a batalha e em menos de meia hora não havia turco vivo, sem ser christão algum morto.

Ao tempo que estes vinham para o exercito, sahia da trincheira uma partida de quatrocentos cavallos, e apanhando-os no meio os levou prisioneiros : mandou Carlos Magno outros quatrocentos a livral-os; mas Abderraman fez sahir-lhes ao encontro a maior parte do seu exercito, e combatendo com os quatrocentos do soccorro, lhe ficaram nas costas os cavalleiros christãos, sem Carlos Magno com todo o seu valor os poder livrar, porque lhe era preciso primeiro destruir toda a parte do exercito que lhe havia sahido ao encontro.

Tanto que Abderraman teve seguros os oitenta cavalleiros, mandou de fóra das trincheiras pregar

oitenta páos no campo: e em cada um mandou pendurar seu cavalleiro; e depois mandando retirar o pé de exercito, que tinha fóra, lhes lançou fogo e ficaram os oitenta christãos a arder á vista do exercito de Carlos Magno, o qual já batalhava com os turcos; mas como elles se retiraram para as trincheiras, por não ficarem os christãos com elles misturados da banda de dentro, suspenderam os passos e ficaram a vêr aquelle espectaculo horrendo.

Incomparavel foi a ira que teve Carlos Magno, e estava de braveza como louco; da mesma sorte os cavalleiros e todo o exercito, que irado contra as traições dos turcos gritava a Carlos Magno investisse as trincheiras, porque queriam tomar vingança de Abderraman: apenas o imperador viu que aquella crueldade não fazia desmaiar, mas antes enfurecer os seus soldados, mandou tocar a investir.

Capitulo XX

Como o exercito do imperador investiu as trincheiras e teve grande mortandade.

Lançaram-se todos ás trincheiras como leões famintos: e os infantes subindo por ellas como gatos, com as espadas na bocca, se punham em cima; mas estavam de dentro os turcos que muito a seu salvo, tanto que os catholicos para se segurarem punham em cima da trincheira as mãos, lh'as decepavam com alfanges; pegavam-se os valorosos christãos com os cotos dos braços e esses eram tambem cortados pelos turcos; queriam muitos agarrar-se com os dentes e com a barba, mas logo se viam sem cascos uns, outros

sem pescoço, e cahiam mortos das trincheiras abaixo.

Sem repararem n'este damno subiam encolerisados os outros, mas succedia-lhes o mesmo; porque os turcos da banda de dentro estavam muito a seu salvo, e tanto que viam mão, braço, ou cabeça, logo era cortada; e os valorosos infantes sem olharem para o seu perigo, iam trepando: e eram já tantos os mortos que havia ao pé da trincheira, que subiam os outros por cima, pois lhe serviam de escada, pisando assim muitas vezes o pae ao filho e o amigo ao amigo; mas o desejo de matar os inimigos lhes tirava o horror de verem os amigos mortos.

Alguns soldados christãos chegaram a saltar dentro, e estes sós bastavam para vingar a morte dos companheiros; porque quarenta que primeiro saltaram, começaram a fazer tal matança entre os outros, que nenhum lhes podia chegar; e comquanto os mais subiam e acabavam, elles da parte de dentro tinham armado cruelissima batalha.

Soube Abderraman do destroço que aquelles quarenta homens faziam dentro das trincheiras; e logo mandou a Terraldo, sobrinho de Talamarte, que fizesse empenhar contra elles a cavallaria, e Terraldo assim o fez; mas os quarenta se defendiam unidos com incrivel constancia, matando, ferindo e destroçando de tal sorte, que a mesma cavallaria lhes não podia chegar de perto.

O que mais sentia o imperador era não poder usar da sua cavallaria, porque por diante havia as trincheiras que os cavallos não podiam subir, e por detraz do exercito ficava a cidade; e para arrombar as portas das trincheiras eram mui fortes, e o entrar por ellas impossivel, por serem estreitas e os de dentro impedirem o passo. Vendo Carlos Magno este perigo, levantou o pensamento ao céo e por não desanimar os soldados, pediu a Deos

dentro no seu coração o soccorresse em tamanho perigo.

E d'ahi, vendo que era menos mal investir o exercito pelas costas, do que morressem d'aquella sorte os soldados nas trincheiras, mandou que a cavallaria toda viesse ao redor e investisse o exercito; e entrando ficaram os infantes subindo pela mesma parte do principio para que os turcos não suspeitassem o segundo intento, e só o soubessem quando vissem em cima de si a cavallaria de Carlos Magno.

Capitulo XXI

Como investindo os christãos com o exercito e a cavallaria o destroçaram; e Talamarte foi morto e Abderraman preso.

Investiu a cavallaria pelos lados das trincheiras e tanto que se viu com os turcos cara a cara, entraram estes a experimentar a sua valentia; iam adiante Carlos Magno e os paladinos, e apezar do infinito numero de turcos que tinham diante, iam matando infieis com tão desusado esforço, que não havia golpe que não matasse um turco: penetrou um corpo de cavallaria, que governava Oliveiros, pelo meio do exercito, e chegou a uma das portas da trincheira e matando os guardas, a abriu e defendeu para que entrasse a infanteria, e entrando esta se viram inteiramente os dois exercitos em campal batalha.

Montaram Abderraman e Talamarte e sahiram a ajudar os seus; o mesmo fazia Carlos Magno; mas os catholicos não necessitavam d'isso porque cada um se animava a si mesmo: havia soldado,

que atravessando-lhe com uma lança o peito, se enfiava por ella para o turco com quem brigava, e o conseguia: outros com as cabeças abertas e com os braçoa decepados ainda investiam com quem os feriam: aquelle soldado, a quem se quebrava a espada, pegava com unhas e dentes no turco e o despedaçava; outros vinham a braços e jogando a lucta se esmagavam.

Os cavalleiros faziam bravuras, não davam golpe que não deixassem um turco em terra, e sobre todos o valente Carlos Magno emparelhando-se contra Abderraman e conhecendo-se um ao outro começaram a batalha de mais importancia que houve em toda esta guerra; braço a braço começaram a ferir-se mas não lhes durou muito, porque vindo Roldão em ajuda de Carlos Magno, este matou a Abderraman o cavallo e cahindo em terra, pelas suas reaes mãos o fez prisioneiro.

Começaram os soldados a gritar victoria por todo o exercito; entretanto tinha Oliveiros chegado ás tendas de campanha, que eram tantas que pareciam uma cidade, e apezar dos soldados que as defendiam lhes poz o fogo, e começou a arder aquella babylonia de panno de linho que parecia um inferno: entretanto a grita que havia na batalha, confusão, mortandade e furia fazia mais medonho este espectaculo, até que os turcos desanimados com a prisão de Abderraman e a morte de Talamarte, que ás mãos de Roldão tinha acabado a vida, começaram a fraquear na batalha e a pôr-se em confusa retirada.

Mas agora é que as trincheiras que tinham sido a sua defesa, eram a sua ruina, porque as portas estavam guarnecidas de catholicos e os turcos não tinham por onde fugir senão subindo ás trincheiras, mas n'esta fugida perdiam todos as vidas; e assim em menos de duas horas se via o campo sem que houvesse um turco vivo, mais que Abder-

raman a quem Carlos Magno quiz levar preso a Toledo.

Vencida assim a batalha se rendeu logo a cidade: e mandando o imperador aviso ás outras tres que tinha conquistado Abderraman, se renderam logo e ficou outra vez toda a Hespanha livre d'este barbaro, que tanto a opprimiu e desbaratou: e Carlos Magno depois de dar graças a Deos por tão assignaladas mercês, mandou dizer muitas missas pelas almas dos christãos que morreram n'esta batalha, que foram vinte e dois mil; e d'ahi partiu para Toledo com todo o seu exercito.

Capitulo XXII

Como o imperador chegou a Toledo, Abderraman se não quiz baptizar e da sua morte.

Chegou o imperador a Toledo, triumphante, e sahiram fóra das portas a esperal-o tanto os cavalleiros como o povo; e Carlos Magno com Abderraman preso a seu lado entrou em fórma de triumpho: subiu ao paço aonde o esperavam Galiana e Angelica, e foram tantas as lagrimas de alegria que derramaram estas princezas, que o mesmo imperador e todos os circumstantes as acompanharam n'ellas.

Abraçaram a todos os cavalleiros, e quando Angelica abraçou a Roldão, se lhe renovou o pranto de puro gosto, e o imperador lhe disse: — Senhora Angelica, aqui vem vosso pai á vossa obediencia, e eu cumprindo o juramento de não entrar em Toledo sem o trazer preso ou morto: elle vem vivo, espero que se faça catholico, com que ainda que as suas crueldades o não tem merecido irá

em Africa a gozar os seus reinos, o que por ser vosso pai lhe será concedido.

Tanto que Angelica viu seu pai vivo, ficou mui contente, e o pai quando a viu viva ficou muito mais triste, e com os olhos cheios de sangue, ardendo em ira lhe disse: — O' cruel Angelica, como não morreste queimada na torre da lua, e agora estás aqui tanto a teu gosto na côrte do meu maior inimigo? Sempre foste tyranna; e agora quizeste ser a minha ruina.

Angelica lhe respondeu: — Pai e senhor, tudo isso importa pouco: porque o ponto é cuidares tu em seguir a lei de Christo; baptiza-te como eu hei de fazer e então irás para os teus reinos d'Africa, que de outra sorte os has de perder e mais a vida, e, o que é sobre tudo, tambem a alma. Disse Abderraman: — Primeiro me verás morto que baptizado; porque se tu pelos teus appetites queres ser falsa á tua lei, eu não o hei de ser porque jurei lealdade a Mafoma, e lh'a hei de guardar toda a minha vida. E dizendo isto começou a chorar muito, e a todos causava compaixão ver em tão miseravel estado o que tinha sido senhor de quasi todo o mundo.

Mandou Carlos Magno que o tivessem preso em uma torre com muita decencia e resguardo; e o triste Abderraman ali lamentava as suas infelicidades, até que de puro desgosto veiu a perder a vida, e assim acabou depois de tantas victorias e tantas desgraças o triumphador de Africa e de Hespanha; que este é o paradeiro de todas as fortunas d'esta vida: teve seu corpo em um campo sepultura, e Angelica se vestiu de luto, e pela sua morte se mostrou mui sentida.

Capitulo XXIII

Como Galafre, Angelica e Galiana receberam a lei de Christo; dos casamentos de Roldão e de Carlos Magno e como estes se recolheram a França.

Passando a Angelica o sentimento da morte de Abderraman, disse que se queria baptizar e Galiana tambem; e o mesmo Galafre, vendo as victorias que os christãos tinham alcançado, e que só podia ser por ser melhor a sua lei, disse que se queria baptizar, do que Carlos Magno ficou tão contente, que de nada o podia ser mais. Preparou-se tudo para o baptismo, e o arcebispo Turpim lh'o deu a todos e de todos foi Carlos Magno padrinho, excepto de Galiana porque a queria para esposa, e d'esta foi padrinho D. Roldão.

Festejou-se grandemente em Toledo este grande acto; e todos os do reino foram logo catholicos, pois é certo que á imitação dos reis se compõe o mundo todo. Consagraram-se a Deos todas as mesquitas de Toledo, e aquelle reino se fez todo catholico em muito pouco tempo. Feito isto pediu Carlos Magno a Galafre que lhe désse para esposa a Galiana : e elle que nada desejava mais que isto, lh'a deu de muito boa vontade, e ella ficou tão contente como se póde imaginar.

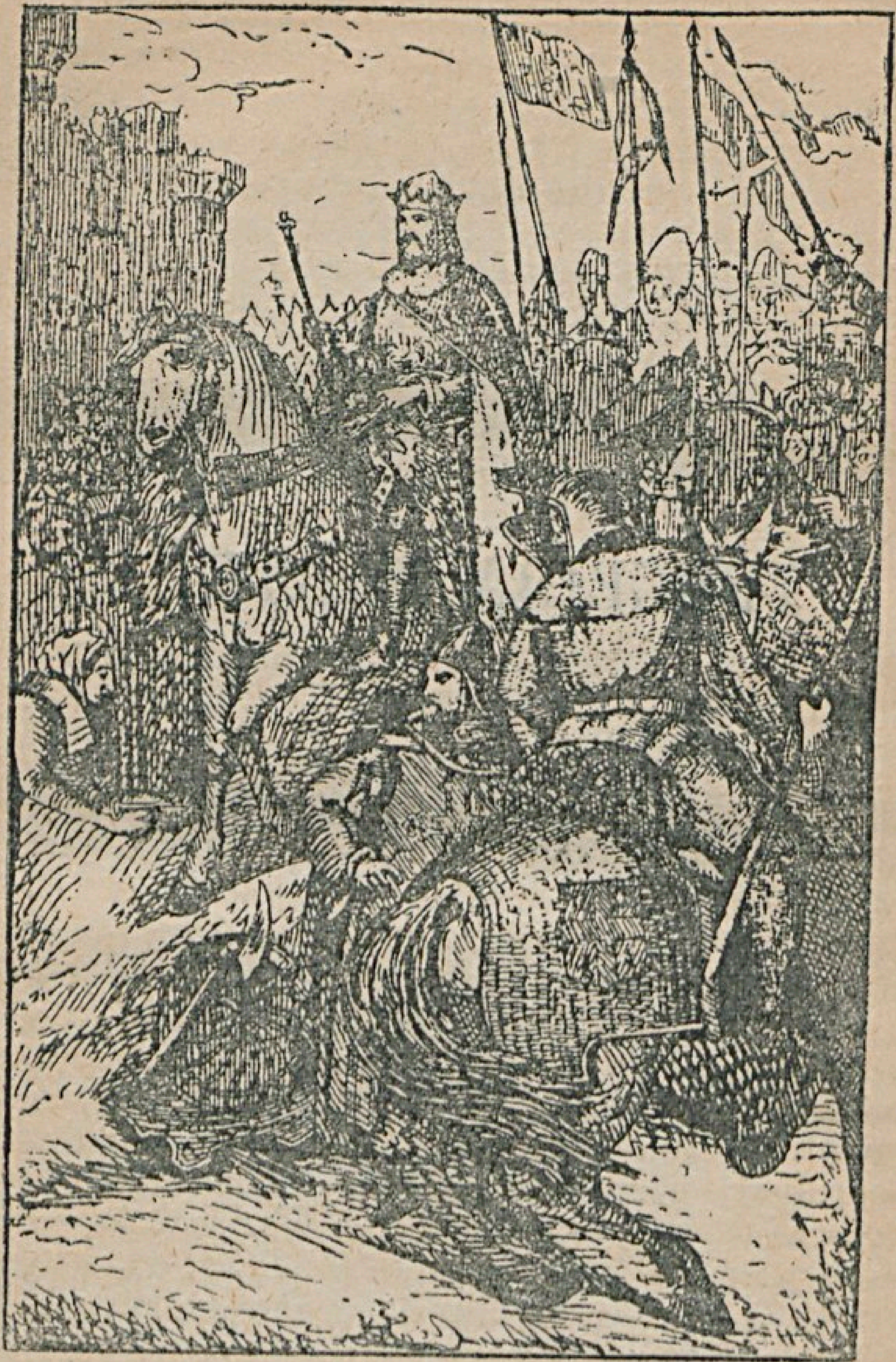
Roldão pediu a Carlos Magno licença para casar com a sua Angelica, e o imperador lh'a concedeu; e no mesmo dia se fizeram os casamentos de ambos; de Angelica foi padrinho Carlos Magno e Roldão de Galiana, que quiz o imperador dar-lhe essa honra; quinze dias houve festa por toda a Hespanha em applausos d'estes casamentos,

que tantos trabalhos e perigos haviam custado a todos.

Enfim Carlos Magno, os Pares e as princezas se despediram de Galafre, que com mil lagrimas levou esta despedida, e todos mui alegres, mui satisfeitos e mui contentes voltaram para França: chegaram a Paris, e Floripes entregou o governo a Carlos Magno, e recebeu as princezas com o seu costumado carinho, e com muito mais a seu esposo Gui de Borgonha; fazendo-se em Paris muitos applausos á chegada de todos. E aqui dá o auctor fim á parte segunda da vida de Carlos Magno.

FIM DA SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE



CARLOS MAGNO

entra em Jerusalem

TERCEIRA PARTE

LIVRO UNICO

Capitulo I

Memoria da creação do mundo até o diluvio universal.

Deos Omnipotente, cujo mais claro conhecimento é não ser cabalmente conhecido, cuja assistencia occupa todo o logar ideado, que sendo principio e fim de tudo, nem ha de ter fim, nem teve principio, querendo manifestar seu nome Santissimo para que conhecido fosse venerado, fez de nada céos e terra, creando em uns e outra todas as creaturas espirituaes e corporaes; e entre estas á sua imagem e semelhança o homem, adornado do espiritual e corporal, dividido em duas distinctas pessoas na existencia e unidas no amor, chamando a uma Adão e á outra Eva, esta femea, e aquelle macho, para progenitores do genero humano, os quaes collocou no paraizo terreal, logar para elles das delicias, emquanto conservadores da primeira graça, que perderam ingratos a tantos beneficios, peccando contra o preceito divino, que loucos desprezaram por uma enganosa experiencia de vãs promessas da fraudulenta serpente.

Desterrados os dois Atlantes do humano ser, Adão e Eva sua mulher, do paraizo terreal pela culpa, vieram á provincia de Syria, ribeiras orientaes do mar Mediterraneo, e fazendo habitações no valle de Ebron, procrearam seus filhos Caim e Abel, tão justo este, quanto perverso aquelle, pois chegou por inveja a tirar a seu irmão a vida no campo. Teve mais Adão de sua mulher um terceiro filho, chamado Seth, que lhe succedeu no principado do mundo, perdido por Caim pela maldição por Deos como a fratricida lançada. Morto Adão, ficou Seth conservando sua residencia na Syria, onde lhe nasceu seu primogenito Enós, de quem foi filho Caynan, e d'este o foi Malalael, de quem o foi Jareth, e de Jareth nasceu Enoch, que por juizos de Deos foi arrebatado vivo e levado áquelle logar, onde com Elias o conserva sua providencia divina, para no fim do mundo vir prégar desenganos aos inveterados vicios. De Enoch foi filho Mathusalem, cuja vida se conta pela mais prolongada entre os homens, pois chegou a novecentos setenta e nove annos solares, que assim lhe chamo para evitar as opiniões de alguns que querem imaginar os taes annos menores que aquelles, de que hoje usamos, sendo na verdade eguaes no curso dos tempos. Filho de Mathusalem foi Lamech, e d'este o foi o patriarcha Noé, a quem Deos escolheu para restaurador da humana geração n'aquella prodigiosa arca, que tanto tempo navegou sobre as aguas com que a ira divina afogou a ingratidão dos homens n'aquelle diluvio universal, que cubriu toda a terra até á altura de quinze covados do mais elevado monte.

Lembrado Deos da sua misericordia sem limite, quiz pôr limite ao castigo do mundo, fazendo que aquella arca em que se conservavam suas reliquias, parasse e fizesse assento sobre as serras de Ararat, elevado ramo do grande monte Tauro em

Armenia, região da Asia (hoje theatro da guerra entre o celebre Thamaz Kouli-kan, ou Schá-Nadir, soberano da Persia e o imperador de Constantinopla, ou sultão dos turcos) da qual arca sahindo o patriarcha Noé e seus tres filhos Sem, Can e Jafet (que n'ella tinham entrado com suas mulheres) principiou a restauração para que foi conservado, fazendo com o decurso dos tempos povoar o despovoado mundo.

Capitulo II

Da confusão das linguas em Babel e fundação da monarchia em Hespanha.

Entre os filhos que do terceiro filho de Noé, chamado Jafet, e de sua mulher nasceram, teve quinto logar na ordem do nascimento Tubal, que com outros seus primos habitou os dilatados campos de Senaar, ou Caldéa, onde foi presente ao tempo que Deos confundiu as linguas dos fabricadores d'aquella tão celebrada torre de Babel, para castigo da temeridade humana. Com alguns de seus companheiros e parentes, com seus filhos e descendentes atravessou Tubal a Arabia deserta, Iduméa e Palestina, e veiu ao sitio em que hoje está o porto de Joppe, ou Jaffa, d'onde embarcando continuou sua viagem costeando as ribeiras do mar Mediterraneo para o Oceano aonde surgiu (se já não é que por terra fez a viagem como logo notaremos) a buscar nas terras occidentaes logar em que fundasse sua monarchia.

Muitos são de opinião que Tubal com sua familia e companhia fizeram esta jornada por terra : e se tivermos por certo a famosa esterilidade e secca geral de Hespanha, que muitos seculos de-

pois se diz succedeu, com a qual se abriu o celebrado e bem conhecido estreito de Gibraltar, precisamente devemos de seguir esta opinião, porque sendo assim, não podia navegar do mar Mediterraneo para o Oceano, salvo se até áquelle estreito, então ou n'aquelle tempo fechado, navegou, e d'ahi por terra continuando sua viagem até Setuval, onde fez seu assento e deu principio á povoação de Portugal e Hespanha. Esta opinião não é dissonante, antes sim se coaduna ao verosimil, pois dizendo as historias que fez assento em Setuval (que por isso se chamou com este nome aquella famosa villa, primeira povoação de Hespanha, como « Sedes Tubal », que é o mesmo que « Assento de Tubal » e corrupta a pronuncia « Setubal ») dá a entender que Tubal viajou alguns tempos pela região até que fez assento ou paragem n'aquelle logar que escolheu para sua residencia e primeira côrte da sua monarchia.

De Tubal pois, quinto filho de Jafet, e neto de Noé, como dito fica (ou já fizesse sua primeira povoacão em Setuval como é opinião mais verosimil e escrevem os portuguezes; ou já a fizessem em Cantabria, hoje Viscaia como escrevem os hespanhoes) teve principio a monarchia de Hespanha onde o mesmo Tubal reinou como primeiro rei e legislador nos tempos de sua vida, por tempo de cento e cincoenta e cinco annos, pois principiou no de 2008 antes do nascimento de Christo Nosso Senhor e finalisou no de 1853 antes do mesmo nascimento, tempo em que morreu.

Capitulo III

Da successão dos primeiros reis de Hespanha.

Succedeu a Tubal no reino seu filho Ibéro, de quem Hespanha tomou o nome de Iberia, e a este succedeu seu filho Idubeda, que deu o nome aos famosos montes Idubeda, ramo dos Pyreneos; e a Idubeda succedeu seu filho Brigo, que foi quarto rei de Hespanha, a quem muitas cidades e povoações d'esta região e de Portugal devem o nome. De Brigo foi filho Tago, que succedeu no reino para illustrar com o seu nome o celebrado rio, que reverente baixa das serras de Albarracim no reino de Aragão (onde tem seu nascimento) para beijar-lhe o pé a este portento do universo e rainha de suas cidades, Lisboa (na qual no dia vinte e sete de junho do anno de 1745 isto actualmente escrevo) onde unido com as aguas do Oceano lhe serve de espelho : que a tanta grandeza sómente um Oceano unido com um Tejo podiam ministrar crystal para a prespectiva. Sexto rei de Hespanha foi Beto Turdetano, filho de Tago : d'este tomou o nome a provincia Betica (hoje Andaluzia) e os turdetanos, povos celebres nas guerras romanas. De Beto nasceu Gerião primeiro, e d'este foram filhos os tres Geriões que reinaram com tal união entre si, que deram causa á fabulisada historia grega quando introduz Hercules vencendo o famoso Gerião, ideando monstros de tres corpos. Succedeu aos tres Geriões no reino, Hispalo undecimo rei, que se dizia filho de um d'elles : d'este rei tomou o nome a cidade de Sevilha que se diz dever-lhe a fundação e se chamou Hispalia

e ainda o conserva entre os latinos. Foi filho de Hispalo, Hispan, que lhe succedeu na corôa para dar a toda a Hespanha o nome de Hispania, que sempre conservou.

Por morte de Hispan herdou o reino Hercules seu avô, por não deixar filhos, e a Hercules succedeu Hespero, outro neto de Hercules, de quem se denominou Hespanha, Hesperia: a este succedeu tambem Atlas Italo seu irmão, que reinava em Italia, e depois de tomar posse do reino, o deixou a seu filho Sicoro e voltou para Italia. Succedeu Siccano a seu pai Sicoro, e a este Siceléo, de quem foi filho Luso, decimo nono rei de Hespanha, de quem o nosso Portugal tomou o nome de Luzitania. Siculo filho de Luso lhe succedeu na corôa, e a este, seu filho Testa a quem succedeu seu filho Romo Platuo, e a este Licinio, que o depôz do reino; mas por morte d'elle tornou o mesmo seu pai a empunhar o sceptro, até que fallecendo herdou o reino seu parente Eritrêo, a quem succedeu Gorgoris, e a este Abidis seu neto, em quem se acabou a monarchia, porque se dividiu entre muitos regulos que dominaram os povos.

Capitulo IV

Da secca grande que houve em Hespanha, varias nações que a dominaram e memoria dos reis godos d'ella.

Succedeu (segundo dizem) n'estes tempos, que foi pelos annos de 1010, antes do nascimento de Christo, aquella celebrada secca referida pelas historias, que com a qual esteve Hespanha quasi despovoada; e pouco depois houve tal incendio nos

montes Pyreneos que chegaram a correr de suas minas copiosos rios de prata. Com a noticia d'esta riqueza e de estar despovoada a região, vieram muitas nações estrangeiras, como foram celtas bracatos, celtas bereos, ou celtibeos, gregos, syros, caldéos e judeus (que Nabucodonosor, rei de Babylonia, quando conquistou Judea, desterrou para as ultimas partes occidentaes), fenicios e carthaginezes, e finalmente romanos que dominaram a região muitos seculos até o anno de 411 do nascimento de Christo, em que entraram em Hespanha os vandalos, suevos e alanos (povos de Allemanha) passando os Pyreneos, e a dominaram ao mesmo tempo que os godos, baixando de Suecia conquistaram Italia com seus reis Alarico e Ataulpho, que por sua morte empunhára o pecstro.

Foi Ataulpho o primeiro rei godo que dominou Hespanha, onde entrou com o direito da doação eita pelo imperador romano Honorio, e melhor com o das armas e victorias que elles e os mais reis godos seus successores alançaram dos vandalos, alanos e suevos. Reinaram em Hespenha successivamente Segerico, Wallia, Theodorico, Thurismundo, Theodorico II, Eurico, Alarico II, Gesalrico, Theodorico III, Amalarico, Theudio, Theudiselo, Agila, Athanagildo, Luiva, Leovigildo, Recaredo, Luiva II, Witerico, Gundemaro, Sisebuto, Recaredo II, Suintilha, Sisnando, Chintilla, Tulga, Sindasuindo, Flavio Recesuindo, Wamba, Flavio Eringo, Flavio Egiga, Viliza e Rodrigo, ultimo rei godo em cujo tempo invadiram os mouros o imperio gothico, e passando o estreito de Gibraltar venceram a celebrada batalha de Xerez de la Frontera, que perdeu depois de a disputar foito dias continuos, Rodrigo, e com ella a corôa, ficando Hespanha sujeita ao tyrannico dominio dos mouros quasi oitocentos annos.

Capitulo V

Da invasão que os mouros fizeram em Hespanha e principio dos reis de Oviedo e Leão.

Invadida e senhoreada Hespanha pelos mouros, se recolheram alguns poucos christãos, a quem a fuga tinha salvado as vidas, ás asperas serranias de Asturias, onde fazendo da necessidade virtude, capitaneados pelo valeroso D. Pelaio, tornaram a conquistar aos mouros aquellas terras de Asturias e cidade de Oviedo, sua capital, em que D. Pelaio pôz o assento da sua corôa, fundando nova monarchia renascida da grandeza dos godos e sustentada com o valor de seus vassallos.

Foi pois o primeiro rei de Oviedo ou Asturias, de que descendem os da monarchia hespanhola, D. Pelaio, e segundo seu filho D. Favila, a quem tirou a vida um urso andando á caça, não tendo governado mais que dois annos e meio : morreu sem filhos e por esta causa herdou o reino sua irmã D. Ormesinda, casada com D. Affonso, filho de Pedro, duque de Cantabria ou Viscaia, que empunhou o sceptro, e foi o terceiro rei de Asturias e Leão. Teve este rei o cognomento de Catholico (hereditario depois em seus successores) pelas muitas egrejas que edificou nas cidades que conquistou aos mouros, principalmente em Astorga, Lugo, Tuy, Braga, Porto, Flavia (hoje Chaves) Miranda, Vizeu e Beja, que tão distantes foram suas conquistas. De D. Affonso Catholico foi filho e successor na corôa D. Fruela, a quem succedeu seu irmão D. Aurelio, que morrendo sem filhos entrou a reinar seu cunhado D. Silo, principe da

familia collateral de D. Pedro, casado com D. Ofenda, irmã dos ditos reis Fruela e Aurelio.

Por morte de D. Cilo entrou a reger o reino el-rei D. Affonso II, que chamaram El Casto, que era filho de D. Fruela, por cuja morte não tinha succedido no reino por ficar de pouca idade; mas antes de completar um anno de governo padeceu o tyranno catastrophe de Mauregato, irmão bastardo dos reis Fruela e Aurelio, o qual protegido com o exercito dos mouros (dos quaes se fez tributario com o feudo annual de cem donzellas) depoz do trono ao dito Affonso Casto e reinou os dias de sua vida : por cuja morte entrou a reinar D. Bermudo (irmão do mesmo Affonso) chamado o Diacono, porque na verdade estava ordenado de ordens de evangelho ; mas sendo chamado de novo D. Affonso Casto, governou o reino conservando Bermudo o titulo e dignidade de rei o tempo que lhe restou de vida, e por morte d'este foi outra vez Affonso legitimamente, e com applausos dos povos acclamado rei.

Capitulo VI

Quem era D. Sancho conde de Saldanha e a infanta de Leão D. Ximena, e amores que entre si tiveram e nascimento de Bernardo del Carpio.

Além dos dois filhos reis Affonso e Bermudo, teve o rei Fruela uma filha da rainha sua mulher, chamada D. Ximena, cujas prendas e formosura (pois segundo dizem as historias, se achavam unidos n'esta infanta os attributos de Venus e Minerva que os antigos veneraram deosas da formo-

sura e sabedoria) captivaram a liberdade do conde de Saldanha, Sancho Dias de Castro (ou Sandias como as historias lhe chamam) que pela nobreza de seus ascendentes (era filho do infante Vimarano unico irmão do rei Affonso Catholico, ambos filhos do duque de Cantabria D. Pedro, descendente por linha recta e varonil do rei godo Recaredo) e pelo valor de seu braço e gentileza de sua pessoa, se nos campos era conhecido Marte, tambem nos palacios se inculcava Adonis, attributos capazes de attrair o alvedrio da Venus de seu tempo D. Ximena.

Foram aquelles amores entre o conde de Saldanha e a infanta Ximena castos, até que o matrimonio lhes uniu os corpos, cujas almas já tinha unido o affecto, mas foi com tal cautela o casamento d'estes dois amantes principes, por causa do temor dos reis Affonso e Bermudo irmãos da infanta, que não foi possivel perceber-se d'elles ainda que totalmente não se escondia a Affonso a união das vontades de sua irmã e do conde de Saldanha: mas nunca suspeitou haver matrimonio entre elles, e menos existir já fructo d'elle, que era o principe Bernardo, unico objecto d'esta obra, que com o devido cuidado se criava nas montanhas de Aviles.

Porem como um suspeitoso não cuide mais que em averiguar suspeitas, e nada se occulte áquelle que vigilante Argos investiga os escondidos successos, veiu á noticia do rei Affonso o Casto assim o casamento do conde de Saldanha com sua irmã D. Ximena, como tambem o estar afiançado com a prenda do principe Bernardo: e como os soberanos não costumam deixar sem castigo as offensas contra suas pessoas commettidas, e esta dos dois amantes era para Affonso de tanta consideração, que além do pundonor do estado, lhe tocava no do sangue, e o que mais é lhe encontrava

o gosto; incitado a vingança, determinou côrtes para a cidade de Leão, ás quaes indo o conde de Saldanha como era obrigado, foi n'ellas arrastado e levado preso ao forte castello de Luna, escura e apertada prisão e intrincado labyrintho de tão valente Theseu, no qual entrando sem o favoravel fio de Ariadna, nem encontrando dentro o engenho de Dedalo, lhe serviu de perpetuo Minotauro de sua vida. Foi tambem a infanta encerrada por mandado d'el-rei seu irmão na perpetua clausura de um convento, onde por alguns annos luctou com a morte, que mal podia viver ausente da prenda amada, quem tão deveras amava; e este fim tiveram aquelles dois amantes; nem podiam permanecer com felicidade affectos tão bem principiados.

Capitulo VII

Como Bernardo se criou sem saber quem eram seus paes e como foi por encanto furtado por Orontes.

Em quanto os mal afortunados amantes progenitores de Bernardo padeciam os castigos que a vingança de um rei offendido lhes dera, passava elle nas montanhas de Aviles em Asturias os annos de sua puericia nos divertimentos da caça com os filhos dos montanhezes seus vizinhos, sem se imaginar mais que um d'elles, pois ignorava os altos caracteres de sua real prosapia, exercitando os jogos que ao tempo e á idade mais se apropriavam: sebem que muitas vezes se achava perseguindo o fugitivo cervo, outras ajudando a acommetter o astuto lobo e muitas atrevendo-se a esperar

o voraz urso, que qual outro David, suffocava valente e braço a braço despedaçava intrepido.

N'este socego de espirito e tranquillidade da vida se achava Bernardo sem cautela aos trabalhos, quando um dia seguindo sua venatoria inclinação no mais intrincado dos altos penhascos e serranias, viu que rompendo o diafano dos ares um alado cavallo, qual outro Pegaso servindo de portatil constellação a um venerando Belerofonte, para elle dirigia os passos compassados no vôo: assustou-se da novidade ainda que não temeu o monstro, pois aprestando um venablo que na mão trazia, esperou a pé firme qualquer acommettimento. Tocou o ligeiro bruto com os pés a terra junto ao resoluto mancebo, e batendo as azas que fóra da natureza lhe dera o encanto, sahiu do enrolado d'ellas um esqueleto, venerando pelo branco de suas prolixas barbas, corrido pelo composto de sua figura, e prostrado aos pés de Bernardo lhe disse estas palavras: — Detem, ó generoso mancebo, o mavorcio furor, pois não te busco para te offender : eu sou Orontes, aquelle sabio portento do encanto, venho mandado pela Maga Allina para que n'este gripho, em que desci, te leve aos grandes palacios de Morgana, poderosa imperatriz da magia, para n'elles viveres occulto aos enganos que te fabrica a emulação criada e produzida pela inveja de tuas proezas nos maiores capitães do mundo. Teve Allina noticia que o Mago Melguesi te intentava roubar astuto para evitar o fatal annuncio que os fados tem prognosticado , acharam em teu braço não sómente os doze paladinos do imperador Carlos Magno que com o nome de Pares de França são do mundo o espanto, mas ainda muitos principes que cultivam o valor para colher por fructo d'elle decantadas victorias : sóbe sem pavor comigo n'este gripho, que qual outra aguia te levará novo Guanimedes, se não ao olym-

po de um Jupiter, ao menos ao alcaçar de uma Pallas.

Não foram necessarias mais instancias nem persuações de Orontes para que Bernardo acceitasse a offerta, pois sempre o animo lhe ditava emprezas mais que ordinarias: e assim, depois de alguns cumprimentos de parte a parte, sem mais averiguações, porque essas se dariam sómente em sugeitos de mais annos, mais ponderação e menos valor, subiu sem visos de medo sobre o alado gripho juntamente com seu conductor Orontes, endireitando a viagem para os magicos palacios da grande Morgana: mas estando Melguesi, magico francez, revolvendo os encantos de seu obscuro livro, lhe foi manifestado entre elles o roubo que Orontes fizera do valoroso principe, e para o atalhar lhe sahiu ao encontro pelos ares, e com avernal furia investiu o volatil gripho que servia de aerea barca aos dois navegantes: não permittiu porem a sciencia de Orontes que o encanto de Malguesi prevalecesse: antes usando de encanto contra encanto, fez com seus conjuros que elle ficasse pendurado de uma arvore, ludibrio da magia e lastima dos seus francezes.

Capitulo VIII

Como Bernardo se livrou do encanto de Orontes e por outro se embarcou.

Tinha o rei D. Affonso o Casto convidado com a successão da corôa do sou reino ao grande Carlos Magno, imperador que ao depois foi, e n'aquelle tempo era rei de França e Allemanha; a qual offerta lhe fizera por não ter filhos e desejar ver expulsados de Hespanha os mouros que n'ella

se achavam tão poderosos : fundava-se bem este desejo de Affonso, pois tinha Carlos Magno com seus Doze Pares destruido os copiosos exercitos do almirante Balão e provado suas armas contra o poder dos imperadores dos mouros que residiam em Cordova; e no tempo da offerta se achava com poderoso exercito no principado de Catalunha contra o valente Marsilio, rei mouro de Saragoça e de Aragão. Acceitou Carlos Magno a offerta e se preparava a entrar armado a tomar posse do novo reino, quando lhe chegou a noticia de que el-rei Affonso arrependido revogára a doação, bem que elle lhe assegurou em segredo o cumprimento d'ella; mas por condescender com o animo de seus vassallos foi preciso fazer a reclamação em publico.

Noticiado Bernardo por seu conductor Orontes de que Carlos Magno se achava em Girona, cidade de Catalunha, lhe rogou o levasse á sua côrte, porque tinha vontade de ser armado cavalleiro por um monarcha e capitão tão valente; mas Orontes que outra coisa não procurava mais que livral-o da communicação franceza, o dissuadiu do intento com razões sufficientes a mover outra vontade, que não fosse a de um principe rapaz inclinado ao que se lhe contradizia; e como não soam bem nos ouvidos dos principes os conselhos contra seu gosto, antes estes os movem mais á execução d'elle, esquecido Bernardo do que sobre aquelle gripho ia nos ares sujeito ao encanto de Orontes, temeraria mas valorosamente, com impaciencia lhe lançou a mão á mal penteada barba, e suffocado entre a colera e o respeito lhe disse estas palavras : — Ainda que n'esta região do ar me vejo sujeito ao teu encanto, não has de triumphar de mim como fizeste do magico Melguesi, porque vale mais o meu valor que os seus livros : logo, logo me põe seguro na terra sobre que va-

mos, aliás saberei tirar-te a vida entre meus braços, e governar este gripho até terra firme. Bem viu Orontes que a acção temeraria de Bernardo era filha mais do alento que da prudencia: e agradecido com mostras de queixoso, guiou para terra os vôos do gripho, e pondo n'ella seguro a Bernardo, se ausentou sem lhe dizer palavra deixando-o sobre as montanhas dos Pyreneos, d'onde caminhando só a pé para a parte do mar Mediterraneo que lhe ficava perto e cujas aguas elle muito bem divisava, caminhou a buscar acerto á sua derrota. Orontes que não se offendeu da atrevida acção de Bernardo (porque são as de valor mais credoras de affecto que dignas de castigo, posto que pareçam offensa) usando de sua magica arte lhe poz prompto um bem ajaezado cavallo, que um lacaio no meio do caminho ao pé de um envelhecido e copado freixo tinha pela redea. Chegou Bernardo a buscar a sombra do freixo e n'ella a fresca prata que despegava de um penhasco liquido corria a satisfazer vontades sequiosas, quando ouviu ao lacaio estas palavras:

— Orontes meu senhor envia a vossa senhoria este cavallo, para que menos cansado desça o escabroso d'esta montanha até ás ribeiras do mar que tem á vista, e esta espada para que a possa usar em qualquer perigo: e dizendo isto, lhe entregou uma bem polida espada com seu bordado tahali, conforme o uso d'aquelles tempos, o qual logo Bernardo accommodou ao hombro direito para prender do esquerdo a mesma espada; e montando com os brios costumados no cavallo, desceu pelo caminho que achou mais commodo a procurar a praia.

Capitulo IX

Das representações que teve Bernardo em sonhos, que depois achou verdadeiros por encanto, e se embarcou com effeito.

Caminhou Bernardo o que lhe restava do dia por meio de um intrincado bosque, no qual o achou ainda o negro manto da escura noite, com a qual algumas vezes perdeu o caminho ; e cançado de andar procurando sahida que muito se lhe difficultava, se resolveu a apear-se como o fez, a esperar que a luz do dia lhe servisse de norte a sua jornada : apeado pois se lançou na terra dura sobre o feno nativo da serra, e o lacaio que lhe servia de unico companheiro, tirando a sella ao cavallo lh'a accommodou em fórma que podesse servir-lhe seu brando coxim de travesseiro, e passando a pensar o bruto com abundancia de feno que pisava, deixou só ao nosso Bernardo, que por ser de poucos annos (apenas contava quatorze de idade) e cançado do caminho, se deixou render do somno, universal ladrão dos sentidos se benevolo dispensador do socego. A poucas horas que o detinha o repouso, lhe pareceu entre sonhos, que ouvia dolorosas e sentidas vozes de uma mulher, que afflicta se queixava : despertou alterado, e levantando-se resoluto como nada visse, perguntou ao lacaio se ouvira algu ma coisa que causasse novidade ? Mas assegurado de que nada havia, resolveu ser phantasia da idéa representada no somho, e tornando a deitar-se tornou a dormir. Repetiu a phantasia as mesmas vozes, e logo lhe pareceu que via uma bem trajada quanto formosa donzella, que em lastimosos choros se queixava

de ser mal correspondido seu amor de um amante que lhe tinha violentado a liberdade, e pedia soccorro entre afflictos soluços contra um inimigo amigo.

A novidade phantasmal o despertou entre sobresaltado e resoluto, e posto a pé metteu mão á fatal espada e sem reparar para onde o furor lhe guiava os passos, partiu a buscar a causa d'elle, publicando a vozes alteradas estas balbuciantes palavras : — Espera angelico figurado objecto, que quando aggravado te mostras, n'esta espada achará remedio tua afflicção. Porém vendo que nada se lhe representava visivel, continuou cuidadoso : — Aonde, sonhada deidade, manda te procure ? Aonde queres te siga, quem já sómente deseja mais que favorecer-te, servir-te? A estas vozes não achou mais resposta que as ultimas dicções d'ellas que lhe tornavam em eccos as concavidades das oppostas brenhas, e sómente lhe serviam para despertar o lacaio, que conhecendo que a aurora se avizinhava já ás portas dos horizontes, e já com seus reflexos se ia divisando a praia que perto estava, adereçou o cavallo em que logo subiu Bernardo, e confuso com as especies da imaginativa visão remettendo ao silencio seu discurso, caminhou á vista da celebre cidade de Colivre no condado de Ruisselhon, fundada entre os ramos despenhados dos Pyreneos, e foi parar á areosa praia do mar Mediterraneo, junto aonde o rio Teche lhe paga em tributo toda a prata que os mesmos Pyreneos lhe communicam.

N'aquella praia achou Bernardo um bem equipado hiate, sem mais chusma para o governo, que o bom adorno; e como Bernardo era rapaz e lhe assistia o desejo de coisas grandes e acções heroicas, entregando o cavallo ao lacaio com recado de agradecimento para seu senhor, se resolveu a embarcar e fazer jornada n'aquelle velado coche

até onde os fados o guiassem. Quantos lêrem esta acção de Bernardo a julgarão chimerica, e mais cheia de louca phantasia que de considerada resolução : e na verdade a primeira apparencia se póde comparar com a sortida da barca encantada em que o celebrado D. Quixote de la Mancha com seu escudeiro Sancho Pança navegou além da linha ideada da sua loucura : mas como em Bernardo fossem poucos os annos, não chegavam estes a dictar-lhes discurso tão forte que vencesse os estimulos do seu appetite ; se bem que a primeira resolução, que o subiu sobre o gripho de Orontes e como elle o levou pelos ares, e depois lhe ministrou o cavallo que deixava, o fez certo de que suas acções se governavam pelos fados, e sómente da sua parte estava executal-as : o que mais lhe segurou o achar no mesmo hiate umas armas brancas douradas e polidas com todo o primor, as quaes provando, achou se lhe ajustavam tanto, que parecia foram fabricadas pela medida de seu corpo.

Capitulo X

Como Bernardo foi ter a uma armada por encanto, e de como foi armado cavalleiro pelo imperador da Persia.

Armado já Bernardo com tão lustrosas armas, que lhe accrescentavam o garbo ao bem polido de seu membrudo corpo, depois de refazer-se com algum sustento do que no hiate achou, o incentivo natural que ajuda a sustentar a humana vida, pôz na cabeça um capacete coroado de finas plumas, cuja variedade de côres inculcava um florido jardim na primavera, e descendo a viseira ficou com

o rosto descoberto representando um aspecto tão senhoril como bello, que se o visse o mesmo Páris troiano, juraria que em nada se differençava da formosa Pallas, quando no monte Ida se lhe apresentou o juizo sobre a maçã da discordia. Pouco crystal tinha o mar Mediterraneo servindo de espelho a tanta gentileza, pois não causou que Bernardo, qual outro Narciso namorado da sua formosura, se precipitasse a buscar sepulchro, em suas agnas : se já não fosse que a idéa da sonhada deidade tinha occupado n'elle todo o affecto, deixando-o incapacitado de seguir outro amoroso objecto.

Navegou airoso o nosso Bernardo feito capitão, piloto e marinheiro da embarcação em que ia passageiro, e sulcando as crespas ondas sem mais sciencia nautica que o norte da fortuna a que incauto se entregava ; porém como por conta d'esta corria leval-o a porto seguro, pouco tinha elle navegado a seu parecer, quando se achou abordado a um forte galeão que servia de capitania a uma empavezada armada : quiz subir a bordo, quando viu que armados o esperavam resolutos a todo o lance dois bem postos soldados, que nos seus trajos pareciam pessoas principaes. Podia o nosso Bernardo alterar-se á vista de resolução tão opposta ; mas julgou temeridade sobre a agua acommetter em partido tão desegual, e usando de prudencia não esperada em annos tão verdes, lhes disse : — Eu, valorosos soldados, venho guiado dos fados buscar esta armada ; da pouca comitiva que vedes no hiate que me conduz podeis conjecturar o pacifico de meu animo, pois nada mais procura que servir-vos e apresentar-me ao capitão de tão importante armada. A estas comedidas palavras respondeu um dos oppostos (depois que ambos dando-lhe cortezmente as mãos o subiram a bordo) : — Sabe, galhardo estrangeiro,

que o general d'esta armada e que tem ao presente sua morada n'esta grande náo, é não menos que o grande Orimandro, imperador de toda Asia e rei da Persia; caminha com a mesma para Syria acompanhado da grande Angelica, imperatriz de Catay ou Grã-Tartaria, adorado idolo da veneração do imperador e singular portento de formosura, e para que melhor t'informes de uma e outra coisa e de ti tome tambem informação o imperador, pódes seguir-nos, que, para que lhe beijes a mão, te espera na sua imperial camara.

Levado no meio dos dois nobres persas o nosso Bernardo, foi apresentado ao imperador Orimandro, que admirado da sua gentileza de rosto e bom talhe de corpo, o recebeu junto a uma cadeira em que assentado estava, formada de fino ouro e marchetada de finissimos diamantes, graciosas esmeraldas e abrazados rubins. Depois que Bernardo lhe fez as devidas reverencias e genuflexões costumadas, com o capacete na mão esquerda, posto de joelhos diante do imperial solio, lhe beijou submisso a mão, e sendo mandado levantar, fez de pé ao imperador esta supplica com as seguintes palavras : — Eu, augustissimo monarcha, sou hespanhol com tal altivez de animo que por ella me considero bem nascido, ainda que não tenho noticias dos meus progenitores : nem tua grandeza me assombra, que é aonde posso chegar com o encarecimento : n'aquelle baixel pequeno sulquei o grosso d'estes mares sem mais piloto que o destino dos fados, até chegar a esta grande armada aonde logro a dita de tua presença. Se aos principes mais agrada quem pede que quem serve, pois o serviço se lhes deve, e o pedir-lhes dá logar a mostrar-se principes ; eu por te agradar te peço me armes cavalleiro, que para meu brio não o seria de outra mão que não fosse de um monarcha tão excelso ; não desmereço o favor, nem a

tua mão se desdignará da obra. Ficou tão agradado o imperador Orimandro da petição do galhardo mancebo, que risonho lhe disse com mostras de agradecimento estas palavras : — Os poucos annos que representas, bello hespanhol, não se accommodam á tua pretenção : mas a grandeza de teu animo facilita a dispensa de qualquer falta. E chamando os principaes cabos de sua côrte e os magnates de seu conselho, armou cavalleiro ao nosso Bernardo, assistido de tanta nobreza e com apparato tão esplendido, que não cedeu ao luzimento da maior côrte do universo.

Convidou Orimandro para este effeito a formosa Angelica, adorado emprego dos seus mais puros affectos em outro tempo, quando n'aquelle presente objecto de seus descuidos. (Não é novo no mundo ser sempre o amor gigante quando pretende : mas lograda a prenda que se diz amada, produz logo estimulos que quando não sejam de aborrecimento declarado, são sempre de um descuido affectado.) Foi a funcção feita na mesma camara imperial, onde assentado o imperador em sua aurea cadeira e a imperatriz Angelica em outra de não menos valor, se deu principio ao acto pondo-se Bernardo de joelhos perante a imperatriz, e beijando a espada lh'a deu com estas palavras : — Para me considerar um Marte preciso os favores da melhor Venus ; seja a primeira fortissima imperatriz cingir da vossa mão a espada para a seu tempo a empregar com razão em serviço vosso. Angelica entre agradecida e inclinada, recebendo a espada com uma acção quasi risonha a metteu no tahali e bainha, despedindo do intimo do seu peito um sentidissimo suspiro, que suffocou entre o crystalino dos seus dentes e nacarado dos seus beiços mais abrazados no vaporoso fogo, a qual ainda que passou por tanta neve sempre se percebeu Vesuvio, que abrazou com differentes effeitos o

coração de Bernardo e Orimandro; se o d'este em azulados zelos, o d'aquelle em candido amor. Disfarçou porém o imperador o que zeloso conheceu em Angelica e Bernardo por não dar a entender aos circumstantes a offensa concebida e continuando o principiado acto, elle por sua mão calçou as esporas ao novo cavalleiro ajudando os principaes de sua côrte a vestir-lhe as armas.

Capitulo XI

Como o imperador Orimandro teve zelos de Bernardo por amor de Angelica e do desafio que lhe fez Bernardo.

Conheceu Bernardo que Angelica era a mulher afflicta que em sonhos se lhe tinha representado no bosque pedindo favor contra um amante desagradecido; e conheceu o imperador que Bernardo e Angelica tinham unido os corações passados do peito de um ao do outro em reciproco troco pela primeira vista : e não podendo supportar os zelos (que muito foi em um soberano podel-os disfarçar) despedidos os principaes magnates da sua côrte, ficando só elle com a imperatriz, Bernardo e alguns domesticos assistentes, disse estas palavras encaminhadas a ambos : — Possivel é, atrevido rapaz, que não imagines que sou eu o imperador da Persia! Que é a dama que está presente, a grande Angelica, imperatriz do Catay, Grã Tartaria e China, unica Venus d'estes tempos, singular modelo de formosura e idolatrado idolo da minha veneração! Possivel é que não repares que estás na minha côrte sujeito ao castigo que póde dar-te o meu agigantado poder ! Possivel é que não consi-

deres que um soberano zeloso reconhece maior offensa o mais leve ciume, e que qualquer offensa a um soberano feita se castiga com o mais avultado rigor! Pois como te atreves ainda a meus olhos pôr com inclinação os teus na deidade que amo: muito mais havendo a differença sem medida que devias reconhecer?

Poderiam estas palavras ditas em tal tempo, em tal logar e com taes circumstancias, não sómente assustar, mas logo deixar sepultado no cáos horroroso da morte a qualquer homem de animo menos agigantado que o de Bernardo; porém como este fosse sem medida de nunca conhecesse a cara ao medo, respondeu com socego não esperado por este modo: — Se tu, ó grande Orimandro, não querias que eu amasse a formosa Angelica, era preciso que não a pozesses patente a minha vista: pois faria a maior affronta á sua formosura meu animo livre, se vendo-a, lhe não rendesse logo a vontade, devida victima á tanto simulacro; não pódes culpar-me de atrevido pelas consideradas causas que oppozeste na differença das pessoas; porque considerando-me amante, escusada é a desegualdade imaginada, quando o amor que eguala os corações, eguala tambem as qualidades. Demais me pões á vista os meditados castigos, quando é certo que quem muito ama nada teme; a tudo se atreve o amor por gigante e nada pondera por menino; antes por esta causa te reconvenho de tibio amante d'esta deidade; e agora reconheço certa uma representação que a phantasia de um sonho me fez duvidosa. N'elle vi a formosa Angelica, que afflicta me pedia soccorro contra teu pouco amor, contra a tyrannia com que a detens e contra a sem rasão com que a desterras de seu imperio; por isso sem que me julgue o mundo por ingrato ao proximo recebido favor, te desafio formalmente para corpo

a corpo em singular conflicto mostrar que nunca tiveste o amor devido a quem por te querer e seguir deixou tão grandes imperios; e que faltaste a palavra dada a quem por ti não temeu viver em desterro. Sirvam de cartel para este desafio estas palavras, o campo seja tua côrte, que não appeteço mais segurança que a minha espada: se por amante da melhor Venus não me mostrar na campanha Marte, sempre as lagrimas que vejo verter a Angelica me publicarão favorecido Adonis.

Entre picado e corrido se suffocou o respeito do imperador Orimandro, e esquecido da offensa que Bernardo fazia á sua grandeza, se lembrou sómente de que o amante o excedia á vista da prenda amada; e como se prezasse das bizarrias de cavalleiro, quiz esta vez usar d'ellas com ostentação da soberania; e entre zelos e furor disse a Bernardo estas palavras: — Ainda que seria facil desfazer esta affronta com um só mandato, quero que esse bello monstro de ingratidão reconheça a temeridade commettida no manifesto despreso que faz do meu carinho: acceito o desafio, e para campo do conflicto no meio do convez d'este galeão: para armas, espadas e escudos; e para premio do vencedor o credito do vencimento sómente. Calou-se, e sem mais razões sahiu da sua imperial camara para o tombadilho da náo, mandando a Bernardo o seguisse; o que elle fez sem que lhe servisse de impedimento Angelica que entre soluços e lagrimas lhe pedia se não arriscasse. No tombadilho da náo puxou Orimandro da espada e com ella fez signal a Bernardo, que tirando tambem a sua da bainha, embraçados os escudos se investiram. Era Orimandro de corpo agigantado e excedia muito em altura a Bernardo, a quem seus poucos annos não tinham ainda dado o complemento de membros que a natureza lhe promettia, e por isso ficava quasi descuberto

aos golpes de Orimandro : mas evitava-os destro cobrindo-se por alto com o escudo : foram grandes os talhos que sem piedade se atiraram uma hora que durou a contenda : mas Bernardo vendo-se sem escudo porque Orimandro lh'o fez de um golpe em pedaços, picado de que tanto lhe durasse seu inimigo diante, lhe atirou ao alto da cabeça um talho que sem duvida seria o ultimo se Orimandro não o aparasse destramente com o escudo; ficou porém este partido ao meio; e cortando ainda a espada pelo capacete chegou a encarnar-se em uma gorra de multiplicadas dobras de setim, em que se embotaram os fios. Livre Orimandro d'este golpe, cuidou em desfazer-se de inimigo tão valente atirando-lhe varios talhos e revezes, que amiudava por não lhe dar logar a que se refizesse para outro premeditado golpe; mas Bernardo, percebendo a destreza do contrario, lhe atirou recusado um talho á cabeça, que resvalando lhe levou o capacete e ainda o chegou a ferir no braço esquerdo, cortando o duro das armas; e continuando a decadencia, lhe levou fóra a manopla e com ella parte da mão esquerda; e para não lhe dar logar a refazer-lhe segundou outro golpe á cabeça, parte do qual evitou Orimandro lançando-se com todo o corpo por terra, mas não pôde escusar que ainda o alcançasse parte do golpe.

Prostrado em terra Orimandro aos pés de Bernardo, lhe pôz junto d'elle a espada dizendo : — Aqui tens, ó mancebo o mais valente d'estas idades, a teus pés rendida a melhor espada, prostrada da Asia a soberba e vencido o terror do mundo : em Orimandro tens tudo, pois Orimandro se jactava de ser unico : tema de hoje em diante o mesmo Marte os golpes de teu braço, pois se atreveram ao olympo da minha grandeza : sou teu prisioneiro e estou prompto a receber como tal e vencido as leis que como vencedor quizeres pôr-

me. Bernardo entre a vangloria de victorioso e piedade de ver prostrado e vencido o maior monarcha, lhe lançou os braços depondo a espada: e levantando-o da terra a elle, não pôde proferir palavra porque os soluços e admiração do espectaculo impensado lhe impediram os orgãos da voz; e usando do silencio por rethorica do sentimento, levou o imperador a sua imperial camara para n'ella das feridas ser curado.

Capitulo XII

Como Angelica foi por encanto arrebatada em um carro de fogo: e depois achada, foi livre por Bernardo de um dragão que a queria tragar.

Já a este tempo os capitães das diversas náos da armada que em torno navegavam, vendo seu soberano medir as armas com um estrangeiro, ignorantes da causa se avançaram á capitania para soccorrer a oppressão e castigar o que julgavam traição, mas deteve-os a certeza que lhe deram os cortezãos de que fôra voluntario desafio, que já se achava finalisado, e seu imperador posto que vencido, satisfeito: assim se preparavam a retirar-se ao largo, quando os suspendeu uma repentina visão: pareceu que os céos se abriam e da região do fogo sahiu um carro do mesmo elemento fabricado, e baixando precipitado sobre a náo capitania, levou d'ella arrebatada a formosa Angelica, que amortecida com um accidente, se reclinára sobre o regaço de uma sua donzella no primeiro instante do conflicto dos dois famosos contendores. Deu-se logo esta noticia a Orimandro, que no seu leito assistido de Bernardo se achava, e causou

n'este incentivos de desesperação a repentina saudade, e n'aquelle os de reconcentrado odio; e a ambos cegaram os desejos da vingança e juraram solemnemente procurar os auctores d'aquelle, ao seu parecer sacrilego furto, declarando Bernardo a Orimandro ser feito por encanto, ou causado do odio de Melguesi, ou do affecto de Orontes.

Mandou Orimandro que a armada proseguisse sua derrota avante, entregando o governo d'ella a Bernardo emquanto se detinha na cama curando as feridas; mas como estas se aggravassem cada dia mais com os humidos vapores do mar, foi preciso se procurasse terra em que surgir para dar remedio a ellas e reparar uma vida tão preciosa. Navegou-se alguns dias pelo mar Jonio em demanda de alguma ilha do mar de Sapienza, quando inesperadamente divisou Bernardo (que no convés do galeão se divertia) uma que divisada muito se alongava; mas com a esperança de que fosse commoda a seus desejos, communicando com o piloto se tomou a altura pelo astrolabio, e acharam estar entre Creta e Moréa e julgaram ser alguma das ilhas do mar Egêo: pozeram as prôas a terra e lançando o esquife depois de amainadas as velas, saltou á praia Bernardo em companhia de Glauro, famoso geographo do imperador, e em sua companhia tambem alguns soldados para averiguar o trato da terra: acharam a pouco espaço andado uma cabana ao parecer de pescadores, para a qual caminhando viram que sahia d'ella um rustico e mal vestido vulto, que pelo intenso de sua emmaranhada barba e comprido cabello, mais parecia urso que homem. Temeroso Glauro se retirava, se animado da espada de Bernardo não tomasse de novo a respiração perdida do susto: quiz Bernardo investir a quem se lhe representava féra no aspecto e encantamento no trajo; mas ella para evitar o perigo, se lhe lançou aos pés e em lingua

hespanhola lhe pediu suspendesse a ira, assegurando ser um pouco afortunado Leonez, que sahindo da sua patria e embarcando-se em companhia de outros seus nacionaes, depois de alguns mezes de navegação lhe sobreviera uma tormenta que dera com a náo entre os penhascos d'aquella praia, nos quaes fazendo-se em pedaços servira de tumba e sepulchro a todos, excepto elle e outro companheiro com o qual vivera algum tempo n'aquella cabana, que para abrigo dos temporaes fabricaram ; e por haver pouco tempo que o companheiro morrera, se achava elle esperando por horas semelhante acontecimento. Informou-se Bernardo de seu nome, que lhe declarou ser Gunderamo ; e do trato da terra e naturaes da ilha achou serem brutos e totalmente ignorantes da policia e que feitos selvagens viviam nos campos com seus gados.

Tornou Bernardo e os mais levando comsigo a Gundemaro para o seu esquife que na praia deixaram quando já n'ella acharam o imperador Orimandro, que desejoso da frescura da terra se tinha mandado levar nos braços e sobre a areia se tinha assentado seu rico leito debaixo de um pavilhão de vistoso brocado : estava porém tão perto da morte que não conheceu os exploradores mandados, tendo sido causa de tanto damno o desatarem-se as ligaduras das feridas com o movimento e abalo e, correr d'ellas tanto sangue que o deixou chegado aos ultimos paroxismos da vida : sobresaltou-se Bernardo porque era aquella a que mais estimava e indeciso no remedio de tanto mal, lh'o deparou a fortuna por ser Gundemaro um experimentado chimico, que logo resoluto entrou a ligar-lhe conforme a arte as feridas, e deixando-o assim ligado, havida licença, se metteu pelo bosque vizinho, d'onde em pouco espaço voltou com certas hervas d'elle somente conhecidas, e machucando-as as

applicou sobre as mesmas feridas com novas ligaduras, emquanto seus medicos lhe applicaram fomentações ao estomago e algumas bebidas, com que tornou a cobrar alentos. Mandou Orimandro formar seu campo por modo de arraial de uma e outra banda de um fresco ribeiro que das serras da ilha descia á praia, para se esconder no ondeado chamalote do mar e ficou tão bem formado que parecia uma das mais populosas cidades do mundo, em que não faltava o necessario para o sustento e regalo da vida humana: e ahi entre divertimentos e cortejos passou Bernardo alguns dias que durou a molestia do imperador.

Um d'elles que achou mais apto, partiu Bernardo com alguns magnates da côrte acompanhados de muitos criados e monteiros, a divertir-se no exercicio da caça a que era muito inclinado por se ter criado nas serras; succedeu que andando duvidoso a seguir as feras, se achou empenhado no seguimento de um grande veado, que cuidadoso e pratico das veredas do bosque se mostrava com mais que a natural ligeireza; e causou que perdido da vista de Bernardo, e este da mais companbia, vagasse por entre as brenhas algum tempo para achar sahida de um intrincado arvoredo. Afflicto e cuidadoso andava de uma parte para outra, quando na entrada de uma horrorosa brenha ouviu lastimosas vozes de mulher, que aos céos se queixava da sua desgraça: applicou o sentido e dirigiu os passos do cavallo para aquella parte d'onde lhe vinha a queixa, e a poucos andados viu que um horrivel dragão tinha entre as garras uma bem trajada mulher e a levava para o centro da gruta, por mais que ella forcejasse na renitencia ou se queixasse afflicta; servindo-lhe sómente a queixa de incentivo da ira e a renitencia de augmento da força: arremetteu Bernardo á fera com a espada prompta ao golpe: mas ella vomitando

fogo pelos olhos, deixou a mulher como segura presa, e dando espantosos assovios investiu o cavalleiro talvez com animo de castigar n'elle o atrevimento. Custou muito a Bernardo socegar seu cavallo para mais a seu salvo resistir cara a cara a furia do dragão; mas nunca o segurou em fórma que deixasse de recusar affrontar-se com elle, pois sua vista lhe causava tal pavor que não dava por freio, nem obediencia á espora.

Dava Bernardo os golpes com incerteza, por lhe variar em corcovos o cavallo, e por isso resvalara a espada nas conchas de que armara a natureza a cabeça e comprido pescoço do dragão; e picado de se ver por causa do medo desobedecido de seu cavallo, apertando-o com ira entre as pernas e com raiva os dentes, arremetteu para o atropellar o opposto bruto: mas achou-se em terra, porque á força do aperto arrebentando o cavallo rendeu o alento que lhe sahiu por duas boccas abertas a confessar seu erro na renitencia. Temeu com rasão Bernardo ver-se a pé á vista de inimigo tão forte: porém o que lhe pareceu perigo lhe augmentou o animo; porque lançando-se sobre elle o dragão com toda a furia, deu logar a que esperando-o Bernardo com a espada refeita para um revez, a empregasse no peito do dragão, ferindo-o com tanta força que lhe lançou á terra muita parte das nativas conchas, ainda que com a infelicidade de lhe quebrar a espada: incidente capaz para que outro qualquer que Bernardo não fosse, perdesse a vida de susto, primeiro que as garras da fera lh'a tirasse do corpo; mas por evitar que o dragão se refizesse, se lançou braço a braço a elle, e qual outro fabulisado Hercules com Antheo ou Theseo com o Minotauro, entre o forte do abraço rendeu o peçonhento espirito. Passou logo Bernardo a buscar a mulher que tinha sido infeliz presa de tão pestifero rapto, e a achou rendida ao paroxismo de

um accidente estendida em terra, e chegando a levantal-a, viu que era a infeliz quanto formosa Angelica, imperatriz de Catay, aquella que arrebatada fôra da capitania de Orimandro pelo carro de fogo : cuidou em fazer que resuscitasse a accidentada deidade ; mas não lhe era possivel tornar-lhe o ser, ao parecer perdido, por mais que, qual outro leão, com bramidos e suspiros procurasse infundir alma n'aquelle corpo que imaginava morto : e como lhe sentisse seguros os alentos pela palpitação das arterias, tratou sómente de ver se qual outro piedoso Eneas levava sobre seus hombros aquelle Anchises, que se naturalmente lhe não dera o ser ao menos lhe dispensava os termos da vida, porque sem Angelica desde a primeira vista não vivia; accommodando-a meia defunta a seus hombros, e com tão gostosa carga partiu a buscar os companheiros, quando ouviu que do centro da horrenda cova uma tremula voz o chamava por seu nome.

Capitulo XIII

Como Bernardo soube quem eram seus paes.

Admirou-se da novidade não esperada ; e como não tinha medido seu valor, nem em tempo algum se encarava com o medo, assim carregado com aquelle para seu gosto o mais estimado thesouro, voltou com o rosto logo os passos a buscar intrepido quem em terras tão desconhecidas lhe sabia o nome, e entrando pela cova achou franqueado o caminho até uma aprazivel estancia, em que com meia luz (pois como furtada lhe dava claridade mediana) viu o esperava um venerando velho, que encostado a um nodoso cajado o convidou a que

depondo a preciosa carga, tomasse assento de alguns que a arte sobre o duro sabro da terra fabricára. Acceitou Bernardo a offerta, mais para ver se achava commoda restauracção ao accidente, que mais a elle que Angelica matava, que para descançar do trabalho, pois nenhum tal carga lhe causava; accrescia a appetencia de inquirir a novidade, porque seu nome era em terras tão desconhecidas conhecido. O velho que sabia claramente o enleio em que Bernardo se achava, lh disse logo estas palavras: — Sabe, ó grande heroe, que eu sou aquelle fabulisado Protheo, cujas fórmas se acham em varias apparencias nas historias: com meu dom prophetico te reconheço e a causa porque conduzes essa dama: a ella poderei logo dar remedio, e a ti alguns desenganos por onde conheças quem és, pois ainda o ignoras. Socegou Bernardo, e se lhe abriu um novo céo na esperança do que ouvia; e mudo a tanta offerta não deu outro agradecimento mais que depondo a leve carga, tomar socego, procurando em pucaro de fresca agua a que Protheo accudiu com algumas bebidas, que foram nectares celestiaes que logo tornaram a seu ser a deidade de Angelica, por ter gostado d'aquillo que mais se lhe devia para o sustento. Agradecido ficou Bernardo, e entre o gosto do alcançado e esperanças do promettido, que era saber quem era como tanto desejava, quiz depois de reciprocos amores e queixas com Angelica pelo prado, reconvir a Protheo pela promessa; mas elle por evitar prolixidade nos cumprimentos, tomando assento fallou com a seguinte rhetorica:

— Talvez, valoroso Bernardo, que não te seja occulta a prolongada prosapia dos reis godos d'onde descendes; conta desde o grande Alarico destruidor de Roma, e Ataulpho que primeiro reinou nas Hespanhas, até o grande Recaredo de

quem por linha recta descende tua varonia, a Pedro duque de Cantabria, tronco d'onde brotaram as duas ramas de teus nobres progenitores; tanto o famoso Sancho Dias de Castro, conde de Saldanha, com a infanta D. Ximena, irmã dos dois reis Bermudo Diacono, já fallecido e Affonso o Casto reinante em Oviedo e Leão, nenhum d'estes que te deram o ser poderás ver vivos, pois em vida os sepultou o mal afortunado de seus amores e a ira de um rei vingativo.

Mais queria dizer Protheo, mas foi impedido pelo grande estrepito de uma tropa de cavallos que á porta da grota se ouvio, porque imaginando Bernardo ser alguma nova aventura, saiu fóra e achou serem soldados do imperader Orimandro, que cuidadoso na sua falta mandou buscal-o pelos bosques e com a tropa uma portatil fileira de mão, para que sendo achado o levassem com descanço, imaginando ter-lhe succedido algum despenho ou outro fatal infortunio, d'aquelles a que a caça está sujeita. Agradeceu Bernardo a Protheo os recebidos favores, e despedido d'elle fez que Angelica entrasse na preparada liteira, e elle montado em um dos cavallos da tropa partiu com todos gostoso a buscar a praia ou arraial do imperador, de quem foi recebido com o gosto de esperado, e melhor quando soube Orimandro que trazia em sua companhia a imperatriz Angelica livre de tão conhecido perigo: que o salvamento d'elles se estima ainda pelos mais fortes inimigos, se só acompanha a qualidade de nobres.

Capitulo XIV

Como uns piratas ou corsarios roubaram Angelica andando á caça, e Bernardo partiu em uma armada para a buscar.

Passou alguns dias Bernardo entre as festas que a côrte de Orimandro fez pelo feliz successo de Angelica, gloriosas victorias de Bernardo e restabelecimento da saude de seu imperador, e emquanto se fortalecia este mais n'ella, saiu muitas vezes a formosa imperatriz á caça, á qual não acompanhava Bernardo por não dar causa a novos zelos ao imperador, que conservava sempre o primeiro amor: (que este sempre existe no sujeito que deveras amou, por mais que procurem offensas e zelos offuscal-o) fatal politica e mal succedido empenho foi aquelle de Bernardo; pois em um infausto dia que saiu como em outros a imperatriz a lograr do divertimento da caça ao redor da praia sobre um persiano cavallo, alongando-se mais do que devia da caterva de seus monteiros, que se achou surprehendida de uns corsarios, que sem attenção ás suas doloridas vozes, a transportaram a uma pirateante fragata, e talvez por conhecerem ser pessoa de grande porte, pelo bem ornado dos vestidos se fizeram ao mar alçadas as vélas. Navegae muito embora, atrevidos troyanos, levando da Grecia roubada a melhor Helena, que logo um mais valente Achilles vos tirará com as vidas a prenda roubada e fará abrazado estrago o que agora tentastes atrevidos. Chegou á noticia do imperador Orimandro e Bernandro o atrevimento dos corsarios a tempo que já lhe servia mais de estimulo da vingança, que de meio

para o remedio do damno; pois ainda que em seguimento dos corsarios mandou o imperador uma esquadra de galés, não trouxe o capitão d'ella outra noticia mais, que a certeza de que nem com a vista podera alcançal-os: que foi causa de que tanto Orimandro como Bernardo, se abrazassem entre o fogo dos zelos e vingança desejada.

Não pôde socegar um e outro em quanto não prepararam uma esquadra de dez bem equipadas náos; mas sendo postas de verga de alto, saiu com ellas Bernardo a procurar os corsarios, não tanto para castigar sua audacia, quanto para restaurar a joia furtada. Sulcou o mar Jonio com vento prospero, e a poucos dias de viagem houve vista da armada dos corsarios, que a vélas estendidas buscava o porto de Corcyra (ilha que com immortal fama das suas e portuguezas armas, conservam os venezianos para baluarte de seus dominios contra o turco), mandou Bernardo seguir os corsarios largando ao vento todo o panno; e elles que contaram o numero das vélas inferior ao seu, julgando o valor pela multidão, esperaram confiados da victoria: miseraveis que não conheciam o valor de quem os procurava, mas que cedo se desenganaram reconhecendo temeridade o que tinham imaginado vencimento; pois aferrando-se as náos (costume d'aquelle tempo em que ainda os baziliscos de bronze não vomitavam as ferreas balas que pela bocca concebem) saltou Bernardo logo na capitania, e com o escudo embraçado e a espada núa, fez tal estrago nos offensores corsarios, que a náo serviu de cemiterio de corpos mortos pois cada golpe era perda de uma vida; não se descuidavam os capitães persas das outras náos aonde Bernardo saltando sobre as lançadas pranchas, já em uma já em outra, parecia raio de Marte, animando com as vozes e melhor com o exemplo: muito fez a sua espada, mas não fez

menos o terror de seu braço, seu exemplo para os capitães e soldados, e suas ordens para a boa direcção dos acommettimentos : em tal fórma que depois de duas horas de combate, nas quaes Bernardo não teve os braços e lingua um instante ociosos, foi preciso ás náos dos corsarios que aferradas não estavam, fazer-se ao largo e retirar-se com fuga conhecida, deixando dez que por presas e já sem chusma nem guarnições fugir não poderam.

Entre os despojos de tão grande victoria se achou o unico premio d'ella que era a bella Angelica, unica remora da furia de Bernardo para salvamento dos corsarios fugitivos: á vista d'ella se prostrou Bernardo rendendo-lhe os devidos obsequios e as armas tanto vencidas como vencedoras, e recebeu d'ella o amor que lhe tinha; porém como Bernardo ia mandado por Orimandro, e ás suas ordens com sua armada recobrou a liberdade de Angelica, antepoz o pundonor de leal capitão ao abrazador fogo em que seu peito ardia, e por isso tratou a Angelica com cortejo devido á sua grandeza, servindo-a mais vassallo que amante, até que chegando á presença de Orimandro podesse como livre empregar os affectos amorosos no unico objecto do seu amor. Famoso heroe que póde vencer-se a si mesmo em uma batalha onde peleija com armas domesticas o amor, preconisado e cantado antes e depois do conflicto, de quem não sómente se viram despojos os maiores capitães e mais sabios philosophos do mundo, mas ainda as fabulisadas deidades dos antigos, pois tudo venceo amor!

Capitulo XV

Como depois que Bernardo alcançou os corsarios e os venceu em batalha, restaurando a Angelica, a sua não se perdeu em uma tormenta.

Navegava Bernardo com dobrada frota a procurar a ilha em que a côrte de Orimandro ficára, fazendo que Angelica governasse a armada na capitania em que se embarcava, e elle como almirante seguia a retaguarda; quando Melguesi, aquelle encantador e magico francez, não se esquecendo do entranhavel odio que contra Bernardo concebera, e mais lhe augmentára com o escarneo que Orontes lhe fizera quando o deixou suspenso de uma arvore, invocando com seus conjuros as potestades infernaes, alterou de tal fórma os mares que parecia que offendidos dos termos, postos na praia, intentavam quebrantal-os e passar a subverter o mundo. Principiaram os pilotos a seguir os lemes, os marinheiros não socegavam a amainar as vélas, tudo era confusão, tudo gritaria, tudo lamentos; a noite tenebrosa, os ventos rijamente soprando alteravam as ondas com tal furia agitadas, que algumas vezes chegavam as náos ás nuvens, outras se viam tocando as areias no centro das aguas. Parecia que os céos se armaram contra o mar, e talvez porque este com suas aguas borrifava as estrellas, lhe arrojavam flammantes raios e o ameaçavam com vorazes chammas de tremulos coriscos, pondo-lhe o medo com roncos de estrondosos trovões. Crescia a confusão com o negro manto da noite, que não dava outra luz que a ministrada pelos raios para se ve-

rem os estragos da tormenta. Dispostas as náos, tiveram a fortuna de seguir seu rumo cessando com a noite a tormenta : porque Melguesi como sómente perseguia ao nosso Bernardo, incitou as furias avernaes, para que deixando navegar a capitania em que Angelica ia com as mais náos que a seguiam até á estancia onde Orimandro esperava, sómente perseguissem a almiranta onde Bernardo se embarcára, para que assim com a perda da dama que amava, tivesse tambem o sentimento de que esta se apresentava para possuida de seu contendor Orimandro e como elle se perdia com sua náo : e com effeito assim succedeu, pois dando atravez em um penhasco na praia se fez em pedaços, cuidando cada um dos naufragantes em salvar a vida, o que tambem fez Bernardo, valendo-se de uma taboa que violentamente arrancou com suas mãos do costado da náo, já a tempo que a sossobravam as aguas, e sobre ella foi contrastando a fortuna, até que as aguas proprias o arrojaram na areosa praia de Achaia, jundo aonde se acha a cidade de Lepanto, famosa pela grande batalha que o celebrado D. João de Austria, filho do imperador Carlos V, venceu contra os Turcos.

Capitulo XVI

Como Bernardo escapou da tormenta e livrou uma mulher de ser morta por um leão, e com ella partiu para Delphos.

Sahiu Bernardo a pisar a apetecida areia, e depois de dar a Deos as graças devidas por favor tão grande, foi caminhando penosamente com o peso das armas de que ia vestido, até um monte (seguro já do impeto das aguas) onde assentado para tomar

respiração do passado naufragio, olhando para os mares entre soluços movidos com a lembrança da perda de Angelica e lagrimas que lhe causava a vista de alguma parte dos mastros da despedaçada náo, proferiu estas palavras : — Entre os limos d'esse penhasco, servindo-vos de sepulchro esse buliçoso crystal, tereis, infelizes companheiros, eterna morada : desgraçados vos fez a minha desgraça, que um capitão com ella não podia dar felicidades a seus soldados. E tu, Angelica, doce objecto de meus affectos, se padeceres a miseria que contemplo, pouco lucraste na victoria que ultimamente te offereci amante; maior fortuna talvez terias captiva de corsarios, da que lograste livre d'elles por meu braço : mas se ella por acaso piedosa te conceder que chegues a surgir no porto que buscas, permittam os fados que gozes os amorosos carinhos que mereces, ainda que chore eu em terna saudade tua ausencia. Mais quizera dizer se esta ultima palavra não lhe embargasse as vozes; porém o que n'ellas havia de sahir organisado, sahiu em ardentes suspiros que derreteram no peito um chuveiro de lagrimas.

Dando termo a ellas, poderam ver seus olhos que o mar arrojava á terra uma mulher que fôra sua companheira no naufragio; e descendo logo para a buscar e dar-lhe soccorro se d'elle necessitasse; foi tanto a tempo que a pôde livrar de um feroz leão, que encrespado de frente, com a cólla em arco, seguro na presa contente arremettia para a devorar. O susto do naufragio ia sahindo do corpo da misera mulher com o logro da desejada terra, quando encontrando-se com o que de novo lhe entrava com a vista da fera, unidos ambos a suffocaram e fizeram cahir em terra nas apparencias morta: não usou o leão da sua natural clemencia com os rendidos, porque a fome o obrigava a não guardar politica da magestade, nem usar das prendas com

que a natureza o dotára: antes valendo-se da licença que a necessidade de sustentar-se lhe offerecia, abertos os braços e a bocca, intentou que elles passassem a esta o semimorto cadaver que olhava presente, se tyrannos aquelles por crueis ministros de uma morte, piedosa esta por sepultura de um morto. No meio da acção intentada o suspendeu um brado de Bernardo, que até sua voz fazia tremer o bruto mais forte: e o rei da ferocidade, vendo-se ao seu parecer impedido, voltou todo o seu armado furor para o empregar em quem, conforme julgava, atrevido ousava encontrar-lhe a vontade: mas Bernardo que estava qual outro David, nos bosques costumado a matar ursos e leões, recebeu o acommettimento d'aquelle, e entre resoluto e vingativo, pegando-lhe com o costumado valor nos cabelludos braços, puxou por elles com tal violencia para os lados, que lh'os separou das espadoas, abrindo-lhe duas portas por onde despedio sem alento a vida, ao mesmo tempo que por ellas entrou a vista de Bernardo a registar-lhe nas entranhas a causa porque tinha intentado a fera tão desusada acção contra a fragilidade de uma mulher, mais que rendida, morta.

Segura a amortecida mulher e livre de tão conhecido perigo, achou nos braços de Bernardo o descanço, a tempo que já tornava a recuperar os vitaes alentos, e entre agradecida e chorosa, foi seguindo ao alto do monte os passos de Bernardo e sentados ambos para tomar descanço dos passados perigos relatou a mesma mulher ser natural de uma cidade d'aquella provincia, que chamavam Delphos (celebre em outro tempo pelo oraculo de Apollo que em uma gruta por bocca de seus sacerdotes dava ambiguas respostas a douradas perguntas) e que seguira com seu marido aquella derrota, e este fôra victima do furor de Bernardo, sendo um dos capitães corsarios d'a-

quella vencida armada. Resolveu-se Bernardo a acompanhar a mulher até Delphos para a entregar a seus paes, que ella dizia serem vivos e dos mais ricos da cidade; mas a falta de meios para a jornada (pois se achava a pé e sem mais traste que suas diamantinas armas) o punha em uma inconsolavel consternação de espirito, o que conhecendo a mulher (que Gualdina se chamava) lhe offereceu uma grossa cadeia de oiro que enlaçava em um braço, para que fazendo-a vender podessem comprar sustento e buscar cavalgaduras, em que fizessem com menos trabalho a jornada.

Melhor succedeu do que imaginaram; porque acudindo de um logar vizinho alguns rusticos moradores á praia para soccorrerem, se necessario fosse, algumas pessoas que escapassem do naufragio, (louvavel costume n'aquellas circumferencias) se offereceram a servir aos dois naufragantes no que prestassem, admirando-se dos successos contados por Bernardo, e muito mais do valor com que despedaçara o leão que á vista tinham. Partiram gostosos Bernardo e Gualdina na companhia dos aldeãos para a sua aldeia, onde foram recebidos com admiração e tratados com muitas festas a seu rustico uso, alguns dias que estiveram provendo-se do necessario para a jornada, á qual se entregaram em uma sege de caminho que em uma vizinha villa alugaram, deixando chorosos da sua partida os aldeãos que benevolos os tinham hospedado. A poucas jornadas se acharam na cidade de Delphos, onde foram recebidos dos paes e irmãos de Gualdina com mostras de affecto que se reconheceram verdadeiras: e foi Bernardo tratado com grandeza egual ao devido agradecimento dos favores por Gualdina recebidos.

Capitulo XVII

Como Bernardo foi ás festas de Thebas e n'ellas venceu em singular desafio a Orlando, sobrinho de Carlos Magno.

Entre os irmãos d'esta se contava um bem disposto mancebo com o nome de Tritemio, a quem tinha a natureza adornado de valor e gentileza, e a creação e trato de policia e sciencia que na universidade de Athenas alguns annos aprendera. Desejava Tritemio ir a umas festas que a fama fazia publicas, e se celebravam em Thebas (capital cidade de Acaya e famosa no tempo dos gregos) em obsequio das victorias que Irene imperatriz de Constantinopla tinha alcançado contra seu filho o imperador Constantino VI, a quem vingativa do mau tratamento que lhe fizera, tirou depois do imperio os olhos. Offereceu-se Bernardo a acompanhal-o, e havida licença de seus paes, despedidos d'elles se pozeram a caminho, montados em dois famosos cavallos com alguns criados que os acampanharam. Chegaram a Thebas em tempo que já as festas iam em mais que mediana carreira, e tiveram o gosto de ver algumas justas e torneios muito usados n'aquelles tempos, e que n'aquella occasião se celebravam pela flôr dos cavalleiros do imperio grego, que ás festas tinham concorrido.

Entre os muitos e bem luzidos que se tinham apresentado, e nas carreiras, justas e circos tinham experimentado seu valor e destreza, se achava um desconhecido mancebo que levado do imperio occidental ou reino de França, a buscar fama pelo Oriente, se tinha distinguido em valor e destreza de todos os que tinham corrido; e como o reco-

nhecer-se por singular em qualquer acção costuma produzir soberba no sujeito realçado, chegou a do francez, mancebo a fixar um cartel tão vanglorioso como soberbo, pois continha estas palavras : — Orlando, principe de Anglante, sobrinho do nunca vencido Carlos Magno, imperador dos romanos, rei de Allemanha e França, e um de seus famosos paladinos ou pares, que têm sido assombro do mundo, declara que em todo elle não ha braço mais valente que o seu, e o sustentará em singular desafio a quem quer que o duvidar e para esse effeito o desafia logo como a fementido.

Causou geral escandalo tão atrevido cartel, e qualquer dos presentes cavalleiros sairia á vingança, se não os detivesse o receio de serem vencidos, porque a fama de Orlando enchera já o vago do Oriente, e se achava experimentada nas justas passadas; mas Bernardo que não pôde tolerar a soberba do francez, no mesmo dia que se fixou o cartel, escreveu logo com sua propria mão por baixo d'elle estas palavras : — Mente e o sustento em campo. Novidade geral foi n'aquelle concurso o atrevimento de Bernardo, e cada um quizera ser auctor d'aquella, que julgavam temeridade : muito se admiraram, quando a pouco espaço viram no meio da praça, Bernardo montado em um cavallo, sem mais companhia que a sua espada e lança, se bem que a escusava quem se acompanhava de seu valor.

Corrido se achou Orlando quando viu em campo seu contendor, e soube o descomposto da subscripção do cartel; e quizera evitar a contenda na duvida de alguma armada farça, ou de ser pessoa de pouca estofa, quem tão repentinamente se offerecia a uma conhecida temeridade ; porém vendo que decahiria de credito, sahiu a cavallo só, deixando na estacada a seu padrinho (Reinaldo de Montalvan era) e outros cavalleiros de sua comitiva; e

chegando a encarar-se com Bernardo, viu que elle tomando o campo á sua vontade, se pôz com a lança de enriste, embaraçado na esquerda o escudo, acções que fez com tanto garbo, que logo Orlando reconheceu havia de peleijar com outro braço de mais valor, que os experimentados até áquelle dia. Fez tambem as mesmas ceremonias, e callando ambos as viseiras dos capacetes, arremetteram a todo o trote dos cavallos, e encontrando-se as lanças nos escudos, foi com tal valentia que ambas se fizeram em pedaços; pucharam briosamente pelas espadas e procurou Orlando pelo lado esquerdo a Bernardo que de proposito como por descuido se mostrava d'aquella parte descoberto para ser acommettido pelo contrario : atirou Orlando o golpe a Bernardo e este com um desvio do corpo o evitou, e logo sobre o descoberto de Orlando descarregou furioso outro, que recebido por elle em seu escudo lh'o fez em pedaços sem lhe valer o bem temperado do aço de que era formado. Picou-se Orlando de valor tão desusado, e empunhando com ira a espada atirou outro golpe a Bernardo, imaginando alcançal-o pelo alto da cabeça, mas reparado com o escudo ficou fustrado de seu intento e castigada sua audacia, porque ficando descoberto e quasi de lado, deu logar a que Bernardo lhe atirasse um revez tambem á cabeça ao qual destra e ligeiramente acudiu Orlando reparando-o com a espada, da qual resvalando a de Bernardo, cahiu sobre o pescoço do cavallo de Orlando, indo tão bem ajudada do braço de Bernardo, que cortando toda a defesa com que se armava lhe levou tambem o pescoço cerceo, saltando-lhe a cabeça ao campo, e despedida a vida, se precipitou em terra e n'esta lançou descomposto a Orlando; mas como sua ligeireza fosse egual a seu esforço, se levantou colerico para investir a desjarretar o cavallo de Bernardo e causar-lhe

semelhante quéda: achou porém já a Bernardo a pé, e que arrojando o escudo caminhava para elle com a espada feita, dizendo-lhe estas palavras: — Bernardo, sobrinho do rei de Leão, não peleija com mais vantajosas armas com Orlando, sobrinho do rei de França, porque seu valor é a arma mais vantajosa. Deteve-se Orlando, e socegado um pouco da furia com que ia, foi com passos mais lentos e com a espada baixa em direitura a Bernardo, e posto com um joelho em terra, lançando-lhe aos pés a espada, lhe disse: — Sómente ao nome de tão grande cavalleiro se rende de Orlando a espada: sou teu prisioneiro, pódes dar-me o castigo que merece a culpa de não te exceptuar no cartel posto. Bernardo o levantou nos braços dizendo-lhe: — Por agora, valente Orlando, só estes são castigo de tanto valor, até que o possam ser em campo mais largo; não pódes ser prisioneiro, porque não pódes contar-te vencido, quando eu sou o vencedor; e se deves obedecer aos meus preceitos, hoje te mando partas para fóra da estacada, para que n'ella não sirvas de espectaculo da murmuração, que um vencido em parte nenhuma está bem visto.

Capitulo XVIII

Como Bernardo, vencido Orlando, foi ás festas de Corintho e venceu muitos cavalleiros do imperio oriental correndo a argolinha.

Ditas por Bernardo estas palavras, partiu a montar no seu cavallo, que talvez admirado do que via (o valor demasiado até ao irracional admira) se esteve socegado sem movimento; e emquanto Orlando se retirou a buscar seu padrinho

e companheiros, andou elle volteando pelo campo a cavallo com tanto ar, tanta bizarria e tanta gentileza que serviu aos circumstantes de indisivel gosto, acclamando-o todos Adonis tendo-o admirado Marte; e entre um sem numero de acclamações chegou á estancia onde o esperava Tritemio, com o qual antes de ser conhecido se ausentou da cidade. Partiram ambos acompanhados de seus moços para a cidade de Corintho, onde pela mesma occasião que os de Thebas faziam os corinthios semelhantes festas: e depois que gastaram alguns dias no caminho, divertidos com a ponderação do valor de Orlando e do atrevimento com que fixára cartel tão soberbo, chegaram a avistar as altas torres de Corintho, e entrando na cidade a acharam envolta em sumptuosas festas, sendo as principaes os circos e justas, acções em que os cavalleiros mostravam seu valor e destreza, que por successão se tinha derivado da primativa Grecia aos romanos, e d'estes outra vez aquelle oriental imperio. Aquartelaram-se Bernardo e Tritemio em uma alugada estancia até ao dia assignalado, para o qual um famoso cartel promettia grandes premios aos vencedores da carreira, que hoje em Hespanha chamam sortiga, e no nosso Portugal lhe dam o mesmo nome ou o de argolinha.

Ainda que ao parecer tarde (porque tarda sempre o que com ancia se espera) chegou o esperado dia que a cidade appetecia por espectaculo do maior festejo: appareceu a praça adornada de ricos razes, vistosas portadas e melhor coroadas suas janellas de formosas damas, e os theatros de bem vestidos cidadãos; e logo assentados os juizes em lustrosas cadeiras se apresentou por mantenedor um galhardo mancebo, cujo garbo o inculcava sem opposição e o escusava de padrinho; sendo que como tal o acompanhava um veneran-

do velho, cujos annos ao parecer de sessenta se o inculcavam para a veneração idoso, o mostravam na bizarria mancebo. Correu o mantenedor o campo com as ceremonias que as artes de cavallaria n'aquelle tempo dispensavam, e depois correu tres lanças com tanto ar que deixou em admiração aos circumstantes; e posto na tela (logar costumado para assistencia do mantenedor) esperou oppositor para o realce. Não havia quem á vista de tanta experiencia da arte se atrevesse a medir a lança, e esteve algum tempo suspenso o festejo, até que vendo Bernardo o logar vago, posto a cavallo e levando por padrinho a Tritemio, entrou na praça com tal garbo e bizarria que não ficou logar ao povo para se notar o muito que vinha decahindo do esplendor da riqueza com que o mantenedor entrára, e todos o publicaram por vencedor ; ao menos tinha a fortuna de mais bem visto, e o que mais é, lograva com a voz do povo seu applauso.

Passeada a praça, chegou diante do theatro dos juizes, aonde com as devidas reverencias pediu Tritemio como padrinho licença para a competencia : e sendo-lhe concedida, foi Bernardo a tela onde o mantenedor estava, e com garbo bizarro e valoroso o desafiou formalmente, usando de palavras que se estavam cheias do aspero de provocativa, se revestiam do doce de comedidas, com que conciliou no provocado mais affecto de estimação do que estimulos da má vontade. Respondeu benevolo o mantenedor, significando que aceitava gostoso o desafio por ser com tanta attenção desafiado : e feitas as reciprocas cortezias, se despediu Bernardo a dar parte a seu padrinho Tritemio de que se achava pela aceitação do desafio obrigado a contender. Partiu logo Tritemio a buscar a tela, e ahi mutuamente cortejado propôz ao padrinho do mantenedor se era contente seu afilhado de

correr outras tres lanças, ou se queria que Bernardo corresse primeiro, e depois o mantenedor : foi porém este e seu padrinho de opinião que sobre as tres já corridas devia consistir a competencia, e que assim podia Bernardo correr. Havida resposta, partiram os dois padrinhos até diante do theatro dos juizes, aonde os fizeram certos de que se davam por satisfeitos das tres lanças corridas ; e Tritemio pediu licença para Bernardo correr outras tres ; foi concedido pelos juizes, e tomando o padrinho do mantenedor seu devido logar para observar os defeitos de Bernardo e os poder accusar a seu tempo ; partiu Bernardo com a lança na mão a medir a carreira, acompanhado do seu padrinho até o logar de seu principio, d'onde voltando correu a primeira carreira até sua méta, e com as devidas cortezias correu na mesma fórma segunda e terceira, no fim da qual se achou diante dos juizes com seu contendor ao lado, que a altas vozes pedia se julgasse a Bernardo o premio e lhe pedia a elle fosse occupar a tela que na fórma que ricamente adornada se achava, lhe deixou contente : e Bernardo, havida licença dos juizes a occupar, mandando que Tritemio acompanhado de muitos boazes, clarins e timbales, levasse o premio vencido a uma das damas qua se achavam presentes no espectaculo.

Posto Bernardo mantenedor, vieram muitos famosos cavalleiros com seus padrinhos contender com elle, publicando todos que vinham sómente por obsequio e para tomar lições de tão grande lidador; mas totalmente despidos da esperança do vencimento, o que o tempo mostrou verificado; pois no decurso do dia logrou Bernardo vinte e dois premios com outros tantos competidores, tendo a fortuna de deixar egual numero de damas contentes por se verem favorecidas e suas formosuras manifestadas. Foi no fim da gostosa justa

levado Bernardo e Tritemio a hospedar a casa do mantenedor, acompanhado de todos os cavalleiros que tinham corrido e outros muitos que para lustre da festa tinham montado, feitas primeiro as devidas cortezias aos juizes e ás damas da praça. Foram servidos com abundancia e regalo que a riqueza do dono da casa (que era muita por ser um principal titulo d'aquelle imperio) permittiu, os dias que o resto dos festejos durou : no fim dos quaes, vendo ser precisa a ausencia, despedidos dos cavalleiros, a quem deviam visitas, partiram ambos com os seus criados a Délphos, onde foram bem recebidos na casa de Tritemio por seus paes e irmã, contando-lhes o mesmo Tritemio as façanhas de Bernardo, com o qual passaram alguns dias de divertimento.

Capitulo XIX

Como Bernardo partiu para Hespanha, e em Catalunha matou tres capitães francezes que o queriam prender.

Era tempo de que Bernardo partisse para Hespanha como desejava, para lograr na patria os triumphos que lhe promettia haver dos mouros vizinhos seu valor; e para executar seus desejos se despediu dos hospedes com mutuos cumprimentos de affecto e agradecimento; e montado em um cavallo e um lacaio de Tritemio em outro, caminharam até Lepanto onde pretendiam achar embarcação, como para Italia acharam. Embarcados, partiram d'aquelle porto; e passados vinte dias de trabalhosa navegação, chegaram a dar fundo no de Genova (celebre cidade e famoso emporio do commercio do mar Ligustico). D'aqui lhe fugiu

pela terra dentro o lacaio com o cavallo em que caminhava : e Bernardo se viu precisado a fazer sua jornada só, embarcando-se em outra náo que cultivando o trafico para Palamoz, celebre porto de Catalunha, navegava. Surgiu no desejado porto a náo, e Bernardo sahiu a terra e detendo-se dois dias na cidade para se refazer do necessario, partiu a cavallo (não só, pois ia com seu valor) endireitando suas jornadas á cidade de Saragoça de Aragão, côrte n'aquelle tempo de um poderoso rei mouro, chamado Marsilio.

Duas jornadas ia prefazendo em seu caminho Bernardo, quando na segunda pelas duas horas depois do meio dia, caminhando á vista de Centelhas (nobre villa da Catalunha que dá o appellido a uma nobilissima familia de Hespanha) se viu acommettido de tres bem luzidos cavalleiros francezes, que separados do exercito de Carlos Magno (que n'aquelle tempo no condado de Cerdania junto aos Pyreneos contra o rei Marsilio se achava) andavam em companhia de Orlando e outros capitães correndo a terra a buscar mouros em que exercitar seu valor: quizeram os tres francezes levar preso a Bernardo para o apresentarem a seu general Orlando, que a pouca distancia com uma tropa de aventureiros ficára : e por mais que Bernardo lhes assegurou que de paz fazia sua jornada, voltando do oriente para a côrte d'el-rei de Leão, de quem era vassallo, não foi possivel demovel-os do primeiro intento, accrescentando com palavras injuriosas que o matariam se resistia. Os peitos nobres não toleram facilmente atrevimentos demasiados : por esta rasão, vendo ernardo que a petulancia dos francezes queria passar das palavras ás obras, enfurecido contra elles, tirou da espada e arrementendo ao primeiro que embaraçado o escudo o buscava com a sua para emprego do golpe, lhe deu Bernardo tal revez

no descoberto do corpo, que lh'o partiu em dois por baixo do braço direito até á cinta da parte esquerda, sem que lhe servisse de impedimento o peito e espaldar de aço de que armado vinha; tal era a boa tempera da espada e tal o valor do braço que a manejava: ficaram os dois em duvida entre acommetter ou fugir, á vista de golpe tão desusado, e n'esta perplexidade achou a espada de Bernardo o segundo a quem com semelhante valentia abriu com um golpe a cabeça até os dentes; e logo foi sobre o terceiro, que na retirada pretendia salvar a vida, e alcançando-o com outro golpe abriu pelas costas do hombro direito para o lado esquerdo, ficando assim no breve espaço de um quarto de hora victorioso com sómente tres golpes, de tres soberbos inimigos, cujas vidas escusara o mundo.

Capitulo XX

Como Bernardo venceu segunda vez em singular contenda a Orlando.

Levaram os cavallos dos francezes mortos em seus amos despedaçados a noticia a Orlando, que caminhando em companhia de Dudon, soberano conde de Fox, buscava a estrada de Centelhas: e entre a admiração de ponderar tres golpes tão grandes e o desejo da vingança d'elles, correu a todo o trote de seu cavallo para a parte d'onde os fugitivos cavallos vinham, e a poucos passos achou assentado á sombra de um verde salgueiro (onde atára o cavallo) o nosso Bernardo, que por não dar logar a que a sua opinião se diminuisse, não quiz retirar-se logo do campo em que commettera tão louvavel delicto, mostrando que não fugia a

qualquer acontecimento que do passado se originasse. Perguntou Orlando todo cheio de ira a Bernardo se sabia quem d'aquella fórma se atrevera a provocar Orlando, principe de Angolante, sobrinho do rei de França e um de seus pares, matando-lhe tão sem piedade seus companheiros? Bernardo para lhe responder se levantou empé, assegurando-lhe que sómente a cavallo e com a espada na mão sabia responder a quem da mesma fórma lhe perguntava, soltando ligeiramente a cavallo sem pôr pé no estribo e sem que o peso das armas lhe servisse de impedimento, tirando a espada, posto frente a frente com Orlando, já a tempo que a seu lado estava da mesma sorte Dudon, lhe respondeu:

— Eu, ó valente principe de Angolante, fui quem castigou a barbaridade que teus que dizes companheiros queriam usar comigo, levando-me preso ou morto á tua presença; certificando-lhes ser eu um cavalleiro leonez, que do imperio oriental caminhava para a côrte do meu rei, ficando no salvo conducto das gentes, ou por melhor dizer, no que concede o valor do meu braço; tu, como tão grande capitão, acharás que o castigo de seu atrevimento foi muito a tempo ministrado, e me louvarás a acção por te escusar que justiceiro lh'o mandasses dar: e se (como não espero) culpares a minha conducta e quizeres tomar vingança, em campo estamos e com armas eguaes; advertindo porém que não será a primeira vez que Bernardo, sobrinho de Affonso, rei de Leão, vença a Orlando sobrinho de Carlos, rei de França.

Perplexo com esta resposta ficou Orlando, e picado da passada victoria, como da presente jactancia de Bernardo, lhe disse: — Seja, soberbo Leonez, decisivo d'aquella contenda este campo, em que commettendo um tão atroz delicto, fazes ostentação da sua arrogancia, sem que o favor recebido enha preço, por se achar riscado do agradeci-

mento com uma patente offensa. Ditas estas palavras, arremetteu com a espada na mão a Bernardo, que resoluto a todo o lance o esperava : e entre ambos se deu uma singular batalha á vista do conde de Fox, que absorto da destreza dos dois contendores, não sabia deliberar-se a qual d'elles concedesse das armas a primazia : porém Bernardo por não perder a posse de vencedor, apertou com Orlando, de sorte que suffocado da colera e picado do pundonor, já sem as regras da milicia, a todo o transe atirava os golpes, e dando um na cabeça do cavallo de Bernardo ao tempo que lh'a lançou cortada do pescoço á terra, quebrou a espada : saltou Bernardo dos estribos a terra, antes que seu cavallo n'ella caisse, e avançando-se para Orlando atirou um golpe de espada ás pernas do cavallo em que ainda se conservava, e levando-lh'as, com elle caiu o bruto, já quando Orlando saltava a terra : largou Bernardo a espada porque Orlando se achava sem ella, e chegando-se ambos braço a braço, teve Bernardo occasião de usar da grande força de que a natureza lhe dotára os membros, pois pegando em Orlando, ao primeiro movimento o fez perder terra, e restituindo-o logo a ella precipitado e indo sobre elle, segurando-lhe com a mão esquerda a direita, posto sobre seu peito com o joelho, lhe poz á vista um agudo punhal, signal do vencimento, já á tempo que tinha Dudon saltado do seu cavallo, e com toda a ligeireza correu a impedir o golpe. Bernardo que se viu com um novo inimigo em campo, voltou para elle resoluto : mas segurado por Dudon de que aquelle acção se encaminhava sómente a conservar a vida de Orlando sem offensa do vencedor, socegou o animo : e depois de levantar-se Orlando e dar as graças a Bernardo pelo segundo favor, em que segunda vez recebia das suas mãos a vida, pedindo-lhe perdão do passado arrojo, e

depois de gastarem algum pouco tempo em reciprocas attenções, se resolveu Dudon a dar a Bernardo o seu cavallo para fazer jornada como fez, ficando os dois paladinos a pé; e como estavam perto da sua companhia, d'ella lhes vieram logo cavallos em que partiram, deixando o campo em victoria.

Capitulo XXI

Como Bernardo chegou á côrte de Oviedo, e partiu com uma armada para Italia a defender Roma, e muitos singulares combates que venceu com morte de muitos valentes longobardos.

Partiu Bernardo para Saragoça onde chegou depois de algumas jornadas, sem que no caminho lhe succedesse coisa memoravel, e detendo-se n'aquella côrte sem outro tanto mais que o de commum passageiro, tendo notado a grandeza d'ella, se partiu para o reino de Leão : n'elle entrou com o mesmo disfarce e tambem na cidade de Oviedo, sua côrte, havendo quatro annos que d'aquelle reino se ausentára : e sendo recebido de todos os cortezãos com o carinho que mereciam suas gloriosas acções, seu alto nascimento e sua gentileza, mereceu, e logrou d'el-rei seu tio semelhante agasalho, mandando-lhe pôr casa e dar tratamento como a parente seu.

Achava-se Affonso Casto com empenho de soccorrer ao Pontifice Adriano (que governava n'aquelle tempo a egreja romana) contra o soberbo Desiderio, rei dos longobardos, que lhe fazia a guerra, com animo de o lançar fóra de Roma, e de extinguir em Italia o nome christão. Devia Carlos Ma-

gno tomar á sua conta a defesa da egreja, por ser o principal principe d'ella e ter recebido dos vigarios de Christo grandes mercês: e como tivesse arrogado a si o titulo de imperador dos romanos que fortemente lhe disputavam os do imperio oriental, cuja côrte sustentavam em Constantinopla, estava obrigado a sustentar a cabeça do mesmo imperio romanc, e o Pontifice que por seu respeito era desamparado d'aquelles imperadores. Por esta causa se achava já em Italia com poderoso exercito de allemães e francezes, com bons capitães, seus famosos Pares e outros de egual nobreza e valor. Inigo Arista, rei de Navarra, tinha tambem por terra concorrido com um soccorro de quatro mil soldados de escolhidas tropas: e Affonso de Leão tinha esquipado no porto de Santander, ou Santo André das Asturias de Santilhana, uma armada de dezoito vélas das maiores que n'aquelles tempos se usavam, com tres mil soldados veteranos para desembarque; e fiado no valor de Bernardo, seu sobrinho, lhe deu o bastão de general com universal applauso de toda a côrte, e contentamento dos cabos e soldados da armada, na qual embarcado partiu para Italia, e costeando os mares de Galliza e Portugal, entrou pelo estreito de Gibraltar; seguindo a derrota pelas costas de Hespanha e França no golfo de Leão, mar Ligustico e Tirrheno nas de Italia, sempre terra a terra porque n'aquelles tempos se não inventára ainda o miraculoso uso da agulha de marear; e chegando ás praias do Agro Latino, que hoje chamam Patrimonio de S. Pedro, deu fundo a frota já dentro da bocca do Tibre na cidade Ostia Tiberia, onde entrou este navegante Eneas, se não para conquistar Italia, ao menos para a defender. Antes de sahir Bernardo a terra com seu exercito, se achou postado Lamissio, valente longobardo, general do rei Desiderio, nas ribeiras do rio com um exercito de

seis mil cavallos e quatro mil infantes, para impedir o desembarque das tropas hespanholas. Sahiu comtudo Bernardo a terra com alguma escolta, e teve com muitos longobardos dos mais arriscados, singulares desafios e batalhas, provocando-os para esse effeito de maneira que contendeu com vinte e seis dos mais valentes corpo a corpo no espaço de quatro dias, sempre com o vencimento até que Lamissio quiz experimentar fortuna, e a achou tão adversa, que depois de duas horas de bem debatida batalha deixou a vida nas mãos de Bernardo, na mesma fórma que fizeram seus capitães: e vendo os do exercito seu general morto, desampararam o campo em bem concertada retirada e deram tempo a que Bernardo fizesse muito a seu salvo o desembarque de suas tropas com o socego que de sua boa conducta se esperava.

Capitulo XXII

Como Bernardo chegou ao sitio de Roma, esta se livrou e Bernado voltou a Oviedo.

Marchou com effeito Bernardo com seu exercito, sempre formado em batalha para evitar alguma emboscada dos inimigos, que senhores do campo em diversas patrulhas o corriam com frequencia; e depois de tres dias de bem regulada marcha, em que muitas vezes lhe foi necessario sustentar varias sortidas e choques dos inimigos, de que sempre o desembaraçava a victoria; chegou á vista da antiquissima cidade de Roma, cabeça do mundo, berço e centro da religião catholica; e logo foi recebido por uma partida de allemães, capitaneada pelo duque de Baviera, que por mandado do imperador vinha para o conduzir a seu auxi-

liar exercito até se unir com o imperial. N'este foi Bernardo recebido com os cortejos devidos a sua pessoa, e pelo imperador com carinho e benevolencia, assignando-lhe sitio para acampar. Por ser esta acção do cerco de Roma pertencente aos francezes, em cujas historias anda bem por extenso, e por doutas pennas escripta, não faço relação de suas particularidades; sómente com confiança digo, que foi Bernardo com seus soldados o principal instrumento do cerco de Roma, da victoria alcançada, da extincção do reino dos longobardos, que por mais de duzentos annos tinham sido terror da Italia; e finalmente foi Bernardo total segurança da igreja e fé catholica. No tempo que durou o cerco, houve acções particulares em que muito se distinguiu Bernardo, vencendo trinta e sete contendas corpo a corpo com outros tantos valentes longobardos, e muitas sortidas e choques do exercito infiel. E como as grandes façanhas sejam mais facies de invejar que de imitar, deram as de Bernardo occasião a que os Pares de França e mais generaes do imperador, cobrassem contra elle um entranhavel odio que a inveja lhes produzia nos animos, do qual foram parte ou tiveram principio as desgraças futuras succedidas na fatal batalha dos Pyreneos. Acabada a guerra com a prisão do soberbo rei Desiderio e total ruina de seu exercito, logrou Carlos Magno a confirmação do imperio, e Bernardo a gloria de tão illustres vencimentos. Cheio d'ella mais do que de despojos (que estes despresou sua generosidade) se despediu do imperador e mais cabos : e havida a benção do pontifice, e com ella alguns privilegios para os reis e reino de Leão, sahiu de Roma com seus soldados, e a jornadas mais largas chegou a embarcar-se na foz do Tibre; e feita a frota á véla deu fundo em Santander depois de quarenta dias de navegação.

Sahindo a terra Bernardo, endireitou seu caminho para Oviedo, onde beijou a mão a el-rei seu tio, que depois de o receber com affecto de pai, lhe confirmou o cargo de capitão general das tropas de seu reino, mandando que os grandes d'elle e todos os militares como tal o reconhecessem, o que uns e outros fizeram contentes, promettendo-se feliz fortuna no governo de um general em quem competia o valor com a generosidade, a gentileza com a affabilidade, a pericia da arte militar com a prudencia.

Capitulo XXIII

Da causa porque Carlos Magno e seus pares investiram com guerra a Hespanha, e conselho que se fez nas côrtes de Leão para a defesa.

Carlos Magno com a confirmação do titulo de imperador dos romanos partiu para França, onde instigado por seus capitães e por seus celebrados Pares de França, resolveu passar a Hespanha e castigar em Affonso Casto, rei de Leão, e seus grandes, a reclamação que tinha feito da doação de seus reinos; e para esse effeito juntou um poderoso exercito com intento de conquistar aquelle reino, dal-o em feudo a seu filho Pepino, que intitulava rei de Italia, ficando algum tempo em Hespanha fazendo guerra aos mouros d'ella. Chegou a noticia do intento de Carlos Magno á côrte de Oviedo, e sobresaltados seus grandes do receio de serem conquistados, porque as victorias de Carlos Magno e seus Doze Pares eram n'aquelle tempo o objecto da fama, procuravam pelos meios da accomodação socegar o animo de Carlos Magno com um feudo annual para ver se desistia da in-

vasão intentada : e para isso convocando el-rei Affonso côrtes na cidade de Leão, se propoz n'ella mandar uma solemne embaixada ao imperador com poderes de o reconhecer Affonso por soberano, por meio do annual feudo. Não pôde porém a altivez de Bernardo tolerar que sua nação fosse sujeita a outra estrangeira; e cheio de colera com palavras mal concertadas, como partes da paixão que lhe occupava o animo, havida licença de el-rei para fallar, posto em pé no meio do congresso, disse : — Se algum ha n'este adjunto a quem sirva de exemplo á segurança do estado a sortida politica de Mauregato, deve entender que com as mudanças dos tempos se mudam os animos : não me persuado que falte-nos de tanta nobreza valor para empresas maiores que a defesa; quanto está da minha parte, me acho envergonhado de que Carlos Magno se atrevesse a provocar-me. Se houver quem me siga, n'esta espada tenho prompta a moeda para pagar o feudo á França: e se houver quem duvide seguir-me (o que não cuido de tão grandes capitães), fique-se no descanço da patria em quanto eu vou asegurar-lhe a liberdade. Foram ditas com tanta efficacia estas razões, que não houve um só no congresso que não se levantasse resoluto a seguir a opinião de Bernardo; mas el-rei fazendo signal para que socegados se assentassem, disse para Bernardo : — Muitas vezes os poucos annos produzem um imprudente valor que é ruina dos imperios : tal poderá ser o vosso, porém confiado na experiencia que tendes, me deixo esta vez enganar da fortuna, consentindo em que, pois somos acommettidos, nos defendamos ; advertindo porém, que vos entrego o exercito que levantareis á vossa vontade, e que confio me tornareis victorioso. Ditas estas palavras, se levantou despedindo as côrtes, e se ausentou para Oviedo dando as ordens neces-

sarias a Bernardo para o levantamento do exercito.

Capitulo XXIV

Como Bernardo foi feito general de Hespanha e levantou exercito com que foi oppôr-se a Carlos Magno.

Mandou Bernardo levantar uma bandeira e tocar caixas na cidade, para que sentassem praça aquelles que voluntariamente quizessem; e foi tanta a multidão que se ajuntou a alistar-se, que foi preciso escolher entre ella os que julgou mais desembaraçados dos negocios e cultura de seus campos, fazendo com os escolhidos um exercito de dezoito mil homens. Partiu logo na testa d'elles em direitura á cidade de Farias, onde esperou a el-rei que com sua côrte e guardas reaes tinha partido de Oviedo. Juntos com outras bandeiras, que á fama de ser Bernardo o general da empresa se uniram pelo caminho, passaram o reino dc Navarra, onde foram recebidos por alguns enviados de seu rei Inigo Arista, valente capitão d'aquelle seculo, que por ser alliado de Carlos Magno não se uniu ao exercito de Affonso Casto. Consistia a commissão dos enviados em cumprimentar da parte do rei de Navarra, seu amo, ao de Leão, e dizer-lhe que elle não podia olhar com os olhos pacificos aquelle acto que julgava como infracção violenta da união que entre as duas corôas se cultivava: mas que por se não achar em estado de impedir a força com a força, protestava que a seu tempo se despicaria, sem lhe imputarem as más consequencia que resultassem. Satisfez Affonso com palavras neutraes ás queixas dos enviados, e passou adi-

ante até Salvaterra de Alava, onde o esperavam uns embaixadores de Marsilio, rei mouro de Saragoça, a pedir licença da parte de el-rei seu amo para se juntar com elle seu exercito que marchava pela falda dos Pyreneos. Affonso Casto respondeu grato á offerta : porque ainda que era mouro quem por alliado se lhe offerecia, precisava d'elle ao menos para divertir as forças do rei de Navarra, se intentasse cortar-lhe a retirada.

Em Salvaterra ficou Affonso, entregando todo o exercito a Bernardo, que constava de vinte e dois mil homens a quem passou mostra, deixando ficar de reserva prevenidos á qualquer infausto successo cinco mil homens, que el-rei teve comsigo. Marchou Bernardo em direitura a Roncesvalhes, celebre passagem dos Pyreneos para França, e já á vista d'aquella villa se encontrou com o exercito de Marsilio, que o mesmo rei em pessoa governava. Compunha-se este de trinta mil combatentes, numero que motivou a Bernardo alguma desconfiança, porque sendo maior que o dos seus soldados e governardo por um soberano, poderia causar duvida a certeza do governo de todo o exercito; mas Marsilio que nada intentava mais que a destruição de Carlos Magno, a quem reputava inimigo commum, prevenido qualquer estorvo sobre o ceremonial do tratamento, foi primeiro a buscar Bernardo, assegurando-lhe que depostas as vantagens da maioria do exercito e do caracter de soberano, não queria usar de mais prerogativas que as de simples auxiliar. Correspondeu Bernardo com offerecimentos que o mouro lhe escusou, e havido conselho de guerra, se resolveu n'elle acommettessem o exercito francez nas montanhas, onde seria mais facil aos soldados de uma e outra nação o vencimento (por serem acostumados a viver nas de Asturias e Aragão) que achariam duvidoso nas planicies de Navarra, se os

soldados francezes costumados a ellas, estendessem a grandeza de seu exercito.

Capitulo XXV

Da celebrada e deploravel batalha de Roncesvalhes em que ficaram vencidos e mortos os Pares de França.

Marchava da villa de S. João do Piedeporto na baixa Navarra Carlos Magno com seu formidavel exercito, e tinha entrado já nas serranias pela estrada real de Roncesvalhes: mas tendo noticia de que os inimigos se achavam em fórma de batalha na mesma serra, repartiu como sabio general todo o campo em tres batalhas, dando a primeira que se compunha de francezes ao grande Reynaldos de Montalvan, principe e par de França; a segunda composta de Gascões a Dudon, conde soberano de Fox, par tambem de França; e a terceira que se formava de allemães e italianos, com a principal nobreza de França, Allemanha e Italia a seu sobrinho Orlando, principe de Anglante, par de França: compondo os outros nove pares ou paladinos, uma companhia franca em quem iam tambem muitos principes do imperio; cada um dos tres generaes contava na sua batalha quarenta mil combatentes; e ficou o imperador com o corpo da reserva composto de vinte mil soldados das tres nações. Tinha a soberba do vencimento de tantas anteriores batalhas produzido nos Doze Pares uns espiritos tão altivos, que causavam odio a muitos cortezãos da côrte do imperador e a outros capitães que não se lhes julgavam inferiores, tanto no valor como no sangue. Entre estes se achava mais empenhado na sua destruição, como

mais ferido de inveja, Galalon conde soberano de Moguncia, compadre e valido do imperador e seu cunhado por estar casado com uma sua irmã. Marsilio, rei mouro de Saragoça, que tinha de estadista tanto como valente, e conservava intelligencias nas côrtes dos reis vizinhos, tinha por meio de seus confidentes convindo com Galalon, que na occasião da batalha entretivesse o imperador e seu exercito em fórma, que os pares na força do conflicto se vissem mettidos sem soccorro no perigo, d'onde não podessem escapar de mortos ou presos.

Na testa do exercito leonez marchava Bernado, quando se encontrou com Reynaldos, e affrontando de parte a parte, foram os francezes rotos e postos em precipitada fuga, sem que lhes valessem os brados de seu general, que valente e cuidadoso cuidava com elles e com exemplos reduzil-os outra vez a peleija : tinha Bernardo com sua boa direcção posto dois batalhões pelo alto da montanha de uma e outra banda do campo do conflicto, governados por Eugenio, conde de Alva e Munio Nunes, conde do Patrimonio, (que era o mesmo que mordomo-mór), eram estes capitães valentes e destros na caça dos mouros, quando com elles em montuosas paragens contendiam ; por esta rasão fizeram tal matança nos miseraveis francezes, que com a fuga escapavam dos golpes de Bernardo para o alto da serra, que não foi possivel escapar um que podesse avisar ao imperador da derrota que padecia seu exercito. Dudon, conde de Fox, que se seguia com seu corpo de gascões teve egual fortuna no conflicto, mas peior que a de Reynaldos: porque podendo este retirar-se a salvo, não pôde aquelle escapar de ser morto, encontrando-se com a lança de Bernardo, que o chorou conhecido se antes de o conhecer o matára. Deu logar sua morte a que seus soldados acommettessem a

montanha, onde quando esperavam achar as vidas conservadas na segurança, se viram sujeitos ao ferro dos emboscados leonezes. Tinha Marsilio com seu exercito penetrado a serra por uma estrada que como pratico sabia, e dando pela retaguarda do batalhão de Orlando ao tempo que este se affrontava com Bernardo pela vanguarda, fez n'ella uma horrorosa matança. Orlando unido já com a companhia franca dos Pares e principes, investiu furiosamente a Bernardo, a quem achou armado de seu valor e destreza experimentada já em dois conflictos ; e como Orlando estivesse preoccupado da paixão de se ver vendido por Galalon e acommettido na retaguarda pelo perfido mouro comprador Marsilio, deixando as regras militares que observar devia, teve o infortunio de que a espada de Bernado fizesse n'elle o que deixára de fazer outras vezes, e ficou rendida á morte aquella vida que a fama tinha inculcado immortal. A mesma fatalidade padeceram oito dos Pares e muitos generaes famosos, de quem foi mais estimada a morte n'aquella occasião que a retirada : e n'aquelles penhascos se sepultou a immortal fama de heroes valentissimos, dignos de que se depositasse em laminas de bronze, ficando pyramides de sua memoria as mesmas elevadas penhas d'aquella serra, e perpetuo choro de suas lastimosas mortes as cristalinas lymphas que em claras fontes d'elle se despenham. Vós, ó atlantes do imperio occidental, terror dos inimigos da fé e columnas da egreja, podeis consolar-vos n'este conflicto em que deixastes as inestimaveis vidas, que não podiam estas render-se a outra espada que não fosse a Bernardo, nem por outro successo que uma traição perpetrada entre um invejoso companheiro e um fementido mouro.

Ficou em fim com a morte de tão grandes capitães derrotado inteiramente o exercito imperial ;

e o imperador que sem ser sabedor da batalha, era detido pelo traidor Galalon com o jogo de tabolas (segundo dizem) ouvida a fama da derrota, que publicavam os fugitivos, alterado se preparou par acudir aos seus : mas certificado de que já não tinha remedio perda tão sem egual muito mais quando seus capitães e valentes Pares se achavam mortos, se poz em retirada, que logo seguiram suas imperiaes guardas, sem querer experimentar os golpes que publicavam os vencidos. Ficou em fim Bernardo vencedor de uma batalha tão memoranda, que ficou por exemplo de fatalidades grandes; pois quando queremos encarar uma notavel destruição, costumamos dizer : — Foi uma de Roncesvalhes. Chorou Bernardo toda a noite o fatal successo dos grandes Paladinos; e foi tal o sentimento que teve, que não lhe deu logar a que seguisse o alcance dos fugitivos para complemento da victoria, que o fez Marsilio com destruição dos pobres vencidos; mas com tanto escandalo de Bernardo, que não pôde conter-se e deixar de lhe estranhar a infame conducta da traição, assegurando-lhe que se fosse sabedor d'ella, antes consentiria ser vencido que vencedor tão sordidamente : foi comtudo celebrada a victoria pelos mais cabos do exercito com fogos accesos sobre as mais altas penhas, com toques de clarins, timbales, caixas de guerra, para contentamento dos soldados; e no campo de Marsilio se festejou com muitos divertimentos a seu uso.

No dia seguinte se fez resenha das tropas para ver os soldados que faltavam, e no campo se examinaram os mortos, que em prolongadas vallas foram sepultados, e se achou faltarem no exercito de Bernardo quinhentos e dezoito homens, em que entraram alguns officiaes de inferior plana; e no de Marsilio, rei de Saragoça, faltaram tres mil e duzentos homens : tão pequeno numero se com-

mutou por mais de sessenta mil que morreram no exercito imperial, entre elles além de Orlando principe de Anglante; Roldão, soberano conde de Bretanha, tambem sobrinho do imperador; Dudon, conde de Fox; Oliveiros, marquez de Dreux e seu pae o duque de Nismes; os duques de Borgonha, Baviera e Brabancia, outros generaes de fama e tantas pessoas de conhecida distinção, que excederam o numero de cento e cincoenta. Ficou toda a bagagem e trem do exercito para saciar a cobiça dos vencedores em tanta copia e abundancia, quanto se póde considerar conduziriam pessoas de tanta qualidade.

Capitulo XXVI

Como Bernardo venceu ao rei mouro Marsilio que tinha sido causa da traição porque os Pares de França se perderam.

Congratulou-se pela rasão de estado Bernardo com o rei mouro Marsilio (ainda que no coração reconcentrava a magoa da traição d'este), e se deram os parabens de victoria tão assignalada; e louvando cada um d'elles com reciprocos comprimentos o valor e destreza com que no conflicto se houveram, despedidos para os seus quarteis generaes, mandaram dar principio ao despojo do arraial. Mas o mouro que se entumecera com a victoria, arrogando á sua conducta o bom successo da batalha, não pôde tolerar que os soldados de Bernardo entrassem egualmente ao saque: para o que, pondo em boa ordem alguns piquetes de suas tropas, fez com elles segurar o campo, mandando dizer a Bernardo que aquella victoria fôra ganha por sua direcção e valor de seus soldados; pois

tomando o campo contrario pela retaguarda, obrigára os inimigos á fuga sustentando todo o peso do conflicto; e que pois ninguem lhe podia tirar a gloria do vencimento, não queria se lhe atrevessem a perturbal-o no fructo d'elle : que pedia mandasse Bernardo, como bom alliado, retirar seus soldados do campo, para não ser elle precisado a fazer que suas tropas segunda vez ganhassem o que era seu.

Admirado Bernardo de tão petulante proposta, na qual conhecia quão pouco há que fiar na perfidia de um mouro, por mais que o adornasse o caracter de principe, lhe mandou dizer que quanto respeitava ao saque do campo, de boa mente cederia d'elle porque seus soldados não vieram a vencer por conveniencia mas sómente por gloria e servir a seu rei, de quem recebiam soldo ; mas que já ao presente tempo não podia deixar de seguir o principiado por não dar motivo a que se dissesse desistiam por medo e perdiam pusilanimes e fracos o que era seu, quando o podiam sustentar valentes. O mais que respeitava ao pundonor da victoria, ninguem lh'a poderia sem temeridade disputar : que esperava conviesse el-rei n'isto que principiado estava, quando tinha á vista um exemplo do valor de seus soldados, que eram melhores para alliados que para inimigos : e que qualquer movimento em contrario teria por um rompimento manifesto da amisade até áquella hora cultivada.

Imaginava Marsilio em sua phantasia que a victoria passada fôra unicamente parto da sua boa direcção e do valor de seus soldados, a tanto o tinha elevado a soberba de vencedor! E continuando n'esta mandou formar todo o seu exercito, e na testa d'elle se avançou ao campo dizendo a seus generaes : — Verá esse louco christão se as victorias se alcançam sómente com palavras. Bernardo que não esperava resolução tão altiva, e foi de

repente surprehendido com ella, mandou a toda a pressa pôr promptos os piquetes e guardas que se achavam de reserva, e com elles sahiu ao encontro ao perfido mouro por ver se lhe detinha o orgulho, porém Marsilio, que no pequeno numero das formadas tropas de Bernardo fundou a confiança da victoria, mandou tocar a avançada no seu campo com uma grita de furia barbara a seu costume, e se lançou sobre os christãos : receberam estes constantes o primeiro impeto, e refazendo-se do susto que o primeiro acommettimento infunde, ainda nos mais valentes peitos, souberam tambem desembaraçar as mãos com o exemplo que em Bernardo seu general viam, que antes de duas horas de combate já não acharam quem lhes resistisse ; porque Marsilio, vendo que fôra temeridade o que julgava valor, quiz salvar com precipitada fuga algumas reliquias de seus soldados, e que ainda tinha perdoado o ferro christão, e deixou por castigo de sua soberba dobrada victoria e dobrado despojo a um general e a um exercito, a quem pouco havia tinha negado singelo.

Capitulo XXVII

Como Bernardo venceu em batalha a Ibrahim, general do imperador dos mouros, e o prendeu.

Triumphante Bernardo de dois soberanos, um ambicioso de estados, e outro de fazendas, passou no campo das victorias os dias do pondonor, no fim dos quaes mandou queimar os despojos que poderiam servir de impedimento á marcha, e repartir por seus soldados o mais rico dos mais, sem reservar para si mais que egual parte a de qual-

quer outro capitão, a qual ainda repartiu por aquelles que julgou com assignalado valor nas batalhas, com o que deixou todos contentes, louvando tanto o seu esfôrço, como a sua prudencia. Desceu logo a Navarra e marchou por junto a Pamplona, côrte de seus reis; e mandando cumprimentar a Inigo Arista, o regalou com um presente, ainda que pequeno para mandado a um rei, capaz de ser recebido por um amigo : mandou logo el-rei offerecer-se com todo o caminho a Bernardo, e com o parabem das victorias o regalou com refrescos para a sua pessoa e cabos, e ainda para todo o exercito com abundancia de viveres Deteve-se dois dias Bernardo a duas legoas distante de Pamplona, e nas duas noites foi incognitamente visitado por el-rei Inigo, tratando-se com a antiga amizade que seu valor lhe conciliara no cerco de Roma, e se ajustaram entre ambos emprezas que no futuro tempo tiveram effeito.

Chegando á cidade de Victoria, Bernardo (que á victoria devia chegar quem tinha logrado duas tão assignaladas) foi ahi recebido por el-rei seu tio com muitas mostras d'affecto, e pelos grande da côrte com a veneração que mereciam suas acções : e todos a grandes jornadas partiram para Oviedo, onde se solemnisaram suas victorias com as festas que a sinceridade d'aquelles tempos costumava. No meio d'estas solemnidades chegou á côrte a infausta noticia de que os povos de Galliza se achavam tyrannizados por dois copiosos exercitos de mouros, que Ali-Hatan, supremo monarcha d'elles em Hespanha, cuja côrte residia em Cordova, mandára correr a terra fiado na pouca re sistencia que achariam, em quanto a força das tropas christãs se detinha com a empreza dos Pyreneos. Tinha entrado o primeiro exercito por terras de Sayago, e passando pela Pueble de Senabria se achava pondo sitio a Vianna del Bolo, pra-

ça n'aquelle tempo de grande consideração. Compunha-se de dez mil cavallos e quinze mil infantes, a quem com o caracter de general (alcaide lhe costumam os muros chamar) governava Ibrahim, famoso capitão, por nascimento africano, e por linhagem descendente dos grandes califas do Cayroão em Numidia. El-rei de Leão, Affonso Casto, que em Bernardo seu sobrinho tinha a confiança da boa fortuna de suas armas, o mandou logo com tres mil cavallos e dez mil infantes soccorrer os afflictos gallegos; marchou elle pela passagem de Ponferrada a jornadas grandes até se avistar com os inimigos que intrincheirados o esperavam. Teve Bernardo por descredito da fama alcançada medir com eguaes estratagemas suas armas com as do mouro; e vendo que Ibrahim o esperava nas trincheiras, tomou por principio da victoria aquelle primeiro receio do inimigo; e com uma resolução inaudita mandou que seus soldados com a espada na mão acommettessem as trincheiras : assim o fizeram os valentes leonezes fiados no seu valoroso capitão : e com esta valorosa acção pozeram tal terror a seus inimigos, que as espadas christãs topavam já sem alento as gargantas dos mouros, e os braços tão decahidos do medo concebido em seus peitos, que nem sómente se atreviam a defender-se; e custou mais a Bernardo e a seus soldados a victoria, que o acommettimento; porque foi preciso cançar os braços com o grande numero de seus golpes, pois nem fugir podiam os mouros. Ficou Ibrahim preso, e com elle mais de tres mil de seus capitães e melhores soldados, que serviram depois para trocar por christãos captivos : e deixando os ataques cheios de corpos mortos, em que se contaram mais de dez mil dos mouros e não mais que sessenta e quatro christãos, fugiram os mais pelas asperezas da serra de Senabria, onde poucos se salvaram de perecer á fome, e mortes

que a braveza dos christãos habitantes das montanhas lhe deram.

Capitulo XXVIII

Como um general mouro destruiu a cidade de Flavia e depois foi vencido em Galliza por Bernardo.

Remontou Bernardo com bons cavallos a sua cavallaria, e montou da sua infanteria muita parte, e em fórma que fez o numero de oito mil cavallos, os mais d'elles famosos andaluzes : e com algumas bandeiras que voluntarias se lhe juntaram, prefez o numero de outros tantos infantes para a peleija : deixando bem guarnecida Vianna e n'ella os prisioneiros e bagagens, partiu em seguimento do outro exercito de mouros. Compunha-se este de seis mil cavallos e vinte e cinco mil infantes, que nos territorios de Vizeu, Lamego e Traz-os-Montes que os mouros tinham já restaurado, se levantaram por Ali-Aicama, valente capitão do mesmo imperador de Cordova, que com o nome tinha herdado o valor de seu avô Alcama, aquelle que capitaneando os primeiros mouros no tempo que invadiram a Hespanha, seguiu o rei D. Pelayo até Covadonga. Tinha o rei D. Affonso Magno conquistado entre outras terras a cidade de Flavia, antiquissima provoação, que de muitos seculos antes da entrada dos romanos em Hespanha, conservava sua grandeza nas ribeiras occidentaes do rio Tamega, onde hoje se vê a villa de Chaves renascida de suas ruinas ; mas a continuação dos tempos, a distancia da côrte de Oviedo e vizinhança dos mouros, e a jornada de Roncesvalhes tinham deixado tão importante praça na fronteira

do reino com uma pequena guarnição de nacionaes quasi sem muros, por ter o perverso Witiza, penultimo rei dos godos, mandado demolil-os com os mais de Hespanha.

Ali-Alcama tomou por objecto de sua invasão a conquista de Flavia, que lhe foi bem facil, porque os christãos atemorisados á fama do exercito mouro (que para metter maior pavor tudo ia queimando) se retiraram a salvar seus melhores moveis e suas mulheres e filhos no alto da serra do Larouco, que para a parte de Galliza em distancia de quatro legoas se lhe avizinha. Conquistou pois Ali-Alcama a cidade sem resistencia; e picado de lhe fugir das mãos o saque a que aspirava, vingou nas pedras a concebida ira, mandando arrazar os fracos muros e queimar as casas, com o que ficou qual outra Troia conhecida pela ruina em seus estendidos campos. Passou Ali-Alcama com seu exercito aquella prolongada campina até á ponte de Villaça, que sobre o rio chamado de Avarelhos serve de passagem para o valle de Monte-Rei; mas achando presiada sua torre, se lhe impediu a passagem por algumas bandeiras de flavienses que tinham descido a vingar (se podessem) os incendios de suas casas: intentou o mouro ganhar a ponte, mas sempre rechaçado pelo valor dos christãos em muitos assaltos que deu, perdendo na mesma ponte muita gente, e sobre o rio aquelles que se atreviam a vadeal-o; e vendo que ainda que ganhasse o passo, seria com grande perda de seu exercito, contramarchou para a parte occidental subindo com bastante trabalho até á villa de Ginzo: não deixaram os christãos como praticos do terreno de perseguir os mouros pelo alto das serras, formando muitas emboscadas e sortidas repentinas; mas o sabio capitão mouro caminhou com marcha regular, fazendo observar uma exacta disciplina a seus soldados sempre em fórma de batalha até chegar ás planicies de Lima.

Marchava Bernardo com seu exercito a grandes jornadas por se encontrar com os mouros, o que fez confrontando-se com elles em Aguas Santas, perto d'onde hoje se venera o milagroso corpo da gloriosa Santa Marianna Virgem e Martyr. Formaram-se os exercitos em batalha e reparou Bernardo no modo da disposição dos mouros, que tinha de contender com capitão de experiencia; por essa rasão para animar seus soldados e admoestal-os, que fiados na victoria passada não despresassem o conflicto presente, lhes disse : — A'vista tendes, valorosos companheiros, um numeroso exercito de mouros capitaneados por um general famoso e esperto, não vos acobarde a multidão de suas tropas; porém deveis reparar no bem disciplinado d'ellas : esta circumstancia vos lembre para que se una a prudencia com o valor: nenhum se adiante, por mais que o espirito o anime : siga cada qual seu official maior. Mais queria dizer quando lhe interromperam a pratica os alaridos e gritarias dos mouros, que com elles deram principio á batalha. Deu-se esta por ambas as partes disputada por espaço de quatro horas ; e já os mouros iam perdendo conhecidamente o terreno, quando de repente desceram dos montes vizinhos algumas formadas bandeiras de flavienses e gallegos, que a grandes vozes pediam vingança, e unindo-se no campo razo, deram no exercito mouro pela retaguarda. Podia este incidente tornar de vencedor vencido um exercito mais animado, quanto mais aquelle que por instantes queria já ceder victoria e campo; e causaram tal decadencia de animo e confusão os poucos soldados d'aquellas tropas, que os mouros se deixavam matar sem accordo; e alguns que intentavam a fugida eram logo mortos a sangue frio pelos gallegos e flavienses, que n'esta occasião ficaram bem vingados da destruição de suas casas. Ven-

ceu Bernardo a batalha com morte do general mouro e de seus principaes capitães, a quem se não dava quartel; e com a victoria ficou senhor do campo em que ainda os flavienses e gallegos do valle de Monte Real acharam muitas de suas fazendas. Foi copioso o despojo para compensar o trabalho que causou abrir vallas n'aquella campanha, em que se sepultaram mais de vinte e cinco mil mouros, que n'ella deixaram as vidas. Dos christãos faltaram trezentos e vinte; os feridos foram mais em numero.

Capitulo XXIX

Como Bernardo venceu em batalha o rei mouro de Lamego que estava sitiando Bragança.

Não pôde deter-se muito Bernardo a descançar com seu exercito, porque lhe chegou noticia que Ores, rei de Mérida, marchava pelo reino de Toledo com um copioso exercito de mouros contra o reino de Leão: por isso despedindo as tropas gallegas contentes com os despojos que lhes repartira, marchou até o valle de Monte-Rei, já sómente com exercito de cavallaria, por ter montado a infanteria com os cavallos tomados na batalha antecedente. Contava n'elle doze mil cavallos, com os quaes a largas jornadas passou á vista das ruinas de Flavia até Bragança, cidade que fundada por Brago, quarto rei de Hespanha, conservou o nome do seu fundador, para no tempo das delicias de seu fundado reino de Portugal lhe guardar real rama de inclitos monarchas. Tinha o rei mouro de Lamego, associado com alguns capitães do de Badajoz, posto sitio a Bragança e pretendiam ganhal-a por assalto; quando lhes chegou a noticia da vi-

zinhança de Bernardo: e como o exercito d'este se compunha só de cavallaria, formaram esperanças do vencimento se o atacassem em terra aspera, em que a cavallaria fizesse pouca operação: para lograrem o que meditaram, deixando o sitio com algumas tropas que servissem de guarda as bagagens, subiram á serra de Nogueira e no alto d'ella se affrontaram furiosamente com a cavallaria de Bernardo, já formada em batalha com as noticias que suas guardas avançadas lhe tinham dado.

Não esperou Bernardo ser acommettido, antes com a espada na mão mandou avançar contra os mouros. Sustentaram estes os primeiros golpes; porém vendo que perdiam gente sem numero, principiaram a perder a fórma para se guarnecerem dos penhascos e mattos da serra e poderem mais a seu salvo ferir os christãos com pedras e armas de arremesso, como principiaram a fazer; mas com a retirada deram logar a que Bernardo, que reconheceu o intento, fizesse desmontar dois mil soldados ligeiramente armados, entregando os cavallos a outros que pelas redeas os tivessem de reserva, e unidos em quatro batalhões fez acommetter nos penhascos e mattos os que cuidavam em salvar-se e offender; acção que fez decahir de animo o rei mouro e cortado do medo, para não ser tambem do ferro, fugiu precipitadamente pela serra abaixo seguido de muitos dos seus vassallos, exemplo que abraçaram outros capitães mouros. Bernardo que observou a retirada, desceu da serra, e nos valles das faldas d'ella perseguiu os mouros até os fazer passar o rio Sabor em varias partes, servindo a muitos suas aguas de perpetua sepultura.

Já na serra não appareciam inimigos vivos quando Bernado mandou que as tropas de reserva e mais soldados apeados, recolhendo os mortos e feridos dos seus, descessem para Bragança. Tinha

chegado a noticia da derrota aos que guardavam as barracas; e lançando fogo ao trem cuidaram em salvar as vidas com fuga, mas foram encontrados de algumas partidas de Bernardo, que andavam á caça dos mouros como se fossem feras, e padeceram egual infortunio ao dos seus nacionaes padecido na serra. Chegou Bernardo a todo o trote, seguido de algumas tropas, e teve a fortuna de salvar ainda a maior parte dos ricos despojos do inimigo, os quaes repartiu pelos vencedores que foram chegando ao campo, dando tambem parte d'elles aos bragantinos com o louvor da vigorosa resistencia que a tanta multidão de mouros tinham feito; e deixando n'aquella praça os doentes e feridos para se curarem, recommendou se celebrassem alguns officios e suffragios pelos defuntos que nas batalhas tinham fallecido, e se pôz em marcha com o exercito.

Capitulo XXX

Como Ores, rei mouro de Mérida, pôz sitio a Benavente e foi vencido e morto em batalha por Bernardo.

Já tinha o rei mouro Ores posto sitio sobre a celebre villa de Benavente (que nas ribeiras do rio Esla, em Tierra de Campos, no reino de Leão, dá antiguo titulo aos chefes da nobilissima familia de Pimentel) com um exercito de mouros estremenhos, em que contava doze mil cavallos e trinta mil infantes. O rei de Leão Affonso Casto tinha tumultuariamente juntado dois mil cavallos e dez mil infantes, e com elles partiu em pessoa para Benavente: mas tão pequeno exercito mais podia servir de testemunha do valor com que os mouros

assaltavam a praça, no que de auxiliares d'ella; a tempo porém chegou Bernardo com seu victorioso exercito, que servisse de salvamento aos afflictos benaventanos. Não esperou o mesmo Bernardo tempo para formar seus soldados; porque tendo dado aviso de sua chegada a el-rei seu tio, lhe mandou pedir que tanto que avistasse seus estandartes, acommettesse logo em fórma de batalha os mouros, para os obrigar a sahir das trincheiras : assim o fez el-rei Affonso; e achando Bernardo sem reparo das paliçadas o exercito mouro, deu sobre elle com a espada na mão, a tempo que pela parte d'el-rei se lhe fazia vigorosa diversão. Acudia o rei mouro a uma e outra parte, dando as ordens necessarias para a batalha e animando seus soldados como valente e destro capitão : mas encontrando-se com Bernardo e sendo d'este conhecido pela distincção dos vestidos, foi investido por elle com resolução de acabar com a sua morte o duvidoso da victoria, que mais de tres horas havia se disputava. Deu Bernardo tal cutilada no escudo do rei mouro, que fazendo-lh'o em pedaços lhe levou cerceo o braço esquerdo, posto que bem armado estava, e ainda o feriu em um lado : ficou aturdido o mouro com a dôr; mas ainda com os alentos vitaes atirou um golpe a Bernardo com tanta furia que tambem lhe partiu o escudo em dois; mas teve a desgraça de que Bernardo ao mesmo tempo lhe segundasse outro golpe sobre o capacete que lhe cortou e abriu a cabeça até os dentes, e quasi caido o levou desenfreado o cavallo pelo meio do exercito, que conhecendo seu rei morto, desanimados os soldados, se pozeram em conhecida fuga a tempo que Bernardo no meio d'elles, tendo já embraçado um escudo que tirára com a vida a outro cavalleiro dos principaes mouros, enchia de terror com seus golpes a quantos o viam feito um ministro da morte. Seguiu-se o

alcance do fugitivo exercito, o que durou o dia, morrendo mais mouros na retirada, do que no campo da batalha; e chegada a noite, recolheu Bernardo o exercito em Villalpando, onde mandou accender um facho para norte dos que no seguimento se perdessem. N'aquella villa se deteve o dia seguinte, que foi necessario para se juntarem os seus dispersos soldados; e logo na madrugada do outro partiu para Benavente, onde beijando a mão a el-rei seu tio, foi por elles recebido nos braços com o carinho que mereciam suas gloriosas acções e serviços tão elevados.

Capitulo XXXI

De alguns progressos que Bernardo fez contra os mouros, e venceu em batalha o alcaide de Toledo.

O descanço que Bernardo achou de tantas campanhas, foi a disposição para outras novas; porque a Benavente onde se achavam, chegou a el-rei noticia de que Alcama, rei mouro de Badajoz, vinha com poderoso exercito contra elle: e porque se julgou mais commodo sustentar a guerra no paiz dos inimigos que no proprio, mandou el-rei que Bernardo com dez mil cavallos e outros tantos infantes marchasse para as portas de Segovia, onde chegaram noticias que esperava que ao exercito dos mouros se lhe juntasse um soccorro que lhe mandava o governador do reino de Toledo. Chegou Bernardo á villa de Olmedo, conquistando e destruindo as terras dos mouros por onde passava, e ahi achou noticia que o rei de Badajoz marchava pela Extremadura de Leão em direitura á cidade de Samora; mas que o alcaide de Toledo

vinha com doze mil cavallos e trinta e cinco mil infantes, mandados pelo imperador de Cordova para fazer uma diversão pela parte de Valladolid e Placencia; emquanto Alcama tomando Samora, investida Benavente, e juntos depois ambos acabassem de uma vez com o nome chistão em Hespanha.

Resolveu-se Bernardo a esperar o alcaide toledano, que já tinha passado os portos de Guadarraman e entrado na comarca de Segovia; e como estava em paiz dos inimigos, rodeou seu exercito com linhas de circumvallação e contravallação ao uso d'aquelles tempos, e d'aquella fórma acampado á vista de Olmedo esperou os mouros. Vinham estes soberbos na confiança da multidão, e a grandes gritos e alaridos investiram as linhas dos christãos, de quem foram bem rebatidos em quatro continuos assaltos que deram com innumeravel perda de gente: vendo Bernardo os mouros já fatigados, e perdida n'elles a primeira furia, sahiu das linhas e formando fóra d'ellas seu campo, deu com boa ordem sobre os mouros, que apenas supportaram constantes os primeiros golpes, e logo occupados do medo que lhes causára o valor de Bernardo e seus soldados, cuidaram sómente em salvar as vidas, depois de cinco horas de batalha. Seguiu Bernardo o alcance com a cavallaria uma legoa, e se recolheu ao arraial onde celebrou a victoria. Os mouros tendo perdido seu general (a quem na retirada tinha um simples soldado christão tirado a vida), muitos de seus capitães não se julgaram seguros emquanto não repassaram os portos de Guadarraman, deixando no campo e caminho mais de vinte mil mortos, e para premio dos vencedores toda a bagagem do exercito. Fez Bernardo queimar o que podia servir-lhe de impedimento á jornada: e como precisasse soccorrer a el-rei seu tio, não cuidando no pundonor de sus-

tentar os tres dias o campo da batalha, se poz em marcha com os feridos, e passado á vista de Medina del Campo se encaminhou á cidade de Samora.

Capitulo XXXII

Como Bernardo venceu em batalha a Alcama, rei mouro de Badajoz, que tinha sitiado a Samora e fez levantar o sitio.

Alcama, rei de Badajoz, tinha posto apertado sitio á cidade; mas já em precaução el-rei Affonso Casto se mettera dentro com tres mil escolhidos soldados e munições capazes de sustentar dois annos o assedio, e deixára fóra um corpo valente de dois mil ligeiros cavallos, e em Toro, distante quatro legoas, se sustentava um exercito de outros dois mil cavallos e oito mil infantes. Porfiava com effeito Alcama no sitio de Samora, composto de oito mil cavallos e quarenta mil infantes, quando lhe chegou noticia que Bernardo o procurava. Entretanto Alcama desvanecido, e por ser pouco versado na campanha, imaginou que sempre o numero dos contendores dava a victoria nas batalhas : por essa rasão esperou intrepido qualquer acommettimento, sem se valer de linhas nem paliçadas para segurança de seu exercito. Chegou Bernardo com o seu formado em batalha a affrontar-se com elle; e depois de alguns combates que egualmente sustentaram de parte a parte, pareceu a Bernardo que seus soldados se achavam fatigados por entrarem na batalha sem primeiro tomarem descanço; e para enganar o inimigo, deu mostras de querer retirar-se e com effeito fez algumas contra-marchas para ganhar terreno. Ensoberbe-

ceu-se o mouro, vendo-se ao seu parecer temido, e para que não se lhe fosse d'entre as mãos uma victoria que já contava segura, mandou que seu exercito se formasse em uma só linha (constando até este tempo de duas) com intento de circumvallar os christãos : mostraram estes sempre querer retirar-se a salvo, até que vendo mais penetraveis as fileiras contrarias arremetteu Bernardo ao quartel real de Alcama, acclamando a grandes vozes : — Victoria, victoria ! — o mesmo repetiram quasi todos os do exercito ; e el-rei de Leão, que das muralhas da praça estava em alguma afflicção por ver retirada que julgava verdadeira, a acclamou com as mesmas vozes que retumbavam no campo, e se entoaram, na cidade, e logo solemnisaram com repiques de sinos. Viam os mouros ainda em tanta duvida a victoria cantada pelos nossos, como os que se julgavam senhores d'ella ; mas na incerteza do successo cuidaram que seu exercito se achava já roto ; e foi tal o pavor que conceberam, que não procuravam mais que salvar as vidas na retirada, mudando-se esta com a perseguição e golpes dos christãos em declarada fuga.

Deixou Alcama repentinamente o sitio e campo da batalha, cuidando sómente em segurar a vida ; esqueceu-se perpetuamente de mais de vinte e dois mil soldados seus, que deixou recommendados aos soldados de Bernardo para lhe darem sepultura, além de muitos que feridos na batalha e alcance morreram depois : e bizarro pagou a resolução de Bernardo com todo o trem e bagagens que no campo tinha, porque não podia reserval-as com a grande pressa que se deu na retirada : e melhor quando viu que os christãos não contentes com a victoria e despojos, lhe seguiam o alcance anciosos de usurpar-lhe tambem a vida, como a muitos de seus officiaes e soldados faziam. Sahiu Affonso Casto da cidade e recebeu nos braços o

seu sobrinho Bernardo, com o qual se deteve alguns dias solemnisando tantas victorias.

Capitulo XXXIII

Da entrada que D. Buesso, duque soberano de Guiena, fez em Hespanha, e foi vencido e morto por Bernardo.

Dominava os estados da Guiena e Gascunha da outra parte dos Pyreneos, com o titulo de duque soberano (ainda que feudatario do imperador), D. Buesso, valente francez e vanglorioso principe. Concebeu este no entendimento vingar a derrota de Roncesvalhes; e para ter effeito sua determinação mandou levantar tropas nos seus dominios; mas deteve o rapido de sua soberba uma perigosa doença que o teve em uma cama mais de um anno, porém tanto que d'ella melhorou, não socegou emquanto não viu em Bayona de França junto um exercito de sessenta mil gascões, tropas escolhidas em que contava vinte mil cavallos e quarenta mil infantes. Partiu de Bordeaux sua côrte, e pondo-se em marcha contra Hespanha, chegou á fatal passagem dos Pyreneos em Roncesvalhes, onde lhe phantasiou o desejo da vingança, que aquelles penhascos borrifados com o esclarecido sangue dos Pares e mais capitães francezes, lhe estavam a mudas vozes declarando os golpes recebidos por Bernardo, e a perfidia e traição de Marsilio consumada por Galalon; e jurou de não tornar a seus estados sem as cabeças dos aggressores: e devendo, tanto que pisou terras de Hespanha, endireitar os passos para Aragão a vingar em Marsilio a offensa (pois só elle o offendeu, porque sem ser acommettido se declarou inimigo, e só elle se valeu

da perfidia comprando com dinheiro a traição) seguiu sua estrada a Pamplona, côrte do rei de Navarra seu confederado, com o intento de o empenhar na guerra contra Affonso Casto: mas o navarro além de escusar-se com o pretexto de que sendo catholico não podia inquietar um rei vizinho, que se via por todas as partes acommettido dos mouros, inimigos perpetuos do nome christão, persuadiu com efficacia a D. Buesso, que deposto o rancor que contra o reino de Leão levava, fizessem liga todos tres para na occasião presente expulsar de Hespanha os mouros que a affligiam: foram porém debalde suas persuações, porque D. Buesso despedido d'elle entrou por Castella a Velha passando o rio Ebro em Logronho, e poz logo sitio a esta cidade, que em poucos dias se lhe rendeu.

Logo que D. Affonso teve noticia que D. Buesso partiu de Bayona com exercito tão numeroso, mandou a seu sobrinho Bernardo que com as tropas que julgasse convenientes, lhe sahisse ao encontro para impedir-lhe o passo do Ebro e entrada em seus estados; mas não pôde fazer-se a jornada com tanta pressa, que já não estivesse D. Buesso em Orcejon, quando Bernardo se avistou com elle, capitaneando oito mil cavallos e dezoito mil infantes. Affrontaram-se os exercitos de parte a parte, e peleijaram com egual fortuna oito horas que durou uma porfiada batalha, até que a noite os separou: morreram da parte dos hespanhoes mais de dois mil, e foram feridos em maior numero, porém da parte de França excederam os mortos mais de dez mil, e feridos tambem em numero muito mais excessivo; passaram os francezes a noite com tanta inquietação de animo, que para evitar D. Buesso a total deserção de seu exercito, lhe foi preciso andar em pessoa fallando a todos os cabos, e rondar toda a noite as estancias, fazendo guardar o arraial por dobrados piquetes; não

pôde porém conseguir de seus soldados que se aventurassem no seguinte dia a nova disputa (tanto terror lhes tinham causado os golpes dos hespanhoes), pelo que movido de desesperação mandou dizer a Bernardo, que por evitar a effusão de sangue christão, e para conservar umas vidas que melhor se podiam empregar dando morte aos vizinhos mouros, determinava fazer em campo singular batalha, que para elle o desafiava e n'elle o esperava só á vista de ambos os exercitos.

Não era novo em Bernardo contender corpo a corpo em singular conflicto, e por isso gostoso acceitou o desafio, e logo posto a cavallo sahiu ao campo onde se achou já prompto á D. Buesso : saudaram-se reciprocamente, e com mutuas cortezias estiveram louvando cada um o valor do seu contrario; logo separando-se tomaram do campo á sua vontade o necessario para a carreira : n'esta acommetteram um contra o outro a toda a furia dos cavallos com as lanças em riste, que não lhes serviam mais que para o primeiro acommettimento, porque ambas se fizeram em pedaços nos escudos; tiraram com egual brio das espadas e se acommetteram furiosos : tropeçou o cavallo de Bernardo e foi de focinhos a terra, a tempo que já elle tinha saltado ligeiramente dos estribos, e com inaudita promptidão arremetteu a desjarretar o cavallo de D. Buesso, e o fez a tempo porque já elle saltava em terra. Investiram-se ambos com os escudos embraçados e as espadas nas mãos, e assim se deram grandes golpes que faziam impenetraveis as diamantinas armas, principalmente as de D. Buesso, onde se quebrou em dois pedaços a espada de Bernardo. Vendo-se este sem ella, recebeu e reparou alguns golpes no escudo ; e fiado na fortaleza de seus braços, costumados a despedaçar leões e serpentes, largando o escudo e parte da espada que ainda sustentava, pegou accelera-

damente em D. Buesso e levantando-o ao ar o lançou em terra, e logo tirando de um punhal, posto sobre o peito de D. Buesso o joelho esquerdo, lhe deu com tanta furia duas punhaladas por entre as ligaduras das armas, que atravessando-lhe o coração deram logar a que a alma sahisse por ellas do corpo : posto Bernardo em pé, tomou um bellico cordahaz pequeno de que se servia para os avisos, o qual foi ao mesmo tempo signal para os francezes da morte de seu general e para os hespanhoes da victoria.

D. Froylado, conde de Carrion, que como tenente general de Bernardo estava diante do exercito observando o fim da batalha, mandou logo a seu general um cavallo que prompto tinha, para que montasse ; e dando signal ao exercito, mandou que a cavallaria com a espada na mão a todo o trote dos cavallos arremettesse aos gascões ; estavam estes tão cortados do ferro como do medo, augmentando com a morte do seu principe e general, que o mesmo mandamento do conde de Carrion para acommeter, interpretaram elles insinuando a si para retirar, e virando caras á retaguarda fugiram declaradamente a buscar em Navarra o refugio para passagem dos Pyreneos ; mas como Bernardo quizesse acabar de uma vez com elles, mandou que fossem seguidos lentamente por todo o exercito : porque bem advertiu que a passagem do Ebro os deteria, como succedeu, e alcançando-os nas ribeiras do mesmo rio, procurando em algumas barcas o transito fez n'elles fatal estrago o ferro ; muitos para salvarem as vidas escolheram as aguas por asylo, que a poucos foi favoravel.

Este foi o fim que teve a soberba e mal ponderada erupção de D. Buesso, da qual vendo já Bernardo livre Hespanha, dando conta a el-rei seu tio do bom successo, se avistou com o rei de Navarra, Inigo Arista, na cidade de Tudella, que ahi estava

com um exercito de observação (conforme elle publicava) composto de cinco mil cavallos e quatorze mil infantes.

Depois das primeiras saudações e cumprimentos, fez Bernardo presente ao rei de Navarra do corpo de D. Buesso, embalsamado e mettido em um caixão primorosamente lavrado e coberto de terciopelo negro com bordaduras de brocado, o qual depois o rei mandou ao imperador seu alliado, celebrando-se primeiro suas exequias com grande pompa na mesma cidade de Tudella, com assistencia do mesmo rei de Navarra e de Bernardo, com os principaes cabos dos dois exercitos, e funebres descargas de corridos e mal soantes sinos, em logar da artilheria que hoje se usa e n'aquelle tempo ainda não nascera ao mundo.

Capitulo XXXIV

Como Bernardo alliado com Inigo Arista, rei de Navarra, conquistou o reino de Aragão, vencendo quatro batalhas decisivas ao rei mouro Marsilio e o matou.

Solemnisadas as exequias de D. Buesso, marchou o rei de Navarra associado com Bernardo, e ambos os exercitos contra o reino de Aragão, em que reinava o valente Marsilio, de quem acima fizemos menção na de Roncesvalhes: d'este rei mouro estava queixoso o de Navarra, e Bernardo pouco satisfeito, e já nas vistas de Pamplona tinha determinado contra elle a guerra, que não tivera mais cedo effeito pelas occupações de Bernardo acima escriptas. Não se escondiam a Marsilio (como cauteloso principe) os tratados de Inigo e Bernardo, e por essa razão, vendo que seu vizinho se

armava, cuidou tambem de levantar tropas, principalmente quando viu que D. Buesso passava os Pyreneos, suspeitando quizesse vingar-se da perpetrada traição de Galalon; razões por que ao primeiro movimento dos exercitos christãos se pôz o rei mouro na testa de vinte mil cavallos e quarenta e cinco mil infantes, e com elles sahiu ao encontro dos alliados, com os quaes se encontrou em Borja, cidade de seu reino. Investiram-se os exercitos com intrepida resolução, como se esperava de tão grandes generaes; mas foi preciso cedesse Marsilio ao valor de dois Martes do seu tempo perdendo a batalha depois de disputada quatro largas horas; e deixando com o trem e bagagens no campo mais de dezoito mil mortos, se retirou a refugiar-se na sua côrte de Saragoça, procurando refazer-se d'esta primeira derrota para novos conflictos.

Marcharam os christãos sobre Saragoça, aonde chegaram em dez dias de pequenas jornadas e lhe pozeram sitio; mas Marsilio deixando-a bem presidiada por seu governador um valente mouro, chamado Murato, sahiu a levantar novas tropas para o despique. Vinte e seis dias havia que os christãos bloqueavam a cidade, quando se pôz á vista d'elles Marsilio com um exercito mais numeroso; porém não teve melhor fortuna que o primeiro, chegando a segunda batalha, que egualmente perdeu, e com ella tambem a cidade, que immediatamente foi escalada, tanto que Marsilio se retirou vencido. Feitos os alliados senhores da cidade, a entregaram a Azuar, ou Arnal, sobrinho de Inigo Arista, e filho de Eudon Magno, mordomo-mór que tinha sido do imperador Carlos Magno, com presidio sufficiente para sua defesa, e passando o rio Ebro em seguimento de Marsilio, o encontraram no territorio da cidade de Huesca (famosa e a mais antiga universidade de Hespanha)

que caminhava com tumultuario exercito a dar-lhe batalha : foi esta tambem bastantemente disputada; mais ganhando-a os alliados, tornou Marsilio na retirada a salvar a vida. Seguiram os christãos ao fugitivo rei mouro, para lhe não darem logar a que se refizesse : não lhes succedeu porém como imaginaram ; porque o alcaide de Lerida tinha levantado um exercito de mais de quarenta mil mouros nos estados de Catalunha e reino de Valença, e com elle veiu soccorrer a Marsilio, seu soberano, a quem se uniu entre Monçon e Barbastro, ribeiras do rio Cinza : não seria muito facil aos alliados desembaraçar-se d'esta quarta batalha, porque constava o exercito dos mouros de mais de setenta mil combatentes, se não fossem ajudados por D. Garcia de Sobarbe, que d'entre as brenhas dos Pyreneos, onde conservava seu pequeno dominio, sahiu com tres mil soldados praticos do terreno e do modo de peleijar com os mouros d'aquellas partes, com os quaes tinha continuadas escaramuças. Unidos os tres principes christãos, deram tão fortemente sobre o exercito mouro, que a poucas horas de combate o destroçaram, tendo seu rei Marsilio o infortunio de se encontrar com Bernardo na batalha para lhe entregar a vida nos fios da sua espada.

Capitulo XXXV

Como Bernardo venceu em batalha a Erif-Atan, mouro general do imperador de Cordova.

Ricos da fama e gloria Inigo Arista e Bernardo partiram para seus reinos, deixando a D. Garcia que governasse o conquistado do Ebro até os Pyreneos, e a Arnal (genro que era do mesmo

D. Garcia) do mesmo rio até ás raias do reino de Toledo e serras de Albarrazim e Cuenca; e retirando-se para Pamplona, sua côrte, o rei de Navarra, foi Bernardo para Oviedo, onde o recebeu el-rei seu tio, com algum desabrimento por se unir com o rei de Navarra sem sua determinação. Como a boa fortuna sempre foi objecto da inveja, muito mais alcançada por merecimentos de acções inimitaveis, tinha a de Bernardo gerado nos cortezãos do rei de Leão um odio contra o mesmo Bernardo, que não ousavam declarar: mas sempre os estimulava para o malquistar com el-rei como tinham feito em sua ausencia, dizendo: que de seu poder ninguem estava no reino seguro, e que aspirava a soberano, no que já se ensaiára, quando sem consultar el-rei e seu conselho contrahira allianças com os principes estrangeiros: estas costumam ser as pagas dos mais avultados serviços.

Retirou-se pouco satisfeito do desabrimento d'el-rei, para Aviles, Bernardo a descançar das passadas campanhas, onde estava quando lhe chegou recado de el-rei seu tio, que á côrte o chamava; obedeceu logo, e chegando a Oviedo lhe ordenou Affonso Casto que partisse á cidade de Leão, e ahi levantasse exercito com que fosse a Galliza socegar uma rebellião e castigar os auctores d'ella. Por morte de Ores, rei de Merida (de quem já acima contámos a derrota que padeceu em Benavente) ficou um filho por nome Mahoma: quiz este com as armas recuperar o throno de seu pae; porque Abderrahaman, imperador dos mouros em Hespanha, successor na corôa a seu defunto pae Ali Atan, uniu á sua monarchia e estados o reino do defunto Ores pelo direito de reversão, por ser o mesmo reino, como os mais de Hespanha, feudatario ao dito imperador: para Mahoma conseguir a recuperação da corôa a que aspirava, se declarou

vassallo dos reis de Leão obrigando-os com um annual feudo a que lhe ministrassem soccorros: porem como os poderosos não esperam tempo para a vingança, se a tem prompta, mandou Abderrahaman um grande exercito contra Mahoma, antes que podesse ser protegido por el-rei de Leão; e atacando-o na campanha, foi n'ella vencido o pretenso rei que apenas pôde com a fuga salvar a vida nos estados de Leão, em campanhia de muitos cavalleiros principaes de sua desfeita côrte. Foi em Oviedo bem recebido de Alfonso Casto, que para sua subsistencia lhe deu em Galliza os valles de Monte-Rei, Salas e Frieiras, com obrigação de fazer habitar pelo seus os logares desertos e cultivar as terras incultas e de seguir a lei catholica romana, a que pouco a pouco iria reduzindo seus vassallos. Entrou Mahoma com muitos mouros refugiados no valle de Monte-Rei: e, como sempre no coração fosse verdadeiro mouro e fingido christão, e não perdesse a perfidia que como tal lhe era natural, tratou por vias occultas de se congraçar com o imperador Abderrahaman, promettendo-lhe conquistar o reino de Galliza, se o ajudava com tropas, que podiam pouco a pouco ir-se juntar com elle com o pretexto de mal contentes de seu soberano; assim como se premeditou, se fez; porque antes de um anno já Mahoma se achava com mais de cem mil mouros, com os quaes á descoberta se rebellou contra o rei de Leão, proclamando-se rei de Galliza, pondo a sua côrte em Monte Rei, que d'elle tomou o nome, fundando aquella fortaleza para reparo de qualquer invasão dos christãos. Esta foi a causa do levantamento de Mahoma e tambem porque el-rei de Leão mandou a seu sobrinho partir com o exercito para Galliza.

Pedia a necessidade e progressos, que Mahoma fazia contra os christãos, um remedio promptis-

simo; e como se precisasse tambem de grande exercito, mandou Bernardo levantar bandeiras nas cidades de Astorga, Benavente, Samora, Miranda e Bragança, com ordem que o seguissem, assim como se fossem alistando: e elle com quatro mil cavallos e dez mil infantes marchou a grandes jornadas até Lobian, logar no territorio da Puebla de Sanabria, onde se lhe juntaram outros dez mil infantes do Astorga, Samora e Benavente: e em Vianna de Bolo se lhe juntaram tres mil de Bragança e Miranda. Com exercito tão desegual, e muito mais por ser composto de soldados bisonhos, chegou Bernardo a Frieiras onde o esperava Erif-Atan, tenente general d'aquella empresa. com quarenta mil mouros: affrontou-se com elle Bernardo, e dentro de duas horas de porfiado combate chegou a derrotar os mouros; e seu general Erif, que viu baralhada a fórma de suas linhas, se julgou perdido, mas segurou a vida na fuga; e como esta seja mais facil de imitar que a resistencia, achou mais de vinte mil no seu exercito que o seguiram, passando a serra que corre do Cabreiro para Castrello: não poderam seguir o exemplo de seu general mais de dezesete mil mouros, porque os christãos que a ninguem davam quartel, os obrigaram a ficar mortos n'aquelles valles e montanhas, em castigo de sua temeridade.

Capitulo XXXVI

Da grande victoria que Bernardo alcançou de Mahoma; e livrou o reino de Galliza da oppressão dos mouros, com morte do mesmo Mahoma.

Não esperou Bernardo sobre o campo da batalha mais que o resto do dia, para tomar descanço

e cuidar dos feridos : e logo ao seguinte marchou com seu exercito até o alto da serra, d'onde avistou aquella planicie, que por espaço de seis legoas grandes se estende de norte a sul das faldas da serra de Sanabria, onde o rio Tamega toma socegado caminho em Galliza até o monte da Conceição, em terra de Chaves de Portugal. Algum receio teve Bernardo em descer a serra, porque na planicie podia facilmente ser vencido por uns soldados, costumados a militar nos campos de Guadiana; quando os christãos sómente costumavam viver nas montanhas: mas instigado das vozes dos seus soldados, que lhe pedia os levasse aos inimigos, baixou com boa conducta a serra, e já na campina formou seu exercito. Tinha Mahoma mandado a Erif, que com seus fugitivos e outros mais que lhe deu, em numero todos de trinta e cinco mil, se postasse na falda da serra, no sitio em que hoje estão as villas de Mouraços e Tamaguellos, da parte oriental das ribeiras do Tamega, e ficou o mesmo Mahoma com um copioso exercito de sessenta mil mouros formado em batalha na Veiga, que hoje chamam de Paços, do sitio ou bairro de S. Lazaro de Verim até ás ribeiras do rio de Alvarelhos, servindo-lhe de linha de contravallação pela vanguarda, e lado esquerdo o rio Tamega, e pelo direito o de Alvarelhos, até onde se mette no Tamega, ficando-lhe na retaguarda a costa e monte onde está a capital praça de Monte Rei.

Parecia a Bernardo temeridade grande acommetter o inimigo em sitio tão forte, e muito mais quando excedia em mais do dobro o numero dos combatentes: mas por não esfriar o ardor com que estavam seus soldados entumecidos da passada victoria, se avançou contra o exercito dos mouros com uma intrepida resolução, dizendo sómente a seus soldados: — Se todos me seguirem, já a victoria é nossa. Resistiu Mahoma quanto pôde á

passagem do Tamega, que ainda não tinha a ponte, nem villa de Verim fundada, e sobre as aguas foi a maior disputa, mas foram tantos os mouros mortos, que serviram de ponte, sobre que os soldados christãos passaram a pé enxuto: vencida a passagem do rio, se turbou de tal fórma o exercito dos mouros, que não houve um só que se atrevesse a esperar na planicie: todos investiram á costa para se salvarem na montanha, e nem a cavallaria se animou a fazer cara, sendo em numero de mais de dez mil os contendores. Com esta confusão entraram os christãos a matar a ferro frio, sem perdoar vida alguma: e ainda os mesmos mouros se matavam uns aos outros, sobre qual havia de subir primeiro ao monte. Animava Mahoma os seus a que tornassem a virar caras, fazendo-lhes facil a victoria; e emquanto andava correndo entre elles, se encontrou com Bernardo, que o tirou do trabalho dando-lhe um golpe com a espada sobre a cabeça que lhe partiu a metade com o capacete e tudo; e logo sem vida cahiu sobre o arção dianteiro; o cavallo foi correndo desenfreado por entre os mouros, fazendo-lhes certo estar já sem vida seu intruso rei: á vista do que alguns que já tornavam a refazer-se, desmaiaram totalmente e quizeram iterar a fugida: mas foi fóra de tempo, porque os christãos se tinham apoderado dos passos por onde ella lhes era mais facil, e ficaram os tristes mouros victimas do furor christão, padecendo tal mutança, que chegaram os mortos a cincoenta mil. Acabou-se a mortandade com o dia, encobrindo a noite com o seu negro manto alguns poucos que escaparam da morte no campo; muitos porém perderam ainda a vida ás mãos dos montanhezes christãos d'aquelles contornos, e alguns se refugiaram no exercito de Erif.

Este que tinha sido mandado postar de reserva ou para dar na retaguarda dos christãos, se não

atreveu a executal-o, considerando o valor de que estavam armados, e favorecido da noite contramarchou pelas ribeiras até Portugal; mas não tanto a seu tempo e salvo, que não tolerasse como tolerou, varios choques e sortidas que os flavienses unidos em tropas a modo de caçadores lhes davam, sahindo sobre elles dos cabeços dos montes por onde caminhava: comtudo foi com muito trabalho e necessidades marchando até o rio Douro, onde foi transportado a Lamego a amparar-se do rei d'aquella cidade, que era vassallo do imperador seu amo; de tão numeroso exercito não appareceu em Cordova com mais de dez mil homens rotos e descalços, que os mais lhe consumiu o trabalho, fomes e as armas dos flavienses nas montanhas; tal proveito tirou o imperador mouro de expedição tão grande.

Capitulo XXXVII

Como Bernardo não pôde alcançar a liberdade de seu pae, e se desnaturalisou de vassallo dos reis de Leão fazendo seu assento no castello del Carpio, d'onde tirou o appellido.

Bernardo depois de compôr as cousas de Galliza, partiu para Oviedo, despedindo os soldados da villa de Monforte de Lemos para suas casas, ricos de gloria e despojos, e contentes de tão bem acertada conducta. Achou a el-rei seu tio gravemente enfermo, e sem esperanças de melhoria; pediu-lhe Bernardo por unica satisfação de seus grandes serviços lhe mandasse entregar seu pae o conde de Saldanha, que ainda se conservava em prisão; mas não pareceram condignos serviços taes para se comparar com a colera e paixão de Affonso

Casto, nem a este lhe pareceu mereciam a liberdade de um homem que lhe tinha offendido o credito : e ainda que a rainha D. Bertha intercedeu pelo conde, apoiando com instancias a petição de Bernardo, não teve este outro despacho mais que uma total escusa. Morreu emfim Affonso Casto nomeando para lhe succeder na coróa seu sobrinho Ramiro, filho do rei D. Bermudo, Diacono, seu irmão ; e Bernardo depois de assistir á acclamação do novo rei e beijar-lhe a mão, partiu para Saldanha, onde se deteve dois mezes, chorando a desgraça do conde seu pae, e a pouca fortuna de não poder alcançar sciencia certa do logar de sua prisão, que o defunto não quiz descobrir passando-lhe o odio além da morte.

Veio Bernardo á côrte, e entrou com el-rei Ramiro seu primo na pretenção de alcançar o que se lhe negára no reinado antecedente; mas como este novo rei se deixasse governar pelos cortezãos, estes o persuadiram a que nunca consentisse na soltura do conde de Saldanha, dando por escusa não se saber o logar certo de sua prisão. Exasperou-se Bernardo em tal fórma com esta negativa, que ficou com alguma variedade de juizo; e sem ponderar o que fazia, se desnaturalisou do reino de Leão, tirando-se de vassallo do seu rei : acceitou Ramiro mal aconselhado o desnaturalisamento de Bernardo; e este com alguns cavalleiros de sua casa e outros mais que o seguiram em seu destino, por numero tresentos e trinta e quatro, despedido de seus parentes e amigos, partiu da côrte, e chegando a entrar em terra de mouros, passando ao territorio de Medina del Campo, observou que o castello del Carpio era muito accommodado para exercitar sua vingança; e para ter effeito mandou dizer ao alcaide mouro, que Bernardo, general do rei de Leão, necessitava d'aquelle castello para sua assistencia; que pedia

lh'o cedesse e se retirasse se não queria experimentar sua indignação. Sahiu logo o alcaide e com as devidas ceremonias entregou a Bernardo as chaves do castello (tanto valia seu nome, que ouvido rendia sem mais armas as praças) e entre mutuos cumprimentos e reciprocas cortezias se despediu, e com seus soldados partiu para Toledo. Entrou Bernardo no castello, que nos tempos successivos lhe deu o appellido, e n'elle achou bastantes provimentos; e como o fim da sua retirada fosse a tomar vingança da tyrannia dos reis de Leão, mandou logo intimar aos governadores de Salamanca, Zamora, Toro, Valhadolid, que a sem razão da côrte de Oviedo o obrigava a declarar guerra contra seu rei; que assim a declarava a elles governadores, para que estivessem na certeza de que havia de fazer n'aquellas comarcas todas as hostilidades que lhe parecesse, e assim o tivessem entendido para cuidarem em defender-se.

Capitulo XXXVIII

De algumas cavalgadas que Bernardo fez em terras do rei de Leão e de como os soldados d'este não quizeram peleijar contra elle.

Sahiu Bernardo del Carpio a correr aquelles campos, em que executou muitas hostilidades até junto ás portas de Salamanca : todos os dias se lhe juntavam tropas, que á fama de suas grandes acções queriam uns ser companheiros d'ellas, outros procuravam enriquecer com os despojos e saques dos povos, em que a ira de Bernardo se exercitou por tempo de um anno. Chegavam as queixas das destruições d'aquellas comarcas todos os dias á côrte, e faziam uma grande impressão no

animo de el-rei e de alguns bem intencionados; porém mais exasperada a inveja dos conselheiros inimigos do conde de Saldanha e de seu filho Bernardo, incitavam a el-rei remediasse com a força aquelles disturbios, sem embargo de elle se inclinar á melhor parte, que era dar a Bernardo seu desejado pae. Armou-se um exercito de dois mil cavallos e doze mil infantes, e com elles sahiu por general o conde de Pernia, D. Munio Ordones, a encontrar-se com Bernardo: encontraram-se entre as villas de Ruedo e Tordesilhas, capitaneando Bernardo sómente seiscentos cavallos e mil infantes. Deu o conde de Pernia signal para seus soldados acommetterem os de Bernardo, que em fórma de batalha os esperavam; mas elles com uma repentina resolução pozeram no chão as armas, e a grandes vozes publicaram que não peleijavam contra um general tão famoso, allegando que no conflicto não saberiam distinguir as bandeiras; pois como as de ambos os campos tivessem por divisa um leão, não era justo que peleijassem leões contra leões. Não foi possivel ao conde e a outros cabos reduzir os soldados á peleija; antes todos a altas vozes diziam: — Entregue el-rei o conde de Saldanha a seu filho, e se acaba a guerra. Bernardo que viu a renitencia dos soldados contrarios, mandou logo dizer ao conde de Pernia, que antes de outra cousa compozesse por boas palavras os soldados amotinados e se retirasse á côrte, se não queria experimentar as terriveis consequencias de uma total rebellião que já via.

Capitulo XXXIX

Como Bernardo poz sitio a Penharanda, venceu o alcaide de Toledo em batalha e conquistou outras muitas praças dos mouros.

Tomou o conde de Pernia o parecer de Bernardo e levantou o campo ; depois de reprehender asperamente a desobediencia de seus soldados, se retirou com alguns poucos que o quizeram seguir para a côrte, onde deu parte a el-rei do que lhe succedera. Os mais soldados e muitos cabos que no exercito ficaram, acclamaram por seu general a Bernardo del Carpio, pedindo-lhe se servisse d'elles como fez. E vendo-se com exercito tão luzido á sua ordem, e de que não devia dar conta a outrem, concebeu no animo deixar a guerra que fazia até aquelle tempo contra christãos, e voltando-a contra os mouros, conquistar algumas terras vizinhas. Foi o primeiro objecto de sua resolução a villa de Penharanda, celebre e que já foi cabeça de ducado, na Extremadura de Leão ; e por ser n'aquelle tempo praça fronteira, a presidiavam os mouros com seis mil soldados. Chegou Bernardo a formar o sitio, e lhe custou desoito dias tolerar a resistencia dos valentes mouros, favorecidos por um exercito de cinco mil cavallos e dezesseis mil infantes, com que o alcaide de Toledo corria o campo, pretendendo introduzir soccorro na praça. Muitos foram os choques entre o alcaide e Bernardo, sempre com vantagem da parte d'este ; até que um dia se empenharam tanto, que foi preciso envolver todo o exercito, declarando-se batalha decisiva o que principiára choque. Bernardo por

não perder a posse de vencedor, trabalhou em a sustentar com a victoria, que se declarou por elle com a fugida do alcaide de Toledo e outros que tiveram a fortuna de o seguir, deixando o campo e n'elle mais de doze mil mortos. Foi premio d'esta victoria, além do despojo e trem do vencido exercito, o rendimento da praça de Penharanda, que sem esperar mais persuasões se entregou ao vencedor.

Deixando Bernardo bom presidio em Penharanda, passou a guerra até Avila, cidade antiquissima da Hespanha que se achava com um sufficiente presidio de mouros; mas tanto que Bernardo assentou o arraial, logo o alcaide sahiu a entregar-lhe as chaves da cidade, da qual Bernardo tomou posse, deixando sahir os mouros sem damno. Presidiada Avila, passou á cidade de Sepulveda, que na mesma fórma se rendeu, capitulando a segurança do presidio até os portos de Guadarrama. Determinava Bernardo partir para Segovia, importantissima praça dos mouros; mas estes nem o quizeram ver armados contra sua cidade, mandando-lhe logo seu alcaide as chaves d'ella; e quando chegou com o seu exercito para tomar posse da praça, a achou em uma total solidão, desamparada do presidio e habitadores. Seguiram o exemplo d'estas praças, outras de menor condição, como eram Cuelhar, Pedraça, Nieva, Olmedo e Arevalo. A causa porque estas praças se renderam, sem esperar serem acommettidas, foi, além da fama do valor de Bernardo, estarem com presidios compostos de tropas milicianas (que é o mesmo que os de auxiliares no nosso reino) em razão de ter tirado o alcaide de Toledo os presidios para soccorrer Penharanda; e como perdeu a batalha, não pararam os soldados vencidos até passarem os portos de Guadarrama para o reino de Toledo: tanto lhes doiam

as feridas que as espadas christãs lhes fizeram, e a tanto os obrigou o pavor concebido do nome de Bernardo del Carpio.

Capitulo XL

Como Bernardo seguiu a guerra contra os mouros e conquistou a cidade de Rodrigo, e no assalto esteve quasi morto.

Guarnecidas aquellas praças, deu Bernardo volta ao castello del Carpio, deixando por capitão general do paiz conquistado, com residencia em Segovia, a um valente cavalleiro chamado D. Ordonho Ossorio, seu parente, e depois de estar descançado dois mezes com os soldados, sahiu d'aquelle castello, deixando n'elle por governador e fronteiro a Suer Tello, senhor de Menezes em Asturias, cavalleiro nobilissimo por nascimento e valente por armas. Constava o exercito de Bernardo de seis mil cavallos e dez mil infantes; e podera ser maior em numero, se quizesse alistar os soldados que se lhe offereciam : mas como o valor consiste no vencimento e não na multidão, mandou para os presidios aquelles novos e bisonhos soldados para se irem disciplinando na milicia com o exercicio d'ella. Foi primeira empresa d'esta campanha a cidade de Rodrigo, que se conservava com uma guarnição de dez mil mouros, como praça fronteira do rei de Badajoz; assentou Bernardo o arraial junto á cidade, e a principiou a bater com os arietes ou vaivens e outras machinas que n'aquelles tempos se usavam; chegou a fazer arrumar as escadas aos muros : e sendo dos primeiros que subiram (que seu orgulho e valor não lhe dava logar a contentar-se com a disposição), teve o

infortunio de que uma grande pedra arrojada do muro lhe desse com tanta violencia na cabeça, que abatido o capacete ficou bastantemente ferido e quasi sem sentidos cahido da escada abaixo. Accrescentando-se-lhe o desaccordo com a quéda, poderia ser este incidente causa de se perder a empresa, se D. Alonso Nunes, senhor da torre de Gusman, valente cavalleiro e nobilissimo fidalgo, não gritasse a altas vozes : — Victoria, victoria, que é ganha a praça. Infundiram os eccos d'estas palavras contrarios effeitos nos mouros e christãos : se n'estes animo para montar o muro, n'aquelles desmaio para largarem a defesa; e quando Bernado accordou do paroxismo, viu que os seus iam de vencida; e pezaroso de não ser elle o primeiro instrumento da victoria, mal convalescido se levantou e foi ao logar do conflicto animar os soldados e com effeito montou tambem com a espada na mão o muro. Entrada a praça, foi sua guarnição e habitantes passados á espada, sem excepção do sexo e pessoa, para castigo do primeiro contratempo de Bernardo e terror dos mais que se atrevessem a resistir. Perdeu Bernardo de seus soldados no assalto da praça, seiscentos e quatorze, e estes dos mais arriscados, ficando feridos muitos mais em numero; o que o incitou de tal fórma á vingança, que passou furiosa contra o insensivel, mandando queimar as casas e arrazar os muros, e julgou engano sustentar a guerra com as conquistas de praças, que lhe gastavam gente nos assaltos e presidios, escolhendo por mais acertado continuar a guerra na campanha: mandou levar os doentes e feridos para Penharanda com a escolta de quinhentos cavallos: e elle com o resto do exercito se poz em marcha em direitura a Badajoz.

Capitulo XLI

Como Bernardo venceu um valente mouro, chamado Dubdú, alcaide de Placencia; e em segunda batalha ao mesmo e ao alcaide de Toledo.

No porto de Torna las Vaccas o esperava para disputar-lhe o passo um valente mouro chamado Dubdú, alcaide de Placencia, com seis mil cavallos e vinte mil infantes. Teve Bernardo por offensa o embaraço, e acommettendo o exercito mouro, ganhou a passagem disputada seis horas, com morte de mais de quinze mil mouros e fugida dos mais com seu general. Esteve Bernardo os tres dias do estylo sustentando o campo; e passados elles marchou em seguimento de Dubdú para lhe dar segunda derrota, antes que se juntasse com o alcaide de Toledo, vencido em Penharanda, que com cinco mil cavallos e vinte e cinco mil infantes vinha em seu soccorro.

Junto a Quacos se achavam já unidos os dois exercitos, em que hoje se acha o convento de S. Jeronymo de Yuste (celebre pelo recolhimento e morte do imperador Carlos V). Deu-se batalha entre os mouros e christãos; e como muitos feridos em Penharanda e Torna las Vaccas experimentassem serem ainda os golpes de Bernardo e seus valorosos soldados os mesmos que já tinham soffrido, se pozeram em desordenada fugida, dando exemplo aos mais: foi maior a derrota no alcance do que tinha sido no campo, ficando n'elle mortos mais de vinte mil mouros, entrando tambem os mortos no alcance, sendo dos primeiros o valente Dubdú, alcaide de Placencia, quando o alcaide de

Toledo logrou segunda vez a fortuna de salvar a vida na retirada.

Posto em marcha Bernardo com seu exercito, passou o Tejo em Almaraz, tendo a gloria de ser elle o primeiro capitão christão que depois da invasão dos mouros, succedida havia mais de cem annos, chegou armado das suas ribeiras : passou a Caceres (notavel povoação da Estremadura de Castella) e ahi achou Alcama, rei de Badajoz, o esperava com dez mil cavallos e quarenta mil infantes : não duvidou Bernardo acommetter intrepido tão grande chusma ; e seus soldados, seguindo o valor do capitão, pareceram aos mouros leões famintos, que das serras do Atlante desciam a despedaçal-os; tal matança fizeram nos pusillanimes mouros, que em quatro horas de combate se achava o campo coberto de corpos mortos, cujo numero se achou depois por resenha passar de trinta mil. Eram soldados bisonhos os mouros, mas ficáram d'esta vez bem disciplinados: e se Alama com a cavallaria não tomasse o caminho de Badajoz á redea solta, talvez se esquecesse da vida como fez do credito : mas não fazendo caso d'este, nem da victoria, e menos da fazenda, tudo deixou aos vencedores. Contentes de salvar as vidas, levaram porém seus fugitivos soldados bem que curar nas recebidas feridas : e se Bernardo tivesse exercito capaz de fazer um sitio, qual Badajoz requeria, certamente se faria senhor d'aquella capital e com ella de todo o reino: porque o medo de Alàma e seus capitães eram materia apta para se introduzir em maiores empresas. Festejou Bernardo quinze dias continuos no campo da victoria fortuna tão grande, mais estimada por ser o vencimento de um soberano ; e todo este tempo lhe foi preciso para curar os seus feridos e fazer enterrar todos os mortos.

Capitulo XLII

De uma grande batalha que venceu Bernardo ao soberbo imperador dos mouros Abderrahamen sobre o rio Guadiana.

Abderrahamen, imperador dos mouros, que ao principio fizera pouca conta das victorias de Bernardo del Carpio, julgando-as como de um foragido sem subsistencia, principiou a recear a destruição de seu imperio, vendo já tão entrado n'elle um inimigo tão valente e afortunado; e para vêr se acabava de uma vez com elle, mandou convocar suas tropas e com ellas sahiu de Cordova, sua côrte, recebendo pelo caminho as bandeiras que se lhe juntavam.

Tanta era a soberba d'este imperador mouro, que ao mesmo tempo que temia a fortuna e valor de Bernardo, quiz mostrar ao publico que de tal não fazia caso; e chegando ás margens do rio Guadiana, mandou formar o acampamento de seu exercito, em que contava vinte e cinco mil cavallos e infanteria sem numero; pois dizem que excedia o numero de duzentos mil homens, incrivel, mas possivel computo; e chamando á sua imperial tenda do campo os seus cabos maiores, lhes disse estas soberbas palavras: — O desejo de me divertir em uma caçada n'estes bosques e ao mesmo tempo em uma pesca n'este rio, me obrigou convocarvos para me assistirdes a esse divertimento, mandando seguir-me por esses poucos criados que me sirvam de monteiros e pescadores; dizendo-se porém que d'essa banda contraria do rio anda um salteador christão, foragido da côrte do chamado rei de Leão, que louco se atreveu a entrar com armas

em meus invenciveis dominios, dizem que para sustentar-se e á companhia de bandoleiros que comsigo traz, dos trabalhos de meus vassallos estremenhos: não me persuadi ao principio que houvesse quem a tal se atrevesse: mas agora que vejo sua tropa, que é aquella que vós estaes vendo, creio que ainda ha insensatos no mundo. Pela manhã determino dar principio á minha caçada e pescas geraes; vós fareis estar promptos todos esses monteiros para bater o matto, e tambem lançareis sobre o rio essa ponte de barcas que ahi está fabricada, servindo as mais que estão de vago, para se encherem de gente que passe de uma a outra ribeira: e porque será factivel que a loucura d'esse tolete christão se atreva a chegar-se a espantar-me a caça ou a pesca, já que outra coisa não póde fazer, vos dou licença para que amarrado de pés e mãos, o sepulteis nas aguas d'esse rio para refrescar o calor que na cabeça lhe fomenta tão aereos fumos: deixareis porem ir livres seus miseraveis companheiros, que não é bem que na presença de um imperador de Cordova se castigue gente tão vil.

No seguinte dia se principiou a lançar sobre o rio a ponte de barcas, e amanheceram as mais cheias de tropas, vogando para tomar pé em terra da parte opposta: n'ella se achava postado Bernardo del Carpio com quatro mil cavallos e oito mil infantes (que a tão pequeno numero tinham as passadas emprezas reduzido seu exercito) e para não dar logar a que o imperador passando o rio estendesse seu exercito n'aquella dilatada campina, pois assim suffocaria com a multidão o valor de seus soldados, se resolveu a disputar-lhe a passagem sobre o rio; apenas bordavam as barcas á contraria ribeira e saltavam os soldados em terra, achavam logo o recebimento nas lanças dos christãos. Animavam os cabos com ameaças e promet-

timentos a seus soldados, mas nem assim logravam a fortuna de se formar em modo de resistir Não pôde impedir Bernardo que a ponte levadiça se acabasse por mais que algumas vezes lhe cortasse as amarras e destruisse muitas das barcas afogando-se innumeravel cavallaria que temerariamente se arrojava a passar; e firmada bem a ponte, foi sustentada por um grande corpo de tropas regulares; mas nenhum progresso faziam; porque Bernardo com os melhores de seus soldados n'aquelle sitio fazia o esforço da contenda, obrigando a retroceder a seus desapiedados golpes os mais arriscados mouros com tanta mortandade, que se não fosse rapida a corrente d'aquelle grande rio, poderia já o imperador mouro fazer a passagem sobre larga ponte dos corpos mortos de seus soldados.

Continuavam os mandatos do soberano, ameaçando com uma espada núa os que recusavam passar a ponte; porém se a milhares a passavam seus soldados, a milhares multiplicavam as victorias do furor christão. Durou esta primeira disputa mais de oito horas, sem que fizessem os christãos outra coisa mais que matar mouros, em tal fórma, que já visivelmente se conhecia muita falta n'aquelle grande exercito, e os mouros cortados mais do medo que do ferro, principiaram a recusar a passagem, desobedecendo aos mandatos do mesmo imperador : impaciente este de ver abatida a sua grandeza, andava pelo campo como furioso; incitando os duvidosos á paleija, castigando em alguns a desobediencia com a morte que irado lhes dava. Pôde Bernardo seguir sobre a ponte os inimigos, ganhando-a palmo a palmo ; e posto que se aventurou a muito na passagem, o furor de sua valentia lhe facilitou a resolução que seus soldados acompanharam : crescia o numero de mouros que se oppunham, e no rio o dos corpos

mortos, até que Bernardo firmou pé em terra na margem meridional do rio, e formando um batalhão de infanteria, foi dando sobre os medrosos mouros, e deu logar a que a maior parte da cavallaria passasse tambem sem opposição, ficando o resto da outra banda impedindo o desembarque : acharam as espadas dos christãos cançados e desmaiados os pobres mouros, que já nem podiam levantar os braços, e fizeram n'elles tal destruição, que não punham já os pés em terra firme e sómente sobre os corpos mortos.

Chegou a noite, e com ella se poz fim á peleija; porque os mouros tanto que viram que seu monarcha não os via fugir, se pozeram em precipitada fuga á redea solta, e ainda os infantes largaram o campo, sendo necessario Abderrahmen retirar-se na mesma noite a todo o trote de cavallo, ribeiras do rio abaixo até Merida, passando o rio para a cidade que por forte e presidiada com mais de vinte mil escolhidos soldados, julgou seguro asylo de um vencido. Tal fim teve a sua divertida caçada; se vinha a correr as feras, foi d'ellas corrido; e se cuidou de pescar a Bernardo e seus soldados imaginando-os peixinhos de Santo Antonio, achou n'elles fortes barbos, que trincando-lhe a sedella o tiveram quasi pescado : elle é que foi caçado do medo de tanto valor, e para não se ver outra vez tão enredado, se foi pôr de molho muito a salvo, vendo que ia assado por arder em colera, cosido da paixão de se ver vencido e frito no desejo da vingança.

Sustentou Bernado toda a noite armado ambas as ribeiras de uma e outra banda do rio, sem poder descançar um instante; porque a incerteza do paiz e do caminho que tomaram os fugitivos, lhe fez passar a noite com cautela, até que a manhã lhe mostrou cheia de mortos infinitos aquella dilatada campina, e que os vivos se tinham retirado. Repassou

Bernardo logo a ponte que fez destruir, depois de aproveitado o precioso do saque; e recontando os soldados, achou que lhe faltavam dois mil e seiscentos que deixava mortos, alem dos muitos feridos, e todos tão cançados, que não poderiam fazer jornada, se não lhes valesse a multidão de cavallos de que poderam aproveitar-se todos os que a pé estavam. Não se deteve mais tempo nos dois campos, que o necessario para fazer queimar todos os despojos que não poderam levar, e partido do sitio em que colheram tantos triumphos, teve o atrevimento de sahir ao encontro do rei de Badajoz que vinha com exercito em soccorro do imperador, e a fortuna de Bernardo consistiu toda na resolução de acommetter o exercito imperial sobre o rio; porque se esperasse alguns dias, se acharia entre dois exercitos e sem a menor duvida se perderia.

Capitulo XLIII

Como Bernardo passou por estratagema o Tejo depois que fez treguas com dois soberanos mouros e venceu os alcaides de Coria e Toledo com morte d'este.

Marchou Bernardo com suas tropas todas, compostas de cavallaria, pelas ribeiras do Guadiana abaixo, fazendo tocar os instrumentos bellicos para solemnisar victoria tão grande, até chegar á vista de Merida onde Abderrahamen se detinha com Alcama, que junto á praça acampára: mas o imperador considerando, que seus soldados tinham ainda abertas as feridas alcançadas na batalha, e os animos cortados do medo que communicavam aos soldados de Alcama com as historias

que do successo da batalha lhes contavam, não quiz arriscar-se a segundo lance, em que punha de balança a reputação, e usando do refugio da negociação (unico remedio dos estados afflictos) mandou em seu nome e do rei Alcama dois enviados que assentassem tregoas com Bernardo, a quem regalou com um precioso presente. Reconheceu este muito bem, que aquella acção obrada por dois soberanos tão soberbos, era parto do medo que seus soldados tinham concebido ; mas achava-se com tão poucas tropas e essas tão estropeadas, que foi preciso acceitar a amizade que se lhe offerecia, tão honrosa para elle, quanto era ver-se temido de dois monarchas com quem se igualava no contrato, sem lograr o caracter de soberano: por estas razões despedindo com mostras de muito amor e cortezia os enviados, marchou com seu ligeiro exercito a buscar o Tejo.

Tinham os mouros desfeito algumas pontes que sobre este rio havia, e queimado as barcas que hoje chamam de Arbella, com o que se viu Bernardo impossibilitado para a passagem. O convenio das tregoas que os dois fraudulentos monarchas tinham feito, não durou em seus animos mais que emquanto tiveram à vista o exercito de Bernardo, por isso tinham mandado aos alcaides de Toledo e Coria, que juntando soldados nas suas comarcas, sahissem a esperar unidos os christãos, emquanto elles pela retaguarda os atacavam. Não se escondia a Bernardo esta infidelidade dos mouros; e para que estes não o achassem antes da passagem do Tejo, mandou fazer um universal pecoreamento ou saque de gados, que juntos serviram suas carnes de alimento aos soldados, e seus couros cheios de palha com o pello para dentro, serviram de levadiças pontes sobre as aguas, atando-os com cordas a modo de jangadas, sobre que passaram os soldados com os cavallos

nadando pelas redeas. Deteve-se Bernardo n'este transporte oito dias: e vendo-se seguro já da outra banda, marchou a largas jornadas até á conhecida passagem de Torna las Vaccas.

Os dois alcaides de Coria e Toledo o esperavam n'aquelle passo com quinze mil cavallos e trinta e dois mil infantes; mas Bernardo que ia resoluto a ganhar o posto a todo o risco, foi o primeiro no acommetter; e fez taes bravezas e seus fortes soldados, que sustentaram a posse de vencer segunda batalha n'aquelle mesmo campo, onde já tinham vencido primeira; sendo a mesma campanha theatro em que se representou segunda jornada da victoriosa comedia: ficou no campo morto o alcaide de Toledo, que algumas vezes tinha salvado a vida com a fuga; o de Coria teve a fortuna de escapar-se com ella da morte, a quem deixou entregues mais de vinte mil mouros de todo o exercito; e com elles toda a bagagem de que se carregaram tres mil cavallos tomados na batalha, que os soldados christãos levaram á redea.

Capitulo XLIV

Como Bernardo livrou o castello del Carpio do cerco que lhe tinham posto os reis de Leão, e venceu a estes em batalha, e pazes que fizeram, e engano que se lhe fez com seu pae defunto.

N'esta fórma chegou Bernardo a Penharanda, onde teve noticia que el-rei Ramiro de Leão e seu irmão D. Garcia, que egualmente reinava com elle, tinham com exercito posto sitio ao castello del Carpio, defendido pelo valoroso Suer Tello

mais de um anno; não podia socegar o animo de Bernardo, e formando em Penharanda um exercito de oito mil cavallos e quatro mil infantes, marchou para el Carpio, aonde chegando logo provocou a batalha aos dois reis seus primos: não poderam estes escusal-a, e depois de duas horas de conflicto, se declarou a victoria por Bernardo, retirando-se os reis com seu exercito para Salamanca. Não quiz Bernardo seguir o alcance para não derramar sangue christão de parentes e amigos; e mandando tocar a recolher ao tempo que os reis se retiraram, mandou tambem segurar o campo com piquetes e guardas avançadas, e passou ao castello del Carpio, onde deu a Suer Tello as graças por tão vigorosa defesa, assegurando-lhe invejava mais a gloria d'ella, que de quantas victorias alcançára na Extremadura; abraçaram-se os capitães e soldados com reciprocos carinhos, e Bernardo repartiu com mão larga pelos defensores, das riquezas que nos saques dos mouros gozára.

Ainda que Bernardo como vencedor devia esperar o rogassem os reis vencidos para a composição, não pôde conter-se o affecto que como a parentes tão chegados lhes devia, para que não cortasse pelo seu pundonor; e assim juntando todas as bagagens que no campo tinha perdido, lh'as remetteu com todos os prisioneiros, e uma embaixada em que lhes dizia: — Que não obstante o não ser já seu vassallo, e poder fazer-se soberano das largas terras que suas armas tinham conquistado, e poderiam conquistar aos mouros, não era sua ambição tão grande como imaginavam (ou por melhor dizer maliciavam) os cortezãos que a elles reis aconselhavam: que elle Bernardo se compadecia de que pela ridicula teima de não entregar um homem a quem sustentava uma dura prisão, mais havia de trinta annos, sem mais crime que

umas sonhadas culpas de fino amante, quizessem elles reis ver vertido tanto sangue christão e perder tantas vidas, que deviam reservar-se para dar morte aos mouros, communs inimigos: que elle Bernardo entregaria quantas cidades e villas dominava, em troco da unica pessoa do conde de Saldanha, seu pae; que lhe parecia ser a offerta digna de acceitar-se; sendo que elle, se fosse senhor do mundo todo,teria em pouco entregal-o por alcançar a liberdade de quem lhe dera o ser; pois maiores lhe pareciam as obrigações de filho.

Recebido pelos reis esta embaixada, commovidos á lastima do sentimento que imaginaram em seu primo Bernardo, e reconhecendo perversidade a teima a que os cortezãos mal affectos os induziam, investigaram com toda a exacção saber onde se occultava preso o conde de Saldanha (com tanta cautella e segredo o tinha sepultado em vida a raiva de Affonso Casto, que nem aos reis seus sobrinhos o deixou manifestado) e acharam que elle estava preso no horrivel e escuro castello de Luna mas que era fallecido alguns annos havia, e se conservava seu corpo embalsamado com todas as apparencias de vivo. Passaram logo os reis um decreto para que o alcaide do castello de Luna entregasse a pessoa do conde defunto, assim cadaver como estava, a quem aquelle papel désse: e mandando o conde de Pramia para o conduzir, mandaram tambem convidar a Bernardo para que fosse a Salamanca seguro da sua pretenção: recebida por elle a embaixada ou recado dos reis seus primos, partiu gostoso para aqnella cidade, aonde entrou acompanhado dos mesmos reis e de sua côrte, que a uma legoa fóra da cidade o esperavam: foi recebido com a distincção de pessoa e honras devidas a um soberano, e pelos reis com muitas mostras d'affecto, assegurando-lhe terem mandado buscar o preso conde seu pae para lh'o entrega-

rem; e emquanto não chegavam o detiveram com solemnes festas.

Compridos e prolongados se faziam a Bernardo os dias que esperou ver a seu pae solto: mas como o tempo não pára, lhe trouxe o que tanto desejava. Tinham os reis mandado trazer o cadaver do defunto conde sobre um bem ajaezado cavallo, segurado na sella pelos lados com uns paus em forma que parecesse vivo: e sahindo ambos com toda a sua côrte e Bernardo a esperar o conde uma legoa fóra de Salamanca, Bernardo ancioso de juntar os braços com os d'aquelle a quem devia o sêr, saltou do cavallo em que ia montado, e correndo para o que trazia o conde, foi a pegar-lhe na mão direita para beijar-lh'a; mas conhecendo defunto, quem tanto suspirava ver vivo, não pôde todo o seu valor escusar-lhe o render-se a um accidente que o prostrou em terra. Foi levado para a cidade meio morto, e tornando em si á força de muitos remedios que lhe fizeram, fez taes extremos de sentimento, que são mais para considerandos que para escriptos; que não póde com pena, a penna escrever o lastimoso de suas ancias, o triste de suas queixas e o copioso de suas lagrimas, sem que as acompanhe com algumas, que cahindo sobre o papel, impedem se escrevam por extenso: e como é preciso passar adiante com a historia, deixemos á ponderação do leitor o lamentavel d'este successo.

Capitulo XLV

Da partida que Bernardo fez para França, e victorias que alcançou contra os inimigos d'aquella monarchia.

Fizeram-se notaveis suffragios e exequias sumptuosas no funeral do conde, a que os reis e toda a côrte assistiram vestidos de verga, que era o rigoroso luto d'aquelles tempos. Bernardo que sentia sem medida o tyranno fim de seu pae e o modo com que se lhe entregou, já sem remedio a tanto damno, se despediu dos reis e parentes com animo de viver eternamente desterrado da patria; e acompanhado de duzentos cavalleiros de sua casa, bem armados, se passou a França pelo fatal transito de Roncesvalhes, onde a memoria das victorias passadas lhe dobrou o sentimento presente; e fez que se accrescentassem com a agua dos seus olhos as correntes dos crystalinos regatos que do alto da serra se despenham. Passados a Gascunha, Guiena e Beocia, dilatadas provincias de França, chegou a Blez, onde a côrte imperial se achava. Era fallecido muitos annos havia o imperador Carlos Magno, na idade de Gritti, nas fronteiras do ducado de Brabante, e lhe succedera nos grandes dominios de Allemanha, França e Italia, seu filho Luiz, que no numero dos imperadores romanos foi o primeiro do nome com o cognomento de Pio. Tinha este, ao tempo que Bernardo del Carpio chegou á sua côrte, guerra com os reis de Dania e Inglaterra, e por esta causa estimou infinitamente a chegada de Bernardo, a quem logo deu o bastão de general e entregou o exercito que tinha levantado. Era tão grande a fama das victorias de Bernardo e de seu valor e

destreza, que os principes e grandes da côrte do imperador com o desejo de alcançar fama, militando debaixo do bastão de general tão famoso, se offereciam á guerra, e muitos chegaram a assentar praça de simples soldados. Sómente os dois reis alliados foram inimigos da gloria de Bernardo; porque tendo noticia que elle ia por general de exercito tão luzido, evitaram a campanha mandando propôr pazes ao imperador, sujeitando-se ás condições que elle lhe quiz pôr : e acabou sómente a fama de Bernardo uma guerra que muitos annos havia fatigava o imperio.

Não seguiram os bretões (povos da Bretanha baixa no reino de França) o exemplo d'aquelles prudentes reis; porque escandalisados das exacções com que alguns ministros do imperador se tinham havido na cobrança dos tributos, se levantaram tomando as armas contra seu soberano, capitaneados por alguns capitães mal contentes. Não se tinha totalmente desfeito o exercito imperial, e com elle foi Bernardo mandado pelo imperador castigar aquella rebellião. Chegou este a Bretanha e com alguns choques e batalhas pequenas foi reduzindo a provincia á obediencia de seu natural senhor. Havia no meio da provincia um penhasco que a natureza levantára no meio de uma estendida campina, e a arte polira para asylo dos naturaes ; achou Bernardo que os bretões em numero de dez mil escolhidos soldados sustentavam aquella fortaleza, d'onde, ao seu parecer inconquistaveis, affrontaram de palavras injuriosas a Bernardo e seus capitães, sem reservar ainda o sagrado da pessoa do imperador. (Sempre as dos soberanos se devem como taes respeitar, para não serem, nem ainda com a voz tocadas, mais que para as supplicas e applausos). Esta insolencia dos bretões accendeu mais o animo de Bernardo para o desejo da vingança ; mas

era impraticavel a conquista pela altura e desguaçado do penhasco: não faltava aos defensores o necessario para sustentar a vida, pois se tinham provido de viveres e tudo o mais que de commodidade lhes poderia servir para tempo de tres annos: tendo na planicie d'aquella altura muitas nativas fontes que lhe davam agua em tanta abundancia, que servia a desperdiçada do regato a todo o exercito de Bernardo.

Uma pedra semelhante a este deteve mais de sete mezes a carreira das victorias do primeiro heroe da fama, Alexandre Magno, até, que venceu a paciencia a mesma natureza. Não se julgava Bernardo inferior ao mesmo Alexandre, e por isso computando esta empresa com aquella, teimou no rendimento da pedra, não pelo preço de oitenta talentos e com o engano, como Alexandre; mas com o valor e astucia militar, como Bernardo. Mandou á força de ferro fazer na viva penha, pela parte onde achou mais commoda a subida, muitos furos em que fazia encarnar com chumbo fortes argolas de ferro, alcançando de umas a outras grossas calabres; e para cobrir os trabalhadores, fez sustentar muitas mantas de acommetter, em que davam as pedras dos sitiados sem consideravel damno; porque elle com expeditos tiradores de funda incommodava os que por aquella parte impediam do alto a obra com o arrojo das pedras. Custou mais de quaranta dias esta fabrica em que se esgostou a paciencia e soffrimento; até que travadas umas grossas vigas com taboas e cordas, foram fazendo altissimo terrapleno para o acommettimento. Era preciso para se haver de subir levarem os acommettedores cada um seu feixe de matto para impedir os arrojadiços instrumentos que os sitiados atiravam; e com a mesma mão com que sustentavam o feixe, se deviam segurar nas cordas para poderem com a outra brandir

a espada. Foi Bernardo o primeiro que acommetteu a montar a machina, a quem logo seguiram os hespanhoes e outros valerosos capitães, e escolhidos soldados francezes em numero de quatro mil : não cessavam os sitiados de arrojar pedras, e menos cessavam de despenhar-se os que subiam; damno que seria irreparavel, se a previdencia de Bernardo não tivera premeditado o remedio, mandando que nas estadas e no plano estivessem muitos soldados cobertos com mantas pequenas de acommetter, recebendo os cahidos em cobertores, sustentando cada um d'elles quatro soldados, em fórma que se escapavam de ser recebidos em uns, o eram em outros mais abaixo; e logo entregavam o seu feixe a outros que subiam, se elle lhes não tinham primeiro cahido. Titubiavam ás vezes com toda esta precaução os animos dos que subiam, julgando temeridade sem exemplo a empresa, e a deixariam por impraticavel, se Bernardo não os alentasse com as vozes e com o exemplo, e dois valentes generaes (Wolfongo, duque de Argentina, e Berengario, conde de Flandres) não os obrigassem na retaguarda, ameaçando tirar as vidas aos que mudassem pé atraz. Durou a subida tres horas, no fim das quaes se achou Bernardo já peito a peito com os bretões; e largando logo o feixe, embraçou o escudo que nas costas levava pendurado (acção que executaram os soldados que tinham montado as obras) e deu com furia tanta sobre os bretões no alto da penha, que dentro de uma hora ficaram todos passados a ferro já frio, tirando-lhes as vidas, primeiro que as espadas, o pavor e a admiração de tão impraticavel subida. Para memoria d'esta acção, para imitar-se incapaz, e sempre para admiração prompta, fundou Bernardo uma villa no alto da pedra que até o dia de hoje conserva a memoria de seu fundador, chamando-se *Roca Bernarda*.

Capitulo XLVI

Como Bernardo del Carpio restaurou Italia tyrannisada de outro Bernardo, sobrinho de Carlos Magno.

Acabada a guerra de Bretanha com tanta gloria de Bernardo e seus capitães, e muita satisfação do imperador Luiz Pio, foi Bernardo precisado passar a Italia com exercito. Tinha Carlos Magno um irmão, chamado Carlomano, e d'este nasceu um filho por nome Pipino (que alguns dizem ser filho de Carlos Magno, equivocando-se nos nomes de Carlomano, e Carlos Magno), de Pipino era filho outro principe, chamado Bernardo, Pipino tinha, governado em vida do imperador Carlos Magno, seu tio, o reino de Lombardia, com o titulo de rei de Italia, em feudo do imperio, e no titulo e governo feudatario lhe tinha succedido seu filho Bernardo. Este, não se contentando com o que pacifico possuia, fiado no numero de suas tropas, na riqueza de seus thesouros e no impenetravel dos grandes montes Alpes que dividem Italia de França, se rebellou negando o feudo ao imperador: arrogando-se o titulo de imperador de Italia, se constituiu absoluto,

A castigar a soberba d'aquelle italiano Bernardo partiu o hespanhol, que nomeamos del Carpio, e chegando aos Alpes achou o exercito italiano, que se lhe oppoz á passagem: governava aquelle italiano exercito um experimentado capitão da familia dos condes de Angleria, a quem os Visenotis, duques de Milão, deveram ao depois a descendencia. E' a passagem d'aquelles montes impraticavel, se se defende por opposição sufficiente, como suc-

cedeu ao grande Annibal carthaginez, flagello de Roma; e no tempo presente tem succedido ao serenissimo infante de Hespanha, D. Filippe de Borbon Fernesi: porém Bernardo del Carpio, por se desenvolver d'aquella primeira opposição, julgando que no principio das campanhas se adquire com a fama o vencimento, acommetteu intrepido a passagem com a espada na mão, e a logrou com fortuna, que não podia esta faltar a quem já nos Pyreneos e na referida pedra de Bretanha tinha assistido como obrigada. Perdeu o general italiano uma disputada batalha sobre aquelles penhascos dos Alpes, onde com a victoria deixou todo o trem, bagagens e mais de seis mil mortos.

Passou Bernardo del Carpio até á cidade de Navarra, em cujo territorio o esperava o rei rebelde com um exercito muito superior ao seu, e affrontando-se de parte a parte, se deu entre ambos uma porfiada batalha que durou mais de seis hora, até que para se mostrar ao mundo quanto ia de Bernardo a Bernardo, foi preciso ao coroado rei ceder o campo e victoria nas mãos do hespanhol, como divida que por parte da fortuna se pagava a seu valor. Morreram no conflicto mais de quinze mil italianos, e entre elles os mais arriscados no valor. Não se deteve Bernardo del Carpio no campo da batalha os dias que chamavam n'aquelles tempos do pundonor; por que lhe foi preciso seguir o vencido rei para lhe dar logar a refazer-se, e por isso lhe foi no alcance sobre a retirada até á mesma cidade de Milão, sua côrte. Poz sitio á cidade, e por mais que se esforçou a combater seus muros, como fossem estes mui fortes, e a guarnição excedesse o numero dos soldados do exercito e a multidão dos moradores (que sobre as muralhas são soldados mais valorosos que os veteranos) fosse quasi sem numero, foi preciso a Bernardo del Carpio deter-se no porfiado cerco quatorze mezes,

tempo em que não estiveram quietas as armas, sustentando innumeraveis choques dos exercitos volantes, que pretendiam fazer levantar o assedio assaltando profiadamente por muitas vezes á praça e rechaçando por outras, muitas furiosas sahidas dos sitiados. Foi por fim entrada a cidade a escala vista, e sua guarnição passada á espada, castigo que evitaram os moradores d'ella por implorarem a clemancia do imperador; o rei Bernardo foi preso, com o qual Bernardo del Carpio, socegadas as cousas de Italia e posta esta região na obediencia do imperador, repassou os Alpes, e a compassadas jornadas chegou á cidade de Metz em Lorena, pouco depois foi o rebelde rei degolado.

Capitulo XLVII

Como os filhos do imperador Luiz Pio depozeram do throno ao dito seu pae, e foi restituido por Bernardo del Carpio.

No tempo que Bernardo del Carpio se achava ausente, se levantaram contra o imperador Luiz Pio seus filhos Lothario e Luiz, sendo causa de sua sublevação favorecer seu pae ao filho terceiro chamado Carlos, que em segundas nupcias houvera: e como ao imperador faltava o apoio de Bernardo, foi facil aos dois principes o apoderar-se das forças do imperio, e prendendo ao imperador seu pae em um mosteiro, se fizeram acclamar soberanos, cabendo na repartição, entre ambos feita, a Lothario a França e Italia, com o titulo de imperador, e a Luiz Allemanha, com o de rei. N'este abatimento achou Bernardo del Carpio ao imperador Luiz Pio, privado do throno e da liberdade por seus filhos: e como seu animo foi sempre favore-

cer a parte menos poderosa, e se considerasse obrigado a defender o imperador deposto, cujo era o exercito que governava; por mais que pelos rebeldes principes foi procurado com offertas, se resolveu a restituir o deposto imperador ao throno como fez, tirando-o do mosteiro em que fôra recluso.

Resultou d'esta acção de Bernardo uma civil guerra, em que houve, varios lances da fortuna sempre favoraveis ás armas do imperador; mas que muito se eram governadas por Bernardo del Carpio! A composição, que por meio do mesmo Bernardo se celebrou entre o imperador e seus filhos, poz fim á guerra e com ella a tantas penurias, roubos e destruições, quantas trazem por consequencia umas civis discordias, restabelecendo-se uma paz solida, ficando Lothario conservando o titulo de imperador que usurpára e com o governo do reino Arelatense, que eram os estados de Provença, Delphinado e Borgonha, e tambem com os estados de Italia: e Luiz com Allemanha alta com titulo de rei: e o terceiro filho Carlos com o titulo de rei de Aquitania, que são os estados de Guiena e Gascunha, e com espectativa de succeder nos mais de França e baixa Allemanha a seu pae, que em sua vida reservou estes estados para dominar com titulo de imperador. Sómente Bernardo ficou privado de occasiões em que mostrasse seu valor e destreza das armas; se bem que logrou a vangloria de ser quem repartira os dominios do imperio romano: mas que muito o fosse quem soube defendel-o e conserval-o. Dois annos logrou Luiz Pio os fructos d'esta paz, e porque no fim d'elles falleceu, deixou recommendados a Bernardo del Carpio os estados e pessoa de Carlos seu filho para que governando-os, os defendesse de algumas insidias de seus irmãos; mas a inveja das gloriosas acções d'este heroe incitou os animos

dos principes e grandes da côrte do rei Carlos com mil suggestões contra a lealdade de Bernardo e principiou o mal aconselhado rei a fazer menos estimação que a merecida de sua pessoa: chegando porém a noticia d'estas cousas á côrte do impedor Lothario, convidou este com fortes instancias ao nosso Bernardo para lograr nos seus estados as attenções que n'aquelles de seu irmão se lhe escaceavam. Por estes offerecimentos deixou Bernardo a côrte de Paris e foi viver para a de Arles, onde foi do imperador Lothario bem recebido e conforme merecia estimado. Era já a este tempo casado Bernardo com uma senhora da casa dos antigos principes de Venaissin, chamada madama Galinda, de quem tinha um filho por nome Galin Galindos: e como o principe seguia a côrte do imperador Lothario, por ficarem seus estados nos limites de sua repartição, acceitou Bernardo prompto as offertas do imperador, e d'ellas gozou dois annos gostoso com socego na sua côrte.

Capitulo XLVIII

Como Bernardo, depois que deixou a côrte de Paris, e foi para a de Arles, venceu em tres batalhas campaes Abderrahamen, imperador dos mouros, e conquistou Catalunha e partiu para Hespanha.

Mas como seu animo guerreiro aspirasse sempre a marciaes empresas, por ter sido creado nas campanhas sem o politico das côrtes em que sómente reina a lisonja e astucia, alcançou do imperador um exercito de dez mil cavallos e doze mil infantes, e com elle partiu de Arles a fazer

guerra aos mouros. Tinham estes passados os Pyreneos e levado suas victoriosas bandeiras quasi á vista de Arles, fazendo na provincia de Languedocia insolentes destruições de cidades e incendios de mosteiros, e profanaram quantas igrejas havia, fazendo-as cavallariças de seus cavallos, padecendo a religião catholica n'esta tyranica invasão muito detrimento : se bem que o céo ganhou immensidade de almas, cujos corpos padeceram na terra inauditos martyrios. Soberbo com estas, ao seu parecer, victorias, marchava o grande Abderrahamen, imperador de Cordova (de quem já acima fizemos menção), a conquistar toda a monarchia franceza, conforme tinha conceituado em sua idéa ; quando se encontrou com Bernardo del Carpio, a tempo que passava um rio no territorio da cidade de Pezenas. Podia lembrar-lhe ao soberbo mouro quanto lhe eram fataes as passagens dos rios á vista de Bernardo : mas esquecido dos golpes recebidos sobre Guadiana, e lembrado sómente de sua arrogancia, mandou acommetter o exercito christão, que o rio separava do seu. Cuidou muito Bernardo em que seus soldados parecessem a Abderrahamen semelhantes aos castelhanos; e valendo-se do valor e boa direcção, soube tão bem desembaraçar as mãos, e á sua imitação seus soldados, que dentro de cinco horas se fez senhor da victoria que os mouros no tempo d'ellas lhe tinham disputado. Retirou-se colerico e cheio de paixão Abderrahamen, deixando sobre o rio e campo mais de vinte mil mouros mortos.

Não quiz Bernardo deter-se ; e deixando a riqueza das bagagens pelos mouros perdidas, para os moradores d'aquelle territorio compensarem os estragos (com obrigação porém de darem sepultura aos mortos) foi em seguimento do vencido monarcha, a quem encontrou reforçado junto a

outro rio que corre na comarca da cidade de Baziers. Resolveu-se Abderrahamen a dar batalha a Bernardo com o intento de que vencendo, tornava a recuperar o perdido : e se vencido fosse tinha logar de repassar a seu salvo o rio, porém a furia com que Bernardo arremetteu contra elle com seus valorosos christãos, intimidou de tal fórma os mouros, já medrosos da passada derrota, que depois de duas horas de resistencia principiaram a repassar precipitadamente o rio com tanta furia, que uns a outros se matavam sobre qual primeiro passaria; e por mais que as vozes dos seus soberanos os chamavam a sustentar o brio; cuidavam elles sómente na conservação das vidas; sendo que miseravelmente as perdiam, ou afogados nas correntes das aguas, ou cortados do ferro christão. Fugiu totalmente o exercito, e com elle por necessidade seu general, deixando para satisfação das commettidas insolencias mais de vinte e dois mil mortos.

Foi preciso a Bernardo deter-se para curar os feridos de uma e outra batalha, e esperar alguns soccorros que o imperador Lothario lhe mandou. Constaram estes de seis mil infantes de tropas regulares, os quaes Bernardo lhe agradeceu com muitas bandeiras das que os mouros tinham largado, que penduradas nos templos de Arles serviram de testemunhas das victorias e de padrões levantados á fama de Bernardo. Marchou este com o seu victorioso exercito em seguimento dos fugitivos, sem que achasse alguma noticia d'elles até os Pyreneos, onde no sitio em que ao presente tempo se acha fundada a praça de Belleguarde, se achava formado o exercito mouro, reforçado com tropas de refresco levantadas no principado de Catalunha. Deu-se batalha com todo o valor de ambas as partes disputada; mas como Bernardo estivesse na posse de vencer, e os mouros fossem

uns cortados já do ferro e medo, outros tumultuariamente levantados e com pouca disciplina militar conduzidos á peleija, se declarou a victoria, cedendo ao valor a multidão, e se viu precisado Abderrahamen a retirar-se ficando aquella serra cheia de mortos, que excederam o numero de trinta mil, e bem vingados os christãos das destruições passadas.

Seguiu Bernardo ao vencido monarcha; mas este vendo-se destituido de tropas, pois os soccorros de que se valera eram tirados dos presidios das praças de Catalunha, caminhou a largas jornadas por metter terra entre meio, e não se julgou seguro até Cordova, sua côrte. Entrou Bernardo em Catalunha, que já tinha sido theatro de suas victorias, quando na volta do oriente em singular batalha contendera com Orlando : e em todo o territorio d'aquelle grande principado não achou occasião de empregar seu valor, porque as praças se lhe rendiam á porfia, julgando-se por afortunados aquelles que primeiro lhe entregavam as chaves de sua cidade; e não achando já quem até á foz do rio Ebro lhe resistisse, intentava passar a guerra no reino de Valencia, quando lhe chegou a noticia de que o imperador Lothario, renunciando as phantasticas grandezas do mundo, se recolhera a uma religião deixando os estados e corôa imperial a seu irmão Carlos, que no catalogo dos imperadores romanos se denomina com o cognomento de Calvo. Partiu Bernardo a largas jornadas para Arles, onde compostas as coisas de sua casa em companhia de seu filho Galin Galindos, por ser já morta madama Galinda, sua mulher, partiu para Hespanha, e com alguns mezes de jornada chegou á cidade de Oviedo, sua patria, contando de sua idade cincoenta annos, dos quaes tinha gasto trinta e seis em uma perpetua campanha.

Capitulo XLIX

Como por morte de Abderrahamen, imperador dos mouros, lhe succedeu seu filho Mahoma, que mandou dois grandes exercitos contra o reino de Leão; crueldades que os mouros fizeram e foram vencidos por Bernardo.

Reinava n'aquelle tempo nos reinos de Leão e Castella Velha, Affonso III (que pela grandeza de suas acções e animo foi chamado Magno) e ainda que de idade de quinze annos sómente, era muito inclinado á guerra (inclinação que acompanha os principes até á idade de trinta e cinco annos, excepto algum que vencendo com singular prudencia e superior politica este geral incommodo dos seus estados, sustenta a seus vassallos em perpetua paz, por mais que a compre a preço da commum murmuração dos sediciosos, e laborioso estudo de precauções com que se occupa dos belligerantes vizinhos para que seus vassallos, posto que sem conhecerem o bom fructo d'ella, a logrem ditosos com fortuna inestimavel). Levado o mesmo rei Affonso de seu impulso guerreiro, estimou como devia a vinda de seu tio Bernardo del Carpio, a quem por fama venerava, e o recebeu com todo o carinho mandando-lhe restituir seus paternaes estados de Saldanha para a sustentação de sua casa. Tempos ha como aquelles, em que os ministros de Marte são unico remedio e esteio dos reinos : e outros ha como o presente, em que sómente Mercurio revestido dos attributos de Minerva, são a total conservação d'elles : felizes os que logram esta não conhecida fortuna!

Abderrahamen, imperador de Cordova, consu-

mido com a pena de ter sido vencido por Bernardo, morreu n'aquella cidade, e com sua morte respiraram algum pouco tempo os christãos de Hespanha porém seu filho Mahoma, que lhe succedeu nos estados, tendo desejo de beber todo o sangue christão, preparou dois grandes exercitos de valentes mouros, cada um de seis mil cavallos e vinte e cinco mil infantes, que vinham a ser entre todos sessenta e dois mil homens, e os entregou a dois experimentados generaes, chamados um Alcama e outro Immundar. Entraram estes pela terra de christãos queimando logares, destruindo villas e arrazando ambos cidades; Alcama pelas comarcas de Salamanca e Medina del Campo, e Immundar pelas de Segovia, Valhadolid e Toro: e deixando aquelles territorios fumegando dos incendios e regados com sangue christão, se juntaram ambos sobre a cidade de Samora, que a poucos dias entraram; e foi tão grande a destruição e barbaridade dos mouros, que passaram á espada moços, velhos e meninos, não perdoando seu furor ás mais tenras donzellas, pois roubando-lhes suas honras, ainda pelas mesmas ruas fazendo gala de deshonestidade, logo no mesmo logar em que lhes serviam de ludibrio ao appetite ficavam victimas da sua crueldade, degolando cada um aquella que desflorava: ingrata gente que conhecendo serem as mulheres criadas para augmento do mundo e delicia dos homens, se esqueciam de que como taes merecem a estimação que sem preço se lhes tributa; mas não ha que espantar obrasse assim a insolencia, pois muitas vezes faz o mesmo o que principiou affecto. Não parou aqui a ira dos barbaros, pois chegou a executar-se no insensivel, não deixando pedra sobre pedra; ficou Samora feita um theatro de crueldade, e os mouros passaram, executando as mesmas barbaridades, incendios e roubos, pelos territorios de Benavente, As-

torga, Rio-Secco e Palentia, até se ajuntarem outra vez sobre a cidade de Leão, com intento de que seguisse a mesma fortuna que Samora.

Uma paz desarmada e total destruição dos imperios: tal era n'este tempo a confiança de D. Affonso Magno na tranquilidade e socego que muito havia tinha logrado nas fronteiras dos mouros, que quando quiz oppôr-se a tão repentina irrupção, se achava sem soldados promptos e disciplinados, para ao menos fazer cara aos inimigos tão poderosos. Bernardo del Carpio que em Saldanha se achava compondo e restabelecendo os negocios de sua antiga casa, á primeira noticia da invasão dos mouros, passou a Oviedo, onde alcançou ordem para levantar exercito, cuja massa se formava em Carrion, concorrendo áquella villa as bandeiras e pendões de Viscaia e Asturias, mas com tanta lentidão, que tiveram os mouros tempo de executar as hostilidades referidas. Achavam-se juntos já dois mil e quinhentos cavallos e quinze mil infantes, numero desegual a tanta multidão e incapaz de oppôr-se aos mouros soberbos com as victorias passadas, e já experimentados nos choques e assaltos, sendo os christãos quasi todos bisonhos.

Não achou Bernardo ser prudente sahir tumultuariamente ao encontro dos mouros, por não arriscar a que o valor se rendesse ao numero; por essa rasão se demorou algum tempo fazendo exercitar os soldados em representadas batalhas e accommettimentos de fortes, que á sua custa mandava pelos mesmos fabricar. Chegou el-rei D. Affonso Magno com sua côrte a Carrion acompanhado de quinhentos cavallos, a tempo que chegava a noticia de que, já unidos os dois exercitos dos mouros na villa de Mansinha, caminhavam a pôr sitio á cidade de Leão. Com este aviso abalou o exercito capitaneado por Bernardo del Carpio, ainda que el-rei se achava n'elle, e marchan-

do a compassadas marchas chegou a avistar-se com os mouros, que em fórma de batalha vieram até junto á villa de Ardon esperar os christãos: deu Bernardo as ordens necessarias para o acommettimento, e afrontando-se os exercitos de parte a parte, logo no modo e destreza dos soldados conheceram os generaes mouros a differença que havia no contender com exercito commandado por capitão experimentado, ou com elle bisonho, e talvez que lhes pesasse terem sido auctores da contenda : cuidaram porém em desembaraçar as mãos: mas como Bernardo e seu filho Galindos, el-rei e outros capitães a quem o valor acompanhava com as obrigações do sangue, tivessem as suas promptas á vingança, depois de oito horas de porfiado combate ficou a victoria pelos christãos deixando-os os capitães mouros como em testamento (ainda que não ultima vontade) herdeiros de todo o seu trem e bagagens, talvez que para se desonerarem em morte do muito que tinham roubado em vida; e por pagarem as muitas que tinham tirado, entregaram tambem ao ferro dos christãos as suas proprias e de seus capitães e soldados; porque sómente no campo se contaram mais de cincoenta mil mouros mortos, e o pequeno resto pereceu ás mãos dos moradores d'aquelles territorios; pequena vingança dos recebidos damnos.

Capitulo L

Como o rei de Leão em companhia de Bernardo sitiou e ganhou a cidade de Toledo, e Bernardo venceu o imperador mouro sobre o Tejo.

Picou-se o animo do rei Aflonso Magno com a invasão passada, e não se satisfazendo com a to-

tal derrota dos executores d'ella, quiz mostrar ao imperador mouro seu auctor, que tinha soldados capazes de invadir, e que não se satisfaziam sómente com defender; por essa causa marchou com o seu exercito accrescentado com os cavallos inimigos, em fórma que chegava ao numero de vinte e dois mil combatentes, doze mil dos quaes era cavallaria: e entrando pela terra dos mouros, foi pondo a ferro e fogo todas as suas povoações até á cidade de Toledo (famosa sempre e muito mais por ter sido cabeça do imperio gothico em Hespanha). Não achou o exercito muita resistencia, porque a fama de ser governado por Bernardo del Carpio o escusava das opposições (fatalidade que accompanhou este heroe na sua vida, roubando-lhe a fama de seu nome dobradas victorias das que alcançou o valor de seu braço). Poz Bernardo sitio á cidade de Toledo, cuja guarnição o sustentou mais de seis mezes com valor; porque constava de vinte mil infantes, e no campo doze mil cavallos de observação, que fatigavam muito o exercito christão, principalmente com acommettimentos furtivos e impedindo-lhe as forragens e cortando os comboios com bom successo, que lhes facilitava o militarem em paiz proprio, onde as emboscadas lhes sortiam todo o effeito premeditado.

O imperador dos mouros, Mahoma, irritado de que a primeira empresa contra os christãos lhe sahisse tão mal succedida; e que não contentes com a derrota de seus dois poderosos exercitos, passassem a invadir-lhe suas terras, e com atrevimento inaudito pozessem sitio á maior cidade que n'aquelles tempo tinha Hespanha: mandou ao primeiro aviso da entrada dos christãos em suas terras convocar por todo o seu imperio as bandeiras dos territorios, mandando aos reis seus vassallos lhe accudissem com as tropas que podessem;

e pedindo ao califa de Africa, successor dos grandes estados do Almirante Balão, um soccorro contra o inimigo que reputavam commum. Fazia-se a massa do exercito dos mouros em Hespanha entre as cidades de Calatrava e Ciudad Real (que n'aquelle tempo era uma pequena villa) e n'aquella dilatada campanha, ribeiras do rio Guadiana, acampavam as tropas em ricas barracas; passaram de Africa dez mil cavallos e vinte mil infantes, soldados veteranos experimentados nas guerras do oriente, que contra o imperador de Constantinopla, Theophilo, tinham na Asia menor; el-rei de Badajoz veiu em pessoa com seis mil cavallos e quarenta mil infantes; o de Lamego trouxe tres mil cavallos e seis mil infantes; o de Valencia chegou com dez mil cavallos e vinte e cinco mil infantes; o de Leiria com oito mil cavallos e doze mil infantes; e juntos todos e as tropas imperiaes que constavam de vinte mil cavallos e cento e vinte mil infantes, fizeram todos o numero de cincoenta e sete mil cavallos e duzentos e vinte e tres mil infantes. Com tão formidavel exercito, governado por valorosos capitães, passou Mahoma o Guadiana, para de uma vez (como elle determinava) acabar com o nome christão em Hespanha; e a jornadas vagarosas, quaes requeria machina tão grande, marchou para Toledo.

Tinham os christãos sustentado muitas sahidas dos sitiados e rebates do exercito volante, com o qual os mais dos dias vinham ás mãos; porque Bernado del Carpio deixando o governo do sitio a el-rei, se oppoz aos mouros partidarios com cinco mil cavallos e tres mil infantes; mas os mesmos mouros engrossados todos os dias com novas tropas, faziam reputar-se campaes batalhas os acommettimentos que se deviam contar por choques. D'estes venceu, disputados com valor de parte a

parte, Bernardo mais de duzentos e cincoenta, no tempo que o sitio durou, e foi aquella a maior de suas acções porque qual outra hydra Lernéa, que se fabulisa de cincoenta cabeças, e que cortada uma, dobradas se multiplicavam outras cincoenta, os vencidos mouros se achavam depois de vencidos com multiplicadas forças de dobradas tropas, perdendo no decurso que durou o sitio mais de cem mil homens nas pequenas batalhas que Bernardo lhe venceu; e se não tivessem a opposição d'este grande heroe, escusava o imperador Mahoma ter o trabalho de juntar exercito; porque sómente os que se armaram para fazer levantar o sitio de Toledo, eram capazes de destruir exercito dobrado.

Tanto que os sitiados tiveram noticia que o imperador em pessoa vinha em seu soccorro com exercito tão formidavel, resolveram uma sahida universal para ver se ganhando os ataques e forçando os christãos a levantar o sitio, ganhavam a victoria e escusavam a seu monarcha do empenho em que vinha mettido; e para esse effeito convidaram os do exercito volante com quem se communicavam, a que dessem no mesmo tempo sobre o arraial dos christãos, e assim colhidos entre dois combates fossem facilmente rotos e destruidos. Sahiram pois os mouros da cidade com boa ordem, e ao mesmo tempo atacaram os do campo a retaguarda tudo com egual valor e resolução; peleijou-se de parte a parte com intrepidez de animo, e depois de dez horas de contenda se retiraram os sitiados á cidade e os volantes á campanha, deixando de uns e outros mais de quinze mil mortos, e com elles novo trabalho aos christãos para lhes abrirem sepulturas por evitarem o contagio. Custou muito aos christãos esta gloriosa acção; porque el-rei foi ferido com quatro feridas que ao principio pareceram mortaes, sendo que depois se

conheceram sem perigo; Bernardo del Carpio foi atravessado pelo lado direito com uma lança quasi de parte a parte, e com uma setta ferido no rosto a tempo que o descobriu para respirar do trabalho da peleija; seu filho Galindos se achou com feridas penetrantes, e outros capitães de fama se acharam incapazes de contender tão cedo, por causa das muitas recebidas feridas, o que os obrigou a lançarem-se nas camas para as curarem.

Chegou o monarcha mouro com o seu exercito a vista dos christãos, acampando-se n'aquelles estendidos campos do Tejo a tempo que Bernardo e os mais cabos se achavam com as feridas abertas impossibilitados para a resistencia; mas por não dar logar a que os soldados se intimidassem com a multidão, saltou Bernardo del Carpio da cama em que as feridas o detinham, e montando a cavallo mal convalescido, principiou a correr as linhas para formar o exercito. Obedeceram todos promptos ás vozes do seu general, e com grandes gritos pediram que os levasse á contenda: aproveitou-se Bernardo d'este ardor militar, e fazendo esforço do que era necessidade, com inaudita resolução, ainda sem dar parte a el-rei, investiu o grande exercito dos mouros que se andava formando em batalha. Gritaram os generaes mouros ao seu modo, e com grandes alaridos avançaram desordenadamente a esperar os christãos: mas foi tal a braveza de seu valor, taes os golpes desesperados d'estes, tal o exemplo de Bernardo e outros generaes hespanhoes, que a doze horas de andado combate se declarou a victoria por Bernardo. A noite foi fim da batalha, e não obstante o grande trabalho que os christãos tiveram no dia, foi preciso ficarem armados sustentando o campo, até que a manhã lhe trouxe a clareza do vencimento; pois viram desamparado o logar da

batalha de toda a sorte de inimigos, coberto porém de mortos, que excederam o numero de cento e sessenta mil. Custou tanto sepultar esta multidão como vencel-a; porém saboreou-se o trabalho com o lucro do despojo, que foi tão excessivo, quanto se póde considerar de exercito tão rico. Sahiu el-rei e os mais cabos a congratular-se com Bernardo del Carpio, que a alegria do vencimento os fez pôr a pé quasi sãos; sómente Bernardo aggravando-se-lhe as feridas com o trabalho e fraco com a abundancia de sangue que d'ellas lhe sahia, esteve em termos de não possuir tempo para celebrar a victoria: por essa causa não pôde conseguir a gloria do rendimento da cidade, fazendo publica ostentação de seu valor nas trincheiras; pois sómente com sua direcção ajudou o acommettimento, posto de parte, d'onde governou e dispoz o assalto que el-rei deu em possôa. Rendeu-se em fim a cidade ás armas christãs ao quinto dia depois da grande batalha do Tejo; e mandando el-rei das comarcas christãs vir algumas familias que com a guarnição a habitassem, se recolheu com seu exercito em companhia de Bernardo del Carpio e mais capitães cheios de gloria e ricos de despojos.

Quebrados os mouros com esta passada derrota, socegaram contentando-se nos termos de seus limites: e tambem o rei Affonso Magno de Leão se não atreveu a fazer nova entrada em suas terras: porque da anterior tinha salvado sómente oito mil soldados, e esses tão cortados de ferro e estropeados dos trabalhos, que não ficaram capazes de novas emprezas. Bernardo del Carpio cujo animo não socegava, vendo possuidas pelos mouros as terras, que em outro tempo foram de christãos, passou com descanço do corpo dois annos na villa de Saldanha, mas sem quietação do espirito; e sem embargo de se achar com idade de

sessenta e quatro annos lhe parecia que para o trabalho da campanha sómente contava vinte e cinco : tal era o ardor do espirito d'este grande heroe.

Capitulo LI

Como Bernardo convidado pelos catalães para seu soberano, partiu a defendel-os dos mouros.

Com este desgosto da vida se achava, quando lhe chegou uma deputação dos estados de Catalunha, composta de quatro cavalleiros d'aquelle principado, offerecendo-lhe em nome de todo elle a obediencia, como a seu legitimo soberano, trazendo-lhe um imperial diploma ou decreto, pelo qual o imperador Luiz II lhe cedia perpetuamente aquella soberania com o titulo de marquez das Hespanhas e conde de Barcellona, foi o caso : vendo-se os povos francezes (que com o mesmo Bernardo del Carpio tinham conquistado toda a Catalunha, quando com o exercito do imperador Lothario passou contra Abderrahamen, imperador de Cordova, os Pyreneos) perseguidos dos mouros do reino de Valença ; porque Ibrahim, seu rei, com exercitos poderosos os tinha vencido em frequentes batalhas e reduzido quasi a seu dominio todo o principado, fizeram juntos na cidade de Puycerda eleição solemne de sua pessoa para soberano, confirmando-o pelo imperador na fórma declarada ; no que convieram os filhos de seu morto soberano, por se acharem reduzidos á miseria de sustentar suas vidas sobre as penhas dos Pyreneos, sem que o imperador lhe concedesse os soccorros que devia e muitas vezes lhe tinham pedido : esta foi a causa de elegerem os catalães

para seus dominios a Bernardo del Carpio, chamando para sustentar-lhes em paz as terras aquelle mesmo, que em guerra as soubera conquistar.

Bernardo del Carpio, não tanto com a ancia e desvelo de reinar, como com o desejo de empregar-se contra os communs inimigos do nome christão, depois de communicar com el-rei Affonso Magno, seu sobrinho, este negocio, tendo d'elle licença, e despedido dos parentes e amigos, partiu para Catalunha acompanhado de seiscentos cavalleiros de seus estados de Saldanha, que quizeram merecer nome pela guerra e servir a religião contra seus inimigos. Chegou á cidade de Huesca, que n'aquelles tempos era côrte dos condes soberanos de Aragão, e ahi cumprimentou a Arnal o Antigo, e com elle fez uma alliança offensiva e defensiva de um e outro principado; e o mesmo conde de Aragão lhe entregou logo mil cavallos e cinco mil infantes, para com elles principiar a restauração de quanto os mouros tinham tomado, que vinha a ser toda a Catalunha, e de Aragão tudo quanto fica áquem do rio Ebro com a cidade de Saragoça tambem: não foi em pessoa á guerra o conde Arnal por se achar tão avançado em annos, que contava mais de noventa de sua idade, e sobre tudo impossibilitado da gotta e mais achaques proprios de idades avançadas.

Capitulo LII

Como Bernardo del Carpio conquistou para o conde de Aragão, seu alliado, as terras que os mouros lhe tinham usurpado, e venceu o alcaide de Saragoça.

De Huesca partiu Bernardo del Carpio em direitura á cidade de Barbastro, onde o esperavam as tropas aragonezas unidas com oitocentos cavallos e seis mil infantes catalães, que pelo condado de Cerdania tiham marchado ao longo das montanhas, governado por Solomon, conde de Cerdania, filho de Wifredo, ultimo conde de Barcellona, e por seu irmão Seniofredo, conde de Urgel.

Foi a primeira empresa de Bernardo a cidade de Lérida (bem conhecida por sua florente universidade), a qual se rendeu logo sem esperar o rigor da guerra, capitulando os mouros entrega em troca das vidas e liberdade, o que lhes foi religiosamente guardado. Conquistou logo sem opposição Fraga e Aytona, e passando a Maquinenza, que estava ainda pelo conde de Aragão, seu soberano, passou o Ebro em umas pontes levadiças que se tinham preparado; mas não sem opposição dos mouros, que com Mulei-Adar, alcaide ou governador de Saragoça, lhe disputaram a passagem com dez mil cavallos e doze mil infantes. Vencida esta difficuldade, que póde contar-se por uma famosa batalha, seguiu Bernardo os fugitivos mouros até Hijar, onde entrincheirados com as aguas de um rio que ahi corre (cujas aguas fizeram sahir de sua corrente para ficar o exercito em fórma de ilha), o esperavam mais em numero, porque se diminuira a cavallaria no passado encontro, e

áquelle tempo contavam sómente oito mil cavallos, se lhe accrescentou a infanteria até o numero de vinte e seis mil infantes, governados pelo mesmo vencido general. Não metteram medo aos soldados os fossos de agua, nem Bernardo duvidou investir o inimigo com elles circumvallado; porque acommettendo intrepidos os fossos peleijaram com agua até os peitos, e ás vezes nadando os cavallos até que tomaram terra, e n'ella se fizeram senhores da victoria com total destruição do exercito dos mouros, que atemorisados com resolução tão desusada e não vista por elles, imaginaram que os christãos eram mais que homens: a muitos matou o ferro e aos mais recebeu a agua; com que aquellas vallas que os mouros tinham aberto, lhes serviram de sepultura e de pedra sepulchral as aguas de que estavam cheias; poucos escaparam d'aquella fatalidade, o mesmo general foi achado entre os mortos que talvez não quizesse sobreviver a tanta miseria.

Marchou logo Bernardo del Carpio em direitura a largas jornadas para a cidade de Saragoça, por não dar logar a que se refizesse de guarnição, e por dar sobre ella de repente ao tempo que se achava occupada do susto da passada derrota: succedeu-lhe felizmente o projecto; porque tanto que appareceram suas victoriosas bandeiras á vista da cidade, logo esta lhe mandou entregar as chaves por dois deputados, contratando salvar as vidas, fazendas e liberdade. Em Saragoça esperou Bernardo ao conde de Aragão, que de Huesca partiu, e avistando-se se trataram com as cerimonias correspondentes a soberamos, e com affectos dignos de grande amizade entre ambos muitos tempos havia cultivada: passaram em Saragoça quatro mezes em grandes festas, principalmente na dedicação e purificaçao da egreja de Nossa Senhora, do Pilar, tão celebrada pelos milagres

d'esta Senhora e por ser a primeira egreja que em Hespanha se erigiu pelo Apostolo Sant'Iago, padroeiro d'esta região : solemnisou-se esta purificação da mesma egreja com assistencia de seu bispo D. Heleca, que para esse effeito tinha vindo da côrte de Oviedo, onde se achava.

No tempo que as festas duraram, se não contenderam as armas de Bernardo del Carpio contra os mouros, peleijou sua fama; porque á porfia chegavam deputados das villas e cidades circumvizinhas a entregar-lhe as chaves das fortalezas, que deixavam evacuadas das guarnições; e foi este modo de conquista tanto mais suave para os soldados, que n'elle evitavam derramar sangue e os mais trabalhos que comsigo traz uma campanha, quanto mais glorioso para Bernardo, que sem desembainhar a espada fazia guerra tão proveitosa para o conde de Aragão, seu alliado. Foram as principaes praças que por esta suave conquista se renderam : Taraçona, Borja, Ariza, Calataiud, Daroca e Belchite, com outras de menos importancia. Não quizeram seguir o mesmo exemplo as cidades de Teruel e Albarrazin, confiadas na grandeza de suas guarnições e na vizinhança da côrte de Valencia, d'onde seu rei lhe podia mandar promptos soccorros.

Capitulo LIII

Como Bernardo conquistou Albarrazin e Teruel, e partiu a conquistar Catalunha.

A' conquista d'estas praças e outras vizinhas partiu Bernardo del Carpio de Saragoça com um exercito de quatro mil cavallos e quinze mil infantes: e fazendo ordinarias marchas, chegou a pôr sitio

á cidade de Albarrazin; presidiava-se esta com dez mil soldados, e o que mais era, com altos e torreados muros conforme o modo de fortificar d'aquelle tempo: é o terreno montuoso que dava logar a que os mouros em patrulhas incommodassem o exercito, e principalmente por ser necessario ir buscar fachinas e outros materiaes para levantar parapeitos e torreões com que em egual parallelo se combatesse; usança d'aquella edade, em que não tinham ainda logar os inventados basiliscos de bronze, que contra os muros vomitam por ceruleas boccas ferreos venenos: mas a constancia de Bernardo del Carpio venceu todas as difficuldades: e depois de muitas sortidas da guarnição, rechaçadas sempre com valor e de muitos choques e alvoradas de um valente exercito, desvanecidas com cautella, se poz em fórma para o assalto, que se deu valorosamente, porque foi a resistencia vigorosa; e como Bernardo era quem mandava aquelle exercito, e egualasse as obras com as palavras nos mandamentos, foi entrada a praça a ferro e fogo, e rendida depois de cinco horas de porfiada defesa. Não perdoou Bernardo a sexo, nem idade contra o que lhe dictava seu piedoso genio; mas foi preciso essa vez usar de rigor para exemplo dos mais que temerariamente quizessem resistir: o que se comprovou logo com o rendimento da cidade de Teruel, que experimentando a fatalidade na cabeça de Albarrazin, sua vizinha, nem ainda se atreveu a pôr as barbas de molho, vendo arder as d'aquella; mas sem se aproveitar do rifão, usou da prudencia, mandando logo capitular a entrega com as condições de salvar as vidas e fazendas: com que veiu este rigor usado em Albarrazin a ter por lucro a conquista de Teruel.

Guarnecidas estas praças com tropas aragonezas, contramarchou Bernardo com as suas e ainda algumas de Aragão, a buscar outra vez as corren-

tes do Ebro, onde chegou depois de largas jornadas. Em Mequeneza o esperava o velho conde de Aragão, tão avançado em annos, como em virtudes, e com elle se deteve quinze dias para dar descanço ás tropas, cançadas das campanhas e marchas passadas, no fim dos quaes, com algumas tropas de soccorro, partiu para Lérida : n'esta cidade o esperavam os estados d'aquelle principado em acto de côrtes, e n'ellas foi solemnemente acclamado soberano com o titulo de conde de Barcellona, marquez das Hespanhas e principe de Catalunha, e como a tal lhe beijaram a mão. Pareceu a Bernardo que teriam por ludibrio de sua fama as nações arrogar-se um titulo sem posse; por isso detendo-se sómente em Lérida o tempo necessario para preparar os aprestos da campanha, sahiu d'aquella cidade a dar principio á conquista de seus dominios, pondo sitio á cidade de Belanguer. Estavam os mouros aterrados do medo que a fama das batalhas vencidas e praças conquistadas tinha espalhado pelo mundo; por essa causa levantando logo bandeira branca nos muros da cidade, pediram capitulação de liberdade das vidas e fazendas. Concedeu Bernardo a das vidas; mas como os mouros tinham roubado a seus vassallos na invasão passada, não quiz conceder-lhes as fazendas, para que com estas pagassem os damnos feitos; determinação bem acertada; porque de outra sorte ficariam seus vassallos pobres e nada vingados das recebidas oppressões.

Evacuada Belanguer pelos mouros, marchou Bernardo a conquistar Agramonte e Tarrega, que se lhe renderam com as condições de Belanguer; e com as mesmas se fez senhor de outras villas menores : em Tarrega recebeu um soccorro de montanhezes (que hoje chamam n'aquelle principado miqueletes) em que se contavam dois mil cavallos ligeiramente armados e oito mil infantes, e com

elles e os mais castelhanos, aragonezes e catalães passou as ribeiras do Ebro á conquista da grande cidade de Tortosa : rendeu-se esta sem esperar o rigor das armas, e a seu exemplo fez o mesmo a cidade de Amposta, da qual fez Bernardo doação a uma companhia de aventureiros de varias nações que seguiam seu campo; e desejosos de passar ainda em serviço de Deus contra seus inimigos, fizeram n'aquella cidade seu assento debaixo da protecção dos condes de Barcellona, constituindo uma fórma de regra de viver em commum e seguir as armas. Deixou-lhes Bernardo um pé de exercito que constava de seiscentos cavallos e tres mil infantes, para fronteiros de Catalunha da parte d'aquem do Ebro.

Imaginou Bernardo que o rei mouro de Valença sahiria com exercito a fazer-lhe opposição, ao menos nos confins de seu reino; mas elle, valendo-se da prudencia que as victorias de Bernardo lhe aconselhavam, não quiz expôr-se a experimentar semelhante fatalidade a que seu general em Hijar experimentára, e vendo Bernardo que o rei mouro não sahira de seu reino a perturbal-o nas conquistas do proprio, julgou sem razão acommettel-o, quando elle se contentára com uma guerra defensiva : por estas razões e por não procurar conquistas no alheio, quando não possuia ainda o proprio, destacou seu exercito costeando as ribeiras do mar Mediterraneo, por onde se lhe iam rendendo as praças e entregando as povoações; n'esta fórma chegou á cidade de Tarragona (celeberrima em outros tempos com a assistencia do imperador romano Augusto Cesar, que n'ella decretou e assignou o famoso edicto, pelo quamandou matricular o mundo todo no tempo de sua maior felicidade, que logrou no nascimento do imperador dos imperadores, Christo, bem nosso em Bethlem de Judea). Rendeu-se logo esta cidade

passando pela capitulação das mais, e n'ella entrou Bernardo com ostentação de triumpho, por se achar senhor de uma cidade, que no tempo antigo fôra capital da Hespanha Tarragonense, a quem dera o nome, posto que muito diminuta das grandezas que no tempo dos romanos lográra. Aqui convocou Bernardo os estados para dedicação da egreja cathedral e tornar a restituir-lhe a preeminencia de metropolitana, que com o dominio dos mouros tinha quasi perdido e sómente em titulo conservava.

Capitulo LIV

Como Bernardo se exercitou em obras de piedade nos mosteiros de Poblete e Monserrate, e escreveu leis aos catalães.

Passou depois a piedade de Bernardo a render as graças pelos favores recebidos ao mosteiro de Poblete, que entre a barbaridade mahometana se tinha conservado com monges catholicos, seminario de virtudes e jardim de santidade. Em obras de ardente caridade, asperrimas penitencias e humildes actos de religião, varrendo os claustros e egreja, se exercitou Bernardo oito mezes, que n'aquelle mosteiro se deteve, mandando entre tanto seu filho Galindos com exercito receber o rendimento de Barcellona, Mantesse, Solsona, Cardona, Vich, Ostalric, Palamoz, Girorona e outras cidades que os mouros tinham desamparado: estes, formando todos um exercito, se retiraram com passaporte pedido e benignamente concedido por Bernardo para o reino de Valença, deixando toda a Catalunha livre.

De Poblete partiu Bernardo em romaria ao ce-

lebre sanctuario de Nossa Senhora de Monserrate, fazendo a pé descalço com uma corda ao pescoço e vestido de sacco, aquelle caminho de quasi dez leguas. (Tal era a piedade dos principes d'aquelle tempo, e tal a virtude do nosso heroe Bernardo del Carpio). No mosteiro de Monserrate, implorando a protecção de Maria Santissima sua padroeira, escreveu Bernardo del Carpio por sua propria mão um livro, em que recopilou as leis que deviam observar-se em seus estados; e posto que falto de culto das letras (que n'aquella edade se sabia mais afiar a espada que aparar a penna) foram com tal erudição dictadas, com tal religião escriptas e com tanto acerto explanadas, que por muitos tempos foram a base em que se fundou o governo d'aquelle principado. Se o rustico da criação de Bernardo del Carpio, e o continuado exercicio das campanhas podiam dar sómente espectativa da barbaridade em suas leis; pois o falso Mafoma e seu observante ottomano, fundadores das grandes monarchias dos mouros e turcos, como criados sem a cultivação das escolas e sómente entre os horrores da guerra, escrevendo leis a seus vassallos e successores, não poderam sahir do engolfado da barbaridade em que seus entendimentos se tinham submergido, tinham elles contra si o pouco temor de Deos para os illuminar; mas o nosso Bernardo del Carpio, cujas normas de vida foram sempre a religião catholica, temor de Deos, caridade e piedade, ainda que o horrido das batalhas, o rustico das campanhas e a barbaridade das destruições e incendios lhe dictassem a composição da vida, não lhe offuscaram a luz da justiça, para que, qual outro Julio Cesar, usasse tanto da espada como da penna.

Capitulo LV

De como Bernardo del Carpio renunciou á soberania de Catalunha, e se recolheu no mosteiro de Santa Maria de Aguilar del Campo e n'elle falleceu.

Até este tempo tinha a fortuna accompanhado sempre ao nosso heroe Bernardo del Carpio por espaço de oitenta e dois annos que contava de edade, quando lhe chegou a noticia que seu filho Galin Galindos fallecera na cidade de Gerona. Tolerou Bernardo este golpe com a constancia que podia esperar-se de sua prudencia e religião, e passando a Barcellona, mandou que o corpo de seu filho embalsamado fosse levado áquella cidade, onde se lhe fizeram as exequias e suffragios correspondentes a tão grande principe, com assistencia do mesmó Bernardo seu pae, e dos condes de Urgel e Cerdania, e de Myro, famoso general irmão dos condes. Convocou logo os estados d'aquelle principado, e em presença de todos, por mostrar que sabia conquistar reinos e desprezar a soberania d'elles, renunciou solemnemente a corôa e governo da Catalunha na pessoa do dito Myro que era filho, como os dois condes seus irmãos, de Wifredo, conde de Barcellona, a quem os mouros tinham tirado a vida na invasão passada, e neto de outro Bernardo, sobrinho do imperador Carlos Magno. D'este Myro descenderam os condes de Barcellona (que ao depois foram), até que se uniu Catalunha á corôa de Aragão, por casar o ultimo conde com a rainha D. Petronilha, proprietaria d'aquelle reino.

Acompanhado dos tres condes irmãos, foi Bernardo del Carpio acompanhando o cadaver de seu

filho Galin Galindos até o mosteiro de Poblete, que d'aquelle tempo em diante foi sempre o pantheon dos principes d'aquelles reinos; e depositando-o na egreja do mosteiro, se despediu dos condes e partiu para o reino de Leão, recolhendo-se no mosteiro de Aguilar del Carpio, villa sua no condado de Saldanha, e n'elle passou em actos de caridade, vestida a cogula de monge, quatorze annos que ainda teve de vida: no fim d'estes, porque conhecesse o mundo que era homem mortal, visitado da mão de Deos com uma maligna, passou d'esta a melhor vida ao setimo dia da doença, e foi seu corpo sepultado na egreja de Santa Maria da mesma villa de Aguilar del Campo, onde hoje se reconhece seu sepulchro.

Aquelle heroe que parecia immortal, cuja vida por espaço de oitenta e dois annos foi uma perpetua batalha, cujo descanço foram as duras campanhas; cujas galas foram sempre compostas do aço duro das pesadas armas; o que venceu setenta e cinco singulares batalhas, batalhando corpo a corpo com outros heroes dos mais valentes de seu tempo; o que ganhou cincoenta e duas fortissimas praças, além de outras sem numero que a fama de seu nome conquistou; a quem cincoenta e tres batalhas decisivas e outras setenta e quatro menores serviram com a victoria; o que sahia victorioso de trezentos e dezoito disputados choques; a quem Roma viu valente, o imperio oriental admirou airoso e destro nas justas e festejos; França reconheceu invencivel e Italia obedeceu vencida; a quem o imperio da Allemanha deve a segurança nos seus principios; o reino de Aragão o fundamento; o de Galliza os soccorros nas afflicções; Catalunha a restauração dobrada e as leis do governo: aquelle a quem dois imperadores mouros, seis reis dos mesmos, e seus valentes alcaides e generaes tantas vezes experi-

mentaram raio de Marte, destruição de sua maldita seita, açoute e castigo de suas insolencias, forte escudo da religião catholica, e baluarte fortissimo em que se defendeu toda a Hespanha, se rendeu a uma maligna febre, que deixando-lhe o corpo mettido na urna sepulchral, fez que a alma passasse a lograr o premio de suas heroicas acções e virtudes, deixando escripta na eterna memoria dos homens, como em ideada chronica, a fama de suas valentias.

Esta é a historia de Bernardo del Carpio, o maior heroe das edades, superior sem duvida aos nove de fama, que talvez não o conta entre elles, porque não podiam egualar-se-lhe. Parecerá muito diversa da que contam as chronicas de Hespanha e famosos historiadores d'aquella monarchia : mas não admira que tambem entre elles ha bastantes diversidades. Na verdade foram tantas suas gloriosas acções que a alguns pareceram fabulosas para contadas e a outros excessivas para escriptas. Quanto a mim só posso dizer : — a dou a luz para divertimento dos curiosos e passatempo dos affeiçoados. Se é verdadeira ou não, dispute-o muito embora o doutor João de Ferreiras, famoso historiador dos nossos tempos, no seu tomo decimo sexto da historia geral de Hespanha ; que a mim me basta se lhe dê tanto credito como ao primeiro e segundo tomo da historia de Carlos Magno e seus Doze Pares de França, dos quaes esta obra é terceira parte. Toda ella sujeita primeiramente á correcção da santa madre egreja e á censura de suas determinações, com o pretexto de que não quero tenha mais validade o que escrevo que quanto a mesma censura determinar ; e de que uso das ficções sómente em quanto servem para recrear e nunca para credito.

FIM DA TERCEIRA E ULTIMA PARTE

INDICE

PRIMEIRA PARTE

LIVRO I

CAPITULO I. — Como el-rei Clovis sendo pagão e infiel, teve por mulher a Clotildes, christã, neta d'el-rei Guido e sobrinha d'el-rei Agabundo de Borgonha.......... 9 13

CAP. II. — Como el-rei Clovis foi rogado de Clotildes qui deixasse os seus falsos idolos e abraçasse a fé de Jesu-Christo.......... 13

CAP. III. — Como el-rei Clovis não alcançando victoria contra seus inimigos se fez christão.......... 15

CAP. IV. — Como el-rei Clovis recebeu o santo baptismo pela mão de S. Remigio, e como n'elle milagrosamente foi trazida uma redoma do céo, da qual até o dia de hoje são ungidos os reis de França e está na cidade de Reims.......... 17

CAP. V. — Trata-se d'el-rei Pepino e do imperador Carlos Magno seu filho.......... 17

CAP. VI. — Como Carlos Magno, feitas muitas constituições com o papa Adriano, foi levantado por imperador dos romanos.......... 19

CAP. VII. — Da estatura de Carlos Magno e do seu modo de viver.......... 21

CAP. VIII. — Como Carlos Magno doutrinava seus filhos.......... 22

CAP. IX. — Do estudo e obras caritativas de Carlos Magno.......... 23

CAP. X. — Como o patriarcha de Jerusalem mandou embaixada a Carlos Magno para que lhe désse soccorro.......... 24

Copia da Carta.......... 25

CAP. XI. — Como Carlos Magno se partiu com um grande exercito para Jerusalem................ 26
CAP. XII. — Das reliquias que o imperador Carlos Magno trouxe da Terra Santa e dos milagres que fez Christo Nosso Senhor...................... 28

LIVRO II

CAP. I. — Como Ferabraz veiu ao exercito de Carlos Magno buscar com quem peleijar.......... 32
CAP. II. — Como Carlos Magno perguntou a Ricarte de Normandia quem era o que tanto o ameaçava.................................. 34
CAP. III. — Da resposta de Roldão a Carlos Magno
CAP. IV. — De uma reprehensão do auctor a Carlos Magno e a Roldão pela questão passada........ 36
CAP. V. — Como Oliveiros estando enfermo com muitas feridas, pediu licença a Carlos Magno para sahir a batalha com Ferabraz................. 37
CAP. VI. — Como o duque Regner rogou a Carlos Magno que não deixasse sahir seu filho Oliveiros á batalha................................. 40
CAP. VII. — Como Oliveiros fallou a Ferabraz e como este o desprezou........................ 41
CAP. VIII. — Como Oliveiros ajudou a armar a Ferabraz e das nove espadas maravilhosas, e como Oliveiros disse quem era...................... 44
CAP. IX. — Como Oliveiros e Ferabraz começaram a batalha, e Carlos Magno rogou a Deos por Oliveiros.................................. 48
CAP. X. — Como Oliveiros fez oração a Deos que o guardasse e favorecesse contra o turco... 51
CAP. XI. — Como Oliveiros á força de armas ganhou o balsamo a Ferabraz.................. 54
CAP. XII. — Como os dois cavalleiros deram batalha a pé e Carlos Magno rogou a Deos por Oliveiros.................................. 58
CAP. XIII. — Como Oliveiros ganhou uma das espadas de Ferabraz e com ella o venceu.......... 61
CAP. XIV. — Como Ferabraz foi vencido e se converteu, e como Oliveiros teve uma grande batalha com os turcos.................................. 63

Cap. XV. — Como Oliveiros foi preso e tapados os olhos foi levado á presença do almirante Balão. 66
Cap. XVI. — Como Ferabraz foi achado no campo e como o imperador Carlos Magno o fez baptizar e curar as suas feridas........................ 69
Cap. XVII. — Como Oliveiros com os seus companheiros foram levados á presença do almirante Balão.. 71
Cap. XVIII. — Como os cinco cavalleiros foram presos em um escuro carcere, e como foram visitados por Floripes, filha do almirante Balão, e de sua grande formosura........................ 72
Cap. XIX. — Como os cinco cavalleiros christãos foram tirados da torre por mandado de Floripes e levados á sua camara........................ 76
Cap. XX. — Como Carlos Magno mandou ao almirante Balão os outros Sete Pares por embaixadores.. 83
Cap. XXI. — Como o almirante Balão mandou quinze reis a Carlos Magno por embaixadores, para que lhe désse a seu filho Ferabraz, e como os sete cavalleiros os encontraram no caminho e mataram quatorze........................ 86
Cap. XXII. — Da ponte de Mantible e tributo que n'ella se pagava, e como os cavalleiros christãos passaram sem pagar e do que n'ella aconteceu... 91
Cap. XXIII. — Como os sete cavalleiros chegaram diante do almirante Balão e como lhe deram a embaixada.. 93
Cap. XXIV. — Como por conselho de Floripes foram os sete cavalleiros postos com os cinco e como lhes mostrou as santas reliquias.......... 98
Cap. XXV. — Como Lucafré, sobrinho do almirante, entrou na camara de Floripes e o duque Nemé o matou.. 104
Cap. XXVI. — Como os cavalleiros, Floripes e suas damas padeceram grandes fomes, e como os idolos do almirante foram derrubados e feitos em pedaços. 109
Cap. XXVII. — Como os cavalleiros christãos sahiram da torre e deram batalha aos turcos que os tinham cercado, e lhes tomaram a bagagem e provimento que ia para o seu exercito........ 112

CAP. XXVIII. — Como Gui de Borgonha foi preso. 115
CAP. XXIX. — Como os turcos quizeram enforcar a Gui de Borgonha e como os cavalleiros christãos o restauraram........................... 119
CAP. XXX. — Como os cavalleiros christãos tomaram o mantimento que acharam no exercito do almirante, e como a torre foi com grande industria combatida.............................. 127
CAP. XXXI. — Como a torre foi minada pelos turcos e cahiu uma parte d'ella e os cavalleiros quizeram sahir á batalha......................... 129
CAP. XXXII. — Como os cavalleiros christãos determinaram mandar um d'elles a Carlos Magno a fazer-lhe saber o perigo em que estavam......... 132
CAP. XXXIII. — Como el-rei Clarião seguiu a Ricarte de Normandia, e como Ricarte o matou e lhe tomou o cavallo............................ 135
CAP. XXXIV. — Como os soldados d'el-rei Clarião acharam a seu soberano morto e o levaram ao almirante....................................... 138
CAP. XXXV. — Como Ricarte de Normandia passou o rio Fragor milagrosamente, mediante um veado branco que o guiou............................ 140
CAP. XXXVI. — Como Carlos Magno quiz voltar para França por conselho de Galalão e seus parentes.. 142
CAP. XXXVII. — Como Ricarte de Normandia chegou ao exercito do imperador Carlos Magno.... 146
CAP. XXXVIII. — Como por industria de Ricarte de Normandia foi a ponte Mantible ganha ao gigante Galafre, que a guardava................ 149
CAP. XXXIX. — Como Carlos Magno ganhou a ponte de Mantible, com a morte do gigante Galafre; e como Alorino, parente de Galalão, lhe quiz fazer traição.............................. 152
CAP. XL. — Como Amiota, a giganta, de quem acima fallamos, matou muitos christãos; e como o almirante soube da tomada da ponte........... 157
CAP. XLI. — Como os cavalleiros que estavam na torre com Floripes foram grandemente combatidos pelos turcos, e a torre foi quasi derrubada. 161
CAP. XLII. — Como os cavalleiros souberam da

vinda de Carlos Magno e tambem o almirante, e como Galalão foi enviado com embaixada ao almirante.................................... 167
Cap. XLIII. — Como Carlos Magno fez tres batalhões de toda a sua gente. Como acommetteram ao exercito do almirante e das valentias que Carlos Magno fez.............................. 173
Cap. XLIV. — Como Sortibão de Coimbres foi morto ás mãos do duque Regner, e dos progressos que fez o almirante............................... 177
Cap. XLV. — Como os cavalleiros sahiram da torre e entraram na batalha, e como o almirante Balão foi preso.. 181
Cap. XLVI. — Como o almirante Balão, nem por rogos nem por ameaças do imperador Carlos Magno, quiz ser christão: e como Floripes foi baptizada e casou com Gui de Borgonha...... 182
Cap. XLVII. — Como Floripes deu as santas reliquias a Carlos Magno, e como por meio d'ellas fez Deos um grande milagre diante de todo o povo.. 187

LIVRO III

Cap. I. — Como o apostolo Sant'Iago appareceu a Carlos Magno, e foi guiado de certas estrellas até Galliza.. 191
Cap. II. — Trata-se de um grande idolo que foi achado em uma cidade.......................... 195
Cap. III. — Como Carlos Magno mandou edificar a igreja de Sant'Iago de Galliza................. 197
Cap. IV. — Como um rei da Turquia passou o mar com grande poder e tomou certos logares dos christãos, e Carlos Magno os tornou a ganhar. 198
Cap. V. — Como Aygolante tornou a ir com o exercito contra os Christãos, e mandou embaixada a Carlos Magno, dizendo que lhe queria fallar, e como Carlos Magno lhe foi fallar em trajo de mensageiro.................................... 201
Cap. VI. — Como Carlos Magno tomou a cidade onde estava Aygolante......................... 203

CAP. VII. — Como Carlos Magno foi para França. e como voltou outra vez a dar batalha a Aygolante.................................... 205
CAP. VIII. — Das tregoas de Carlos Magno e Aygolante.................................... 206
CAP. IX. — Da morte d'el-rei Aygolante e da sua gente : como morreram muitos christãos por cobiça de levar as riquezas dos turcos, e do grande milagre que Deos mostrou aos christãos. 207
CAP. X. — Trata-se de Ferragús, maravilhoso gigante, que levava os cavalleiros debaixo do braço, e como Roldão teve batalha com elle e o matou.................................... 209
CAP. XI. — Como Roldão e Ferragús batalharam a pé e como disputaram da santa fé, e de que modo foi Ferragús morto.......................... 213
CAP. XII. — Como Carlos Magno teve batalha com os reis de Cordova e Sevilha.................. 216

LIVRO IV

CAP. I. — Como o arcebispo Turpim consagrou a igreja de Sant'Iago de Galliza................ 218
CAP. II. — Como Galalão foi mandado com embaixada aos reis turcos Marsirio e Belando, que estavam na cidade de Saragoça, e como na embaixada foi traidor e propoz vender a seus companheiros.................................... 219
CAP. III. — Da morte dos Doze Pares e d'el-rei Marsirio, e como Roldão foi ferido com quatro lançadas.................................... 221
CAP. IV. — Da morte de Roldão.................. 223
CAP. V. — De uma visão que viu o arcebispo Turpim na morte de Roldão, e do sentimento de Carlos Magno.................................... 227
CAP. VI. — Como Oliveiros foi achado esfolado, e da morte dos turcos e de Galalão.............. 229
CAP. VII. — Como Carlos Magno voltou para França, e das grandes esmolas que fez pelas almas dos christãos que morreram pela fé de Jesu Christo.................................... 230

Cap. VIII. — Como Carlos Magno foi de França para Allemanha.............................. 231
Cap. IX. — Como Carlos Magno chegou a Aquisgram de Allemanha, e n'ella morreu................ 232

LIVRO V

Cap. I. — Trata do nascimento de Roldão.......... 234
Cap. II. — Como Milão se vestiu em trajo de mulher para ir fallar a Berta........................ 235
Cap. III. — Da concepção de Roldão, e como Berta foi presa.................................. 236
Cap. IV. — Como Milão tirou Berta da terra e fugiu com ella................................ 238
Cap. V. — Do nascimento de Roldão e da derivação do seu nome................................ 241
Cap. VI. — Como Milão foi arrebatado da corrente de um rio, levando ás costas Berta, e esta ficou parada no meio do dito rio, e seu filho Rodando ficou desamparado e só na margem.............. 244
Cap. VII. — Como Rodando foi á cidade de Sena pedir esmola para seu sustento e de sua mãi Berta.. 247
Cap. VIII. — Da cruel batalha que Rodando ou Roldão deu a Oldrado nos campos de Sena........... 249
Cap. IX. — Como Carlos Magno, vindo coroado por imperador de Roma, se aposentou na cidade de Sena, e do que aconteceu com Rodando e Berta. 255
Cap. X. — Como Roldão foi armado cavalleiro por seu tio Carlos Magno......................... 259

SEGUNDA PARTE

LIVRO I

CAPITULO I. — Como o imperador Carlos Magno, vencidos os reis de Cordova e Sevilha e consagrada a igreja de Sant'Iago, veiu para Paris.... 265
CAP. II. — Das festas que fizeram os Pares em Paris por obsequio á chegada de Floripes............ 267
CAP. III. — Como se fizeram as justas e de dois cavalleiros que entraram na praça desconhecidos e do que disseram.............................. 270
CAP. IV. — Como os dois cavalleiros se investiram e batalharam, e da discordia que entre os Pares e os principes cortezãos houve por este motivo.. 272
CAP. V. — Como o cavalleiro de Galiana deu a sua embaixada, e entregou ao imperador uma carta ao seu rei de Toledo; e do que o imperador lhe disse.. 274
CAP. VI. – Como os cavalleiros da côrte pozeram fogo ao quarto dos Pares e estes quasi milagrosamente se livraram do incendio................. 277
CAP. VII. — Como Carlos Magno partiu com os Pares para Hespanha.......................... 280
CAP. VIII. — Como os cavalleiros se adiantaram ao exercito e foram ter com a barca de Pontable.. 282
CAP. IX. — Da barca de Pontable e do que passaram os cavalleiros com o seu gigante........... 284
CAP. X. — Como os cavalleiros passaram a barca de Pontable e curados os feridos combateram o castello.. 288
CAP. XI. — Do que aconteceu aos cavalleiros quando sahiram do castello de Pontable............ 290
CAP. XII. — Como Almendrol dá conta das coisas

de Abderraman, e da cova Tristefea aonde estava Angelica 293
CAP. XIII. — Como Roldão e Ricarte se apartaram dos mais companheiros e do que lhes succedeu até entrarem em Timorante.......... 296
CAP. XIV. — Como Ricarte de Normandia deu traças para Roldão entrar na cova Tristefea 298
CAP. XV. — Como Roldão mettido no leão de ouro entrou na cova Tristefea por arte de Ricarte de Normandia.......... 300
CAP. XVI. — Como os cavalleiros apartados de Roldão tiveram batalha com o exercito de Abderraman.......... 302
CAP. XVII. — Como Abderraman cercando os Pares com o seu exercito os não pôde vencer, e por fim se retirou.......... 303
CAP. XVIII. — Como Abderraman com todo o seu exercito encontrou o de Galafre e o destroçou.. 306
CAP. XIX. — Como chegou Carlos Magno com o seu exercito, e fazendo restaurar o de Galafre batalhou com Abderraman.......... 309
CAP. XX. — Como os cavalleiros chegaram a floresta escura, e batalhando com todo o exercito o venceram.......... 312
CAP. XXI. — Como Carlos Magno, deixando para outro tempo o soccorro de Roldão, entrou triumphante em Toledo.......... 315

LIVRO II

CAP. I. — Do que se passou em Toledo; e como Oliveiros sahiu sem licençe do imperador a soccorrer os cavalleiros de Timorante.......... 318
CAP. II. — Do que mais aconteceu a Oliveiros no caminho.......... 320
CAP. III. — Como Roldão passou em Tristefea os primeiros dias e das praticas que teve com Angelica 322
CAP. IV. — Como por industria de Zalabarda sahiu Angelica de Tristefea.......... 325
CAP. V. — Do que aconteceu a Ricarte e Roldão querendo este sahir da cova.......... 328

CAP. VI. — Como se descobriu todo o segredo e Angelica foi presa na torre da Lua............ 330
CAP. VII. — Como se fez a mina para a torre da Lua, e da batalha que deu Brutamonte aos dois cavalleiros.. 333
CAP. VIII. — Como Urgel e Guarim entraram em Timorante presos e Abderraman vencido......... 334
CAP. IX. — Como Oliveiros soltou a Guarim de Lorena e Urgel de Danôa..................... 337
CAP. X. — Como Roldão e Ricarte sahiram da mina e a continuaram até o quarto de Angelica na torre da Lua.................................. 339
CAP. XI. — Como os cinco Pares viveram com Angelica na cova, e furtavam os mantimentos da praça.. 341
CAP. XII. — Como chegando a Abderraman os seus soccorros, deu forte batalha aos cavalleiros de Tristefea.. 342
CAP. XIII. — Como chegou Carlos Magno com o seu exercito e deu batalha a Abderraman........... 344
CAP. XIV. — Como no segundo dia se continuou a batalha com toda a gente e nenhuma das partes teve victoria...................................... 347
CAP. XV. — Como sahiram os cavalleiros de Tristefea, e se declarou por Carlos Magno a victoria ao terceiro dia.................................... 349
CAP. XVI. — Como o imperador fallou a Angelica e Abderraman fugiu para Ethiopia............. 350

LIVRO III

CAP. I. — Como Carlos Magno partiu contra Cordova e a tomou.. 352
CAP. II. — Como foi achada Fredegundes e da sua morte.. 354
CAP. III. — Trata-se do gigante Barrocás e Parrafús que escachavam pelo meio os soldados de Carlos Magno.. 356
CAP. IV. — Como Barrocás foi morto por Roldão, e Parrafús por Oliveiros, depois de cruelissima batalha.. 358

CAP. V. — Como Bradamante fez traição, e junto com Salgueirão e Brutamonte partiu contra Toledo.. 360
CAP. VI. — Como Salgueirão de Lisboes entrou disfarçado em Toledo, e introduziu Bradamante no quarto de Galiana.............................. 362
CAP. VII. — Como os cavalleiros partiram contra Bradamante, e batalharam com as serpentes de Fredegundes.................................. 364
CAP. VIII. — Como os cavalleiros descercaram Toledo e como Brutamonte morreu ás mãos de Oliveiros. 367
CAP. IX. — Como os Pares entraram no quarto de Galiana e foi morto Salgueirão e Bradamante... 369
CAP. X. — Como Carlos Magno e Galafre entraram em Toledo, e do mais que passaram n'esta côrte. 370

LIVRO IV

CAP. I — Como Carlos Magno partiu para Italia a ajudar o pontifice contra Aliadús................ 373
CAP. II. — Como Carlos Magno deu batalha a Aliadús e fugindo-lhe os soldados ficaram sós os cavalleiros.. 374
CAP III. — Como Lucrião deu assalto a Gaeta e os soldados christãos a livraram e venceram a batalha.. 376
CAP. IV. — Como os christãos se embarcaram e tiveram batalha com a armada de Aliadús........ 378
CAP. V. — Como se continuou a batalha, e sendo prisioneiros Farisca e Roxael, fugiu Aliadús.... 380
CAP. VI. — Trata-se da ilha Cofornia e de outros pasmosos successos............................ 381
CAP. VII. — Como os christãos tiveram batalha com os da Cofornia e os venceram............... 384
CAP. VIII. — Em que Diomar dá conta do successo e da ilha Cofornia.............................. 386
CAP. IX. — Do que mais passou o imperador na ilha até embarcar para Italia...................... 388
CAP. X. — Como a armada do imperador soffreu uma grande tempestade e aportaram todas as náos á Sicilia.. 389

CAP. XI. — Como o monte Ethna deitou chammas e Farisca que as foi reconhecer acabou n'ellas... 391
CAP. XII. — Como Carlos Magno navegou para Roma, e ahi se confessou Diomar e baptizou Roxael.................................... 393
CAP. XIII. — Como Carlos Magno voltou a Hespanha, e em Gascunha destruiu uma tropa de ladrões que o queria roubar.................. 395
CAP. XIV. — Como Carlos Magno foi ajudar Astolfo de Inglaterra contra Oláo de Dinamarca, e este o desafiou e Carlos Magno não acceitou o desafio.. 397
CAP. XV. — Como se deu batalha entre Carlos Magno e Oláo de Dinamarca e este fugiu.......... 399
CAP. XVI. — Como Carlos Magno jurou não entrar em Toledo antes de castigar Abderraman ; e dos estragos que este tinha feito em Hespanha...... 402
CAP. XVII. — Como o imperador chegou á vista do exercito de Abderraman, e como Roxael o desafiou e sahiu Talamarte ao desafio............... 404
CAP. XVIII. — Da morte de Roxael............... 406
CAP. XIX. — Como oitenta christãos sahiram a brigar com oitenta turcos e Abderraman fez traição...................................... 408
CAP XX. — Como o exercito do imperador investiu as trincheiras e teve grande mortandade........ 410
CAP. XXI. — Como investindo os christãos o exercito com a cavallaria o destroçaram ; e Talamarte foi morto e Abderraman preso................ 412
CAP. XXII. — Como o imperador chegou a Toledo e Abderraman se não quiz baptizar e da sua morte.. 414
CAP. XXIII. — Como Galafre, Angelica e Galiana receberam a lei de Christo ; dos casamentos de Roldão e de Carlos Magno e como estes se recolheram a França...................................... 416

TERCEIRA PARTE

LIVRO UNICO

CAPITULO I. — Memoria da creação do mundo até o diluvio universal........................ 421
CAP. II. — Da confusão das linguas em Babel e fundação da monarchia de Hespanha.............. 423
CAP. III. — Da successão dos primeiros reis de Hespanha.................................. 425
CAP. IV. — Da secca grande que houve em Hespanha, varias nações que a dominaram e memoria dos reis godos d'ella.......................... 426
CAP. V. — Da invasão que os mouros fizeram em Hespanha e principios dos reis de Oviedo e Leão. 428
CAP. VI. — Quem era D. Sancho, conde de Saldanha e a infanta de Leão, D. Ximena, e amores que entre si tiveram, e nascimento de Bernardo del Carpio.................................... 429
CAP. VII. — Como Bernardo se creou sem saber quem eram seus paes : e como foi por encanto furtado por Orondes......................... 431
CAP. VIII. — Como Bernardo se livrou do encanto de Orondes e por outro se embarcou.......... 433
CAP. IX. — Das representações que teve Bernardo em sonhos, que depois achou verdadeiras por encanto, e se embarcou com effeito............ 436
CAP. X. — Como Bernardo foi ter a uma armada por encanto e de como foi armado cavalleiro pelo imperador da Persia.................... 438
CAP. XI. — Como o imperador Orimandro teve zelos de Bernardo por amor de Angelica, e do desafio que lhe fez Bernardo......................... 442
CAP. XII. — Como Angelica foi por encanto arre-

batada em um carro de fogo; e depois achada, foi livre por Bernardo de um dragão que a queria tragar.................................. 446
CAP. XIII. — Como Bernardo soube quem eram seus paes.................................. 451
CAP. XIV. — Como uns piratas ou corsarios roubaram Angelica andando á caça, e Bernardo partiu em uma armada para a buscar.................. 454
CAP. XV. — Como depois que Bernardo alcançou os corsarios e os venceu em batalha, restaurando a Angelica, a sua náu se perdeu em uma tormenta 457
CAP. XVI. — Como Bernardo escapou da tormenta. e livrou uma mulher de ser morta por um leão, e como ella partiu para Delphos.............. 458
CAP. XVII. — Como Bernardo foi ás festas de Thebas, e n'ellas venceu em singular desafio a Orlando, sobrinho de Carlos Magno............ 462
CAP. XVIII. — Como Bernardo, vencido Orlando, foi ás festas de Corintho e venceu muitos cavalleiros do imperio oriental, correndo a argolinha. 465
CAP. XIX. — Como Bernardo partiu para Hespanha e em Catalunha matou tres capitães francezes que o queriam prender........................ 469
CAP. XX. — Como Bernardo venceu segunda vez em singular contenda a Orlando.................. 471
CAP. XXI. — Como Bernardo chegou á côrte de Oviedo, e partiu com uma armada para Italia a defender Roma, e muitos singulares combates que venceu com morte de muitos valentes longobardos.................................... 474
CAP. XXII. — Como Bernardo chegou ao sitio de Roma, esta se livrou e Bernardo voltou a Oviedo. 476
CAP. XXIII. — Da causa porque Carlos Magno e seus pares investiram com guerra a Hespanha, e conselho que se fez nas côrtes de Leão para a defesa.................................... 478
CAP. XXIV. — Como Bernardo foi feito general de Hespanha e levantou exercito com que foi oppôr-se a Carlos Magno.......................... 480
CAP. XXV. — Da celebrada e deploravel batalha de Roncesvalhes, em que ficaram vencidos e mortos os Pares de França.......................... 482

Cap. XXVI. — Como Bernardo venceu ao rei mouro Marsilio, que tinha sido causa da traição porque os Pares de França se perderam.......... 486
Cap. XXVII. — Como Bernardo venceu em batalha a Ibrahim, general dos mouros e o prendeu...... 488
Cap. XXVIII. — Como um general mouro destruiu a cidade de Flavia, e depois foi vencido em Galliza por Bernardo........................ 491
Cap. XXIX. — Como Bernardo venceu em batalha o rei mouro de Lamego que estava sitiando Bragança............................ 494
Cap. XXX. — Como Ores, rei mouro de Mérida, pôz sitio a Benavente, e foi vencido e morto em batalha por Bernardo...................... 496
Cap. XXXI. — De alguns progressos que Bernardo fez contra os mouros, e venceu em batalha o alcaide de Toledo.......................... 498
Cap. XXXII. — Como Bernardo venceu em batalha a Alcama, rei mouro de Badajoz, que tinha sitiada Samora, e fez levantar o sitio............... 500
Cap. XXXIII. — Da entrada que D. Buesso, duque soberano de Guiena, fez em Hespanha, e foi vencido e morto por Bernardo............... 502
Cap. XXXIV. — Como Bernardo alliado com Inigo Arista, rei de Navarra, conquistou o reino de Aragão, vencendo quatro batalhas decisivas ao rei mouro Marsilio, e matou a este............ 506
Cap. XXXV. — Como Bernardo venceu em batalha a Erif-Atan, mouro general do imperador de Cordova................................ 508
Cap. XXXVI. — Da grande victoria que Bernardo alcançou de Mahoma; e livrou o reino de Galliza da oppressão dos mouros, com morte do mesmo Mahoma................................ 511
Cap. XXXVII. — Como Bernardo não pôde alcançar a liberdade de seu pae, e se desnaturalisou de vassallo dos reis de Leão, fazendo seu assento no castello del Carpio, d'onde tomou o appellido................................ 514
Cap. XXXVIII. — De algumas cavalgadas que Bernardo fez em terras do rei de Leão, e de como os soldados d'este não quizeram peleijar contra elle. 516

CAP. XXXIX. — Como Bernardo pôz sitio a Penharanda, venceu o alcaide de Toledo em batalha e conquistou outras muitas praças dos mouros.... 518
CAP. XL. — Como Bernardo seguiu a guerra contra os mouros e conquistou a cidade de Rodrigo, e no assalto esteve quasi morto.................. 520
CAP. XLI. — Como Bernardo venceu um valente mouro, chamado Dubdú, alcaide de Placencia; e em segunda batalha ao mesmo e ao alcaide de Toledo.................................... 522
CAP. XLII. — De uma grande batalha que venceu Bernardo ao soberbo imperador dos mouros Abderrahamen sobre o rio Guadiana............. 524
CAP. XLIII. — Como Bernardo passou por estratagema o Tejo depois que fez tregoas com dois soberanos mouros, e venceu os alcaides de Coria e Toledo, com morte d'este.................. 528
CAP. XLIV. — Como Bernardo livrou o castello del Carpio do cerco que lhe tinham posto os reis de Leão e venceu a estes em batalha, e pazes que fizeram e engano que se lhe fez com seu pae defunto.................................... 530
CAP. XLV. — Da partida que Bernardo fez para França, e victorias que alcançou contra os inimigos d'aquella monarchia...................... 534
CAP. XLVI. — Como Bernardo del Carpio restaurou Italia tyrannisada de outro Bernardo, sobrinho de Carlos Magno............. 538
CAP. XLVII. — Como os filhos do imperador Luiz Pio depozeram do throno ao dito seu pae, e foi restituido por Bernardo del Carpio............ 540
CAP. XLVIII.— Como Bernardo, depois que deixou a côrte de Paris e foi para a de Arles, venceu em tres batalhas campaes a Abderrahamen, imperador dos mouros, conquistou Catalunha e partiu para Hespanha....................... 542
CAP. XLIX. — Como por morte de Abderrahamen, imperador dos mouros, lhe succedeu seu filho Mahoma, que mandou dois grandes exercitos contra o reino de Leão; crueldades que os mouros fizeram e foram vencidos por Bernardo.......... 546
CAP. L. — Como o rei de Leão em companhia de

Bernardo sitiou e ganhou a cidade de Toledo, e Bernardo venceu o imperador mouro sobre o Tejo. 549
Cap. LI. — Como Bernardo convidado pelos catalães para seu soberano, partiu a defendel-os dos mouros 555
Cap. LII. — Como Bernardo del Carpio conquistou para o conde de Aragão, seu alliado, as terras que os mouros lhe tinham usurpado, e venceu o alcaide de Saragoça......................... 557
Cap. LIII. — Como Bernardo conquistou Albarrazin e Teruel, e partiu a conquistar Catalunha....... 559
Cap. LIV. — Como Bernardo se exercitou em obras de piedade nos mosteiros de Poblete e Monserrate, e escreveu leis aos catalães................ 563
Cap. LV. — De como Bernardo del Carpio renunciou á soberania de Catalunha e se recolheu no mosteiro de Santa Maria de Aguiar del Campo e n'elle falleceu.................................. 565

Havre. — Imprimerie du Commerce, 3, rue de la Bourse